



Diálogos e conexões acadêmicas

Alexandre Sebastião Ferrari Soares
Eloisa Buzelatto
(Orgs.)



 Pedro & João
editores

 unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná



DIÁLOGOS E CONEXÕES ACADÊMICAS

Apoio:

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL
Centro de Educação, Comunicação e Artes – CECA



**ALEXANDRE SEBASTIÃO FERRARI SOARES
ELOISA BUZELATTO
(ORGANIZADORES)**

DIÁLOGOS E CONEXÕES ACADÊMICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, ÁREA DE
CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE, NÍVEL DE
MESTRADO E DOUTORADO


Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Alexandre Sebastião Ferrari Soares; Eloisa Buzelatto [Orgs.]

Diálogos e Conexões Acadêmicas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.
505p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1656-0 [Digital]

1. Pesquisas. 2. Programa de pós-graduação em Letras. 3. Linguagem e Sociedade. 4. Anais. 5. Universidade estadual do oeste do Paraná - Unioeste. I. Título.

CDD – 370

Capa: Victor Alves Lourenço Santos

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Avaliação dos textos: Mariana de Almeida

Revisão: Alessandra Camila Santi Guarda e Eloisa Buzelatto

Diagramação: Eloisa Buzelatto e Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

I DIÁLOGOS E CONEXÕES ACADÊMICAS ENTRE PESQUISAS DO PPGL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE

REITOR

Alexandre Webber

VICE-REITOR

Gilmar Ribeiro de Mello

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E PLANEJAMENTO

Tércio Vieira de Araujo

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Eurides Küster Macedo Junior

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Fabiana Regina Veloso

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Sanimar Busse

DIRETOR GERAL DO CAMPUS DE CASCAVEL

Geysler Rogis Flor Bertolini

DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES - CECA

Acir Dias da Silva

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Alexandre Sebastião Ferrari Soares

COORDENADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Clarice Cristina Corbari

COORDENADOR DO CURSO LICENCIATURA EM LETRAS

PORTUGÊS/INGLÊS/ESPANHOL/ ITALIANO

Antônio Márcio Ataíde

COORDENADORA DO NEADUNI – UNIOESTE

Beatriz Helena Dal Molin

COORDENADORA DE CURSO DE LETRAS LIBRAS – LICENCIATURA

Carmen Teresinha Baumgärtner

COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS LIBRAS, TRADUTOR E INTÉRPRETE

Márcia Regina Ristow

COORDENADOR DO I DIÁLOGOS E CONEXÕES ACADÊMICAS ENTRE PESQUISAS DO PPGL

Alexandre Sebastião Ferrari Soares

CORPO EDITORIAL

Diálogos e Conexões Acadêmicas entre Pesquisas do PPGL

Comissão Organizadora

Comissão Docente

Alexandre Sebastião Ferrari Soares
Lourdes Kaminski Alves

Comissão Discente

Amanda Maria Elsner Matheus
Eloisa Buzelatto
Jéssica Caroline de Góis
Mariana de Almeida
Thiago Rafael Mazzarollo
Victor Alves Lourenço Santos

Comissão Científica

Prof. Dr. Acir Dias da Silva (UNIOESTE)
Profa. Dra. Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza (UEL/UNIOESTE)
Profa. Dra. Alai Garcia Diniz (UNIOESTE)
Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares (UNIOESTE)
Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz (UNIOESTE)
Profa. Dra. Aparecida Feola Sella (UNIOESTE)
Profa. Dra. Beatriz Helena Dal Molin (UNIOESTE)
Profa. Dra. Carmen Teresinha Baumgärtner (UNIOESTE)
Profa. Dra. Celia Bassuma Fernandes (UNIOESTE)
Profa. Dra. Clarice Cristina Corbari (UNIOESTE)
Profa. Dra. Clarice Lottermann (UNIOESTE)
Profa. Dra. Dantielli Assumpção Garcia (UNIOESTE)
Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE)
Profa. Dra. Greice Castela Torrentes (UNIOESTE)
Prof. Dr. João Carlos Cattelan (UNIOESTE)
Profa. Dra. Larissa Giordani Schmitt (UNIOESTE)
Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves (UNIOESTE)
Profa. Dra. Luciane Thomé Schröder (UNIOESTE)
Profa. Dra. Márcia Sipavicius Seide (UNIOESTE)
Profa. Dra. Maria Elena Pires Santos (UNIOESTE)
Profa. Dra. Maricélia Nunes dos Santos (UNIOESTE)
Profa. Dra. Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO/UNIOESTE)
Prof. Dr. Paulo Cesar Fachin (FAG/UNIOESTE)
Prof. Dr. Pedro Leites Junior (IFPR/UNIOESTE)
Profa. Dra. Rita Das Graças Felix Fortes (UNIOESTE)
Profa. Dra. Rosemary Irene Castañeda Zanette (UNIOESTE)
Profa. Dra. Sanimar Busse (UNIOESTE)
Profa. Dra. Tania Aparecida Martins (UNIOESTE)
Profa. Dra. Terezinha da Conceição Costa Hübes (UNIOESTE)
Profa. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira (UNIOESTE)

Responsáveis pelo anais e e-book

Comissão de avaliação

Bruna Laura Alipio
Yago Marconcine Trindade
Karolina de Abreu
Luana Paiola
Paula Maria Lucietto Dylbas dos Santos
Lohana Larissa Mariano Civiero
Renan Fabrício Lorenzatto da Silva
Rosiane Moreira da Silva Swiderski
Marianna Bernartt Silva
Agnes Oliveira Krieger
Mariana de Almeida
Mariana Elizabeth Ceris Burtett Gudino
Claudia Candido da Silva
Marta Richciki Camargo
Andréia Aparecida Colares
Jeciely Ildefonso de Oliveira
Guilherme Moreira Pires
Quézia Cavalheiro Mingorance Ramos
Thais Goldeff Hahn
Jéssica Caroline de Góis

Comissão de editoração

Agnes Oliveira Krieger
Alcemar Dionet de Araújo
Alessandra Camila Santi Guarda
Andrea Piechontcoski Uribe Opazo
Anna Deyse Rafaela Peinhopf
Cleusa Piovesan
Elis Regina Basso
Eloisa Buzelatto
Erica Cristina Rodrigues Nascimento Lima
Karla Daniel Martins de Souza Albuquerque
Leandra Francischett
Lidiane Cossetin Alves
Maria Fernanda de Souza
Marta Richciki Camargo
Thais Goldeff Hahn

Endereço e Contato

E-mail do Evento: alexandre.soares@unioeste.br

Período de realização: 5 e 6 de novembro de 2024

Coordenação do Evento: Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari

Local: Unioeste Campus de Cascavel
R. Universitária, 1619 - Universitário
Cascavel - PR - Brasil
CEP: 85819-110

APRESENTAÇÃO

O e-book *Diálogos e Conexões Acadêmicas entre Pesquisas do PPGL* nasce como um registro das atividades realizadas na primeira edição do evento homônimo, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Cascavel.

Essa iniciativa foi idealizada para fortalecer o diálogo entre pesquisas desenvolvidas no PPGL, unindo trabalhos de discentes regulares, egressos e seus respectivos orientadores e orientadoras. As apresentações incluíram tanto estudos em andamento quanto já concluídos, refletindo a amplitude e a profundidade das investigações acadêmicas.

O evento, realizado nos dias 5 e 6 de novembro de 2024, online, contou com a valiosa participação de professores e professoras da graduação e da pós-graduação, que atuaram como debatedores e debatedoras, contribuindo significativamente para o enriquecimento das discussões.

O objetivo principal foi integrar as diferentes perspectivas teóricas e metodológicas das pesquisas apresentadas, fortalecendo o intercâmbio acadêmico e promovendo conexões que ampliam o impacto das investigações na área de Linguagem e Sociedade.

O e-book reúne uma diversidade de artigos organizados em temáticas que vão desde análises literárias e linguísticas até reflexões sobre educação, cultura, tradução e sociedade. Cada trabalho reflete o compromisso dos autores e autoras com o rigor acadêmico e a relevância social, explorando problemáticas contemporâneas e desafiando os limites do conhecimento em Letras.

Essa publicação não só documenta as discussões ocorridas no evento, mas também as perpetua, permitindo que outros acadêmicos e leitores interessados se beneficiem das contribuições aqui apresentadas.

Organizado pelo professor Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares e pela discente Eloisa Buzelatto, o e-book é resultado de um esforço coletivo que mobilizou comissões de avaliação, editoração e apoio técnico, todas compostas por membros do PPGL e parceiros institucionais. É, assim, um marco que celebra a produção científica e o espírito colaborativo que caracterizam o programa.

Alexandre S. Ferrari Soares
Eloisa Buzelatto

SUMÁRIO

A LITERATURA REGIONAL COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO LINGUÍSTICA: EM FOCO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM “AUTO DA COMPADECIDA”	16
João Carlos Rossi Thais Mendes da Purificação	
AS NOÇÕES DE DISCURSO EM HERBERT-PÊCHEUX	26
Isabela Karolina Gomes Ferreira Oliveira João Carlos Cattelan	
ANÁLISE DIALÓGICA DE UMA OBRA DE DOSTOIÉVSKI À LUZ DE BAKHTIN E NIETZSCHE	36
Jéssica Caroline de Góis Viviani Dias Barradas de Souza	
FONÉTICA E FONOLOGIA NA ALFABETIZAÇÃO: UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE	46
Rosiane Moreira da Silva Swiderski Sanimar Busse	
O GROTESCO COMO RECURSO DA REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE NA FICÇÃO CIENTÍFICA NOS CONTOS <i>FILHOS DE SANGUE E À SUA IMAGEM</i>.....	56
Thays Eloize Leme Bonato Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira	
LITERATURA E INTERMIDIALIDADE: <i>DESVENTURAS EM SÉRIE (2001-2002) ADAPTADO PARA SÉRIE DE TV</i>	66
Vanessa Luiza de Wallau Acir Dias da Silva	
VOZES EM ASCENSÃO: AS MULHERES NA LITERATURA E NA PESQUISA ACADÊMICA COMO AGENTES DA DESPATRIARCALIZAÇÃO	76
Amanda Maria Elsner Matheus Gilmei Francisco Fleck	
OCORRÊNCIAS DO PRONOME <i>EU</i> NA FALA DE UMA SENHORA QUE VIVENCIOU A REVOLTA DOS POSSEIROS DE 1957 NO SUDOESTE DO PARANÁ	85
Leandra Francischett Aparecida Feola Sella	

O JURÍDICO E O IDEOLÓGICO A PARTIR DE MICHEL PÊCHEUX	95
Guilherme Moreira Pires Dantielli Assumpção Garcia	
PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS NA ANÁLISE COMPARADA ENTRE A CANÇÃO O POBRE E O RICO (1961) E O LIVRO QUARTO DE DESPEJO (1960) DE CAROLINA MARIA DE JESUS	108
Thaina de Santana Alencar Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro	
MÃOS LITERÁRIAS: POEMAS HAICAIS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS	120
Carmen Elisabete de Oliveira Lourdes Kaminski Alves	
ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	130
Tatiana Fasolo Bilhar de Souza Terezinha da Conceição Costa-Hübes	
POR QUE FALAR DE TDIC NA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DO 1º ANO?	141
Ilda de Fatima de Lourdes Oliveira Greice Castela Torrentes	
O FILME LARANJA MECÂNICA SOB A ÓTICA DA BIOPOLÍTICA	151
Adriano Rodrigues Alves	
RENASCER ENTRE RAÍZES: A TRANSFORMAÇÃO DAS PERSONAGENS EM THE SECRET GARDEN	162
Naiani Borges Toledo Acir Dias da Silva	
SEMÂNTICA LEXICAL E OS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS NA LIBRAS	171
Rosana de Fátima Janes Constâncio	
TEATRO EM COMUNIDADE: UMA ARTE CONVIVIAL E CIDADÃ	182
Marcelo Rodrigues Alai Garcia Diniz	

AS PLATAFORMAS GANHAM VISIBILIDADE: E AGORA, PROFESSOR(A)? QUE SUJEITO-LEITOR ESTAMOS FORMANDO?	192
Marta Richciki Camargo João Carlos Cattelan	
CROSSOVER FICTION EM SALA DE AULA: POSSIBILIDADES....	201
João Vitor de Oliveira Clarice Lottermann	
A FRAGRANTE SEDUÇÃO NA POÉTICA DE GILKA MACHADO	212
Cleusa Piovesan Antonio Donizeti da Cruz	
ATITUDES LINGUÍSTICAS EM DEPOIMENTOS DE FALANTES DA LOCALIDADE DE CAPANEMA – PR: USOS DO MARCADOR DISCURSIVO <i>EU ACHO QUE</i>	223
Solange Gorette Moreira Pizzatto Aparecida Feola Sella	
BLOG MENINAS E MULHERES NAS CIÊNCIAS DIVULGA A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MEIO CIENTÍFICO.....	233
Leandra Francischett	
EUNICE E ALMIRA: CORPOS GORDOS QUE TRANSGRIDEM....	241
Paula Maria Lucietto Dylbas dos Santos Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza	
A COMUNICAÇÃO DO OFÍCIO NA FORMAÇÃO DOS NOMES DE URNA DE CASCAVEL (BR-PR) NO PLEITO MUNICIPAL DE 2020	252
Amanda Kristensen de Camargo Márcia Sipavicius Seide	
UMA ABORDAGEM DECOLONIAL DE OBRAS DA LITERATURA INDÍGENA: DANIEL MUNDURUKU; ELIANE POTIGUARA; DAVI KOPENAWA E MÁRCIA KAMBEBA	263
Rosalina de Godoy Dias da Silva Alai Garcia Diniz	
POÉTICA PERSUASIVA EM <i>NARCISO SELVAGEM</i> DE NARLAN MATOS	273
Jocimar Bertelli Antonio Donizeti da Cruz	

CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA PARA A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DIGITAIS DE APRENDÊNCIA	283
Julia Cristina Granetto Moreira	
Beatriz Helena Dal Molin	
ANÁLISE DE (MULTI)LETRAMENTOS NA COLEÇÃO CERCANÍA	293
Michelly Ferreira de Mendonça	
Greice Castela Torrentes	
O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL (PRÉ-ESCOLA)	303
Ana Caroline Montrezol Diniz	
Sanimar Busse	
ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA NO GÊNERO CHARGE SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: LÍNGUA, IDEOLOGIA E INCOSCIENTE	314
Cassiê Kaczuk Refosco Menegas	
A MOBILIZAÇÃO DO PATHOS EM UM CARTAZ DE CAMPANHA NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO EXTERNA DA PROVA ACERTA BRASIL.....	324
Alex Meneghete Vaz	
Claudia Candido da Silva	
REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE A PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL NO ENSINO SUPERIOR	334
Jaqueline Angelo dos Santos Denardin	
Alexandre Sebastião Ferrari Soares	
ESTRATÉGIAS RETÓRICAS NA CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> EM LÉLIA GONZALEZ: USO DA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR (PPS) E PLURAL (PPP)	344
Lohana Larissa Mariano Civiero	
Aparecida Feola Sella	
DESAFIOS E PROPOSTAS NA LEXICOGRAFIA DE LÍNGUAS DE SINAIS: MODELAGEM DE CORPUS PARA A LIBRAS	354
Thiago Rafael Mazzarollo	
Tania Aparecida Martins	
LITERATURA E TRADUÇÃO: TENSIONAMENTOS DE SENTIDOS	364
Jessica Tomimitsu Rodrigues	

PELAS VEREDAS DO JARDIM INTERIOR: A LÍRICA DE ANA MARTINS MARQUES E FERNANDA GARCÍA LAO	374
Elis Regina Basso	
Antonio Donizeti da Cruz	
O CORONIÔNIMO NOVA ÁGUIA E A CONSTRUÇÃO DE ETHOS: UMA ANÁLISE ONOMÁSTICA E RETÓRICA.....	385
Amanda Kristensen de Camargo	
Renan Paulo Bini	
NEGACIONISMO E DISCURSO DE PODER: A 'GRIPEZINHA' DE BOLSONARO NA CRISE DE COVID-19	394
Alcemar Dionet de Araújo	
Alexandre Sebastião Ferrari Soares	
FILÓSOFAS: DISCURSO SOBRE MULHERES.....	404
Anna Deyse Rafaela Peinhopf	
Dantielli Assumpção Garcia	
ABORDAGEM COMUNICATIVA, LETRAMENTO CRÍTICO, SOMEWHERE IN BETWEEN: PERCEPÇÕES SOBRE O PROCESSO DE REFLEXIVIDADE DE PROFESSORES DE INGLÊS EM FORMAÇÃO CONTINUADA	414
Lediane Manfé de Souza	
Carmen Teresinha Baumgärtner	
ENTRE AS CONFIDÊNCIAS E AS CONFISSÕES: AMORES HOMOSSEXUAIS EM CARTAS OITOCENTISTAS	425
Alexandre da Silva Zanella	
Alexandre Sebastião Ferrari Soares	
ENSINO DA PRODUÇÃO TEXTUAL DIALÓGICA NA ERA TECNOLÓGICA: PROBLEMATIZAÇÕES EM FORMAÇÃO CONTINUADA COLABORATIVA	435
João Carlos Rossi	
Greice Castela Torrentes	
ANÁLISE DO DISCURSO MOBILIZADO EM COMENTÁRIOS DE UMA REDE SOCIAL SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER..	445
Jocielly Marques de Oliveira Citon Rozzini	
João Carlos Cattelan	
A POÉTICA DO TRANSMODERNISMO NAS METAFICÇÕES HISTORIOGRÁFICAS LATINO-AMERICANAS	455
Jorge Antonio Berndt	
Gilmei Francisco Fleck	
PARÂMETROS MORFOFONOLÓGICOS DO VERBO PEGAR EM SENTENÇAS DA LIBRAS	465

Sandra Mara da Silva Marques Mendes

Tânia Aparecida Martins

CONCEPÇÕES E ENSINO DE LEITURA NAS VOZES DE EX-PIBIDIANOS.....476

Márcia Souza da Rosa

Greice Castela Torrentes

A CRIAÇÃO CÊNICA NO CONTEXTO PANDÊMICO E MEDIAÇÕES VIRTUAIS EM CENA486

Izabela Fernandes de Souza

ESCREVIVÊNCIAS E REPERTÓRIOS DE TERREIRO EM PESQUISA496

Izabela Fernandes de Souza

Alai Garcia Diniz

A LITERATURA REGIONAL COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO LINGUÍSTICA: EM FOCO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM “AUTO DA COMPADECIDA”

LA LITERATURA REGIONAL COMO INSTRUMENTO DE REFLEXIÓN LINGÜÍSTICA: ENFOQUE EN EL PREJUICIO LINGÜÍSTICO EN “AUTO DA COMPADECIDA”

João Carlos Rossi¹

Thais Mendes da Purificação²

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre o preconceito linguístico, por meio do ensino de literatura regional, focalizando na variação linguística e na identidade regional dos falantes na obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Teoricamente embasamos as problematizações em autores como Bagno (2007, 2015), Bosi (1994), Bortoni-Ricardo (2015), Castilho (1996), Faraco (2007), entre outros. As discussões partem do entendimento de que a variação linguística reflete a diversidade cultural e social dos falantes, e que as formas linguísticas variantes têm valor social, apesar de frequentemente serem distanciadas do ensino formal. A investigação defende que os alunos já possuem domínio do português ao ingressar na escola, sendo que o papel da instituição deve ser ampliar o repertório linguístico dos estudantes, promovendo uma educação linguística plural, apresentando as diversas modalidades da língua. A partir dessa tese, a pesquisa propõe-se a análise das formas de preconceito linguístico presentes no tratamento que a escola dispensa aos falares que apresentam variedades outras além da formal. Ao estudar obras da literatura regionalista, como a obra *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna (Suassuna, 1999), busca-se proporcionar aos estudantes o reconhecimento do preconceito linguístico

¹ Doutorando pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6479946450414296>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1778-1785>. E-mail: joacarlosrossii@hotmail.com.

² Mestranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5216005702140737>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7738-9327>. E-mail: thaismendespuri@gmail.com.

e capacitá-los a superá-lo, potencializando uma compreensão das diferenças linguísticas sem que estas se tornem motivo de discriminação. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo, com tratamento qualitativo dos dados. A investigação apresentou como resultados, que o ensino de literatura regional se apresenta como uma ferramenta importante para a valorização da diversidade linguística e a construção de uma educação mais equitativa e inclusiva linguisticamente.

Palavras-chave: Variedade linguística. Preconceito linguístico. Literatura regional.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el prejuicio lingüístico, por medio de la enseñanza de la literatura regional, centrándose en la variación lingüística y la identidad regional de los hablantes en la obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Teóricamente, basamos las problematizaciones en autores como Bagno (2007, 2015), Bosi (1994), Bortoni-Ricardo (2015), Castilho (1996), Faraco (2007), entre otros. Las discusiones se basan en el entendimiento de que la variación lingüística refleja la diversidad cultural y social de los hablantes, y que las formas lingüísticas variantes tienen valor social, a pesar de que a menudo están alejadas de la educación formal. La investigación sostiene que los estudiantes ya tienen dominio del portugués cuando ingresan a la escuela, y el papel de la institución debe ser ampliar el repertorio lingüístico de los estudiantes, promoviendo una educación lingüística plural, presentando las diferentes formas de la lengua. A partir de esta tesis, la investigación propone el análisis de las formas de prejuicio lingüístico presentes en el tratamiento que la escuela da a los discursos que presentan variedades distintas a la formal. Cuando se estudian obras de literatura regionalista, como la obra *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna (Suassuna, 1999), se busca facilitar a los estudiantes el reconocimiento del prejuicio lingüístico y permitirles superarlo, potenciando la comprensión de las diferencias lingüísticas sin que se conviertan en motivo de discriminación. Metodológicamente se trata de una investigación de campo, con tratamiento de datos cualitativos. La investigación presentó como resultados que la enseñanza de la literatura regional se presenta como una herramienta importante para valorar la diversidad lingüística y construir una educación más equitativa y lingüísticamente inclusiva.

Palabras clave: Variedad lingüística. Prejuicio lingüístico. Literatura regional.

Introdução

As discussões sobre diversidade cultural e social estão intimamente ligadas ao preconceito linguístico, dessa forma, levanta-se o seguinte questionamento: Como a literatura regional pode contribuir para discussões sobre o preconceito linguístico no contexto educacional? À vista dessa indagação, este artigo tem como objetivo refletir sobre o preconceito linguístico, por meio do ensino de literatura regional, focalizando na variação linguística e na identidade regional dos falantes na obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.

As reflexões surgem a partir de uma experiência desenvolvida junto às atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Pibid, com 17 alunos, do 3º ano do Ensino Médio Profissionalizante, de uma escola pública, estadual, do sudoeste do Paraná. A atividade levou em consideração que o preconceito linguístico, frequentemente manifestado no tratamento dado às formas de fala que não se alinham à norma culta, não apenas marginaliza os falantes, mas também silencia expressões legítimas de suas identidades culturais.

As reflexões são pautadas nas contribuições de autores como Bagno (2007, 2015), Bosi (1994), Bortoni-Ricardo (2015) e Faraco (2007), que apontam que as variações linguísticas não são apenas legítimas, mas refletem a riqueza da diversidade linguística brasileira. Dessa forma, dentro do ambiente escolar, é crucial reconhecer que os alunos já têm um domínio da língua portuguesa ao entrar na instituição, sendo o papel da escola expandir esse conhecimento, promovendo uma abordagem linguística plural que respeite e valorize as diversas formas de expressão, sendo a literatura um caminho viável para essas discussões (Bortoni-Ricardo, 2015).

Este estudo ressalta a importância da literatura regional como um recurso fundamental para o reconhecimento e a superação do preconceito linguístico, permitindo que os estudantes desenvolvam uma compreensão mais abrangente das diferenças linguísticas, sem que essas se tornem motivos de discriminação (Bosi, 1994). Com uma abordagem metodológica fundamentada na pesquisa de campo e com análise qualitativa dos dados, os resultados apontam para a necessidade de valorização das diversidades linguísticas na educação, a fim de construir um ambiente mais inclusivo e equitativo.

Ao explorar a literatura regional, esta investigação busca não apenas abordar as questões linguísticas, mas também incentivar um diálogo crítico que ajude os alunos a ampliarem seu repertório linguístico reconhecendo diferentes identidades linguísticas, contribuindo assim para a construção de debates sobre preconceito linguístico nos espaços escolares.

Este trabalho, portanto, encontra-se organizado da seguinte forma: iniciamos apresentando a um debate sobre “O Preconceito Linguístico”, em seguida, refletimos sobre “A literatura como ferramenta de valorização da diversidade linguística”, explanamos o relato da experiência, seguido das considerações finais e referências.

O Preconceito Linguístico

Castilho (1996) explicita que para entender plenamente a evolução do português no Brasil, é essencial considerar a variação linguística, que evidencia a diversidade étnica, cultural e social presente na sociedade brasileira. Bagno (2007) ressalta a importância de uma abordagem pedagógica que reconheça e valorize o conhecimento prévio do aluno, enfatizando que a educação deve ser um processo que eleva a autoestima e respeita as identidades heterogêneas. O autor refuta a educação tradicional enfatizando que o ensino não deve ser apenas uma transmissão de conteúdo, mas sim uma construção coletiva de saberes que considera a realidade e as

experiências de vida dos alunos. Isso é fundamental em um contexto educacional inclusivo, onde a diversidade linguística e cultural dos estudantes é reconhecida e respeitada.

Nesse contexto, a questão do preconceito linguístico é fundamental para a compreensão das dinâmicas culturais e sociais em países com grande diversidade linguística como o Brasil. Esse preconceito se manifesta no tratamento negativo dado às formas de fala que não se alinham à norma culta, frequentemente marginalizando os falantes e silenciando expressões autênticas de identidade cultural. Para Bagno (2007), o preconceito linguístico está atrelado ao julgamento negativo ou desvalorização de determinadas variedades da língua e de seus falantes, baseados em uma hierarquia que favorece a norma culta ou o português padrão em detrimento das variantes regionais, populares ou consideradas menos prestigiadas.

Dessa forma, Bagno argumenta que esse preconceito não é apenas uma questão de correção linguística, mas envolve discriminações de ordem social, cultural e econômica, atuando para marginalizar grupos menos favorecidos ou de menor poder socioeconômico, ao associar suas formas de fala a traços de inferioridade ou falta de educação. Nas palavras do autor, “Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá a sua gravidade, como um sério problema social. E quando não se reconhece a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo” (Bagno, 2007, p. 22)

No contexto educacional, o preconceito linguístico representa um desafio significativo, pois a escola, muitas vezes, promove o trabalho com a norma culta em detrimento das variedades locais, o que pode impactar sobremaneira na realidade linguística dos estudantes. Ao ingressar na escola, os estudantes já possuem domínio de uma variante da língua portuguesa, sendo o papel da instituição expandir esse repertório linguístico, promovendo uma educação que valorize as múltiplas formas de expressão (Bortoni-Ricardo, 2015).

As diversas variantes linguísticas presentes na sociedade brasileira são reflexo dos distintos grupos sociais que a compõem. Para os sociolinguistas, a análise da língua está intrinsecamente ligada ao estudo da sociedade e à compreensão de sua organização, uma vez que fatores extralinguísticos, como nível de escolaridade, idade, sexo e condição socioeconômica, influenciam a emergência e a dinâmica dessas variantes (Faraco, 2007).

A importância dessa abordagem é evidente em contextos educacionais, onde o reconhecimento da diversidade linguística pode levar a práticas pedagógicas mais inclusivas (Faraco, 2007). Desse modo, promover um ensino que respeite e valorize todas as formas de expressão contribui para uma educação mais equitativa e para a construção de uma identidade cultural rica e plural.

A literatura como ferramenta de valorização da diversidade linguística

A literatura regionalista, como exemplificado pela obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna (Suassuna, 1999), oferece uma representação vívida da linguagem e da cultura de diferentes regiões, tornando-se um recurso valioso para abordar o preconceito linguístico. Segundo Bagno (2015), o sotaque e as variações regionais são frequentemente associados aos julgamentos sociais que refletem o prestígio econômico e político de uma região, estigmatizando falantes de certos sotaques.

Dessa maneira, a inclusão da literatura regional no currículo escolar amplia a compreensão dos estudantes sobre o papel do sotaque e das variações regionais como elementos legítimos da identidade cultural (Bosi, 1994). Além disso, ao evidenciar a pluralidade linguística na escola, o estudo da literatura regional promove um ensino inclusivo que combate o estigma associado a determinados falares e fomenta o respeito pela diversidade linguística (Bortoni-Ricardo, 2015).

Por meio da literatura regional podemos explorar diferentes formas linguísticas, que remetem à contextos linguísticos de

diversos tempos e épocas. Nesse contexto, representações fílmicas também podem favorecer essa reflexão. Cabe destacar, que o sotaque, como manifestação da identidade linguística de uma região, frequentemente torna-se alvo de estigmatização no contexto brasileiro. Conforme aponta Bagno (2015), as diferenças de sotaque recebem avaliações que variam de acordo com o prestígio político e econômico das regiões de origem dos falantes. Essa discriminação linguística afeta tanto o convívio social, quanto as oportunidades de ascensão em diversos campos da vida, limitando a expressão autêntica de identidades regionais.

Nesse contexto, a literatura emerge como uma poderosa ferramenta para valorizar a diversidade linguística e, ao mesmo tempo, educar sobre o impacto negativo do preconceito linguístico. Obras como *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna (Suassuna, 1999), revelam a riqueza cultural contida nas variedades linguísticas regionais, desafiando a ideia de que o sotaque de uma determinada região é inferior ou menos válido que outros de diferentes regiões. Esse tipo de narrativa não apenas expõe as singularidades de uma fala regional, mas convida os leitores a reavaliar suas percepções e preconceitos, reconhecendo o valor intrínseco das diferenças linguísticas como parte da diversidade cultural do país.

Ao inserir a pluralidade linguística em destaque, a educação pode contribuir para combater o estigma associado a certos sotaques e promover uma visão mais inclusiva e respeitosa da identidade linguística brasileira, de modo a valorizar as diferentes vozes e histórias que compõem o país.

Foi pensando nisso que organizamos uma oficina, durante as atividades do Pibid, em uma escola pública, estadual, do sudoeste do Paraná, no ano de 2019, a fim de problematizarmos questões relacionadas às variedades linguísticas e ao preconceito linguístico, com 17 alunos do 3º ano do Ensino Médio Profissionalizante. Selecionamos a obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna (Suassuna, 1999), justamente por apresentar variações linguísticas que

são ricas para reflexão e sensibilização sobre o combate aos estigmas presentes na língua, por meio das aventuras de João Grilo e Chicó.

Sondamos, inicialmente, o conhecimento prévio dos estudantes sobre a obra e o autor. Em seguida realizamos a distribuição do último ato do texto, em que ocorre o julgamento dos personagens que foram mortos por Severino de Aracaju e o próprio Severino, que foi morto por João Grilo. Em sequência, após leitura individual, apresentamos a cena do julgamento por meio da produção cinematográfica *O Auto da Compadecida*, dirigida por Guel Arraes, fomentando as questões linguísticas que ficaram didatizadas aos estudantes na versão fílmica, já que tiveram dificuldades de identificar marcas de ironia em determinados trechos da obra impressa e por não estarem acostumados a leitura de textos do gênero literário dramático.

Estamos de acordo com Bosi (1994), quando menciona que a presença do regionalismo na literatura valoriza a expressão de um povo, de seus valores, sua cultura, apresentando realidades diversas e favorecendo uma reflexão mais aprofundada da diversidade linguística do país.

As discussões sobre diversidade linguística, por meio da literatura, ajudaram os alunos a consolidarem o entendimento de que a língua não é homogênea e de que suas variantes estão profundamente ligadas às questões de identidade, poder e resistência cultural, conforme alerta-nos Bagno (2007, 2015), Bortoni-Ricardo (2005) e Faraco (2007).

Durante o debate os estudantes revelaram que não tinham conhecimento da existência do filme, bem como não eram familiarizados com o sotaque dessa região brasileira. Mas, ao longo das discussões, passaram a perceber que todas as regiões brasileiras falam a língua portuguesa de maneiras distintas. Essa ação resultou em um maior acolhimento de um dos alunos que advinha de outra região do país e que, por vezes, era estigmatizado pelo uso de sua variedade linguística. Bagno (2007) defende que:

Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc) (Bagno, 2007, p. 27).

Essa abordagem literária demonstrou aos estudantes que a linguagem é um reflexo da diversidade do país e que o respeito por essas variações é essencial para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Considerações finais

Pode-se concluir por meio da pesquisa empreendida, que a literatura regional desempenha um papel significativo no reconhecimento e promoção do debate sobre preconceito linguístico, oferecendo aos alunos uma compreensão mais ampla das variedades da língua sem que essas se tornem motivo de exclusão, conforme análise dos dados. A pesquisa de campo, com tratamento qualitativo dos dados, demonstra que valorizar a diversidade linguística nas práticas educacionais é essencial para promover um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo.

Ademais, ao explorar obras regionais, este estudo procurou não só ampliar o conhecimento linguístico, mas também incentivar um diálogo crítico, permitindo que os estudantes do contexto de pesquisa valorizem suas identidades linguísticas. Assim, defendemos que as aulas de Língua Portuguesa e Literatura devem contribuir para o desenvolvimento de uma consciência que respeite as diferenças linguísticas, bem como para a superação de estigmas e construção de uma educação que reflita a pluralidade cultural e social do Brasil.

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CASTILHO, Ataliba Teodoro de. Gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 1996.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl. Por uma pedagogia da variação linguística. *In: A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial. p. 21-50, 2007.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 34 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

AS NOÇÕES DE DISCURSO EM HERBERT-PÊCHEUX

THE NOTIONS OF DISCOURSE IN HERBERT-PÊCHEUX

Isabela Karolina Gomes Ferreira Oliveira¹

João Carlos Cattelan²

Resumo: Este artigo, fundamentado no dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa, apresenta um recorte das discussões realizadas na tese de doutorado e tem como objetivo articular as diversas noções de discurso desenvolvidas por Herbert-Pêcheux ao longo de sua trajetória acadêmica, verificando como é possível compreendê-las na sua intrincada relação, sem que uma seja contraditória da outra ou que qualquer uma delas deva ser abandonada. Para tornar a reflexão mais didática e demonstrativa, os conceitos seguem a ordem cronológica de publicação e são analisados/exemplificados por meio de campanhas publicitárias recortadas da *Internet* e/ou do *Instagram*, entre os anos de 2020 a 2024, cujo foco recai sobre a divulgação/imposição de uma certa corporalidade feminina. No limite, considera-se que esse entrelaçamento teórico-analítico permite constatar, por um lado, que não se trata de definições estanques, mas de formas às vezes nem tão distintas de iluminar o mesmo objeto com o intuito de cercá-lo da melhor forma possível em termos daquilo que o constitui, de outro, a necessidade de referir um conjunto de materialidades às suas condições específicas de surgimento para que se tenha uma via de acesso ao efeito de sentido produzido sobre determinada problemática como, por exemplo, a existência de um padrão de corpo socialmente aceito para as mulheres, fato que contribui para a disseminação/imposição de apenas um perfil corporal, que, ao que tudo indica, deve ser modificado para atender, adequadamente, à imposição da estética vigente, que, submetida a um foco renitente e persistente, estabelece uma única perspectiva de existência para esses sujeitos.

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2010512963323313>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3581-9924>. E-mail: isabela.karolina@hotmail.com.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9256916603102594>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7838-5284>. E-mail: jcc.cattelan@gmail.com.

Palavras-chave: Herbert-Pêcheux. Discurso. Corpo feminino. Mulher.

Abstract: This article, based on the theoretical-methodological device of French Discourse Analysis, presents an excerpt from the discussions conducted in the author's doctoral thesis. Its goal is to articulate the various notions of discourse developed by Herbert-Pêcheux throughout his academic trajectory, exploring how these concepts can be understood in their complex interrelationship, without one contradicting the other or any of them needing to be discarded. To make the reflection more didactic and illustrative, the concepts are presented in chronological order of publication and are analyzed and exemplified through advertising campaigns selected from the *Internet* and/or *Instagram*, from 2020 to 2024, focusing on the promotion or imposition of a certain type of female bodily image. In the end, it is considered that this theoretical-analytical interconnection allows us to observe, on the one hand, that these are not rigid definitions, but rather forms that are sometimes not so distinct in shedding light on the same object, with the intention of surrounding it in the best possible way in terms of what constitutes it. On the other hand, there is the need to relate a set of materialities to their specific conditions of emergence in order to provide access to the effect of meaning produced around a particular issue, such as the existence of a socially accepted body standard for women. This fact contributes to the dissemination/imposition of only one body profile, which, as it seems, must be modified to properly comply with the current aesthetic imposition, which, under a persistent and relentless focus, establishes a single perspective of existence for these subjects.

Keywords: Herbert-Pêcheux. Discourse. Female body. Women

Para iniciar

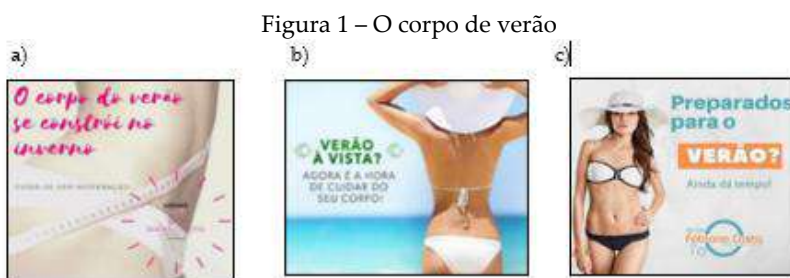
Este artigo, fundamentado no dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD), apresenta um recorte das discussões realizadas na tese de doutorado e possui o objetivo de articular as diversas noções de discurso apresentadas Herbert-Pêcheux ao longo de sua trajetória acadêmica. Para isso, os conceitos seguem a ordem cronológica de

publicação e são analisados/exemplificados por meio de campanhas publicitárias recortadas da *Internet* e/ou do *Instagram*, entre os anos de 2020 e 2024, cujo foco recai sobre a divulgação/imposição de uma certa corporalidade feminina.

As quatro definições de ‘discurso’ cunhadas pelo filósofo francês

Inicia-se a reflexão considerando a primeira definição de discurso dada pelo autor. Para ele, o discurso vem “em fragmentos, com a coerência de uma neurose, e sustentando uma função determinada relativamente ao todo complexo estruturado” (Herbert, 2014, p. 51). Dito de outra maneira, o discurso é disperso, sobrevive nos fragmentos/sequências que aparecem em lugares variados e em diferentes momentos e se repete, persiste, existe/resiste numa formação social, na qual obedece a uma função determinante e ideologicamente situada.

Com a finalidade de dar concretude a este primeiro conceito, observa-se o conjunto de eventos que segue:



Fonte: Compilação dos autores (2024)³.

É preciso salientar que as imagens foram recortadas de lugares distintos, ou seja, de diferentes suportes; mas se pode perceber que são submetidas a um mesmo princípio discursivo, já que colocam em pauta um mesmo tema: a existência de um corpo adequado para o verão. Nessa toada é que se entende que o discurso se

³ Montagem a partir de imagens coletadas nos sites Carreira Beauty e Clínica Franco e no Perfil Spazio Fabiana Costa no Instagram, respectivamente.

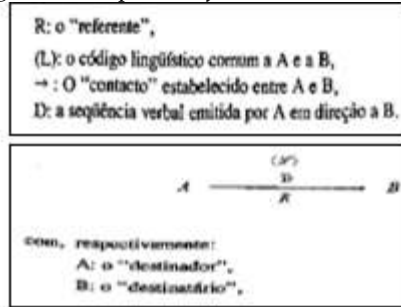
encontra fragmentado e disperso, uma vez que circula socialmente em diversos meios e plataformas, submetendo-se ao mesmo juízo avaliativo; para estudá-lo/compreendê-lo, é preciso resgatá-lo e constituir um *corpus* de pesquisa.

Ancoradas no discurso publicitário, as imagens buscam oferecer um pacote de cuidados para que as mulheres conquistem, não sem custo de tempo e de dinheiro, o modelo corporal divulgado, insistentemente (neuroticamente), em seus anúncios. Em “O corpo de verão se constrói no inverno”, “Verão à vista? Agora é a hora de cuidar do corpo” e “Preparados para o verão? Ainda dá tempo!”, pode-se constatar que os mesmos efeitos de sentido se repetem com o propósito de reforçar a defesa de que é necessário cuidar da estética do corpo, caso queira expô-lo, no verão, estação mais quente do ano. Essa repetição, que está presente em ‘A’, ‘B’ e ‘C’, cria um efeito de reiteração ou de ideia fixa e faz com que os sentidos, neste caso, sobre o corpo “ideal” sejam construídos e apresentados como o padrão a ser seguido.

Além disso, faz-se necessário considerar que os estudos sobre a linguagem, na época, eram pauta de discussões de diversas vertentes teóricas. Herbert-Pêcheux se opôs a duas delas com o intuito de conceituar, de outra maneira, o seu objeto de pesquisa. Segundo ele, duas famílias de esquema competiam entre si “no que diz respeito à descrição *extrínseca* do comportamento linguístico (por oposição à análise *intrínseca* da cadeia falada)” (Pêcheux, 2014, p. 79): o *reacional*, pautado no esquema estímulo-organismo-resposta, e o *informacional*, ancorado no esquema emissor-mensagem-receptor. O primeiro, ao ir em direção ao sistema nervoso, apagava a linguagem e, portanto, os sujeitos que se manifestam por meio dela; o segundo os punha em cena, mas concebia a mensagem como mera transmissão de informação (Pêcheux, 2014).

Negando a ambos os preceitos, sobretudo, ao segundo, o estudioso francês reformulou o esquema informacional de Jakobson, considerando que os ingredientes constitutivos do ‘discurso’ são os seguintes:

Figura 2 – Esquema *informacional* reformulado



Fonte: Pêcheux (2014, p. 81).

Por meio da contraposição às noções de emissor, receptor e mensagem, que consideram a linguagem como transparente e unívoca e implicam um mero trabalho de codificação e de decodificação de manifestações de linguagem especulares, para Pêcheux, era necessário que esse esquema fosse transformado, já que

a propósito de 'D', a teoria da informação, subjacente a esse esquema, leva a falar de *mensagem* como transmissão de informação: o que dissemos precedentemente nos faz preferir o termo *discurso*, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas de um 'efeito de sentidos' entre os pontos A e B (Pêcheux, 2014, p. 81).

Diante disso, entende-se que o discurso não diz respeito à transmissão de informação e nem obedece à linearidade da disposição dos elementos do esquema comunicacional, como se a mensagem resultasse de um processo serializado: o emissor fala e se refere a alguma coisa baseando-se em um código e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. De acordo com o autor, não há separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa seqüência em que um fala e o outro decodifica mensagens transparentes. Eles realizam, ambos, ao mesmo tempo, um processo de significação que é estabelecido socialmente e não estão separados de forma estanque um do outro (Orlandi, 1999). Eis algumas das razões para a crítica à definição de Jakobson e a

assunção da definição de ‘discurso’ como um efeito de sentidos entre locutores.

Com o intuito de refletir sobre essa faceta do conceito, pode-se observar que o termo ‘corpo’ tanto pode significar o ‘corpo humano/físico’ quanto ser usado para fazer referência a um conjunto de pessoas, por exemplo, o ‘corpo docente’, o ‘corpo médico’, o ‘corpo de jurados’. É por essa razão que a AD considera que as palavras, as expressões, as proposições não têm um sentido unívoco, atrelado a uma literalidade, mas efeitos de sentido que dependem das condições de produção em que são empregadas.

Nesse viés, passa-se, agora, à terceira definição dada por Pêcheux. De acordo com ele,

chamaremos discurso uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior a frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos, sendo essas condições propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele que o discurso visa, isto é, àquele a quem se dirige formal ou informalmente, e ao que é visado através do discurso (Pêcheux, 2015a, p. 214).

Tendo em vista o postulado do filósofo, o ‘discurso’, como fragmento de uma neurose que retorna e se repete, não tem uma extensão determinada, ocorrendo, sobretudo, por meio da língua⁴, isto é, de cadeias sintáticas/sequências discursivas. Essas sequências linguísticas de dimensões variáveis são sempre (re)produzidas em condições específicas que preestabelecem os sentidos do dizer. É por isso que é necessário considerar quem diz, quando diz, onde diz e quais são as condições que possibilitam o que é dito, uma vez que o discurso adquire sentido em relação à exterioridade.

A título de concretização da noção que acaba de ser apresentada, considera-se o exemplo a seguir:

⁴ Deixou-se de lado, aqui, a discussão sobre a noção sempre produtiva de materialidade significante.

Figura 3 – Programa seca barriga



Fonte: Perfil @dra.dayaneoliveira.estetica no *Instagram*.⁵

A sequência linguística materializada no intradiscurso da postagem traz à tona a problemática relativa a um tempo socialmente determinado, para percebê-lo, é necessário retomar as condições que possibilitam a sua produção. Faz-se preciso considerar, então, que esse recorte foi extraído de um *Instagram* chamado @dra.dayoliveira.estetica, que coloca em causa diversos produtos, tratamentos e procedimentos com finalidade físico-estética. Aqui, tem-se a divulgação do “programa seca barriga”, que busca induzir o sujeito ao consumo sob a premissa de que ele alcançará “o corpo dos sonhos” (ou o corpo que se sonha para ele). Dessa maneira, pode-se pleitear o efeito de sentido de que há um modelo corporal determinado socialmente e que ele exige que os sujeitos, submetendo-se às injunções em vigência, apresentem uma barriga sem volume ou saliência, reafirmando o ‘sempre-já-lá’ de que há um padrão de corpo adequado, sobretudo, para o público feminino e que ele é magro e esguio.

Posto isso, apresenta-se, agora, a quarta e última definição dada por Pêcheux. Em suas palavras, o discurso deve ser visto, ao mesmo tempo, “como estrutura e como acontecimento” (Pêcheux, 2015b, p. 16, grifos nossos). Nessa perspectiva, compreende-se, de antemão, que o discurso se constitui a partir de *dois* aspectos fundamentais: o primeiro se relaciona à estrutura da

⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CWYF-KYLuv7/?img_index=1. Acesso em 03 out. 2024.

língua/intradiscurso, isto é, recebe uma determinada forma por meio da materialidade linguística. É necessário, pois, em termos de análise, partir do que está posto para perceber as suas relações com o dito e com o silêncio que constituem os efeitos de sentido do dizer; o segundo, por outro lado, refere-se ao acontecimento, ou seja, é preciso considerar também, a cada vez, que o que é dito irrompe de condições que se inscrevem no discurso e, por conseguinte, circunscrevem efeitos de sentido.

Como exemplo dessa última definição, podem-se observar as postagens abaixo:

Figura 4 – Tão linda de rosto, mas...



Fonte: Perfil @boonzueta no *Instagram*.⁶

Considerando a quarta definição apresentada pelo autor, o ponto de partida para a leitura dos discursos materializados nas imagens reside na observação de como se estruturam linguisticamente, inscrevendo-se na intradiscursividade por meio de diferentes enunciados, que mobilizam os recursos da língua e os encadeiam de uma dada forma. Logo, é preciso, primeiramente, recorrer ao que está explícito a fim de perceber os não-ditos que também significam e que produzem efeitos de sentido. Para tanto, é necessário retomar as condições que possibilitaram o seu surgimento. Esse material foi retirado do *Instagram* da blogueira @boounzueta, cuja conta tem mais de dois milhões de seguidores e

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/boounzueta/>. Acesso em: 03 out. 2024.

que, aqui, traz à tona comentários que ela já recebeu sobre o seu corpo em uma publicidade que realizou para a marca de lingerie Intimissimi.

Na primeira imagem, tem-se a afirmação: “tão linda de rosto, mas...”. Por meio do dito, entende-se que a face do sujeito pode ser considerada bela; no entanto, o uso da adversativa ‘mas’ revela que ainda falta algo para que a proprietária da conta possa ser considerada bela por completo; as explicações vêm a seguir. Na segunda imagem, novos comentários reafirmam a asserção já feita sobre “Tão linda de rosto...”: “Deu uma engordadinha hahahaha”, “O que aconteceu?”, “Goooooorda!!!”, “Tão linda, só precisa emagrecer...”, “Tenta emagrecer um pouco, vai ficar pfta (perfeita)!” e “Precisa fechar a boca, ein...” levam a perceber, por meio dos fragmentos/cadeias sintáticas/seqüências discursivas, que os enunciadores materializam, nos discursos, o elogio ao perfil físico-corporal imposto socialmente, reiterando a existência de um corpo “ideal” e a necessidade de atendê-lo. Algo, aparentemente tão íntimo, tornou-se público; passível de ser julgado e ofendido, caso não apresente os moldes determinados em um dado período histórico; ideológico, portanto.

Entende-se, assim, que as definições de ‘discurso’ cunhadas por Pêcheux estão articuladas entre si. Em resumo, é necessário unir as *seqüências linguísticas*, isto é, a *estrutura* da língua, com as *condições de produção* (quem disse o quê, onde, em que condições?), para que o *acontecimento* e os *efeitos de sentido* decorrentes (e a *teimosia repetitiva* que se reitera) possam ser compreendidos.

Palavras finais

Diante do exposto, pode-se constatar que as noções propostas por Herbert-Pêcheux são resultado de tempos distintos de um percurso teórico que se desenvolveu, mas mantém um ponto de vista crucial sobre o objeto de estudo da AD. Elas não se contradizem, pelo contrário, complementam-se e atuam no sentido de contemplar o sentido a partir de diferentes ângulos.

Referências

- CARREIRA BEAUTY. **Projeto verão: corpo dos sonhos**, 2022. Disponível em: <https://www.carreirabeauty.com/perguntas/corporal-estetica>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- CLÍNICA FRANCA. **Verão à vista? Agora é a hora de cuidar do seu corpo**. Disponível em: <http://clinicafranca.com.br/verao-a-vista-agora-e-a-hora-de-cuidar-do-seu-corpo/>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- HERBERT, Thomas. Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 21-45.
- [Imagem de Spazio Fabiana Costa]. São Paulo, 15 ago. 2022. **Instagram** @spaziofabianacosta. Disponível em: <https://instagram.com/spaziofabianacosta?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- [Imagem de Boounzueta]. São Paulo, 06 out. 2022. **Instagram** @boounzueta. Disponível em: <https://www.instagram.com/boounzueta/>. Acesso em: 06 out. 2022.
- [Imagem de Dra. Dayane Oliveira]. São Paulo, 10 ago. 2024. **Instagram** @dra.dayoliveira.estetica. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CWYF-KYLuv7/?img_index=1. Acesso em: 03 out. 2024.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014. p. 59-106.
- PÊCHEUX, Michel. A aplicação dos conceitos da Linguística para a melhoria das técnicas de Análise de Conteúdo. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015a. p. 203-226.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015b.

ANÁLISE DIALÓGICA DE UMA OBRA DE DOSTOIÉVSKI À LUZ DE BAKHTIN E NIETZSCHE

DIALOGICAL ANALYSIS OF A WORK BY DOSTOEVSKY IN LIGHT OF BAKHTIN AND NIETZSCHE

Jéssica Caroline de Góis¹
Viviani Dias Barradas de Souza²

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise da obra *O Sonho de um Homem Ridículo*, de Fiódor Dostoiévski (1877), estabelecendo uma correlação entre os conceitos de redenção presentes na narrativa, a natureza dialógica da existência conforme discutida por Mikhail Bakhtin (2013) e o niilismo, conceito explorado por Friedrich Nietzsche (2013). O objetivo principal é descrever como a narrativa na obra dostoiévskiana ilustra a transição do niilismo à resignificação da vida, utilizando os princípios bakhtinianos para entender as interações entre o sujeito e seu contexto social. Os objetivos específicos incluem: analisar a experiência do protagonista em relação ao niilismo e refletir sobre os momentos de redenção na narrativa. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, empregando a análise literária e a crítica textual. Textos teóricos de Bakhtin (2013), Guervós (2018), Oliveira (2018) e Nietzsche (2013) fundamentam a análise, proporcionando um panorama interdisciplinar sobre os temas abordados. A narrativa de Dostoiévski oferece um rico campo de reflexão sobre a condição humana, especialmente em um contexto marcado pelo niilismo e pela busca de sentido existencial. O protagonista, inicialmente dominado pelo ceticismo e pela descrença na humanidade, encontra na experiência onírica um ponto de inflexão que o conduz à descoberta de novos significados para a vida. Por meio desta investigação, espera-se demonstrar que a obra de Dostoiévski não apenas

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5883659942472378>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3756-5331>. E-mail: jessicacarolinedegois1992@gmail.com.

² Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9460316715944463>.
Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3164-8698>. Email: vivianibarradass@gmail.com.

retrata a condição humana de maneira sombria, mas também sugere que, mesmo nas crises mais profundas de sentido, existe a possibilidade de transformação e ressignificação da existência. Assim, a narrativa convida o leitor a refletir sobre a capacidade humana de encontrar novos significados para a vida, mesmo em meio ao caos existencial, destacando o potencial de diálogo e redenção como elementos fundamentais para reflexão sobre o niilismo.

Palavras-chave: Dostoevsky. Bakhtin. Nietzsche.

Abstract: This paper proposes an analysis of *The Dream of a Ridiculous Man*, by Fyodor Dostoevsky (1877), establishing a correlation between the concepts of redemption present in the narrative, the dialogical nature of existence as discussed by Mikhail Bakhtin (2013) and nihilism, a concept explored by Friedrich Nietzsche (2013). The main objective is to describe how the narrative in Dostoevsky's work illustrates the transition from nihilism to the re-signification of life, using Bakhtinian principles to understand the interactions between the subject and their social context. The specific objectives include: analyzing the protagonist's experience of nihilism and reflecting on the moments of redemption in the narrative. The research follows a qualitative approach, employing literary analysis and textual criticism. Theoretical texts by Bakhtin (2013), Guervós (2018), Oliveira (2018) and Nietzsche (2013) underpin the analysis, providing an interdisciplinary overview of the topics covered. Dostoevsky's narrative offers a rich field for reflection on the human condition, especially in a context marked by nihilism and the search for existential meaning. The protagonist, initially dominated by skepticism and disbelief in humanity, finds in the dreamlike experience a turning point that leads him to discover new meanings for life. Through this research, we hope to demonstrate that Dostoevsky's work not only portrays the human condition in a dark way, but also suggests that, even in the deepest crises of meaning, there is the possibility of transformation and re-signification of existence. Thus, the narrative invites the reader to reflect on the human capacity to find new meanings for life, even in the midst of existential chaos, highlighting the potential for dialog and redemption as fundamental elements for reflection on nihilism.

Keywords: Dostoevsky. Bakhtin. Nietzsche.

A jornada filosófica e existencial do herói

O conto fantástico *O Sonho de um Homem Ridículo*, de Fiódor Dostoiévski, escrito em 1877, apresenta a indiferença de um personagem depressivo, decidido a tirar a própria vida devido à falta de sentido existencial. Uma das motivações seria sua auto-intitulação como alguém ridículo, ou seja, sem perspectivas e indiferente aos acontecimentos ao seu redor. O personagem havia comprado um revólver que estava guardado há dois meses em uma gaveta: “[...] mas para mim tudo era tal ponto indiferente que me deu vontade, afinal, de arranjar em um minuto em que tudo não fosse assim tão indiferente, para quê – não sei.” (Dostoiévski, 2003, p. 94). Após caminhar pelas ruas e retornar para casa, ele decide tirar sua vida.

A falta de sentido para a vida, o esvaziamento existencial apresentado no conto de Dostoiévski, está relacionado à corrente filosófica denominada niilismo³, que, conforme Guervós (2018, p. 13), é um fenômeno histórico, mas, antes disso, é o “[...] modo de ser do homem que está no reto caminho de sua afirmação, é a experiência fundamental do homem que quer ‘superar a si mesmo’”.

Por meio da visão da personagem, no conto, segundo Góis (2022, p. 29), “não há expectativa de vida alguma nem tampouco valor de pertencimento humano.” O niilismo como estado psicológico conforme Nietzsche (2013), entra em cena quando não existe a busca pelo sentido dos acontecimentos, pois perde-se totalmente o ânimo. Contudo, mesmo com a certeza da chegada do evento que conduziria o homem à morte, por se considerar viver em um mundo sem sentido, ocorre um fato que, à primeira vista, não provoca mudança no posicionamento do personagem, mas que posteriormente se torna o motivo para o seu “resgate”, sua salvação:

³ Conforme Deleuze, o niilismo ocorre através da percepção de que “A vida assume um valor de nada na medida em que é negada, depreciada” (1976, p.69).

uma menina que implora socorro para a mãe. “[...] E é claro que teria me matado, se não fosse aquela menina.” (Dostoiévski, 2003, p. 97).

Ao citar Nietzsche (1844:1900) em Guervós (2018, p. 13), observa-se que, para o filósofo, a “essência do homem para ir além dele” e para superar o niilismo “só é possível mediante um ato produtivo do homem, ou através de uma ação artística.” No contexto do niilismo, o homem, inicialmente indiferente, despreza a menina que pede socorro. No entanto, após um afastamento, ele se vê sensibilizado pela figura da menina, que o tira de seu torpor e o faz ser atingido pela racionalidade.

O personagem começa a se auto questionar e é sensibilizado por um novo sentimento, percebendo que nem tudo é indiferente. Ele sente pena de si e reflete sobre o fato de que, mesmo sendo um homem vivo, poderia sofrer e envergonhar-se de seus próprios atos. Contudo, o conflito persiste: entregar-se à morte e tornar-se um “nada absoluto” ou permanecer vivo? Mas, como ele mesmo diz, “[...] numa palavra, essa menina me salvou, porque com essas questões eu adie o tiro” (Dostoiévski, 2003, p. 100).

Ao cair no sono, enquanto estava sentado na poltrona, ele mergulha em um sonho no qual é transportado para outro mundo, um mundo ideal onde as pessoas são felizes e tudo é harmonioso. Esse sonho, então, leva o personagem a questionar: teria o sonho anunciado a Verdade? (Dostoiévski, 2003, p. 102). De acordo com Bakhtin (2013, p. 174), “A vida vista em sonho afasta a vida comum, obriga a entendê-la e avaliá-la de maneira nova (à luz de outra possibilidade vislumbrada). E em sonho o homem se torna outro, descobre em si novas potencialidades (piores e melhores)”.

O ponto culminante da jornada

Segundo Oliveira e Silva (2018, p. 139), o conto *O Sonho de um Homem Ridículo* é uma obra ficcional que oferece a oportunidade de uma interpretação baseada em uma leitura social, questionadora e reflexiva sobre o comportamento e o pensamento humano. Nesse contexto, há uma proximidade com o conceito de sátira menipeia,

abordado por Bakhtin (2013, p. 133), que envolve uma experiência moral e psicológica permeada pelo extraordinário e pela loucura de um sonho aparentemente sem sentido, mas que, ao final, conduz o protagonista à redenção de seu vazio existencial. Inicialmente, ele aceita sua condição e decide cometer suicídio, até ser tomado pelo sono e levado a uma experiência inusitada.

Além de Bakhtin, é importante considerar o conceito de fantástico, discutido por Todorov (2003, p. 30-31), que define o fantástico como algo que surge na incerteza, na ilusão dos sentidos, produto da imaginação, estabelecendo uma relação entre o real e o imaginário. Com base nesse conceito, Dostoiévski introduz o fantástico para despertar a consciência humana, revelando o drama e a luta interior do personagem. A narrativa aborda o suicídio, quando o protagonista, após se lançar no sonho, atira no próprio coração e desperta em um caixão. Esse evento o leva a interpretar sua tentativa de suicídio como um castigo divino.

[...] se você se vinga de mim pelo meu suicídio insensato com a hediondez e o absurdo da continuação da existência, saiba que nunca nenhum tormento que eu venha sofrer vai se comparar ao desprezo que eu vou sentir calado, nem que seja durante milhões de anos de tortura! (Dostoiévski, 2003, p. 104-105).

O protagonista passa por um período de silêncio até que o caixão se rompa. Ele percebe então que está a voar, sendo levado por uma criatura para longe da terra, em direção a um mundo diferente do que conhecia (Oliveira e Silva, 2018, p. 140). Ao realizar um retrospecto, em seu sonho, o personagem atira em seu coração, contrastando com sua intenção real de atirar na própria cabeça. Ele mergulha em seu inconsciente, guiado por uma visão de si e dos outros, que o conduz em um voo silencioso. Em êxtase e tomado por um sentimento de amor, ele vê a imagem da pobre menina que havia desprezado anteriormente e é tomado pelo desejo de viver, embora ainda se encontre em tormento. O personagem é então levado a uma terra de beleza deslumbrante, que remete ao mito da Idade de Ouro (Camarani, 2005).

Além da utopia de uma sociedade sem conflitos, é possível perceber uma forte ênfase na religião, característica marcante da obra de Dostoiévski. Essa terra, livre do pecado original, é habitada por um povo puro, vivendo em um paraíso semelhante aos mitos da humanidade (Dostoiévski, 2003, p. 107). Para o personagem, essa visão de paraíso reflete uma crítica à sociedade moderna e uma exaltação à religião e à Rússia, país natal do autor. Segundo Oliveira e Silva (2018, p. 143), essa poética é, ao mesmo tempo, dialógica e ideológica. A religiosidade e a imagem do paraíso surgem como vozes que dialogam com o leitor.

Ao longo da narrativa, o protagonista chega a se considerar o disseminador do pecado naquela terra até então imaculada, o que representa mais uma crítica à sociedade moderna. Esse momento revela o conflito interno do personagem, que se vê como responsável pela corrupção e pela queda do "paraíso". A partir da página 118, a narrativa aborda a descoberta, pelo povo corrompido pela ciência, de que não é possível alcançar o paraíso sem o conhecimento, além da compreensão das relações entre o bem e o mal.

Chega o momento em que, em seu sonho, considera-se que o personagem está se tornando perigoso. Ao despertar, ele evoca o que chama de "verdade eterna" e começa a pregar, sendo considerado desencaminhado por outros. No entanto, ele é redimido de seu niilismo, permanecendo um "ridículo", mas agora com um propósito: torna-se um profeta, dedicado à sociedade.

Guervós (2018, p. 26) destaca que a capacidade de autocriação, como prova da superação do niilismo, é um elemento comum a todos os seres superiores. Esses seres não apenas superam seu próprio niilismo, mas também atuam como redentores do passado e do futuro, buscando a perfeição e criando um sentido não só para si, mas também tentando guiar os outros à consciência de si e da própria vida. Ao comentar sobre o conto, Góis (2022, p. 33) afirma que Dostoiévski, ao tratar de temas ainda tão relevantes para a humanidade, busca mostrar, de forma dialética, o quão mísero o ser humano pode se tornar quando não encontra significado em sua existência, sendo constantemente levado a buscar uma

motivação para suas ações. Apesar da pequenez de cada indivíduo, ele ainda pode causar um grande impacto na vida dos outros, afetando seu entorno de maneira positiva ou negativa, independentemente de suas intenções.

A polifonia em cena

A fuga da vida, que confronta-se com a experiência transcendental que leva à mudança de postura do protagonista, permite reflexões sobre os traços polifônicos e dialógicos presentes na obra. Como mencionado na obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2013) discorre que Dostoiévski, em suas obras, se desdobrou em várias teorias filosóficas contraditórias. No caso de *O Sonho de um Homem Ridículo*, percebe-se a presença de religiosidade e crítica à sociedade moderna. Bakhtin (2013, p. 3) afirma que "O herói tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena, e não como objeto da visão artística final do autor".

A consciência do personagem é evocada por diversas vozes que se entrelaçam ao longo do conto, refletindo a polifonia característica da obra de Dostoiévski. O personagem, inicialmente imerso no niilismo, é gradualmente transportado para a reflexão não apenas por meio de seu inconsciente, mas também pela presença do outro, que exerce uma influência fundamental em sua jornada de redenção. A voz da personagem mantém sua independência — interpretando o mundo a partir de sua própria perspectiva e do vazio existencial que o domina — mas é profundamente abalado pela interação com o outro. Essa relação com o outro, com suas mazelas e realidades distintas, provoca uma nova consciência, ampliando o entendimento de si e do mundo ao redor.

Nietzsche (2013) reconheceu em Dostoiévski uma habilidade única de explorar as profundezas da psique humana, especialmente sobre aspectos mais sombrios e conflitantes da existência, como o niilismo, a culpa, a moralidade e a luta interna do indivíduo.

O método composicional de Dostoiévski, especialmente na menipéia fantástica, é caracterizado pela exclusão de um tempo histórico contínuo. Ele foca em momentos de crise e catástrofe, onde um instante adquire importância atemporal. O espaço também é concentrado em pontos específicos, como limiares ou lugares públicos, onde ocorrem reviravoltas e escândalos. Esse estilo desconsidera a verossimilhança e a lógica superficial, sendo íntimo ao gênero da menipéia (Bakhtin, 2013).

A figura do "homem ridículo" reflete a ambivalência entre o sério e o cômico, aspectos do "bobo sábio" e do "bobo trágico". Essa ambivalência caracteriza os heróis do autor, sendo um elemento central em sua concepção artística. No "homem ridículo", o autor retrata a plenitude da autoconsciência, em que o personagem tem plena noção de sua condição e reconhece sua ridicularidade mais do que qualquer outro. Ele sabe, inclusive, que sua pregação sobre o paraíso terrestre é irrealizável.

Considerações Finais

A obra *O Sonho de um Homem Ridículo*, analisada nesta pesquisa, oferece uma reflexão profunda sobre a condição humana, abordando temas como o niilismo, a redenção e a busca por sentido existencial. A análise proposta, ao integrar os conceitos de Mikhail Bakhtin sobre a natureza dialógica da existência e o niilismo de Friedrich Nietzsche, revela como o protagonista transita da desesperança para a ressignificação da vida. Por meio de um constante diálogo interior, o narrador expressa não apenas a consciência de sua própria condição ridícula, mas também a possibilidade de transformação diante da crise existencial.

A obra não se limita a retratar a humanidade de forma sombria, mas sugere que, mesmo em situações extremas, o indivíduo é capaz de encontrar novos significados e redefinir sua própria existência. Dessa maneira, Dostoiévski vai além do niilismo em sua narrativa, oferecendo uma mensagem de esperança, na qual a redenção não só é possível, mas também necessária para a

evolução do ser humano. Ao analisar a obra com base nos princípios de Bakhtin, é possível perceber que as interações entre o sujeito e seu contexto social são fundamentais para entender essa transformação, sendo a palavra, em sua essência, um espaço de resignificação e potencial de mudança.

Em *O Sonho de um Homem Ridículo*, não há diálogos explícitos, exceto um semi-expresso com o "ser desconhecido". O discurso do narrador é dominado pelo diálogo interior, onde as palavras se dirigem a si mesmas, ao universo e aos homens. Portanto, conclui-se que as obras de Dostoiévski, em especial a aqui analisada, proporcionam ao leitor estas múltiplas possibilidades de vozes que ecoam, a partir dos sentidos produzidos durante a leitura, permitindo essencialmente, a reflexão sobre as condições humanas e seus comportamentos.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra, UFF-USP. 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- CAMARANI, Ana Luiza Silva. Rousseau e os mitos das origens: a "Idade de Ouro" e o "Bom Selvagem". **Anais do II colóquio Rosseau**. Instituto de filosofia e ciências humanas. IFCH. Campinas: Unicamp, 2005. ISBN: 85-86572-23-3. Disponível em: <https://unicamp.br/~jmarques/gip/AnaisColoquio2005/cd-pag-inicial.htm> Acesso em: 03 Nov. 2024.
- Deleuze, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976. 170 p.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Dois Narrativas Fantásticas: A Dócil e O Sonho de um Homem Ridículo**. Trad. Vadin Nikitin. 4. Ed. São Paulo: Editora 34, 2003.
- GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. **O antiniilismo estético e a superação do niilismo**. Cad. Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v.39, n.3, p. 11-29, setembro/dezembro, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-82422018v39n03lesg>. Acesso em: 02 nov. 2024.
- GÓIS, Jéssica Caroline de. Do niilismo à resignificação da existência: [1887 – O sonho de um homem ridículo – Fiódor Dostoiévski]. **As bagagens dos**

viajantes: compartilhando leituras / [recurso eletrônico] / Saulo Gomes Thimóteo e Valdir Prigol (Orgs.). – Chapecó, SC: Argos, 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos 1885-1887**. In: KSA VI. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

OLIVEIRA, Joaquim Humberto Coelho de; SILVA, Carlos Antonio Pereira da. O ser consciente e onírico em “O sonho de um homem ridículo”, de Dostoiévski. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 10, n. 21, p. 137–147, maio/ago. 2018.

DOI: <https://doi.org/10.18316/rcd.v10i21.3530>. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/3530. Acesso em: 03 Nov. 2024.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

FONÉTICA E FONOLOGIA NA ALFABETIZAÇÃO: UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

NOCIONES FONÉTICAS Y FONOLÓGICAS EN LA ALFABETIZACIÓN: UN CAMINO HACIA LA FORMACIÓN DOCENTE

Rosiane Moreira da Silva Swiderski¹

Sanimar Busse²

Resumo: O projeto de pesquisa intitulado "Percepções e práticas docentes sobre a integração de conhecimentos fonéticos e fonológicos da língua portuguesa brasileira na alfabetização", aborda a importância da interseção entre linguística e alfabetização para a formação continuada de professores alfabetizadores, enfatizando a necessidade de integrar conhecimentos linguísticos ao processo formativo. A escolha do tema é fundamentada na observação das lacunas formativas enfrentadas por muitos educadores e nas leituras de Bisol ([1974] 2014), Castilho (1998), Queiroz e Pereira (2013), Faraco ([1992] 2023), Faraco (2021), Brasil (2023), Paraná (2023) entre outros. Diante das dificuldades em conectar a teoria com a prática no trabalho com a alfabetização, evidencia-se a necessidade de uma formação continuada que prepare os docentes para enfrentar os desafios do ensino, especialmente no que diz respeito ao trabalho docente voltado à alfabetização. Ademais, o campo da pesquisa é a microrregião do Capanema no Sudoeste do Paraná, a qual apresenta um contexto rico para essa investigação, pois caracteriza-se por uma diversidade linguística e cultural resultante de sua história de colonização e migração. Esse cenário torna-se um campo fértil para estudos da variação linguística (Pastorelli, 2011; Silva-Poreli; Aguilera, 2011; Massarollo; Busse, 2013) e práticas educativas adaptadas às necessidades locais. Frente a essa

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1825250472184021>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7682-248X>. E-mail: rosiane.swiderski@uffs.edu.br.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6743779015422687>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3818-6579>. E-mail: sani_mar@yahoo.com.br.

observação, foi proposta a pesquisa de doutoramento que se insere no campo da Linguística Aplicada (Moita-Lopes, 2019) e que integra a linha: "Práticas linguísticas, culturais e de ensino" do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, cuja a metodologia trata-se de um estudo qualitativo-etnográfico de natureza exploratória, que visa compreender as percepções dos professores sobre a aplicação dos conhecimentos fonéticos e fonológicos no processo de alfabetização. Sobre o exposto, o objetivo deste artigo é divulgar o referido projeto, promovendo o intercâmbio de ideias e experiências entre pares da comunidade acadêmica, visando identificar lacunas, enriquecer o escopo da pesquisa e melhorar sua qualidade. Para tanto, a metodologia do artigo consiste na exposição do projeto de pesquisa, incluindo a revisão dos objetivos, metodologia proposta e resultados esperados. Os resultados esperados incluem o fomento do diálogo sobre a formação continuada de professores e as contribuições da fonética e fonologia para a alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização. Formação Docente. Fonética e Fonologia.

Resumen: El proyecto de investigación titulado "Percepções e práticas docentes sobre a integração de conhecimentos fonéticos e fonológicos da língua portuguesa brasileira na alfabetização" (Swiderski, 2024) aborda la importancia de la intersección entre lingüística y alfabetización para la formación continua de profesores alfabetizadores, enfatizando la necesidad de integrar conocimientos lingüísticos en el proceso formativo. La elección del tema se fundamenta en la observación de las lagunas formativas enfrentadas por muchos educadores y en las lecturas de Bisol ([1974] 2014), Castilho (1998), Queiroz y Pereira (2013), Faraco ([1992] 2023), Faraco (2021), Brasil (2023), Paraná (2023), entre otros. Ante las dificultades para conectar la teoría con la práctica en el trabajo de alfabetización, se evidencia la necesidad de una formación continua que prepare a los docentes para enfrentar los desafíos de la enseñanza, especialmente en lo que respecta al trabajo docente orientado a la alfabetización. Además, el campo de investigación es la microrregión de Capanema en el suroeste de Paraná, que presenta un contexto rico para esta investigación, ya que se caracteriza por una diversidad lingüística y cultural resultante de su historia de colonización y migración. Este escenario se convierte en un campo fértil para estudios sobre variación

lingüística (Pastorelli, 2011; Silva-Poreli; Aguilera, 2011; Massarollo; Busse, 2013) y prácticas educativas adaptadas a las necesidades locales. Ante esta observación, se propuso la investigación doctoral que se inserta en el campo de la Lingüística Aplicada (Moita-Lopes, 2019) e integra la línea: "Práticas lingüísticas, culturais e de ensino" del Programa de Posgrado en Letras de la Universidade Estadual do Oeste do Paraná, cuya metodología consiste en un estudio cualitativo-etnográfico de naturaleza exploratoria, que busca comprender las percepciones de los profesores sobre la aplicación de los conocimientos fonéticos y fonológicos en el proceso de alfabetización. Sobre lo expuesto, el objetivo de este trabajo es divulgar el referido proyecto, promoviendo el intercambio de ideas y experiencias entre pares de la comunidad académica, con el fin de identificar lagunas, enriquecer el alcance de la investigación y mejorar su calidad. Para ello, la metodología del trabajo consiste en exponer el proyecto de investigación, incluyendo la revisión de los objetivos, metodología propuesta y resultados esperados. Los resultados esperados incluyen el fomento del diálogo sobre la formación continua de profesores y las contribuciones de la fonética y fonología para la alfabetización.

Palabras clave: Alfabetización. Formación Docente. Fonética y Fonología.

Considerações iniciais

O projeto de pesquisa "Percepções e práticas docentes sobre a integração de conhecimentos fonéticos e fonológicos da língua portuguesa brasileira na alfabetização" emerge como uma resposta às complexidades enfrentadas por educadores na articulação entre teoria e prática no ensino da leitura e escrita nos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental Anos Iniciais (EFAI). Nesse contexto, a formação continuada de professores alfabetizadores se revela essencial, especialmente na microrregião do Capanema, no Sudoeste do Paraná, onde as especificidades culturais e lingüísticas, resultante de sua história de colonização e migração, é um campo fértil para estudos da variação lingüística (Pastorelli, 2011; Silva-Poreli; Aguilera, 2011; Massarollo; Busse, 2013) e para a

investigação das interações entre fonética, fonologia e alfabetização.

Para este momento, buscamos divulgar a pesquisa, promovendo discussões que possam identificar lacunas no conhecimento dos docentes, e enriquecer o escopo da investigação. A seguir, delimitamos o objetivo da pesquisa, seguido pela descrição da proposta e resultados esperados. Almejamos que os diálogos com acadêmicos e profissionais da educação possam contribuir para fomentar um intercâmbio, contribuindo para o aprimoramento das práticas educativas e resultando em sugestões que possam fortalecer o projeto de pesquisa.

Percurso teórico-metodológico do projeto de pesquisa

Visando analisar as percepções de professores alfabetizadores da microrregião do Capanema no Sudoeste do Paraná quanto aos conhecimentos de fonética e fonologia da língua portuguesa brasileira, produzidos em processo de formação continuada, e a aplicação e a integração desses saberes às práticas de ensino de leitura e de escrita em contexto de sala de aula, o projeto de pesquisa tem como sujeitos-colaboradores: professores da região delimitada para estudo que trabalham com a alfabetização de alunos do 1º e 2º ano do EFAI³.

O projeto, caracterizado como uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico (Bogdan; Biklen, 1994; Mattos; Castro, 2011), visa observar e analisar as ações docentes, explícitas e implícitas, durante um ano letivo e o processo de formação continuada. A ênfase na descrição, na indução (partindo de dados particulares para construir interpretações mais amplas), na teoria fundamentada e no estudo das percepções pessoais, características da pesquisa qualitativa, permitirá aprofundar a compreensão da prática pedagógica e sua relação com o conhecimento linguístico.

3 O número de participantes ainda não está delimitado, pois a pesquisa encontra-se em trâmite de autorização pelo Comitê de Ética.

A abordagem etnográfica, por sua vez, possibilitará a imersão do pesquisador no ambiente escolar, favorecendo uma compreensão das práticas, relações e significados construídos pelos sujeitos participantes da pesquisa.

Assim, durante um ano letivo no espaço escolar, buscaremos captar as nuances do contexto local, as particularidades linguísticas regionais e as dinâmicas próprias de uma escola da microrregião do Capanema no Sudoeste do Paraná. Esse tempo no campo de pesquisa permitirá construir uma análise das percepções e experiências dos professores alfabetizadores, suas necessidades formativas e os impactos da formação continuada em fonética e fonologia em sua prática docente.

Essa pesquisa será organizada em três momentos. Primeiro, por meio da dinâmica do grupo focal, serão coletados dados para caracterizar o perfil dos professores alfabetizadores que integrarão o curso de formação continuada, considerando: formação inicial e continuada dos professores; tempo de experiência em alfabetização; conhecimentos prévios sobre fonética e fonologia; práticas pedagógicas utilizadas no processo de alfabetização; desafios enfrentados no ensino da leitura e da escrita; percepções sobre a importância dos conhecimentos linguísticos na alfabetização. Segundo, será realizado um curso de formação continuada na modalidade grupo de estudo, tendo como *locus* a escola, cujo objetivo é trabalhar conceitos fundamentais de fonética e fonologia da língua portuguesa brasileira aplicados à alfabetização, e de contribuir com o aprimoramento da práxis docente. Os encontros ocorrerão mensalmente ao longo do ano letivo, promovendo: revisão teórica; reflexão sobre a prática; análise do processo de ensino e aprendizagem; produção de material didático; e produção de divulgação científica. Por fim, concomitante à realização do curso, será conduzida a observação participante na sala de aula de um professor cursista, cujo objetivo é observar a aplicação prática dos conhecimentos linguísticos, durante o processo de alfabetização de crianças de 1º a 2º anos do EFAI; analisar a percepção dos professores quanto aos

conhecimentos de fonética e fonologia da língua portuguesa brasileira, a partir do curso de formação continuada, bem como a aplicação e a integração desses saberes nas práticas pedagógicas; e identificar os desafios e as potencialidades da implementação dos conhecimentos à prática.

Para tanto, o *corpus* da pesquisa será constituído por: a) entrevistas com os sujeitos de pesquisa – dado o consentimento mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de Autorização para Gravação de Áudio e/ou Vídeo, sendo resguardados às questões éticas que envolve o trabalho científico -, as quais fornecerão informações para caracterizar os sujeitos participantes (formação, experiência em alfabetização, conhecimentos linguísticos aplicados ao ensino da alfabetização, percepções e práticas pedagógicas); b) gravação de áudio e/ou vídeo das entrevistas e dos encontros da formação continuada, sendo que a transcrição das gravações permitirão uma análise das interações e práticas pedagógicas durante o processo formativo; c) documentos produzidos pelos professores durante a formação continuada e o trabalho em sala de aula como (mediante autorização escrita dos participantes): planejamento de aulas, produção de material e/ou atividade didática, relato de experiência do processo formativo. A análise documental será complementar para o entendimento do contexto; d) notas de campo da observação participante em sala de aula de um professor alfabetizador que participará da formação continuada ministrada pela pesquisadora, realizadas em diário de campo. As notas visam registrar informações sobre atividades desenvolvidas pelo professor, interações professor-aluno e professor-pesquisadora, reflexões da pesquisadora acerca do tema; e relação teoria e prática.

Visando garantir fiabilidade, credibilidade, constância interna e transferibilidade dos dados coletados (Chizzotti, 2000), será mantido um diário de campo detalhado, registrando sistematicamente as observações, reflexões e interpretações das ações ao longo do ano letivo. Para assegurar a credibilidade, serão realizadas observações prolongadas e frequentes, nas aulas de

língua portuguesa de uma turma de 1º e/ou 2º ano do EFAI, com descrições detalhadas do contexto, dos participantes e dos procedimentos de coleta. A constância interna consistirá no estabelecimento de um protocolo de observação, com critérios para o que será observado e analisando sistematicamente padrões ao longo do tempo. A transferibilidade será abordada fornecendo uma descrição sistematizada do contexto da pesquisa e discutindo as limitações do estudo (escopo geográfico limitado e especificidades sociolinguísticas da região, tamanho da amostra o que limita a generalização dos resultados, a duração do estudo, e mudanças sociopolíticas e educacionais durante o período do estudo que possam interferir nos resultados). Ademais, serão realizadas reflexões constantes sobre o papel da pesquisadora e sua influência no ambiente observado, buscando avaliar constantemente a postura ética da pesquisadora, respeitando a confidencialidade e o consentimento informado dos participantes.

A triangulação dos dados busca convergências e divergências que permitam responder ao objeto da pesquisa. A complementar, realizar-se-á o diálogo com o referencial teórico, buscando construir uma visão multidimensional do estudo, em consonância com a complexidade que envolve as práticas de alfabetização e a formação de professores. Sobre o processo de análise, as entrevistas e gravações serão transcritas na íntegra, pela própria pesquisadora. Os documentos produzidos pelos professores durante a formação e as notas de campo da observação participante também serão digitalizados e organizados para análise.

A análise dos dados será fundamentada na perspectiva dialógica da linguagem (Bakhtin, 2003; Bakhtin, 2006; Bakhtin 2017). E reconhecerá o dialogismo como um princípio constitutivo da linguagem, entendendo que cada enunciado é uma resposta a enunciados anteriores e antecipa aqueles que virão. A análise da polifonia nos discursos dos participantes, visará identificar as vozes e posições discursivas que emergem nos enunciados. A responsabilidade ética dos enunciados será igualmente considerada, analisando como os participantes se posicionam em

relação aos seus discursos e práticas, reconhecendo a singularidade de cada ato discursivo.

Assim, as etapas do processo analítico consistem em: 1. Leitura responsiva do material transcrito e coletado, buscando compreender os enunciados em seu contexto de produção e as vozes sociais que os permeiam. 2. Identificação de temas recorrentes, vozes e posições discursivas presentes nos discursos dos participantes. 3. Análise das relações dialógicas, considerando as concordâncias, discordâncias, complementaridades e tensões entre as vozes identificadas. 4. Os enunciados serão analisados em relação ao seu contexto sócio-histórico mais amplo, considerando as condições de produção do discurso e as relações de poder envolvidas. 5. Será realizada uma interpretação dos dados que considere a posição do pesquisador como participante do diálogo, reconhecendo sua não-neutralidade e buscando uma compreensão ativa e responsiva dos enunciados analisados.

Os resultados da análise serão apresentados de forma narrativa, incorporando citações diretas dos participantes para ilustrar os temas e vozes identificados, e apresentação de mapas conceituais e diagramas para representar visualmente as relações dialógicas entre os conceitos e temas emergentes. Por fim, os resultados serão interpretados à luz da literatura existente sobre alfabetização, formação de professores e aplicação de conhecimentos fonéticos e fonológicos no contexto de ensino estudado.

Considerações Finais

Essa pesquisa tem o potencial de gerar resultados tanto no âmbito teórico quanto prático. Esperamos que os achados deste estudo possam também: 1. Produzir informações sobre as necessidades formativas específicas. 2. Fomentar uma cultura de reflexão crítica entre os professores participantes. 3. Produzir conhecimento científico específico sobre a realidade educacional da microrregião do Capanema, no Sudoeste do Paraná. 4. Fortalecer

a parceria entre a universidade e as escolas da região. 5. Propor um curso de formação continuada para professores alfabetizadores.

Esses resultados esperados poderão ser objeto de divulgação dos resultados da pesquisa por meio de publicação de artigos científicos, como: 1. “Percepções de professores alfabetizadores sobre a importância da fonética e da fonologia na prática pedagógica”; 2. “Formação continuada em fonética e fonologia: estratégias de ensino de alfabetizadores”; 3. “Desafios e potencialidades na integração de conhecimentos fonéticos e fonológicos da língua portuguesa brasileira na alfabetização: um estudo etnográfico na microrregião do Capanema no Sudoeste do Paraná”. Esperamos que esses resultados contribuam para o aprimoramento das práticas de alfabetização na microrregião do Capanema, promovendo uma educação mais equitativa e de qualidade, alinhada às particularidades sociolinguísticas locais e às demandas contemporâneas da alfabetização

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- BISOL, L. **Fonética e fonologia na alfabetização**. Letras De Hoje, 9(2), 1974. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/19361>, 2014.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)**. Relatório da Pesquisa Alfabetiza Brasil: Diretrizes para uma Política Nacional de Avaliação da Alfabetização das Crianças. Brasília, DF: Inep, 2023.

CASTILHO, A. T. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FARACO, C. A. **Escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, [1992] 2023.

FARACO, C. A. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2021.

MASSAROLLO, A. M. B.; BUSSE, S. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Santo Antonio do Sudoeste - PR. **Travessias**, Cascavel, v. 7, n. 1, p. e8399, 2013. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/8399>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MATTOS, C.L.G.; CASTRO, P.A. (Orgs.) **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MOITA-LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 10, n. 2, [1994] 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>. Acesso em: 29 set. 2022.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. SAEP - **Prova Paraná Mais** - 2023. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd. V. 1. Juiz de Fora, 2023.

PASTORELLI, D. S. **A crença e a atitude linguística do capanemense**. *Línguas & Letras*, [S. l.], v. 12, n. 22, 2011. DOI: 10.5935/rl&l.v12i22.5104. Acesso em: 12 ago. 2024.

QUEIROZ, E. F.; PEREIRA, A. S. Negligência com a consciência fonológica e o princípio alfabético. In.: BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R. (Org.) **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo: Editora Parábola, 2013. p. 31-43

SILVA-PORELI, G. A.; AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes: um estudo sociolinguístico na cidade de Pranchita/PR. *Línguas & Letras*, [S. l.], v. 12, n. 22, 2011. DOI: 10.5935/rl&l.v12i22.5101. Acesso em: 12 ago. 2024.

O GROTESCO COMO RECURSO DA REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE NA FICÇÃO CIENTÍFICA NOS CONTOS *FILHOS DE SANGUE* E *À SUA IMAGEM*

LO GROTESCO COMO RECURSO DE LA REPRESENTACIÓN DE LA MATERNIDAD EN LA CIENCIA FICCIÓN EN LOS CUENTOS *FILHOS DE SANGUE* Y *À SUA IMAGEM*

Thays Eloize Leme Bonato¹
Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira²

Resumo: O objetivo desse artigo é fazer uma verificação da utilização da estética do grotesco como um dos recursos que são utilizados para a representação da maternidade no gênero da ficção científica com foco nos contos: “Filhos de Sangue”, da escritora afro-americana, Octavia Butler (1984; 2020); e “À Sua Imagem”, da escritora argentina, Teresa Mira de Echeverría (2019; 2020). Ambas as obras analisadas utilizam de povos alienígenas e, também, de sua interação com humanos para trabalhar com os aspectos e características do materno, e essas interações ocorrem por meio de elementos que geram um ponto de vista novo sobre o tema justamente por utilizar das características e dos ambientes típicos da ficção científica que mesmo que não seja nova, ainda não é popular. Delimitamos o nosso corpus essencialmente para os trechos que mencionam de maneira direta e indireta a maternidade e como ela é expressa nos contos. Utilizamos em nossa pesquisa as referências cinematográficas que tem construções semelhantes do materno na ficção científica, como *Alien* (1979) e *Filhos da Esperança* (2006), além de obras dos seguintes teóricos: Bakhtin (1987), Kayser (1986) e Sodrê; Paiva (2002), nos apoiamos em suas definições sobre o grotesco, e os utilizamos para analisar os aspectos dessa estética juntamente da maternidade na ficção científica e as maneiras como são

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8681304989926890>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6614-2103>. Email: thaysbonato@gmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1934531868783088>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5719-7364>. Email: nincia@unicentro.br.

representados nas obras que destacamos. Ademais, foi percebido a necessidade de uma ruptura com conceitos enraizados na sociedade e em suas ideias com relação a maternidade, levantando o questionamento por parte de ambas as autoras sobre a constituição direta ou indireta com a sua relação materna, e, também, como o grotesco e utilizando da figura do parto como esta metáfora.

Palavras-chave: Grotesco. Maternidade. Ficção Científica.

Resumen: El objetivo de este artículo es comprobar el uso de la estética de lo grotesco como uno de los recursos utilizados para representar la maternidad en el género de la ciencia ficción, centrándose en los relatos: “Filhos de Sangue”, de la escritora afroamericana Octavia Butler (1984; 2020); y “À sua imagem”, de la escritora argentina Teresa Mira de Echeverría (2019; 2020). Ambas obras analizadas utilizan a los pueblos extraterrestres y su interacción con los humanos para trabajar con los aspectos y características de lo maternal, y estas interacciones se dan a través de elementos que generan un nuevo punto de vista sobre el tema precisamente por utilizar las características y ambientes propios de la ciencia ficción, que si bien no es nueva, aún no es popular. Limitamos nuestro corpus esencialmente a los pasajes que mencionan directa e indirectamente la maternidad y cómo se expresa en las historias. En nuestra investigación, utilizamos referencias cinematográficas que presentan construcciones semejantes de lo materno en la ciencia ficción, como Alien (1979) e Filhos da Esperança (2006), así como obras de los siguientes teóricos: Bakhtin (1987), Kayser (1986) y Sodr ; Paiva (2002), a partir de sus definiciones de lo grotesco, y las utilizamos para analizar los aspectos de esta estética junto con la maternidad en la ciencia ficción y las formas en que se representan en las obras que hemos destacado. Además, nos dimos cuenta de la necesidad de romper con conceptos arraigados en la sociedad y su idiosincrasia.

Palabras clave: Grotesco. Maternidad. Ciencia ficción.

Introdução

Octavia Butler nasceu em 22 de Junho de 1947 em Pasadena, e faleceu em 24 de Fevereiro de 2006 em Lake Forest Park, foi uma

escritora afro-americana consagrada por seus livros de ficção científica que sempre demonstrou um claro cunho feminista, além de também inserir e debater a questão do preconceito e de racismo em suas histórias.

A autora é chamada de *A Grande Primeira Dama da Ficção Científica*, também foi uma grande expoente da estética *afrofuturista*. Esta estética, que pode ser vista como uma das várias narrativas da ficção científica, alimenta-se em inspirações africanas e ainda busca questionar, além de reinventar momentos históricos do passado, presente e do próprio futuro.

Já a autora do segundo conto que iremos analisar, Teresa Mira de Echeverría, é argentina e nasceu em 1971. Além disso, é doutora em filosofia e pesquisa a relação da ficção científica com a filosofia e a mitologia. Também dá workshops sobre vários assuntos relativos à literatura e a filosofia, e suas histórias têm aparecido em várias revistas tanto nos Estados Unidos, como na Espanha e na Argentina.

Ambos os contos que analisaremos, *Filhos de Sangue* (1984; 2020) e *À sua Imagem* (2019; 2020), são de ficção científica e tem menções a aspectos relativos a estranheza da maternidade que se relaciona direta ou indiretamente a uma raça alienígena, buscaremos focar ainda nessas características, relacionando-as ao conceito da monstruosidade do grotesco e da criação, as quais andam de mãos dadas na ficção científica desde seu início.

O grotesco na maternidade da FC

A ficção científica sempre trouxe para o seu público imagens referentes a alegoria da criação desde o início do gênero, focando em sua expansão com a FC³ (ao menos a cinematográfica) que sempre trabalhou com a gravidez: temos a franquia *Alien* (1979) e *Filhos da Esperança* (2006), entre tantos outros.

³ A partir daqui utilizaremos o termo FC para se referir a ficção científica.

Partindo desses pressupostos, iremos analisar esses dois contos de ficção científica que trabalham de diferentes maneiras com a questão da maternidade, utilizando do grotesco como seu recurso estético a fim de representá-la.

O primeiro conto se chama *Filhos de Sangue* (2020) e a trama da obra gira em torno de Gan, um terráqueo jovem que vive com a sua mãe e seus dois irmãos em um planeta distinto da Terra. Há muito tempo, humanos abandonaram seu planeta natal, tendo por objetivo fugir de suas hostilidades e, desta forma embarcaram em uma viagem espacial a fim de reconstruir suas vidas. Nesse novo planeta, encontraram os Tlic, uma raça alienígena de corpo parecidos com artrópodes, que possuem uma forma comprida e vários membros.

T'Gatoi rapidamente moveu seus três metros de corpo para fora do sofá na direção da porta, e saiu a toda velocidade. Ela tinha ossos: costelas, uma longa coluna, um esqueleto, quatro conjuntos de ossos dos membros em cada segmento. Mas quando se movia daquela forma, serpenteando, lançando-se em quedas controladas, e pousava, correndo, não apenas parecia invertebrada, mas aquática, nadando no ar como se fosse água (Butler, 2020, p. 23).

A chegada desse novo povo, após luta e aversão, promoveu uma relação de simbiose entre as raças, o que trouxe o alívio da renovação da sua espécie, além de estabelecer os terráqueos como os novos hospedeiros para as suas crias, que nascem maiores e mais fortes. T'Gatoi é a Tlic que convive com a família de Gan, um humano. Na verdade, ela é parte da família também, sendo que o pai do garoto foi o hospedeiro da alienígena.

Além disso, T'Gatoi acompanhou a gestação de Gan e o escolheu antes mesmo de nascer para implantar seus ovos. Assim, acompanhou seu crescimento de perto, o acostumando à sua companhia. Gan aceita o seu destino, assim como outros, porém é o seu irmão, Qui, que estimula uma série de dúvidas em sua cabeça após uma discussão, a qual acontece após ocorrer o parto de emergência dos filhos de outro Tlic em sua casa.

O corpo dele convulsionou ao primeiro corte. Ele quase se desvencilhou de mim. O som que liberou... eu nunca tinha ouvido sons como aqueles vindos de nada humano. T'Gatoi pareceu não dar atenção enquanto ampliava e aprofundava o corte, parando de vez em quando para lambe o sangue. Os vasos sanguíneos dele se contraíram, reagindo às substâncias químicas da saliva dela, e o sangramento diminuiu.

Era como se eu estivesse ajudando a torturá-lo, ajudando a consumi-lo. Sabia que eu logo iria vomitar, só não sabia por que ainda não o tinha feito. Provavelmente não aguentaria até o fim (Butler, 2020, p. 30).

A estratégia com essa cena do parto é clara quando analisada sob o ponto de vista de Sodré e Paiva (2001), pois ao tratar-se do grotesco, o interesse deste é promover “ um mesmo padrão de reações: riso, horror, espanto e repulsa (p.17)”. O rebaixamento, sem trazer outros fluídos corporais além do sangue e da saliva, conseguem construir uma imagem de no mínimo desconforto crescente, demonstrando que o resultado que ocorre com a implantação do ovo não é agradável.

Ela encontrou a primeira larva. Era gorda e vermelho-escura, por dentro e por fora, por causa do sangue de Lomas. Já tinha comido a casca do próprio ovo, mas aparentemente não começará a comer seu hospedeiro. Nessa fase, a larva comerá qualquer carne, exceto a da própria mãe. Deixada ali, continuaria excretando os venenos que não só causaram a doença como alertaram Lomas. Por fim, teria começado a comer. Quando tivesse aberto uma saída em Lomas, o homem estaria morto ou moribundo e seria incapaz de revidar daquela coisa que o estava matando (Butler, 2020, p. 30).

A mãe nesse caso continua sendo aquela que colocou os ovos e não quem pariu, afirmado no próprio excerto, percebe-se então que, utilizar de uma estética que é geralmente “associada ao desvio de uma norma expressiva dominante, seja referente a costumes, seja referente a convenções sociais (Sodré; Paiva, 2001, p.31)”, juntamente a um gênero literário subversivo como a FC é questionar conceitos enraizados culturalmente. Pois, se seguisse um dos maiores questionamentos levantados sobre o que constitui a figura materna, ainda hoje, entraria-se nesse debate sobre o valor da mãe que pariu em comparação aos outros tipos de mães.

Já o conto *À sua Imagem* de Echeverría, foi publicado na plataforma *kindle unlimited* e traz uma sociedade que está tentando colonizar um novo planeta chamado RR/1.111, com o protagonista Allen vivendo uma sociedade em decadência que se baseia na aparência, não apenas na que foi forjada da cidade em que vivem, mas na de si, usa de óculos com lentes de cristal para se afastar da ilusão, além de não as usar em si mesmo, deixando suas próprias cicatrizes expostas.

Em contrapartida, a sociedade de aparências e Allen, temos Iris, uma alienígena deste planeta, que consegue trocar de forma utilizando de sua persuasão. A mudança que Iris sofre em seu corpo é obtida com ajuda sexual, principalmente de Allen – esta informação fica clara quando nos é relatada que ele já deitou com dez gerações-, mas a mudança se assemelha a uma metamorfose, como se seu corpo atual fosse uma crisálida.

Então ouviu o primeiro “crec” e saltou da cama, o coração a galope, o medo tencionando os músculos.

Os ruídos se sucediam cada vez menos espaçados. Iris acordou e levantou o rosto. Com um novo crec, uma rachadura enorme se abriu no rosto da garota, como se sua pele fosse uma casca a se partir. Ao longo do corpo inteiro, abriam-se mais e mais rachaduras com aquele ruído espantoso e seco. A pele se separava e por debaixo pulsava outra nova, uma um pouco mais rosada que a anterior, ainda igualmente acinzentada.

[...] Um novo estalo se ouviu e uma nova fenda oblíqua se sobrepôs às demais no rosto de Iris: a pele abria-se e se curvava para fora, seca e dura como uma crosta (Echeverría, 2020, p. 14-15).

Além do fator sexual que nos traz o rebaixamento do sujeito, e desta forma, o grotesco, temos também o fator da transformação, além “da representação do ‘id’, esse id ‘fantasmal’ (Kayser, 1986, p. 159, grifo do autor)”, que no caso de Iris, desperta ao trazer frases e posturas de sentidos dúbios sobre sua maternidade.

É importante ressaltarmos que

[...] o elemento material e corporal é um princípio profundamente positivo, que nem aparece sob uma forma egoísta, nem separado dos demais aspectos da vida. O princípio material e corporal é percebido como universal e

popular, e como tal opõe-se a toda separação das raízes materiais e corporais do mundo, a todo isolamento e confinamento em si mesmo, a todo caráter ideal abstrato, a toda pretensão de significação destacada e independente da terra e do corpo (Bakhtin, 1987, p.17)

Após a nova mudança, Iris quase se torna completamente humana e o que sobra dessa passagem é uma pele envelhecida ao chão. Ao mostrar tais mudanças para Allen, Iris vê o desejo deste sobre si, e refere-se à relação dos dois como se fosse a de filha, o que gera um descontrole em Allen que acaba fugindo furioso, passando a tratar Iris a partir disto como “verme”.

- Mas ainda não podemos fazer isso, eu ainda sou tua filha...

Allen sentiu aquela declaração como um soco no estômago e saiu correndo do apartamento [...].

Essa besta imunda sabia como pertubá-lo! Verme mentirosa!

Começou a rir histericamente: “verme”, assim ela o chamava. Qual dos dois havia utilizado esse termo primeiro? Quem havia influenciado o outro?

“Verme”, sem dúvidas isso é o que ela era.

Uma verme mitótica de RR/1.111.

Ela não era sua filha, não era, claro que não era! Não poderia ser. O que a verme sofria era um processo de mitose monádica; reproduzia-se a si mesma. Era como uma célula assexuada, só que em vez de dividir-se em duas, regenerava-se.

Ela era sua própria filha. Filha de si mesma, não dele (Echeverría, 2020, p.16-17, grifo nosso).

O trecho demonstra características da *FC hard*⁴ e além disso promove a dúvida sobre maternidade de Iris, além da possibilidade dela poder parir a si mesma com a ajuda do material seminal de Allen. Ainda, ao analisarmos a personagem, há “a mistura do animalesco e do humano, o monstruoso como característica mais importante do grotesco (Kayser, 1986, p.24)”, ocorrendo a metamorfose em diferentes níveis da narrativa ao referir-se a Iris, tanto sobre sua transformação física, quanto aos olhos do próprio

⁴ FC Hard são produções de ficção científica que focam na parte da ciência, ou seja, em explicações lógicas e científicas para os acontecimentos.

Allen, até que esta figura-se em um outro ser, sem nome e tão independente que consegue recriar-se. Para Bakhtin (1987):

Coloca-se ênfase nas partes do corpo em que ele se abre ao mundo exterior, isto é, onde o mundo penetra nele ou dele sai ou ele mesmo sai para o mundo, através de orifícios, protuberâncias, ramificações e excrescências, tais como a boca aberta, os órgãos genitais, seios, falo, barriga e nariz. É em atos tais como o coito, a gravidez, o parto, a agonia, o comer, o beber, e a satisfação de necessidades naturais, que o corpo revela sua essência como princípio em crescimento que ultrapassa seus próprios limites (Bakhtin, 1987, p. 23).

Não temos o coito no excerto analisado anteriormente, mas temos as suas consequências, as dúvidas e a agonia que trazem, além do questionamento da maternidade (ou paternidade), pois a situação é complexa com o adendo da gestação de Iris ser externa, vinda ainda com uma insinuação de incesto.

Motivado pela fúria do seu debate interno Allen retorna para casa, e ao ver Iris deitada na cama, lembra-se de quando ao olhar-se após a mudança ela o questionava o que ele achava do seu bebê, referindo-se a própria imagem, o que reforça a ideia de que ela gera a si mesma:

Respirava com dificuldade, como sempre o fazia logo após uma regeneração, logo após um “nascimento”, como ela dizia. Brincava com as ideias distorcidas de uma sexualidade que lhe era estranha. Costumava se olhar no espelho e dizer-lhe, apontando para sua própria imagem: “Tu gostaste do meu beibê?” (Echeverría, 2020, p.20).

Não compreende-se, se Iris tem plena consciência do que está falando, pois trata-se de suposições feitas por Allen baseadas em seu comportamento, ou se essa enlouqueceu, mas é inegável que as modificações feitas em seu corpo são motivadas por si, mesmo que ainda não estejam completas.

Ambas as histórias trazem raças alienígenas em diferentes níveis de proximidade com humanos, conectados a diferentes níveis da estética do grotesco, mas que representam aspectos únicos da alegoria da maternidade na FC, pois não podemos

esquecer que “a estética do grotesco é em grande parte a estética do disforme (Bakhtin, 1987, p. 38)”, funcionando como um elemento catártico responsável por explorar sensações do leitor, nesse caso, sendo relativos aos temas ou aspectos relacionados à influência da tensão do parto na questão da maternidade.

Considerações finais

A posição da mãe geralmente é dada na sociedade para a pessoa que pari, mas em *Filhos de Sangue* (1984; 2020), de Butler, isto é ignorado, utilizando-se uma ideia parasitária para a gravidez. Além de que, devemos compreender, que a posição ocupada pelo indivíduo mãe é fluida, podendo ser preenchido por quem se encaixe nas competências sociais esperadas, a qual é incentivada no conto. Esta ligação sentimental não aparece no conto *À Sua Imagem* (2019; 2020), de Echeverría, que traz uma ideia de metamorfose em um primeiro momento, para depois ser refletida pela suas próprias personagens e então trazida a hipótese desta transformação também ser um aspecto do materno, referente ao próprio parto.

Em ambos os contos, é trabalhada a ideia do materno limitado ao parto, sendo referido ao seu, como no caso de Iris ou no de outro indivíduo como no caso do parto feito por Gan e T’Gatoi. Não há o aprofundamento para saber se os indivíduos se tornaram mães, se conseguiram criar o vínculo materno com sua prole ou não.

Sendo que, a utilização do grotesco em ambas as obras, funcionam como uma mola propulsora para o questionamento da caracterização do parto e do materno relativo aos aspectos apresentados, pois, os estereótipos que geralmente são caracterizados para narrar a boa mãe ou a boa grávida foram rompidos. Há apenas a pessoa que está gerando o feto, ou nem isso, como no caso de Iris, que por se assemelhar a uma crisálida ou a uma troca de pele de um réptil, não se sabe ao certo o tempo que demora o processo.

São essas rupturas, frutos do grotesco e da FC, partindo de um gênero subversivo e de uma estética complexa, que demonstram os

aspectos essenciais que devem ser explorados a fim de ocasionar o elemento almejado da catarse.

Referências

- ALIEN. Diretor: Ridley Scott. Produtor: Gordon Carroll; David Giler; Walter Hill. Londres: 20th Century Fox, 1979. (117 min.)
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: O contexto de François Rabelais. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1987.
- BUTLER, Octavia. **Filhos de Sangue e Outras Histórias**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.
- ECHEVERRÍA, Teresa Mira. **À sua Imagem [recurso eletrônico]**. Tradução: Toni Moraes. Ilustrado: Leandro Bender. São Paulo: Monomito Editorial, 2020, p. 34, il.: PDF: 4 MB.
- FILHOS da Esperança. Diretor: Alfonso Cuarón. Produção: Marc Abraham; Eric Newman; Hilary Shor; Iain Smith; Tony Smith. Califórnia: Universal Studios, 2006. (109 min.)
- KAYSER, Wolfgang. **O Grotesco**: A Configuração na Pintura e na Literatura. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- SODRÈ, Muniz; PAIVA, Raquel. **A Indústria do Grotesco**. São Paulo: Mauad, 2002.

LITERATURA E INTERMIDIALIDADE: *DESVENTURAS EM SÉRIE* (2001-2002) ADAPTADO PARA SÉRIE DE TV

LITERATURA E INTERMEDIALIDAD: *UNA SERIE DE CATASTRÓFICAS DESDICHAS* (2001-2002) ADAPTADO PARA SERIE DE TV

Vanessa Luiza de Wallau¹

Acir Dias da Silva²

Resumo: Este artigo apresenta um recorte da dissertação de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, *campus* de Cascavel. O estudo tem por objetivo analisar as relações intermediáticas tecidas no romance e série televisiva no universo de *Desventuras em Série* (2001-2002; 2017), considerando as dinâmicas adaptativas. O corpus da pesquisa considera os quatro primeiros livros da saga, *Mau começo* (2001), *A sala dos répteis* (2001), *O lago das sanguessugas* (2001) e *Serraria Baixo-Astral* (2002), escritos por Lemony Snicket, pseudônimo de Daniel Handler e a primeira temporada da série, de oito episódios, produzida pelo serviço de *streaming* Netflix. Questiona-se, a partir disso, o modo pelo qual uma série de TV, uma configuração midiática recente em termos de produção e de estudos acadêmicos, estabelece relações com a literatura, destacando a complexidade das narrativas em produtos de mídias distintas. A base teórica da pesquisa insere-se no âmbito da Literatura Comparada e das relações da literatura com outras artes e mídias, especificamente nos estudos da Intermidialidade, com amparo em Rajewsky (2012, 2020), Clüver (2011) e Wolf (2005). Além do mais, enfatizam-se as relações teóricas em torno das teorias da adaptação e da intermidialidade, de acordo com pressupostos de Elleström (2017) e Hutcheon (2013). Compreende-se que a adaptação pode ser percebida pelos aspectos que

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2121001189562682>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2999-7073>. E-mail: vanessadewallau@hotmail.com.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6902191554348937>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5428-6839>. E-mail: acirdias@gmail.com.

permeiam a Intermedialidade através do modo como estão representadas as relações entre as mídias literatura e série de TV, reconhecendo-as como produtos de um processo intermediático, constituído a partir dessa rede de relações.

Palavras-chave: *Desventuras em série*. Adaptação. Intermedialidade.

Resumen: Este artículo presenta un recorte de la disertación de Maestría desarrollada en el Programa de Posgrado en Letras de la Universidad Estatal del Oeste de Paraná – Unioeste, *campus* de Cascavel. El estudio tiene como objetivo analizar las relaciones intermediales tejidas en la novela y la serie televisiva en el universo de Una serie de catastróficas desdichas (2001-2002; 2017), considerando las dinámicas adaptativas. El corpus de la investigación abarca los primeros cuatro libros de la saga: *Un mal principio* (2001), *La habitación de los reptiles* (2001), *El ventanal* (2001) y *El aserradero lúgubre* (2002), escritos por Lemony Snicket, seudónimo de Daniel Handler, y la primera temporada de la serie, compuesta por ocho episodios y producida por el servicio de *streaming* Netflix. Se cuestiona, a partir de eso, la forma en que una serie de televisión, una configuración mediática reciente en términos de producción y estudios académicos, establece relaciones con la literatura, destacando la complejidad de las narrativas en productos de medios distintos. La base teórica de la investigación se inscribe en el ámbito de la Literatura Comparada y de las relaciones de la literatura con otras artes y medios, específicamente en los estudios de la Intermedialidad, con apoyo en Rajewsky (2012, 2020), Clüver (2011) y Wolf (2005). Además, se enfatizan las relaciones teóricas en torno a las teorías de la adaptación y la intermedialidad, de acuerdo con los postulados de Elleström (2017) y Hutcheon (2013). Se entiende que la adaptación puede percibirse a través de los aspectos que impregnan la Intermedialidad, a través de cómo están representadas las relaciones entre los medios de la literatura y la serie de televisión, reconociéndolas como productos de un proceso intermedial, constituido a partir de esta red de relaciones.

Palabras-clave: *Una serie de catastróficas desdichas*. Adaptación. Intermedialidad.

Introdução

Este estudo investiga as relações intermidiáticas entre linguagem literária e sua adaptação televisiva, explorando as transformações narrativas e estilísticas na transição da mídia escrita para a audiovisual. O *opus* concentra-se nos primeiros quatro livros da saga *Desventuras em Série: Mau Começo, A Sala dos Répteis, O Lago das Sanguessugas e Serraria Baixo-Astral* (2001-2002), e sua adaptação na primeira temporada da série televisiva *Lemony Snicket: Desventuras em Série* (Netflix, 2017-2019).

A narrativa central aborda a história dos irmãos Baudelaire – Violet, Klaus e Sunny –, que perdem os pais em um incêndio e ficam sob a guarda do vilanesco Conde Olaf, um parente distante com intenções de roubar a herança das crianças. A saga literária retrata as desventuras dos irmãos em um tom sombrio e irônico, enquanto a série expande esses elementos ao acrescentar camadas visuais e sonoras.

Organizam-se as reflexões da seguinte forma: primeiramente, tratam-se brevemente dos conceitos de intermedialidade e mídia, além de suas implicações nas relações adaptativas; em seguida, descrevem-se alguns dos processos de transposição, combinação de mídias e referências intermidiáticas presentes na adaptação de *Desventuras em Série*, buscando compreender como a série televisiva reinterpreta a narrativa literária.

Debates teóricos

O termo intermedialidade se configura enquanto conceito abrangente que explora as interações entre diferentes mídias e formas artísticas. Irina Rajewsky (2012; 2020) define a intermedialidade como um termo “guarda-chuva”, capaz de englobar diversas abordagens críticas que examinam as interações e os cruzamentos entre formas midiáticas distintas. Do mesmo modo, o conceito de mídia também é abordado de maneira diversa pelos

estudiosos de intermedialidade, abrangendo tanto os meios de comunicação quanto os suportes materiais de expressão artística.

Clüver (2011) define mídia como aquilo que transmite signos entre os seres humanos, destacando sua função dinâmica e interativa de produção e recepção de significados. Ryan (2005) sugere duas concepções de mídia: como canal de comunicação, incluindo televisão, rádio, cinema e internet, e como suporte ou técnica de expressão artística, que inclui a linguagem, a imagem e o som. Elleström (2017, p. 17), por sua vez, vê a mídia como o “estágio intermediário da comunicação”, enfatizando que todos os meios, ao interagir e dialogar entre si, possuem uma materialidade específica que lhes confere características únicas, mas compartilhadas. Assim, a mídia é compreendida como um conceito multifacetado, que pode ser entendido tanto pela sua capacidade de transmitir signos e conteúdos culturais quanto pela materialidade que define sua forma de expressão e interação.

Clüver (2011) contribui para o entendimento da intermedialidade ao introduzir a ideia de “transposição intersemiótica” ou “transformação intersemiótica”, que ocorre quando um conteúdo é traduzido de uma mídia para outra, similar ao processo de tradução linguística descrito por Roman Jakobson. Clüver (2011, p. 18) argumenta que, no processo de adaptação, “a transposição midiática aplica-se claramente ao processo que chamamos de adaptação”. Esse conceito é essencial para entender como elementos narrativos e visuais podem ser reinterpretados de acordo com as especificidades de uma nova mídia, especialmente em adaptações de romances para séries de televisão.

Linda Hutcheon aprofunda essa perspectiva ao discutir a adaptação em duas dimensões: como produto e como processo. A adaptação enquanto produto envolve a transposição de uma obra de uma mídia para outra, enquanto como processo, inclui tanto a criação quanto a recepção da obra adaptada. Segundo Hutcheon (2013, p. 43), os “adaptadores são primeiramente intérpretes, depois criadores”, ou seja, reinterpretam e recriam o material original, não se limitando a replicá-lo. A adaptação é uma

“repetição sem replicação” (Hutcheon, 2013, p. 28), em que a narrativa adaptada se transforma para se adequar às especificidades de sua nova mídia.

Elleström (2017), nesse sentido, argumenta que a adaptação deve ser compreendida por uma perspectiva ainda mais ampla, que ele chama de transmidialidade. Ele considera a transmidialidade como “uma perspectiva analítica” que permite a observação das interações e transformações entre diferentes formas de mídia, além de enfatizar que todas as mídias possuem características compartilhadas que facilitam sua tradução e adaptação para outras formas. Elleström (2017, p. 178) sugere que o “ato de transmidiar, transformar e adaptar envolve a permanência e a exclusão de alguns dos elementos e a inclusão de algo novo”, o que é um processo essencial para a adaptação de qualquer obra.

Wolf (2005) contribui ao discutir o conceito de “intermedialidade” como um fenômeno interdisciplinar que não se limita apenas às artes, mas inclui também o estudo das interações entre literatura, cinema e televisão. O autor argumenta que, por meio da intermedialidade, é possível observar como narrativas contemporâneas, como *Desventuras em Série*, transcendem as fronteiras de uma única mídia, estabelecendo conexões culturais e artísticas que enriquecem a experiência do espectador.

Uma leitura da adaptação *Desventuras em série*

Esta análise concentra uma leitura, sob viés da intermedialidade, da série de TV *Lemony Snicket: Desventuras em Série*, partindo, principalmente, das subcategorias de Rajewsky (2012): da transposição midiática, da combinação de mídias e das referências intermediáticas. Vale ressaltar que as categorias funcionam como direcionamentos práticos para um exercício descritivo e analítico, propostas não de modo a limitar ou mesmo exaurir certos debates a determinado eixo, mas justapor discussões

que estão inter-relacionadas, apenas sistematizando determinadas configurações midiáticas.

A transposição midiática, conforme definida por Rajewsky (2012), refere-se à prática de transferir um conteúdo de uma mídia-fonte para uma mídia-alvo, um processo que envolve adaptação e transformação para que a essência do conteúdo original seja mantida, mas ajustada às possibilidades e limitações da nova mídia. Em *Desventuras em Série*, essa prática ocorre na adaptação dos livros de Lemony Snicket para a série televisiva produzida pela Netflix. A série, portanto, representa uma reinterpretação visual e auditiva da narrativa literária, traduzindo a atmosfera e o tom dos livros para o formato serializado. A obra televisiva utiliza recursos como a fotografia, o som e o ritmo da edição para reproduzir o tom melancólico, gótico e, ao mesmo tempo, cômico que caracteriza a saga dos irmãos Baudelaire.

Ao adaptar a história para o formato visual, a série televisiva acrescenta novas camadas de interpretação e vivência da narrativa. Elementos como a paleta de cores escuras, a iluminação contrastante e a cenografia expressiva são utilizados para reforçar a sensação de desventura e tragédia que permeia a vida dos personagens principais. Enquanto os livros descrevem as cenas e os sentimentos dos personagens através das palavras, a série usa o ambiente visual para evocar essas emoções diretamente no espectador, proporcionando uma experiência sensorial que expande a narrativa textual. A transposição midiática, nesse caso, não apenas recria a história dos irmãos Baudelaire, mas transforma o modo como ela é experimentada pelo público, oferecendo uma leitura imersiva e visualmente rica da trama.

Outro aspecto importante da transposição midiática em *Desventuras em Série* é o uso de narração para conectar o público com o ponto de vista irônico e pessimista do autor. Nos livros, o narrador, Lemony Snicket, é um personagem próprio que interage com os leitores de maneira direta e irônica. A série consegue manter essa característica ao integrar o narrador como uma presença visual e auditiva na trama, com a figura de Snicket aparecendo em tela e

comentando os eventos de forma cínica. Esse recurso preserva a conexão entre o narrador e o público, mantendo o estilo narrativo da saga e trazendo para o espectador o tom tragicômico que define a obra original.

Além disso, a série reinterpreta alguns eventos e cenários descritos nos livros, utilizando a mídia visual para explorar aspectos que a narrativa literária apenas sugere. Por exemplo, cenas como a descrição do incêndio que destrói a casa dos Baudelaire e os ambientes onde os personagens vivem suas aventuras ganham uma nova perspectiva, reforçada pela cenografia detalhada e pelos efeitos especiais que tornam a destruição e a desolação palpáveis. A transposição, nesse sentido, amplia o potencial imagético da obra e utiliza o recurso visual para intensificar o impacto emocional de eventos centrais na história.

No que diz respeito à combinação de mídias, *Desventuras em Série* envolve a incorporação de elementos de diversas mídias que coexistem na narrativa audiovisual, criando uma estética híbrida e multifacetada. De acordo com Rajewsky (2012), a combinação de mídias ocorre quando uma obra reúne diferentes sistemas semióticos em uma única configuração. Na série, isso se manifesta através da integração de música, teatro, cenografia e referências visuais que reforçam a atmosfera sombria e excêntrica do universo dos Baudelaire. Esses elementos não apenas decoram a trama, mas também adicionam camadas de significação, ampliando o entendimento do espectador sobre os temas abordados.

O uso da música é um aspecto central dessa combinação. A trilha sonora da série é cuidadosamente composta para evocar sentimentos de desolação e suspense, ao mesmo tempo em que acentua o humor sombrio da narrativa. A canção de abertura, que muda levemente a cada episódio para refletir o conteúdo específico, atua como uma espécie de comentário musical sobre os acontecimentos, alertando o público para a tragédia iminente e mantendo o tom tragicômico da narrativa. A trilha reforça o estilo irônico e melancólico da história, dialogando com os sentimentos dos personagens e com o espectador.

Outro elemento da combinação de mídias é o uso de referências ao teatro, que se manifesta especialmente nas caracterizações excêntricas do Conde Olaf e de seus disfarces ao longo da série. Olaf se apresenta como um ator desajustado e exagerado, o que é reforçado pela direção de arte que o coloca em cenários teatrais e o faz usar figurinos caricaturados. Essa estética teatral permite que a série explore o absurdo e o grotesco de maneira visual, ampliando a percepção do espectador sobre o caráter manipulador e vilanesco de Olaf, que representa uma ameaça à integridade dos Baudelaire enquanto também oferece um tom humorístico à trama.

A cenografia e os efeitos visuais, por sua vez, criam um ambiente gótico e atemporal, evocando a atmosfera literária dos livros e reforçando a estética distintiva da série. A escolha de cores e o design dos cenários, que mesclam referências da arquitetura vitoriana e elementos fantásticos, contribuem para criar um espaço visual único que transporta o espectador para o universo peculiar de *Desventuras em Série*. A série usa esses elementos para construir uma sensação de irrealidade, enfatizando a distinção entre o mundo ordinário e o cenário de pesadelo no qual os irmãos Baudelaire estão presos.

Por sua vez, as referências intermediáticas em *Desventuras em Série* ampliam o significado da narrativa ao dialogar com outras obras e elementos culturais, criando uma rede de intertextualidade que enriquece a série televisiva. Rajewsky (2012) define essa prática como uma referência a outros textos e contextos culturais sem a intenção de transpor ou combinar mídias diretamente, mas sim de evocar e conectar significados. Na série, essas referências são sutis e variadas, incluindo alusões literárias, cinematográficas e culturais que situam a obra dentro de um universo cultural mais amplo, acessível para um público familiarizado com essas alusões.

A série faz referências a grandes autores e temas da literatura gótica e romântica, como Charles Baudelaire e Edgar Allan Poe, cujos nomes são ecoados na trama e nos personagens. A escolha do nome Baudelaire para os irmãos protagonistas, por exemplo, evoca

o poeta francês, famoso por suas obras que exploram a melancolia e o lado sombrio da vida humana. Essa alusão literária não é apenas decorativa; ela adiciona uma camada de profundidade ao sugerir que a história dos órfãos Baudelaire também é uma exploração dos temas de desespero, perda e resistência. As referências culturais também se estendem para o cinema e a estética visual, com citações estilísticas que remetem a filmes clássicos e à estética noir. A fotografia da série, marcada por sombras profundas e um jogo de luz e escuridão, lembra o cinema expressionista alemão e o estilo gótico, que são usados para aumentar a atmosfera de suspense e perigo.

Outro aspecto importante das referências intermediáticas é o uso de simbolismos que remetem à mitologia e à iconografia clássica. Por exemplo, o emblema de olho que aparece repetidamente na série funciona como um símbolo que remete a temas de vigilância, mistério e ocultismo, conceitos que são centrais para a trama. Esse símbolo se torna um motivo visual recorrente que sugere uma conexão maior com o mundo oculto e misterioso da literatura e do simbolismo, convidando o espectador a interpretar a série em múltiplas camadas.

Essas referências intermediáticas ampliam a complexidade de *Desventuras em Série*, oferecendo aos espectadores a oportunidade de perceber a série não apenas como uma adaptação literária, mas como uma obra que se situa em uma rede cultural mais ampla. Esse processo de alusão e evocação permite que a série dialogue com o público de maneiras variadas, conectando temas, símbolos e estilos de outras mídias e contextos culturais e promovendo uma experiência rica em intertextualidade e profundidade interpretativa.

A análise da adaptação de *Desventuras em Série* para a série televisiva revela a complexidade e a riqueza do processo intermediático, evidenciando como a narrativa literária pode ser transformada e expandida ao ser transposta para outra mídia. A série, ao adaptar o universo dos irmãos Baudelaire, utiliza práticas de transposição, combinação de mídias e referências intermediáticas para preservar o tom e o conteúdo dos livros, ao

mesmo tempo em que adiciona novas camadas de interpretação através de recursos visuais e sonoros. Esses elementos não apenas enriquecem a história original, mas também possibilitam uma experiência diferenciada ao espectador, integrando a linguagem audiovisual de maneira criativa e multifacetada.

Referências

- CLÜVER, Claus. Intermidialidade. **Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG**, Belo Horizonte, v.1, n. 2, p. 8-23, nov., 2011.
- ELLESTRÖM, Lars. **Midialidade**: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermidialidade. Org. Ana Cláudia Munari Domingos, Ana Paula Klauck, Glória Maria Guiné de Mello. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. André Cechinel (trad.) 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.
- RAJEWSKY, Irina O. (2005) Intermidialidade, Intertextualidade e “Remediação”: Uma perspectiva literária sobre a intermidialidade. In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira (org.). **Intermidialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea**. Belo Horizonte: Editora FALE/UFMG, 2012, p. 15-45.
- RAJEWSKY, Irina. O termo intermidialidade em ebulição: 25 anos de debate. In: FIGUEIREDO, Camila A. P. de; OLIVEIRA, Solange Ribeiro de; DINIZ, Thaís Flores Nogueira. **A intermidialidade e os estudos interartes na arte contemporânea**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2020, p. 55-96.
- RYAN, Marie-Laure. Media and Narrative. In: HERMAN, David; JAHN, Manfred; RYAN, Marie-Laure (eds.). **Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. London: Routledge, 2005, p. 288.
- WOLF, Werner. Intermediality. In: HERMAN, David; JAHN, Manfred; RYAN, Marie-Laure (eds.). **Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. London: Routledge, 2005, p. 252.

VOZES EM ASCENSÃO: AS MULHERES NA LITERATURA E NA PESQUISA ACADÊMICA COMO AGENTES DA DESPATRIARCALIZAÇÃO

VOCES EN ASCENSO: LAS MUJERES EN LA LITERATURA Y EN LA INVESTIGACIÓN ACADÉMICA COMO AGENTES DE LA DESPATRIARCALIZACIÓN

Amanda Maria Elsner Matheus¹
Gilmei Francisco Fleck²

Resumo: No século XIX, embora o cenário literário ocidental tenha sofrido poucas transformações, algumas mulheres desafiaram as normas patriarcais ao adotarem a escrita como profissão. Esse gesto foi um rompimento com o sistema que limitava os papéis das mulheres a funções secundárias e rigidamente definidas. Apesar das tentativas de silenciamento por parte do discurso tradicional hegemônico, vozes femininas insatisfeitas com a designação de “segundo sexo” começaram a emergir, questionando as narrativas dominantes que as reduziram a figuras periféricas. Essas escritoras enfrentaram um caminho árduo para serem reconhecidas, mas, ao longo do tempo, suas obras passaram a questionar as normas sociais vigentes, ao mesmo tempo em que fortaleciam suas identidades como agentes críticas e ativas na história. Portanto, este estudo visa analisar a inserção das mulheres no cenário literário e acadêmico ocidental, considerando a persistência de normas culturais patriarcais que ainda tentam limitar seu papel na produção de conhecimento. A pesquisa, de caráter qualitativo e interpretativo, fundamenta-se em uma abordagem bibliográfica detalhada, que busca articular como as diferentes perspectivas da crítica literária feminista e da teoria decolonial feminista dialogam e aprofundam os debates sobre

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4562192518483871>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8534-8505>. E-mail: amandamaria.elsner@gmail.com.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1060297750923928>. Orcid: <https://orcid.org/0000-4228-2566>. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br.

gênero, literatura e sociedade. A análise se apoia em autores como Telles (2001), Perrot (2005), Lugones (2008), Zolin (2009), Galindo (2013), Tedeschi (2016), Fleck (2023), entre outros, para explorar como algumas dessas mulheres resistiram à designação de “segundo sexo” e romperam com as narrativas masculinas que as descreviam de forma estereotipada. O estudo, que é um recorte das discussões desenvolvidas em nossa tese, revela como essas escritoras vêm conquistando um espaço significativo na literatura e na academia, utilizando a escrita como uma ferramenta para superar as limitações de gênero e contribuir para a despatriarcalização do saber e do poder.

Palavras-chave: Mulheres na literatura e na pesquisa acadêmica. Despatriarcalização do saber e do poder. Feminismo decolonial.

Resumen: En el siglo XIX, aunque el panorama literario occidental sufrió pocas transformaciones, algunas mujeres desafiaron las normas patriarcales al adoptar la escritura como profesión. Este gesto representó una ruptura con el sistema que limitaba los roles de las mujeres a funciones secundarias y rígidamente definidas. A pesar de los intentos de silenciar sus voces por parte del discurso tradicional hegemónico, emergieron voces femeninas insatisfechas con la designación de “segundo sexo”, cuestionando las narrativas dominantes que las reducían a figuras periféricas. Estas escritoras enfrentaron un camino arduo para ser reconocidas, pero con el tiempo, sus obras comenzaron a cuestionar las normas sociales vigentes, a la vez que fortalecían sus identidades como agentes críticas y activas en la historia. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo analizar la inserción de las mujeres en el panorama literario y académico occidental, considerando la persistencia de normas culturales patriarcales que aún intentan limitar su papel en la producción de conocimiento. La investigación, de carácter cualitativo e interpretativo, se basa en un enfoque bibliográfico detallado, que busca articular cómo las diferentes perspectivas de la crítica literaria feminista y la teoría decolonial feminista dialogan y profundizan los debates sobre género, literatura y sociedad. El análisis se apoya en autores como Telles (2001), Perrot (2005), Lugones (2008), Zolin (2009), Galindo (2013), Tedeschi (2016), Fleck (2023), entre otros, para explorar cómo algunas de estas mujeres resistieron la designación de “segundo sexo” y rompieron con las narrativas masculinas que las describían de manera estereotipada. El

estudio, que es un recorte de las discusiones desarrolladas en nuestra tesis, revela cómo estas escritoras han ido conquistando un espacio significativo en la literatura y en la academia, utilizando la escritura como una herramienta para superar las limitaciones de género y contribuir a la despatriarcalización del saber y del poder.

Palabras clave: Mujeres en la literatura y la investigación académica. Despatriarcalización del saber y del poder. Feminismo decolonial.

Introdução

A história tradicionalmente narrada, na cultura ocidental, tem favorecido uma visão centrada nas experiências masculinas, o que levou ao apagamento e à marginalização e ao silenciamento das histórias, das imagens e das ações das mulheres. Em diversos âmbitos, elas foram retratadas por homens brancos europeus como figuras submissas, restritas ao espaço doméstico e privado. Para compreender a transformação da historiografia até o surgimento da História das Mulheres, ligada diretamente aos movimentos feministas nas décadas de 1970 e 1980, é necessário valorizá-las como agentes históricos e desconstruir a ideia de masculinidade como uma referência universal. Sob essa ótica, o feminismo, a Nova história e os novos paradigmas científicos têm possibilitado integrar as mulheres como participantes da construção histórica e do estudo do passado.

A historiadora francesa, Michelle Perrot, em *As mulheres ou os silêncios da história* ([1995] 2005), menciona como ocorreu a exploração das mulheres e como estas foram, intencional e sistematicamente, apagadas ao longo dos séculos. Tal apagamento inclui o profundo silenciamento que lhes foi imposto, sob violência de todas as formas, o que não lhes impediu, segundo a autora, de lutar e conquistar o seu espaço como sujeitos históricos e sociais. No recorte histórico analisado por Perrot (2005), ao longo da história europeia, especialmente entre os séculos XVIII e XX, o que se esperava das mulheres era que soubessem ouvir, esperar,

conformar-se e, sobretudo, submeter-se e reprimir todas as suas formas de expressão: “Pois este silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual ou escriturária” (Perrot, 2005, p. 10). Tal silenciamento e submissão, fundamentado em normas culturais, sociais, filosóficas e científicas de cunho patriarcal, tinham como finalidade restringir a atuação feminina em todos os âmbitos, mas, principalmente, na sua expressão escrita.

No século XIX, apesar da escrita ainda ser um espaço restrito de domínio masculino, algumas mulheres, contrárias à resistência familiar e social, começaram a se tornar escritoras e fazer desse ofício a sua profissão. No entanto, poucas mudanças se operaram na história da literatura nesse período, o que se explica pelo fato de que as normas culturais vigentes e os textos da época, continuaram propagar os valores tradicionais cristãos, que limitavam as mulheres a papéis restritos de esposa e mãe.

Nesse panorama, salienta Tedeschi (2016, p. 154-155) que, “durante muito tempo, a escrita e o saber estiveram – e ainda, talvez, continuem – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentaram ecoar algum som em meio ao silêncio”. Embora o silêncio tenha sido a forma de expressão predominante no patriarcalismo, despontaram-se vozes de mulheres que se sentiam insatisfeitas com a designação de “segundo sexo”³. A incorporação de mulheres escritoras no cenário literário foi, portanto, marcada por um caminho doloroso, resultado de várias tentativas de desafiar a ordem patriarcal.

Para garantir o direito de escrever, as mulheres do século XIX tiveram que romper com as narrativas dominadas pelo olhar masculino, que as descreviam de forma depreciativa como

³ Em *O Segundo Sexo*, lançado em dois volumes em 1949, Simone de Beauvoir explora questões filosóficas, concentrando-se especialmente na posição e no papel social das mulheres. Ela desafia a visão tradicional que mantém as mulheres em um estado de submissão, retratando-as como o “segundo sexo”.

insignificantes, vazias, sonhadoras e fantasiosas, buscando, assim, a autonomia necessária para oferecer alternativas a uma autoridade que as reprimia. Dessa forma, a conquista de espaço no campo literário se mostrou particularmente desafiadora para aquelas que estavam imersas em uma cultura fortemente influenciada pelos valores cristãos, nos quais as mulheres eram associadas a um papel submisso e doméstico. No entanto, a presença dessas escritoras como agentes ativas na história fortaleceu sua identidade enquanto cidadãs críticas, capazes de examinar e questionar pautas sociais.

Essa produção literária feminina passou, então, a desafiar normas culturais e, especialmente, as estruturas patriarcais, de maneira que o ato de escrever se transformou em um meio de transcender as limitações impostas pelo gênero. Como aponta Telles (2001, p. 402) em *Escritoras, escritas, escrituras*, até o século XIX, “[...] escrita e saber estiveram, em geral, ligados ao poder e funcionaram como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos esperados em determinadas situações”.

As mulheres iniciaram um processo de ruptura com o silêncio que as envolvia, conquistando uma presença mais destacada na sociedade, o que, segundo Perrot (2005), foi impulsionado por vários fatores, entre eles sua inserção no mercado de trabalho e seu engajamento nos movimentos operário e feminista. No século XIX, conforme as lutas operárias avançavam, as vozes femininas começaram a emergir em esferas públicas, o que representou uma grande mudança, já que as mulheres, até então, eram frequentemente privadas do direito de expressão pública. Esse impulso ganhou ainda mais força no século XX, quando, ao denunciarem as más condições de trabalho, elas começaram a reivindicar o direito ao voto e a uma participação política ativa como cidadãs. Essas lutas promoveram uma união entre mulheres de diferentes classes sociais, exigindo organização e persistência, e ampliaram o alcance das reivindicações para incluir igualdade nas instituições de ensino, nas universidades e em diversos âmbitos da vida social, intelectual e política. No entanto, a busca por igualdade

de gênero e pela desconstrução de normas patriarcais segue com vigor até os dias de hoje.

Crítica literária feminista: rompendo com o silenciamento das mulheres

Desde o seu surgimento, os movimentos feministas têm sido fundamentais para garantir que as mulheres lutem por seus direitos e conquistem visibilidade, especialmente na literatura internacional, nos contextos europeu e americano. Esse movimento é comumente aplicado através do conceito de “ondas”, que reflete seu desenvolvimento histórico e social desde o final do século XVIII até o presente. Como destaca Perrot (2005, p. 323), “[...] o feminismo, desde seu início, representa o desejo das mulheres de serem ouvidas e representadas”. Ao longo de suas diversas manifestações, os movimentos têm incentivado a criação de conhecimento e a participação feminina na produção escrita, o que provocou mudanças na forma como as mulheres entendem suas próprias vivências, além de contribuições para uma escrita mais engajada, voltada à desconstrução de estereótipos.

A crítica literária feminista, como aponta Zolin (2010), surgiu com o objetivo inicial de questionar a representação tradicional da mulher na literatura, buscando abrir espaço para perspectivas sociais que o cânone literário masculino não conseguia retratar. Esse movimento foi fundamental para revelar a história sexista e convencional da representação das mulheres na literatura escrita por homens, permitindo a inclusão de vozes antes marginalizadas, tanto na produção quanto na representação literária, e legitimando-as no campo literário. Em um sentido mais amplo, Zolin (2009, p. 182) destaca que,

[...] trata-se de tentar romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação. [...] Assim, a crítica feminista trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher e as demais oposições associadas a esta [...].

Tradicionalmente, o lugar das mulheres na sociedade e na literatura era validado pelo discurso dominante, o que resultou no seu silenciamento. No entanto, a produção literária de autoria feminina permitiu que as personagens ganhassem o direito de se expressar, tornando-se, muitas vezes, narradoras de suas histórias. Isso possibilitou que suas experiências fossem representadas de uma forma que se distanciava da perspectiva predominantemente masculina. A partir dessa mudança, surgiram práticas discursivas femininas que trouxeram novas maneiras de questionar os papéis de gênero historicamente aceitos pelas culturas patriarcais, oferecendo uma reinterpretação das vivências femininas e desconstruindo as normas pela sociedade

Segundo Zolin (2010), a literatura produzida por autoras mulheres trouxe uma nova dimensão à ideia de representação, associando-a à visibilidade das diversas realidades sociais, especialmente das identidades femininas que se opõem ao patriarcado. Mesmo sendo cerceadas de participar de muitas atividades públicas, as mulheres desempenharam papéis importantes em acontecimentos históricos, muitas vezes ignorados pela história.

Nos estudos decoloniais feministas, que influenciam diretamente a crítica literária feminista, destacamos duas representantes importantes dessa vertente teórica e crítica latino-americana: María Lugones (2008, 2014) e Lourdes G. Galindo (2013). Ambas rejeitam o feminismo universalista, que trata como categorias de gênero e cor de forma universalista, e concentram-se na opressão colonial. Lugones (2014), em sua análise inovadora, aborda a opressão enfrentada pelas mulheres subalternizadas, ressaltando a interação entre racialização, colonização, exploração e heterossexualidade.

Lugones introduz o conceito de “colonialidade do gênero” para descrever a interseção dessas formas de opressão no contexto colonial e capitalista, destacando a necessidade de desagregar essas opressões para entender melhor suas fontes subjetivas e intersubjetivas. Ela propõe que a superação dessa colonialidade

pode ser alcançada por meio do que denomina “feminismo descolonial”, que não apenas critica as opressões entrelaçadas, mas também sugere um caminho para a emancipação. Essa abordagem considera a complexidade das experiências das mulheres colonizadas, enfatizando a necessidade de uma abordagem crítica e integrada para desafiar e transformar as estruturas do poder.

Na análise de Galindo (2013), a verdadeira liberdade para as mulheres será alcançada quando elas conseguirem romper com os papéis e posições que o patriarcado lhes impõe. Esse processo de desprendimento permitirá que as mulheres desafiem as bases das estruturas opressivas que sustentam a ordem estabelecida. Como afirma Galindo (2013, p. 172), “a despatriarcalização não é um estado definitivo, nem uma ação permanente de destruição”. Assim, ao se libertarem das imposições patriarcais, as mulheres não apenas questionarão, mas também desestabilizarão o sistema que as oprime.

Considerações Finais

A literatura de autoria feminina, especialmente quando escrita por mulheres de contextos colonizados, desempenha um papel fundamental na promoção da despatriarcalização. Essas obras frequentemente desafiam as narrativas dominantes, dando visibilidade às experiências de mulheres marginalizadas e outros sujeitos excluídos, e propiciam novas representações de gênero. Ao questionar a tríade imposta pela episteme moderna colonial — “raça”, “gênero” e “sexualidade” —, essas produções literárias rompem com os padrões patriarcais estabelecidos (Lugones, 2008). Através da exploração e afirmação de novas formas de identidade e poder, uma literatura feminina cria um espaço de resistência criativa, capaz de desestabilizar as estruturas patriarcais.

As abordagens de Lugones (2008; 2014) e Galindo (2013) convergem ao revelar como o patriarcado se entrelaça com outras formas de opressão dentro do “sistema moderno-colonial de gênero”. Ambas as autoras, juntamente com as discussões inseridas na crítica literária feminina, propõem soluções que visam uma

reestruturação profunda das normas sociais e das relações de poder, buscando promover uma transformação social genuína. Assim, a literatura de autoria feminina não apenas expõe as complexidades das opressões vividas pelas mulheres, mas também contribui para a criação de novas narrativas que sustentam a mudança das normas de gênero.

Referências

GALINDO, M. **No se puede descolonizar sin despatriarcalizar: teoría y propuesta de la despatriarcalización.** La Paz, Bolívia: Mujeres Creando, 2013.

LUGONES, M. Colonialidad y Género. *In: Tabula Rasa*, Bogotá, Colombia, n. 9, p.73-101, 2008.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *In: Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história.** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

TEDESCHI, L. A. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. *In: Raído*, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. *In: História das mulheres no Brasil.* 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 401-442.

ZOLIN, L. O. Crítica feminista. *In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.* 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.

ZOLIN, L. O. Questões de Gênero e de Representação na contemporaneidade. *In: Letras*, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010.

OCORRÊNCIAS DO PRONOME *EU* NA FALA DE UMA SENHORA QUE VIVENCIOU A REVOLTA DOS POSSEIROS DE 1957 NO SUDOESTE DO PARANÁ

OCCURRENCES OF THE PRONOUN *I* IN THE SPEECH OF A WOMAN WHO EXPERIENCED THE REVOLTA DOS POSSEIROS IN 1957 IN SOUTHWEST PARANÁ

Leandra Francischett¹
Aparecida Feola Sella²

Resumo: Por meio deste artigo, apresenta-se análise de recortes presentes na fala de uma entrevistada de 85 anos que presenciou a Revolta dos Posseiros de 1957, no Sudoeste do Paraná. Trata-se de pesquisa pautada na coleta de falas por meio de questionário semiestruturado, quais os elementos linguísticos que podem indicar atitudes linguísticas relativamente à forma como as mulheres concebem a revolta. Pretende-se verificar se o depoimento desta mulher, em específico, pode contemplar usos linguísticos que indicam atitudes linguísticas. Trata-se de parte da pesquisa relativa ao uso de pronomes com indicativo de categorias que indicam a noção de coletivo ou individual. As análises aqui apresentadas estão relacionadas diretamente ao papel dos pronomes pessoais relativamente ao processo de interação. Para esta comunicação, foram selecionadas ocorrências em que o pronome *eu* é utilizado com sentidos diferentes, decorrentes da forma como as perguntas foram apresentadas. O enfoque se deu na organização da fala da entrevistada na perspectiva que ela criou com relação a evitar equívocos ou mesmo distinguir opiniões dela de demais pessoas citadas. Seguem-se os teóricos vinculados ao Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas (CAL), por Aguilera (2009), Sella (2019) e Corbari (2013), também são seguidos os teóricos relacionados com o papel dos pronomes na linguagem oral dialogada, como Lopes (1998),

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0996912588750230>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2929-4674>. E-mail: lefrancischett@yahoo.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3297322988541357>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0563-7815>. E-mail: afsella1@yahoo.com.br.

Mendonça (2020) e Menon (1995), e ainda teóricos relacionados aos registros históricos, como Amancio (2009), Gouveia (2022), Lazier (1986) e Wachowicz (1985). Serão analisadas as atitudes linguísticas na fala desta pioneira sobre o seu papel, a sua conduta e a sua colaboração na Revolta dos Posseiros de 1957, em Francisco Beltrão, local de conflito. Considera-se que história da região Sudoeste do Paraná é marcada por um conflito decorrente da disputa de terras, que desencadeou, em 1957, a Revolta dos Posseiros, um levante organizado pelos moradores da região, tanto da cidade quanto do interior, que se uniram para a conquista do título das terras. Apesar do ocorrido ter sido um evento de muita importância para a territorialização regional, pouco se sabe sobre como se deu a participação feminina, pois as mulheres ficaram invisíveis em muitos registros históricos, como ressalta Fiorese (2000). No estudo sobre as mulheres na Revolta dos Posseiros de 1957, de Kramer e Zanella (1997), um dos poucos realizados especificamente sobre mulheres, os autores se depararam com a inexistência de registros sobre a participação da mulher.

Palavras-chave: Pronomes Pessoais. Mulheres. Revolta dos Posseiros de 1957.

Abstract: An analysis of excerpts present in the speech of an lady 85-year-old interviewee who witnessed the Revolta dos Posseiros of 1957, in the Southwest of Paraná, is presented in this article. This research aims to investigate, in the statements collected through a semi-structured questionnaire, which linguistic elements may indicate linguistic attitudes regarding the way women conceive of the revolt. The aim is to verify whether this woman's statement, in particular, can include linguistic uses that indicate linguistic attitudes. This is part of the research relating to the use of pronouns indicating categories that indicate the notion of collective or individual. The analyzes presented here are directly related to the role of personal pronouns in the interaction process. For this communication, occurrences were selected in which the pronoun I is used with different meanings, resulting from the way the questions were presented. To this end, a semi-structured questionnaire was applied. The focus was on organizing the interviewee's speech from the perspective she created in relation to avoiding mistakes or even distinguishing her opinions from other people mentioned. Following are the theorists linked to the Linguistic Beliefs and Attitudes Project (CAL), by Aguilera (2009), Sella

(2019) and Corbari (2013), theorists related to the role of pronouns in dialogued oral language are also followed, such as Lopes (1998), Mendonça (2020) and Menon (1995), and also theorists related to historical records, such as Amancio (2009), Gouveia (2022), Lazier (1986) and Wachowicz (1985). Linguistic attitudes will be analyzed in this pioneer's speech about her role, her conduct and her collaboration in the Revolta dos Posseiros of 1957, in Francisco Beltrão, a place of conflict. It is considered that the history of the Southwest region of Paraná is marked by a conflict arising from land disputes, which triggered, in 1957, the Revolta dos Posseiros, an uprising organized by residents of the region, both in the city and in the interior, who came together to gain title to the land. Although the event was a very important fact for regional territorialization, little is known about how female participation occurred, as women were invisible in many historical records, as Fiorese (2000) highlights. In the study on women in the 1957 about Revolta dos Posseiros, by Kramer and Zanella (1997), one of the few carried out specifically on women, the authors were faced with the lack of records on women's participation.

Keywords: Personal Pronouns. Women. Revolta dos Posseiros of 1957.

Introdução

A história da região Sudoeste do Paraná é marcada por um conflito decorrente da disputa de terras, que desencadeou, em 1957, a Revolta dos Posseiros, organizada por moradores da cidade e do interior. Depois do fim da Revolta dos Posseiros, sobrevivia, na memória das famílias posseiras, a violência cometida pelos jagunços que haviam se instalado no Sudoeste do Paraná, com a intenção de expulsar os colonos residentes.

A Revolta dos Posseiros de 1957 envolveu a luta pela propriedade jurídica da terra. Quanto à realidade das mulheres daquela época, de modo geral, Kramer e Zanella (1997, p. 125) destacam: “A cultura machista da sociedade e dos maridos impedia que as mulheres pudessem expressar seus sentimentos e interesses.

Nada era permitido a elas, além do trabalho doméstico e da lavoura”.

Fiorese (2000) procurou desvelar o silêncio das mulheres no decorrer da história do Sudoeste do Paraná, mas ele declara que isso não se limita à falta de publicações que reconheça a presença delas. “A vida privada reservada às mulheres implica também no problema com as fontes e registros. Aí o espaço delas é bastante limitado” (Fiorese, 2000, p. 79).

Em 1854, como explica Priori *et al.* (2012), a regulamentação permitiu às pessoas que comprovassem cultura efetiva e moradia habitual a possibilidade de requisitar o seu espaço. Dentro do contexto da “Marcha para o Oeste”, o presidente Getúlio Vargas criou no Sudoeste paranaense, por meio do Decreto nº 12.417 de 12 de maio de 1943, a Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), visando à ocupação e à consequente integração da região às demais regiões do Estado. Em resposta à ação expropriadora das companhias de terra, somadas às frustradas buscas legais pela resolução do problema, os posseiros e colonos decidiram lutar à sua maneira.

Colnaghi (1984) destaca que os colonos dos municípios de Pato Branco e de Francisco Beltrão prepararam-se para o que seria a batalha decisiva. Por meio das emissoras de rádio dessas duas cidades, eram denunciadas as ações das companhias e convocados os colonos para a Revolta. “Em Francisco Beltrão, por exemplo, essa convocação deu-se de forma camuflada, através de senhas e palavras de ordem” (Colnaghi, 1984, p. 152).

Conforme Priori *et al.* (2012), o conflito em si não foi muito extenso temporalmente, concentrando-se apenas no mês de outubro de 1957, e complementa que, por meio da atuação do Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná (GETSOP), órgão responsável pela demarcação e divisão dos lotes das terras do Sudoeste paranaense, entre os posseiros da região, a Revolta de 1957 alcançou seu triunfo, que foi o fim da indefinição jurídica, portanto, a Revolta dos Posseiros foi um conflito vitorioso.

Neste artigo, apresenta-se análise de recortes presentes na fala de uma entrevistada de 85 anos que presenciou a Revolta dos Posseiros de 1957, no Sudoeste do Paraná. Esta pesquisa pretende investigar, nas falas coletadas por meio de questionário semiestruturado, quais os elementos linguísticos que podem indicar atitudes linguísticas relativamente à forma como as mulheres concebem a revolta. Pretende-se verificar se o depoimento desta mulher, em específico, pode contemplar usos linguísticos que indicam atitudes linguísticas.

Trata-se de parte da pesquisa relativa ao uso de pronomes com indicativo de categorias que indicam a noção de coletivo ou individual. As análises aqui apresentadas estão relacionadas diretamente ao papel dos pronomes pessoais relativamente ao processo de interação. Para esta comunicação, foram selecionadas ocorrências em que o pronome *eu* é utilizado com sentidos diferentes, decorrentes da forma como as perguntas foram apresentadas.

Observaram-se perguntas presentes no questionário semiestruturado, com base no Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas (CAL) (Projeto CAL), coordenado por Aguilera (2009), em colaboração com a professora Aparecida Feola Sella. Optou-se pelo Projeto CAL por ser pioneiro nos estudos sobre crenças e atitudes no Paraná.

Nesta pesquisa, também se segue a proposta de Bini (2023) sobre o papel da primeira pessoa a indicar inclusão discursiva. Por meio deste artigo, analisa-se como as formas pronominais *eu*, *nós* e *a gente* se manifestam na fala da Entrevistada. A partir de uma análise sociolinguística, identifica-se os padrões de uso que revelam o comportamento linguístico na fala desta senhora, pioneira da região Sudoeste do Paraná. Além disso, este trabalho também verifica como a escolha dos pronomes de tratamento, no *corpus*, reflete a dinâmica de identidade nas interações sociais, seja de modo inclusivo ou não.

Observe-se o Recorte 1, o qual foi fracionado para demonstrarmos como os pronomes de primeira pessoa (*eu*, *nós* e *a*

gente) são utilizados para indicar ora conjunto, ora individualização e mesmo a construção de modalizadores.

Recorte 1

Entrevistadora: A migração era uma prática comum? O que faziam as pessoas se fixarem na região?

Entrevistada: Olha, todo mundo procurou assim, digamos, fazer algo que eles poderiam um dia ser o começo da vida deles né, tinha bar, tinha pastel, tinha sorvete, era uma grande coisa, também com motor elétrico né. Então, motor a diesel, não elétrico. Então, o que ocorreu. Ah, e daí tinha que eu sei uma alfaiataria, uma sapataria, daí tinha assim umas lojas tipo um varejão, que tinha de tudo, hoje a gente tem o mercado né, que é separado. E naquela época não, era tudo junto, a gente vendia os produto assim (inaudível) em quilo, a gente mesmo fazia o pacote de quilo, inclusive eu trabalhei antes de casar num varejão desse, que era dos [...] e era vendido tudo em quilo, a gente mesmo fazia a embalagem. E assim como tinha vários já naquela época varejão, daí tinha o moinho preto, que eles comentavam, daí tinha os [...], que tinha um matador, volta e meia eles carneavam lá, principalmente porco né, que a gente ia se abastecer de carne, de de banha, volta e meia um gado, mas era difícil, mais era porco que eles carneavam. Até por sinal acho que eles foram embora lá pra Brasília, no começo de Brasília, eles não ficaram aqui.

No fragmento 1.1, logo abaixo, é possível perceber que o par pergunta/resposta direciona as respostas da Entrevistada (Entrevistadora: A migração era uma prática comum? O que faziam as pessoas se fixarem na região?).

Entrevistada:

1.1 Olha, *todo mundo* procurou assim, digamos, fazer algo que *eles* poderiam um dia ser o começo da vida *deles* né, tinha bar, tinha pastel, tinha sorvete, era uma grande coisa, também com motor elétrico né. Então, motor a diesel, não elétrico. Então, o que ocorreu.

A Entrevistada pode ter percebido que a pergunta acomoda praticamente dois subtemas, e fica clara a necessidade de a Entrevistada responder ao conjunto da pergunta. Portanto, seriam duas direções, pelo menos: uma delas refere-se a uma noção de conjunto (“prática comum”) e a outra está relacionada com a motivação do conjunto (“de pessoas”). Os pronomes “eu” e “a

gente” indicam uma organização nesse sentido, ou seja, de expor tanto a noção de individualização, quanto a de coletivo, respectivamente.

Considera-se que esses pronomes podem estar relacionados a índices atitudinais, pois estão relacionados com a forma como a Entrevistada tenta apresentar o quanto conhece sobre o assunto. Percebe-se também teor de subjetividade, relacionada com a necessidade de preservação da face. Podemos conjugar essa análise ao que propõem Aguilera e Altino (2019, p. 21): “[...] os estudos das atitudes linguísticas permitem ao pesquisador aproximar-se do conhecimento tanto das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas usadas pelos falantes como das influências na aquisição de segundas línguas”.

Observem-se os usos respectivos desses pronomes, nesse movimento dicotômico e como esse movimento indica atitudes linguísticas, como no recorte a seguir.

No fragmento 1.1, a Entrevistada não se insere na ocorrência dos fatos que narra, por isso não recorre a pronomes de primeira pessoa.

Vejamos o próximo recorte:

1.2 Ah, e daí tinha que eu sei [modalizador – o pronome não inclui as ações dela – são recordações] uma alfaiataria, uma sapataria, daí tinha assim umas lojas tipo um varejão, que tinha de tudo,

Neste caso, o *eu* atua em um modalizador que eu sei, o que descarta, por exemplo, o teor afetivo.

No próximo recorte, porém, já há um direcionamento diferente, que indica um coletivo mais amplo, relacionado com a sociedade atual:

1.3 hoje *a gente* [refere-se a um coletivo mais geral – sociedade atZSual – prospectivo] tem o mercado né, que é separado.

O fragmento seguinte serve para demonstrar a arquitetura que os pronomes criam para assegurar a resposta pretendida:

1.4 E naquela época não, era tudo junto, *a gente* [eu + os demais que trabalhavam em empresas similares àquela em que ela trabalhou – varejão] vendia os produtos assim [inaudível] em quilo, *a gente* [eu + os demais que trabalhavam em empresas similares àquela em que ela trabalhou – varejão] mesmo fazia os pacotes de quilo, inclusive eu [não apresenta inclusão] trabalhei antes de casar num varejão desse, que era dos [...] e era vendido tudo em quilo, *a gente* [eu + os demais que trabalhavam em empresas similares àquela em que ela trabalhou – varejão] mesmo fazia a embalagem. E assim como tinha vários já naquela época varejão, daí tinha o moinho preto, que *eles* [todos que moravam na localidade] comentavam, daí tinha [...], que tinha um matador, volta e meia eles carneavam lá, principalmente porco né, que a gente [coletivo – moradores da localidade] ia se abastecer de carne, de banha, volta e meia um gado, mas era difícil, mais era porco que *eles* carneavam. Até por sinal acho que *eles* foram embora lá pra Brasília, no começo de Brasília, *eles* não ficaram aqui.

Nesse caso, *a gente* é usado para indicar coletivo, sem que a entrevistada se inclua; portanto, há mais racionalidade, sendo uma atitude cognoscitiva, porque se trata do conhecimento sobre o assunto.

Algumas Considerações

Os fragmentos apresentados exemplificam a organização que a Entrevistada estabelece para as suas respostas. Ela intercala o emprego dos pronomes *eu* e *a gente* para preservação da face. Entre atitude cognoscitiva e afetiva, percebe-se que os pronomes em questão servem para organização da resposta.

Além disso, são usados modalizadores que servem para isentar a falante da responsabilidade da afirmação.

A verificação dos pronomes na fala de uma mulher de mais de 80 anos, moradora da região Sudoeste do Paraná, contribui para a compreensão de funções respectivas ao planejamento verbal. Isso demonstra que a linguagem facilita as relações sociais, de modo que o falante é capaz de se incluir e até mesmo se excluir, conforme organiza os pensamentos no momento da conversa.

Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato**. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado].
- AGUILERA, Vanderci de Andrade.; ALTINO, Fabiane Cristina. O Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato: motivações e pressupostos teóricos. *In: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato – Contatos linguísticos no Paraná*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019, p. 17-30.
- AMANCIO, Silvia Maria. **Ontem, luta pela terra; hoje, monumento histórico: a revolta dos posseiros no Sudoeste do Paraná em suas variadas versões**. 2009. 178f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.
- BINI, Renan Paulo. **Eu (e nós) proteano: funções retóricas da primeira pessoa do discurso e a construção de *ethos* em dossiês das revistas *Cult* e *Nova Águia***. 2023. 359f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2023.
- COLNAGHI, Maria Cristina. **Colonos e Poder: a luta pela terra no Sudoeste do Paraná**. 1984. 253f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1984.
- CORBARI, Clarice Cristina. **Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste**. 2013. 259f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- FIGLIARELLI, Gilmar. **A mulher e conflitos sociais no Sudoeste do Paraná (1943-1962)**. 2000. 170f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis – Universidade do Centro-Oeste, Guarapuava, 2000.
- GOUVEIA, Aginaldo Henrique Garcia de. A Revolta dos posseiros no Sudoeste do Paraná de 1957: possibilidades e demandas de estudo à luz de críticas sobre a marginalização das vozes femininas. **Revista Vernáculo**, Curitiba, v. 2, n. 50, p. 116-140, 2022.

- KRAMER, Silvia Ana; ZANELLA, José Luiz. A participação da mulher na Revolta dos Posseiros. **Revista Faz Ciência**, Francisco Beltrão, v. 1, n. 1, p. 115-128, 1997.
- LAZIER, Hermógenes. **Paraná: terra de todas as gentes e de muita história**. Francisco Beltrão: Grafit, 2003.
- LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 14 n. 2, p. 405-422, 1998.
- MENDONÇA, S. C. P. **Crenças e atitudes linguísticas: estudo na aldeia guarani Tekoha Añetete em Diamante d'Oeste/PR. 2020. 207f.** Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.
- MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, n.44, p.91-106. 1995. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19069/12374>. Acesso em 15 out. 2024.
- SELLA, A. F. Marcas de conexão e indício de atitudes linguísticas. *In*: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato** – Contatos linguísticos no Paraná. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019, p. 197-208.
- WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná, sudoeste: ocupação e colonização**. Curitiba: Litero-Tecnica, 1985.

O JURÍDICO E O IDEOLÓGICO A PARTIR DE MICHEL PÊCHEUX

THE LEGAL AND THE IDEOLOGICAL BASED ON MICHEL PÊCHEUX

Guilherme Moreira Pires¹
Dantielli Assumpção Garcia²

Resumo: O tema deste trabalho é a relação de reprodução-transformação da ideologia dominante no discurso jurídico, com delimitação acerca do discurso dos juízes, no RE (Recurso Extraordinário) nº 635.659 em julgamento do STF (2011) concluído em junho de 2024. Tem-se como problematização qual o papel do direito na formação econômica e ideológica capitalista, e como isso repercute nas relações de diferença e repetição, reprodução e transformação, acerca do ideológico materializado no discurso. A pesquisa é orientada pelo objetivo geral de analisar o funcionamento discursivo dos votos de Ministros que compõem o *corpus* selecionado. Sobre a base teórica, esta pesquisa se sustenta na Análise de Discurso de Michel Pêcheux (2014 [1969]), uma teoria materialista do discurso, em diálogo com a tradição materialista (macrossociológica) criminológica crítica, denominada 'Criminologia Crítica', representada por Alessandro Baratta (2011 [1982]), ambos autores nucleares ligados a obras fundadoras nessas respectivas bases teóricas. Como método empregado, aponta-se o materialismo histórico-dialético, tratando-se de pesquisa sustentada pela abordagem qualitativa interpretativista. Os princípios teóricos e metodológicos da Análise de Discurso envolvem o necessário reconhecimento do histórico e do ideológico inscritos no objeto escolhido, sendo o materialismo histórico-dialético empregado na compreensão dos efeitos de sentido produzidos.

¹ Doutorando pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5746024251812533>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1953-1421>. E-mail: guilherme.piresecordeiro@gmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8834-2253>. E-mail: dantielligarcia@gmail.com.

Os resultados serão importantes para explicitar nas práticas discursivas dos juízes o funcionamento da relação entre forma jurídica e as condições de reprodução da formação capitalista, explicitando como opera essa conexão atrelada ao funcionamento discursivo. Ademais, espera-se que os resultados consigam ajudar na compreensão dos limites e possibilidades de transformações atrelados ao campo jurídico considerando o funcionamento ideológico analisado na pesquisa.

Palavras-chave: Ideologia. Discurso dos juízes. Direito.

Abstract: The theme of this paper is the relationship between reproduction and transformation of the dominant ideology in legal discourse, with a focus on judges' discourse in the Extraordinary Appeal (Recurso Extraordinário) N. 635.659, whose ruling was concluded in June 2024. The problem addressed is the role of law in the capitalist economic and ideological formation, and how this impacts the relations of difference and repetition, reproduction and transformation concerning the ideology materialized in discourse. The general objective of the research is to analyze the discursive functioning of the votes of the judges who comprise the selected corpus. The theoretical foundation of this research is based on Michel Pêcheux's Discourse Analysis (2014 [1969]), a materialist theory of discourse, in dialogue with the critical (macrosociological) materialist tradition of Criminology, known as 'Critical Criminology,' represented by Alessandro Baratta (2011 [1982]), both of whom are key authors linked to founding works in these theoretical fields. The method employed is historical dialectical materialism, and the research is based on a qualitative interpretive approach. The theoretical and methodological principles of Discourse Analysis involve the necessary recognition of the historical and ideological aspects inscribed in the chosen object, with historical dialectical materialism used to understand the meaning effects produced. The results will be important for explaining how the relationship between legal form and the conditions of reproduction of the capitalist formation operates in the judges' discursive practices, highlighting how this connection is linked to discursive functioning. Furthermore, it is expected that the results will be able to help in understanding the limits and possibilities of transformations linked to the legal field, considering the ideological functioning analyzed in the research.

Keywords: Ideology. Judges' discourse. Law.

Apontamentos iniciais

O tema da pesquisa é a relação de reprodução-transformação da ideologia dominante no discurso jurídico. De modo que esta introdução se incumbirá de adentrar brevemente nos aspectos teóricos, metodológicos e analíticos da base teórica mobilizada, a Análise de Discurso Francesa (ou pecheuxtiana) – teoria materialista do discurso mobilizada – sob o objetivo geral de analisar o funcionamento discursivo dos votos de Ministros do STF, que versam sobre o tratamento de um artigo da Lei de Drogas (em caso específico sobre o porte: RE nº 635.659, analisado no trabalho de Doutorado, e cuja publicação envolve neste espaço aspectos do julgamento concluído após quase 14 anos).

Além dos requisitos próprios à pesquisa, como tema, problematização, delimitação, bases teóricas, corpus selecionado, objetivo (geral e específicos) etc., mostra-se crucial adentrar na relação da teoria adotada com a questão do método e da metodologia, implicando a condição do analista, refletido a partir de Petri (2013).

Isto é, relacionada ao percurso de um devir-analista que não abandona (porque não pode) as condições de produção do sujeito e do seu “fazer-analista”, ressoando seu percurso na teoria da Análise de Discurso Francesa, no que envolve o funcionamento ideológico (no caso deste trabalho, no campo jurídico). Dito de outro modo, interessa, ancorado na perspectiva discursiva mencionada, analisar a relação complexa e marcada por contradições, que envolve a relação de diferença e repetição em relação à ideologia dominante, no campo jurídico, pensando no funcionamento ideológico, e voltando-se para uma problematização que acompanha o percurso jurídico: é possível transformação no campo jurídico, com radicalidade acerca da superação das relações (e consequentemente assimetrias) de classes?

A aparente simplicidade do problema, comporta complexidade (apesar da tentação, acerca da enunciação de um sonoro “não” ou “sim”), posto que mesmo a dominação adquire seu caráter não-todo a partir dessa teoria. E o real das contradições pode fomentar movências e andanças não totalmente reguladas e controladas pelas determinações postas, havendo margem para flutuações, onde interioridades e exterioridades compõem a heterogeneidade das formações discursivas, pensadas de modo não fixistas, sujeitas a movimentações, assim como os sujeitos e os sentidos se movimentam, e os rituais falham em alguma medida mesmo na reprodução, como materializado na teoria do assujeitamento incompleto, em que o sujeito, embora porta-voz de um discurso e presa da ideologia, não é uma marionete, adquirindo responsabilidade por sua singularidade, apesar das determinações e subordinações conhecidas a partir de Pêcheux (2014, 2015), envolvendo a conexão material entre ideologia e inconsciente.

Visando oferecer direção e delimitação à pesquisa, destaca-se que o campo jurídico envolve diferentes atores e lugares, mas esta pesquisa volta-se para o discurso dos juízes, interrogando qual o papel assume(m) concretamente na formação social (econômica e ideológica) capitalista, e como isso repercute nas relações de diferença e repetição, reprodução e transformação, acerca do ideológico materializado no discurso.

No caso, juízes de segundo grau, que também não são produtores adâmicos do discurso em seus votos, mas porta-vozes que atuam materializando a relação de reprodução-transformação ideologicamente possível dentro da formação analisada, explicitando os limites reais às transformações estruturais pela via do direito e da forma jurídica.

Desenvolvimento

Após aproximadamente 14 anos de tramitação, o julgamento do RE (Recurso Extraordinário) nº 635.659 foi concluído em 26 de junho de 2024. O caso do Supremo Tribunal Federal (2011) questionava a

constitucionalidade do art. 28 da Lei 11.343/2006 (Lei de Drogas), um dispositivo que trata do usuário de drogas no porte de substâncias ilícitas, dentro das capitulações jurídicas da questão criminal.

O Relator, Ministro Gilmar Mendes, iniciou entendendo pela inconstitucionalidade do dispositivo, por entender que viola a liberdade e as garantias constitucionais dos sujeitos de direito. Entendimento inicialmente aplicável a todas as drogas, logo, tornando inconstitucional o dispositivo sobre o porte de drogas para uso pessoal (figura do usuário).

Entretanto, conforme o julgamento avança, após um placar de 4x0 para a descriminalização (o placar é simplificado, na medida em que os votos dos Ministros são distintos em diversos aspectos), tem-se uma reviravolta no julgamento, bem como, um recuo do Relator Ministro Gilmar Mendes

No dia 02 de agosto de 2023, o Ministro Alexandre de Moraes votou, sendo o quarto a votar, e alargando o placar para 4x0 para a descriminalização do porte de maconha para uso pessoal, como acompanhava o país.

Contudo, nota-se que a discussão sobre a inconstitucionalidade do artigo 28 da Lei de Drogas nº 11.343/2006, foi reduzida ao questionamento relativo uma única substância, criando o placar de 4x0 ilusório, dado que o Relator, Ministro Gilmar Mendes, foi o único, até o momento, a pautar e fixar a descriminalização do porte de drogas em geral, não somente a maconha.

Contudo, após o voto do Ministro Alexandre de Moraes, o Relator Gilmar Mendes reajustou seu voto, recuando no sentido de fixar, restritivamente, a declaração de inconstitucionalidade, apenas à *cannabis sativa*, filiando-se aos parâmetros objetivos defendidos pelo Ministro Alexandre de Moraes, onde fora apresentada a tese, de modo não absoluto, de caracterização enquanto usuário, do sujeito em posse de até 60 gramas de maconha, ou seis plantas fêmeas. Com possibilidade, contudo, da relativização contra o sujeito e superação dessa presunção, por decisão fundamentada de autoridades incumbidas – policial (delegado) ou judicial (juiz de direito) –, no

sentido de identificarem rastros de algum dos verbos configuradores do crime de tráfico.

Ou seja, um critério com brechas para a criminalização por tráfico, novamente deixada para a interpretação das autoridades do sistema de justiça criminal. Verifica-se que a relação de reprodução-transformação associada ao campo jurídico, encontra no Poder Judiciário um território poderoso para brechar fagulhas de transformação, por menores que sejam, o que pode ser designado como um efeito de contenção da transformação social pelo direito, reproduzindo em grande medida o discurso da guerra às drogas. Assim, verifica-se no Poder Judiciário uma barreira à transformação social.

A delimitação ou restrição presente no voto reajustado do Ministro Gilmar Mendes, confirma a regularidade da guerra às drogas, ainda que não a tenha defendido com tanto rigor, em seus efeitos, como o Ministro Cristiano Zanin, que, descritivamente, rejeitou mesmo a descriminalização da *cannabis sativa*, em voto considerado confuso por outros Ministros, como o Ministro de Alexandre de Moraes, que expressamente questionou o voto de Cristiano Zanin.

Cabe didaticamente dividir o julgamento, à luz da Análise de Discurso Francesa em diálogo com a Criminologia Crítica com vistas à análise do funcionamento ideológico, destacando-se três momentos: i) quando o caso versava sobre todas as substâncias, conduzido por força do voto do Relator Gilmar Mendes; ii) momento de recuo do Relator, restringindo um voto geral a todas os usuários de quaisquer substâncias, delimitado *a posteriori* somente à *cannabis*; iii) conclusão do julgamento em 2024 com confirmação das teses fixadas, relativas somente a essa droga, apagando-se que a discussão originalmente versava sobre todas as substâncias ilícitas ao se interrogar e questionar a questão da constitucionalidade do art. 28 da Lei 11.343/2006 (Lei de Drogas).

Grosso modo buscando ser mais didático, o caso versava sobre "A", e no andamento do julgamento, transformou-se no julgamento de um fragmento de "A", relativo exclusivamente à *cannabis*. Em

uma nova delimitação ligada à considerada transformação possível pela via jurídica, tendo em vista o peso de suas subordinações, atravessadas pelo ideológico.

Foram destacados os dois primeiros momentos, primeiro abarcando o afastamento da natureza penal de todas as substâncias, e posteriormente, com recuo do Relator Gilmar Mendes, o afastamento da repercussão criminal delimitado à *cannabis* (no caso de usuários).

Cumprе ressaltar sobre o terceiro momento, que a Suprema Corte Federal, por maioria, apreciando o tema de repercussão geral, deu provimento ao Recurso Extraordinário (de modo simplificado, concordou com o recurso) no sentido de: i) declarar a inconstitucionalidade, do art. 28 da Lei 11.343/2006 (Lei de Drogas), de forma a afastar do referido dispositivo todo e qualquer efeito de natureza penal acerca do usuário de *cannabis*, com os critérios de diferenciação entre usuário e traficante, mas mantendo-se o dispositivo dentro área destinada à questão criminal, ainda que em tese livre de efeitos dessa natureza, e livre de pena privativa de liberdade.

Foram vencidos (termo que o campo jurídico atribui à minoria do Supremo que entendeu de outro modo) os Ministros Cristiano Zanin, André Mendonça, Nunes Marques, Dias Toffoli e Luiz Fux.

Embora o caso abordado, no recurso, tenha resultado em absolver o acusado que provocou a análise constitucional (por atipicidade da conduta - inexistência de crime na conduta), interessa ao artigo especialmente a repercussão geral, que envolve todos os sujeitos do país, bem como a própria manutenção majoritária do dispositivo da Lei de Drogas, para as demais substâncias, exceto a *cannabis*.

Se destaca que o placar também possui interpretações diferentes: existiam votos diferentes, uniformizados quantitativamente por questões de simplicidade na exposição do placar.

No caso, a Suprema Corte Federal (2011) fixou a seguinte tese, dividida em partes: “1. Não comete infração penal quem adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo, para

consumo pessoal, a substância *cannabis sativa*, sem prejuízo do reconhecimento da ilicitude extrapenal da conduta, com apreensão da droga e aplicação de sanções de advertência sobre os efeitos dela (art. 28, I) e medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo (art. 28, III); 2. As sanções estabelecidas nos incisos I e III do art. 28 da Lei 11.343/06 serão aplicadas pelo juiz em procedimento de natureza não penal, sem nenhuma repercussão criminal para a conduta; 3. Em se tratando da posse de *cannabis* para consumo pessoal, a autoridade policial apreenderá a substância e notificará o autor do fato para comparecer em Juízo, na forma do regulamento a ser aprovado pelo CNJ. Até que o CNJ delibere a respeito, a competência para julgar as condutas do art. 28 da Lei 11.343/06 será dos Juizados Especiais Criminais, segundo a sistemática atual, vedada a atribuição de quaisquer efeitos penais para a sentença; 4. Nos termos do § 2º do artigo 28 da Lei 11.343/2006, será presumido usuário quem, para consumo próprio, adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo, até 40 gramas de *cannabis sativa* ou seis plantas-fêmeas, até que o Congresso Nacional venha a legislar a respeito; 5. A presunção do item anterior é relativa, não estando a autoridade policial e seus agentes impedidos de realizar a prisão em flagrante por tráfico de drogas, mesmo para quantidades inferiores". Assim encerrando o caso pelo Supremo Tribunal Federal (2011).

As lições sobre a seletividade do sistema penal exploradas no julgamento e demonstradas em dados presentes no voto do Ministro Alexandre de Moraes, embora explicadas por diferentes Ministros, no final, foram majoritariamente ignoradas. Isso porque os Ministros majoritariamente assumem a seletividade abordada, como um erro, vício ou falha que podem ser sanados e resolvidos, e não como características intrínsecas ao sistema penal, como demonstra a criminologia latino-americana, por exemplo, com Zaffaroni (2011, 2012, 2013). No sentido de a seletividade compor as próprias condições de produção do sistema penal, reproduzidas historicamente na reprodução da ideologia dominante.

Frisa-se ainda que até a data 13 de setembro de 2023, o placar provisório do julgamento era de 5 votos pela descriminalização do porte de maconha para uso pessoal (Gilmar Mendes – Relator, Roberto Barroso, Edson Fachin, Alexandre de Moraes e Rosa Weber), contra um voto isolado pela não descriminalização, protagonizado pelo Ministro Cristiano Zanin, que alegou que os Tribunais não reconhecem a figura do *abolitio criminis* (expressão em latim para a abolição do crime), defendendo seu voto pela criminalização.

Mesmo após ser rebatido pelo Ministro Alexandre de Moraes, advertindo que o tratamento do porte para uso pessoal enquanto crime estava fora da teoria do direito penal, se tratando de uma figura jurídica fora dos parâmetros do saber jurídico-penal, Cristiano Zanin insistiu que, apesar disso, a competência continua sendo da justiça criminal. Trata-se de um ponto merecedor de destaque, na medida em que existia expectativa de setores progressistas, de que o voto de Zanin seria o mais disruptivo contra a guerra às drogas, todavia, mostrou-se um voto conservador, filiando-se a um legalismo dogmático considerado pouco realista.

Em suma, foi porta-voz de um discurso, em grande medida reprodutor da lógica da guerra às drogas, sendo compatível com o funcionamento discursivo que legitima essa guerra, reproduzido sobretudo após a contenção do tema já delimitado em debate, com recuo do voto contrário ao paradigma da guerra, reajustado para “contrário”, mas somente tratando-se de um fragmento do objeto original, restrito à *cannabis sativa*, e com ressalvas fixadas.

Considerações finais

A análise do funcionamento ideológico atrelada ao RE (Recurso Extraordinário) nº 635.659 permite explorar a relação de reprodução-transformação do ideológico atrelado à forma jurídica, indicando na análise, prevalentemente, para a reprodução da ideologia dominante ao abordar o sistema de justiça criminal da formação social, o que significa também considerar a

vulnerabilidade concreta das populações criminalizadas frente ao Estado, marcadas por questões de classe, de raça, gênero etc., entre outras. Embora os próprios Ministros tenham admitido no julgamento a presença da seletividade penal e mesmo elementos como o racismo na distinção de usuários e traficantes (com argumentos válidos para outras substâncias), a discussão e decisão final apenas abarcou a *cannabis*.

Foi possível verificar concretamente nos efeitos de sentido como o jurídico opera um estancamento da transformação, em contexto de naturalização desse efeito de contenção, na medida em que um caso versando sobre todas as substâncias foi contido e restrito a uma única, sem objeções, sequer do Ministro Gilmar Mendes que havia abordado a inconstitucionalidade em geral (corretamente), tendo reajustado seu voto posteriormente, recuando, de modo a apresentar congruência e simetria com o discutido nos demais votos, apagando o quadro maior que havia analisado, como se esse apagamento, de um momento para o outro, fosse redimensionado como algo óbvio.

Trata-se do potencial da forma jurídica de estancar e conter maiores interrogações ao *status quo*, manifestado e materializado no discurso dos votos, restritos a uma única substância, em alinhamento com as possibilidades de discussão desde a ideologia dominante, embora em descompasso técnico com a questão, que envolvia a inconstitucionalidade do tratamento criminal do porte para uso pessoal de todas as substâncias consideradas ilícitas pelo Estado (que um dia podem ser X e Y, e no outro, podem ser outra coisa (como admitido na própria filosofia hegeliana, apesar de estadocêntrica). Retornando a apontamentos teóricos, na Análise de Discurso Francesa, o conceito de ideologia está relacionado ao efeito de óbvio, ligado à produção das evidências, cabendo abordar a relação dessas evidências com o jurídico com Pêcheux (2014), considerando que *a Ideologia não é um puro não ser, mas uma condição e força material* (um deslocamento da ideologia enquanto ocultação ou mascaramento)

A contenção da transformação mostrou-se um denominador comum no julgamento analisado (em seu funcionamento discursivo), tendo como resultado um apagamento tomado como evidência e obviedade. As distintas ideologias materializadas nos discursos em debate, ideologias permitidas à luz da formação social, não destoam da Ideologia (do Capital) a que se submetem, na medida em que, apesar de existirem até argumentos econômicos em prol da descriminalização em geral, identifica-se que isso potencialmente desestabiliza ou minimiza a legitimidade e as evidências retrabalhadas pelas agências policiais e judiciais, colocando-as em uma menoridade disfuncional à reprodução da lógica do capital, que deve acompanhar, a repetição e intensificação de suas próprias condições de reprodução, o que envolve práticas técnicas, ideologia e moral, presentes nas decisões judiciais, como demonstra a criminologia de Zaffaroni (2012, 2013).

Como demonstrativo de que existe uma margem do possível tolerável na discussão de ideologias nos julgamentos da Suprema Corte Federal, destaca-se que mesmo o tímido movimento realizado, acerca de uma única substância para uso, repleta de requisitos e brechas para atividades policiais e efeitos criminais, desagradou os poderes estabelecidos, a ponto de trabalharem no que ficou convencionado como pacote-anti-STF aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara em outubro de 2024.

Uma das reações ao julgamento foi a produção de discursos políticos e jurídicos no sentido de limitar o poder da Corte, por exemplo, de decidir monocraticamente (com um único Ministro), restringindo e influenciando sobre a distribuição de poderes e competências no Brasil. Decisões consideradas polêmicas que desagradam setores inclusive reacionários, historicamente reverberam em restrições e limitações à Corte, como também pode-se verificar com as questões envolvendo a regulação das chamadas Big Techs, as corporações e grandes empresas tecnológicas que possuem um monopólio técnico, situacional e informacional, por exemplo, sobre as redes sociais e os discursos que circulam no âmbito digital. Falar em regulações provenientes do Supremo

Tribunal Federal, já é o suficiente para intensificar discursos contrários à Corte, e que politicamente buscam minar seu poder institucional. Dito de outro modo, atrelado à análise pecheuxtiana e althusseriana da formação capitalista, a forma jurídica é nitidamente atravessada por expectativas de subordinação e submissão, se não máximas, prevalentemente e em grande medida. Mesmo pequenas fissuras e furos, no final, reterritorializam a ideologia dominante nesse funcionamento analisado, sobre ação protocolada em 22/02/2011.

Isso não significa dizer que o papel ou o potencial transformador do campo jurídico seja zero, nulo, mas sim, que nas relações de reprodução-transformação, prevalece a dobra ideológica, com a repetição e reprodução da ideologia dominante, absorvendo eventuais furos e inscrições de diferenças, importantes, mas que no julgamento analisado, não abalam as estruturas da formação social, nem seus efeitos de contenção da emancipação da massa de despossuídos alvejadas pelo controle penal, uma das dinâmicas de controle social, que une a versatilidade tanto dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) quanto do Aparelho Repressivo à luz da prisão como uma política e das agências policiais e judiciais, unidas pelo princípio da autoridade e da punição que caracterizam o emergir do Estado moderno, juntamente ao emergir do capitalismo. Tratando-se de produções conjuntas, que nascem e se ancoram de modo a preservar tanto a reprodução quanto a expansão da ideologia dominante, materializada nos discursos analisados por força do julgamento em questão.

Portanto, após quase uma década e meia, confirma-se o uso do direito, prevalentemente, de modo a atrasar o potencial emancipatório da sociedade sobre superar o paradigma da guerra às drogas (uma guerra contra pessoas), confirmando uma menoridade política assegurada pela ideologia punitiva estadocêntrica, que faz uso ao mesmo tempo do controle, monitoramento, aprisionamento, dos Aparelhos Ideológicos, sem que um substitua o outro, num acoplamento poderoso,

característico da dinâmica designada como Sociedade de Controle, onde prisão, controle, monitoramento e contenção da transformação são realizados com a dominância do conjunto de atores, autoridades e instituições prévias sedimentadas, que unem-se prevalentemente na reprodução da ideologia repetida, sendo essa a síntese da relação entre o jurídico e o ideológico, analisados discursivamente na pesquisa.

Referências

BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal:** introdução à sociologia do direito penal. Rio de Janeiro: Revan; Instituto Carioca de Criminologia, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes: 2015.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do 'dispositivo experimental' da Análise de Discurso. *In:* PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. (Org.). **Análise de discurso em perspectiva:** teoria, método e análise. Santa Maria-RS: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013, p. 39-48.

Supremo Tribunal Federal (STF). **RE (Recurso Extraordinário) nº 635.659.** Constitucional e Direito Penal, Constitucionalidade do art. 28 da Lei 11.343/06 (Repercussão Geral reconhecida), 2011.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **La Cuestión Criminal.** Buenos Aires: Editorial Planeta, 2011.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **La Palabra de los Muertos:** Conferencias de Criminología Cautelar. Prólogo de Juan Gelman. Buenos Aires: Ediar, 2012.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **En busca de las penas perdidas:** Deslegitimación y Dogmática Jurídico-Penal. Buenos Aires: Ediar, 2013.

PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS NA ANÁLISE
COMPARADA ENTRE A CANÇÃO O POBRE E O RICO
(1961) E O LIVRO QUARTO DE DESPEJO (1960) DE
CAROLINA MARIA DE JESUS

PERSPECTIVAS INTERSECCIONALES EN EL ANÁLISIS
COMPARADO ENTRE LA CANCIÓN O POBRE E O RICO
(1961) Y EL LIBRO CUARTO DE DESPEJO (1960) DE
CAROLINA MARIA DE JESUS

Thaina de Santana Alencar¹
Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro²

Resumo: Na contemporaneidade, a música e a literatura têm sido utilizadas como poderosas ferramentas de transgressão por grupos subalternizados no Brasil. Essas formas de expressão artística são empregadas não apenas para dar voz a esses grupos, mas também para questionar as estruturas de poder estabelecidas. Um exemplo emblemático dessa utilização estratégica, encontra-se na obra de Carolina Maria de Jesus (1917-1977), uma escritora e cantautora que retratou com profundidade as complexidades presentes na sociedade marginalizada brasileira. Desse modo, é importante salientar que este trabalho é uma versão revista e atualizada da dissertação *Escrevivência e Dialogismo na obra de Carolina Maria de Jesus: análise dos enunciados nas canções do disco Quarto de Despejo (1961) à luz do livro homônimo*, defendida em 2024, pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA), na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Considerando esse contexto, e que em muitas de suas produções, Carolina aborda temáticas centrais para a compreensão das desigualdades sociais no Brasil, destacando, por exemplo, a dicotomia entre o pobre e o rico, o presente trabalho analisa, em perspectiva

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5811027209487091>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0605-2624>. E-mail: thaina.desalencar@gmail.com.

² Doutora pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5383755102469976>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0491-6385>. E-mail: simonebcr@yahoo.com.br.

comparada, como os universos da pobreza e da riqueza são representados na canção "O Pobre e o Rico", do disco *Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus Cantando Suas Composições* (1961), e na obra literária *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960). Para isso, a fundamentação teórica apoia-se nas ideias desenvolvidas por Lélia Gonzalez (1984), Conceição Evaristo (2020) e Carla Akotirene (2020), cujas contribuições são essenciais para entender as dinâmicas de gênero, raça e classe presentes nas produções de Carolina Maria de Jesus. A metodologia adotada é de caráter qualitativo e se estrutura a partir da análise comparada entre a canção e o livro. Tal abordagem permite uma exploração profunda do contexto socio-histórico em que ambas as obras foram produzidas, revelando as especificidades de cada uma. A análise busca, desse modo, identificar as intersecções e divergências na representação da pobreza e da riqueza, bem como a maneira pela qual Carolina Maria de Jesus constrói uma narrativa crítica sobre a realidade dos marginalizados em suas obras. Em síntese, os resultados obtidos indicam que a análise comparada entre a produção musical e literária de Carolina Maria de Jesus evidencia uma relevante relação intertextual. Essa relação não apenas engrandece a compreensão do universo apresentado pela autora em suas obras, mas também sublinha a relevância de suas contribuições para a literatura e a música como formas de resistência e transgressão social.

Palavras-chave: Quarto de Despejo. Canção. Interseccionalidade.

Resumen: En la contemporaneidad, la música y la literatura se han utilizado como poderosas herramientas de transgresión por grupos subalternizados en Brasil. Estas formas de expresión artística no solo se emplean para dar voz a estos grupos, sino también para cuestionar las estructuras de poder establecidas. Un ejemplo emblemático de esta utilización estratégica se encuentra en la obra de Carolina Maria de Jesus (1912-1977), una escritora y cantautora que retrató con profundidad las complejidades de la sociedad marginada brasileña. Así, es importante señalar que este trabajo es una versión revisada y actualizada de la disertación *Escrevivência e Dialogismo na obra de Carolina Maria de Jesus: análise dos enunciados nas canções do disco Quarto de Despejo (1961) à luz do livro homônimo*, defendida en 2024 en el Programa de Posgrado Interdisciplinario en Estudios Latinoamericanos (PPG-IELA) de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA).

Considerando este contexto, y que en muchas de sus producciones Carolina aborda temas centrales para la comprensión de las desigualdades sociales en Brasil, destacando, por ejemplo, la dicotomía entre pobres y ricos, el presente trabajo analiza, en perspectiva comparada, cómo los universos de la pobreza y la riqueza son representados en la canción *O Pobre e o Rico*, del disco *Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus Cantando Suas Composições* (1961), y en la obra literaria *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960). Para eso, el fundamento teórico se apoya en las ideas desarrolladas por Lélia Gonzalez (1984), Conceição Evaristo (2020) y Carla Akotirene (2020), cuyas contribuciones son esenciales para entender las dinámicas de género, raza y clase presentes en las producciones de Carolina Maria de Jesus. La metodología adoptada es de carácter cualitativo y se estructura a partir del análisis comparado entre la canción y el libro. Este enfoque permite una exploración profunda del contexto sociohistórico en el que ambas obras fueron producidas, revelando las especificidades de cada una. El análisis busca, de este modo, identificar las intersecciones y divergencias en la representación de la pobreza y la riqueza, así como la manera en que Carolina Maria de Jesus construye una narrativa crítica sobre la realidad de los marginados en sus obras. En síntesis, los resultados obtenidos indican que el análisis comparado entre la producción musical y literaria de Carolina Maria de Jesus evidencia una relación intertextual significativa. Esta relación no solo amplía la comprensión del universo presentado por la autora en sus obras, sino que también subraya la relevancia de sus contribuciones a la literatura y la música como formas de resistencia y transgresión social.

Palabras clave: Quarto de Despejo. Canción. Interseccionalidad.

Introdução

Carolina Maria de Jesus, escritora mineira e figura central na literatura brasileira, tornou-se reconhecida por sua obra mais difundida, *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960). Entretanto, pouco se conhece do LP onde a autora solta a voz cantando suas composições, lançado em 1961 pela gravadora RCA Victor. O disco explora ritmos populares como o samba, a valsa, a

marchinha, etc., e conta com letras irreverentes, carregadas de questões sociais e cotidianidade. Entre as faixas, a canção *O Pobre e o Rico* se destaca por seu teor crítico, abordando desigualdades sociais de maneira complementar a literatura da autora.

Assim, é fundamental pontuar de antemão que o presente trabalho é um fragmento da dissertação *Escrevivência e Dialogismo na obra de Carolina Maria de Jesus: análise dos enunciados nas canções do disco Quarto de Despejo (1961) à luz do livro homônimo*, defendida em 2024 no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA), da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Nessa perspectiva, o objetivo do presente texto é expor pontos da versão reformulada da análise entre a canção *O Pobre e o Rico* e o livro *Quarto de Despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus. Para tal, a fundamentação teórica se baseia nas ideias de Lélia Gonzalez (1984), Akotirene (2020) que se utiliza das perspectivas da interseccionalidade e de Conceição Evaristo (2020), com o conceito de escrevivência. A metodologia desta versão revisada articula uma análise comparada entre o livro *Quarto de Despejo* (1960) e a canção *O Pobre e o Rico*, com base em abordagens de literatura comparada. Em suma, espera-se que a revisão deste trabalho forneça uma compreensão mais profunda das convergências e divergências entre o livro *Quarto de Despejo* (1960) e a canção *O pobre e o Rico*, ampliando o entendimento sobre como a obra de Carolina Maria de Jesus dialoga com o tecido social em diferentes linguagens.

O texto se divide em 4 (quatro) seções, incluindo a introdução e considerações finais, sem contar com as referências bibliográficas. Após a introdução, tratam-se os conceitos de interseccionalidade e escrevivência e a importância desses para a análise comparada entre as obras. Em seguida, se traz algumas informações sobre o livro e a canção, além de apontamentos sobre aproximações e distanciamento entre as obras, para assim, chegar as considerações finais.

Interseccionalidade e escrevivência

O conceito de interseccionalidade vem ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas acadêmicas brasileiras, principalmente dentro das áreas das ciências sociais e humanas. Tendo como base as reflexões epistemológicas da feminista negra estadunidense Patricia Hill Collins, pontua Akotirene (2020, p. 21) que a interseccionalidade é um sistema de opressão interligado, em que raça, classe e gênero se entrelaçam de modo a aprofundar as desigualdades.

Originalmente cunhado por Kimberlé Crenshaw nos Estados Unidos na década de 1980, o conceito surge como uma ferramenta analítica que evidencia como diferentes formas de discriminação se sobrepõem, impactando especialmente a vida das mulheres negras. A intelectual Lélia Gonzalez (1984), também na década de 1980, destacava as complexas interações entre categorias sociais para descrever as dinâmicas do contexto brasileiro e seu impacto, sobretudo, nas vivências das mulheres negras. Levando em consideração a imersão na herança escravocrata que desagua no racismo em que se encontra a sociedade brasileira, como pontua Gonzalez (1984, p. 224), “nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular”.

Na atualidade, Akotirene (2020), ao retomar e aprofundar essa perspectiva, amplia as contribuições de Crenshaw e Gonzalez (1984) ao incorporar de forma explícita as especificidades estruturais da sociedade brasileira, examinando assim, como o racismo, o sexismo e a desigualdade econômica formam uma rede interligada e persistente de opressões.

Escancarar essa visão, ampliando a realidade interseccional vivenciada por grupos marginalizados, tem inspirado muitas intelectuais e escritoras negras no Brasil a abordarem esses temas em suas produções acadêmicas e literárias, criando um espaço onde a escrevivência é uma possibilidade.

Conceição Evaristo (2020) reitera a importância da escrevivência para pensar a literatura de autoria negra, considerando-a uma prática literária que transcende o simples ato de escrever e se afirma como um processo de autorrepresentação e resistência. A escrevivência, nesse sentido, emerge da necessidade de dar voz às vivências das populações negras e periféricas, abordando suas histórias e subjetividades com profundidade.

É importante dizer, ainda, que a histórica marginalização imposta pelo racismo e sexismo estruturais no Brasil tem dificultado, ao longo dos séculos, que mulheres negras alcancem a mobilidade social e o reconhecimento intelectual, reforçando a necessidade urgente de espaços onde suas vozes e experiências possam ser reconhecidas e valorizadas.

É por essas razões que a escrevivência e a interseccionalidade tornam-se fundamentais para este trabalho, uma vez que abordam a perspectiva de uma mulher negra e pobre que expõe as complexidades e contradições da realidade socioeconômica vivenciada pela maioria dos brasileiros na metade do século XX. Assim, ao transitar entre a literatura e a música para abordar as desigualdades sociais e o sofrimento imposto aos mais pobres, a autora utiliza duas linguagens diferentes que se complementam e ampliam seu alcance. Sua obra convida a reflexão não apenas sobre a pobreza, mas sobre as relações de poder que a perpetuam.

Distanciamentos e acercamentos: A interseccionalidade na escrevivência presente no livro *Quarto de Despejo* e na canção *O Pobre e o Rico*

O livro *Quarto de Despejo* (1960) de Carolina Maria de Jesus, é um universo particular, repleto de nuances, principalmente relacionadas às maiorias minorizadas, as quais a sociedade brasileira no geral insiste em invisibilizar. A narrativa do livro, desse modo, guarda as confissões, dores e sonhos de uma mulher que vive as margens de uma grande cidade. Derivado de diários manuscritos, escritos na década de 1950, *Quarto de Despejo* (1960)

transformou em palavras as realidades da vida nas favelas de São Paulo na metade do século XX. Assim, a autora leva o leitor a enxergar o mundo pelo seu olhar atento, crítico e direto.

Destaca-se que, além das denúncias, “O livro tem diversas passagens com tom poético, sendo simples de ler, mas difícil de digerir. O incômodo gerado pelas palavras de Carolina, em determinados momentos, relaciona-se com a narrativa sobre a sua condição de empobrecimento” (Alencar, 2024, p. 39). Tal condição de pobreza é explorada incansavelmente ao longo das páginas do livro, tornando-se um dos pilares da narrativa.

Nessa perspectiva, no livro *Quarto de Despejo* (1960), Carolina Maria de Jesus revela a pobreza como uma presença insistente, implacável, que molda o cotidiano e permeia a existência dos moradores da favela. Esse estado constante de escassez não se reflete apenas na falta de recursos básicos, mas também em como as relações sociais e emocionais vão se constituindo através das marcas de uma profunda vulnerabilidade. Por vezes no livro “A autora responsabiliza os políticos pela manutenção dos desníveis sociais” (Alencar, 2024, p. 111), já que esses só aparecem para pedir voto em período eleitoral e quando tomam o poder, viram a cara para os mais vulnerabilizados.

Como pontuado na dissertação da qual deriva esse trabalho, a canção *O Pobre e o Rico* reflete sobre duas realidades socioeconômicas distintas: a pobreza e a riqueza (Alencar, 2024, p. 105), como demonstrado na letra a seguir:

O Pobre e o Rico

É triste a condição do pobre na terra
Rico quer guerra pobre vai na guerra
Rico quer paz, pobre não sabe por que
Rico vai na frente, pobre vai atrás

Rico faz guerra pobre não sabe por que
Pobre vai na guerra tem que morrer

Pobre só pensa no arroz e no feijão

Pobre não se envolve nos negócios da nação
Pobre não tem nada com a desorganização

Pobre e rico vence a batalha
Na sua pátria rico ganha medalha
O seu nome percorre o espaço
Pobre não ganha nenhuma divisa no braço

Pobre e rico são feridos
Porque a guerra é uma coisa brutal
Só que o pobre nunca é promovido
Rico chega a marechal (Jesus, 2019, p. 122).

A canção, que faz parte do disco *Quarto de Despejo* (1961), “foi composta para ser apresentada na peça teatral *Quarto de Despejo*, uma adaptação do livro homônimo de Carolina, realizada por Edy Lima” (Alencar, 2024, p. 106), exibida em 1961. A canção, dessa forma, ecoa a temática de seu famoso livro, expondo as desigualdades sociais com uma crueza e uma sensibilidade próprias da autora. Enquanto o livro conquistou grande reconhecimento, o disco, infelizmente, não alcançou o mesmo êxito.

Considerando o exposto, para refletir sobre acercamentos e distanciamentos nas obras literária e musical de Carolina, é importante repensar sobre o que representa a questão da pobreza nas dinâmicas sociais do Brasil, principalmente quando vista através das lentes da interseccionalidade. Retomo, desse modo, a seguinte reflexão:

Há, no Brasil, a percepção geral de que as relações sociais se baseiam predominantemente na disparidade de classes, ignorando-se as relações raciais para o debate. Refletindo sobre a alta concentração da população negra entre as classes mais baixas, normaliza-se essa predominância negra em áreas periféricas devido à classe, afinal, esse grupo é geralmente desfavorecido economicamente. A reflexão chega e pára no ponto da classe. Desconsidera-se que em um país de herança escravocrata, é fundamental pensar as relações raciais para entender as estruturas. É necessário refletir no porquê a população negra é parte considerável dos pobres, e conseqüentemente, habitam lugares mais precários, como as favelas, tendo

piores colocações trabalhistas e representando números expressivos no que diz respeito a estatísticas sobre violência (Alencar, 2024, p. 107).

Assim, para ampliar a compreensão sobre as dinâmicas sociais no Brasil, torna-se essencial transcender a discussão de classe e incluir a questão racial e de gênero no debate, considerando os fatores histórico-sociais envolvidos.

Tal como no livro *Quarto de Despejo*, a canção analisada apresenta um enredo em que a figura dominante exerce controle sobre a população empobrecida. Essa é uma queixa central nas duas obras. No livro, diversas passagens retratam situações relativas à pobreza, como passar fome, viver em um lugar precário, matar mosquitos com a chama de um pedaço de jornal em chamas, ouvir os filhos pedindo roupas e sapatos sem poder fazer nada a respeito, pisar a lama nas margens do tietê após uma forte chuva, entre outros.

Muitas das pessoas a qual Carolina se refere quando conta sua cotidianidade no livro, tem marcadores explícitos, como a pobreza e o gênero. Entretanto, se observada de forma atenta, algumas passagens da obra literária pontuam a condição étnico-racial de algumas pessoas. Tendo em vista a história social do Brasil, não é infundado imaginar que em uma favela, nos anos 1950 em São Paulo, parte considerável dos habitantes eram negros, como ainda hoje, de fato são. A abolição da escravatura não assegurou amparo nenhum a população negra do Brasil. Muito pelo contrário, a abolição acentuou ainda mais a exclusão desse grupo, em detrimento de incluir os europeus que chegavam no pós-abolição para substituírem a mão-de-obra escrava por mão-de-obra assalariada. Assim, é importante pensar que

Se por um lado, existem grupos cujas cores, gêneros, sexualidade, classes, etc., são fatores determinantes para serem desproporcionalmente atirados às margens e ocuparem majoritariamente os lugares de subalternidade, por outro lado, existem outros grupos opostos aos referidos, ocupando o lugar de hegemonia. Isso não quer dizer, que todo branco no Brasil é rico e todo negro é pobre. Isso quer dizer que existe um sistema que assegura que

negros ocupem as camadas mais baixas da sociedade, partindo de uma lógica escravocrata, patriarcal e colonial, que está infiltrada na sociedade brasileira desde a sua formação (Alencar, 2024, p. 110).

Raça, classe e gênero, dessa maneira, se entrelaçam de modo a aprofundar as desigualdades narradas pela autora em ambas as obras, só que de maneiras menos explícitas quando se trata da questão de gênero e raça.

Há passagens interessantes no livro que dão cor aos poderosos e que vão de encontro dialógico com trechos da canção observada. Relata Carolina em seu diário que lhe pediram para pegar uns sacos de papel as margens do rio Tietê. Lá chegando, constatou que eram sacos de arroz em decomposição, cobertos de larvas. Horrorizada, se questionou: “Porque é que o homem branco é tão perverso assim? Ele tem dinheiro, compra e põe nos armazéns. Fica brincando com o povo igual gato com rato” (Jesus, 1960, p. 130). É interessante pontuar que o grupo poderoso é descrito por Carolina através das categorias de raça e gênero: homem branco. Em outra passagem, diz que “O Brasil é predominado pelos brancos” (Jesus, 1960, p. 102), demonstrando a consciência relativa à cor daqueles que dominam o país (Alencar, 2024, p. 111). Em outro momento do livro, a autora escreve: “Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações” (Jesus, 1960, p. 63). A passagem vai de encontro dialógico com o fragmento da canção que diz: “pobre não se envolve nos negócios da nação/Pobre não tem nada com a desorganização” (Jesus, 2019, p. 122). Essa passagem exemplifica como a substituição da palavra “branca” pela palavra “pobre” na canção adiciona uma nova camada de interpretação, deslocando a crítica racial para uma crítica de classe.

Destaca-se, assim, a importância de abordar os marcadores sociais de maneira interseccional tanto no livro *Quarto de Despejo* (1960) quanto na canção *O Pobre e o Rico*. Esses marcadores são essenciais para entender como as questões de classe, raça e gênero operam como uma força que não apenas restringem o acesso a

recursos, mas também reforçam a exclusão e o silenciamento de vozes periféricas, femininas, negras e tantas outras.

Nessa perspectiva, a escrevivência de Carolina revela a pobreza como uma experiência, que, por vezes, é atravessada de forma implícita por outras múltiplas opressões como raça e gênero. Dessa forma, tanto o livro quanto a música emergem como expressões culturais que iluminam a complexidade das opressões interseccionais e afirmam a importância de narrativas que confrontam diretamente as desigualdades sociais, sendo a obra literária mais abrangente com relação à intersecção de raça, gênero e classe, e a canção, especificamente a classe.

Considerações finais

No caminho até aqui percorrido, observaram-se importantes pontos sobre a comparação em perspectiva interseccional do livro *Quarto de Despejo* (1960) e da Canção *O Pobre e o Rico*, para entender o universo da pobreza em seus desdobramentos em ambas as obras. Assim, após a introdução, ao acercamento aos conceitos de interseccionalidade e escrevivência e ao desenvolvimento da comparação entre livro e a canção, o presente texto, por fim, encaminha-se para as considerações finais.

Enquanto na obra literária de Carolina Maria de Jesus a questão racial é central, evidenciando as limitações impostas à autora enquanto mulher negra, na música, a crítica é explicitamente voltada para a questão de classe, abordando a condição de marginalização econômica dos pobres. A questão de gênero, entretanto, não surge na canção, mas é central na obra literária, especialmente em relação à violência de gênero, tema que atravessa o livro e que também é abordado no disco, porém em outras canções.

Em suma, a voz da cantautora ressoa não apenas em um contexto de classe, mas também atravessada pelas categorias de raça e gênero. Livro e canção, desse modo, são potentes manifestos que desafiam as narrativas hegemônicas, abordando questões

sociais distintas e destacando como essas dimensões se interconectam para formar uma teia de opressões que ainda persiste. Essas opressões, no entanto, estão sendo gradualmente desveladas por agentes pertencentes as minorias marginalizadas, que, ao resgatarem obras como as de Carolina Maria de Jesus, iluminam as realidades descritas pela autora, há tanto tempo invisibilizadas.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: **Jandaíra**, 2020.
- ALENCAR, Thaina de Santana. **Escrevivência e Dialogismo na obra de Carolina Maria de Jesus**: análise dos enunciados nas canções do disco Quarto de Despejo (1961) à luz do livro homônimo. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Foz do Iguaçu, 2024.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, Cap. 2. p. 27-46, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- JESUS, Carolina Maria de. **O Pobre e o Rico**. *In*: Quarto de despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições. [Compositor e Intérprete]: Carolina de Jesus. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1961. 1 LP. Disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/>. Acesso em: 16 de mai. 2024.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. [Compositor e Intérprete]: Carolina de Jesus. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1961. 1 LP. Disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/>. Acesso em: 16 de mai. de 2024.
- JESUS, Carolina Maria de. **Clíris**: poemas recolhidos. Rio de Janeiro: Desalinho; Ganesha Cartonera, 2019.

MÃOS LITERÁRIAS: POEMAS HAICAIS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

LITERARY HANDS: HAIC POEMS IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE – LIBRAS

Carmen Elisabete de Oliveira¹
Lourdes Kaminski Alves²

Resumo: O *haikai* é uma forma poética criada no século XVI, e tem como característica ser um poema conciso e objetivo, e que, originalmente são compostos com temas relacionados ao cotidiano e à natureza. Os haicaístas modernos exploram outros temas como o amor, os sentimentos do eu lírico, os problemas sociais, dentre outros, e o fazem com grande carga poética. O poema *haikai* em Libras é um gênero que circula em territórios específicos como Festivais Culturais dos surdos brasileiros, Cursos de Letras/Libras, porém ainda é desconhecido em muitas comunidades surdas, além disso, é pouco explorado em pesquisas acadêmicas. Nesse contexto, o objetivo deste estudo é evidenciar que o surdo pode ser sensibilizado para criar esses poemas, expressá-los por meio da Libras e registrá-los pelo sistema de escrita *SignWriting* (SW), potencializando assim a sua experiência leitora no entendimento das fronteiras entre culturas e interartes. Temos como substrato teórico Carvalhal (2003), Canclini, (2011), Paiva e Martins et.al. (2006), Paz (1991), Sutton-Spence (2008- 2021), Kaneko, (2008). A metodologia, tem uma abordagem qualitativa descritiva, sustentada na pesquisa-ação. É, também, uma abordagem etnolibras, que considera aspectos étnicos e culturais relacionados à comunidade surda brasileira e à sua língua. Para alcançar o objetivo, foi ofertado um curso presencial de 30 horas sobre o gênero *haikai* em Língua de Sinais e em Libras. As atividades

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/964593692078106>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8434-7962>. E-mail: bety.interprete@gmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2502060350876295>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5108-4927>. E-mail: lourdes.kaminski@gmail.com.

desenvolvidas no curso contemplaram a parte teórica, oficinas de criação e expressão dos poemas em Libras, além do registro dos poemas pela escrita SW. Os participantes tiveram vivências significativas com os *haicais*, nas quais a arte, a língua, a intermedialidade, as imagens, são elementos construtores de uma nova forma de expressão artística. Como resultado deste estudo, temos uma coletânea com os *haicais* em escrita *SignWriting*, além da produção poética filmada em Libras, que o leitor pode ser acessar por meio do QRcode. Espero, por fim, ampliar a socialização dos resultados por meio de artigos, cursos, rodas de conversas, oficinas, envolvendo estudantes e professores, com interesse no estudo proposto.

Palavras-chave: Literatura em Libras. *Haikai*. Libras.

Abstract: The haiku is a poetic form created in the 16th century, characterized by being a concise and objective poem that originally focused on themes related to everyday life and nature. Modern haiku poets explore other themes such as love, emotional experiences of the lyrical self, social issues, among others, and do so with great poetic depth. The haiku poem in Brazilian Sign Language (Libras) is a genre that circulates in specific territories such as Cultural Festivals for the Brazilian deaf community and Courses in Language Studies/Libras; however, it remains largely unknown in many deaf communities and is underexplored in academic research. In this context, the aim of this study is to highlight that deaf individuals can be encouraged to create these poems, express them through Libras, and document them using the *SignWriting* (SW) system, thereby enhancing their reading experience in understanding the boundaries between cultures and interarts. The theoretical framework includes the works of Carvalhal (2003), Canclini (2011), Paiva, Martins et al. (2006), Paz (1991), Sutton-Spence (2008-2021), and Kaneko (2008). The methodology adopts a descriptive qualitative approach, supported by action research. It also includes an ethnolibras approach, considering the ethnic and cultural aspects related to the Brazilian deaf community and its language. To achieve this goal, a 30-hour in-person course on the haiku genre in Sign Language and Libras was offered. The activities developed in the course included theoretical discussions, workshops for creating and expressing poems in Libras, as well as recording the poems using SW writing. Participants had

significant experiences with haikus, where art, language, intermediality, and imagery were key elements in building a new form of artistic expression. As a result of this study, we have a collection of haikus written in *SignWriting*, along with filmed poetic productions in Libras, which readers can access via QR code. Finally, I hope to expand the dissemination of the findings through articles, courses, discussion groups, and workshops, engaging students and teachers interested in the proposed study.

Keywords: Literature in Libras. Haiku. Libras.

Introdução

A literatura é vista como uma forma de arte que possui características singulares, capaz de refletir a identidade de uma comunidade específica e, resguardar suas memórias por meio de registros que expressam aspectos da sua cultura, imaginação, história e subjetividades. Os povos que se comunicam por meio da língua oral têm uma tradição literária. Da mesma forma, as pessoas surdas também criam sua própria literatura, intimamente ligada à história e a cultura do povo surdo. Essa literatura é diversificada e abarca diversos gêneros literários, como as narrativas, o humor, o cordel, as lendas, os contos, autobiografias e poemas. É abordada sob a perspectiva socioantropológica, que valoriza e reconhece a diferença cultural e linguística dos surdos.

Neste estudo, destaca-se os poemas que na cultura surda exploram significados e emoções por meio da língua de sinais. Um exemplo desse gênero é o *haikai*, também conhecido como *Haiku*, que é uma forma lírica e poética de origem japonesa, presente na literatura de muitos povos. Em continuidade e no diálogo com os estudos de Kaneko (2008)³, a partir desse tema, têm-se como proposta, conhecer e aprofundar estudos sobre a Literatura em

³ No portal da Universidade de Bristol, no Reino Unido, encontra-se a tese de Michiko Kaneko (2008), intitulada *The poetics of Sign Language Haiku (A poética do Haikai em Linguagem de Sinais)*.

Libras com o gênero lírico *haikai*. Pretende-se responder a questão central: a pessoa surda pode ser sensibilizada poeticamente por meio da criação, expressão e do registro de *haicais* em Libras?

O objetivo é evidenciar que, o surdo pode ser sensibilizado poeticamente por meio de vivências significativas com o *haikai*, é capaz de compor esses poemas, expressá-los através da Libras, e registrá-los pelo sistema de escrita *SignWriting*, ampliando sua experiência de leitura e compreensão das fronteiras entre culturas e interartes.

A metodologia, tem uma abordagem qualitativa descritiva, sustentada na pesquisa-ação. É, também, uma abordagem etnolibras, que considera aspectos étnicos e culturais relacionados à comunidade surda brasileira e à sua língua. Para atingir esse objetivo, foi oferecido um Curso de Extensão voltado para pessoas surdas, com o tema “Literatura em Libras”, com ênfase nos *haicais*. O curso está vinculado ao Núcleo de Estudos Comparados e Pesquisas em Literatura, Cultura, História e Memória na América Latina (NuECP), coordenado pela professora Dra. Lourdes Kaminski Alves. As atividades desenvolvidas contemplaram a parte teórica, oficinas de criação e expressão dos poemas em Libras, além do registro dos poemas pela escrita SW.

Embora o *haikai* seja conhecido e divulgado mundialmente entre os povos surdos. No Brasil, os poetas e a comunidade surda recentemente começaram a se apropriar do estilo; por essa razão, há escassez de produções sinalizadas dentro desse gênero literário. Espera-se que o aprendizado e a documentação desses poemas pelos surdos, por meio da Libras e pelo sistema de escrita de sinais (SW), sejam incorporadas às práticas literárias da comunidade surda. Essa inclusão, pode contribuir para a formação de um novo corpus de estudo, fortalecendo as pesquisas em Literatura Surda em Libras e seus aspectos estéticos literários.

Haicais em Línguas de Sinais

Haiku ou *Haikai*⁴ é o gênero poético mais curto do mundo, e surgiu com o poeta japonês - Matsuo Bashō (1644-1694), considerado o responsável por estabelecer sua forma clássica no Japão. O *haikai* é um poema, curto, objetivo, com forma específica, que respeita a métrica e o molde oriental, sendo uma arte poética que valoriza o simples, no intuito de conduzir o leitor a um estado contemplativo e descritivo das imagens capturadas pelo poeta e que são expressas no poema.

De acordo com Kaneko (2008), o *haiku* japonês é capaz de capturar momentos da vida e representá-los por meio de palavras em uma linguagem arcaica, mas é escrito de forma que o leitor compreenda e busque os sentidos nas entrelinhas. A linguagem simples amplia as possibilidades de interpretação, assim o escritor pinta uma cena poética, permitindo que cada um compreenda a obra de acordo com suas próprias emoções e experiências. A beleza do *haikai* está na liberdade de interpretação que oferece ao leitor, além disso, o poeta busca criar o efeito máximo com o mínimo de palavras; por isso tem como característica principal a brevidade.

Embora os *haikus* tradicionais sigam regras restritas, tanto em sua forma quanto em seu tema, essa rigidez nem sempre se aplica ao *haikai* na língua de sinais, em razão de que eles representam a fusão de duas tradições poéticas: a linhagem da forma de arte tradicional japonesa e a rica herança da arte e poesia dos surdos.

A professora e pesquisadora Michiko Kaneko (2008), referência para este estudo, organizou no ano de 2006, em Bristol (Reino Unido), o Festival *British Sign Language Haiku*, onde trabalhou na criação de *haiku* em *British Sign Language*, também conhecida como BSL. O evento reuniu pessoas da comunidade surda internacional e contou com a participação de poetas surdos do Reino Unido. Para Kaneko (2008, p.55. tradução livre), “[...]Tais ocasiões como os festivais de poesia contribuem para a consciência

⁴ Nesta pesquisa é adotada a escrita haikai para esse gênero.

pública de que os surdos, uma minoria cultural-linguística, realmente possuem uma literatura⁵". Esse evento fez parte da sua tese, intitulada *The Poetics of Sign Language* (2008), inspiração para este estudo.

Na sua pesquisa, Kaneko (2008) destaca que, o *haiku* em língua de sinais é um gênero poético que se alinha com as experiências visuais dos surdos. Esses poemas muitas vezes refletem as questões culturais e a visualidade que caracteriza a forma como os surdos interagem com o mundo, enfatizando as expressões faciais e a carga emocional na sinalização.

[...] em termos de temas, *Haiku* com linguagem de sinais herda tópicos ligados à natureza da disciplina tradicional de *Haiku*, mas também acrescenta questões de surdez e identidade do corpo maior da poesia da linguagem gestual. Em termos de características formais, o *Haiku* da linguagem de sinais aproveita ao máximo sua natureza visual-espacial, resultando em linguagem altamente expressiva, emocional e incorporada. (Kaneko, 2008, p. 12, tradução livre)⁶.

O valor estético do poema é intensificado pelo conhecimento e pelas habilidades do sinalizador na utilização de recursos linguísticos. A forma como esses poemas são apresentados pode tornar a experiência literária ainda mais interessante para o leitor. Para ilustrar apresento o processo de sensibilização poética de um professor surdo durante o curso de extensão. Informo que o poema apresentado ainda não está escrito em *SignWriting*, pois o material da tese não foi concluído.

⁵ Texto original: "[...] such occasions as poetry festivals contribute to public awareness that Deaf people, a cultural linguistic minority, really possess a literature" (Kaneko, 2008, p. 55).

⁶ Texto original: "[...] in terms of themes, Haiku with Sign Language inherits topics connected to the nature of the traditional discipline of Haiku, but also adds issues of deafness and identity to the larger body of sign language poetry. In terms of formal characteristics, sign language Haiku takes full advantage of its visual-spatial nature, resulting in highly expressive, emotional, and embodied language" (Kaneko, 2008, p. 12).

A criação desses poemas para iniciantes, especialmente para uma pessoa surda, é um processo que envolve sensibilidade, percepção dos sinais, e a imersão em descobertas literárias e expressões poéticas da cultura surda, que transformam os sinais em arte visual. Este foi o percurso de um professor surdo⁷ que, ao vivenciar a elaboração de *haicais* em Libras, sentiu-se desafiado em relação as escolhas poéticas e ao uso dos recursos linguísticos e estéticos. Neste ensaio, ele incorpora elementos dos *haicais* em Línguas de Sinais que se caracterizam não apenas pela descrição da cena, mas também por incluir pistas ao visualeitor⁸, indicando o caminho até a captura daquele momento.

Durante o curso ele explorou diferentes formas de produção de *haicais*, que lhe permitiu se sentir mais seguro em relação à sua capacidade de se expressar por meio de poemas. Ele relata em um depoimento que *“não é difícil criar um haikai, mas é preciso praticar, pois é um exercício que envolve a escolha de sinais que se complementam para transmitir a mensagem da imagem, envolve também as escolhas das estratégias certas para representar em Libras. É interessante e desafiador, o surdo precisa usar a criatividade!”*. O *haikai* intitulado *“Árvore das Mãos Surdas”*, é uma obra criada por esse poeta ao término do curso, refletindo o aprendizado e as decisões que tomou em sua jornada poética.

Conforme Sutton-Spence (2008, p.329), *“a poesia também ‘empodera’ a população surda. O empoderamento pode ocorrer simplesmente por se usar a língua, ou pela mensagem que por ela é transmitida”*. O poeta criou um poema que revela esse fortalecimento, ao expressar uma mensagem especial através de suas mãos e da Libras.

⁷ Formado em Pedagogia e professor de Libras, Especialização em Educação.

⁸ Expressão criada por Mourão (2016). Proponho visualiterária para referir aos textos literários em línguas de sinais, na modalidade visual dessa língua. Penso que o termo *“visualiterária”* [...] valoriza a visualidade do povo surdo e produz significados em sinais, utilizando recursos estéticos e a arte de sinalizar (Mourão, 2016, p.19).

⁹ Tradução livre da sua fala em Libras.

Figura 1- *Haikai* Árvore das Mãos Surdas



Fonte: A autora (2024).

No poema, ele utiliza uma metáfora, talvez, de modo inconsciente, que sutilmente remete a um período histórico de cem anos (1880-1980), durante o qual os surdos foram proibidos de se comunicar em sua língua, sendo forçados pelos professores ouvintes a aprender a oralizar. No entanto, os surdos resistiram e continuaram a utilizar a Língua de Sinais às escondidas. Esse período pode ser comparado a uma sementinha enterrada que espera o momento certo para germinar, florescer e se transformar em uma bela árvore.

Essa resistência fortaleceu a língua e a cultura surda que, após esse período de opressão, se desenvolveu até se transformar em uma árvore frondosa, metaforicamente representada na imagem pela mão espalmada. Atualmente, seus frutos reconhecidos são: o reconhecimento como língua, a visibilidade linguística e cultural, além das produções literárias que evidenciam a identidade e as experiências do povo surdo. A imagem é considerada um ícone visual da liberdade de expressão dos surdos pela Língua de Sinais. Enfim, nesse processo de aprendizado do autor, a lagarta virou uma linda borboleta...

Considerações Finais

Incluir os poemas haicais em Libras com os professores surdos foi um desafio, mas também uma jornada enriquecedora tecida por meio de parcerias. Esse processo envolveu o compartilhamento de

conhecimentos e aprendizado mútuo com a comunidade surda, sobretudo por acompanhar de perto o processo de sensibilização dos participantes, que culminou na criação de suas produções em *haikai* em Libras, resultando em uma experiência pedagógica literária significativa.

O *haikai* em Língua de Sinais e em Libras representa uma fusão de duas formas poéticas: a arte tradicional da língua japonesa falada e escrita e a poesia em língua de sinais. Embora algumas ideias originais do *haiku* sejam incompatíveis com a língua visual e espacial, poetas surdos e admiradores desse gênero, buscam alternativas e adaptações culturais e linguísticas para que os *haicais* se tornem cada vez mais conhecidos e apreciados dentro da comunidade surda.

Nos Festivais de Folclore da Cultura Surda realizados em diversos países, destacam-se a participação de poetas surdos reconhecidos internacionalmente pela comunidade surda, que encantam o público com suas apresentações criativas e envolventes de *haicais*. No entanto, muitas das produções e inovações relacionadas a esses poemas permanecem limitadas aos participantes dos festivais, por isso no Brasil, ainda temos poucas produções acadêmicas e um número reduzido de poetas surdos dedicados a esse gênero.

As atividades literárias com *haicais* em Libras, possibilita responder uma das perguntas propostas para a tese: O estudante surdo pode ser sensibilizado poeticamente por meio da criação, da expressão e do registro de *haicais* em Libras? A resposta é afirmativa, os surdos podem e desejam ser sensibilizados para o trabalho com a literatura. No entanto, essa abordagem ainda é pouco explorada na educação de surdos, e observa-se que o mesmo acontece na educação de ouvintes. Embora não nos aprofundemos aqui nas causas desse cenário, é inegável que a formação dos professores em relação à leitura desempenha um papel fundamental nesse processo.

Constatou-se que para as pessoas surdas, a criação de *haicais* representa a imersão em um processo cultural significativo. Essa

experiência é valiosa, pois proporciona o contato com a cultura oriental, enriquecendo o conhecimento e o entendimento da arte poética japonesa. Além disso, possibilita que esses indivíduos participem de experiências visuais únicas e explorem a arte e a poesia surda de maneira livre e criativa, especialmente por meio de encontros interartes.

Referências

- KANEKO, Michiko. **The poetics of sign Language Haiku** – A poética do *Haikai* em Linguagem de Sinais. Thesis (Doctorate in Philosophy) – Centre for Deaf Studie. Bristol University, July 2008. Available in: <https://research-information.bris.ac.uk/en/studentTheses/the-poetics-of-sign-languagadae-haiku>. Acesso em 8 nov. 2024
- MOURÃO, Cláudio. **Literatura surda: experiência das mãos literárias**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/151708>. Acesso em: 16 set. 2024.
- SUTTON-SPENCE, Raquel. **Literatura em Libras**. [Livro eletrônico]. Tradução de Gustavo Gusmão. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2021. Disponível em: http://files.literaturaemlibras.com/Literatura_em_Libras_Rachel_Sutton_Spence.pdf. Acesso em: 7 nov. 2024.
- SUTTON-SPENCE, Raquel, et.al. Antologias Literárias em Libras. **Dossiê- Fórum Linguístico**. Florianópolis. Vol.17. n.4. p.5505-5525. Out/Dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77279/45488> Acesso em 17 out.2024.

ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

DIALOGICAL DISCOURSE ANALYSIS: THEORETICAL- METHODOLOGICAL FOUNDATIONS

Tatiana Fasolo Bilhar de Souza¹
Terezinha da Conceição Costa-Hübes²

Resumo: O Círculo de Bakhtin – grupo de intelectuais russos de formação acadêmica e atuações profissionais diversas – desenvolveu importantes reflexões filosóficas sobre as relações entre a linguagem, o homem e a sociedade, apresentando-nos à Concepção Dialógica de Linguagem (de ora diante, CDL). Em tal concepção, o homem é compreendido como um ser histórico que, ao fazer uso da língua(gem), produz enunciados a partir de uma posição de sujeito sócio-historicamente situado que necessita interagir com o outro. A língua(gem) é entendida como uma prática social e sua materialidade verbo-visual concretizada em enunciados só ganha sentido(s) quando inserida em um contexto, de modo que não é possível dissociar os usos da língua(gem) de seu conteúdo extraverbal (ou social) e ideológico. Com base em tal perspectiva, pesquisadores brasileiros vêm cunhando/desenvolvendo uma proposta teórico-metodológica de análise de enunciados, a qual denominam como Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD). A ADD se insere no campo dos estudos discursivos e surge a partir dos pressupostos sobre a língua(gem) presentes em textos cuja autoria é atribuída a Bakhtin, a Volóchinov e a Medviédev no conjunto da obra creditada ao Círculo de Bakhtin. Tal proposta, no entanto, ainda precisa ser mais divulgada entre estudiosos da área de Letras e professores que atuam em sala de aula. Assim, esta pesquisa – que caracteriza um recorte de nossa tese de doutorado – busca discutir a ADD, apresentando seus fundamentos teórico-metodológicos. Trata-se de

¹ Doutora pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8321530831837491>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0143-3321>. E-mail: tatianabilhar@gmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5764532456858431>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9063-7982>. E-mail: tehubes@gmail.com.

uma proposta profícua, uma vez que possibilita reconhecer e discutir as ideologias e as valorações imbricadas nos enunciados, considerando o contexto social mais amplo e a situação de interação mais específica em que são produzidos, podendo contribuir para um trabalho mais significativo com a língua(gem) em sala de aula.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso. Círculo de Bakhtin. Concepção Dialógica de Linguagem.

Abstract: The Bakhtin circle – a group of Russian intellectuals with academic training and diverse professional activities – developed important philosophical reflections on the relations between language, man and society, presenting us to the Dialogical Conception of Language (DCL). In such conception, man is understood as a historical being, who, when using language, produces utterances from his position as a socio-historically situated subject who needs to interact with others. Language is taken as a social practice and its verbal-visual materiality takes shape in utterances, that only mean when inserted in a context, so that it is not possible to dissociate the uses of language from its extraverbal (or social) and ideological content. Based on this perspective, Brazilian researchers have been developing a theoretical-methodological proposal for analyzing utterances, which they call Dialogical Discourse Analysis (DDA). DDA falls within the field of discursive studies and is based on the assumptions about language present in texts whose authorship is attributed to Bakhtin, Voloshinov and Medvedev in the set of works credited to the Bakhtin circle. This proposal, however, still needs to be further disseminated among scholars in the area of Arts/Languages and teachers who work in schools. Thus, this research – which is part of our doctoral dissertation – intends to discuss DDA, presenting its theoretical-methodological foundations. This is a fruitful proposal, as it makes it possible to recognize and discuss the ideologies and valuations embedded in the utterances, considering the broader social context and the specific interaction situation in which they are produced, and may contribute to a more meaningful teaching of language in schools.

Keywords: Dialogical Discourse Analysis. Bakhtin circle. Dialogical Conception of Language.

Palavras Iniciais

A Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD) se insere no campo dos estudos discursivos como proposta cunhada e desenvolvida por pesquisadores e interpretadores brasileiros a partir de textos do Círculo de Bakhtin – grupo de intelectuais russos de formação acadêmica e atuações profissionais diversas, que desenvolveu importantes reflexões filosóficas sobre as relações entre a linguagem, o homem e a sociedade, apresentando-nos à Concepção Dialógica de Linguagem (de ora diante, CDL).

Em tal concepção, o homem é compreendido como um ser histórico que, ao fazer uso da língua(gem)³ produz enunciados a partir de uma posição de sujeito sócio-historicamente situado que necessita interagir com o outro. Para isso, planeja seu discurso, projetando em seu interlocutor a sua concreticidade. A posição social que ocupa ao enunciar, o(s) interlocutor(es) a quem se dirige e a posição social que ele(s) ocupa(m), o local e o momento em que a interação acontece, a finalidade com que enuncia são fatores que determinam os usos que faz da língua(gem). Assim, a língua(gem) é entendida como uma prática social e sua materialidade verbo-visual⁴ só ganha significado quando inserida em um contexto, de modo que não é possível dissociar os usos da língua(gem) de seu conteúdo extraverbal (ou social) e ideológico.

Com base em tal perspectiva, pesquisadores brasileiros vêm cunhando/desenvolvendo uma proposta teórico-metodológica de análise de enunciados, a ADD, que se insere no campo dos estudos discursivos e surge a partir dos pressupostos sobre a língua(gem)

3 Optamos pelo uso da expressão “língua(gem)”, pois, numa perspectiva dialógica, os conceitos de língua e linguagem se imbricam, uma vez que, conforme os estudos do Círculo de Bakhtin, uma comporta a outra.

4 Embora o Círculo de Bakhtin tenha se debruçado sobre a linguagem verbal, recorro à expressão **verbo-visual** (Brait, 2013) para contemplar os gêneros multimodais, por acreditar que os demais recursos semióticos – além da linguagem verbal – são tão relevantes quanto os recursos linguísticos na composição e análise dos textos-enunciados.

presentes em textos cuja autoria é atribuída a Bakhtin, a Volochinov e a Medviédev no conjunto da obra creditada ao Círculo de Bakhtin.

Tal proposta, no entanto, ainda precisa ser mais divulgada entre estudiosos da área de Letras e professores que atuam em sala de aula. Assim, esta pesquisa – que caracteriza um recorte de nossa tese de doutorado – busca discutir a ADD, apresentando seus fundamentos teórico-metodológicos. Para dar conta do proposto, o artigo está dividido em duas sessões, além destas palavras iniciais e das palavras finais: uma que trata da concepção dialógica de língua(gem) e outra que aborda a ADD.

A concepção dialógica língua(gem)

Os membros do Círculo de Bakhtin nos legaram uma compreensão dialógica da língua(gem), para a qual o conceito de discurso é central, uma vez que, segundo Bakhtin (2018[1963]), o discurso seria “[...] a língua em sua integridade concreta e viva” (Bakhtin, 2018[1963], p. 207). Ao Círculo, interessa a língua(gem) em uso, que se materializa em enunciados concretos e únicos, os quais – moldados em gêneros discursivos conforme a esfera social de atividade humana em que se dá a interação discursiva – são “produção de discurso” (Bakhtin, 2011[1979], p. 334). O discurso, dentre outras coisas, diz respeito ao que a língua(gem) pode comunicar quando efetivamente utilizada num recorte espaço-temporal específico, e às valorações que construímos sobre o objeto do dizer; é a língua preenchida pela vida e pela ideologia. Ele se manifesta por meio de um sistema de signos – do qual nos valem para construir nossos enunciados –, mas extrapola tal materialidade linguística, de modo que, para o Círculo, não é possível estudar o enunciado apenas sob a perspectiva da linguística, já que “o enunciado como um todo não existe para a linguística” (Volóchinov, 2018[1929], p. 195).

Pensar a língua(gem) na perspectiva do Círculo de Bakhtin, implica considerar os processos de interação, nos quais se

produzem os discursos. Esses processos incluem uma gama de elementos extraverbiais que determinam os enunciados. Volóchinov afirma: “A situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (Volóchinov, 2018[1929], p. 206). Em outras palavras, o cronotopo – que refere o recorte tempo-espacial em que se dá a interação e inclui a situação e os participantes da interação, o contexto social, histórico, político, econômico e cultural mais amplo em que eles estão inseridos – é que determina a estrutura do enunciado (ou o gênero em que se molda). O cronotopo não influencia os enunciados como um elemento externo, mas se engendra neles, delineando todos os seus elementos, moldando-os, tornando-se parte deles, de modo que os enunciados não apenas representam, mas também expressam valorações sobre o mundo real.

Assim, para o Círculo, a língua(gem) em uso nunca é neutra. Constituída de signos ideológicos, que não apenas refletem, mas também refratam a realidade que representam e que ganham sentido conforme o contexto em que são empregados, a língua(gem) sempre comunica posicionamentos axiológicos, valorações sobre o objeto da enunciação; ela é “ideologicamente preenchida” (Bakhtin, 2015[1930], p. 40). Os discursos, desse modo, são também ideológicos e só podem ser compreendidos se (re)conhecermos o contexto social e a situação de interação que levaram à sua produção, o que implica também o (re)conhecimento das relações dialógicas – relações de sentido – com outros discursos. A língua(gem), desse modo, “[...] não pode ser dissociada de seus falantes e de seus atos, das esferas sociais, dos valores ideológicos” (Rodrigues, 2005, p. 156), uma vez esses elementos a constituem.

É a partir dessa compreensão de língua(gem) que surge a ADD.

Análise Dialógica do Discurso

Conforme Brait (2014[2006]), o Círculo de Bakhtin não propôs formalmente uma teoria e/ou análise do discurso. Contudo, ainda que “[...] Bakhtin, Voloshinov, Medveded e outros participantes do que atualmente se denomina Círculo de Bakhtin jamais tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada”, é possível sustentar que suas obras motivaram “[...] o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso” (Brait, 2014[2006], p. 9-10).

Assim, o que hoje “[...] se convencionou denominar, no Brasil, de Análise Dialógica do Discurso” (Franco; Acosta Pereira; Costa-Hübes, 2019, p. 276) é uma proposta de teoria e análise do discurso criada a partir dos pressupostos sobre a língua(gem) presentes nos textos do Círculo. A ADD nasce da CDL, e, portanto, se apoia nesses pressupostos,

[n]a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas. Mais ainda, esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados. (Brait, 2014[2006], p. 10)

Trata-se de realizar análises que extrapolem o material linguístico, observando também os discursos e as relações dialógicas, a fim de discutir os sentidos produzidos pelos enunciados a partir da relação com o contexto em que a enunciação acontece.

Para analisar os enunciados, Bakhtin sugere uma nova disciplina, a Metalinguística – ou Translinguística – que se ocuparia “[...] daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística” (Bakhtin,

2018[1963], p.207). Sua proposta, conforme o filósofo russo, é a de que suas análises sejam complementares às da Linguística, de modo que o olhar para o texto não se dê num enfoque rigorosamente linguístico, centrado exclusivamente na sua materialidade textual.

Ambas as análises – linguística e metalinguística – são, portanto, essenciais à perspectiva bakhtiniana. Uma não deve excluir a outra. E o Círculo também indica a ordem para desenvolver uma análise dialógica da língua(gem) que congregue as duas. Considerando que “[...] os enunciados são as unidades reais do fluxo da linguagem” (Volóchinov, 2018[1929], p. 221), e que “o enunciado como tal é inteiramente um produto da interação social, tanto a mais próxima, determinada pela situação da fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante” (Volóchinov, 2018[1929], p. 216), Volóchinov (2018[1929]) indica que o estudo da língua(gem) deve partir do extralinguístico para o linguístico:

[...] a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (Volóchinov, 2018[1929], p. 220)

Essas “diretrizes metodológicas para o estudo da língua” (Acosta Pereira, 2016, p. 5) compreendem uma perspectiva sociológica de análise, uma vez que partem do social, do contexto, para só depois se centrarem nas formas linguísticas. A ordem apresentada por Volóchinov (2018[1929]) – do social para o linguístico – orienta o pesquisador para as etapas que ele deve seguir ao analisar a língua, “[...] ratificando o pressuposto de que a comunicação verbal só pode ser explicada a partir do vínculo com a situação concreta de interação” (Acosta Pereira, 2016, p. 5).

A primeira dessas etapas diz respeito ao estudo dos cronotopos, do contexto em que a enunciação ocorre. Logo, “a análise da esfera de atividade humana e do cronotopo passam a ser rotas iniciais de investigação por parte do pesquisador” (Acosta Pereira, 2016, p. 5). Para cada um dos enunciados analisados, desse modo, buscamos recuperar o contexto/momento histórico, social, cultural e político em que se deu sua produção, bem como por quem, para quem e para que foram produzidos, o que contribui para (re)conhecer as valorações marcadas nos textos.

A segunda etapa metodológica proposta por Volóchinov (2018[1929]) remete ao gênero discursivo em que os enunciados se moldam. Nessa etapa, o gênero “[...] recebe o olhar analítico do pesquisador para, em relação direta com a análise da dimensão social, direcionar a rota analítica para as regularidades verbais e verbo-visuais do gênero” (Acosta Pereira, 2016, p. 6). Trata-se, aqui, de discutir, a partir da situação de interação, a forma típica do enunciado produzido, uma vez que a forma, conforme Rodrigues (2005), impacta em seu conteúdo temático, estilo e suas projeções dialógico-estilístico-composicionais.

Por fim, na terceira etapa, nos debruçamos sobre a análise das *formas da língua* na perspectiva sociológica, buscando “[...] entender quais os sentidos que são agenciados no uso de determinadas formas linguística no gênero do enunciado” (Acosta Pereira, 2016, p. 6). É nesse momento que, balizadas pelas duas etapas anteriores, focamos nos sentidos construídos pela materialidade verbo-visual em sua relação com o contexto de produção dos enunciados. Trata-se de observar como os recursos da linguagem são agenciados para compor um projeto de dizer. Essa análise nos possibilita investigar como o verbo-visual é determinado pelo social, como o enunciado expressa valorações e estabelece relações dialógicas com outros discursos e enunciados.

Nesse processo, em que se buscam os sentidos produzidos, não há, conforme Brait (2014[2006]), Rohling (2014), Acosta Pereira (2016), Ruiz (2017), Franco, Acosta Pereira e Costa-Hübes (2019), entre outros estudiosos da ADD, categorias pré-definidas para as

análises, pois, na CDL, operacionalizar conceitos pré-estabelecidos para as análises, resultaria em um processo mecânico, que vai contra o dialogismo bakhtiniano. Na ADD, é preciso ir e vir ao texto-enunciado, num movimento dialógico com os dados. As regularidades ascendem do enunciado, dos sentidos produzidos pelos discursos e pelas relações dialógicas expressas por meio da materialidade linguística realizada em um contexto específico.

Assim, nas análises discursivas sob a perspectiva da ADD, um caminho possível a ser seguido é o mesmo dos passos do método sociológico de Volóchinov (2018[1929]): observam-se os **discursos** materializados nos textos-enunciados, analisando-os em relação: 1) aos seus **cronotopos**, atravessados por ideologias e axiologias ou posicionamentos axiológicos; 2) às **relações dialógicas**, também ideológicas e axiológicas; 3) à **esfera social** ou campo de atividade humana que os organiza, compreendida como o lugar em que os discursos e os **gêneros do discurso** em que os enunciados se moldam, se constituem, funcionam e circulam, e dentro das quais acontecem as situações de interação específicas que motivaram sua produção. A partir desse olhar para o social, chegamos: 4) à análise do **texto-enunciado** em si, da materialidade verbo-visual, que corresponde ao estudo dos recursos lexicais, gramaticais, textuais, semióticos, enunciativos-discursivos do enunciado. Não se trata, contudo, de estabelecer previamente categorias de análise, as quais só podem emergir do movimento de ir e vir ao *corpus*, mas de pontuar um percurso teórico-conceitual que possa para orientar as análises a serem desenvolvidas.

Considerações finais

A ADD considera que todo e qualquer uso de linguagem é ideológico: é realizado por alguém, para alguém, com determinado objetivo e em dado momento histórico e social. Dessa forma, favorece uma ou outra compreensão sobre seu objeto de discurso. Nenhum enunciado, portanto, é neutro. Trata-se de uma proposta profícua para o estudo da língua(gem) em uso, uma vez que

possibilita reconhecer e discutir as ideologias e as valorações imbricadas nos enunciados, considerando o contexto social mais amplo e a situação de interação mais específica em que são produzidos, podendo contribuir também para um trabalho mais significativo com a língua(gem) em sala de aula.

Referências

- ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. A orientação sociológica para a análise da língua: posições metodológicas nos escritos do Círculo de Bakhtin. **Letra Magna**, v. 12, p. 01-20, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. [1979]. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. [1930]. **Teoria do Romance I: a estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. [1963]. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- BRAIT, Beth. [2006]. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 9-31.
- BRAIT, Beth. Olhar e ver: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, Jul./Dez. 2013.
- FARACO, Carlos Alberto. **As Ideias Linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FRANCO, Neil; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Por uma análise dialógica do discurso. In.: GARCIA, Dantielli Assumpção; SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **De 1969 a 2019: um percurso da/na Análise do Discurso**. Campinas-SP: Pontes, 2019. p.275-301
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirré (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROHLING, Nívea. A Pesquisa Qualitativa e Análise Dialógica do Discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília – DF, v. 15, n. 2, p. 44-60, 2014.

RUIZ, Tânia M. Barroso. Diretrizes metodológicas na análise dialógica do discurso: o olhar do pesquisador iniciante. **Revista Diálogos**. Cuiabá – MT, v. 5, n. 1, p. 39-59, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). [1929]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

POR QUE FALAR DE TDIC NA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DO 1º ANO?

WHY TALK ABOUT TDIC IN CONTINUING EDUCATION FOR PRIMARY SCHOOL TEACHERS?

Ilda de Fatima de Lourdes Oliveira¹
Greice Castela Torrentes²

Resumo: O presente artigo é fruto de um pequeno recorte da pesquisa que estamos realizando no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, nível de doutorado, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel. O objetivo deste artigo é explicitar a necessidade da formação continuada para complementar as possíveis lacunas deixadas pela formação inicial em relação ao uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) nas aulas. O estudo pauta-se na oferta de formação continuada (FC) para professores que atuam em turmas de alfabetização, sendo que priorizamos o 1º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Os conteúdos de cada encontro formativo, além de abordarem temáticas pertinentes à alfabetização, também incluíram o uso das TDIC, visando apresentar aos professores ferramentas já disponíveis on-line, bem como, incentivá-los a elaborarem suas próprias atividades e jogos para potencializar o aprendizado da leitura e da escrita. Para tanto utilizamos as plataformas do wordwall, Educaplay, o jogo educativo Brincando com Ariê e o software educativo GCompris. Considerando o percurso metodológico, nossa pesquisa insere-se na pesquisa qualitativa, estando alicerçado nos pressupostos da Linguística Aplicada. Optamos por apresentar nesse artigo os dados gerados por um questionário do google formulários que elaboramos e aplicamos aos participantes da FC. Como a formação inicial de grande parte dos professores não contemplou em sua grade o uso dos recursos digitais e tecnológicos, cabe a formação

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3846010214102686>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8337-2189>. E-mail: oliveirailda22@gmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8222797033532931>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9174-689X>. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br.

continuada auxiliar os profissionais na compreensão e utilização pedagógica das TDIC. Dentre os autores que fundamentam esta pesquisa destacamos Frade (2018), Moran (2000), Rau (2013) e Temóteo (2021).

Palavras-chave: TDIC. Formação continuada. Alfabetização.

Abstract: This article is the result of a small section of the research we are carrying out in the *Stricto Sensu* Postgraduate Program in Letters, at doctoral level, at the State University of Western Paraná, Cascavel Campus. The aim of this article is to explain the need for continuing training to complement the possible gaps left by initial training in relation to the use of Digital Information and Communication Technologies (DICT) in the classroom. The study is based on the provision of continuing education (CE) for teachers who work in literacy classes, prioritizing the 1st year of Primary School - Early Years. The content of each training meeting, as well as covering topics pertinent to literacy, also included the use of TDIC, with the aim of introducing teachers to tools already available online, as well as encouraging them to create their own activities and games to enhance learning to read and write. To this end, we used the wordwall platforms Educaplay, the educational game Brincando com Ariê and the educational software GCompris. Considering the methodological approach, our research is part of qualitative research, based on the assumptions of Applied Linguistics. We have chosen to present in this article the data generated by a google forms questionnaire that we designed and applied to the participants of the CE. Since most teachers' initial training did not include the use of digital and technological resources, it is up to continuing training to help professionals understand and use ICT pedagogically. Among the authors who support this research, we highlight Frade (2018), Moran (2000), Rau (2013) and Temóteo (2021).

Keywords: TDIC. Further training. Literacy.

Introdução

Este artigo é fruto de um recorte da pesquisa que estamos realizando no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de doutorado, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Os dados que apresentaremos nesse breve recorte foram coletados nos encontros de formação continuada que realizamos para professores que atuam com turmas de 1º ano na rede pública municipal de Cascavel. Foram 20 horas de formação presencial e assíncrona e 30 horas foram destinadas às leituras complementares e a elaboração de um plano de aula. Nos encontros formativos além de abordar questões voltadas à alfabetização e ao letramento, exploramos a temática da tecnologia, logo trouxemos para o centro das discussões os multiletramentos.

Discutir o uso da tecnologia é uma necessidade, haja vista que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, aprovada em dezembro de 2017, apresenta com maior evidência a discussão sobre a tecnologia e a multimodalidade no Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais. Nos anos iniciais é possível visualizar isso em várias habilidades, pois elas remetem ao uso de instrumentos como gravadores de voz, computadores e celulares. Contudo, nem sempre os docentes estão preparados para inserir esses recursos em suas aulas, além disso, para produzir recursos impressos ou objetos digitais de ensino e aprendizagem (ODEA), é preciso ter clareza de como eles podem corroborar com os processos de ensino e de aprendizagem. Para fazer uso e compreender a função de cada um deles faz-se necessário recorrer a formação continuada, haja vista que a formação inicial nem sempre dá conta de trabalhar com a tecnologia.

Participantes da pesquisa

A proposta de formação continuada foi dirigida a professores que atuam com turmas de 1º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais no município de Cascavel – PR, que demonstraram interesse pelo curso, o qual foi ofertado no período noturno, no Centro de Aperfeiçoamento profissional de Cascavel – Ceavel.

A formação proposta foi composta de cinco encontros e tivemos 17 participantes. Nossa pretensão era atender apenas professores regentes do 1º ano do Ensino Fundamental, mas tendo

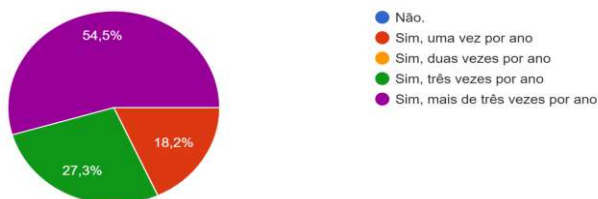
em vista que na realidade atual temos alunos que não estão alfabetizados nos demais anos de escolarização, atendemos professores que atuam com 2º ano, coordenadora pedagógica de escola, diretora e professora do 5º ano. Dos 17 participantes, apenas 11 responderam ao questionário inicial e finalizaram a formação.

Nosso grupo de formação foi composto apenas por professoras do sexo feminino e tivemos professora com apenas um ano de experiência na docência e outras com mais de vinte anos, isso permitiu que tivéssemos um grupo bem diversificado em relação ao conhecimento das tecnologias. Por uma questão de limite de espaço apresentaremos as questões coletadas no questionário relativas ao conhecimento e uso das tecnologias.

Ao serem indagadas sobre a participação em cursos de formação, obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 1 - Participação em formação continuada

Você costuma participar de cursos de formação continuada? Em caso afirmativo, com que frequência?
11 respostas



Fonte: Gráfico gerado pelo formulário do questionário do Google.

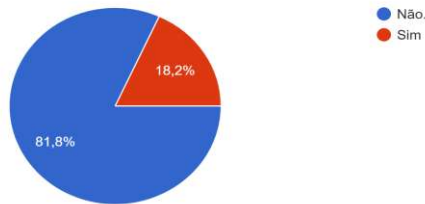
Todas as professoras procuram participar de formações continuadas, acredito que nesse caso as que responderam que participam apenas uma vez por ano, não consideraram os cursos formativos ofertados pela secretaria municipal de educação de Cascavel, haja vista que a rede oferta mais encontros ao longo do ano.

Ao questionarmos em relação à participação em algum curso específico sobre a utilização de tecnologias o gráfico de respostas representa bem a realidade da maioria dos docentes, observe:

Gráfico 2 - Participação em formação sobre tecnologia

Você já participou de algum curso de formação continuada específico sobre o trabalho com os recursos digitais e tecnológicos?

11 respostas



Fonte: Gráfico gerado pelo formulário do questionário do Google.

As respostas a essa questão nos fazem refletir sobre a necessidade de abordarmos com os docentes que estão atuando em sala de aula, as possibilidades de uso dos recursos digitais e tecnológicos, pois, a tecnologia teve tanto desenvolvimento nos últimos anos e infelizmente sua utilização ainda é tão esporádica ou inexistente em sala de aula, principalmente nas turmas de alfabetização. Isso nos mostra a relevância da realização da nossa pesquisa. Nessa questão somente a professora Rosa relatou que fez 50 horas de curso do Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal - NTM e a professora Sandra³ que disse que já participou no início do ano de uma formação disponibilizada pela Secretaria Municipal de Educação.

Complementando a questão anterior, realizamos o seguinte questionamento: na sua formação inicial (graduação), você recebeu orientação para trabalhar com os recursos digitais e tecnológicos? Comente a sua resposta.

Somente duas professoras apontaram que tiveram disciplinas na graduação voltadas para o uso da tecnologia a Sandra e a Sônia, as demais não tiveram nada relacionado a esta temática, a professora Rosa comentou que na época em que frequentou a graduação os recursos digitais ainda não eram acessíveis. Isso, nos

³ Estamos utilizando nomes fictícios para não expor a identidade das professoras.

mostra que a formação inicial, principalmente das professoras que se formaram a mais tempo, não contemplou o estudo das tecnologias, por isso, é fundamental investir em formação continuada.

A última questão que fizemos para as participantes apresentou dados importantes para a nossa análise. A questão era: “Em suas aulas você tem utilizado os netbooks para desenvolver atividades com os alunos? Que tipo de trabalho você já desenvolveu?”

As professoras Sandra, Raquel, Mariane, Salete, Sônia, Sabrina e Maria disseram que não utilizaram. Rosa afirmou que utiliza o netbook para realizar pesquisas durante as aulas e para passar algum vídeo ou imagens. Sofia disse já ter utilizado o *Graphogame*. Celeste relatou que utiliza para trabalhar com jogos. Joice comentou que utiliza os jogos disponíveis no netbook e, também usa como recurso para mostrar textos, imagens, para pesquisas e produção textual.

Diante das respostas obtidas no questionário inicial percebemos que falar de tecnologia na formação continuada é imprescindível para o aperfeiçoamento pedagógico dos professores.

Gamificação em prol do ensino

A gamificação como recurso pedagógico para o ensino começou a ser adotada nas últimas décadas, com o avanço da tecnologia e o surgimento de novas possibilidades educacionais. No entanto, é importante ressaltar que a ideia de usar elementos de jogos no ensino não é totalmente nova e remonta a várias décadas.

Recentemente, a gamificação ganhou destaque devido ao maior acesso à tecnologia, como computadores, tablets e *smartphones*, que permitiram o desenvolvimento de aplicativos e plataformas educacionais gamificadas. Isso proporcionou aos educadores e instituições uma maneira eficaz de aproveitar os benefícios da gamificação no ensino. Um evento mundial que fez

com que o uso de tecnologias nas escolas e proporcionou maior investimento pessoal na elaboração de atividades gamificadas no Brasil, foi a pandemia.

A gamificação é uma abordagem que utiliza elementos e mecânicas de jogos em contextos não lúdicos, como o ensino, com o objetivo de engajar os alunos, motivá-los e facilitar a aprendizagem. Ela pode contribuir de diversas formas com o ensino, oferecendo benefícios tanto para os alunos quanto para os professores. Segundo Moran (2000, p. 11) “muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Tanto professores como alunos têm a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas.” Na alfabetização, os jogos podem ser aliados para a sistematização das unidades menores da língua, contribuindo para a reflexão fonética e fonológica, além de servirem como ferramentas para ampliar o letramento.

Cabe destacar, que para o docente fazer uso da gamificação em sala de aula, as tecnologias e mídias digitais devem fazer parte do repertório do professor que ao incorporá-las ao processo de ensino e aprendizagem deverá refletir sobre suas finalidades enquanto ferramenta de aprendizagem” (Silva, 2019, p. 20). Haja vista “que a relação entre tecnologia e educação é importante, o que torna oportuno pensar e discutir de que maneira a utilização dos artefatos tecnológicos podem contribuir para o processo de alfabetização das crianças” (Aureliano; Queiroz, 2023, p.07). Frade *et al* (2018, p. 39) completam dizendo que “as atividades escolares serão diferentes daquelas vivenciadas de forma livre pelas crianças, pois o objetivo de utilizá-las na escola é colocá-las a serviço da alfabetização, por meio de ações intencionalmente planejadas pelo professor.” Inferimos, portanto, que o jogo utilizado em sala de aula sempre terá um objetivo pedagógico, sendo que esse formato de atividade por ser realizado em diferentes telas pode ser mais atrativo e lúdico para os alunos.

Quando o professor trabalha com o letramento digital, principalmente por meio de sites e aplicativos disponibilizados de forma gratuita na rede “o acesso às tecnologias digitais pode

possibilitar o desenvolvimento da autonomia das crianças” (Aureliano; Queiroz,, 2023, p.08), ou seja, se os alunos aprenderem caminhos para acessar determinados jogos educativos, eles podem continuar praticando os conteúdos mesmo fora da escola.

Para Rau (2013, p. 61), “as crianças aprendem quando brincam, pois, a ludicidade envolve as habilidades de memória, atenção e concentração, além do prazer da criança em participar de atividades pedagógicas de maneira diferente e divertida.” Portanto, a gamificação é mais uma ferramenta que pode servir de recurso pedagógico para os processos de ensino e de aprendizagem.

Considerações finais

Por uma questão de limite de espaço não foi possível trazer para este artigo detalhes da formação e dos planos de aula elaborados pelos professores. Toda formação continuada é produtiva, pois permite a troca de experiência entre pares e isso contribui decisivamente para a formação do professor.

Ao longo dos encontros percebemos que alguns professores apresentavam maior domínio dos recursos digitais e tecnológicos, porém outros demonstravam menor familiaridade e inclusive relataram que não tinham interesse em fazer uso dos jogos em sala de aula por terem medo de não dar conta de fazer as mediações necessárias junto aos alunos e dessa forma perderem o controle da turma.

Nesse sentido, ao finalizar as formações percebemos que é necessário que as redes municipais de ensino organizem formações constantes que além de abordar os conteúdos específicos de cada área do conhecimento possam incluir formações voltadas ao uso da tecnologia em sala de aula. Não basta adquirir equipamentos como notebook, netbook, lousa digital se não houver a formação dos professores para a utilização dessas novas ferramentas, se não houver o preparo dos docentes, esses equipamentos correm o sério risco de ficar trancados em armários na sala da coordenação

pedagógica ou em outro ambiente destinado ao armazenamento de materiais. Salientamos que a formação em tecnologia não deve destinar-se somente para professores que possuem mais tempo de carreira, pelo contrário, ela deve ser ofertada a todos os professores da rede, haja vista que percebemos que mesmo professores novos em idade e em atuação também apresentam deficiências quando ao uso dos recursos digitais e tecnológicos.

Compreendemos que a tecnologia não vai solucionar todos os problemas, mas pode, sim, ser uma grande aliada para os processos de ensino e aprendizagem. Durante o percurso formativo, procuramos mostrar aos professores que os jogos podem servir como meio de fixação dos conteúdos. Se pensarmos exclusivamente na alfabetização, constatamos que os jogos digitais podem contribuir para a apropriação do sistema de escrita alfabética, para o desenvolvimento da consciência fonológica, bem como auxiliar na leitura e na escrita, sendo que a realização das atividades em tela torna-se um atrativo para a criança.

Referências

- AURELIANO, F. E. B. S.; QUEIROZ, D. E. de. **As tecnologias digitais como recursos pedagógicos no ensino remoto**: implicações na formação continuada e nas práticas docentes.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- FRADE, I. C. A. da S. *et al.* **Tecnologias digitais na alfabetização**: o trabalho com jogos e atividades digitais para aquisição do sistema alfabético e ortográfico de escrita. Belo Horizonte: UFMG - FaE - Ceale, 2018.
- MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com as tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. p. 11-63.
- RAU, M. C. T. D. **A ludicidade na educação**: uma atitude pedagógica. 1. ed. Curitiba: Ibpex, 2013.

SILVA, G. F. da. **Formação de professores e as tecnologias digitais: a contextualização da prática na aprendizagem**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

TEMÓTEO, A. S. S. G. A constituição de letramentos, durante a pandemia: desafios para professores e alunos. In.: KERSCH, D. F. *et al* (Org.) **Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para a e além da Escola**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021, p. 69-84. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/349537695_MULTILETRAMENTOS_NA_PANDEMIA_APRENDIZAGENS_NA_PARA_A_E_ALEM_DA_ESCOLA. Acesso em: 20 jun. 2022.

O FILME LARANJA MECÂNICA SOB A ÓTICA DA BIOPOLÍTICA

THE MOVIE A CLOCKWORK ORANGE FROM THE PERSPECTIVE OF BIOPOLITICS

Adriano Rodrigues Alves¹

Resumo: No filme *Laranja Mecânica* (1971), o personagem Alex no início da trama é líder de uma gangue que comete incontáveis atrocidades, entre elas estupro e assassinato, posteriormente é preso e submetido a um teste experimental para que se tornasse um cidadão obediente às leis mediante um “bloqueio psicológico” que causa desconforto físico ao tentar cometer algum ato que vai contra os “bons costumes” e as leis da sociedade em que está inserido. Porém, ao retornar para a sociedade, o personagem sente todo o peso de seu novo modo de vida social e, em virtude de algumas situações negativas que vem a passar, o governo interfere novamente na vida dele, mas agora para reverter todo o processo em que fora sujeitado. Sendo o personagem submetido a um teste experimental para uma mudança de personalidade, houve o ensejo de estudar os mecanismos de biopoder, que poderiam ser evidenciados em uma análise do filme com relação aos estudos sobre biopolítica e, também, para demonstrar a importância da produção cinematográfica para a ampliação do conhecimento a respeito do ser humano e sociedade. Desta forma, a intenção deste estudo se manteve em verificar, resumidamente, os possíveis mecanismos de biopoder que ocorrem na narrativa com relação aos textos a respeito de biopolítica, baseado em uma metodologia de pesquisa bibliográfica focada principalmente em alguns estudos de Michel Foucault, como em *Nascimento da Biopolítica* (2008), *Em Defesa da Sociedade* (2010), *História da Sexualidade v.1: Vontade de Saber* (2014) e *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão* (2013), além disso, com alguns exemplos de governos que aplicavam alguns métodos biopolíticos, como a política racista da Alemanha Nazista.

¹ Doutor pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8042566988324641>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8434-9143>. E-mail: adriano.responde@outlook.com.

Palavras-chave: Biopolítica. Laranja Mecânica. Michel Foucault.

Abstract: In the movie "A Clockwork Orange," the character Alex is initially the leader of a gang that commits countless atrocities, including rape and murder. He is later imprisoned and subjected to an experimental test to become a law-abiding citizen due to a "psychological block" that causes physical discomfort when attempting to commit any act that goes against the "good customs" and laws of the society in which they are inserted. However, upon returning to society, the character feels the full weight of his new social way of life and, due to some negative situations he experiences, the government intervenes in his life again, but this time to reverse the entire process to which he was subjected. Because the character undergoes an experimental test for personality change, the aim arose to study the mechanisms of biopower that could be evidenced in an analysis of the film concerning biopolitics studies and to demonstrate the importance of film production in expanding knowledge about the human being and society. That way, the intention of this study remained to briefly verify the possible mechanisms of biopower that occur in the narrative concerning the texts on biopolitics, based on a bibliographic research methodology primarily focused on several studies by Michel Foucault, such as *Nascimento da Biopolítica* (2008), *Em Defesa da Sociedade* (2010), *História da Sexualidade v.1: Vontade de Saber* (2014) and *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão* (2013), additionally, with some examples of governments that applied certain biopolitical methods, such as the racist policies of Nazi Germany.

Keywords: Biopolitics. A Clockwork Orange. Michel Foucault.

Introdução

O filme *Laranja Mecânica* (1971), do diretor Stanley Kubrick, foi baseado no livro homônimo do autor Anthony Burgess publicado em 1962 no Reino Unido, na época o filme teve quatro indicações ao Oscar. No filme o personagem Alex, no início da narrativa, é líder de uma gangue que comete incontáveis atrocidades, que ele mesmo denominava de "ultraviolência", entre elas estupro e assassinato, posteriormente é preso e submetido a

um teste experimental para que se tornasse um cidadão obediente às leis, porém, ocorre uma reviravolta e o experimento é (re)questionado socialmente, levando Alex a retornar a ser um possível delinquente novamente.

Desta forma, a intenção deste estudo foi a de verificar os possíveis mecanismos de biopoder que ocorrem na narrativa do filme com relação aos textos a respeito de biopolítica, principalmente aos estudos relativos ao tema, elaborado pelo filósofo Michel Foucault.

Laranja Mecânica sob a ótica da biopolítica

Para Foucault (2010), a biopolítica trata-se de um conjunto de processos, como da natalidade, da morbidade, das incapacidades biológicas diversas, dos efeitos do meio, é tudo isso que a biopolítica vai definir como campo de intervenção de seu poder. Desta maneira, este sistema vai implantar mecanismos que levam em conta a vida, os processos biológicos do homem-espécie e de assegurar sobre eles não uma disciplina, mas uma regulamentação de agir de tal maneira que se obtenham estados globais de equilíbrio.

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação – durante a época clássica, dessa grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo (Foucault, 2014, p. 150).

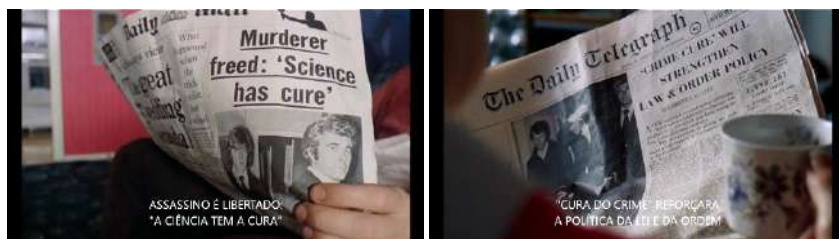
Portanto, a política se preocupou em procurar mecanismos de como deixar o corpo biológico de sua população forte, mas adestrado aos regulamentos do governo: As disciplinas do corpo e as regulações da população, dos quais “[...] se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. [...] Abre-se, assim, a era de um ‘biopoder’ (Foucault, 2014, p. 150 -151)”.

Percebe-se, assim, que a “medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores (Foucault, 2010, p. 212)”, portanto, a grande necessidade desta política que, para com a população, age como regulamentadora e para com os cidadãos em si, age com o rigor de disciplina para com o corpo de cada indivíduo de tal sociedade.

No filme há o “Tratamento Ludovico”, que se utiliza de conhecimentos médicos e de determinadas técnicas para transformar criminosos em pessoas que obedecem às leis ao custo de se sentirem mal fisicamente para que não possam cometer crimes. Há algumas frases do personagem Ministro, que achamos pertinente apresentar aqui a respeito do tal “Tratamento Ludovico”: “Nosso paciente é impelido para o bem, paradoxalmente, por ser impelido para o mal...”; “A intenção de agir com violência é acompanhada por uma forte sensação de desconforto físico.”; “Para anulá-la, o paciente precisa mudar para uma atitude diametralmente oposta...”. Logo em seguida um personagem Religioso rebate os argumentos do Ministro: “Escolha! O rapaz não tem escolha, na verdade [...] O interesse próprio, o medo da dor física, levaram-no a esse grotesco ato de auto humilhação! A sua falsidade ficou evidente!”, ou seja, o personagem (paciente [Alex]) deixa de ser um malfeitor, mas também deixa de ser uma criatura capaz de certas escolhas morais devido à pressão física/psicológica induzida.

Figura 1 – “Tratamento Ludovico” e sua repercussão social





Fonte: Captura de tela nossa [Filme: Laranja Mecânica].

Assim, Bauman (2012) nos traz um exemplo de sistema biopolítico extremo, que demonstra como a Alemanha da década de 30 do século XX controlava, ou de certa forma, vigiava sua população, ou seja, utilizavam-se de recursos lógicos para poder comprovar para o *Führer* a necessidade de controlar a população de um modo que se desse mais preferência para os cidadãos que possuíam uma melhor aptidão física e mental em detrimento daqueles que possuíssem alguma dificuldade, ou anomalia:

Presumivelmente para calafrios de horror da audiência, o *Führer* da Liga Nacional-Socialista de Médicos informou ao congresso do partido em 1935 que 'mais de um bilhão de marcos são gastos com os incapacitados geneticamente; compare-se com os 776 milhões de gastos com a polícia ou os 713 milhões gastos na administração local e se verá que fardo inexcusável injustiça isso representa para os membros normais e sadios da população'. [...] O cálculo era meticuloso e escrupuloso e os resultados transpiravam respeitabilidade científica: em 1933 o Estado prussiano gastou com cada *Normalvolksschuler* [aluno normal] 125 marcos, 573 marcos com cada *Hilfsschuler* [aluno atrasado], 950 marcos com cada *Bildungsfähige* e *Geisteskrank* [deficientes mentais] e 1.500 com cada um dos *blindoder taubgeborenen Schüler* [alunos cegos ou surdos]. Os dados quase não precisavam de comentários. A razão moderna curvava-se aos fatos: o problema tinha sido claramente formulado, o resto era questão da correta solução tecnológica (Bauman, 2012, p. 40).

Dentro desta perspectiva da política nazista ainda podemos lembrar que, segundo o site Enciclopédia do Holocausto:

Alguns negros na Alemanha nazista foram esterilizados por ordem judicial, conforme os ditames da "Lei para a Prevenção de Descendentes com

Doenças Hereditárias” de 1933 (“Lei de Saúde Hereditária”). Esta lei ordenava a esterilização forçada de indivíduos que possuíssem certas deficiências físicas ou mentais, incluindo pessoas que entravam na categoria mal definida de “minderwertig” ou “retardados”. Um pequeno número de pessoas negras estava entre os cerca de 400 mil alemães esterilizados em cumprimento a esta lei. Por exemplo, Ferdinand Allen, de pai britânico negro e mãe alemã branca, era epilético e havia sido internado devido a esta doença, uma das condições listadas na Lei. Ele foi esterilizado por ordem judicial em 1935, e em 15 de maio de 1941, os nazistas assassinaram Allen em Bernburg como parte do programa T4 (o programa nazista de massacre de pessoas com deficiências). Os nazistas também esterilizaram algumas pessoas negras na Alemanha simplesmente por causa da sua raça. Na década de 1930, um programa secreto da Gestapo coordenou a esterilização forçada de crianças miscigenadas na Renânia. Neste programa, até o final de 1937, os médicos haviam esterilizado à força pelo menos 385 crianças e adolescentes. As famílias destas crianças foram pressionadas a consentir o procedimento, pois não havia base legal para tal esterilização (Esterilização, [site, 2024]).

E não podemos esquecer da questão política que norteava a escravatura principalmente entre os séculos XVI ao XIX, que se utilizava de alguns métodos selvagens/terríveis de controle populacional:

Durante a escravatura, a plantação afigurava-se como a engrenagem essencial de uma ordem selvagem na qual a violência racial cumpria três funções. Por um lado, visava enfraquecer as capacidades dos escravos para assegurarem a sua reprodução social, na medida em que eles nunca conseguiriam reunir os meios indispensáveis para uma vida digna desse nome. Por outro lado, a brutalidade tinha uma dimensão somática. Pretendia imobilizar os corpos, destruí-los, se necessário. Por último, atacava o sistema nervoso e procurava extinguir todas as capacidades de as suas vítimas criarem um mundo de símbolos próprio (MBEMBE, p. 259, 2014).

Convergindo com todas as citações acima, no livro *O nascimento da biopolítica*, Foucault (2008), estuda os pontos econômicos que viabilizaram o fortalecimento da biopolítica, como o exemplo da política alemã nazista, que possuía métodos lógicos, exatos, para comprovar os gastos que o governo demandava para

com os cidadãos considerados “normais” em comparação com os ditos “anormais” daquela população. Neste sentido, na visão do pensador francês, a biopolítica depende da liberdade dos processos econômicos, porém esses processos não podem ser um perigo para as empresas ou para os trabalhadores. Entretanto, a liberdade dos trabalhadores não pode se tornar um perigo para a empresa e para a produção. Sendo assim, os acidentes individuais ou tudo o que pode acontecer na vida de alguém, seja a doença e até mesmo a velhice, não podem constituir um perigo nem para os indivíduos nem para a sociedade.

É perceptível no filme essa questão dos “acidentes individuais” e a respeito do perigo sempre eminente. Podemos vislumbrar tal situação na parte narrativa em que Alex, já depois de submetido ao tratamento “Ludovico” e posteriormente libertado para conviver em sociedade novamente, passa por momentos difíceis que põe em xeque o tratamento recebido e conseqüentemente ele tenta o suicídio, devido a isso, a imprensa acusa o Governo de assassino, por colocar a vida de um cidadão em perigo. Então, o Governo, para não perder sua popularidade, age rapidamente, criticando o “Tratamento Ludovico” e faz com que o Alex passe por outro tratamento para reverter sua brutalidade inerente a sua personalidade. (Abaixo, algumas imagens que indicam tais cenas no filme.)

Figura 2 – Conseqüência trágica do “Tratamento Ludovico” e a intervenção política





Fonte: Captura de tela nossa [Filme: Laranja Mecânica, 1971].

Voltando à questão paradoxal de situações de perigo/medo que o governo tenta controlar na sociedade, segundo Foucault (2008), o liberalismo econômico do século XIX, condicionava aos indivíduos a experimentarem em suas vidas situações de perigo:

Toda uma educação do perigo, toda uma cultura do perigo aparece de fato no século XIX [...]. Desaparecimento dos cavaleiros do Apocalipse e, inversamente, aparecimento, emergência, invasão dos perigos cotidianos, perigos cotidianos perpetuamente animados, atualizados, postos portanto em circulação pelo que poderíamos chamar de cultura política do perigo do século XIX, que tem toda uma série de aspectos (FOUCAULT, 2008, p. 90-91).

Nessa época, início do século XIX, houve também o surgimento da literatura policial e do interesse jornalístico pelo crime. Temos um fragmento do livro: *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...*, Foucault (2013), que nos auxilia neste exemplo do surgimento do interesse jornalístico pelo crime e, também, ao início de uma literatura que remete à investigação, enigma e ao horror da violência na sociedade:

[...] na circulação destas folhas de notícias ou de comemoração – o assassinato é o acontecimento por excelência. Com ele se colocam sob uma forma absolutamente despojada a relação do poder e a do povo: ordem de matar, proibição de matar; suicidar-se, ser executado; sacrifício voluntário, castigo imposto; memória, esquecimento. [...] Os panfletos, no começo do século XIX, compunham-se em geral de duas partes. Uma era a narrativa “objetiva” dos acontecimentos feita por uma voz anônima; a outra era a cantiga de lamento do criminoso. Nesses estranhos poemas, supunha-se que o culpado tomava a palavra para lembrar seu gesto; ele evocava rapidamente a sua vida, tirava os ensinamentos de sua aventura, exprimia

seus remorsos, apelava para si mesmo, no momento de morrer, o espanto e a piedade (Foucault, 2013, p. 292-294).

Dado isso, percebemos como é tênue a linha entre o ato glorioso de um soldado de tirar a vida de outro ser humano e a do assassinato a sangue frio cometido por um cidadão comum. É possível ver tal situação no filme *Laranja Mecânica*, que em dado momento os personagens, da gangue do Alex, fazem um “horrorshow” com outros cidadãos, estupram, matam, etc., e posteriormente dois dos ex-membros da gangue se tornam policiais e também aplicam certa “ultraviolência” em seu trabalho “dentro da lei”, ou seja, mesmo sendo “homens-da-lei” acabam cometendo atrocidades sem medir as consequências. (Exemplo das cenas em algumas imagens da Figura 3, logo abaixo.)

Figura 3 – Gangue cometem atrocidades; Policiais cometem violência



Fonte: Captura de tela nossa [Filme: *Laranja Mecânica*, 1971].

Considerações finais

Por meio deste breve estudo conseguimos fazer aproximações do filme *Laranja Mecânica* com alguns aspectos da biopolítica, que

aqui podemos situar como sendo de biopoder extremo, pois é perceptível a força que o Estado exerce sobre a população.

Vimos que a principal forma de agir do Governo no filme é pelo medo, gerar perigo para a população, ou seja, no início temos as gangues que levam o seu “horrorshow” para a população, depois temos a prisão de Alex e, o seu receio em ficar preso por anos, adere ao “Tratamento Ludovico”, que basicamente o paciente era obrigado a “videar” cenas “ultraviolentas” por um determinado período, para ser libertado em algumas semanas como um cidadão temente “fisicamente e psicologicamente” as leis, pois o paciente que passava por tal tratamento não conseguia ser violento, porque isso provocava reações física adversas, como náuseas.

Posteriormente, ao sair da cadeia, Alex é pego inocentemente por policiais que aplicam uma “ultraviolência” nele, assim, o personagem amedrontado busca ajuda. Porém essa ajuda o faz confrontar seus novos medos e isso provoca em Alex o desejo de cometer suicídio e como na biopolítica é dever do Estado proteger os cidadãos, a quase morte de Alex leva ao Governo a (re)questionar o “Tratamento Ludovico” e aplicar um tratamento reverso no personagem, transformando-o novamente em um possível delinquente.

Também foi possível apreciar a importância da produção cinematográfica para com a ampliação de reflexões a respeito do ser humano e a sociedade, pois, por meio deste estudo podemos resgatar até temas como a política racista da Alemanha Nazista e da política de escravatura ocorrida principalmente entre os séculos XVI e XIX.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- ESTERILIZAÇÃO Forçada de Negros na Alemanha Nazista. In: **Enciclopédia do Holocausto: A Perseguição Nazista Contra Pessoas Negras na Alemanha**, [sd]. Disponível em:

<<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/afro-germans-during-the-holocaust#esterilizao-forada-de-negros-na-alemanha-nazista-4>>. Acesso em: 06 nov. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Trad. Maria E. A. P. Galvão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: A vontade de saber. Trad. Maria T. C. Albuquerque; J.A. Guilhon Albuquerque. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**: um caso de parricídio do século XIX apresentado por Michel Foucault. Trad. Denise L. de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

LARANJA Mecânica. Direção: Stanley Kubrick. Estados Unidos: Warner Bros, 1971. 1 Blu-ray (136 min.) [Título Original: *A Clockwork Orange*, remasterizado digitalmente, 2012].

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

RENASCER ENTRE RAÍZES: A TRANSFORMAÇÃO DAS PERSONAGENS EM THE SECRET GARDEN

REBIRTH AMONG ROOTS: THE TRANSFORMATION OF CHARACTERS IN THE SECRET GARDEN

Naiani Borges Toledo¹

Acir Dias da Silva²

Resumo: Neste estudo, exploramos a profunda simbologia de *The Secret Garden* (1911) de Frances Hodgson Burnett, destacando como a transformação emocional das personagens está interligada ao renascimento do jardim. Através da jornada de Mary Lennox e Colin Craven, analisamos como cada um deles enfrenta suas feridas emocionais, refletindo sobre temas como cura, amizade, autodescoberta e superação. O jardim, como um espaço sagrado de renovação, serve como metáfora para suas evoluções pessoais, mostrando que, assim como as plantas, os seres humanos também podem florescer após períodos de dor e solidão. Essa análise revela como Burnett entrelaça a natureza e a psicologia das personagens, oferecendo uma reflexão profunda sobre o poder da conexão com a terra e com os outros para promover a cura e o crescimento pessoal. Na perspectiva de alcançar o objetivo proposto, sustenta-se a pesquisa nos pressupostos teóricos de Genette (1980), Zimmer (1972), Schimmel (1993), Chevalier (2001), dentre outros. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica pautada na tradução intersemiótica e na fenomenologia. Os resultados do estudo evidenciam que a transformação das personagens não é apenas um processo individual, mas também um fenômeno coletivo, que envolve o impacto das relações interpessoais e do ambiente na formação emocional das crianças. A análise mostrou como o jardim e as interações com figuras como Dickon e Susan desempenham

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1589096201293708>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4833-0909>. E-mail: naianibt@hotmail.com.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6902191554348937>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5428-6839>. E-mail: acirdias@yahoo.com.br.

papéis fundamentais na recuperação, autodescoberta e no desenvolvimento emocional de Mary e Colin, revelando que o cuidado com o meio ambiente e as relações humanas saudáveis são essenciais para o crescimento pessoal e para a superação de trumas.

Palavras-chave: Simbologia. Transformação. Literatura.

Abstract: In this study, we explore the profound symbolism in *The Secret Garden* (1911) by Frances Hodgson Burnett, highlighting how the emotional transformation of the characters is interconnected with the rebirth of the garden. Through the journeys of Mary Lennox and Colin Craven, we examine how each of them faces their emotional wounds, reflecting on themes such as healing, friendship, self-discovery, and overcoming personal challenges. The garden, as a sacred space of renewal, serves as a metaphor for their personal growth, showing that, just like plants, humans too can flourish after periods of pain and solitude. This analysis reveals how Burnett intertwines nature with the psychology of the characters, offering a deep reflection on the power of connection with the earth and with others to promote healing and personal growth. To achieve the proposed objective, this research is based on the theoretical frameworks of Genette (1980), Zimmer (1972), Schimmel (1993), Chevalier (2001), and others. It is, therefore, a bibliographical study grounded in intersemiotic translation and phenomenology. The results of the study show that the transformation of the characters is not only an individual process but also a collective phenomenon, which involves the impact of interpersonal relationships and the environment on the emotional development of the children. The analysis demonstrates how the garden and interactions with figures such as Dickon and Susan play crucial roles in the recovery, self-discovery, and emotional development of Mary and Colin, revealing that care for the environment and healthy human relationships are essential for personal growth and overcoming trauma.

Keywords: Symbolism. Transformation. Literature.

Introdução

Frances Hodgson Burnett, autora de grande influência na literatura infantil do final do século XIX, nasceu em 1849, em

Manchester, na Inglaterra. Desde a infância, enfrentou dificuldades financeiras e profundas mudanças familiares, experiências que marcaram tanto sua vida pessoal quanto sua produção literária. Ao longo de sua carreira, Burnett destacou-se por escrever obras que cativaram a imaginação de crianças e adultos, com ênfase em temas como crescimento pessoal, amizade e a relação com a natureza. Além de *The Secret Garden*, é autora de outros clássicos, como *Little Lord Fauntleroy* e *A Little Princess*. Essas histórias não apenas encantaram gerações de leitores, mas também transmitiram lições valiosas, refletindo as questões sociais de sua época.

Compreender o contexto histórico e social em que *The Secret Garden* foi escrito é essencial para uma leitura mais profunda da obra. A transição entre os séculos XIX e XX foi um período de intensas transformações sociais, especialmente no que se refere à concepção da infância. Durante a era vitoriana, as crianças eram frequentemente vistas como miniadultos, sendo educadas sob rígidos padrões de disciplina e moralidade. No entanto, Burnett propôs uma nova perspectiva ao tratar a infância como uma fase única e emocionalmente complexa, com suas próprias necessidades e desafios.

Neste contexto de normas sociais estritas, *The Secret Garden* se destaca por contrariar as expectativas. Ao oferecer uma visão mais natural e libertadora da infância, Burnett desafia as convenções vitorianas, apresentando uma narrativa que valoriza o crescimento emocional e a liberdade das crianças.

Publicada em 1911, *The Secret Garden* tornou-se um marco da literatura infantil, explorando a transformação emocional de suas personagens por meio do poder curativo da natureza. A obra aborda temas como amizade, renovação, superação de traumas e amadurecimento. O jardim, nesse contexto, funciona como um espaço simbólico em que as personagens se redescobrem, se desenvolvem emocionalmente e se transformam em seres humanos mais saudáveis e conscientes. Esse processo de transformação, que pode ser interpretado como uma forma de cura, é especialmente evidente nas evoluções de Mary Lennox e Colin Craven. Ambas as

personagens, por meio de sua interação com o jardim e de novas amizades, superam a solidão e outros traumas emocionais.

A relevância de *The Secret Garden* permanece viva até os dias atuais. Seus temas centrais continuam a ressoar, oferecendo lições sobre saúde mental e o impacto positivo da natureza no bem-estar emocional.

A obra influenciou gerações e continua a ser uma referência literária, com várias adaptações para o teatro e o cinema, o que atesta a força de sua mensagem atemporal. Além de seu impacto social e histórico, *The Secret Garden* ocupa um lugar significativo no imaginário coletivo, em grande parte devido à associação simbólica do jardim com o paraíso, evocando a narrativa bíblica de Adão e Eva. No livro de Burnett, o jardim não é apenas um local de cultivo, mas um símbolo de renovação, cura e conexão profunda com a natureza. Essa representação continua a inspirar leitores e adaptações nos mais diversos meios.

Em resumo, *The Secret Garden* é mais do que uma história de transformação e crescimento pessoal. Trata-se de uma obra que reflete a importância da natureza e das relações humanas no processo de cura emocional. Com uma sensível compreensão da infância e da psicologia humana, Burnett criou uma narrativa atemporal que continua a impactar e inspirar leitores em todo o mundo.

O Renascimento de Mary e Colin

Seguindo os conceitos de Genette (1980), *The Secret Garden* adota um narrador em terceira pessoa, onisciente, com foco variável nas personagens, especialmente Mary, Colin e Dickon. Esse narrador tem acesso aos pensamentos e sentimentos mais íntimos das personagens, permitindo que a narrativa se concentre nas suas transformações emocionais. A escolha do ponto de vista onisciente é crucial para revelar os processos internos das personagens, oferecendo uma visão abrangente e profunda dos acontecimentos.

O tempo na obra é fluido e não linear, permitindo uma exploração mais rica do passado traumático das personagens e de suas curas. Embora a história siga uma linha temporal contínua, há interrupções com analepsia que revelam o impacto de eventos passados, como a negligência dos pais de Mary e a morte da mãe Colin.

O espaço narrativo também é essencial para a construção da história. O jardim, como um *locus amoenus*, torna-se o centro simbólico da transformação e cura das personagens. Como aponta Genette, o espaço narrativo é o local onde a ação se desenrola, e no caso da obra, o jardim não é apenas um cenário físico, mas um espaço de renovação emocional. Em contraste com a casa dos Craven, inicialmente descrita como fria e opressiva, o jardim representa um local de calor, vida e crescimento pessoal. A construção simbólica desse espaço é vital para o processo de transformação das personagens, oferecendo um refúgio onde elas podem se reconectar com a natureza e consigo mesmas.

Durante o processo de transformação das personagens, Dickon desempenha o papel de catalisador da mudança. Ele é a única criança da história que não passa por uma transformação significativa, já que, mesmo diante das dificuldades de sua família, como a fome, Dickon é uma criança emocionalmente desenvolvida e capaz de lidar com as adversidades da vida. Em contraste, Mary e Colin são inicialmente muito mimados, pois seus empregados fazem tudo para evitar que eles perturbem os pais, que, de fato, pouco se importam com as crianças. Isso destaca como a criação e o tratamento dado pelos adultos influenciam profundamente o comportamento das crianças.

No caso de Colin, ele expressa um desejo sincero de ter uma mãe como a de Dickon, dizendo: "I wish you were my mother as well as Dickon's!"³ (Burnett, 1911, p. 352). Quando Colin diz isso,

³ Você é exatamente o que eu... o que eu queria – disse ele. – Queria que você fosse minha mãe, assim como de Dickon! (Burnett, 2021, p. 166, tradução Fábio Kataoka).

não o faz com inveja, mas com uma genuína valorização de Susan, a mãe de Dickon, reconhecendo nela uma mãe maravilhosa.

Colin sente que seu pai não o ama “My mother died when I was born and it makes him wretched to look at me. He thinks I don’t know, but I’ve heard people talking. He almost hates me”⁴ (Burnett, 1911, p. 159). Essa fala revela como Colin internaliza a crença de que seu pai o odeia, uma vez que o Sr. Craven não demonstra afeto por ele. Além disso, Colin carrega um forte sentimento de abandono em relação à mãe, como se ela tivesse decidido deixá-lo sozinho no mundo, ambas as ideias são distorcidas da realidade.

Já Mary é negligenciada pela mãe, que nunca a desejou realmente “she had not wanted a little girl at all”⁵ (Burnett, 1911, p. 1), sua mãe é retratada como uma mulher fútil, mais preocupada com as aparências e com festas do que com o bem-estar da filha. Nesse contexto, Susan surge como uma figura materna para Mary, oferecendo-lhe pela primeira vez a atenção e o carinho que ela nunca recebeu de sua mãe.

Dickon oferece uma amizade genuína e saudável, enquanto Susan representa uma imagem de mãe totalmente diferente daquelas que Mary e Colin conheciam. Essa mudança gradual na convivência e nas relações faz com que as personagens comecem a entender melhor suas próprias emoções, impulsionando o processo de transformação. Ao perceberem que todos enfrentam dificuldades e que a morte não é uma escolha, as crianças começam a repensar os sentimentos que ainda alimentam em relação às suas mães. Embora essas mães já não estejam mais entre os vivos, o impacto de sua ausência continua a causar dor profunda, e esse processo de reflexão aos poucos permite que as crianças lidem com esse sofrimento de forma mais saudável.

⁴ Minha mãe morreu, quando eu nasci e ele fica triste só de olhar para mim. Ele acha que eu não sei, mas já ouvi gente falando. Ele quase me odeia. (Burnett, 2021, p. 79, tradução Fábio Kataoka).

⁵ Nunca quis ter filhos. (Burnett, 2021, p. 01, tradução Fábio Kataoka).

O livro é repleto de simbolismos que ilustram a transformação das crianças, como o momento em que os pais de Mary morrem devido à cólera, deixando-a sozinha na casa. Nesse contexto de solidão e perda, ela observa uma serpente rastejando pelo chão do quarto, ela "heard something rustling on the matting and when she looked down she saw a little snake gliding along and watching her with eyes like jewels"⁶ (Burnett, 1911, p. 07). Conforme Zimmer (1972) a serpente na cultura indiana representa a vida e a morte, sendo assim um símbolo de transformação.

Além da serpente, a transformação do jardim que floresce na primavera também carrega um simbolismo de crescimento. Assim como as flores se desenvolvem lentamente, o processo de amadurecimento emocional das crianças segue um ritmo semelhante ao do jardim. A escolha das rosas, que inicialmente estão murchas, mas revivem com a chegada da primavera, é igualmente significativa. De acordo com Chevalier (2001), o florescimento e a murcha das rosas representam tanto a natureza efêmera da vida quanto a possibilidade de renovação. Dessa maneira, o ciclo das rosas no jardim reflete as profundas transformações que as personagens vivenciam ao longo da narrativa.

Além do jardim, Dickon e Susan, outras personagens desempenham papéis cruciais na evolução de Mary. Ela reconhece isso quando diz: "Dickon, she said. You are as nice as Martha said you were. I like you, and you make the fifth person"⁷ (BURNETT, 1911, p. 137). Ela já gostava de Martha, Susan, Ben, e do pássaro-pintaroxo, a quem tratava com a mesma importância que uma pessoa. Dessa forma, Dickon representa a quinta pessoa a

⁶ Ouviu algo rastejar sobre a colcha e, ao olhar para baixo, viu uma pequena cobra com olhos de pedras preciosas deslizando pelo chão. (Burnett, 2021, p. 07, tradução Fábio Kataoka).

⁷ Dickon, você é tão bom quanto Martha disse que era. Agora, você é a quinta pessoa de que eu gosto. Nunca pensei em gostar de cinco pessoas. (Burnett, 2021, p. 68, tradução Fábio Kataoka).

conquistar o coração de Mary, mas sua amizade se torna uma das mais significativas ao longo da história.

Embora Mary não tenha morrido de cólera na Índia, sua vida, de certa forma, estava estagnada, marcada pela solidão e pelo desdém de seus pais. Ela simplesmente existia, sem realmente viver. É apenas quando chega à Inglaterra e começa a se redescobrir através das experiências no jardim e das novas amizades que ela, de fato, começa a viver. Para Schimmel (1993), o número cinco é simbolicamente associado à vida e à humanidade, e, nesse contexto, o cinco representa o renascimento de Mary, que se inicia com a presença de Dickon e a transformação emocional que ela vivencia.

Considerações Finais

Neste estudo, observou-se como *The Secret Garden*, de Frances Hodgson Burnett, ilustra de maneira profunda o poder transformador da natureza e das relações humanas no processo de crescimento pessoal. Mary, que no início da história é uma menina egoísta e solitária, vivendo em um ambiente marcado pela frieza emocional, passa por uma profunda metamorfose durante sua jornada no jardim. À medida que estabelece novas amizades e se conecta com o mundo natural, ela se torna mais empática e alegre, evidenciando o impacto que o ambiente pode ter no desenvolvimento emocional e psicológico de uma criança.

De maneira similar, Colin começa sua trajetória como um menino doente e isolado, aprisionado por seus medos e inseguranças. No entanto, ao descobrir o jardim e se unir a Mary e Dickon, sua saúde e autoestima começam a melhorar significativamente. A transformação de Colin ressalta a importância de enfrentar os próprios medos e limitações para alcançar uma vida plena e significativa, livre dos bloqueios emocionais que o impedem de viver de forma saudável.

Dickon, por sua vez, simboliza a conexão profunda com a natureza, tornando-se o catalisador dessa transformação. Sua alegria e vasto conhecimento sobre o mundo natural não apenas

ensinam aos outros sobre o poder curativo da natureza, mas também demonstram como esse vínculo com o meio ambiente pode trazer cura, felicidade e equilíbrio emocional. Dickon, com sua determinação e amor pela natureza, serve como exemplo de como o cuidado com o meio ambiente e consigo mesmo podem ser instrumentos poderosos de transformação pessoal.

Ao longo deste trabalho, observou-se que, embora o jardim desempenhe um papel central, ele não é o único fator responsável pela mudança nas crianças. A transformação das personagens é igualmente alimentada pelas interações humanas, especialmente pela atenção e carinho com que Susan trata as crianças.

Por fim, a convivência com indivíduos que, apesar das adversidades, mantêm uma boa saúde emocional cria um ambiente propício para que as crianças reconheçam suas limitações e busquem o autoconhecimento. Esse processo de aprendizado mútuo contribui significativamente para o desenvolvimento integral de todos os envolvidos, demonstrando que tanto o ambiente físico quanto as interações humanas desempenham papéis cruciais na formação emocional e cognitiva das crianças.

Referências

- BURNETT, Frances Hodgson. **The secret garden**. 1. ed. Londres: Frederick A. Stokes Company, 1911.
- BURNETT, Frances Hodgson. **O jardim secreto**. Tradução de Fábio Kataoka. São Paulo: Camelot, 2021.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- GENETTE, Gérard. **Discours du récit**. Paris: Éditions du Seuil, 1980.
- SCHIMMEL, Annemarie. **The Mystery of numbers**. New York: Oxford University Press, 1993.
- ZIMMER, Heinrich. **Myth and Symbols in Indian Art and Civilization**. 6. ed. Princeton: Princeton University Press, 1972.

SEMÂNTICA LEXICAL E OS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS NA LIBRAS

LEXICAL SEMANTICS AND LINGUISTIC PHENOMENA IN LIBRAS

Rosana de Fátima Janes Constâncio¹

Resumo: As pesquisas relacionadas à Língua de Sinais ganharam notoriedade a partir das investigações realizadas por Stokoe (1960) na Língua de Sinais Americana – ASL, que resultaram no reconhecimento como uma língua natural, com estrutura e gramática própria como toda língua. A partir do reconhecimento como língua e não apenas uma linguagem, os avanços nas pesquisas são notáveis. No entanto, no Brasil, somente após o reconhecimento da Lei de Libras n. 10.436/02 e o Decreto n. 5626/05 que regulamentou a lei de Libras é que as pesquisas passam a ter visibilidade e notoriedade. Entretanto, quanto aos fenômenos linguísticos relacionados a polissemia e o *continuum* da iconicidade à arbitrariedade, ainda há muito a ser investigado. Assim, dando sequência a investigação realizado no Doutorado², aprofundamos os estudos no pós-doutoramento buscando compreender se: (i) na Libras há uma relação semântica entre os sinais polissêmicos e a iconicidade? (ii) se sim, será que pelo viés da Semântica Lexical é possível compreender de que forma essa relação acontece? Buscando responder as hipóteses iniciais para atingirmos o objetivo delineamos uma pesquisa básica, qualitativa, de cunho exploratório e descritivo ancorados na abordagem da Semântica Lexical, defendendo o princípio que há na Libras um *continuum* da iconicidade à arbitrariedade e que o fenômeno da polissêmica admite diferentes significados para o mesmo item lexical, contudo entre eles sempre há uma relação semântica. Para sustentar nossa investigação, o nosso aporte teórico, para além de fontes nacionais apoiou-se também em

¹ Doutora pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6235128946017565>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0779-6710>. E-mail: rosanajanes@ufgd.edu.br.

² Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em nível de pós-doutorado, tendo como supervisora a Prof.^a Dr.^a Marianne Rossi Stumpf.

fontes internacionais, com os expoentes Ribeiro (2016), Girma (2021), Constâncio (2022), Asken (2023). Assim, com a perspectiva de alcançarmos o objetivo, para o percurso metodológico optamos por selecionar os itens lexicais que constam no banco de dados *Signbank* disponível no site da UFSC. Inicialmente elaboramos uma lista dos sinais considerados polissêmicos. Ao fazermos a busca foi necessário excluir alguns sinais que não constavam no banco de dados. Com os sinais coletados, criamos uma pasta para registrar o download dos vídeos dos sinais e, então elaboramos um formulário no *Google Forms* que gerou uma planilha com os principais dados coletados que nos permitiram tabular os resultados e discutir os dados obtidos de forma criteriosa e minuciosa. Para validarmos os resultados usamos os vídeos das ocorrências registradas no banco de dados *Signbank* possibilitando a análise dos sinais de forma dinâmica observando se estão em sintonia com os resultados obtidos. Os resultados confirmaram as nossas hipóteses iniciais, permitindo-nos asseverar que existe uma relação semântica carregada de significado nos itens lexicais polissêmicos. Que embora admitam múltiplos significados, entre eles existe uma relação semelhante na execução e formação, e, muitas vezes há uma percepção de sentido na linha tênue da iconicidade à arbitrariedade que permite compreender que são construídos mentalmente, convencionalmente que de alguma maneira representam o conhecimento semântico do falante, isto é, há uma correlação do significado signo com o que de fato significam.

Palavras-chave: Iconicidade. Libras. Polissemia.

Abstract: Research related to Sign Language gained notoriety after the investigations carried out by Stokoe (1960) on American Sign Language – ASL, which resulted in its recognition as a natural language, with its own structure and grammar like any other language. Since its recognition as a language and not just a language, advances in research have been notable. However, in Brazil, it was only after the recognition of the Libras Law No. 10.436/02 and Decree No. 5626/05, which regulated the Libras law, that research began to gain visibility and notoriety. However, there is still much to be investigated regarding linguistic phenomena related to polysemy and the continuum from iconicity to arbitrariness. Thus, continuing the research carried out during the Doctorate, we deepened our studies in the post-doctorate, seeking to understand whether: (i) in

Libras there is a semantic relationship between polysemic signs and iconicity? (ii) if so, is it possible to understand how this relationship occurs from the perspective of Lexical Semantics? Seeking to answer the initial hypotheses to achieve the objective, we outlined a basic, qualitative, exploratory and descriptive research anchored in the Lexical Semantics approach, defending the principle that there is a continuum in Libras from iconicity to arbitrariness and that the phenomenon of polysemy admits different meanings for the same lexical item, however, there is always a semantic relationship between them. To support our investigation, our theoretical contribution, in addition to national sources, also relied on international sources, with the exponents Ribeiro (2016), Girma (2021), Constâncio (2022), Asken (2023). Thus, with the perspective of achieving the objective, for the methodological path we chose to select the lexical items that appear in the Signbank database available on the UFSC website. Initially, we prepared a list of signs considered polysemic. When we performed the search, it was necessary to exclude some signs that were not in the database. With the signs collected, we created a folder to record the download of the videos of the signs and then created a form in Google Forms that generated a spreadsheet with the main data collected, which allowed us to tabulate the results and discuss the data obtained in a careful and detailed manner. To validate the results, we used the videos of the occurrences recorded in the Signbank database, enabling us to analyze the signs dynamically, observing whether they are in line with the results obtained. The results confirmed our initial hypotheses, allowing us to assert that there is a semantic relationship loaded with meaning in the polysemic lexical items. Although they admit multiple meanings, there is a similar relationship between them in execution and formation, and there is often a perception of meaning on the fine line from iconicity to arbitrariness that allows us to understand that they are constructed mentally, conventionally, that in some way they represent the semantic knowledge of the speaker, that is, there is a correlation between the meaning of the sign and what they actually mean.

Keywords: Iconicity. Libras. Polysemy.

Exórdio

No Brasil, os avanços com as pesquisas na área dos fenômenos linguísticos ganham notoriedade principalmente com a promulgação da Lei nº 1.436/2002, conhecida como Lei da Libras, e a sua respectiva regulamentação, por meio do Decreto nº 5626/2005. Embora as conquistas sejam muito significativas, ainda há um campo vasto para investigação dessa língua natural em constante evolução. Assim, dando continuidade aos estudos realizados no Doutorado, buscamos, no pós-doutoramento, investigar o fenômeno da polissemia, averiguando algumas hipóteses: (i) É possível estabelecer uma relação da gradação da iconicidade à arbitrariedade com os sinais considerados polissemicos? (ii) Pelo viés da Semântica Lexical, é possível compreender a relação semântica dos sinais polissêmicos? (iii) Como, de fato, os sinais polissêmicos se manifestam na Libras?

Para sustentar a nossa investigação, considerada uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e exploratória, o aporte teórico fundamentou-se principalmente em Asken (2023), Constâncio (2022), Girma (2021), Silva (2020), Ribeiro (2016) e outros pesquisadores.

Este artigo está dividido em quatro seções. Na primeira, aboramos os conceitos dos fenômenos linguísticos investigados, explorando a linha tênue do *continuum*³ da iconicidade à arbitrariedade e a noção de polissemia. Consideramos como o conceito de iconicidade é abordado para explicar algumas características linguísticas dentro da gramática da Libras. Na segunda seção, apresentamos o referencial teórico que embasa nossa proposta, discutindo-se acerca da interface semântica lexical/cognitivismo. Na terceira seção, explicitamos o percurso metodológico, como o tipo de pesquisa e a sua abordagem, assim como as etapas estabelecidas para contemplar o objetivo central,

³ Continuum é um termo derivado do latim, que literalmente tem o significado de contínuo, podendo ser considerado como uma sequência.

para formar e analisar o *corpus*. A quarta seção reúne os resultados obtidos e a discussão sobre as observações realizadas. Nas Considerações Finais, deixamos registrada a relevância da pesquisa, a partir dos resultados obtidos com a investigação realizada.

Gradação da iconicidade à arbitrariedade e os sinais polissêmicos

Os estudos sobre os fenômenos linguísticos da iconicidade à arbitrariedade datam de longo tempo. Os filósofos na antiguidade já travavam um debate sobre a natureza das palavras. Saussure (1857-1913), por exemplo, defendia que a maioria das palavras são arbitrárias, existindo uma maleabilidade, por exemplo, com as palavras onomatopeicas. Para ele, existe uma convenção na formação das palavras que é aceita (Saussure, 2012).

No entanto, com os avanços nas pesquisas, outra concepção passou a ser aceita, considerando que a iconicidade também está presente nas línguas naturais. Para além do binômio iconicidade/arbitrariedade, surgiram duas possíveis gradações na linha tênue entre esses dois fenômenos, os translúcidos e obscuros, que foram defendidos por outros pesquisadores, tais como Klima e Bellugi (1979), Perniss e Vigliocco (2014), Ortega (2017) e Constâncio (2022).

No contexto das línguas de sinais, na linha tênue do *continuum* da iconicidade à arbitrariedade, consideramos que os sinais podem estabelecer uma relação icônica, translúcida, obscura ou arbitrária, sendo esses aspectos frutos de uma convenção social presentes na singularidade de cada língua, uma vez que cada país tem a sua língua de sinais, construídos pela representação mental e cultural dos utentes da língua (Constâncio, 2022).

Os sinais icônicos são aqueles que podem manifestar uma relação entre forma e significado construída culturalmente, em que há um conhecimento prévio do que o item lexical pode representar. Os sinais translúcidos estabelecem uma relação de sentido apresentando algumas características que podem ser compreendidas a partir de uma explicação, isto é, uma pessoa não

usuária da língua de sinais consegue compreender a motivação para o sinal. Com relação aos sinais obscuros, a relação ou a mesma motivação na formação do sinal não é evidente, porque, muitas vezes, essa motivação inicial se perdeu ao longo do tempo, ficando assim obscura. Por fim, os sinais arbitrários são aqueles que não manifestam nenhuma motivação na formação do sinal, não existindo nenhuma conexão possível de associar o item lexical com aquilo que representa.

Contextualizado a gradação existente da iconicidade à arbitrariedade, em nossa investigação, defendemos que o fenômeno da polissemia na Libras se manifesta entre itens lexicais que apresentam a mesma formação e execução, embora sejam possíveis pequenas dessemelhanças quanto ao movimento, mas que necessariamente apresentam uma relação semântica entre os itens lexicais.

Portanto, as pesquisas consideram que, nas línguas de sinais, é possível estabelecer uma relação na formação dos sinais, atribuindo-lhes uma gradação que corresponde a uma relação semântica carregada de significado fruto de uma construção mental e cultural (Constâncio; Stumpf, 2024).

Referencial teórico

De acordo com Silva (2020), o campo da Semântica Lexical é “[...] o estudo do significado que se concentra na especificidade das palavras, constitui o processo de interpretação que cada um usa durante a comunicação” (Silva, 2020, p. 1333). Assim, os itens lexicais que usamos na comunicação é fruto de uma convenção carregada de sentidos compartilhados pelos usuários da língua.

Girma (2021) salienta que o fenômeno da polissemia é definido como um item lexical que contém vários significados, no entanto, estão conceitualmente relacionados. Partindo desse princípio, assumimos em nossa investigação o aporte teórico da Semântica Lexical.

De acordo com Asken (2023), em todas as línguas, é possível constatar que nas comunidades linguísticas sempre há uma convenção dentro de um inventário de sentidos compartilhado pelos utentes da língua. Por conseguinte, defendemos que o fenômeno da polissemia ocorre entre os itens lexicais que apresentam a mesma estrutura morfofonológica, isto é, as mesmas unidades sublexicais e a mesma forma na execução dos sinais, embora seja possível que, ocasionalmente, os itens lexicais contenham uma singular diferença quanto ao movimento de realização dos sinais: em alguns, o movimento pode ser realizado uma única vez ou de modo repetido.

A investigação realizada no pós-doutoramento assevera que os sinais polissêmicos na Libras estabelecem uma relação de sentido entre eles, sendo possível observar a gradação do *continuum* da iconicidade à arbitrariedade. Concordamos com Silva (2020) sobre o fato de que “As palavras são o espelho mais direto e imediato da forma como conceitualizamos o mundo e a experiência. Cada conceito lexical é fruto de uma experiência vivida, de uma abordagem cognitiva relativa a uma situação concreta” (Silva, 2020, p. 133).

Metodologia

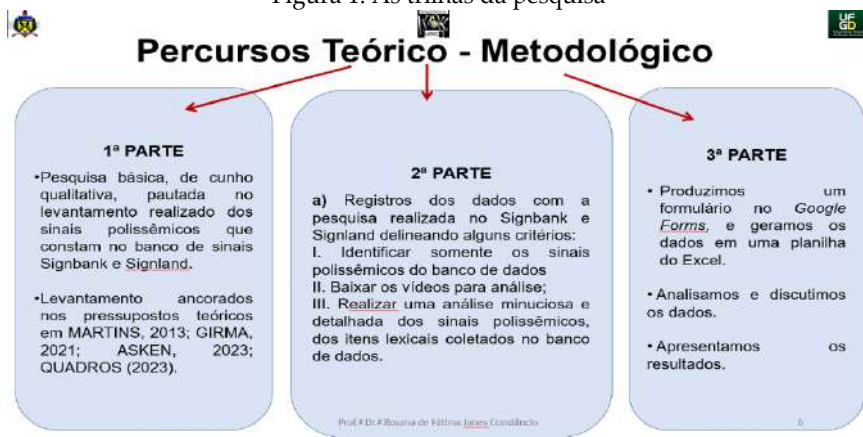
Para desenvolver o estudo proposto, o percurso metodológico foi composto por três etapas essenciais, sendo necessário refazer as ações em alguns momentos, pois demandavam-se maiores cuidados. A Figura 1 sintetiza as trilhas da pesquisa.

Inicialmente, realizamos o levantamento e elaboramos uma lista dos sinais polissêmicos, em diálogo com o referencial teórico selecionado. A segunda etapa consistiu na busca dos sinais no banco de dados *Signbank*⁴. Foi necessário excluir alguns itens lexicais da lista inicial, pois eles não constavam no banco de dados. Após identificar os sinais polissêmicos, fizemos o *download* dos

⁴ Disponível em: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/>.

vídeos dos sinais (que correspondem a entrevistas com surdos de referência), disponíveis no *Signbank*, o *corpus* de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na terceira etapa, para validação, realizamos a organização dos dados e analisamos os vídeos, verificando a execução dos sinais polissemicos que compuseram o *corpus*. Consideramos que o registro das ocorrências possibilitou uma validação fidedigna.

Figura 1: As trilhas da pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Resultados e discussões

Os resultados da pesquisa foram muito profícuos, pois nos permitiram confirmar as nossas hipóteses iniciais, de que, de fato, existe uma relação semântica carregada de significado nos itens lexicais polissêmicos. Embora os sinais polissêmicos admitam múltiplos significados, as análises revelam que entre eles há uma correlação do significado do signo com o que de fato significa.

Outro dado relevante é que esses sinais são semelhantes na execução e na formação, sendo que, em alguns deles, é possível estabelecer uma compreensão do seu significado, pois, de alguma forma, em sua execução, denotam um sentido a que de fato significam, permitindo que se estabeleça uma percepção quanto à

gradação na linha tênue da iconicidade à arbitrariedade. No entanto, compreendemos que esses sinais são construídos mental e convencionalmente, representando, de alguma maneira, o conhecimento semântico do falante.

Essa afirmação pode ser evidenciada nos sinais de JACARÉ e PERNAMBUCO, expostos na Figura 2.

Figura 2 – Sinais de JACARÉ e PERNAMBUCO



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Embora os sinais JACARÉ e PERNAMBUCO sejam de campos semânticos distintos, respectivamente, animais e cidades, é possível observar que ambos têm as mesmas unidades sublexicais e o mesmo modo de execução. O que revelam os sinais? No sinal de JACARÉ, é possível estabelecermos uma relação como se fosse para demonstrar as mandíbulas do jacaré, representando o ato de mordedura. No sinal de PERNAMBUCO, acreditamos que a motivação para a sua execução seja porque, culturalmente na região Nordeste do Brasil, sobretudo no estado de Pernambuco, há uma predominância do jacaré-de-papo-amarelo, uma espécie típica dessa região alvo de interesse de turistas.

Assim, entendemos que há uma forte motivação para o sinal, o que nos leva a compreender que o sinal de JACARÉ seja um sinal translúcido, sendo possível associar a motivação para a realização do sinal, ao passo que o sinal de PERNAMBUCO pode ser considerado

obscuro, pois ocorre uma compreensão após uma explicação de um elemento cultural, estabelecendo a associação de sentidos.

Os sinais polissêmicos, desse modo, estabelecem uma relação de sentido entre eles, coadunando-se com a asseveração de Ribeiro (2016) que o estudo dos itens lexicais individuais significa, porque eles querem dizer o que dizem e como podemos representar tudo isto.

Considerações Finais

Em conclusão, pode-se afirmar que os sinais polissêmicos são aqueles expressos da mesma forma, com semelhança em sua execução e formação, sendo construídos mentalmente. No entanto, embora, em alguns casos, possa ser perceptível a motivação do sinal, verificamos que se trata de um sinal convencional, considerando que entre eles há uma linha tênue no *continuum* da iconicidade à arbitrariedade (sinais icônicos, translúcidos, obscuros e arbitrários).

Referências

- AKSEN, H. **Analyse de la polysémie et de la polytaxie du verbe CHANGER en Langue des Signes Française**. 2023. 301f. These (Doctorat Sciences) - Université Paris 8 Vincennes, Saint Denis, 2023.
- CONSTÂNCIO, R. de F. J. **Relações de Arbitrariedade e Iconicidade na composição dos sinais em Libras**. 2022. 195f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.
- CONSTÂNCIO, R. de F. J., STUMPF, M. R. O fenômeno linguístico dos sinais polissêmicos na Libras. **Revista Interletras**, v. 11, n. 39, p. 1-14, ago./fev. 2024. No prelo.
- GIRMA, W. Polysemy of Ethiopian sign language. *In*: JOHANNESSEN, J. B. (eds.). **Grammatical and Sociolinguistic Aspects of Ethiopian Languages**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2021. p. 398-412.
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

- ORTEGA, G. **Iconicity and Sign Lexical Acquisition**: a Review. *Front: Psychol*, 2017.
- RIBEIRO, Roza M. P. Muito além das palavras e sentidos: uma breve introdução à Semântica. *In*: PINTO, D. C. M. **Introdução à semântica**. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2016. p. 7-32.
- PERNISS P. M; VIGLIOCCO G. The bridge of iconicity: from a world of experience to the experience of language. **Phil. Trans. R. Soc.**, [s. l.], v. 369, e-20130300, 2014.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SILVA, Regina Célia Pereira da. Semântica Lexical e comparação interlinguística nos textos Chiarianos durante o processo de tradução. **ACTA**, [s. l.], ano 44, v. 25, n. 3, p. 132-142, 2020.

TEATRO EM COMUNIDADE: UMA ARTE CONVIVAL E CIDADÃ

TEATRO EN COMUNIDAD: UN ARTE CONVIVAL Y CIUDADANA

Marcelo Rodrigues¹

Alai Garcia Diniz²

Resumo: Nogueira (2007), em seu trabalho sobre o teatro em comunidade, além de abordar a difícil tarefa de conceituar essa prática teatral, enfatiza a importância do diálogo e da aprendizagem compartilhada entre a academia e as comunidades. A autora argumenta que o teatro em comunidades não se limita a um espaço específico, mas se espalha por diversas iniciativas, como políticas públicas, ONGs e movimentos sociais. Nogueira (2007) destaca ainda que o teatro em comunidade é uma prática que promove a inclusão social e o desenvolvimento pessoal dos participantes. Por outro lado, Dubatti (2007 2013), em seu conceito de teatro convivial, propõe uma filosofia do teatro que valoriza o encontro pessoal e a interação humana sem intermediários tecnológicos. O autor vê o teatro como um acontecimento onde o convívio entre as pessoas é a base da experiência cênica. Sendo assim, neste trabalho, pretende-se estabelecer um diálogo entre as contribuições desses autores, que oferecem uma visão rica e diversificada do teatro como uma prática transformadora e inclusiva e que contribui para uma teatralidade cidadã. Esse diálogo se formula a partir do entendimento dos pressupostos de Diniz (2016) sobre as poéticas transterradas, que permitem, à arte e às manifestações culturais, transporem barreiras e fronteiras geográficas sem a obrigatoriedade do pertencimento a qualquer lugar. Assim, partindo do que se propõe aqui como teatralidade cidadã como arte transformadora da realidade, é possível observar o teatro em comunidade como uma prática convivial, que promove um espaço de troca e colaboração entre

¹ Doutorando pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3792819268732333>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7358-898X>. E-mail: mr.rodriques.prof@gmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1533451239385381>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1085-6657>. E-mail: agadin@gmail.com.

moradores, onde as barreiras entre o público e os artistas são dissolvidas, corroborando à transformação da realidade periférica.

Palavras-chave: Teatro em comunidade. Teatralidade cidadã. Teatro convivial.

Resumen: Nogueira (2007), en su trabajo sobre el teatro en comunidad, además de abordar la difícil tarea de conceptualizar esta práctica teatral, enfatiza la importancia del diálogo y del aprendizaje compartido entre la academia y las comunidades. La autora argumenta que el teatro en comunidades no se limita a un espacio específico, sino que se extiende a diversas iniciativas, como políticas públicas, ONGs y movimientos sociales. Nogueira (2007) destaca también que el teatro en comunidad es una práctica que promueve la inclusión social y el desarrollo personal de los participantes. Por otro lado, Dubatti (2007; 2013), en su concepto de teatro convivial, propone una filosofía del teatro que valora el encuentro personal y la interacción humana sin intermediarios tecnológicos. El autor ve el teatro como un acontecimiento donde la convivencia entre las personas es la base de la experiencia escénica. Así, en este trabajo, se pretende establecer un diálogo entre las contribuciones de estos autores, que ofrecen una visión rica y diversificada del teatro como una práctica transformadora e inclusiva que contribuye a una teatralidad ciudadana. Este diálogo se formula a partir de la comprensión de los supuestos de Diniz (2016) sobre las poéticas transterradas, que permiten, que el arte y las manifestaciones culturales, traspasen barreras y fronteras geográficas sin la obligatoriedad de pertenencia a ningún lugar. Así, partiendo de lo que aquí se propone como teatralidad ciudadana como arte transformadora de la realidad, es posible observar el teatro en comunidad como una práctica convivial, que promueve un espacio de intercambio y colaboración entre los residentes, donde las barreras entre el público y los artistas se disuelven, corroborando la transformación de la realidad periférica.

Palabras clave: Teatro en comunidad. Teatralidad ciudadana. Teatro convivial.

Introdução

Os trabalhos de Diniz (2016), Dubatti (2007; 2013) e Nogueira (2010) abordam diferentes aspectos da arte e da cultura, com a teatralidade como um ponto comum ao explorar a interação entre a comunidade e as expressões artísticas, formando um elo teórico direcionado à arte cidadã.

Nogueira (2007), em "Tentando definir o teatro da comunidade", apresenta como desenvolver o teatro na comunidade para integração social, enfatizando a importância de práticas teatrais que envolvem ativamente a comunidade, criando um espaço de convivência e superação de barreiras sociais.

Diniz (2016), em "Poéticas Transterradas", expande essa discussão ao considerar como expressões artísticas podem transcender fronteiras culturais e geográficas. A autora explora a tradução intercultural, performance e arquivos transfronteiriços, mostrando como a arte pode ser um poderoso veículo para o diálogo intercultural e a compreensão mútua. A performance poética, segundo Diniz, permite que a poesia se conecte diretamente com o público, promovendo interação e cidadania, semelhante ao teatro na comunidade abordado por Nogueira.

Dubatti (2007; 2013) em "Filosofia do Teatro 1: Convívio, experiência, subjetividade" e "Filosofia do teatro e Teoria do Teatro", completa esse panorama ao focar na experiência teatral como um fenômeno de convivência. O autor argumenta que o teatro é um evento de reunião e compartilhamento entre artistas e espectadores, destacando a importância do encontro e da experiência compartilhada, ecoando as ideias de Nogueira sobre o teatro em comunidade e de Diniz sobre a capacidade da arte de transcender barreiras. Juntos, esses trabalhos oferecem uma visão rica e multifacetada da arte como um meio de construção de pontes e fortalecimento de laços comunitários.

O teatro na comunidade

Para compreender a prática teatral das vozes à margem, observou-se o teatro em comunidade no contexto brasileiro, que segundo a professora e pesquisadora especialista no tema Marcia Pompeo Nogueira (2007), sua definição não é uma tarefa fácil e nem objetiva, dada a pluralidade de formas e possibilidade de alcance com que essa vertente teatral se apresenta em um país de proporções continentais como o Brasil.

Marcia Pompeo Nogueira, com sua teoria sobre o teatro em comunidade, enfatizou a importância da participação ativa da comunidade na criação e execução das peças, valorizando a identidade coletiva e a expressão cultural local.

Kershaw (1992) afirma que o teatro comunitário é aquele que se volta à natureza do seu público e comunidade, onde a poética teatral é definida por esse entorno social. Na progressão de seus estudos e de seu pensamento, Nogueira reconhece que a observação feita por Kershaw é pautada na natureza política que une a comunidade como um organismo. Contudo, é preciso cautela ao observar o conceito de comunidade aplicado à realidade brasileira, pois essa se distancia muito no que determina e compreende o termo comunidade, no contexto hispano-americano, por exemplo.

Distanciando-se da aplicabilidade semântica do termo e para melhor compreensão do que vem a ser o teatro na comunidade, a autora fragmenta a modalidade teatral em questão em três campos, para melhor compreender a poética e a disseminação dessa vertente teatral no território brasileiro. A primeira das três conceitualizações que a autora faz é a do Teatro *para* comunidades, que em suas palavras, “Este modelo inclui o teatro feito por artistas para comunidades periféricas, desconhecendo de antemão sua realidade. Caracteriza-se por ser uma abordagem *de cima pra baixo*, um teatro de mensagem” (Nogueira, 2007, p. 02).

Na sequência a autora denomina o segundo grupo como Teatro *com* comunidades e define:

Aqui, o trabalho teatral parte de uma investigação de uma determinada comunidade para a criação de um espetáculo. Tanto a linguagem, o conteúdo - assuntos específicos que se quer questionar - ou a forma - manifestações populares típicas - são incorporados no espetáculo. A idéia de vinculação a uma comunidade específica estaria ligada à ampliação da eficácia política do trabalho. (Nogueira, 2007, p. 02)

A terceira e última forma segmentada pela autora, é o Teatro *por* comunidades e é descrita pela autora como:

O terceiro modelo tem grande influência de Augusto Boal. Inclui as próprias pessoas da comunidade no processo de criação teatral. Em vez de fazer peças dizendo o que os outros devem fazer, passou-se a perguntar ao povo o conteúdo do teatro, ou dar ao povo os meios de produção teatral. (Nogueira, 2007, p. 02)

Ainda em seu trabalho a autora acrescenta que por meio dos exercícios teatrais e da improvisação, é possível articular uma voz comum para aqueles que antes eram silenciados. Esses indivíduos estavam fragmentados em uma vivência onde os laços sociais e culturais são frequentemente rompidos ou espalhados, resultando em uma sensação de isolamento ou desconexão, colocando-os à margem, sem força expressiva de resistência, e, por isso, oprimidos.

O Teatro como poética transterrada

Em seu trabalho, Diniz (2016) explica seu conceito colocando como emergentes da condição de estar entre diferentes lugares, culturas e identidades, sem a obrigatoriedade de pertencimento à condição de partida ou mesmo de destino, coexistindo como terceira via e ainda assim podendo estar ou não ligada a uma ou a ambas, se manifestando como uma forma artística resultante da experiência de deslocamento cultural e/ou geográfico, superando os limites culturais possíveis na trajetória, permeando a leitura da teatralidade subalterna, pois é uma prática que aflora em grupos marginalizados que exploram suas potencialidades e refinam sua identidade a partir de experiências e resistência na margem fronteira.

Dessa forma, o teatro em comunidade pode ser entendido como uma expressão das poéticas transterradas ao transcender fronteiras culturais e geográficas e promover a inclusão social e a visibilidade da criação periférica para além do espaço de produção. Esse tipo de teatro envolve diretamente os participantes, valorizando suas vozes, experiências e vivências, assim como a poética transterrada valoriza diferentes tradições culturais. Além disso, ambos destacam a importância da performance e da oralidade, criando um espaço para o diálogo intercultural para além das fronteiras entre poéticas. O teatro em comunidade funciona como um arquivo vivo, preservando e celebrando a memória coletiva das comunidades e seus membros e atuando como um catalisador que impulsiona a transformação social, promovendo justiça e inclusão.

Dessa forma, as práticas teatrais em comunidades alinham-se aos princípios teóricos das poéticas transterradas, conectando pessoas e culturas por meio da superação dos limites, barreiras e fronteiras, estendendo os diálogos e as trocas de experiências por redes de teatro comunitário presente em muitos países latino-americanos, de colaboração e cooperação nacional e internacional.

O Teatro como acontecimento convivial

Dubatti (2007; 2013), evidencia a teatralidade como um acontecimento convivial único e singular, onde atores e espectadores compartilham o mesmo espaço e tempo, criando uma dinâmica única e irrepetível em cada apresentação. Essa interação singular é considerada pelo autor como intrínseca para a essência da convivialidade no teatro, promovendo uma troca autêntica entre os participantes.

Seguindo no direcionamento da compreensão e estudo dessa teatralidade contemporânea e sua territorialidade, o autor argentino Jorge Dubatti (2007) apresenta, entre suas produções, uma Filosofia do Teatro que define a necessidade de um estudo local como resposta à problematização das questões fundamentais

que envolvem o tema, destacando e colocando o teatro como um acontecimento que ocorre por meio de uma cultura viva, assim como os corpos que o encenam:

Em suma: para a Filosofia do Teatro, a concepção do acontecimento exige repensar o teatro a partir de suas práticas, processos e conhecimentos específicos, possibilitando uma razão pragmática que possa dar conta da natureza problemática do que sucede no acontecimento e que possa, por sua vez, retificar a doxa ou ciência desvinculada da observação das práticas. A Filosofia do Teatro interessa-se, além das próprias práticas, pelo pensamento que se gera em torno do acontecimento, e assim possibilita o resgate dos metatextos dos artistas, técnicos e espectadores como documentos essenciais para o seu estudo. (Dubatti, 2013, p. 1862, tradução nossa)³

Nesse sentido, e avançando em seu pensamento, Jorge Dubatti indaga não somente o reducionismo semiótico a que está posto o teatro, mas também as bases epistemológicas de estudo e entendimento do teatro que não pertencem a um contexto local e não compreendem e tampouco contemplam as necessidades atuais dos estudos teatrais, ressaltando ainda a existência dessas bases em âmbito argentino.

Diante dessa pluralidade de possibilidade de direcionamentos, no que tange à pesquisa teatral e o entendimento da teatralidade, Jorge Dubatti (2013), propõe regressar o teatro ao teatro, em um olhar desde dentro, questionando, como ponto de partida para uma filosofia contundente, o que há no teatro e o que acontece no teatro. O autor ainda enfatiza, que é fundamental para a Filosofia Teatral evidenciar essa vivência teatral, a partir de uma perspectiva participativa, daqueles que estão dentro do teatro, vivenciando-o,

³ En suma: para la Filosofía del Teatro la concepción del acontecimiento exige repensar el teatro desde sus prácticas, procesos y saberes específicos, habilitando una razón pragmática que pueda dar cuenta de la problematicidad de lo que sucede en el acontecimiento y pueda a su vez rectificar doxa o ciencia desligadas de la observación de las prácticas. La Filosofía del Teatro se interesa, además de las prácticas mismas, por el pensamiento que se genera en torno del acontecimiento, y habilita así el rescate de los metatextos de los artistas, los técnicos y los espectadores como documentos esenciales para su estudio. (Dubatti, 2013, p. 1862)

não só no palco, enquanto artista, mas também, através da sua extensão, na pesquisa e na participação do espectador.

Nessa perspectiva do convívio e ainda compondo sua filosofia do teatro, Dubatti (2013) descreve o que classifica como “acontecimento convivial”, caracterizando o teatro como uma ocorrência singular e irrepetível, que se manifesta através da presença física e compartilhada entre atores e espectadores. Este fenômeno exalta a relevância do encontro humano direto, desprovido de mediações tecnológicas, onde a convivência e a experiência coletiva são essenciais. Para o autor, o teatro constitui um espaço de interação e troca, no qual a interação humana gera uma experiência única e transformadora. Este conceito enaltece o teatro como um instrumento para fortalecer os vínculos comunitários e fomentar a empatia e a compreensão mútua.

A filosofia teatral de Jorge Dubatti, especialmente no que se refere ao conceito de “acontecimento convivial”, pode ser integrada de maneira harmoniosa à ocupação do espaço público pelo teatro comunitário argentino. Este último utiliza o espaço público para fomentar um senso de comunidade e pertencimento, envolvendo os moradores locais em suas produções. Essa prática está em consonância com a ideia do autor de que o teatro deve ser um espaço de convivência e interação direta entre as pessoas.

Ao ocupar espaços públicos, o teatro comunitário não apenas democratiza o acesso à arte, mas também transforma esses locais em pontos de encontro e troca cultural, alinhando-se perfeitamente com a filosofia de Dubatti. A interação direta com o público e a participação ativa dos espectadores são elementos que reforçam o conceito de “acontecimento convivial” proposto.

Considerações finais

Um diálogo teórico entre as contribuições de Alai Garcia Diniz, Jorge Dubatti e Márcia Pompeo Nogueira pode criar uma base sólida para promover uma teatralidade cidadã nas periferias das cidades brasileiras, valorizando o convívio, a inclusão e a

transposição de fronteiras culturais. Dubatti (2007), destaca a importância do teatro como um espaço de encontro e interação humana, sem a necessidade de estéticas modernas para mediar essas trocas. Sua teoria do teatro convivial defende que o teatro deve ser uma experiência compartilhada, onde as subjetividades se encontram e se transformam. Esse conceito que urge para a criação de uma teatralidade cidadã nas periferias, pois incentiva o engajamento direto da comunidade, fortalecendo os laços sociais e promovendo a inclusão de forma direta e democratização do conhecimento de forma acessível.

Entretanto, o fato é que as reflexões que começaram a existir antes da pandemia, como a contribuição de Jean Luc Nancy (2012) sobre o conceito de comunidade pensada sem a carga do essencialismo, de modo que com a resignificação do conceito de comunidade, ela já não estaria ligada a uma verdade absoluta, a uma cultura hegemônica, mas sim a partir do aprendizado que diferentes sujeitos, advindos de outras culturas, podendo ensinar com seus saberes ou ancestralidades.

Por outro lado, Diniz (2016), oferece uma perspectiva inovadora ao discutir como a poesia e a arte podem transcender fronteiras geográficas e culturais. Sua teoria enfatiza a tradução intercultural a partir da escuta, da negociação e da crítica em um processo dinâmico, como é proposta por Catherine Walsh (2009), que é fundamental para um diálogo entre diferentes realidades culturais dentro das periferias. A poética transterrada permite que a arte local dialogue com outras culturas através das redes e associações culturais, enriquecendo a prática teatral com novos significados e perspectivas. Isso não apenas valoriza a diversidade cultural presente nas periferias, mas também promove uma maior compreensão e empatia entre os diferentes grupos sociais, facilitando a construção de uma comunidade mais coesa e solidária.

Nogueira (2007), complementa essas ideias ao focar na prática do teatro em comunidade como uma ferramenta de inclusão social e desenvolvimento pessoal. Nogueira argumenta que o teatro em comunidade deve ser um espaço de diálogo e aprendizagem

compartilhada entre a academia e as comunidades. Esse enfoque é crucial para a teatralidade cidadã, pois promove a participação ativa dos moradores das periferias na criação e realização de projetos teatrais, fortalecendo sua identidade cultural e autonomia. Ao integrar as perspectivas das autoras e do autor, é possível desenvolver uma abordagem teórica robusta que valorize a convivência, a interculturalidade e a inclusão, transformando o teatro em uma poderosa ferramenta de cidadania e mudança social nas periferias urbanas.

Referências

- DINIZ, Alai G. Poéticas transferradas. *Línguas e letras*, Cascavel, v. 17, n. 37, p. 7-29, 2016.
- DUBATTI, Jorge. **Filosofia del teatro y Teoría del Teatro**. Buenos Aires. Anais. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2013.
- DUBATTI, Jorge. **Filosofia del teatro I: Convivio, experiencia, subjetividade**. Buenos Aires: Atuel, 2007.
- KERSHAW, Baz. **The politics of performance: Radical Theatre as social intervention**. Routledge, 1992.
- NANCY, Jean Luc. **El sentido del mundo**. Buenos Aires: Ed. La Marca, 2012.
- NOGUEIRA, Marcia P. Tentado definir o Teatro na Comunidade. **Anais ABRACE**. Campinas: UNICAMP, v.8, n.1, p. 1-4, 2007.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad, pluriculturalidad e decolonialidad: las insurgências político-epistémicas de refundar un Estado. **TABULA RASA**. n. 9, jul-dic de 2008.

AS PLATAFORMAS GANHAM VISIBILIDADE: E AGORA, PROFESSOR(A)? QUE SUJEITO-LEITOR ESTAMOS FORMANDO?

LAS PLATAFORMAS GANAN VISIBILIDAD: ¿Y AHORA, PROFESOR(A)! ¿QUÉ SUJETO-LECTOR ESTAMOS FORMANDO?

Marta Richciki Camargo¹
João Carlos Cattelan²

Resumo: Neste trabalho, propomos apresentar parte da pesquisa em desenvolvimento, com suporte da Análise de Discurso de linha francesa, tendo como objetivo problematizar a formação do sujeito-leitor frente ao uso da Plataforma Leia Paraná (posta em uso em 2023). O objeto de investigação é a Plataforma Leia Paraná, que é utilizada/implementada nas escolas da rede pública estadual de ensino. A pesquisa se justifica pela crescente visibilidade das plataformas governamentais que estão sendo integradas como ferramentas educacionais no ambiente escolar, por isso se tornando um objeto de investigação sujeito a um conjunto de questionamentos que nos instiga a aprofundar a compreensão dos efeitos que a adoção da plataforma pode desencadear no processo educativo, especialmente no que se refere à leitura. Assim, ancorando-nos na perspectiva teórico-metodológico-materialista da Análise de Discurso, emergem algumas questões cruciais relacionadas à formação do sujeito-leitor, bem como à integração entre leitura, interpretação e compreensão textual. À vista disso, surgem algumas inquietações, quando pensamos na leitura discursiva, pois, diante do que é imposto aos/as professores/professoras, haveria como colocar em apreciação os efeitos de sentido que vão se constituindo discursivamente com base nas condições de produção? Pensamos que a leitura precisa provocar reflexões e

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0296848345470820>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8812-124X>. E-mail: marta.richciki@gmail.com.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9256916603102594>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7838-5284>. E-mail: jcc.cattelan@gmail.com.

possibilitar a observação do deslize dos sentidos e não a petrificação de um efeito. A ancoragem na teoria da Análise de Discurso pode possibilitar a problematização das rupturas em relação à língua, à história e ao sujeito; além disso, Condições de Produção e Formação Discursiva são conceitos relevantes para o movimento de análise e os teóricos Pêcheux (2014a; 2014b; 2015a; 2015b), Orlandi (2012; 2020), Maldidier (2017) e Leandro-Ferreira (2020) poderão contribuir para o processo de problematização do *corpus* discursivo.

Palavras-chave: Plataforma Leia Paraná. Leitura discursiva. Sujeito-leitor.

Resumen: En este trabajo, proponemos presentar parte de la investigación en desarrollo, con el apoyo del Análisis del Discurso de línea francesa, teniendo como objetivo problematizar la formación del sujeto-lector frente al uso de la Plataforma Leia Paraná (metido en uso en 2023). El objeto de investigación es la Plataforma Leia Paraná, que es utilizada/implementada en las escuelas de la red pública estadual de enseñanza. La investigación se justifica pela creciente visibilidad de las plataformas gubernamentales que están siendo integradas como herramientas educativas en el ambiente escolar, por eso, tornándose un objeto de investigación sujeto a un conjunto de cuestionamientos que nos instigan a profundizar la comprensión de los efectos que la adopción de la plataforma puede desencadenar en el proceso educativo, en especial en lo que se refiere a la lectura. Así, anclándonos en la perspectiva teórico-metodológico-materialista del Análisis del Discurso, emergen algunas cuestiones cruciales relacionadas con la formación del sujeto-lector, así como con la integración entre lectura, interpretación y comprensión textual. En vista de eso, surgen algunas preocupaciones, cuando pensamos en la lectura discursiva, pues, delante de lo que es impuesto a los/las profesores/profesoras, ¿habría cómo colocar en apreciación los efectos de sentido que van constituyéndose discursivamente a partir de las condiciones de producción? Pensamos que la lectura necesita provocar reflexiones y permitir observar el deslizamiento de los sentidos y no la petrificación de un efecto. El anclaje en la teoría del Análisis del Discurso puede posibilitar la problematización de rupturas en relación con el lenguaje, la historia y el sujeto; además, las Condiciones de Producción y la Formación Discursiva son conceptos importantes para el movimiento de análisis y los teóricos Pêcheux (2014a; 2014b; 2015a; 2015b), Orlandi

(2012; 2020), Maldidier (2017) e Leandro-Ferreira (2020) podrán contribuir con el proceso de problematización del *corpus* discursivo.

Palabras clave: Plataforma Leia Paraná. Lectura discursiva. Sujeto-lector.

Ponderações iniciais

A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade.

Talvez o leitor esteja se perguntando: por que o interesse no movimento da leitura? Há um bom tempo que o movimento da leitura nos afeta e, com a intensificação do uso de plataformas no ensino público estadual, fomos afetados um pouco mais. Para melhor compreensão, cabe informar que em 2023 “surgiu” mais uma plataforma no ambiente escolar: Leia Paraná³. Esta plataforma deve ser utilizada pelos/pelas professores/professoras e alunas/alunos da rede, e a mais nova ferramenta tem por objetivo fomentar o gosto pela leitura, desenvolver competências leitoras e contribuir para o desenvolvimento da cultura digital. Na plataforma, há livros em formato PDF (Formato Portátil de Documento). Os livros estão disponibilizados conforme a idade escolar dos/das alunos/alunas e, além da leitura, eles também precisam responder algumas perguntas para confirmar a sua suposta capacidade de compreensão e criticidade da obra lida.

Diante desse cenário, fica a inquietação em relação ao movimento da leitura, pois será que as perguntas presentes na plataforma, perguntas que servem para validar a capacidade de compreensão do sujeito-leitor, levam em consideração o lugar de constituição de sentidos, visto que “o sentido vem não da língua, mas, sim, da formação discursiva, representando uma posição

³ Disponível em: https://professor.escoladigital.pr.gov.br/plataformas_educacionais/leia_parana. Acesso em 04 de nov. de 2024.

ideológica a partir da relação da língua com a história”? (Leandro-Ferreira, 2020, p. 260-261). Compreendemos que o sentido não é unicamente determinado pela língua, pois abrange as condições sócio-histórico-ideológicas e, assim, está revestido de significados.

Ao pensarmos a formação do sujeito-leitor, observamos que a Plataforma Leia Paraná pode ser uma materialidade pertinente para investigação sob a perspectiva materialista da Análise de Discurso (AD), que pode contribuir significativamente no desenvolvimento do trabalho que pretendemos realizar, visto que a ancoragem na teoria da AD nos leva a problematizar os nós/furos em relação à língua, à história e ao sujeito (Maldidier, 2017). E, pensando na formação do sujeito-leitor, tal relação é indispensável no movimento de compreensão e interpretação dos efeitos de sentido, pois, como afirma Orlandi (2020), para a AD, a materialidade está revestida de sentido e é na circulação dos gestos de interpretação e compreensão que sujeito e sentido estão relacionados e produzindo significância.

Por essa via, a AD pode ser um caminho eficaz, uma vez que não se trata de uma teoria aplicada, mas sim do suporte de uma base conceitual que pode alicerçar o trabalho de ensino da leitura, pois:

a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido (Orlandi, 2020, p. 24-25).

Conforme a autora, as diferentes posições dos sujeitos-leitores possibilitam movimentos de leituras desprendidos da ideia de uma leitura legítima e única no ambiente educacional, sem o que seria a leitura ideal para determinada turma.

Assim, é válido reiterar que os sentidos não são estáticos/unívocos, já que eles produzem nós/rupturas que podem ser observadas por meio do funcionamento do discurso, pois o discurso é a língua na história. Por isso, a língua, o discurso e o sujeito na história não devem/podem ser trabalhados isoladamente, haja vista que o imbricamento de um no outro é

condição para a constitutividade do sentido, os quais são afetados pelas condições de produção dos discursos.

O conceito de Condições de Produção (CP) é imprescindível para que as relações de sentidos sejam estabelecidas, pois devemos compreender que é o “papel dado ao *contexto* ou à *situação*, como pano de fundo específico dos discursos, que torna possível sua formulação e sua compreensão” (Pêcheux, 2014b, p. 74, grifo do autor). O pano de fundo do discurso leva em consideração o lugar que o sujeito ocupa e as relações de força e sentido que o atravessam, pois, todo este conjunto de coerções é movimentando na atividade de compreensão.

Desse modo, a pesquisa a ser desenvolvida quer problematizar a formação do sujeito-leitor frente ao uso da Plataforma Leia Paraná. Além disso, conforme defende Pêcheux (2015b), a prática científica precisa romper com a ideologia da prática técnica e da prática política que silencia, muitas vezes, o fazer pedagógico e deve propor reflexões frente ao objeto de estudo.

Reflexões sobre a leitura discursiva

A pesquisa a ser desenvolvida se inscreve na perspectiva de análise qualitativa e se embasa teórica e metodologicamente na teoria materialista da AD, cujo marco temporal de origem é a década de 60 (na França) e tem por seu fundador Michel Pêcheux, cujo nome é tomado como referência pela constituição da disciplina no campo das Ciências Humanas. Nas análises em AD, não se objetiva a exaustividade nem a completude, pois o objeto de análise é inesgotável, visto que “[n]ão há discurso fechado em si mesmo mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes” (Orlandi, 2020, p. 60).

Diante disso, o trabalho a ser desenvolvido pretende analisar a ferramenta digital imposta em sala de aula como recurso obrigatório para as aulas de leitura e estudar se algumas atividades desenvolvidas na plataforma propiciam a análise crítica/reflexiva, ou seja, se trabalham a leitura e a interpretação para além da

(re)produção de evidências, de modo a propiciar a compreensão dos sentidos de forma polissêmica, não fechada em único significado, dado que “toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação” (Pêcheux, 2015a, p. 53). Entendemos que, se não trabalharmos para além da (re)produção de sentido, focamos na língua como sendo homogênea, com sentido unívoco, sem deslocamento, sem efeito de sentido, sem deslizamento.

E é pensando no espaço de interpretação que a AD pode contribuir de modo significativo na pesquisa, pois, ao analisar algumas atividades disponíveis na plataforma, podemos problematizar a formação do sujeito-leitor que a escola está construindo. À vista disso, promover reflexões no que tange ao processo de ensino e aprendizagem é necessariamente estar atento ao efeito metafórico que também é parte integrante do movimento de leitura.

Ao realizarmos atividades de leitura, é de fundamental importância levar em consideração o conjunto de discursos que estão definidos pelas CPs, bem como a ideologia presente em cada formação discursiva, para que a formação do sujeito-leitor seja de fato significativa, à medida que vai compreendendo como os sentidos vão se constituindo. Diante disso, será que a plataforma Leia Paraná possibilita gestos de leitura que levam em consideração as condições de produção que revestem as materialidades textuais?

Diante de tal questionamento, partimos da hipótese de que o discurso, na plataforma, é tido como um objeto acabado/transparente, não considerando os aspectos polissêmicos e metafóricos que os constituem. Isso pode interferir negativamente na formação dos sujeitos-leitores, pois “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux, 2015a, p. 53).

Assim, “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (Pêcheux, 2014b, p. 78). Com base na citação de Pêcheux, ao realizarmos atividades de leitura, é fundamental levar em consideração o conjunto de discursos que estão definidos pelas CPs, bem como a ideologia presente em cada FD, para que a formação do sujeito-leitor seja significativa, à medida que vai compreendendo como os sentidos vão se constituindo.

Portanto, as CPs

representam uma exterioridade que sustenta o dizer, de forma que as relações de sentido vão sendo construídas a cada tomada de palavra, quando a antecipação imaginária do sentido ao sujeito permite que o discurso se produza, pondo a ver as relações de forças em jogo no funcionamento da linguagem, responsáveis pela reprodução e transformação do sentido. Ademais, as condições de produção fortalecem o liame entre a língua e a história, fundamentos do processo discursivo, trazendo as circunstâncias da enunciação (contexto imediato), a historicidade dos sentidos (Leandro-Ferreira, 2020, p. 50).

Ao realizarmos atividade de leitura, é necessário considerar a exterioridade que sustenta os enunciados, para que possamos perceber a produção de efeitos de sentidos. Em nosso trabalho de pesquisa (em desenvolvimento), tomamos a leitura como forma de interpretação e de compreensão e, nesse movimento, levam-se em consideração as CPs durante o processo de (re)instauração de sentidos.

Reiteramos que o movimento da leitura “não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade” (Orlandi, 2012, p. 10). O movimento da leitura precisa propiciar ao sujeito-leitor a interação com outros sujeitos, com outros discursos, levando em consideração as relações

sócio-históricas-ideológicas no movimento de efeitos de significação.

O movimento de leitura é complexo e é nessa complexidade que o sentido pode vir a ser outro, e a Formação Discursiva (FD) exerce papel relevante no movimento complexo da leitura, uma vez que “as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas enquanto componentes” (Pêcheux, 2014a, p. 164). E é nessa intervenção que os sentidos vão sendo colocados em movimento. Ademais, a FD é dependente das condições de produção que a condicionam.

As CPs, para Pêcheux (2015b), referem-se à circulação e produção de um efeito, isto é, elas interferem na produção de conhecimento afetadas por questões políticas e ideológicas, pois o efeito de sentido também depende da FD, já que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes” (Pêcheux, 2014a, p. 147). Por isso, não há sentido único/próprio de cada palavra; eles vão se constituindo nas relações de cada FD.

Após tentarmos elucidar algumas informações relevantes ao trabalharmos a leitura discursiva, retomamos a indagação feita no início do trabalho: haveria como colocar em apreciação os efeitos de sentido que vão se constituindo discursivamente com base nas condições de produção na Plataforma Leia Paraná?

Considerações Finais

Como professores-pesquisadores, consideramos relevantes práticas de leitura que criem rupturas por meio das atividades de leitura, interpretação e compreensão, com atividades que sejam planejadas/pensadas levando em consideração a formação do sujeito-leitor no processo de ensino e aprendizagem e não apenas contabilizando os acessos à plataforma Leia Paraná.

Além disso, sustentamos um movimento de leitura que vai além de exercícios de decodificação ou de metalinguagem. É

preciso ir além e ultrapassar a ideia de que leitura é apenas extração de informação presente na linearidade textual, isto é, a univocidade que silencia a tarefa do diálogo e do debate (Geraldi, 2011). É preciso fomentar a leitura por meio de uma perspectiva discursiva, no entendimento de que a materialidade textual/discursiva é um objeto sócio-histórico-ideológico, que é incompleto, polissêmico e incrustado de falhas.

As diferentes estratégias de leituras, que devem considerar seus objetivos e suas condições de produção, podem estabelecer possíveis relações entre leitores e discursos e tais relações podem possibilitar modos de leituras desprendidos de uma resposta a ser alcançada como se houvesse uma verdade a ser encontrada e, assim, sujeitos e sentidos se constituem em relação ao contexto em que a leitura ocorre.

Referências

- GERALDI, João Wanderley *et. al.*. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso** - edição ampliada. São Paulo: Pontes Editores, 2020.
- MALDIDIÉ, Denise. **A inquietação do discurso** – (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas-SP: Pontes, 2020.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et. al.*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b. p. 59-158.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2015a.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. Eni Puccinelli Orlandi (org.). Campinas: Pontes Editores, 2015b.

CROSSOVER FICTION EM SALA DE AULA: POSSIBILIDADES

CROSSOVER FICTION EN AULA: POSIBILIDADES

João Vitor de Oliveira¹

Clarice Lottermann²

Resumo: O trabalho apresentado discute o conceito de literatura *crossover* ou literatura de fronteira (Becktt, 2009) no contexto educacional, especialmente em sala de aula. De acordo com Falkoner (2009), esse “gênero”; literário tem se voltado, nas últimas décadas, para o público de estudantes do ensino básico. Com base nesse cenário, o estudo explora a possibilidade de desenvolver práticas de leitura que considerem o horizonte de expectativas dos estudantes (Iser, 1996; Jauss, 2003), ou seja, que partam das experiências prévias e dos interesses literários dos alunos. A metodologia adotada no trabalho inclui a pesquisa documental (Ludke; André) e a pesquisa bibliográfica (Marconi; Lakatos, 2003), com o objetivo de analisar como o conceito de *crossover fiction* pode ser inserido nas práticas pedagógicas. O foco é promover a aproximação entre o universo literário já consumido pelos estudantes e os textos literários propostos pelos documentos oficiais do Brasil, como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) (Brasil, 2023) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). Os resultados indicam que a *crossover fiction* pode ser uma ferramenta eficaz para engajar os estudantes em práticas de leitura literária, ampliando seu interesse e participação nas atividades de leitura em sala de aula. Ao conectar os interesses pessoais dos alunos com os conteúdos exigidos pelos documentos oficiais, essa estratégia pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais significativo e alinhado às realidades dos estudantes. O trabalho está estruturado em seções que incluem uma introdução, a discussão sobre o conceito de literatura *crossover fiction*, uma análise dos documentos oficiais

¹ Doutorando pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1090853739375211>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2214-019X>. E-mail: vitorollive@gmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0139220248275195>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6184-8297>. E-mail: clalottermann@hotmail.com.

do PNLD e da BNCC, além dos resultados, conclusão e referências bibliográficas.

Palavras-chave: *Crossover fiction*. Leitura literária. Literatura e ensino.

Resumen: El trabajo presentado discute el concepto de literatura crossover o literatura de frontera (Beckett, 2009) en el contexto educativo, especialmente en el aula. Según Falkoner (2009), este "género" literario se ha dirigido, en las últimas décadas, al público de estudiantes de educación básica. Con base en este contexto, el estudio explora la posibilidad de desarrollar prácticas de lectura que consideren el horizonte de expectativas de los estudiantes (Iser, 1996; Jauss, 2003), es decir, que partan de las experiencias previas y de los intereses literarios de los alumnos. La metodología adoptada en el trabajo incluye la investigación documental (Ludke; André) y la investigación bibliográfica (Marconi; Lakatos, 2003), con el objetivo de analizar cómo el concepto de crossover fiction puede ser integrado en las prácticas pedagógicas. El enfoque es promover la aproximación entre el universo literario ya consumido por los estudiantes y los textos literarios propuestos por los documentos oficiales de Brasil, como el Programa Nacional del Libro de Texto (PNLD) (Brasil, 2023) y la Base Nacional Común Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). Los resultados indican que la crossover fiction puede ser una herramienta eficaz para involucrar a los estudiantes en prácticas de lectura literaria, ampliando su interés y participación en las actividades de lectura en el aula. Al conectar los intereses personales de los estudiantes con los contenidos exigidos por los documentos oficiales, esta estrategia puede facilitar el proceso de enseñanza-aprendizaje, haciéndolo más significativo y alineado con las realidades de los estudiantes. El trabajo está estructurado en secciones que incluyen una introducción, la discusión sobre el concepto de literatura crossover fiction, un análisis de los documentos oficiales del PNLD y de la BNCC, además de los resultados, conclusión y referencias bibliográficas.

Palavras clave: *Crossover fiction*. Lectura literaria. Literatura y enseñanza.

Introdução

A educação tem enfrentado inúmeros desafios em sua implementação, com diversas áreas do conhecimento sofrendo cortes e reduções em sua carga horária. Um exemplo significativo é a disciplina de Literatura, que perdeu seu status de disciplina autônoma para se tornar um campo de concentração dentro da disciplina de Língua Portuguesa, competindo assim por tempo com o ensino de gramática e com a produção e recepção de textos no ensino básico (OLIVEIRA, 2020). Além dessa questão, destaca-se a problemática da concorrência entre professores e as telas, às quais os estudantes estão constantemente expostos, o que tem resultado na perda de espaço e de atenção de algumas formas de arte entre as novas gerações.

A partir desse cenário de tensões e estratégias elaboradas por educadores, o presente artigo propõe uma reflexão acerca do conceito de Literatura Crossover (FALKONER, 2009; BECKETT, 2009) em diálogo com o ambiente escolar, baseando-se em fontes bibliográficas e nos documentos oficiais do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) de 2024 e da BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

O objetivo principal desta pesquisa é explorar as possibilidades oferecidas por esses documentos para o trabalho com a literatura em sala de aula, à luz do horizonte de expectativas dos estudantes (ISER, 1966; JAUSS, 2003). Metodologicamente, o estudo se fundamenta em uma análise documental (LÜDKE e ANDRÉ, 1986) e bibliográfica (MARCONI e LAKATOS, 2003). Assim, o artigo se estrutura primeiramente em torno do conceito de Literatura Crossover, seguido pela análise dos documentos que orientam o ensino nas escolas, principalmente nas instituições públicas brasileiras. Finalmente, são apresentadas as referências bibliográficas que fundamentam a discussão.

O conceito de *Crossover fiction*

A literatura, em sua concepção mais ampla, como argumenta Cândido (1999), sempre foi de natureza "crossover", ou seja, sempre atravessou fronteiras geracionais. Inicialmente, as narrativas orais, criadas por adultos, eram apreciadas tanto por adultos quanto por crianças, adolescentes e jovens, ainda que esses últimos conceitos não fossem teorizados da forma como o são atualmente. Com o tempo, essas narrativas orais se transformaram em histórias que serviam como instrumentos de educação. Um exemplo clássico é o conto de fadas de Chapeuzinho Vermelho (PERRAULT, 1695), no qual a mãe da protagonista alerta, através da fábula, sobre os perigos de interagir com estranhos.

Dessa maneira, pode-se afirmar que as ficções destinadas ao público jovem — compreendendo crianças, adolescentes e jovens adultos — evoluíram ao longo do tempo em um movimento vertical, ou seja, das narrativas adultas para o público jovem. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, com as diversas revoluções culturais, avanços na medicina e nos conhecimentos sobre as faixas etárias, a figura do jovem emergiu como um importante alvo de mercado. A partir desse momento, parte da literatura passou a ser especialmente voltada para esse público, buscando representá-los de maneira mais direta. Foi nesse contexto que surgiram as literaturas infantil e juvenil. Contudo, observou-se ao longo dos estudos acadêmicos que essas obras não eram consumidas apenas pelo público-alvo, mas também pelos pais, que as apreciavam ao compartilhá-las com seus filhos.

O conceito de *Crossover fiction* é explorado em duas grandes publicações da renomada editora acadêmica britânica Routledge. Em 2009, Rachel Falconer, e Sandra Beckett investigam o conceito de literatura *Crossover*, embora com enfoques distintos. Enquanto Falconer concentra seus estudos nas obras e no público da geração Millennial, ou seja, a geração Z dos anos 2000, Beckett volta-se para a historicidade do conceito. No entanto, as pesquisas convergem ao analisar o livro que transformou completamente o modo como a

literatura de fronteira – termo usado pela pesquisadora brasileira Queila da Silva Gimenez em sua tese de doutorado (2021) pela UNESP de Assis – é encarada no meio acadêmico. Afinal, considerando que a literatura juvenil é amplamente apreciada por estudantes, permanece na lista de mais vendidos por décadas e movimentada multidões de fãs ao redor do mundo, por que a universidade não deveria investigar esse fenômeno?

De acordo com Beckett (2009), a força da literatura *Crossover* reside na sua capacidade de estabelecer um diálogo natural com leitores de todas as idades. Mesmo que o autor tenha como público-alvo crianças, adolescentes ou jovens, ele não desconsidera os pais, que também podem ler essas obras. Além disso, Beckett destaca como essas obras refletem questões contemporâneas, ainda que sejam ambientadas em mundos mágicos, fantasiosos ou futurísticos. Segundo Beckett, essas narrativas são envolventes e, embora possuam uma escrita simplificada, o principal objetivo é prender a atenção de leitores ávidos por uma sequência de ações, relegando a estética literária, mais comum em autores clássicos, a um segundo plano.

Para Beckett, o foco está em narrativas que dialogam diretamente com os dilemas e desafios diários dos leitores, criando um forte apelo entre os jovens.

Falkoner, por sua vez, explora a relação entre as obras literárias, especialmente as mais recentes, e seu público leitor, com ênfase na juventude que consome essas narrativas, predominantemente sagas. A autora dedica uma parte significativa de sua análise ao comportamento dos jovens leitores, destacando como, a partir dos anos 1990, os avanços nas áreas médica, psicológica e social permitiram uma compreensão mais aprofundada da juventude. Com o avanço da modernidade e o acesso à educação alcançando comunidades de baixa renda ao redor do mundo, os jovens passaram a se preocupar mais com seus próprios desejos, rompendo com certos padrões sociais, como o de formar uma família cedo. O mercado de trabalho, exigindo níveis mais altos de educação, levou a um aumento do tempo dedicado à

formação acadêmica e ao investimento em suas carreiras, seja por meio de pós-graduação ou de cursos básicos, como idiomas. Ao mesmo tempo, novas profissões emergiram, exigindo que esses jovens desbravassem áreas inexploradas. Consequentemente, os jovens gastam seus recursos em áreas como educação, viagens e entretenimento, permanecendo mais tempo na casa dos pais. Segundo Falkoner, a adolescência agora se estende dos 18 até os 25 anos, para ela, este é o público-alvo da literatura crossover.

A literatura crossover, conforme Gimenez (2021) atende tanto às expectativas de crianças quanto de jovens adultos. Essas obras apresentam narrativas aparentemente simples, mas escondem subtextos complexos.

Segundo as autoras, a atual literatura crossover pode ser caracterizada por uma linguagem simples, mas com subtextos complexos, abordando temas fraturantes, ou seja, de difícil discussão tanto em casa quanto em sala de aula. Essas narrativas geralmente seguem a estrutura da jornada do herói, conforme Campbell (2009). Durante o auge de vendas de *Harry Potter* (Rowling, 1998), surgiram várias histórias com protagonistas órfãos que precisavam provar seu valor, além de elementos do universo fantástico e maravilhoso (Todorov, 2021).

A transformação da educação e o lugar da literatura no currículo brasileiro

Nas últimas duas décadas, a educação no Brasil passou por diversas transformações significativas, incluindo o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, a reformulação do ensino médio e a revisão dos currículos estaduais e municipais. Entre 2016 e 2022, a estrutura curricular foi especialmente reconfigurada. No entanto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta a educação em âmbito nacional, não apresenta um espaço específico para o ensino de literatura, que é inserida majoritariamente no eixo de Linguagens, especialmente na disciplina de língua portuguesa.

Em 23 de setembro de 2016, a Medida Provisória nº 746 propôs modificações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96), resultando na chamada “Reforma do Ensino Médio”. Aprovada em fevereiro de 2017 pela Lei nº 13.415, essa reforma suscitou intensos debates e manifestações entre estudantes, educadores e especialistas em educação, refletindo o impacto das mudanças no ensino médio brasileiro. Nesse cenário, a defesa de Antonio Candido (2004) sobre a literatura como um "direito do ser humano" ressurgiu como fundamental.

Segundo Cechinel (2019), a BNCC ampliou a noção de literatura, enfatizando a formação do leitor literário e o prazer da leitura, além da análise contextual de produções artísticas, com foco nos textos clássicos.

O Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), instituído na década de 1920, tem passado por diversas reformulações ao longo dos anos e representa um modelo de expansão de acesso ao conhecimento para a população. A partir de 1989, o programa começou a ser renovado a cada quatro anos, e o ciclo mais recente começou em 2024, com término previsto para 2028.

Para a disciplina de língua portuguesa, as obras selecionadas no PNLD 2024 incluem títulos como *A Conquista* (Beltrão & Gordilho, 2022), *Novo Singular & Plural* (Oliveira et al., 2022) e *Araribá Conecta* (Paiva, 2022), entre outros. Todas essas obras abordam a leitura, escrita, oralidade e interpretação, com parte do conteúdo voltada especificamente para a exploração de textos literários.

Criado em 2006 pela Portaria Interministerial nº 1.442, o Plano Nacional de Leitura e Literatura (PNLL) objetivava fortalecer o acesso à literatura no país. Em 2024, o governo estabeleceu novas políticas para o fortalecimento do Plano Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), visando regulamentar e assegurar recursos para os próximos ciclos do PNLD e PNLL entre 2025 e 2034. O acervo do PNLD 2024 ainda está em fase de definição, mas edições anteriores incluíram obras crossover, como *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (Carrow, 2022) e *O Menino do Pijama Listrado* (Boyne,

2022), promovendo um diálogo entre o clássico e o contemporâneo no ambiente escolar.

Essa seleção de obras ilustra um esforço contínuo em promover a literatura como parte essencial do desenvolvimento intelectual e cultural dos estudantes brasileiros, reafirmando o valor da literatura no contexto educacional e na formação de leitores críticos e engajados.

A disputa pela atenção dos jovens e o que os jovens leem

O estudo *Retratos da Leitura no Brasil* (2020) alerta para a competição que o livro literário enfrenta não só com outras leituras não literárias, como a Bíblia, mas especialmente com as "novas" mídias e redes sociais. Entretanto, sob a ótica de literatura defendida por Antonio Candido, percebe-se que os jovens acabam consumindo determinadas narrativas, seja por meio do cinema, séries de TV e streaming, vídeos curtos em plataformas como Reels e TikTok, e, claro, os *best sellers*.

Uma análise das listas de livros mais vendidos nos últimos dois anos revela a presença marcante de títulos de caráter *crossover*. Em 2022, *É Assim que Acaba* lidera as vendas, com Colleen Hoover figurando em outras posições com títulos como *Todas as Suas (Im)Perfeições* (Hoover, 2019), *Verity* (Hoover, 2020) e *Até o Verão Terminar* (Hoover, 2021). Em 2023, Hoover manteve a liderança com *É Assim que Começa* (2023), enquanto Matt Haig aparece com *A Biblioteca da Meia-Noite* (2021), e obras de Hoover e Orwell seguem entre os mais vendidos.

Embora essas listas não representem exclusivamente o gosto literário de crianças e adolescentes, observa-se que o fenômeno *crossover* atrai leitores de diferentes faixas etárias. Assim como as adolescentes que se apaixonaram por *Crepúsculo* (2008) e seu sucessor *50 Tons de Cinza* (2011), hoje muitas delas consomem as obras de Colleen Hoover e suas narrativas de relacionamentos conturbados e erotizados. O mercado editorial reflete e influencia essas tendências, e o estudo *Retratos da Leitura no Brasil* (2019)

observa que, dos 37 livros mais citados, 13 possuem características *crossover*.

Nesse contexto, cabe ao professor encontrar estratégias para engajar os estudantes no vasto mundo literário, seja por meio da leitura tradicional ou de novas formas, como audiolivros, adaptações em quadrinhos, ou mesmo obras adaptadas para o cinema e a televisão. Para aproximar os jovens da literatura clássica, o professor pode usar essas adaptações como ponto de partida, estimulando o interesse pelos textos que integram o cânone literário. Dessa forma, essas alternativas iniciais podem servir como uma introdução ao universo literário, incentivando o contato com os clássicos que historicamente ocupam espaço nas salas de aula, apesar dos desafios atuais em manter os estudantes conectados ao formato tradicional do livro.

Considerações Finais

Com base em todas essas considerações e levando em conta o conceito de *crossover fiction*, os documentos fundamentais da educação, as políticas nacionais voltadas à promoção da literatura e da prática literária nas escolas, além do contexto popular em que muitos livros dessa natureza ocupam as primeiras posições nas listas anuais de mais vendidos, observa-se que crianças, adolescentes e jovens adultos consomem literatura — ainda que nem sempre a literatura esperada pela escola. Isso reforça o papel do professor, especialmente do professor de língua portuguesa, na elaboração de metodologias e estratégias que conciliem o cânone literário com as preferências dos alunos, considerando a concorrência com as novas formas de entretenimento.

Diante disso, surge a reflexão: há espaço para a literatura popular em sala de aula? A literatura que já é consumida pelos estudantes pode ser integrada ao currículo escolar? Acreditamos que sim, pois, como evidenciado, algumas das obras populares já fazem parte das recomendações do Plano Nacional de Leitura e Literatura (PNLL) e, mesmo que certos títulos estejam ausentes,

nada impede que os professores aproveitem o horizonte de expectativas dos estudantes para guiá-los em novas leituras, partindo de textos que lhes são familiares. Assim, temas e cenários próximos, como as narrativas fantasiosas, podem servir de ponte para discussões teóricas sobre os conceitos que permeiam essas histórias. Pode-se, por exemplo, partir dos monstros dos *best-sellers* para introduzir clássicos como os de Mary Shelley e Bram Stoker, ou utilizar narrativas de teor erótico para discutir questões propostas por Vladimir Nabokov em *Lolita* (2011) e João Ubaldo Ribeiro em *A Casa dos Budas Ditosos* (2019).

Referências

- BECKETT, Sandra L. **Crossover fiction**: Global and historical perspectives. 1ª ed. New York, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Guia de livros didáticos: PNLD 2024: Objeto 1 – Obras Didáticas.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CECHINEL, André. Literatura e atenção: notas sobre um novo regime de percepção no ensino de literatura. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, 2019. Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, Brasil.
- FALCONER, Rachel. **The crossover novel**: contemporary children's fiction and its adult readership. 1º ed. New York, 2009.
- GIMENEZ, Queila da Silva. **Ficção crossover best-seller no mercado editorial brasileiro**: uma análise da produção e circulação de oito romances de língua inglesa (2000-2013). 2021. 378p. Tese (Doutorado em Letras – literatura e vida social) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_1241f3ddd6359f8b3623e5a9a2fc0b37. Acesso em 19 jun. 2024.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. 11 set. 2020. Disponível em: https://prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado>. Acesso em 07/11/2024.
- RODRIGUES, Maria Fernanda. Os 25 livros mais vendidos no Brasil em 2022 pela Amazon. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2022/12/os-25-livros-mais-vendidos-no-brasil-em-2022-pela-amazon-clbv8nrtw003a01ccxdd5sm9b.html>. Acesso em 08/11/2024.

A FRAGRANTE SEDUÇÃO NA POÉTICA DE GILKA MACHADO

THE FRAGRANT SEDUCTION IN GILKA MACHADO'S POETICS

Cleusa Piovesan¹
Antonio Donizeti da Cruz²

Resumo: *A revelação dos perfumes*, é único texto escrito em prosa de Gilka da Costa Machado (1893-1980), que foi lido na Conferência Literária organizada pela Associação dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro, em 1914, e é o objeto deste estudo, porque a poeta usa o perfume como pretexto para abordar a condição social da mulher (atrelada ao sistema patriarcal) e para mostrar que também é capaz de dissertar com proficiência sobre questões que deveriam ser tratadas com mais naturalidade, como sexualidade e erotismo. Por meio de metáforas, ela questiona os interditos à mulher, não apenas em relação ao espaço doméstico a que ela está condicionada, mas a respeito do amor, da sexualidade e de seu direito de vivenciá-los. A poeta, em prosa poético-filosófica, discorre, em detalhes, sobre o “estado de alma” e usa a sinestesia que os perfumes despertam, para abranger não apenas o humano, com seus aromas e cheiros fétidos, mas os elementos da natureza, como as plantas, as pedras, as águas, o sol. Buscamos o suporte teórico na própria Machado (1916); em Telles (2018) para falarmos do patriarcado, Bengtsson (2018) para citarmos a história dos perfumes, e em Bidarra (2006), para abordar o erotismo e as pulsões que dele suscitam, a fim de contextualizar o poder de sedução dos perfumes a que a poeta alude em sua poética. Com astúcia, Gilka Machado usa um espaço público para falar de um tema considerado tabu, e afronta as regras de conduta da uma mulher “pura, recatada e do lar”.

¹ Doutoranda do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9408709557013563>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9801-7027>. E-mail: cleusapiovesan@hotmail.com.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0202720962011000>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4672-7542>; E-mail: adonicruz@gmail.com.

Palavras-chave: Perfumes. Subjetividades. Sinestésias.

Abstract: *The revelation of perfumes*, is the only text written in prose by Gilka da Costa Machado (1893-1980), which was read at the Literary Conference organized by the Associação dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro, in 1914, and is the object of this study, because the poet uses perfume as a pretext to address the social condition of women (linked to the patriarchal system) and to show that she is also capable of speaking proficiently on issues that should be treated more naturally, such as sexuality and eroticism. Through metaphors, she questions the prohibitions against women, not only in relation to the domestic space to which they are conditioned, but in relation to love, sexuality and their right to experience them. The poet, in poetic-philosophical prose, discusses, in detail, the "state of soul" and uses the synesthesia that perfumes awaken, to encompass not only the human, with its scents and fetid smells, but the elements of nature, like plants, stones, water, the sun. We sought theoretical support in Machado herself (1916); in Telles (2018) to talk about patriarchy, Bengtsson (2018) to mention the history of perfumes, and in Bidarra (2006), to address eroticism and the drives that arise from it, in order to contextualize the seductive power of perfumes to that the poet alludes to in her poetics. With cunning, Gilka Machado uses a public space to talk about a topic considered taboo, and challenges the rules of conduct for a "pure, modest and homely" woman.

Keywords: Perfumes; Subjectivities; Synesthesia.

Introdução

Nesse estudo, destacamos *A revelação dos perfumes*, de Gilka Machado, Conferência Literária ocorrida em 12/10/1914, na Associação dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro, único texto em prosa da autora, que contém a essência poética de sua obra. Gilka usa a metáfora da sedução do perfume, comparando-o à feminilidade, associando-o às patologias, e a elementos da natureza.

Além disso, abordaremos as propriedades do olfato, que podem ser usadas como um mecanismo da arte da sedução, e o

mistério da essência do perfume, que possui o poder de inebriar homens e mulheres, e destacamos alguns poemas de Gilka Machado com a temática da sedução por meio de sugestões sinestésicas que os perfumes e outros cheiros – considerados afrodisíacos – impregnam à arte da sedução.

Gilka Machado explorou as propriedades dos perfumes ao destacar os efeitos que seus aromas podem produzir. Também mostrou ser conhecedora da história da perfumaria e de alguns casos em que a sedução dos perfumes transtornou alguns indivíduos e foi fonte de inspiração a outros, apresentando-nos a verve literária de alguns poetas que se utilizaram da magia dos perfumes ao compor seus poemas.

Ao poder falar em público, na Conferência Literária, Gilka Machado propôs reflexões sobre questões intimistas, aspectos subjetivos da existência humana, em um texto aparentemente despretensioso, repleto de dialética e de retórica. Gilka apresenta uma “perfumaria poética” que desperta muito mais do que reflexões, aguça os sentidos para a percepção do erotismo disposto nas entrelinhas, negado às mulheres de sua época, e ainda hoje, existente nos subterfúgios da literatura canônica.

A simbologia dos perfumes, desde a antiguidade

É precioso destacar, ao abordarmos o tema da conferência de Gilka Machado – as propriedades sedutoras dos perfumes – que a origem do perfume remonta à antiguidade, cerca de 4.000 anos e sempre despertou o interesse de muitos povos, bem como o aperfeiçoamento em sua produção. No artigo *3 Coisas que Não Sabia Sobre a História do Perfume*, Rebecca Frisk Bengtsson (2018, *on line*), destaca que

existem várias teorias no que diz respeito à origem do perfume, mas as mais comuns mencionam os Mesopotâmicos, Persas e Egípcios como os primeiros criadores de perfumes. A primeira criadora de perfumes conhecida foi uma mulher chamada Tapputi, que criou o primeiro aroma com mirra, óleos e flores, na Mesopotâmia da Babilônia.

Os egípcios acreditavam que a fragrância era o suor do deus Ra, e havia até um “deus do perfume” – Nefertaum – que ornava a cabeça um acessório feito de lírios aquáticos. Usado, inicialmente, em rituais, ou como símbolo de status político, o perfume começou a ser usado para disfarçar odores desagradáveis. Seu uso se tornou frequente por volta de 800 a. C.. Os gregos aperfeiçoaram a arte da perfumaria, criando fórmulas e passaram a usar óleos essenciais e técnicas de armazenagem, popularizando-o entre os filósofos e os atletas. Bengtsson (2018, *on line*), afirma que “foi só mais tarde, quando os Gregos e os Romanos dominaram a Pérsia e se familiarizaram com o perfume, que começou a ser visto como uma forma de arte”.

O poder de sedução dos perfumes não passou despercebido pelo olfato de Gilka Machado, que enreda o interlocutor em sinestésias, até chegar ao que, realmente, quer defender: o poder da sensualidade despertada por fragrâncias que inebriam os sentidos. Bengtsson (2018) ainda comenta que o uso “rapidamente se espalhou pelo mundo e em 1190, quando o perfume chegou a Paris e começou a crescer comercialmente, e tornou-se na indústria que é hoje”. Gilka apresenta descrições minuciosas sobre o perfume, ao mesmo tempo em que divaga por sua sedução poética.

Gilka Machado: uma mulher vestida de (re)evolução

Com os movimentos feministas surgidos no final do séc. XIX e início do séc. XX, e as sufragistas exigindo participação na política e no mercado de trabalho, Gilka Machado também se engaja nos movimentos por direitos femininos ao voto e por participação política, sendo uma das primeiras mulheres no Brasil a integrar o Partido Republicano Feminino, como secretária, aos 17 anos.

Gilka Machado viveu o auge da II Revolução Industrial, da ocupação urbana, da mentalidade positivista, do cientificismo, da ascensão acadêmica, política e econômica. Ao atuar nos movimentos feministas, a poeta abriu espaço na política e assumiu uma identidade social e sua postura contra o patriarcado. Para Telles (2018),

as escritoras deveriam permanecer no “seu lugar”, aquele lugar que lhes era atribuído e se situava bem longe da esfera pública, com suas lutas e batalhas para modificar a sociedade. O lugar da mulher das letras seria a esfera “perfumada de sentimento e singeleza” (Telles, 2018, p. 422).

A “matrona imoral”, como Gilka foi nominada pelos cânones literários de sua época, e por Drummond como “a primeira mulher nua” na literatura brasileira, “perfumou-se” com os ares de liberdade, advindos dos movimentos feministas, não para ficar na “esfera perfumada da singeleza”, mas para sair a público e exalar seus ideais revolucionários em busca de reconhecimento em sua condição de sujeito social.

Seguindo toda a trajetória do perfume, Gilka Machado apresenta-nos um texto repleto de figurações, mensagens subliminares, para deleitar o leitor com um texto que seduz o leitor do início ao fim. Seus poemas, também são impregnados da sinestesia que os perfumes exalam, como podemos comprovar no soneto *O sândalo*:

Quente, esdrúxulo, ativo, emocional, intenso,
o sândalo espirala, o espaço ganha, berra!
e eu, que sôfrega o sorvo em longos haustos, penso
que há nele a emanação da volúpia da terra.

Odor que o sangue inflama e que um desejo imenso
de prazeres sensuais em nossas almas ferra,
quer perfume o branco de um rendilhado lenço,
quer percorra a cantar, as planícies, a serra.

Quando o aspiro a embriaguez em mim se manifesta,
e perco-me do amor na esplêndida floresta,
onde velha serpente aos meus olhos assoma.

Há rumores marciais, agressivos rumores,
de trompas, de clarins, cornetas e tambores,
na forte exalação deste infernal aroma.

(Machado, 2017, p. 64).

Ao escolher como tema da conferência *A revelação dos perfumes*, Gilka apresenta uma poética em constante diálogo com os mistérios que envolvem a influência dos odores em nossas percepções sinestésicas. O eu lírico destaca o perfume do sândalo. Sugere que dele emana a volúpia da terra, sugerindo o teor erótico desse perfume amadeirado, essência de uma natureza selvagem que domina os amantes, desprendidos da realidade quando seduzidos.

No verso “Quando o aspiro a embriaguez em mim se manifesta”, descreve a languidez com que o eu lírico se entrega à sedução do perfume, surgindo na mente do leitor, em *flashes*, a alucinação despertada pelos desejos carnis que se manifestam “onde a velha serpente aos meus olhos assoma”, numa clara alusão ao órgão sexual masculino, que se comprova com o verso final “na forte exalação desse infernal aroma”. Há o frenesi do ato sexual e da entrega do eu lírico feminino a uma volúpia despertada pelos aromas, semelhantes ao sândalo, e que entre a mistura de sensações e emoções sente-se impotente para resistir.

O erotismo na obra de Gilka Machado e a quebra das convenções patriarcais

As cenas eróticas descritas em poemas de Gilka Machado, e no próprio texto *A revelação dos perfumes* – por despertarem a libido –, podem gerar preconceitos. Todas as pulsões relacionadas ao erotismo se desenvolvem na expressão do desejo de se relacionar com o outro, por meio de uma conexão entre corpo e mente, expressando um prazer inato do ser humano. Clemara Bidarra (2006) afirma que com o aparecimento do amor cortês, a partir da Idade Média,

aquilo que, para o crente maniqueísta, era a expressão dramática do combate entre a fé e o mundo torna-se, para o leitor ou ouvinte, uma “poesia” equívoca e ardente. Poesia aparentemente profana, cujo poder de sedução é ainda maior pelo fato de seus símbolos apresentarem-se como reveladores de um mistério vago e lisonjeiro (Bidarra, 2006, p. 62).

Gilka Machado foi audaciosa ao abordar o erotismo de maneira subliminar, ao discursar para um público predominantemente masculino. O espaço geográfico das mulheres e o controle de suas mentes e corpos, cobertos pelas vestes do pudicismo, também, e assim, os homens teriam uma escrava para os serviços domésticos, uma dama na sociedade, e um objeto sexual na cama. Telles (2018), afirma que

o discurso sobre a “natureza feminina” que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como *força do bem*, mas, quando “usurpadora de atividade que não lhe eram culturalmente atribuídas”, como *potência do mal*. Esse discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse mesmo caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução e a nutrição (Telles, 2018, p. 403).

Mesmo destituída do espaço público e do direito a assumir uma identidade social de sujeito “mulher”, na contramão dos preceitos patriarcais, muitas mulheres como Gilka Machado adentraram os interditos a elas impostos e se sobressaíram no universo criado pelos homens e para os homens, impondo sua presença física, e sua intelectualidade. Mulheres eram consideradas seres não pensantes. Para Telles (2018),

à mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. O que lhe cabe é a encarnação mítica dos extremos da alteridade, do misterioso e intransigente *outro*, confrontado com veneração e temor. O que lhe cabe é uma vida de sacrifício e servidão, uma vida sem história própria. [...] é musa ou criatura, nunca criadora (Telles, 2018, p. 403).

No texto da conferência, é possível perceber uma alusão à sedução da figura feminina, quando Machado (2016, p. 7) cita “contudo, tantas jovens me ouvem, tantas e tão lindas são as flores humanas que me cercam, que é bem possível os seus perfumes ilustrem a minha dissertação”. As mulheres, com seus odores naturais, teriam um atrativo a mais aos homens, como Gilka Machado (2016) destaca ao citar a fissuração de Charles Baudelaire

por uma mulher negra que, para ele possuía um cheiro tão inebriante que, para cortejá-la, ele chegou a ir à falência: “por Jeanne Duval, uma negra de S. Domingos, Baudelaire chega até ao sacrifício da sua elegância : vende, hypotheca, endivida-se; a sua sensualidade é exasperante, tem crises ao vel-a e aspira cheiro de môtto na lande carneiro da sua cabelleira” (Machado, 2016, p. 21).

No decurso da conferência literária, Gilka mostra como os perfumes estão presentes à nossa volta e como eles se revelam em atividades comeczinhas. Ela cria uma explicação poética para o surgimento do perfume: “o perfume nasceu, por certo, de um suspiro da Terra, foi a sua primeira demonstração de vida ao vir à luz, a sua primeira exalação ao despertar do somno do Nada” Machado, (1916, p. 8); essa explicação, por si só, já é um hino à poesia.

Desde os banquetes em Atenas às orgias na Babilônia, das primeiras obras da literatura à Bíblia Sagrada, o perfume fez-se um símbolo em situações da vida cotidiana. Como afirma Gilka Machado (1906),

os manjares e vinhos eram preparados com odores. As lâmpadas — disfarçados vasos — lançavam exalações aromáticas. No fabrico dos moveis empregava-se as madeiras mais cheirosas. Das abobadas dos templos e palácios desprendia-se, de quando em quando, uma chuva perfumada de pétalas polychromas (Machado, 1906, p. 9).

A embriaguez de sentidos, proporcionada por um ambiente perfumado, torna-se propício à volúpia, cria o mistério e desperta a sensualidade. Para Machado (1916, p.11). “o perfume é como o som: para bem sentir-o, bem analysal-o, é necessário alheiar-mo-nos quase por completo de tudo que nos cerca”. Ela tece considerações sobre os cheiros exalados por enfermidades e doenças patológicas, que denunciariam o estado de saúde da pessoa. Inclusive, cita alguns médicos que atestariam tal fato, o que revela que Gilka não se baseou apenas em suas próprias impressões sobre o tema.

Ao elaborar os tópicos abordados na conferência sobre *A revelação dos perfumes*, Gilka não se referiu apenas aos odores prazerosos exalados pelo corpo ou pelas fragrâncias artificiais. No

soneto a seguir, intitulado *Sensual*, há a desconstrução da sublimação do ato sexual, quando o eu lírico expressa os odores que o envolvem:

Quando, longe de ti, solitária, medito
neste afeto pagão que envergonhada oculto,
vem-me às narinas, logo, o perfume esquisito
que o teu corpo desprende e há no teu próprio vulto.

A febril confissão deste afeto infinito
há muito que, medrosa, em meus lábios sepulto,
pois teu lascivo olhar em mim pregado, fito,
à minha castidade é como que um insulto.

Se acaso te achas longe, a colossal barreira
dos protestos que, outrora, eu fizera a mim mesma
de orgulhosa virtude, erige-se altaneira.

Mas, se estás ao meu lado, a barreira desaba,
e sinto da volúpia a escosa e fria lesma
minha carne poluir com repugnante baba...
(Machado, 2017, p. 64)

Na alusão à sensualidade e à languidez provocadas pelos aromas dos perfumes, Gilka Machado (1916, p. 11) insinua as sensações por eles desencadeadas ao descrevê-las para depois questionar, no trecho “aspirando-o, demorada, extasiadamente, teremos sensações maravilhosas: sons inéditos, painéis nunca vistos, a delícia, afinal, de todos os sentidos”. Impossível não sermos provocados pelo erotismo, despertado pela sinestesia que aguça a libido, na provocação da poeta. Para Bidarra (2006),

o erotismo sempre foi escamoteado por novos pudores, mantido sobre o alqueire das mornas exigências da sociedade aristocrática e burguesa. Entretanto, é ele que nos coloca inteiros, nosso corpo e nossa alma, nossa individualidade, nossa história sob o signo de uma lógica da concupiscência e do desejo (Bidarra, 2006, p. 65).

O encantamento de Gilka pela simbologia do perfume, associando-a ao erotismo, desconstrói numa conferência o que deveria ser a postura pública de uma mulher, e é digno de ser elogiado por sua poética, permeada de figurações. O texto é, praticamente, uma análise do poema escrito por seu marido, Rodolfo Machado, *Ballada do aroma* (Machado, 1916, p. 36-38) – uma ode à presença dos aromas em nossas vidas.

Considerações finais

Gilka Machado, desde seus primeiros escritos já demonstrou que chegava ao cenário da literatura brasileira para romper as barreiras do espaço social da mulher; em casa e no meio literário. Seus poemas, carregados de subjetividade, apresentam o eu lírico que se permite amar e ser amado, e vivenciar o erotismo presente nos relacionamentos amorosos. Isso foi alvo de muitas críticas pelos literatos de sua época.

Gilka Machado, ao usar de astúcia ao escrever *A revelação dos perfumes*, conseguiu adentrar num espaço em que seria ouvida, por uma plateia composta em sua maioria por homens. A poeta cria um laboratório de análises para a perfumaria e intensifica a importância das fragrâncias e odores, discorrendo pelos aromas mais inusitados para, com maestria, expor sua intelectualidade como mulher, um sujeito à margem do sistema patriarcal.

Os cânones literários, não só no Brasil, mas no mundo todo, compostos majoritariamente por homens, estipulavam valor a tudo o que era publicado, sob o crivo de ideologias machistas, e determinavam o sucesso ou o fracasso de um autor e, se fosse mulher, com o julgamento sobre o que uma mulher pode dizer ou não, expressando-se seu lugar: a vida doméstica, quase sempre, também, domesticada.

Referências

- BENGTSSON, Rebecca Frisk. **Beleza com ciência – 3 Coisas que Não Sabia Sobre a História do Perfume**. Sweden, Oriflame: 2018. Disponível em: https://pt.oriflame.com/beautyedit/health-beauty/three-things-you-didnt-know-about-the-history-of-perfume?srsltid=AfmBOoreeMSm_Enw30wfmM48pxw3PLWGht5URg5kDxkPCQuYCDX2Lp31u. Acesso em: 14 ago. 23.
- BIDARRA, Clemara. **Erotismo: múltiplas faces**. São Paulo: LCTE Editora, 2006.
- MACHADO, Gilka da Costa. **A revelação dos perfumes**. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1916.
- MACHADO, Gilka da Costa. **Poesia completa**. Jamyle Rkain (org.) São Paulo, V. de Moura Mendonça – Livros: 2017. (Selo Demônio Negro)
- TELLES, norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: DEL PRIORI, Mary (org.), **História das mulheres no Brasil**. 10 ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

ATITUDES LINGUÍSTICAS EM DEPOIMENTOS DE
FALANTES DA LOCALIDADE DE CAPANEMA – PR:
USOS DO MARCADOR DISCURSIVO *EU ACHO QUE*

ACTITUDES LINGÜÍSTICAS EN TESTIMONIOS DE
HABLANTES DE LA LOCALIDAD DE CAPANEMA – PR:
USOS DEL MARCADOR DISCURSIVO MARCADOR
DISCURSIVO *CREO QUE*

Solange Goretti Moreira Pizzatto¹
Aparecida Feola Sella²

Resumo: Resumo: No Banco de Dados do *Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um Estudo da Relação do Português com Línguas de Contato* (Projeto CAL) (Aguilera, 2009), relativamente ao município de Capanema, encontram-se usos do marcador discursivo **eu acho que**, os quais são reveladores de avaliações decorrentes de como os falantes brasileiros entrevistados reagem às perguntas constantes no questionário semiestruturado elaborado pela respectiva equipe do projeto. Destaca-se que Capanema é uma região fronteira em que o português está em constante contato com outras línguas, como o alemão e o italiano, o que resulta em uma rica diversidade linguística e cultural, influenciando diretamente a forma como a língua é usada e percebida pelos falantes. Especificamente, analisa-se como as ocorrências de eu acho que podem indicar atitudes linguísticas que refletem não apenas crenças, mas também julgamentos e associações afetivas. Para o desenvolvimento desta pesquisa, são considerados estudos realizados por pesquisadores das áreas de Marcadores Discursivos, como Marcuschi (1991), Neves (1997), Koch (2004), e trabalhos de Schiffrin (1987), Martelotta et al. (1996), Urbano (2006), Freitag (2003), além de estudos no campo das Crenças e Atitudes Linguísticas, como Moreno Fernández (1998), Pastorelli (2011),

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8949313016221588>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7806-4221>. E-mail: solange_pizzatto@hotmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3297322988541357>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0563-7815>. E-mail: afsella1@yahoo.com.br.

Aguilera (2019) e Corbari (2013). As análises buscam demonstrar como os informantes utilizam o marcador **eu acho que** para revelar suas atitudes linguísticas em relação ao espanhol e às línguas de herança faladas na fronteira, como o alemão e o italiano. Também se enfoca a relação que esse indicativo estabelece a partir da função de marcador discursivo, que, por vezes, pode comportar um teor modalizador e expressar subjetividade.

Palavras-chave: Marcador Discursivo. Crenças e atitudes. Avaliações de falantes brasileiros.

Resumen: En la Base de Datos del *Proyecto Creencias y Actitudes Lingüísticas: un Estudio de la Relación del Portugués con Lenguas en Contacto* (Proyecto CAL) (Aguilera, 2009), en relación con el municipio de Capanema, se encuentran usos del marcador discursivo *yo creo que*, los cuales revelan evaluaciones derivadas de cómo los hablantes brasileños entrevistados responden a las preguntas presentes en el cuestionario semiestructurado elaborado por el equipo correspondiente del proyecto. Cabe destacar que Capanema es una región fronteriza donde el portugués está en contacto constante con otras lenguas, como el alemán y el italiano, lo que resulta en una rica diversidad lingüística y cultural, influyendo directamente en la forma en que los hablantes usan y perciben el idioma. Específicamente, se analiza cómo las ocurrencias de *eu acho que* pueden indicar actitudes lingüísticas que reflejan no solo creencias, sino también juicios y asociaciones afectivas. Para el desarrollo de esta investigación, se consideran estudios realizados por investigadores en el área de Marcadores Discursivos, como Marcuschi (1991), Neves (1997), Koch (2004), y trabajos de Schiffrin (1987), Martelotta et al. (1996), Urbano (2006), Freitag (2003), además de estudios en el campo de las Creencias y Actitudes Lingüísticas, como Moreno Fernández (1998), Pastorelli (2011), Aguilera (2019) y Corbari (2013). Los análisis buscan demostrar cómo los informantes utilizan el marcador *yo creo que* para expresar sus actitudes lingüísticas hacia el español y las lenguas de herencia habladas en la frontera, como el alemán y el italiano. Asimismo, se enfoca en la relación que este indicador establece desde su función como marcador discursivo, que, en ocasiones, puede asumir un carácter modalizador y expresar subjetividad.

Palavras clave: Marcador discursivo. Creencias y actitudes. Evaluaciones de hablantes brasileños.

Introdução

Investigam-se atitudes linguísticas dos falantes da cidade de Capanema, localizada no Sudoeste do Paraná, em uma área de fronteira com a Argentina. Caracterizada pela diversidade cultural e linguística. Capanema apresenta uma convivência entre o português e outras línguas de herança, como o espanhol, o alemão e o italiano. Esse contexto multicultural torna a região um cenário significativo para o estudo das atitudes linguísticas de seus habitantes e de como eles avaliam e se relacionam com essa diversidade.

Para isso, recorreremos ao banco de dados do Projeto *Crenças e Atitudes Linguísticas: um Estudo da Relação do Português com Línguas de Contato* (Projeto CAL), coordenado por Aguilera (2009). O *corpus* do Projeto CAL inclui depoimentos de moradores locais que expressam suas percepções sobre o uso do português em um ambiente de contato linguístico. Neste estudo, o foco está no marcador discursivo **eu acho que**, analisado como um recurso que permite ao falante expressar subjetividade, incerteza ou distanciamento, assumindo assim um papel potencialmente revelador de atitudes linguísticas.

Assim, a questão central que orienta este estudo é: em que medida o uso de **eu acho que** pode ser interpretado como um reflexo das atitudes linguísticas dos falantes? A partir dessa questão, pretende-se explorar as funções que esse marcador desempenha e investigar se ele revela percepções dos falantes de Capanema em relação às línguas com as quais convivem.

Marcadores Discursivos e Atitudes Linguísticas

Os marcadores discursivos, elementos linguísticos que desempenham um papel essencial na organização do discurso, conectam ideias e contribuem para a fluidez e coesão da comunicação. Schiffrin (1987) define-os como dispositivos que mantêm o fluxo da conversa, funcionando como “andaimes” na

construção linguística. Esses elementos, além de conectar partes do discurso, refletem as intenções e emoções do falante, oferecendo ao interlocutor uma compreensão mais completa da interação.

Neves (1997) e Koch (2004) destacam o papel dos marcadores discursivos como recursos estruturais e pragmáticos. Marcuschi (1991) amplia essa compreensão ao observar que os marcadores discursivos, como **eu acho que**, também refletem a subjetividade do falante e sua identidade social. Para o autor funciona como ferramentas para suavizar declarações, expressar opiniões e atenuar a força de uma afirmação. Desse modo o uso de **eu acho que**, por exemplo, introduz opiniões pessoais de maneira moderada, permitindo ao falante expressar julgamentos e percepções de forma não categórica. Neste estudo em desenvolvimento, a análise do marcador discursivo **eu acho que** mostra-se relevante pelo seu potencial de atenuação e expressão de subjetividade, aspectos que indicam possíveis atitudes linguísticas dos falantes de Capanema.

As atitudes linguísticas, por sua vez, representam as percepções, crenças e sentimentos que os falantes possuem em relação a uma língua ou variedades linguísticas. Essas atitudes, que podem ser conscientes ou inconscientes, são influenciadas por fatores sociais, culturais e históricos, e desempenham um papel central na preservação, mudança ou rejeição de línguas. Lambert e Lambert (1966) definem atitude como “ma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido no nosso meio. Seus componentes essenciais são os pensamentos” (Lambert; Lambert, 1966, p. 78-83).

Para Moreno Fernández (1998, p. 179), as atitudes são “uma manifestação de atitude social dos indivíduos que pode centrar-se e referir-se tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade”. Portanto, as crenças refletem nas atitudes linguísticas a personalidade e as formas de interação social dos indivíduos. Segundo Pastorelli (2011), essas atitudes moldam diretamente o

comportamento linguístico dos falantes, influenciando a escolha do idioma em contextos comunicativos ou a alternância entre línguas.

No caso de Capanema, o português convive com o espanhol, o alemão e o italiano, a investigação das atitudes linguísticas dos falantes permite compreender como esses indivíduos percebem, valorizam ou até rejeitam diferentes línguas em seu contexto social. O marcador discursivo **eu acho que** é considerado, neste estudo, uma manifestação potencial dessas atitudes, pois pode expressar as percepções dos falantes em relação às línguas de contato.

O Marcador Discursivo *Eu Acho Que*

O marcador discursivo **eu acho que** tem sido amplamente estudado por linguistas devido ao seu papel na expressão de opiniões, incertezas e modulações de julgamento no português brasileiro. Conforme expõem Casseb-Galvão (2000) e Freitag (2003), esse marcador evoluiu a partir do verbo “achar”, que passou de um sentido mais concreto (“como encontrar” ou “procurar”) para um sentido mais subjetivo e modalizador, assumindo funções como “considerar” e “supor” em enunciados. Esse processo de gramaticalização resulta em diferentes nuances de sentido, refletindo as atitudes dos falantes diante do que é expresso.

Freitag (2003) observa que **eu acho que** pode variar entre um marcador de opinião e de dúvida, dependendo do contexto discursivo e da intenção do falante, o que evidencia sua função epistêmica. Marcuschi (1991) classifica **eu acho que** como um abrandador, ferramenta que suaviza afirmações, permitindo ao falante expressar opiniões pessoais de forma menos assertiva.

Além de organizar o discurso, **eu acho que** permite a manifestação de atitudes linguísticas, já que a expressão de julgamentos sugere um caráter pessoal e subjetivo. Espíndola (1998) argumenta que, dependendo do contexto, o uso de **eu acho que** pode representar o senso comum ou um valor social aceito, funcionando como uma ponte entre a subjetividade do falante e as percepções sociais compartilhadas. Isso dá margem para interpretações variadas

conforme a posição e intenção da fala, demonstrando seu papel como indicador de atitudes linguísticas e culturais.

Espíndola (1998) também destaca o valor argumentativo de **eu acho que**, que pode introduzir uma perspectiva de consenso ou desafiar expectativas sociais. Essa versatilidade permite que o marcador assuma uma função polifônica e dialógica, introduzindo diversos pontos de vista. Cezario et al. (1996) observam ainda que **eu acho que** pode expressar incerteza epistêmica, percepção e sugestão emotiva, conforme o conteúdo da oração e o contexto interacional. Assim, o marcador não só atenua o compromisso do falante com a proposição, mas também delinea crenças que sustentam opiniões e percepções culturais dos falantes.

Metodologia e Análise

O *corpus* é composto por trechos selecionados das entrevistas do Projeto CAL, focada na análise de depoimentos de falantes locais do município de Capanema, PR, especificamente aqueles em que o marcador discursivo **eu acho que** aparece nas falas dos informantes. Esse marcador foi escolhido devido à sua frequência de uso a seleção dos recortes de falas em que se abordam a comparação entre as línguas em contato na região, refletindo, assim, suas opiniões sobre o português e outras línguas locais.

Apresentam-se aqui dois recortes que destacam o uso do marcador discursivo **eu acho que** em contextos de interação. Observe-se o primeiro recorte:

Recorte 1:

Inf. 1 Hf1

INQ. - Na sua opinião, falam melhor aquelas pessoas que falam a língua portuguesa ou as que falam essas línguas estrangeiras? Quem você acha que se comunica melhor, que fala melhor?

INF. - **Eu acho que** o português né.

INQ. - O português? Por quê?

INF. - Ah, porque é mais fácil de entendê, pra mim pelo menos é.

No Recorte 1, **eu acho que** indica atenuação relativamente à afirmação, o que promove tom colaborativo, conforme sugerem Marcuschi (1991) e Neves (1997). A resposta “**eu acho que** o português, né” reflete uma preferência pelo português, mas com a preocupação de evitar postura autoritária sobre o tema. Essa moderação revela uma atitude de respeito à presença das outras línguas em contato, como espanhol e italiano, valorizando o português pela familiaridade e facilidade de compreensão. Vejamos o próximo recorte:

Recorte 2:

Inf.5 Hf3

INQ. - Comparando essas línguas, o argentino, o paraguaio, o italiano, o alemão, quem fala melhor?

INF. - Comparando alemão, e espanhol e português...

INQ. - E o italiano.

INF. - E o italiano? Ah quem fala melhor, geralmente seria mais o espanhol **eu acho que** fala mais... que eles geralmente, eles ali convivem com a língua, e a língua alemã ou italiano, as pessoas tem vez que ficam muito pouco aqui com a casa aqui, tinham italiano, um alemão, mas num usam falar a língua, sabe. Mesmo sendo da escola e tudo isso aí, há uns tempos atrás e lá no, no, no espanhol não, porque a língua é uma língua, uma língua da pátria com se diz, então eles falam muito, na terra dele, paraguaio, argentino, **eu acho que** fala mais melhor seria ele.

INQ. - Então e os outros o senhor acha que falam pior?

INF. - Geralmente sim.

No Recorte 2, a primeira ocorrência introduz a ideia de que o espanhol é utilizado na convivência cotidiana, expressando essa percepção de maneira respeitosa e não impositiva, o que reflete atitude de valorização da presença social do espanhol, permitindo ao informante comunicar sua percepção sobre a relevância da língua sem desmerecer as demais. Na segunda ocorrência, o marcador reforça essa atitude de valorização ao associar o espanhol a uma “língua de pátria”, o que sugere uma conexão cultural e um sentimento de pertencimento à língua. Em ambos os casos, o falante ajusta seu discurso de modo a demonstrar consideração pela diversidade

linguística, valorizando o espanhol de forma equilibrada e sem comprometer o respeito pelas demais línguas em contato.

Considerações Finais

A análise preliminar dos recortes sugere que o marcador discursivo **eu acho que** desempenha um papel importante na expressão de atitudes linguísticas dos falantes de Capanema, especialmente em relação ao uso e ao valor cultural das línguas em contato. A pergunta de pesquisa, que busca entender se e como o uso desse marcador **eu acho que** pode indicar atitudes linguísticas, encontra respostas iniciais nas análises dos recortes: **eu acho que** parece atuar como um marcador discursivo que permite ao falante manifestar suas preferências e percepções de maneira não impositiva e ajustada ao contexto social.

Os dados analisados até o momento mostram que o marcador **eu acho que** não apenas suaviza as opiniões dos falantes, mas também reflete uma atitude de respeito e reconhecimento pela diversidade linguística presente na região. Esse marcador funciona como uma forma de os falantes expressarem um posicionamento moderado, evitando declarações categóricas sobre a superioridade de uma língua em relação às outras. Ao mesmo tempo, o uso de **eu acho que** permite que os falantes manifestem uma valorização cultural pelo espanhol como “língua de pátria” e uma preferência pela praticidade do português.

Entretanto, como as análises ainda estão em andamento, é necessário aprofundar o estudo para verificar se esses padrões se mantêm consistentes em outros contextos e entre diferentes interlocutores. Os próximos passos da pesquisa incluirão uma análise mais detalhada dos recortes restantes e uma investigação de possíveis variações na frequência e na função de **eu acho que** nas falas dos informantes.

Referências

- AGUILERA, V. A. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato**. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado].
- AGUILERA, V. A. **Perfil das localidades do Sudoeste do Paraná: contexto de imigração e de fronteira que favorecem o estudo de atitudes linguísticas**. In: SELLA, A. F.; CORBARI, C. C.; AGUILERA, V. A. Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato. Contatos linguísticos no Paraná. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. **A atuação de mecanismos desencadeadores de processos de gramaticalização**. Belo Horizonte: Revista Scripta, 2000. v. 4, p. 44-59.
- Castilho, A.T. (1989), Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In Castilho, AT. (org.) **Português falado culto no Brasil**. Ed. da UNICAMP, Campinas, pp. 249-279.
- CEZARIO, M. M.; ROSA, L.; PINTO, D. C. de M. Integração entre cláusulas e gramaticalização. In: MARTOLOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. 1996, p. 41-63.
- CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste**. 2013. 259 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, 2013.
- Espindola, L. C. **"Né", (eu) "acho" (que) E "aí": : Operadores Argumentativos Do Texto Falado**. 1998.
- FREITAG, R. M. **Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2004.
- LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- MARTELOTTA, M. et. al. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

- NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- PASTORELLI, D. S. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema**: um estudo da relação do português com línguas em contato. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.
- RISSO, M.S. et. al. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (org.) **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, v.1. 1996, p.21-94.
- ROSA, M. de M. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992
- SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. H. M. **Gramática do Português Falado – v.VII: Novos estudos**. 2ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 195-258
- URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 3. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997.
- URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos basicamente interacionais. IN: JUBRAN, Spinardi; KOCH, Villaça. **Gramática do português culto falado no Brasil**: construção do texto falado. v. 1. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

BLOG MENINAS E MULHERES NAS CIÊNCIAS DIVULGA A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MEIO CIENTÍFICO

BLOG GIRLS AND WOMEN IN THE SCIENCES PROMOTES FEMALE PARTICIPATION IN THE SCIENTIFIC ENVIRONMENT

Leandra Francischett¹

Resumo: Fazer ciência no Brasil é um desafio, principalmente para as mulheres chegarem ao meio científico. O blog Meninas e Mulheres nas Ciências (MMC), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), divulga, na seção MMC Entrevista, trabalhos de relevância, dando visibilidade para algumas cientistas, a partir de entrevistas presenciais e remotas, uma vez que algumas entrevistadas estão trabalhando no exterior. Neste artigo, pretende-se abordar como algumas mulheres paranaenses optaram pela pesquisa, bem como apresentar a visão delas sobre o campo científico no país e suas referências. Para tanto, divulgam-se trechos de algumas entrevistas que foram publicadas no blog MMC. As entrevistadas responderam questões como: Quais são as suas mulheres inspiradoras nas ciências? O que falta para as mulheres ganharem mais espaço nesta área? Como surgiu o seu interesse pela pesquisa? Como conciliar maternidade e pesquisa? Como as mulheres podem se tornar empoderadas nas ciências? Estas são dúvidas que perpassam a realidade feminina. Neste artigo, em específico, aborda-se como as entrevistadas percebem o campo científico para as mulheres no Brasil, quais os principais desafios e aspectos mais marcantes das pesquisas. O objetivo é divulgar o trabalho de mulheres, a partir de entrevistas com pesquisadoras do interior do país, bem como contribuir com a divulgação das pesquisas, aproximando-as do público amplo da produção científica a partir de uma linguagem menos rebuscada; além de colaborar com a discussão sobre as mulheres

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0996912588750230>.
Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2929-4674>. E-mail: lefrancischett@yahoo.com.

nas ciências no Brasil. Entre os teóricos que embasam este artigo estão Francischett (2007), Gaskell (2008), Keller (2006), Trigo (1994) e Vieira (2004).

Palavras-chave: Mulheres na Ciência. Universidades. Brasil.

Abstract: Doing science in Brazil is a challenge, especially for women, who need to find their space in the scientific world. The blog *Meninas e Mulheres nas Ciências* (MMC), from the Federal University of Paraná (UFPR), publishes, in the MMC Interview section, relevant works, giving visibility to scientists, based on face-to-face and remote interviews, as some interviewees are working abroad. In this article, we intend to address how some women from Paraná became interested in research, as well as present their vision of the scientific field in the country and its references. To this end, excerpts from some interviews that were published on the MMC blog are published. The interviewees answered questions such as: Who are your inspiring women in science? What is needed for women to gain more space in this area? How did you become interested in research? How to reconcile motherhood and research? How can women become empowered in science? These are doubts that permeate female reality. This article specifically addresses how the interviewees perceive the field for women in science in Brazil, what the main challenges are and what their most notable research is. The general objective is to publicize the work of women scientists in Brazil, based on interviews with researchers from the interior of the country, as well as contributing to the dissemination of their research, bringing them closer to the broad public of scientific production using less elaborate language. In addition to contributing to the discussion about women in science in Brazil. Among the theorists who support this article are Francischett (2007), Gaskell (2008), Keller (2006), Trigo (1994) and Vieira (2004).

Keywords: Women in Science. Universities. Brazil.

Introdução

Teu nome é Iemanjá (Iemanjá) / E é Virgem Maria / É Glória e é Cecília / Na noite fria / Oh, minha mãe / Minha filha / Tu és qualquer mulher / Mulher em qualquer dia (Raul Seixas).

A ciência é um campo marcado pela presença masculina, mas as mulheres estão mostrando seu valor e, com esforço, conquistam seu espaço. No Brasil, elas garantem notoriedade diante de suas pesquisas. Este artigo visa dar visibilidade a algumas dessas mulheres, pois são trabalhos importantes no cenário nacional e internacional que, muitas vezes, não contam com o reconhecimento merecido.

“As mudanças foram introduzidas pelas próprias cientistas. Isto é, a entrada de mulheres na ciência em grande número tornou possível que uma percepção ‘feminina’ do mundo encontrasse lugar na ciência” (Keller, 2006, p. 28).

Procuramos identificar a presença da mulher na luta pela participação na ciência. Para tanto, entrevistamos oito mulheres – algumas de forma presencial, outras remotamente –, com publicação no blog Meninas e Mulheres nas Ciências, da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Participaram da seção MMC Entrevista as pesquisadoras Carolina Panis (Unioeste), Rita de Cassia dos Anjos (UFPR de Palotina), Renata Fontanetto (Fiocruz), Marielle Sandalovski Santos (Unidep), Mafalda Nesi Francischett (Unioeste), Fabiane Picinin de Castro Cislighi (UTFPR), Alice Grimm (UFPR) e Andrelixa Gorete Castanha (USP). Todas concederam entrevista para a Autora 1 deste artigo, que é jornalista por formação, graduada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em 2001, e contribui voluntariamente com o blog MMC.

Neste artigo, identificamos como as entrevistadas observam o campo das ciências no Brasil para as mulheres, quais as suas dificuldades e as possibilidades de mudanças. O objetivo é priorizar o trabalho de mulheres cientistas brasileiras com origem no Estado do Paraná, divulgar suas pesquisas e colaborar com a discussão sobre as mulheres nas ciências no país.

Procedimentos Metodológicos

A partir de entrevistas no par pergunta e resposta, realizadas pela Autora 1, apresenta-se os posicionamentos das pesquisadoras

diante do assunto. As publicações aconteceram na seção MMC Entrevista, no blog Meninas e Mulheres nas Ciências².

Considerando Gaskell (2008), esta é uma pesquisa qualitativa com a geração dos dados por meio de entrevistas do tipo semiestruturado com um único respondente, ou seja, a entrevista em profundidade. Entre os anos de 2023 e 2024, foram entrevistadas oito mulheres de diferentes áreas com relevância para as ciências. Entre os critérios de seleção das entrevistadas estão a relevância de suas pesquisas, as premiações recebidas, bem como o fato de terem algum vínculo com o Paraná, como serem paranaenses ou estarem vinculadas a instituições de ensino localizadas no Estado, para dar notoriedade a cientistas também do interior.

Entre as questões estão: Quais os principais desafios para as mulheres que fazem ciência no Brasil de hoje? Como é fazer ciência no interior do Brasil? Quais são as suas mulheres inspiradoras nas ciências? Como surgiu seu interesse pela ciência? Como estão suas pesquisas atualmente? Quais as suas principais contribuições para ciência? Quais as suas principais premiações e reconhecimentos? Quais os seus planos para os próximos anos?

Resultados

Em junho de 2023, Carolina Panis concedeu entrevista ao blog MMC para falar sobre câncer, mulheres e agrotóxico, pesquisa que lhe rendeu mais de 50 prêmios nacionais e internacionais, além do convite para trabalhar na Universidade de Harvard, Estados Unidos.

Carolina foi escolhida para estreitar a seção MMC Entrevista, diante da relevância científica de suas produções. Ela trabalha na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), na graduação em Medicina e na pós-graduação em Ciências Aplicadas à Saúde. Atua ainda na Universidade Estadual de Londrina (UEL), vinculada ao programa de pós-graduação em Patologia

² Disponível em: <https://meninasemulheresnascienciasufpr.blogspot.com/>.

Experimental. É graduada em Farmácia e em Bioquímica, especialista em Infecção Hospitalar, mestre em Patologia Experimental na área imunologia, doutora em Patologia Experimental na área de câncer e pós-doutora em Oncologia. Foi pesquisadora visitante no exterior, na Universidade de Harvard e na Universidade do Arizona, ambas nos Estados Unidos.

A segunda entrevistada, em julho de 2023, foi Rita de Cassia dos Anjos, astrofísica e professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), setor Palotina. Rita venceu o Prêmio Carolina Nemes de 2023 e também ganhou a primeira edição do Prêmio Anselmo Salles Paschoa, de 2022. Em 2020, conquistou o prêmio Programa para Mulheres na Ciência, promovido pela L’Oreal Brasil, Unesco Brasil e Academia Brasileira de Ciências.

Rita possui graduação em Física Biológica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007) e mestrado (2009) e doutorado (2014) em Física pela Universidade de São Paulo, São Carlos. Na UFPR, é professora, pesquisadora atuante em programas de pós-graduação em algumas universidades e também com atividades de extensão na UFPR.

Em agosto de 2023, a jornalista Renata Fontanetto, que começou a escrever sobre ciência em 2010, falou sobre seu trabalho em jornalismo científico. Ela escreve sobre ciência e saúde em vários países da América Latina.

No mês de setembro de 2023, a entrevistada foi Marielle Sandalovski Santos, Pró-Reitora de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão, Inovação e Internacionalização (PROPPEXII) do Centro Universitário de Pato Branco (Unidep).

Em outubro de 2023, a professora Mafalda Nesi Francischett contou sobre sua trajetória no meio acadêmico, incluindo a formação de professores, orientações na pós-graduação, tanto mestrado quanto doutorado. Um de seus feitos foi a fundação, há mais de 20 anos, do grupo de pesquisa Retlee (Representações, Espaços, Tempos e Linguagens em Experiências Educativas) da Unioeste, com atividades ininterruptas. Mafalda trabalha ainda a internacionalização da universidade com o Instituto de Geografia e

Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT-ULisboa), por meio do projeto “Nós Propomos!”, coordenado pelo professor português Sérgio Claudino. No mês de setembro de 2024, recebeu o prêmio de 1ª Madrinha do Projeto Nós Propomos! Brasil.

A última entrevistada de 2023 foi Fabiane Picinin de Castro Cislighi, no mês de novembro. Ela é professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) campus de Francisco Beltrão, coordenadora do curso de Engenharia de Alimentos e pesquisa principalmente na área de queijos.

Somente duas entrevistas aconteceram em 2024, ambas no mês de julho, com participação de Alice Marlene Grimm e Andreilissa Gorete Castanha. Alice é graduada em Física e Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em Ciências Geodésicas (UFPR), doutora em Meteorologia (USP) e uma das pesquisadoras mais influentes do mundo, sendo professora titular da UFPR e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, líder do Grupo de Meteorologia da UFPR, orientadora nos programas de pós-graduação em Física (PPGF), em Engenharia Ambiental (PPGEA) e em Engenharia de Recursos Hídricos e Ambiental (PPGERHA) da UFPR.

As enchentes que aconteceram durante o ano de 2024, em Porto Alegre (RS), motivaram essa entrevista, uma vez que se questionou a situação de Curitiba e do Estado do Paraná diante dos efeitos dos fenômenos El Niño e La Niña. Fez-se, portanto, uma analogia. E optamos pelas analogias, como forma de facilitar a compreensão:

Analogias são essenciais em um artigo de divulgação científica. Melhor usar aquelas que aproximem os conceitos científicos de fenômenos do dia-a-dia do leitor. Mas, sempre que necessário, aponte os limites da analogia empregada, para evitar que o leitor faça extrapolações indevidas (Vieira, 2004, p. 13).

A última entrevistada pelo MMC foi Andreilissa Gorete Castanha, que pesquisa sobre a neurobiologia do autismo na USP. Ela está nos Estados Unidos, aprofundando suas análises na

University of California of San Francisco (UCSF), graças ao doutorado sanduíche.

As entrevistadas destacaram a colaboração e a influência de outras mulheres no seu desenvolvimento profissional, principalmente no meio científico, o que demonstra a força feminina nas ciências. Além de relatar a realidade feminina nas ciências, elas apresentaram suas pesquisas e discutiram a diversidade das mulheres que fazem ciência no Brasil.

Considerações finais

Tão importante quanto apresentar as pesquisas dessas mulheres, é abordar sobre os desafios que elas ainda precisam enfrentar, uma vez que ainda há discriminação. O quadro está sendo revertido graças às universidades. Conforme Trigo (1994), somente a partir dos anos 1960 surgiu no Brasil, com maior expressão, a figura da mulher profissional exercendo carreiras liberais ou acadêmicas, a partir da formação universitária. Apesar disso, mudanças no universo das relações de gênero e no imaginário familiar com respeito ao lugar social da mulher podem ser percebidas desde a década de 1930.

Desde áreas como educação, saúde, meio-ambiente, formação de professores, química, física, jornalismo e medicina, por exemplo, todas contribuem com o desenvolvimento das suas áreas de conhecimento e, respectivamente, com a mudança social.

Francischett L. (2007) ressalta que a entrada das mulheres nas universidades gera mudanças tanto no comportamento explícito quanto nos códigos de sociabilidade que alteram a relação entre os gêneros. Isso é um motivador para que o blog MMC continue divulgando o potencial feminino tão relevante nas universidades, como apontaram as entrevistadas.

Referências

FRANCISCHETT, Leandra. **Representações das Mulheres na revista O Cruzeiro através das fotografias no período de 1956 a 1960**. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em História Social da Universidade Federal Fluminense/ Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, 2007.

GASKELL, George. 2008. **Entrevistas individuais e grupais**. In: BAUER, Martin W.; Gaskell, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, p. 64-89.

TRIGO, Maria Helena Bueno. **A mulher universitária: códigos de sociabilidade e relações de gênero**. In BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila (orgs.). **Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1994, p. 89-110.

VIEIRA, Cássio Leite. 2004. **Pequeno manual de divulgação científica - Um resumo**. In Guia de divulgação científica / editores David Dickson, Barbara Keating, Luisa Massarani; autores, Luisa Massarani... [et al.]. - Rio de Janeiro: SciDev.Net: Brasília, DF: Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social, p. 11-13.

EUNICE E ALMIRA: CORPOS GORDOS QUE TRANSGRIDEM

EUNICE Y ALMIRA: CUERPOS GORDOS QUE TRANSGREDEN

Paula Maria Lucietto Dylbas dos Santos¹
Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza²

Resumo: O presente estudo busca evidenciar que o corpo é local de concepção de identidade e que pode se transformar ou não, conforme o desejo de cada indivíduo. Desde muito tempo, os corpos, sobretudo das mulheres, são assinalados pela imposição e pelas exigências da sociedade em que estão inseridos, sendo constantemente violentados simbólica e fisicamente. Nesse sentido, é elaborada uma análise comparativa entre dois contos latino-americanos de autoria feminina – “Inmensamente Eunice” (2005), de Andrea Blanqué, escritora uruguaia, e “A solução” (1999), de Clarice Lispector, escritora brasileira – tendo em vista as suas personagens principais – Eunice e Almira – que carregam o estigma da obesidade e, conseqüentemente, da feiura. Ao longo do trabalho, são observadas como se dão as construções narrativas das duas protagonistas no espaço ficcional, em razão de apresentarem atributos físicos contrários àqueles considerados positivos para a coletividade, influenciando em suas vidas e em suas relações. Dessa maneira, é realizada uma revisão de literatura, tendo por base um levantamento bibliográfico inicial, a fim de compreender a respeito dos conceitos abordados no trabalho. Ao considerar os estudos sobre o gênero literário conto e as suas personagens, a pesquisa se pauta em autores como Cortázar (1974), Piglia (2004) e Moisés (1970). No tocante à questão do corpo, de sua representação, da obesidade e de sua estigmatização, recorre-se a Grosz (2000), Xavier (2021), Goellner (2019), Novaes (2013), Del Priore (2000) e Vigarello (2012).

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Bolsista CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9200682078505383>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3605-6028>. E-mail: pauladylbas@hotmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3855606167667426>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8667-4756>. E-mail: adrifiuza@uel.br.

Em síntese, o trabalho busca refletir sobre personagens femininas marginalizadas devido ao seu aspecto físico, contribuindo, assim, para a promoção de diálogos sobre o corpo, identidade e padrões.

Palavras-chave: Corpos femininos. Contos latino-americanos. Construção de personagens.

Resumen: El presente estudio busca evidenciar que el cuerpo es lugar de concepción de identidad y que puede transformarse o no, conforme el deseo de cada individuo. Desde hace mucho tiempo, los cuerpos, sobre todo los de las mujeres, han sido marcados por la imposición y exigencias de la sociedad en la que están inmersos, siendo constantemente violentados simbólicamente y físicamente. En este sentido, es elaborado un análisis comparativo entre dos cuentos latinoamericanos de autoría femenina – “Inmensamente Eunice” (2005), de Andrea Blanqué, escritora uruguaya, y “A solução” (1999), de Clarice Lispector, escritora brasileña – teniendo en cuenta a sus personajes principales – Eunice y Almira – quienes llevan el estigma de la obesidad y, consecuentemente, de la fealdad. A lo largo del trabajo son observadas como se dan las construcciones narrativas de las dos protagonistas en el espacio ficcional, dado que presentan atributos físicos contrarios a aquellos considerados positivos por la colectividad, influyendo en sus vidas y en sus relaciones. De esta manera, es realizada una revisión de literatura, basada en un levantamiento bibliográfico inicial, a fin de comprender los conceptos abordados en el trabajo. Al considerar los estudios sobre el género literario cuento y los personajes, la investigación se basa en autores como Cortázar (1974), Piglia (2004) y Moisés (1970). En lo que respecta a la cuestión del cuerpo, su representación, de la obesidad y de su estimatización, se recurre a Grosz (2000), Xavier (2021), Goellner (2019), Novaes (2013), Del Priore (2000) y Vigarello (2012). En síntesis, el trabajo busca reflexionar sobre personajes femeninos marginados debido a su aspecto físico, contribuyendo así para la promoción de diálogos sobre el cuerpo, identidad y padrones.

Palabras-clave: Cuerpos femeninos. Cuentos latinoamericanos. Construcción de personajes.

Introdução

O corpo, além de ser um conjunto anatômico biológico constituído por partes diversas e interligadas que formam um ser, é também fruto de uma construção social, cultural, ideológica, religiosa, política, de gênero, de classe, de etnia, de origem regional, de orientação sexual etc. Devido a essa complexidade, desperta interesse em diversas áreas de conhecimento. Grosz (2000) afirma que a visão do corpo extrapola sua dimensão física e pode ser alterado conforme as transformações da sociedade; não é fixo, é um “produto cultural” influenciado por inúmeros fatores. Para Goellner (2019), o corpo expressa identidade e é um transcurso contínuo de aprendizado.

Neste sentido, a literatura permite questionar sobre a identidade erigida. Por conseguinte, os contos são propícios para o descortinamento de personagens, cujos corpos podem ser analisados. Examinamos, então, os contos *“Inmensamente Eunice”* (2005), da uruguaia Andrea Blanqué e *“A solução”* (1999), de Clarice Lispector, focando em suas protagonistas, mulheres obesas³, cujos corpos são julgados socialmente. À vista disso, Novaes (2013) afirma que ao se falar sobre o corpo, o argumento estético se sobrepõe e a obesidade é percebida como uma faceta da feiura.

Pensando sobre o conto, evocamos uma definição de Cortázar (1974): “[...] tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário” (Cortázar, 1974, p. 149). Isto é, apesar de conter curta extensão, pode ser complexo e enigmático. A metáfora do “caracol da linguagem” reforça a ideia de que por mais que seja um

³ Ressaltamos que essa análise é um recorte da Dissertação de Mestrado, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste em 2020, intitulada “Espelho, espelho meu, tem alguém mais feia do que eu?”: representações literárias da feiura em personagens latino-americanas femininas, disponibilizada em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/4824>.

texto curto, abriga profundidades que se descobrem na medida em que uma leitura cuidadosa é realizada.

Por meio dessas narrativas é possível compreender que a coletividade deve se libertar das imposições da sociedade. As personagens centrais – Eunice e Almira – representam mulheres, cujos corpos não se inserem nos padrões de beleza impostos, fato que lhes acarretam problemas. Como pondera Colling (2019), “o corpo é o primeiro lugar da inscrição, a sociedade sempre leu, encarou a mulher a partir de seus corpos e suas produções” (Colling, 2019, p. 27). Além do mais, por demonstrarem conflitos vivenciados por mulheres reais, essas personagens demonstram como a literatura pode auxiliar como representação dos embates e inquietações existentes pelos padrões estéticos, como a insatisfação com o corpo.

Corpo imenso

No conto “*Inmensamente Eunice*”, de Andrea Blanqué, inserido em *La piel dura* (2005), Eunice nos é apresentada: “[...] *tenía veintisiete años y pesaba ciento catorze kilos. Apenas un siglo atrás un pintor la hubiese contratado como modelo y podría haberse ganado la vida de ese modo*” (Blanqué, 2005, p. 25). Na passagem inicial, ela é caracterizada como uma mulher obesa, e sugere-se que o ideal de beleza de sua época é diferente daquele do passado, quando seu corpo poderia ter sido considerado modelo de beleza.

Na sequência, divisamos que Eunice busca um ofício e o narrador, em terceira pessoa, informa que ela é desmerecida por várias empresas: “[...] *ningún comercio de comestibles quiso contratarla por temor a que comiese clandestinamente todo aquello que estuviera en unos metros a la redonda*” (Blanqué, 2005, p. 25-26). Com isso, verificamos a discriminação enfrentada pela personagem em seu dia a dia, já que o seu infortúnio profissional estaria associado presumivelmente à gula.

Eunice, então, obtém um cargo em uma floricultura e, mesmo ali, é estigmatizada: “*Sin duda, nadie podía imaginarla probando los helechos o*

los geranios, ni saboreando rosas amarillas” (Blanqué, 2005, p. 26). Com a passagem, constatamos uma alusão ao pensamento de que quase nada escaparia do apetite de um obeso. Todavia, o narrador revela que ela possui uma aura de pureza, conhece as plantas e, não podendo consumi-las, estava contratada na loja de flores.

O corpo obeso da personagem central é estereotipado em diversos excertos do conto, tornando evidente a gordura corporal e/ou corroborando para uma espécie de culto à comida, descrevendo com minúcia os cheiros, texturas, formatos e aromas dos alimentos citados. O narrador descreve os típicos finais de semana dela, em que permanecia deitada ou comprando variedades de comidas em uma feira.

Ponto vital para a discussão é a obesidade, que além de preocupação, é vista como face da feiura. É habitual categorizar a pessoa gorda como descuidada, preguiçosa, desleixada, indisciplinada e incontrolável. A concepção que deriva dessa ideia é o do emagrecimento como ápice da felicidade. Novaes (2013) afirma que

Problemas com a má aparência e, certamente, a gordura figuram entre os piores tipos de desleixo com o corpo, sendo concebidos como transgressão moral [...]. Aos poucos, a obesidade assume um lugar de diferenciação, chegando aos dias atuais como uma das maiores formas de exclusão [...] (Novaes, 2013, p. 29).

Esse trecho revela como os indivíduos obesos são rejeitados, repelidos, vistos como transgressores de um padrão ideal, infringindo princípios da disciplina, da persistência, do esforço. Dessa maneira, a gordofobia afeta a vida das pessoas obesas, contribuindo para a incapacidade de valorização da diversidade de corpos existentes.

Enquanto Eunice trabalhava na floricultura, conheceu um cliente que, embora não enxergasse e pouco falasse, era um hábil conhecedor de plantas, reconhecendo-as por meio do tato e do olfato. O fascínio que ele despertava fez com que ela se interessasse pela sua presença, mas também temesse que ele soubesse como era

o seu corpo, de modo que empregava recursos para encobrir a realidade da obesidade.

Como as pessoas cegas aprimoram os demais órgãos sensoriais, Eunice borrifava perfume e evitava rir para que a personagem masculina, pelo olfato e a audição, não notasse o seu corpo gordo. Ao tentar disfarçar a obesidade, a voz narrativa aponta alguns pré-conceitos existentes: o riso de um obeso é distinto do de alguém magro, porque se acredita que o gordo deva ser bem-humorado, feliz, simpático para compensar a sua corporeidade; até o seu odor é julgado. Desse modo, evidenciamos a gordofobia manifestada por meio do discurso literário.

Eunice é contratada para um trabalho de jardinagem na casa do cego e, em seguida, os dois iniciam um relacionamento amoroso. A partir daí, há a descrição dos encontros aos domingos: depois de Eunice cuidar do jardim, ambos descansam na cama, encomendando diversos alimentos para serem consumidos. Na sequência, após alguns meses, ele anuncia que realizará uma cirurgia para recuperar a visão, o que deixa Eunice apreensiva: “[...] *el hombre que acababa de abrazarla podría verla, tal como era, grotescamente gorda. Aquel cuerpo deforme y gigantesco abarcaría el espectro de sus redivivos ojos*” (Blanqué, 2005, p. 34). Com o excerto, notamos a hesitação da protagonista e a preocupação com a exibição de seu corpo.

Enquanto o cego viaja, Eunice procura uma clínica para emagrecer. Iniciado o tratamento, verificamos o consumo de muita água, dieta rígida, caminhadas, academia, uso de roupa de *nylon* para transpirar, orientação médica e exercícios aos finais de semana. Com esse projeto de transformação, o corpo, de acordo com Goellner (2019, p. 143), torna-se, “um objeto de consumo” com um mercado em ascensão de serviços e produtos para moldá-lo e controlá-lo.

A protagonista alcança o resultado almejado, emagrece, passando a se sentir animada e tranquila com seu corpo. Quanto o ex-cego retorna e marca um encontro, age de modo inesperado: “*Durante un tiempo nada dijo, esperando que fuera aquella mujer la que*

se diera a conhecer” (Blanqué, 2005, p. 36). Eunice explica que era ela mesma, porém magra. O desfecho se dá com o homem desapontado, sem reconhecer nela a companheira de outrora, o que ocasiona o fim do relacionamento. Compreendemos, assim, que mesmo ao atingir um corpo idealizado, não se assegura total contentamento. A partir dali, mesmo separados, os dois integram-se à sociedade: ela delgada, ele enxergando; não mais marginalizados.

Corpo solucionado

No conto “A solução”, presente em “A legião estrangeira (1999), de Clarice Lispector, nos deparamos com Almira: “Chamava-se Almira e engordara demais” (Lispector, 1999, p. 72). A protagonista é apresentada pelo narrador como obesa e o seu corpo é avaliado. Apesar da brevidade do conto e da redução na construção dos períodos, notamos um narrador mordaz, que nos apresenta uma história inusual.

Já no segundo período da narrativa, Alice surge na narrativa. Almira, de acordo com o narrador, declarava constantemente que Alice era sua maior amiga. Ambas eram datilógrafas. A protagonista venerava Alice: “À medida que a amizade de Alice não existia, a amizade de Almira mais crescia” (Lispector, 1999, p. 72). O relacionamento das duas era profissional, todavia, a personagem central nutria grande fascínio pela colega e fantasiava um companheirismo inexistente.

Na sequência, há a contraposição das personagens – uma descrita com suavidade e delicadeza; a outra retratada de maneira intensa e direta. Um trecho acentua as diferenças: “[Alice] distante e sonhadora, deixando-se adorar. Alice era pequena e delicada. Almira tinha o rosto muito largo, amarelado e brilhante: com ela o batom não durava nos lábios, ela era das que comem o batom sem querer” (Lispector, 1999, p. 72). Notamos evidentes contrastes entre ambas – uma magra, encantadora; a outra obesa, detentora de pele oleosa e rosto volumoso. Ainda de acordo com o excerto,

destacamos a linguagem, manuseada de forma simbólica, em virtude de a gula ser associada aos obesos: Almira come tudo, até mesmo o batom.

Há, no conto, destaque positivo para a índole da protagonista, descrita como agradável, aprazível. Todavia, é retratada, pelo narrador em terceira pessoa, de modo a acentuar sua corporeidade. Nesse sentido, Vigarello (2012) declara que o estigma do gordo é o de alguém descuidado, que negligencia o seu corpo. Del Priore (2000) expõe a obesidade compreendida como critério de fealdade, simbolizando o que é desprezível, opondo-se ao harmonioso. Ao pensar nisso, averiguamos que o narrador presume Almira como uma pessoa frustrada, acomodada, displicente. Tal estratégia literária orienta a leitura e a mirada do leitor com relação à personagem.

A seguir, Almira busca por Alice e se aflige por ela chegar atrasada e com os olhos vermelhos, sem responder suas perguntas insistentes e preocupadas. Desse modo, na hora do almoço, Alice se exaspera: “- Sua gorda! Disse Alice de repente, branca de raiva. Você não pode me deixar em paz?!” (Lispector, 1999, p. 73). Almira fica abalada com a atitude da colega, Alice segue com os insultos.

Logo após, o clímax é apresentado: “Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de Alice [...]. Mas a gorda, mesmo depois de feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra” (Lispector, 1999, p. 73-74). A passagem revela uma epifania, comum nos textos literários da autora, em que a personagem experimenta um momento de compreensão, isto é, vivencia a sensação de que a verdade se revela. Somos, então, surpreendidos, visto que a conduta de Eunice de cravar o talher no pescoço de Alice é impensada. Outro fator que se sobressai é o adjetivo “gorda” precedido do artigo “a”, sugerindo inexistência de identidade e insinuando que apenas alguém obeso teria ousadia para tal ato, sem remorso.

Como o foco narrativo está sempre em Almira, não sabemos o que Alice pensa ou sente em relação à colega, portanto o assombro

diante das agressões que acontecem. Vale ressaltar que a relação de ambas se rompe com o enfrentamento: uma fere verbalmente; a outra, fisicamente e a separação acontece com o desfecho da história que se aproxima – Alice é levada ao hospital e Almira à prisão.

Considerações Finais

As experiências de Eunice e Almira, embora adversas, representam vivências semelhantes às nossas. A literatura contribui com imagens representativas e, muitas vezes, divergentes do ideal social, delineando dificuldades, ânsias e decepções. Piglia (2004) expõe: “Todas as histórias do mundo são tecidas com a trama de nossa própria vida. Remotas, obscuras, são mundos paralelos, vidas possíveis, laboratórios onde se experimenta com as paixões pessoais” (Piglia, 2004, p. 104). Assim, os contos estudados refletem aspectos da condição humana, permitindo um espaço de reflexão sobre nossa própria existência.

Os contos “Inmensamente Eunice” (2005) e “A solução” (1999) apresentam protagonistas que se afastam dos padrões corporais impostos – ambas obesas, que sofrem violência simbólica ao longo das narrativas. As duas mulheres marginalizadas se sentem sozinhas e descontam suas aflições na compulsão alimentar. Com base em dois conceitos propostos por Xavier em *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (2007), os corpos de Eunice e Almira podem ser a eles associados. Eunice tem um “corpo refletido”, influenciado pela sociedade de consumo e pelo desejo de pertencer ao padrão de beleza. Já o corpo de Almira é um exemplo de “corpo violento”, marcado preconceito e pela vingança contra Alice.

Diante disso, as personagens analisadas enfatizam a necessidade de se discutir a respeito do corpo. Novaes (2013) registra que ele ocupa um local de destaque, convertendo-se em centro de interesse de mecanismos de controle, mas convém que seja visto como forma de resistência. No mesmo sentido, Goellner (2019) afirma que o corpo reage individual e coletivamente, aceitando ou resistindo às imposições. Dessa maneira, Eunice cede

às pressões sociais e emagrece, enquanto Almira reage, mantendo o seu corpo como está e se vingando pela violência sofrida. Nesse sentido, compreendemos que elas acentuam a subjetividade dos padrões de beleza e transgridem os discursos preconceituosos prevalentes em sociedade. Assim, os textos de Blanqué e Lispector nos levam a refletir sobre o que é imposto socialmente, nos fazem repensar a respeito da violência simbólica e nos impulsionam a romper com o que se entende por marginalização.

Referências

- ATAÍDE, Vicente. A personagem. *In*: ATAÍDE, Vicente. **A narrativa de ficção**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1973. p. 37-46.
- BLANQUÉ, Andrea. Inmensamente Eunice. *In*: BLANQUÉ, Andrea. **La piel dura**. Buenos Aires: Booket, 2005, p. 25-37.
- COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção histórica do corpo feminino. Dourados: UFGD, 2019.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns Aspectos do Conto. *In*: CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. Tradução Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 147-163.
- DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo. *In*: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (org.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019, p. 141-144.
- GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 14, p. 45-86, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. A solução. *In*: LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 72-74.
- MOISÉS, Massaud. O conto. *In*: MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Melhoramentos, 1970, p. 107-134.
- NOVAES, Joana Vilhena. **O intolerável peso da feiura**: sobre mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.
- PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VIGARELLO, Georges. O “martírio” torna-se real. *In*: VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 300-341.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?**: o corpo no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

A COMUNICAÇÃO DO OFÍCIO NA FORMAÇÃO DOS NOMES DE URNA DE CASCAVEL (BR-PR) NO PLEITO MUNICIPAL DE 2020

THE COMMUNICATION OF THE OFFICE IN THE FORMATION OF THE BALLOT NAMES OF CASCAVEL (BR-PR) IN THE 2020 MUNICIPAL PLEIT

Amanda Kristensen de Camargo¹
Márcia Sipavicius Seide²

Resumo: Esta investigação se insere na área da Antroponomástica Sociocognitiva, ou seja, ampara-se nos estudos sociais e cognitivos do nome próprio de pessoas (doravante antropônimos) e propõe socializar um recorte da tese “Entremeios do poder: da autonomação ao nome de urna do pleito municipal de Cascavel e Ponta Grossa (Paraná – BR, 2020)”, depositada em repositório da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) em novembro de 2022. Considerando a autonomação um fenômeno antroponímico no qual os sujeitos nomeiam a si mesmo e especialmente a autonomação política, ou seja, o fenômeno no qual sujeitos nomeiam a si mesmos em contextos políticos e por isso naturalmente argumentativos, este recorte propõe descrever os aspectos sociocognitivos, afetivos e heurísticos envolvidos na comunicação do ofício na formação do nome de urna de então candidatos a vereador que se autonomaram durante a concorrência ao pleito municipal cascavelense comum ao ano de 2020. Dos 469 nomes avaliados no *corpus* (disponíveis na plataforma digital do Tribunal Superior Eleitoral, 2021), 155 (33,04% do *corpus* geral) propõem acréscimos ao nome civil (doravante ortônimo). Considerando que, dentre os 155 nomes formados por acréscimos, como em **PROFESSORA LILIAM**, há seis nomes compostos, como em **DRA. CLAUDIA DENTISTA**, chega-se a um total de 161 acréscimos individuais (100%), estando 114 destes (70,80%) associados à comunicação

¹ Doutora pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3835756948304173> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7569-1091> E-mail: amanda.camargo@unioeste.br.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4504090079299411> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2859-1749>. E-mail: marcia.seide@unioeste.br.

do ofício. Atestada a recorrência da comunicação do ofício no mecanismo de acréscimo lexical, buscamos descrever as diferentes maneiras de menção ao trabalho na autonomação dos candidatos, seja pelo acréscimo de nomes comerciais (oniônimos ou crematônimos): **ALICIO DA CRIATIVA GÁS**; de substantivos associados ao local de trabalho em construções adnominais: **BORGES DA AUTOELÉTRICA**; de qualitativos profissionais explícitos: **PROFESSORA LILIAM**, entre outras estratégias implícitas para comunicação do ofício, tais quais o título **DR.**, em **DR. ANDREIA BELO ROSSO**, entre outras. A partir da discussão dos sentidos da comunicação do ofício na formação dos nomes de urnas cascavelenses, faz-se possível afirmar que esse tipo de conceituação de si prioriza a comunicação do trabalho confirma não só como tal esfera é central para as relações humanas, mas também propicia uma comunicação afetiva e argumentativa: expressa um sentimento de pertencimento e dialoga com as classes trabalhadoras comuns à divisão social do trabalho.

Palavras-chave: Antroponomástica Sociocognitiva. Autnomeação. Nome de urna.

Abstract: This investigation is part of the area of Sociocognitive Anthroponomastics: it is based on social and cognitive studies of people's first names (hereinafter anthroponyms) and proposes to socialize an excerpt from the thesis "Entremeios do Poder: from self-nomination to the name of the ballot box municipal district of Cascavel and Ponta Grossa (Paraná – BR, 2020)", deposited in the repository of the State University of Western Paraná (Unioeste) in November 2022. Considering self-nomination as an anthroponymic phenomenon in which subjects nominate themselves and especially political self-nomination, that is, the phenomenon in which subjects nominate themselves in political and therefore naturally argumentative contexts, this section proposes to describe the socio-cognitive, affective and heuristics aspectos involved in the considerable communication of the office in the formation of the name of the ballot box of candidates for councilor who nominated themselves during the competition for the Cascavelense municipal election common to the year 2020. Of the 469 names evaluated as a corpus (available on the digital platform of the Superior Electoral Court , 2021), 155 (33.04% of the general corpus) propose additions to the civil name (hereinafter orthonym). Considering that among the 155 names formed by additions,

as in **TEACHER LILIAM**, there are six compound names, as in **DRA. CLAUDIA DENTIST**, a total of 161 individual additions (100%), 114 of which (70.80%) are associated with the communication of the profession. Having attested the recurrence of the communication of the office in the morphological mechanism of addition, we sought to describe the different ways of mentioning the work in the self-nomination of candidates, whether by adding commercial names (onyms or crematonym): **ALICIO DA CRIATIVA GÁS**; of nouns associated with the workplace in adnominal constructions: **BORGES DA AUTOELÉTRICA**; of explicit professional qualifications: **TEACHER LILIAM**, among other implicit strategies for communicating the office, such as the title DR., in DR. **ANDREIA BELO ROSSO**, among others. From the discussion of the meanings of the communication of the work in the formation of the ballot names in Cascavel pleit, it is possible to affirm that this type of self-conceptualization that prioritizes the communication of work confirms not only how such a sphere is central to human relations, but also how affective and argumentative communication is carried out at the same time: it expresses a feeling of belonging and dialogues with the working classes common to the social division of labor.

Keywords: Sociocognitive Anthroponomastics. Self naming. Ballot names.

Considerações Iniciais

A visitação diacrônica quanto ao fenômeno de nomeação de pessoas empreitada por Camargo (2022) em sua tese “Entremeios do poder: da automeação ao nome de urna do pleito municipal de Cascavel e Ponta Grossa (BR-PR, 2020)” aponta que o nome de pessoas (doravante antropônimo) esteve associado, desde os primórdios das civilizações, à conceituação dos sujeitos – geralmente posterior ao nascimento – que prioriza um parte de uma totalidade significativa comunicativa potencial de variados ideais descritivos de pertencimento: desde a filiação religiosa, parental, geográfica (toponímica) até a descrição física ou da circunstância do nascimento, entre outras. Ao longo do desenvolvimento das nações e da necessidade civil cada vez mais

ampla de singularização e demarcação da posição social dos entes, a noção conceitual metonímica de pertencimento presente outrora em uma lexia simples – formada por apenas um item lexical – como em ENHEDUANA: En, “alta/sumo sacerdotisa”; hedu, “ornamento”; Ana, “do céu/do paraíso” (Camargo, 2023) – estendeu-se na própria constituição do nome. Essa extensão pode ser percebida, por exemplo, na lógica declinativa da tria *nomina romana: praenomen* – nome individual; *gentilicium* – gentílico; *cognomen* – cognome, tal qual em *Marcus Tullius Cicero* e no uso de patronímicos recuperados etimologicamente em diversos sobrenomes: “[...] Gonçalves “filho de Gonçalo”, Mendez “filho de Mendo/ Menendo”, Álvares “filho de Álvaro” (Soledade, 2021, p.274).

A partir das modas antroponímicas descritas por Camargo (2022), é possível perceber, ainda, que, dentre as formação dos antropônimos, a comunicação do ofício – seja religioso como *Enheduana*, ou não religiosos ou laigo– faz-se bastante frequente ao paradigma da Idade Média, no qual “[...] profissões desenvolvidas [serviam] de motivação ao denominador no ato de dar um apelido, ou um nome que, com o passar do tempo, se constituiu em sobrenome” (Frosi, 2014, p. 398), havendo, inclusive, sincronamente sobrenomes mais transparentes quanto ao léxico relacionado ao ofício, tal qual Zapatero – Sapateiro” e “Ferrari – Ferreiro”. Depreende-se dos sobrenomes explicitados, por exemplo, que, independente do prenome escolhido pelo indivíduo: autonegação, ou a ele imposto, o sobrenome o conceituava a partir do trabalho, ou seja, a construção da significância de si por si mesmo ou por outrem baseava-se no papel social exercido na sociedade, papel na idade média as esposas herdavam do marido, sendo caracterizadas pelo ofício do cônjuge. Esse tipo de conceituação de si pelo trabalho fez-se fenômeno frequente no estudo de Camargo (2022) acerca dos nomes de urna cascavelenses do pleito de 2020. Para a autora, que avaliou a comunicação dos nomes políticos de candidatos que nomeavam a si mesmos ao longo do período de suas candidaturas e o faziam conviver oficialmente com seus respectivos nomes civis (doravante

ortônimos), havia dois amplos processos que estruturariam sua formação linguística: a manutenção total ou parcial dos elementos do ortônimo (nome civil ou nome completo) seguida ou não de algum tipo de acréscimo lexical, ou sua mudança, respectivamente: **PROF SORAIA** – SORAIA REGINA DA SILVA e **JURUNA MOTOBOY** – SILVIO MACHADO, havendo em ambas as estratégias a considerável frequência da comunicação do ofício pelo acréscimo.

De acordo com Camargo (2021, p. 249)

Dos nomes analisados depreende-se, de forma geral, que o mecanismo (...) majoritário para a formação do nome de urna é a manutenção do nome civil: Das estratégias de manutenção, a mais utilizada é a supressão (42%); em segundo lugar estaria a formação de nomes por acréscimo e supressão 115 (24,52%) que somados às nove ocorrências da subcategorização da retificação (1.6.1), chegam a 26,43%. Dentre os tipos de acréscimo (1.5/1.6/1.6.1/1.9), totalizando 155 ocorrências que, dados 6 casos de nomes compostos por dois acréscimos, totalizam 161 ocorrências individuais de acréscimo. Com relação ao léxico e à semântica, é comum o número de acréscimos por ofício (114 ocorrências de 469 nomes, portanto, 24,30%.

Com relação específica à estratégia dos acréscimos, Camargo (2022) aponta, ainda:

Quanto ao quantitativo de acréscimos [...], considera-se, pois, o total de acréscimos (100%) a partir da soma das estratégias de acréscimo (155) aos casos individuais de nomes compostos (6), somando, assim, 161 ocorrências individuais (100%) de acréscimo, das quais 114 comunicam ofício (70,80%).

Assim, com base na massiva comunicação do ofício na formação dos nomes de urna cascavelenses constituídos por acréscimo, cabe considerar não só os sentidos da frequência dessa comunicação como também descrever por quais meios linguísticos há o direcionamento da interpretação do ofício, seja pelo comerciais (oniônimos ou crematônimos): ALICIO DA CRIATIVA GÁS; substantivos associados ao local de trabalho em construções adnominais: BORGES DA AUTOELÉTRICA; títulos

(direcionamento implícito do ofício): DR. HENRIQUE; qualitativos profissionais explícitos: PROFESSORA LILIAM, entre outras estratégias. Antes que se chegue a ambas as considerações, resta especificar o nome de urna para os estudos sociocognitivos dos nomes próprios de pessoa.

O nome de urna a partir do diálogo entre a Teoria da Relevância e os estudos sociocognitivos do antropônimo

De acordo com a Lei 9.504 de 1997 que discrimina acerca da autoneomeação política:

O candidato às **eleições proporcionais** indicará, no pedido de registro, além de seu nome completo, as **variações nominais com que deseja ser registrado**, até o máximo de três opções, que poderão ser o **prenome, sobrenome, cognome, nome abreviado, apelido ou nome pelo qual é mais conhecido, desde que não se estabeleça dúvida quanto à sua identidade, não atente contra o pudor e não seja ridículo ou irreverente**, mencionando em que ordem de preferência deseja registrar-se (art. 12, Lei Nº 9.504/1997, **grifos nossos**)”.

A partir do exposto, é possível afirmar que o nome de urna tem seu embrião em uma ação jurídica, delimitando o que chamamos de um *status* particular, um *continuum* entre a oficialidade do nome civil (ortônimo) e a o que Amaral (2011) considera não oficial (alônimo), uma vez que o nome de urna se caracteriza por uma “oficialidade efêmera”: tem a brevidade das eleições proporcionais. Além disso, nos direcionamentos da lei, é possível considerar que, dentre as descrições proibitivas, há uma pela qual o nome não pode estabelecer dúvida quanto à identidade do candidato, fundamento implícito às intenções heurísticas da autoneomeação política pela perspectiva da Teoria da Relevância, uma vez que o princípio comunicativo de relevância:

[...] assevera que todo enunciado comunica a presunção de sua própria relevância ótima. Segundo esse princípio, na contingência de processar um enunciado ou outro estímulo ostensivo, o indivíduo o presumira como (a)

minimamente relevante o suficiente para merecer seu esforço de processamento e (b) o mais relevante compatível com as habilidades e as preferências do falante. (SPERBER; WILSON, 1986, 1995; Wilson, 2004). Dada essa presunção, o ouvinte está autorizado a assumir que **um falante objetivando relevância ótima tentará produzir efeitos cognitivos pelo menos suficientes para fazer valer a pena o processamento e para evitar causar no ouvinte algum desperdício de esforço cognitivo para alcançar esses efeitos** (Rauen, 2018, p. 20, grifos meus).

Assim, é possível confirmar que, diante da limitação das habilidades e preferências de um falante – aqui especificamente um candidato – há que se elaborar um enunciado, um nome de urna, cuja facilidade da compreensão satisfaça as expectativas do ouvinte, ou da audiência – o eleitorado. Exatamente a partir desse direcionamento dos sentidos é que se elabora “uma representação mental de um estado-de-coisas desejado” – “estado-de-coisas no qual alguma informação se torna representada na mente do ouvinte-falante como resultado d[o] enunciado” (Sperber, 1994, p. 6). A partir disso, estamos diante do que Boas (2014, p.40, tradução nossa, propõe como “votação heurística”: o voto guiado pela expressão de “[...] gênero, filiação partidária, profissão, religião, atrativos físicos” etc.

Do conjunto heurístico trazido por Boas (2014), resta-nos aqui, neste recorte, descrever o direcionamento do voto pela expressão da profissão, presente, conforme já mencionado, em 70,80% da formação dos nomes de urna cascavelenses com algum tipo de acréscimo lexical.

A comunicação do ofício no nome de urna no pleito de Cascavel (2020): A conceituação de si pelo trabalho

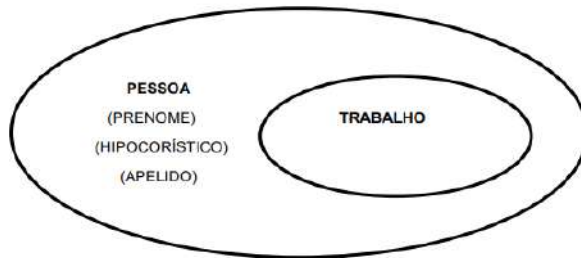
Conforme aponta Camargo (2022), o nome de urna cuja comunicação prioriza a conceituação de si pelo trabalho está relacionado desde à a) menção explícita à profissão como **professora** em **PROFESSORA LILIAM – LILIAM FARIA PORTO BORGES**; b) a implicatura prestigiosa de títulos como dr. e dra. que,

uma vez enciclopedicamente relacionados a profissões de prestígio social, como médico, advogado etc. estendem esse prestígio para o nome: **DR. ERICK - XAVIER ERICK CAMARGO**; c) local de trabalho como em **CLAUDIO DA FARMÁCIA - CLAUDIO ROBERTO XAVIER**; d) menção ao comércio local, tal qual **ALICIO DA CRIATIVA GÁS - ALICIO CLAUDIO DA SILVA**; e) trabalho religioso e sua respectiva matriz religiosa, tal qual em **PASTOR JUAREZ - JUAREZ XAVIER DA SILVA**. A partir da configuração dos dados descritos e da perspectiva de Barcelona (2015, 2003) quanto ao conceito de domínio funcional³ e quanto à lógica de conceituação metonímica do nome próprio⁴, faz-se possível ilustrar algumas – dado o limite da extensão deste estudo – das metonímias conceptuais acima mencionadas, conforme as figuras abaixo, considerando a Figura 1 como a ampla base para a conceituação da pessoa a partir do domínio do seu trabalho, comunicando-o linguisticamente, portanto, no nome de urna:

³ O que Barcelona (2015) considera como “domínio funcional” apresenta aproximações na literatura como frame, domínio cognitivo e Modelo Cognitivo Idealizado. A especificidade dada pelo autor, porém, diz respeito [a] contiguidade – uma aproximação de sentido entre fonte e alvo para a elaboração metonímica – ser vista em Barcelona (2015) como uma função pragmática necessária.

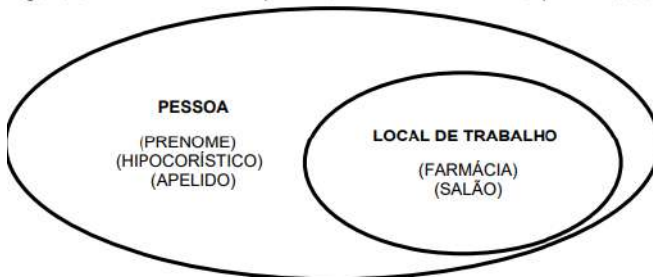
⁴ The original meaning of proper names, like many other linguistic meanings, is normally metonymic. Names often originate in descriptive noun phrases containing a common noun. These phrases have specific reference and they include, as their main descriptor, a circumstance closely connected with their referent, or an aspect of this referent [...] (Barcelona, 2003, p.11).

Figura 1 – Metonímia conceptual trabalho pela pessoa



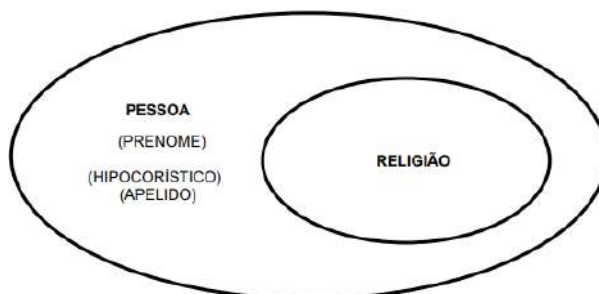
Fonte: Camargo, 2022, p.294.

Figura 2 – Metonímia conceptual local de trabalho pela pessoa



Fonte: Camargo, 2022, p.295

Figura 3 – Metonímia conceptual religião pela pessoa



Fonte: Camargo, 2022, p. 296.

Todas as metonímias conceptuais acima descritas salientam um caráter descritivo do candidato relacionado ao domínio de sua profissão – seja explícitada, seja seu local de trabalho, seja o trabalho religioso, o que confirma o trabalho como central para o desenvolvimento sociocognitivo e afetivo do ser humano e uma

comunicação heurística efetiva e afetiva que se direciona a classes e papéis sociais específicos.

Considerações Finais

A partir da perspectiva da Teoria da Relevância a decodificação do nome de urna por parte do eleitor faz ingressar em seu contexto cognitivo partes de seu conhecimento enciclopédico acerca do ofício do candidato que podem confirmar suas próprias suposições e expectativas prévias, convergência que resulta na avaliação do nome de urna do candidato como um nome relevante, relevância que tem um potencial enorme de influenciar a decisão de voto do eleitor. Assim, para um eleitor que acredita no pressuposto de que os professores são seres cuja dedicação à educação é uma missão que os motiva intrinsecamente ao se deparar com um nome de urna composto pelo nome professor fará inferências que o levará a ter inferir que o candidato merece confiança. Esta comunicação é aquilo que o candidato deseja ao se autogar um nome de urna. Outra ressalva importante é a de que à época de desenvolvimentom ad tese quase não havia notícia da existência de nomes de urna em outros países, contudo há notícias de que nas duas últimas eleições no México os candidatos puderem escolher e usar nomes diferentes de seus nomes civis durante a campanha eleitoral, estas escolhidas começaram a ser investigadas por onomasticistas mexicanos, mostrando que o nome de urna é um objeto de pesquisa emergente que requerer que muito mais pesquisas sejam feitas não apenas no Brasil, mas também em outros países nos quais existe a possibilidade de o candidato se automear por ocasião do pleito.

Referências

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do Português Brasileiro. *Alfa*, v. 55 n.1, p. 63-82, 2011.

- BARCELONA, Sanches Antonio. Names: A metonymic “return ticket” in five languages. *Jezikoslovlje*, v. 4, p. 11–41, 2003.
- BOAS, Taylor C. Pastor Paulo vs. Doctor Carlos: Professional Titles as Voting Heuristics in Brazil. *Journal of Politics in Latin America*, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 39- 72, 2014
- CAMARGO, Amanda Kristensen de. **Entremeios do poder: da automeiação ao nome de urna do pleito municipal de Cascavel e Ponta Grossa (Paraná – BR, 2020)**. 2022. 350 f. Tese(Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.
- CAMARGO, Amanda Kristensen de. Um estudo sociocognitivo dos antropônimos “Enheduana” e “Akhenaton”: a automeiação como comunicação político performativa. *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 36, 1-23, 2023.
- FIGUEIREDO, Telmo José Amaral. **Um nome que faz toda a diferença: análise literária de Gênesis 32,23-33**. 231f. Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- RAUEN, Fábio José. Por uma modelação abdução-dedutiva de interações comunicativas. *In*: TENUTA. A. M.; COELHO, S. M. **Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas**. Belo Horizonte: FALE, 2018. p. 13-29.
- SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Relevância: comunicação e cognição. Tradução de Helen Santos Alves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001 [1994].

UMA ABORDAGEM DECOLONIAL DE OBRAS DA LITERATURA INDÍGENA: DANIEL MUNDURUKU; ELIANE POTIGUARA; DAVI KOPENAWA E MÁRCIA KAMBEBA

UNA APROXIMACIÓN DECOLONIAL DE LAS OBRAS DE LITERATURA INDÍGENA: DANIEL MUNDURUKU; ELIANE POTIGUARA; DAVI KOPENAWA Y MÁRCIA KAMBEBA

Rosalina de Godoy Dias da Silva¹
Alai Garcia Diniz²

Resumo: O presente artigo busca apresentar reflexões sobre quatro obras de autores indígenas. Essas obras literárias pertencem a diferentes etnias, a exemplo de Daniel Munduruku, *Vozes Ancestrais* (2016); Eliane Potiguara, *O Vento Espalha a Minha Voz Originária* (2023); Davi Kopenawa, *O Espírito da Floresta* (2023); e Márcia Kambeba, *Ay Kakyri Tama / Eu moro na cidade* (2020). Esta abordagem foi realizada na minha dissertação de mestrado pelo PPGL/Unioeste (2024), com foco na Literatura Indígena e na consolidação da autoria indígena. Assim, busca-se questionar a colonização monocultural, que leva à discriminação do sujeito que tem convivalidade e faz parte de outras cosmologias, constituindo uma das riquezas que ainda hoje são negligenciadas neste país. O Brasil é o país mais rico em termos étnico-raciais, com trezentos e cinco povos indígenas que falam duzentas e setenta e quatro línguas diferentes, sendo a mais falada a Tikuna, e possui em torno de sessenta etnias que vivem em isolamento. As pesquisas sobre essa são escassas, a imagem do indígena é caricata nos livros didáticos, nos jornais, na televisão, e, de modo geral na sociedade brasileira. Assim percebi que o reconhecimento das culturas indígenas é de interesse geral, considerando que essas culturas integram a formação do povo brasileiro. De acordo com o Censo de 2022, existem mais de 1,4 milhão de pessoas que se declararam

¹ Mestra em Letras pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3409115552810392>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7879-1645>. E-mail: rosalinadegodoydias@gmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1533451239385381>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1085-6657>. E-mail: agadin@gmail.com.

indígenas no Brasil. A partir desse estudo e do conhecimento empírico sobre a temática dos paradigmas culturais das obras que configuram sociedades ancestrais, além da arte que propõe outra linguagem, como as pinturas corporais, as relações interespecies e o pertencimento cosmológico, marcado pela territorialidade perdida (que pode ser resgatada ou não), estabelece-se o propósito de ampliar o campo da leitura e o reconhecimento da Literatura Indígena no universo educacional. Com o projeto sobre Obras de Autores Indígenas, participo de equipe Multidisciplinar do Colégio Horácio Ribeiro dos Reis – E.F.M., abordando a Literatura de autores indígenas, com alunos do 6º ano E, Ensino fundamental – anos finais, para mostrar aos alunos dessa turma que o grafismo faz parte da sociedade até mesmo não indígena. A literatura indígena permite reflexões sobre o outro, sua participação ou inclusão na sociedade contemporânea, vinculou-se à manutenção e ampliação da identidade de nossas origens. Escrever literatura indígena para os autores aqui estudados é, portanto, resistir e lutar contra uma forma de esquecimento que os povos originários têm sofrido ao longo do tempo. Par alcançar o objetivo proposto a pesquisa se baseia nos pressupostos teóricos da decolonialidade de Márcio Seligman (2022), na interculturalidade crítica de Catherine Walsh (2010) e na intermedialidade de Irina Rajewsky (2012), além de Walter Moser (2006) e Antônio Cândido (2011). Trata-se, portanto, de uma pesquisa fundamentada nas referências aos conceitos que me propus a analisar. Espero que este artigo contribua para o fim do preconceito contra a cultura e a ancestralidade indígena, evitando que esses estereótipos se enraizem nas futuras gerações.

Palavras-chave: Decolonialidade. Interculturalidade. Literatura Indígena.

Resumen: El presente artículo busca presentar reflexiones sobre cuatro obras de autores indígenas. Estas obras literarias pertenecen a diferentes etnias, como es el caso de Daniel Munduruku, *Voces Ancestrales* (2016); Eliane Potiguara, *El viento dispersa mi voz originaria* (2023); Davi Kopenawa, *El espíritu del bosque* (2023); y Márcia Kambeba, *Ay Kakyri Tama / Yo vivo en la ciudad* (2020). Este enfoque fue realizado en mi tesis de maestría en el PPGL/Unioeste (2024), con un enfoque en la Literatura Indígena y en la consolidación de la autoría indígena. Así, se busca cuestionar la colonización monocultural, que lleva a la discriminación del sujeto que convive y forma parte de otras cosmologías, constituyendo una de las

riquezas que aún hoy son negligenciadas en este país. Brasil es el país más rico en términos étnico-raciales, con trescientos cinco pueblos indígenas que hablan doscientas setenta y cuatro lenguas diferentes, siendo la más hablada el Tikuna, y tiene alrededor de sesenta etnias que viven en aislamiento. Las investigaciones sobre este tema son escasas, la imagen del indígena es caricaturesca en los libros de didácticos, en los periódicos, en la televisión y, en general, en la sociedad brasileña. Así, percibí que el reconocimiento de las culturas indígenas es de interés general, considerando que estas culturas forman parte de la formación del pueblo brasileño. Según el Censo de 2022, existen más de 1,4 millones de personas que se declararon indígenas en Brasil. A partir de este estudio y del conocimiento empírico sobre la temática de los paradigmas culturales de las obras que configuran sociedades ancestrales, así como el arte que propone otro lenguaje, como las pinturas corporales, las relaciones interespecies y el pertenencia cosmológica, marcadas por la territorialidad perdida (que puede ser rescatada o no), se establece el propósito de ampliar el campo de la lectura y el reconocimiento de la Literatura Indígena en el universo educativo. Con el proyecto sobre Obras de Autores Indígenas, participo en el equipo multidisciplinario del Colegio Horácio Ribeiro dos Reis – E.F.M., abordando la literatura de autores indígenas con alumnos del 6º año E, Enseñanza fundamental – años finales, para mostrarles a los estudiantes de esta clase que el grafismo forma parte de la sociedad incluso no indígena. La literatura indígena permite reflexiones sobre el otro, su participación o inclusión en la sociedad contemporánea, vinculándose al mantenimiento y la ampliación de la identidad de nuestros orígenes. Escribir literatura indígena para los autores aquí estudiados es, por lo tanto, resistir y luchar contra una forma de olvido que los pueblos originarios han sufrido a lo largo del tiempo. Para alcanzar el objetivo propuesto, la investigación se basa en los presupuestos teóricos de la decolonialidad de Márcio Seligman (2022), la interculturalidad crítica de Catherine Walsh (2010) y la intermedialidad de Irina Rajewsky (2012), así como de Walter Moser (2006) y Antônio Cândido (2011). Se trata, por lo tanto, de una investigación fundamentada en las referencias a los conceptos que me propuse analizar. Espero que este artículo contribuya al fin del prejuicio contra la cultura y la ancestralidad indígena, evitando que estos estereotipos se enraícen en las futuras generaciones.

Palabras clave: Decolonialidad. Interculturalidad. Literatura Indígena.

Introdução

O presente artigo busca apresentar reflexões de sobre quatro obras de autores indígenas. Essas obras literárias pertencem a diferentes etnias, a exemplo: Daniel Munduruku, *Vozes Ancestrais* (2016); Eliane Potiguara, *O Vento Espalha Minha Voz Originária* (2023); Davi Kopenawa, *O Espírito da Floresta* (2023); e Márcia Kambeba, *Ay Ary Karitama / Eu moro na cidade* (2020).

Esta abordagem foi realizada em minha dissertação de mestrado pelo programa de Pós-Graduação Letras (PPGL) da Unioeste (2024), com foco na Literatura Indígena e na consolidação da autoria indígena. Ao formular esta escrita, deparei-me com inúmeras indagações. No artigo 231 da Constituição Federal de 1988, é reconhecido aos indígenas sua organização social, costumes, línguas, crenças, tradições e seus direitos como povos originários sobre a terra que tradicionalmente ocupam. Compete à União demarcá-las, protegê-las e fazer respeitar todos os seus bens.

A partir dessa literatura e do conhecimento da lei 11645, de março de 2008, que estabelece as diretrizes de base da educação nacional, a inclusão dessa temática na sala de aula, bem como no currículo oficial de ensino, torna-se obrigatória, especialmente no que diz respeito à “história e cultura afrobrasileira e indígena”, em sala de aula, para mostrar aos alunos que o grafismo e a Literatura Indígena fazem parte da sociedade até mesmo não indígena.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem que os temas relativos aos povos indígenas devem ser abordados no Ensino Fundamental, com o propósito de desenvolver o respeito às diferenças e tornar o aluno capaz de identificar as manifestações dos povos indígenas, tanto em nossa cultura quanto na sua cultura legítima. Objetiva-se, assim, a inclusão da Literatura Indígena nas escolas como manifestação de igualdade dos valores de um povo que demonstra uma distinção cultural.

A Literatura Indígena permite reflexões sobre o outro, sua participação ou inclusão na sociedade contemporânea, funcionando como vínculo na manutenção e ampliação da identidade em nossas

origens. Com o propósito de compreender também o conceito de interculturalidade e a literatura da cultura indígena, busquei obras que pudessem ampliar meu conhecimento, a exemplo: Daniel Munduruku, *Vozes Ancestrais* (2016); Eliane Potiguara, *O Vento Espalha Minha Voz Originária* (2023); Davi Kopenawa, *O Espírito da Floresta* (2023) e Márcia Kambeba, *Ay Ary Karitama / Eu moro na cidade* (2020). No campo dos estudos sobre as culturas originárias, destaco as publicações de autores como Catherine Walsh, com o artigo sobre interculturalidade crítica e a educação intercultural; Walter Moser, com seu artigo “As relações entre as Artes por uma Arqueologia da Intermedialidade”.

Os textos dos indígenas brasileiros incluem desenhos em cores vibrantes de acordo com as particularidades de cada cultura. Outro elemento a ser considerado é o uso do termo “indígena” ou “indianistas”, que depende da perspectiva sob a qual é constituído. Assim, entendemos o “indianista” como transcultural, na visão ocidental (não indígena), em que o indígena é apenas um informante, não o narrador. Já a produção indígena é aquela produzida pelo próprio indígena, segundo os meios e códigos que lhe são peculiares. Ler ou escrever nunca são atividades neutras, independentemente da obra. Antônio Cândido, em sua obra *Vários Escritos*, nos relata o assunto que me foi confiado nessa série, aparentemente meio desligado dos problemas reais: “Direitos Humanos e a Literatura”. Ele nos mostra que essa relação é tênue:

Por quê? Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de recohecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. (CÂNDIDO, 2011, P. 175)

Por isso, em nossa sociedade a Literatura tem sido uma poderosa ferramenta de educação, proposto para cada um como um equipamento intelectual efetivo. Muitos professores ignoram essa literatura, por desconhecimento, não conseguem inclui-la nas

leituras em sala de aula. Para que os professores conheçam essa literatura, é fundamental apresentar os elementos básicos da Literatura Indígena. Para inserirmos os textos indígenas nas escolas, devemos compreender o universo de sua escrita.

A pluralidade cultural

De acordo com as Diretrizes Curriculares Básicas do Estado do Paraná, a pluralidade cultural pode assumir um sentido de sobrevivência e um símbolo de resistência, se for valorizada e reconhecida como parte do povo brasileiro. A Literatura Indígena, com certeza, é relevante para o esclarecimento educativo, conduzindo à intertextualidade e à interação entre o autor e o leitor, principalmente quando traz temas interessantes e instigantes realcionados à sua própria história e suas origens, oferecendo um aparato necessário para que o leitor seja capaz de ver além do pensamento engessado por preconceitos ou influências, às vezes, negativas. leitor seja capaz de ver além do pensamento engessado por preconceitos ou influências, às vezes, negativas.

Essa perspectiva visa aprofundar a visão sobre a cultura indígena, sem os estereótipos costumeiros. A metodologia empregada para as análises se baseia no estudo bibliográfico e no levantamento de materiais divulgados em diferentes Literaturas.

Quanto mais conhecemos as culturas originárias, mais aprendemos e nos enriquecemos com a diversidade. Além disso, tornamo-nos abertos ao convívio com a diferença.

A abordagem decolonial de poemas e contos

As produções literárias de autores indígenas significam uma grande oportunidade de adquirir conhecimentos que estejam aliados à luta desses povos e à percepção de pluralizar esses discursos. Eles dialogam com a diversidade, convidando-nos a conhecer, compreender e valorizar as diferenças. Essas obras

refletem suas crenças, sendo também uma forma de comunicação com outros povos.

A literatura indígena como diz Munduruku, é muito mais do que cinco sentidos:

Nossa literatura não está limitada pela escrita. Ela é também silêncio. Ela também é meditação. Ela é sons de mata, de água, de bicho, de espíritos ancestrais, habitantes de um mundo sensível. Ela é feita de batidas rítmicas de pés no chão acolhedor, é feita de entoações de cantigas imemoriais; de corpos marcados por registro de histórias vivas; de adorno que embelezam os corpos e trazem lembrança de que somos partes do todo (MUNDURUKU, 2013, p. 9).

Sendo assim, Daniel é o primeiro autor apresentado. Para ampliar as possibilidades de leitura de suas histórias, a interculturalidade crítica nos convida ao diálogo entre culturas.

Apresentei aos alunos do 6º Ano E a obra de Daniel Munduruku – *Vozes Ancestrais*, e o conto Kaingang *A origem das marcas*, explicando que os indígenas valorizam seus ancestrais ou antepassados, pintam seus corpos com urucum e jenipapo, suas grafias possuem um significado único.

Figura 1 – Grafismo Kaingang - Kamé e Kairu



Fonte: Dill, 2019.

Os povos indígenas possuem suas próprias culturas, formas de viver e rituais, seus objetos artesanais, pinturas corporais e

grafismos distintos, produzidos com tintas naturais, formando estampas no corpo, em forma de linhas geométricas e círculos, que indicam a qual povo pertencem. Esses grafismos representam suas crenças, sendo também uma forma de comunicação com outros povos. Para entender os povos indígenas é preciso estudar suas crenças e conhecer a etnia à qual pertencem.

Da autora Eliane, apresentei *A Lenda do Dia e da Noite*. O texto retrata a lenda dos povos Karajás do Pará, também chamada na língua nativa “Iny manhandu”, sobre a origem da noite. Em uma terra castigada pelo sol, a pouca sombra que existia era disputada até mesmo pelas árvores. Assim, surgiu a noite para o nosso descanso. É uma história cheia de alegorias, e seus personagens Tajira e Poti, são duas crianças inteligentes e curiosas.

Do autor Davi, apresentei *O espírito da floresta*. A obra aborda a antropologia, que é a ciência que estuda as diferenças das culturas e de articulação da vida social e simbólica dos seres vivos, que compartilham a mesma natureza. Para integrar a tradição antropológica, a obra explora a pluralidade das manifestações culturais de uma só natureza. Não se trata simplesmente de se opor a uma ecologia europeia, mas de um saber amazônico sobre o cuidado com a natureza. Na sabedoria Yanomami sobre os espíritos da floresta, os “Xapiripê” já possuíam a ecologia, muito antes dos brancos lhe darem esse nome. “Os espíritos já conheciam a ecologia antes dos brancos lhe darem esse nome.” (Kopenawa, 2023).

A última obra trabalhada com a turma, foi *Ay Kakyri Tama: Eu Moro na Cidade*, de Márcia Kambeba. Este poema busca ajudar as pessoas a compreender a importância de se conhecer e respeitar os povos indígenas, sua cultura e sua ciência. Assim sendo, a escritora escolhe a literatura como estratégia de luta, e sua arma é a poesia. O poema apresenta uma característica muito interessante de diálogo, é escrito na língua Tupi e no idioma português brasileiro de forma concomitante, com algumas palavras traduzidas e outras não. Por meio do bilinguismo, que estrutura o poema, constrói-se uma ponte entre duas culturas que compõe sua identidade.

Com essa experiência no contexto de sala de aula compreendi de forma prática como é limitada os conteúdos sobre essa literatura.

Considerações Finais

Conforme exposta, a Literatura Indígena é um instrumento político, ou seja, uma plataforma política/ cultural, que tem como base a autoafirmação, a autoexpressão, a vinculação pública, política, cultural, institucional e também as normativas do sujeito indígena, como literatura de memórias, em contrapartida possibilita dizer, uma abertura pragmática, vítima da modernização conservadora brasileira, acredita-se com capacidade para ensinar, e dialogar com a sociedade.

A Literatura Indígena, apresentada na contemporaneidade, ocupa um espaço político, pedagógico e cultural por excelência, sendo elaborada como um relato testemunhal e autobiográfico. Por isso, escolhi quatro autores conhecidos nesse meio literário. Sabemos que essa literatura precisa ser lida, discutida e apresentada à sociedade. São experiências dos próprios autores, cada um de acordo com as suas vivências, em suas aldeias ou nas periferias das grandes cidades, já que foram obrigados a sair de seus territórios para sobreviver.

A cultura indígena é baseada na oralidade, como eles mesmos nos dizem, o indígena é um “livro que anda”. No entanto, para resistir e existir, tiveram que aprender a protagonizar a si mesmos, apagando a escrita do colonizador. Escrever sobre essa literatura não acaba nesse texto, nem no próximo, mas segue, para quem busca se aprofundar na história do Brasil e que conhecer mais das culturas originárias.

Referências

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial

da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 20 de set.2022.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade**. 2. ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **O espírito da floresta: A luta pelo nosso futuro**/Bruce Albert, Davi Kopenawa; tradução Rosa Freire d’Aguiar. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

MOSER, Walter. As relações entre as artes: por uma arqueologia da intermedialidade. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 14, n. 2, p.42–65, 2006. DOI: 10.17851/2317-2096.14.2.42-65.

Disponível

em:<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18070>>. Acesso em: 14 out.2022.

MUNDURUKU, Daniel. **Vozes ancestrais: dez contos indígenas**. 1. ed. São Paulo:FTD, 2016.

MUNDURUKU, Daniel. **Letra Indígena**. São Carlos, v. 2. p. 9. 2013.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná**. Língua Portuguesa. Curitiba: SEED, 2008.

POTIGUARA, Eliane. **O vento espalha minha voz originária**. 1ª ed. Rio de Janeiro:Grumin, 2023.

RAJEWSKY, Irina, O. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade. In: DINIZ, Thais Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares (Orgs.).

Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012.p. 51 - 73.

SELIGMANN, Márcio. **Teoria Decolonial**. São Paulo: UNICAMP, 2022.

WALSH, Catherine et al. **Interculturalidad crítica y educación intercultural**. Construyendo interculturalidad crítica, v. 75, n. 96, p. 167-181, 2010.

POÉTICA PERSUASIVA EM NARCISO SELVAGEM DE NARLAN MATOS

PERSUASIVE POETICS IN NARCISO SELVAGEM BY NARLAN MATOS

Jocimar Bertelli¹
Antonio Donizeti da Cruz²

Resumo: A Retórica Clássica, centrada na arte da persuasão, desempenha um papel essencial na mobilização de ideias e no impacto sobre audiências em diferentes culturas ao longo da história. Por meio da construção de imagem, da ativação das emoções e da organização estratégica do discurso, ela revela sua influência na comunicação humana. Este estudo examina as funções retóricas do *ethos*, destacando como ele é utilizado para criar empatia, demonstrando que o orador ou autor compreende as preocupações, crenças e valores da audiência. Essa identificação mútua favorece o estabelecimento de confiança e de um vínculo sólido entre emissor e receptor. A investigação adota uma abordagem interdisciplinar, unindo literatura e retórica na análise do poema “canção do novo tempo em nós”, de Narlan Matos, presente na obra *Narciso Selvagem* (2022). A pesquisa explora como a linguagem poética, repleta de imagens simbólicas e metafóricas, potencializa a conexão emocional com o público, ao mesmo tempo que reforça o caráter persuasivo da mensagem transmitida pelo autor. Este trabalho é fundamentado em teóricos da retórica, como Mosca (2001), Aristóteles (2017) e Bini e Sella (2023), bem como em críticos literários renomados, como Bosi (1974) e Paz (1982). A análise demonstra que o *ethos*, articulado pela imagem do autor e pela profundidade do discurso poético, contribui significativamente para a construção de uma identidade persuasiva que ressoa intensamente com o público. Por fim, o estudo estabelece um

¹ Doutoranda em Letras pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6355810284085087>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7280-9362>. E-mail: jocimarbertelli@gmail.com.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9408709557013563>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4672-7542>. E-mail: adonicruz@gmail.com.

diálogo inovador entre retórica e literatura contemporânea, evidenciando a relevância dos elementos retóricos na obra de Narlan Matos e comprovando sua habilidade em inspirar, mobilizar e promover reflexões críticas profundas por meio da poesia.

Palavras-chave: Retórica. Poesia. Narlan Matos.

Abstract: Classical Rhetoric, centered on the art of persuasion, plays an essential role in the mobilization of ideas and their impact on audiences across different cultures throughout history. Through image construction, the activation of emotions, and the strategic organization of discourse, it reveals its influence on human communication. This study examines the rhetorical functions of ethos, highlighting how it is used to foster empathy by demonstrating that the speaker or author understands the audience's concerns, beliefs, and values. This mutual identification promotes trust and establishes a solid connection between sender and receiver. The investigation adopts an interdisciplinary approach, combining literature and rhetoric in the analysis of the poem "canção do novo tempo em nós" by Narlan Matos, from the work Narciso Selvagem (2022). The research explores how poetic language, filled with symbolic and metaphorical imagery, enhances the emotional connection with the audience while reinforcing the persuasive nature of the message conveyed by the author. This work is grounded in rhetorical theorists such as Mosca (2001), Aristotle (2017), and Bini and Sella (2023), as well as renowned literary critics like Bosi (1974) and Paz (1982). The analysis demonstrates that ethos, articulated through the author's image and the depth of poetic discourse, significantly contributes to constructing a persuasive identity that resonates intensely with the audience. Finally, the study establishes an innovative dialogue between rhetoric and contemporary literature, highlighting the relevance of rhetorical elements in Narlan Matos' work and proving his ability to inspire, mobilize, and promote profound critical reflections through poetry.

Keywords: Rhetoric. Poetry. Narlan Matos.

Introdução

A poesia de Narlan Matos emerge como uma das vozes mais eloquentes e sensíveis da literatura contemporânea latino-americana, estabelecendo um diálogo com a tradição poética e filosófica que explora as relações entre o humano, a natureza e o transcendente. Em “canção do novo tempo em nós”, Matos desenvolve uma composição lírica caracterizada pela metamorfose interior e pelo impulso de renovação coletiva, onde a linguagem poética funciona como meio para questionar e reavaliar o papel do sujeito em sua conexão mútua com o ambiente ao seu redor, de forma que, conforme o autor expressa, “depois disso, já não mais seremos os mesmos” (MATOS, 2022, p. 184).

Esse poema, presente na obra *Narciso Selvagem* (2022), articula uma visão utópica de sociedade, em que o ser humano restabelece uma conexão profunda e simétrica com a natureza, com o próximo e consigo mesmo. Para além de seu apelo estético, a obra se destaca por um *ethos* marcante, que se revela na empatia do eu lírico e na construção de um discurso que busca inspirar e mobilizar o leitor para uma compreensão renovada das relações interpessoais e da convivência harmoniosa com o ambiente.

O conceito de *ethos*, central para esta análise, refere-se à forma pela qual o autor constrói uma representação de sua identidade por meio da escolha de linguagem e do estilo discursivo adotado. Esse recurso permite ao autor ou narrador direcionar a percepção do público sobre sua postura e credibilidade (Maingueneau, 2020; Bini; Sella, 2023).

A maneira como o texto é estruturado, suas escolhas de linguagem e a postura do eu lírico afetam diretamente a imagem projetada e influenciam a recepção da mensagem, buscando direcionar a interpretação de quem lê. Nesse sentido, a construção de *ethos* é estratégica, pois visa criar uma conexão com o público e orientar seu entendimento de forma sutil, porém eficaz.

De maneira complementar, Amossy (2016a) observa que o *ethos* se relaciona com o esforço do autor em compor uma imagem

persuasiva de si mesmo, objetivando sucesso retórico. Em “canção do novo tempo em nós”, a construção da imagem é feita por meio de um discurso de empatia e autenticidade, “agora já não sabemos nada/ mas antes sabíamos de tudo” (MATOS, 2022, p. 184) que aproxima o eu lírico dos leitores e confere ao poema um caráter universal e acessível. A narrativa poética, ao articular temas como a reconciliação e a interdependência entre os seres, amplia o alcance emocional da obra e enfatiza seu aspecto persuasivo.

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo geral explorar as funções retóricas do *ethos*, destacando o poder da linguagem poética de Narlan Matos em gerar empatia e identificação mútua entre o autor e o público. A análise busca, especificamente, (1) examinar a construção de imagem no poema para entender a conexão emocional que ele estabelece com o público, (2) investigar o uso do *ethos* como recurso de persuasão e meio de promover uma reflexão crítica, e (3) relacionar a retórica clássica com a literatura contemporânea, estabelecendo um diálogo entre teorias tradicionais e práticas poéticas.

Este estudo justifica-se pela importância da obra de Matos no cenário literário global. Embora seja um dos poetas brasileiros mais traduzidos, com edições em quatorze idiomas, ele ainda carece de reconhecimento em seu próprio país.

Analisar a linguagem poética e destacar as qualidades retóricas é uma forma de valorizar a produção literária brasileira, oferecendo também um recurso pedagógico que fortalece a identidade cultural e as interações interpessoais no contexto educacional. Ao inserir a poesia no ambiente escolar, este estudo visa ampliar o repertório cultural dos alunos e promover uma compreensão mais profunda da literatura nacional e de seus impactos sociais.

Metodologia

O trabalho foi realizado em duas etapas principais: uma revisão bibliográfica sobre a obra *Narciso Selvagem* (2022), e uma

análise qualitativa do poema “canção do novo tempo em nós”, de Narlan Matos. Na primeira etapa, foram coletadas informações sobre o autor e o contexto de sua obra na literatura contemporânea, com buscas em bases acadêmicas como o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e a SciELO. Esse levantamento incluiu estudos nacionais e internacionais sobre Matos e sobre *ethos* e retórica clássica, fornecendo a base teórica para a análise.

Na segunda etapa, adotou-se uma análise qualitativa do poema, articulando conceitos de retórica clássica e literária. A abordagem permitiu explorar o *ethos* como recurso persuasivo e de construção de imagem, examinando como a linguagem poética de Matos gera empatia e conexão emocional com o público. Essa metodologia possibilitou uma leitura que destaca o poder persuasivo e a relevância cultural do poema.

Fundamentação teórica

Narlan Matos é um poeta nascido em Itaquara, Bahia, em 1975, com uma trajetória marcada pela internacionalização de sua obra e pela capacidade de sensibilizar leitores de diversas culturas. Autor de sete livros de poesia em língua portuguesa, Matos tornou-se um dos poetas latino-americanos mais traduzidos da atualidade, com seus textos já traduzidos para quatorze idiomas.

Para Cruz (2012), é por meio das palavras que um poeta projeta um universo poético capaz de nomear o mundo. A recepção positiva à poesia de Matos reflete a força de sua produção literária, que integra temas de transcendência, espiritualidade e interdependência com a natureza e o próximo. Segundo o poeta Paulo Martins (2024, s.p.), Matos possui a capacidade de "transformar a realidade em poesia pura," em um processo que penetra na alma do leitor e evoca sentimentos de esperança e força.

Para fundamentar a análise da obra *Narciso Selvagem* (2022) de Matos, este estudo utiliza o conceito de *ethos*, um dos pilares da retórica clássica de Aristóteles (2017), que diz respeito à construção da imagem do autor ou orador, essencial para a criação de

credibilidade e persuasão. Maingueneau (2020) amplia essa noção, observando que o *ethos* não é apenas a imagem que o autor deseja projetar, mas também um fenômeno interpretativo que envolve as expectativas e valores dos leitores. Amossy (2016b) complementa essa visão ao enfatizar que o *ethos* se estrutura a partir de uma conexão emocional apropriada ao público, possibilitando que o autor crie uma "conexão emocional e persuasiva" que enriquece a experiência poética.

A perspectiva de Paz (1982) sobre a linguagem oferece uma compreensão ainda mais profunda da poética de atos. Conforme Paz (1982, p. 63), "a linguagem é o homem, e é algo mais", uma afirmação que sugere que a expressão poética transcende a individualidade para se conectar com uma essência coletiva, na qual "teremos sempre tempo para o tempo/para abraçar as pessoas e as nuvens azuis" (MATOS, 2022, p. 184). Matos utiliza a linguagem para construir uma imagem de si que busca gerar empatia e identificação com o público.

A análise de Bosi (1974) argumenta que a poesia é um "espaço onde coexistem o imediato e o atemporal, em uma tentativa de capturar uma matriz atemporal" que vincula o presente à essência constante da experiência humana. Segundo o autor, o discurso poético se desenvolve por meio de um processo de "idas e voltas", em que o imediato se entrelaça com o atemporal. Esse conceito é especialmente relevante no poema em questão, no qual explora uma reconciliação com o tempo e com a natureza.

A construção de um discurso emocional é fundamental para o sucesso retórico, como discute Mosca (2001). Para o autor, a persuasão eficaz não se baseia apenas em argumentos racionais, mas na capacidade de o discurso evocar emoções no ouvinte. Esse discurso emocional é essencial para que o público se sinta parte da visão utópica e harmônica proposta no poema, possibilitando uma interação estética e ética com a obra.

Análise poética

canção do novo tempo em nós

depois disso
já não mais seremos os mesmos
seremos como o desembarque dos bichos
depois do Dilúvio: agora já não sabemos nada
mas antes sabíamos de tudo
teremos olhos e tempo para os jacintos
e os narcisos do jardim de nossa casa
para a brisa leve do fim da tarde
o cão caminhando feliz pela manhã
nenhum arco-íris nenhum arrebol
nenhuma coisa bela passará invisível

depois disso
nada mais será tarde
e nenhum lugar será longe demais
para ser feliz e abraçar a vida
seremos como a mão que colhe o fruto
e come ali mesmo porque antes
esperávamos pelo amanhã que nunca chegou

depois disso
teremos sempre tempo para o tempo
para abraçar as pessoas e as nuvens azuis
como se fosse a primeira vez
seremos como crianças descobrindo o mundo
a harpa da história dedilhará outra mão
haverá uma mesa farta de alegria
e guloseimas para todos os que amamos

a moça bela com seus cabelos de sol
brilhando nos céus de março
a cada besouro folhas cada pássaro
cada pluma que voe pelo céu
o lobo a ovelha o orvalho setembrino
a todos chamaremos de irmãos!

depois disso
será fácil viver porque estaremos

de mãos dadas na ciranda do amor
e nunca mais negaremos um eu te amo
um quero te ver logo de novo a ninguém
nossas mãos serão rosas silvestres
ofertadas a quem quiser beijá-las

e depois de tudo isso
as esferas celestiais já não mais habitarão
o infinito
serão uma flor plantada em nosso coração
(Matos, 2022, p. 184 a 185).

Na obra *Narciso Selvagem* (2022), o poema analisado apresenta uma composição lírica que articula um processo de transformação espiritual e revitalização coletiva. A composição ultrapassa a esfera individual ao propor uma visão utópica de sociedade, onde o ser humano restabelece uma conexão profunda e equilibrada com a natureza, com os outros e consigo próprio. A estrutura do poema é marcada por um tom de esperança e por uma intertextualidade densa, referindo-se a tradições religiosas e mitológicas, o que confere ao texto um caráter universal e atemporal.

A intertextualidade bíblica é uma das forças do poema, especialmente com a evocação do “desembarque dos bichos depois do Dilúvio”, que alude diretamente ao episódio de Noé. Essa imagem traz consigo a ideia de um recomeço universal após um evento apocalíptico, posicionando o eu lírico como um mediador entre um passado traumático e a promessa de uma harmonia futura. A presença dos animais resgata o ideal de uma coexistência igualitária entre todas as criaturas, subvertendo a hierarquia antropocêntrica e promovendo uma visão de divisão equitativa do mundo. Esse renascimento, alinhado ao relato bíblico (Gênesis, cap. 7), sugere uma nova aliança entre as forças da criação, convidando o leitor a participar de uma “ciranda do amor” e a chamar de “irmãos” tanto os animais quanto os elementos naturais, como o “orvalho setembrino”.

Essa narrativa poética, que transcende a mudança pessoal para projetar uma visão utópica de sociedade, permite que Matos

empregue a retórica do *ethos* para articular uma poética de reconciliação e empatia. No poema, o eu lírico convida o leitor a reequilibrar seu papel na coletividade, percebendo o outro como uma extensão de si mesmo. A obra explora temas como o tempo qualitativo, ou *kairós*, e a integração com a natureza, reivindicando uma nova valorização das interações cotidianas e dos vínculos que se constroem no dia a dia.

Através dessa visão, o sujeito poético navega entre o individual e o coletivo, buscando uma síntese em que o “eu” se define não pela separação, mas pela interdependência com o outro. Essa perspectiva promove uma ressignificação do espaço e do tempo, que transcendem sua dimensão física e linear para se tornarem âmbitos de experiência compartilhada e intersubjetiva. A linguagem poética de Matos, ao transcender a expressão individual, assume uma função dialógica que proporciona um encontro estético e ético entre o leitor e a alteridade.

Outro aspecto marcante do estilo de Matos é sua escolha de não utilizar pontuação. Essa ausência de pontuação é um recurso estilístico que permite ao poeta estabelecer uma fluidez única, orientada pelas pausas naturais da leitura. Matos recorre ao uso das oclusivas para compor um ritmo fonético próprio, que guia o leitor e confere ao poema um fluxo contínuo. Essa estratégia fonética adiciona um ritmo especial à obra, conduzindo o leitor em uma jornada de reconexão e empatia sem as interrupções típicas de uma pontuação tradicional.

Considerações Finais

O poema, “canção do novo tempo em nós”, da obra *Narciso Selvagem* (2022), ora escolhido, reflete sobre a condição humana e o potencial transformador das relações entre o indivíduo, o outro e o mundo natural. Ao abordar interdependência, renovação espiritual e transformação coletiva, fundamentadas no *ethos*, convida o ser humano a ressignificar seu papel na coletividade, reconhecendo o outro como parte essencial de sua identidade. Mais do que uma

visão idealizada de sociedade, o poema é um convite a um novo modo de viver, baseado na simplicidade e no respeito mútuo.

Referências

- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. AMOSSY, Ruth. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016a. p. 09-28.
- AMOSSY, Ruth. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. AMOSSY, Ruth. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016b. p. 119-144.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução, textos adicionados e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2017.
- BINI, Renan; SELLA, Aparecida Feola. **Retórica e ensino: estratégias de transposição teórica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.
- BOSI, Alfredo. Imagem, Discurso. **Discurso**, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 5, p. 65–86, 1974. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.1974.37780. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37780>. Acesso em: 01 nov. 2024.
- CRUZ, Antonio Donizeti da. **O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o *ethos***. Tradução: Marcos Marcionilo. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2020.
- MARTINS, Paulo. **Narlan Matos e “Os degredados da terra”**. 2024. Disponível em: <https://estrategizando.pt/noticia/narlan-matos-e-os-degredados-da-terra-8100pKtEnX000> . Acesso em: 03 nov. 2024.
- MATOS, Narlan. **Narciso Selvagem**. Guaratinguetá: Penalux, 2022.
- MOSCA, Lineide Lago Salvador. **Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos**.
- MOSCA, L. L. S. **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 2001.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA PARA A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DIGITAIS DE APRENDÊNCIA

CONTRIBUCIONES DE LA NEUROCIENCIA PARA LA CONSTRUCCIÓN DE OBJETOS DIGITALES DE APRENDENCIA

Julia Cristina Granetto Moreira¹
Beatriz Helena Dal Molin²

Resumo: O presente trabalho intitulado “Contribuições da Neurociência para a construção de Objetos Digitais de Aprendizagem” pretende promover uma reflexão acerca do conhecimento da neurociência e como ela pode impactar e contribuir na construção de Objetos Digitais de Aprendizagem (ODA) utilizados na Educação Mediada, considerando uma visão complexa e transdisciplinar. O objetivo principal da pesquisa é oferecer um referencial epistêmico e teórico, com aspectos a serem utilizados para auxiliar na construção de Objetos Digitais de Aprendizagem, considerando a importância e impacto desse artefato em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Os Objetos Digitais de Aprendizagem (ODA) emergem como ferramentas fundamentais para a educação contemporânea, facilitando a disponibilidade e acessibilidade da informação no ciberespaço. Os ODAs são definidos como qualquer recurso digital disponível na rede que pode ser compartilhado e reutilizado no processo de aprendizagem. Quando selecionados e utilizados adequadamente, esses objetos digitais têm o potencial de despertar a motivação e o interesse dos estudantes, tornando-se protagonistas em seus processos educativos. Utiliza-se como metodologia a pesquisa bibliográfica a respeito dos conceitos de Aprender-Aprendizagem, tendo como base a Biologia do Aprender e a autopoiesis dos autores:

¹ Doutora em Letras pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1612397536637333>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2013-456X>. E-mail: julia.moreira@unila.edu.br.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3457465179465183>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8231-2435>. E-mail: biabem2001@gmail.com.

MATURANA e VARELA (1998), a terminologia da aprendizagem e aprendentes de ASSMANN (2007) e a territorialização e desterritorialização da Educação Mediada, de DELEUZE e GUATTARI (1997). A reflexão neste trabalho visa fornecer, com o conhecimento da Neurociência e da Neuroeducação, saberes outros para a construção de Objetos Digitais de Aprendizagem, considerando-os como artefatos artísticos, sensíveis ao outro, potencializadores do Aprender com Significado, amorosidade, afetos e emoções na Educação Mediada.

Palavras-chave: Neurociência. Criação de Objetos Digitais de Aprendizagem. Educação Mediada.

Resumen: El presente trabajo titulado “Contribuciones de la Neurociencia para la construcción de Objetos Digitales de Aprendizaje” pretende promover una reflexión acerca del conocimiento de la neurociencia y cómo puede impactar y contribuir en la construcción de Objetos Digitales de Aprendizaje (ODA) utilizados en la Educación Mediada, considerando una visión compleja y transdisciplinar. El objetivo principal de la investigación es ofrecer un referente epistémico y teórico, con aspectos a utilizar para auxiliar en la construcción de ODA, considerando la importancia e impacto de este artefacto en Ambientes Virtuales de Aprendizaje (AVA). Los Objetos Digitales de Aprendizaje (ODA) emergen como herramientas fundamentales para la educación contemporánea, facilitando la disponibilidad y accesibilidad de la información en el ciberespacio. Los ODAs se definen como cualquier recurso digital disponible en la red que puede ser compartido y reutilizado en el proceso de aprendizaje. Cuando seleccionados y utilizados adecuadamente, estos objetos digitales tienen el potencial de despertar la motivación y el interés de los estudiantes, convirtiéndose en protagonistas de sus procesos educativos. Se utiliza como metodología la investigación bibliográfica sobre los conceptos de Aprender-Aprendencia, teniendo como base la Biología del Aprendizaje y la autopoiesis de los autores: MATURANA y VARELA (1998), la terminología del aprendizaje y aprendentes de ASSMANN (2007) y la territorialización y desterritorialización de la Educación Mediada, de DELEUZE y GUATTARI (1997). La reflexión busca proporcionar, con el conocimiento de la Neurociencia y de la Neuroeducación, saberes otros para la construcción de Objetos Digitales de Aprendizaje,

considerándolos como artefactos artísticos, sensibles al otro, potenciadores del Aprender con Significado, amorosidad, afectos y emociones en la Educación Mediada.

Palavras clave: Neurociencia. Creación de Objetos Digitales de Aprendizaje. Educación Mediada.

Introdução

Na entrevista realizada por Claire Parnet em 1988, Deleuze trouxe à tona uma reflexão profunda ao afirmar que nossa inspiração contemporânea não provém dos computadores, mas da microbiologia do cérebro. Essa perspectiva instiga um exame mais minucioso sobre a relação entre a tecnologia digital e a educação, sublinhando a necessidade de compreender como o outro aprende para que possamos efetivamente ensinar. Nos últimos anos, o interesse por eles entre o cérebro e a produção do conhecimento cresceu exponencialmente, impulsionado pelos avanços na neurociência e refletido em um aumento significativo de publicações científicas sobre o tema (Mora, 2013).

O estudo das funções cerebrais possibilita a criação de novas formas de entendimento acerca da produção do conhecimento, permitindo conexões entre neurociência e práticas pedagógicas. Francisco Mora enfatiza que a neurociência possui um potencial transformador, capaz de promover reformas profundas na educação (Mora, 2013).

Nesse contexto, a sociedade contemporânea caminha em direção a um modelo que valoriza o aprendizado contínuo e colaborativo, integrando competências e habilidades digitais. Dentre elas, a promoção de um aprendizado que seja integral, humano, afetivo e ético, integrando o individual e o social, os diversos ritmos para formar cidadãos plenos em todas as suas dimensões.

Para que essa visão de aprendizado se concretize, é crucial conhecer como o cérebro funciona. Os achados da neurociência

oferecem subsídios que nos permitem abandonar modelos cartesianos e lineares de ensino, favorecendo abordagens que reconhecem a complexidade do ato de aprender e ensinar. Todos os atores envolvidos no processo educacional — professores e alunos — tornam-se aprendentes em um ciclo contínuo de construção de conhecimento. Portanto, compreender as bases neurais da aprendizagem e o papel ativo das tecnologias digitais se torna cada vez mais relevante (Assmann, Mo Sung, 2000).

As tecnologias interativas, como computadores, multimeios e a Internet, não são meros instrumentos como lápis ou giz; elas se transformam em co-estruturadoras do conhecimento, ampliando as possibilidades de interação e colaboração entre os aprendentes. Essa dinâmica altera significativamente a formatação predominante do saber, criando novos espaços e formas de conhecimento. O prazer de aprender se intensifica e as tecnologias digitais abrem portas para um aprendizado mais criativo e colaborativo (Assmann, Mo Sung, 2000).

O conceito de território tem se mostrado cada vez mais complexo, especialmente no contexto educativo. Em um mundo digitalizado, as noções de espaço estão em constante ressignificações. Neste trabalho, a relação entre território e desterritorialização, fundamentada na filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, vai de encontro nas discussões das práticas do fazer educativo na Educação Mediada. Consideramos que a desterritorialização pode ser entendida como um processo enriquecedor que desafia as estruturas tradicionais de ensino e aprendizagem, promovendo uma educação mais criativa, conectada e dinâmica.

Desse modo, faz-se necessário pensar que tanto a Educação a Distância (EaD) como a educação presencial, mediada pela Tecnologia de Comunicação Digital (TCD) constituem-se como outros e novos territórios, para isso, emerge-se a necessidade de uma desterritorialização, da criação de novos territórios dessa educação, utilizando vetores de saída, por meio das linhas de fuga.

Na Educação Mediada o espaço e o tempo não aparecem como condicionantes, mas sim como fatores que se utilizam para cada processo educativo, criando uma nova ambiência pedagógica, um novo modo de mover-se no espaço aprendente que está territorializado em uma plataforma virtual que o ciberespaço abriga (Granetto-Moreira, 2017).

Objetos Digitais de Aprendizagem na Educação Mediada

Os Objetos Digitais de Aprendizagem (ODA) emergem como ferramentas fundamentais para a educação contemporânea, facilitando a disponibilidade e acessibilidade da informação no ciberespaço. Para a pesquisadora Dóris Roncarelli (2012), ODA pode incluir uma variedade de formatos, como imagens, arquivos digitais, vídeos, animações e simulações, sempre considerando as questões didático-metodológicas pertinentes ao objeto.

Incluimos no Objeto Digital, o conceito de "aprendizagem", o qual foi proposto por Hugo Assmann (2007), que destaca a ideia de que a aprendizagem deve ser entendida como um processo contínuo e dinâmico. Esse termo sugere uma perspectiva mais abrangente sobre o ato de aprender, que está intrinsecamente ligado às interações e trocas entre os indivíduos. Assim, a utilização da terminologia "aprendizagem" para descrever ODA enfatiza a contínua dinâmica de aprendizado que ocorre no contexto da tecnologia de comunicação digital. Nesse sentido, a linha entre quem ensina e quem aprende torna-se cada vez mais difusa, reconhecendo que todos os envolvidos estão em um processo contínuo de construção de conhecimento, ou seja, todos ensinam e todos aprendem.

Para que um ODA se constitua como tal, ele deve ir além da mera função de ferramenta de apoio no processo didático. É necessário que esses objetos alcancem um nível de complexidade e transdisciplinaridade que instigue o pensamento crítico, promovendo a construção de novos conhecimentos a partir da desconstrução de saberes existentes. Assim, a inclusão da

afetividade, do prazer e da estética no processo de criação dos ODA, ressalta que a educação deve ser uma experiência sensorial e emocional que enriqueça o aprendizado (Deleuze, 1988).

As contribuições da Neuroeducação na Criação de ODA

Integrar insights da neurociência na criação de ODA é fundamental, uma vez que essa abordagem reconhece a importância de fatores emocionais e motivacionais no processo de aprendizagem. A neurociência oferece um marco teórico que pode seguir de referencial para a elaboração de ODA, de forma mais eficaz e impactante. O conhecimento sobre como as emoções afetam a aprendizagem pode ajudar os educadores na criação de objetos digitais de aprendizagem que promovam uma conexão mais profunda entre aqueles que produzem e aqueles que recebem o ODA.

Nesse sentido, o professor que atua como criador de ODA deve ser capaz de entender como promover de forma mais eficiente a motivação, satisfação e atenção nos aprendentes, apresentando conteúdos em formatos que sejam compatíveis com as formas como o cérebro aprende melhor. Dessa forma, trazemos para a discussão o termo “autopoiese”, que vem do grego *poiesis* e se refere a autoprodução. Foi difundido pelos autores Maturana e Varela para explicar como os seres vivos produzem continuamente a si mesmos. Fisiologicamente, o ser vivo é (um sistema vivo) uma rede de moléculas que interagem entre si, de modo que, por meio de tais interações, produziram o mesmo tipo de moléculas da rede que as produziu, constituindo uma unidade em rede (Maturana e Varela, 2001).

Os organismos vivos, desde o nível dos componentes celulares às comunidades de seres vivos, são, desse modo, sistemas autônomos que se autoproduzem e se autorregulam. Entretanto, paradoxalmente, eles também são dependentes, pois precisam recorrer aos recursos disponíveis no meio ambiente para manter sua autopoiese. Daí a necessidade do pensamento complexo para

compreendermos conceitos que melhor explicam a complexidade inerente ao mundo real.

Relacionar autopoiesis com a construção do conhecimento se constitui no processo de convivência com o outro, e ao conviver com o outro ou com algo, pensamos aqui nos objetos digitais de aprendizagem, nos transformamos espontaneamente. O ato pedagógico é entendido como uma ação que se concretiza no conviver.

Com isso, entende-se que a criação de objetos digitais de aprendizagem, permite aproximações com a autopoiese, por sua autonomia na e para a produção do conhecimento, em dependência com o aprender, estabelecendo uma relação de coletividade, de modo que o individual e o coletivo se encontrem, experimentando-se. A natureza autopoietica, em sua dinâmica, apoia-se na interação com o outro e com o próprio objeto de conhecimento. As contribuições dos objetos de conhecimento, no caso os ODA, denotam um movimento de autoria, numa perspectiva participativa nas trocas efetuadas. Nesse sentido, no processo educativo:

Ocorre como uma transformação estrutural contingente como uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem (Maturana, 2001, p. 29).

Oferecer experiências de aprendizagem fundamentadas em estímulos ricos, criativos e variados é crucial para ativar novas sinapses e fomentar um ambiente propício ao aprendizado. A construção do conhecimento se torna mais significativo quando os aprendentes são afetados emocionalmente pelo conteúdo, a construção de conhecimento, deve ocorrer em um contexto que valorize os afetos e os desejos dos aprendentes.

Conhecer e respeitar os aspectos sócio-culturais, psico afetivos e cognitivos daqueles que recebem o Objeto Digital de Aprendizagem é imprescindível, pois é assim que incluímos um aspecto a ser considerado na construção de ODA, que é considerar o contexto do

outro, suas narrativas, memórias e histórias. As bagagens que àquele o traz. E quando tratamos de Educação Mediada um fator a ser considerado é que muitas vezes aquele que produz o objeto não tem a oportunidade de conhecer àqueles que o recebem.

A importância de considerar e valorizar a história daquele que recebe o ODA é importante pois tratamos de emoções, é revisitando nossas bagagens que somos afetados. E a aprendizagem está relacionada com o que nos afeta. E como construir Objetos Digitais que afetam o outro, de forma a contribuir para a construção do conhecimento?

As informações do meio, uma vez selecionadas, não são apenas armazenadas na memória, mas geram e integram um novo sistema funcional, caracterizando com isso a complexificação da aprendizagem. Uma informação pode, pela desordem que gera, levar à evolução do conhecimento do indivíduo, pois ele precisará desenvolver estratégias cognitivas a fim de reorganizar e retomar o equilíbrio na construção do conhecimento (Carvalho, 2011, p. 541).

As emoções se iniciam e se desenvolvem desde uma precisão de uma experiência carregada de sentido. Tem sentido e emociona porque significa algo para alguém. Esse sentido é uma construção sistêmica integrada em processos biológicos, cognitivos, afetivos, sociais e culturais. As emoções emergem em estas configurações dinâmicas e se vivem, a experiência associada a esta vivência é denominada por Maturana (2016) como sentimentos, para o autor a emoção se vive e o sentimento se expressa. A emoção e os sentimentos estão vinculados, mas cerebralmente são diferentes. As emoções precedem os sentimentos (Mora, 2013).

Como nos apresenta Maturana, se emocionar é fundamental para habitar os entornos da convivência. Para o autor as emoções como fenômeno biológico são um modo de estar na prática humana, ou seja, concretizar as emoções que conduzem às metas.

As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação

em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação. Na verdade, todos sabemos isso na práxis da vida cotidiana, mas o negamos porque insistimos que o que define nossas condutas como humanas é elas serem racionais (Maturana, 2001, p. 15).

Relacionando as emoções com a construção de Objetos Digitais de Aprendizagem podemos inferir que trabalhar com aspectos para despertar emoções naqueles que o recebem é um grande desafio, principalmente pelo fato daquele que muitas vezes constrói o objeto digital está tão distante daquele que o recebe. Porém, considerar aspectos da neurociência na construção de ODA, contribuem para uma aprendizagem de fato.

Considerações finais

Os ODA têm um papel transformador na educação mediada, não apenas na entrega de informações, mas também na criação de um fazer pedagógico que reconheça e valorize as emoções dos aprendentes. A construção do conhecimento se torna mais efetivo quando os aprendentes se sentem emocionalmente conectados ao conteúdo, o que pode ser facilitado pela criação de ODA que promovam a interatividade e o envolvimento.

A intersecção entre neurociência e educação é essencial para a construção de Objetos Digitais de Aprendizagem que sejam significativos e transformadores. Ao integrar conhecimentos sobre essas duas áreas, é possível criar ODAs mais ricos e que atendam às diversas necessidades dos estudantes, promovendo um aprendizado que não apenas informa, mas também emocione e motive.

A educação deve ser vista como um processo colaborativo, onde todos os envolvidos estão continuamente construindo conhecimento. À medida que nos aprofundamos na compreensão de como o cérebro aprende e como as emoções influenciam esse processo, abrimos novas possibilidades para a prática pedagógica na educação mediada, fazendo dos ODA não apenas ferramentas

de ensino, mas verdadeiros agentes de transformação na experiência educativa.

Referências

- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação**: Rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. **Competência e Sensibilidade Solidária**: Educar para a esperança. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CARVALHO, Fernanda. Neurociências e educação: uma articulação necessária na formação docente. **Redalyc**, Rio de Janeiro, vol. 8, núm 3, p. (537-550), novembro, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4067/406757007013.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2024.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GRANETTO-MOREIRA, Julia Cristina. **Objetos Digitais de Aprendizagem para a educação mediada: uma cartografia em devir**. 2017. 163 f. (tese) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MORA, Francisco. **Neuroeducación, solo se puede aprender aquello que se ama**. Madrid: Alianza Editorial, 2013.
- RONCARELLI, Dóris. **ÁGORA**: concepção e organização de uma taxionomia para análise e avaliação de Objetos Digitais de Ensino-Aprendizagem. 2012, 288 f. (tese) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ANÁLISE DE (MULTI)LETRAMENTOS NA COLEÇÃO CERCANÍA

ANALYSIS OF (MULTI)LITERACIES IN THE CERCANÍA COLLECTION

Michelly Ferreira de Mendonça¹
Greice Castela Torrentes²

Resumo: Este artigo apresenta um recorte da pesquisa de doutorado de Mendonça (2022). Dentro do objetivo de verificar se/como os LD da Coleção Cercanía estão fundamentados numa abordagem dos multiletramentos, utilizamos como corpus o livro didático (LD) do aluno do 7.º ano da Coleção Cercanía (COUTO; COIMBRA; CHAVES, 2015), do Ensino Fundamental, referente ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2017-2019. Tivemos como questão balizadora: i) Em que aspectos a coleção Cercanía possibilita inserir os estudantes dos Anos finais do Ensino Fundamental em práticas de multiletramentos de uso do Espanhol como Língua Estrangeira (ELE)? Este estudo de natureza qualitativa interpretativista exploratória tem como base a análise documental e se insere no campo da Linguística Aplicada. O embasamento teórico parte da Teoria dos Multiletramentos e da Semiótica Social, a partir de autores como Castela (2008), Rojo (2012; 2013; 2017), Cope e Kalantzis (2000; 2010); dentre outros. Como resultados, verificamos que a concepção teórico-metodológica da referida Coleção é a abordagem sociodiscursiva de ELE, sua proposta está ancorada nos gêneros do discurso e temas transversais, visando o letramento do estudante em língua espanhola. Além disso, a sua estrutura compreende variadas seções que abrangem os conhecimentos linguísticos e culturais. Apesar de não haver uma proposta específica para os multiletramentos,

¹ Doutora pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6487050887930249>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0373-1648>. E-mail: michellyfm@yahoo.com.br.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8222797033532931>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9174-689X>. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br.

esses LD de ELE apresentam multiplicidades de linguagens e de culturas, com o uso ou não de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). Algumas situações apresentam o contexto da pesquisa, podendo o professor ampliar as discussões mais específicas sobre o contexto local. Esperamos com a pesquisa subsidiar outros estudos sobre a temática.

Palavras-chave: Multiletramentos. Livro Didático. Espanhol como Língua Estrangeira.

Abstract: This article presents an excerpt from Mendonça's (2022) doctoral research. With the aim of verifying whether/how the textbooks of the Cercanía Collection are based on a multiliteracies approach, we used as corpus the textbook (textbook) of the 7th grade student from the Cercanía Collection (COUTO; COIMBRA; CHAVES, 2015), from Elementary School, referring to the National Textbook Program (PNLD) 2017-2019. Our guiding question was: i) In what aspects does the Cercanía collection allow students in the final years of Elementary School to insert multiliteracies practices using Spanish as a Foreign Language (ELE)? This exploratory interpretive qualitative study is based on documentary analysis and falls within the field of Applied Linguistics. The theoretical basis is based on the Theory of Multiliteracies and Social Semiotics, based on authors such as Castela (2008), Rojo (2012; 2013; 2017), Cope and Kalantzis (2000; 2010); among others. As a result, we verified that the theoretical-methodological conception of the aforementioned Collection is the sociodiscursive approach of ELE, its proposal is anchored in discourse genres and transversal themes, aiming at the literacy of the student in Spanish. In addition, its structure comprises various sections that cover linguistic and cultural knowledge. Although there is no specific proposal for multiliteracies, these textbooks of SFL present multiplicities of languages and cultures, with or without the use of Digital Information and Communication Technologies (TDIC). Some situations present the context of the research, and the teacher can expand more specific discussions about the local context. We hope that the research will support other studies on the subject.

Keywords: Multiliteracies. Textbook. Spanish as a Foreign Language.

Introdução

A concepção dos multiletramentos, conforme Rojo (2013), relaciona-se às diferenças culturais e semióticas do mundo globalizado, haja vista a circulação de novos gêneros discursivos, que são originários dos avanços das tecnologias e das transformações socioculturais. Esses gêneros são constituídos por múltiplas linguagens, gerando, assim, a necessidade do desenvolvimento de habilidades para a produção de sentidos desses enunciados.

Compreendemos que o Livro Didático (doravante, LD) trata-se de um material de leitura importante no contexto do Ensino Fundamental em diferentes disciplinas. Assim, o trabalho com esse material necessita considerar os princípios da visão de (multi)letramentos em suas atividades.

No contexto da Amazônia Sul-Occidental, no caso do estado do Acre, analisamos a Coleção *Cercanía*, voltada para o ensino do Espanhol como Língua Estrangeira (ELE). A escolha desse objeto de pesquisa se justifica por essa Coleção ter sido selecionada pela maior parte das escolas nos editais do Programa Nacional de Livro Didático (PNLD) nos períodos de 2014 a 2016 e 2017 a 2019.

A Coleção destinada aos Anos Finais do Ensino Fundamental se compõe por quatro volumes (6.º ao 9º ano). Analisamos o Livro do 7.º ano, com o objetivo de verificar se/como um dos LD da Coleção *Cercanía* está fundamentado em uma abordagem dos multiletramentos, considerando o contexto fronteiriço da Amazônia Sul-Occidental em que o estado do Acre está inserido, pois, este faz fronteira com a Bolívia e o Peru, países hispanofalantes.

Nesse estudo adotamos a metodologia de natureza qualitativa interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008), balizada pela análise documental (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), tendo como corpus a referida Coleção de LD de ELE, e como recorte uma amostra do

material, concernente ao LD do Aluno (COUTO; COIMBRA; CHAVES, 2015), do 7.º ano do Ensino Fundamental.

Além disso, o embasamento teórico desta pesquisa parte de autores das Teorias dos (multi)letramentos e da Semiótica Social (CASTELA, 2008; COPE; KALANTZIS, 2000; 2010; ROJO, 2012; 2013; 2017; dentre outros).

Este artigo trata-se de um recorte de uma pesquisa de doutorado defendida (MENDONÇA, 2022), que aborda sobre os LD no ensino de ELE, portanto, não abrange toda a pesquisa realizada, mas apenas alguns de seus resultados. Está estruturado em Percurso Metodológico, que trata da metodologia da pesquisa; A concepção dos Multiletramentos e a Semiótica Social, que apresenta aspectos da fundamentação teórica; Descrição e Análise do Livro Didático da Coleção *Cercanía* (PNLD 2017-2019), em que apresenta os resultados da pesquisa, por fim, temos as Considerações Finais.

Percurso Metodológico

Esta pesquisa se insere no campo da Linguística Aplicada, área do conhecimento que tem como premissa a linguagem em situações contextuais. Para Fabrício (2006), a linguagem é concebida como uma prática social que somente pode ser interpretada em situações contextuais de sua utilização.

O tipo de pesquisa e a perspectiva metodológica em que se enquadra esse estudo é de natureza qualitativa interpretativista exploratória, uma vez que segundo Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa não tem como intuito a testagem de relações de causa e consequência, e sim, a interpretação de fenômenos sociais em determinado contexto. Já o caráter exploratório dá-se em virtude de proporcionar uma maior familiaridade do pesquisador com o problema, tendo como materiais analíticos dados qualitativos avaliados mediante o suporte teórico selecionado pelo pesquisador.

Também utilizamos a técnica da Análise Documental que consiste em uma técnica exploratória balizada por documentos escritos, como jornais, revistas, livros, dentre outros (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Tivemos como corpus, o LD do Aluno da Coleção Cercaña do 7.º ano (COUTO; COIMBRA; CHAVES, 2015). Aclara-se que esse recorte possibilita uma melhor análise das seções e atividades da respectiva Coleção de LD, por permitir uma análise mais específica.

A concepção de Multiletramentos e a Semiótica Social

O conceito de multiletramentos resulta de mudanças epistemológicas relativas ao contexto contemporâneo. Essas mudanças decorrem de fatores culturais e linguísticos, que interferem substancialmente nas interações sociais. Esse termo foi fruto das discussões realizadas pelo Grupo de Nova Londres (GNL)³. Esse grupo se preocupou com o futuro da educação, principalmente, quanto ao tratamento dispensado ao ensino linguístico, frente às mudanças da sociedade globalizada e tecnológica.

A noção de multiletramentos visa complementar a pedagogia tradicional da alfabetização, cuja centralidade é a escrita ou em uma língua nacional fechada em seu sistema de regras lineares, ao passo que, os multiletramentos focam-se em modos mais amplos de linguagem, que diferem de acordo com a cultura e o contexto (COPE; KALANTZIS, 2000).

Assim, os representantes desse campo teórico, entenderam a necessidade de uma nova pedagogia, que considerasse não apenas a linguagem escrita, mas outros modos de significado, dinâmicos, que se refazem constantemente pelos seus usuários, enquanto

3 O GNL se reuniu inicialmente, em 1994, e em 1996, quando elaboraram o Manifesto A Pedagogy of Multiliteracies: designing social futures (A Pedagogia dos Multiletramentos: desenhando futuros sociais). Nesse manifesto, apresentaram as proposições inerentes à essa teoria/pedagogia voltada para a educação no contexto tecnológico e globalizado.

agem para atingir os seus interesses culturais. Esses significados englobam elementos multimodais, que envolvem o visual, o áudio, dentre outros.

Para Cope e Kalantzis (2010), a multimodalidade empregada nos textos do século XX, resulta de uma série de transformações na forma de produção e reprodução de significado. De início, em torno da fotografia e seus derivados, e posteriormente, as tecnologias digitais, que repercutem substancialmente nos modos de representação. A utilização do texto escrito foi predominante por aproximadamente quinhentos anos, tendo sido uma fonte de conhecimento e poder.

Na visão desses autores, as formas fotográficas de representação proporcionaram uma maior comodidade entre o escrito e a imagem. O digital, possibilitou uma melhor fluidez na produção de significado, passando do carácter ao pixel. Assim, a imagem e o texto podem ser sobrepostos com maior facilidade na produção, como se vê, por exemplo, nas revistas, que utilizam com maior frequência o escrito e as imagens.

A multimodalidade está bastante presente nos discursos produzidos socialmente. Os diferentes modos de representação são utilizados de forma mais entrelaçada, pois antes eram utilizados de forma separada. Assim, os textos produzidos se apresentam por elementos multimodais, nos diferentes meios de comunicação visuais (como a televisão), bem como, nos textos impressos (COPE; KALANTZIS, 2010).

Para Kress e van Leuwen (2001), na perspectiva da teoria Semiótica Social, os princípios semióticos empregados na produção de sentidos, operam a partir de diferentes modos. Exemplificando, a música pode ser utilizada para codificar a ação, assim como, as imagens podem ser usadas para codificar a emoção. Desta forma, diferente da linguagem, na produção de significados de forma multimodal, cada recurso multimodal, ou seja, cada modo, funciona diferentemente na produção de significado.

Descrição e Análise do Livro Didático da Coleção *Cercanía* (PNLD 2017-2019)

A Coleção *Cercanía* de LD de ELE, em espanhol significa proximidade. O LD destinado ao ensino do 7.º ano estrutura-se em 08 (oito) unidades temáticas, subdivididas em seções principais e acessórias, destinadas ao desenvolvimento de diferentes conhecimentos linguísticos e culturais acerca do ELE. Cada unidade temática, subdivide-se em 08 (oito) seções principais: *¡Para empezar! Lectura; Escritura; Habla; Escucha; Culturas en diálogo: aquí y allá, todos en el mundo; ¿Lo sé todo? (autoevaluación) e ¡Para ampliar!: ver, leer, escuchar y navegar. As seções acessórias são 03 (três): Chuleta lingüística: ¡no te van a pillar!; Glosario e Referencias bibliográficas. A cada duas unidades consta a seção Repaso: ¡juguemos con el vocabulário y la gramática!. A seção *Proyectos* é apresentada a cada quatro unidades temáticas. Cada volume da Coleção também acompanha um CD de áudio para as atividades de compreensão oral.*

Ao analisar as atividades das seções do Livro do Aluno do 7.º ano, quais sejam: Objetivos do capítulo e indicação do tema transversal, *¡Para empezar!, Lectura, Escritura, Habla, Escucha, ¡Para ampliar!: ver, leer, oír y navegar..., Proyectos e Culturas en diálogo: aquí y allá, todos en el mundo*, constatamos em determinadas situações o uso de Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação (TDIC), os Objetos Digitais de Aprendizagem (ODA), as multiplicidades de linguagens e de culturas, inclusive, em alguns casos específicos foram apresentadas situações que permitem trabalhar sobre o contexto da pesquisa, como exemplo na seção *Escucha*.

A referida seção visa ao desenvolvimento da compreensão oral (ou auditiva), ou seja, a escuta, e subdivide-se em quatro etapas: *¿Qué voy escuchar?*, (O que vou escutar?), com questões para o levantamento do conhecimento prévio do aluno sobre o assunto a ser estudado (pré-escuta); *Escuchando la diversidad de voces* (Escutando a diversidade de vozes), nessa etapa, ocorre a partir de diferentes atividades sobre os gêneros estudados (escuta); *Comprendiendo la voz del outro* (Compreendendo a voz do outro),

com questões que auxiliam na apropriação dos conteúdos estudados; e, *Oído perspicaz: el español suena de maneras diferentes* (Ouvido perspicaz: o espanhol soa de maneiras diferentes), diferentes situações que abrangem os conhecimentos linguísticos e a variação linguística (pós-escuta).

Constatamos a presença de múltiplas linguagens no desenvolvimento das atividades de compreensão oral, sendo que destas predomina o modo de representação de áudio, em virtude dessas atividades serem realizadas a partir da escuta desses recursos. Não constatamos nenhuma menção referente à utilização de TDIC, como o computador ou o uso da internet. Dentre as atividades, há uma que aborda o gênero letra de música e está relacionada com a Amazônia Sul-Occidental, porque trata sobre Chico Mendes, na Unidade 5 (*La escritura de una vida: ¿quiénes luchan por la paz?*), conforme a Figura 1.

Figura 1 - Seção Escucha: gênero biografia

Fonte: Couto, Coimbra e Chaves (2015b, p. 106).

Essa atividade apresenta diferentes linguagens ou modos, como a representação visual (fotografia, imagens), a linguagem escrita e a representação de áudio. Essas linguagens ou modos são utilizadas na produção de significados pelos alunos. Em conformidade com Cope e Kalantzis (2010), verificamos que na leitura, a linguagem escrita produz significado para si mesmo. A

leitura da fotografia (modo de representação visual), também produz esse significado. De igual modo, na escuta do áudio. Além disso, a atividade versa sobre Chico Mendes, que é uma personalidade da região amazônica, especificamente do estado do Acre, tal aspecto favorece a identidade cultural, sobretudo, quando o tema é trabalhado no contexto de escolas da região amazônica.

Entretanto, os multiletramentos estão mais associados com os gêneros multimodais que circulam nos meios digitais. Por isso, o incentivo ao uso das TDIC é um fator relevante, tendo em vista que estamos inseridos em um mundo tecnológico.

Conforme Rojo (2017), a utilização de ferramentas tecnológicas como o computador e a internet são fundamentais para o processo de inserção dos alunos no paradigma de aprendizagem interativa, já que esses dispositivos permitem mudar as relações entre os professores e alunos por propiciar um modelo de ensino mais interativo e colaborativo. Aliado a isso, Castela (2008) assevera a inserção de gêneros digitais nas escolas que possam ser utilizados, de forma efetiva, no contexto da sala de aula, com o uso de ferramentas tecnológicas adequadas e a formação adequada dos docentes.

Considerações Finais

A Coleção em análise não possui uma proposta específica embasada na concepção dos multiletramentos e, sim, no letramento em língua espanhola. Mas, a presença de gêneros discursivos contemporâneos e atividades permeadas pelas multiplicidades de linguagens e de culturas possibilitam o trabalho com aspectos relacionados aos multiletramentos, incluindo o contexto da Amazônia Sul-Occidental.

Referências

BORTONI- RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

CASTELA, G. da S. Formação e atuação do docente de língua estrangeira: um enfoque no letramento digital. **Educere et educare**: revista de educação, v. 3, n. 5, p. 167-173, jan./jun., 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/Article/398>. Acesso em: 20 jan. 2021.

COPE, B.; KALANTZIS, M. (Eds.). **Multiliteracies**: literacy learning and design of social futures. London: Routledge, 2000.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Gramática de la multimodalidade. **Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios**, n. 98-99, p. 93-152, jan./jun., 2010. Trad. do inglês para o espanhol por Cristóbal Pasadas Ureña.

COUTO, A. L.; COIMBRA, L.; CHAVES, L. S. **Cercanía**: 7.º ano. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KRESS, G.; VAN LEUWEN, T. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. New York, Arnould, 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENDONÇA, M. F. de. **(Multi)letramentos na Coleção Cercanía**: um olhar a partir do contexto da Amazônia Sul-Occidental. Tese (Doutorado Campus de Cascavel) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cascavel, 2022. 263 p.

ROJO, R. Entre plataformas, ODAS e protótipos: novos multiletramentos em tempos de web 2. **The ESPECIALIST**: descrição, ensino e aprendizagem, v. 38, n. 01, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/32219>. Acesso em: 17 abr. 2020.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e Multiletramentos. In: ROJO, R. (Org.). **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013. p.13-36.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL (PRÉ-ESCOLA)

THE AWAKENING OF PHONOLOGICAL AWARENESS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION (PRESCHOOL)

Ana Caroline Montrezol Diniz¹
Sanimar Busse²

Resumo: Uma das questões que têm sido discutidas na Educação Infantil é sua importância como preparação para a alfabetização que deve se concretizar nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Sendo a primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil representa o começo e a base do processo educacional, assegurando a integração e a continuidade das aprendizagens das crianças. Na ciência de que a consciência fonológica é o cerne para a alfabetização, objetivamos, por meio do presente estudo, refletir sobre a relevância de desenvolver nas crianças níveis de CF anteriormente ao processo formal de alfabetização, bem como apresentar propostas pedagógicas para uma ação didática intencional e lúdica. Este estudo tem caráter bibliográfico e foram utilizadas as contribuições de autores e documentos que norteiam a Educação Infantil, como Adams (2006), Alves (2012), Cunha e Capellini (2011), Lamprecht (2012), Morais (2023) e BNCC (Brasil, 2018). Resultados preliminares apontam a relevância do desenvolvimento da CF na Educação Infantil como forma de preparar as crianças cognitivamente para a aprendizagem da leitura e da escrita. Ainda, como resultado, destacamos a necessidade de uma hierarquia de complexidade, a partir de jogos, músicas e do estímulo à linguagem oral. Dessa forma, ao adentrar no ciclo de alfabetização (1º e 2º Ano do Ensino Fundamental), a

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6381988251674925>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3089-2017>. E-mail: ana.cmd@hotmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6743779015422687>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3818-6579>. E-mail: sani_mar@yahoo.com.br.

criança já terá conhecimento sobre o aspecto sonoro e a segmentação da linguagem oral, o que promove uma melhor compreensão da relação fonema/grafema, facilitando o processo de alfabetização. Destacamos que o documento norteador BNCC (Brasil, 2018) não menciona a alfabetização na Educação Infantil, mas considera a importância desta etapa enquanto segmento de valorização das experiências e vivências dos aprendizes, preparando-os para as etapas escolares seguintes. Nossa pesquisa é relevante, pois professores da Educação Infantil precisam apropriar-se de saberes preditores à aquisição da leitura e da escrita, proporcionando às crianças um ambiente “alfabetizador”, de modo que elas sejam protagonistas no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Consciência fonológica. Educação Infantil. Alfabetização.

Abstract: One of the issues that has been discussed in Early Childhood Education is its importance as preparation for literacy, which should be consolidated in the first two years of Elementary School, as recommended by the National Common Curricular Base (Brazil, 2018). As the first stage of Basic Education, Early Childhood Education represents the beginning and foundation of the educational process, ensuring the integration and continuity of children’s learning. Knowing that phonological awareness is at the core of literacy, this study aims to reflect on the relevance of developing PA levels in children before the formal literacy process, as well as to present pedagogical proposals for intentional and playful teaching actions. This study is bibliographic in nature and draws on contributions from authors and documents that guide Early Childhood Education, such as Adams (2006), Alves (2012), Cunha and Capellini (2011), Lamprecht (2012), Morais (2023) and BNCC (Brazil, 2018). Preliminary results point the importance of developing PA in Early Childhood Education as a way to prepare children cognitively for learning to read and write. Additionally, our findings detach the need for a hierarchy of complexity through games, songs, and the stimulation of oral language. In this way, upon entering the literacy cycle (1st and 2nd Grade of Elementary School), the child will already have knowledge of the sound aspect and segmentation of oral language, which promotes a better understanding of the phoneme/grapheme relationship, facilitating the literacy process. It is important to note that the guiding document BNCC (Brazil, 2018) does not mention literacy in Early Childhood Education but emphasizes the

importance of this stage as a segment that values learners' experiences and backgrounds, preparing them for subsequent school stages. Our research is relevant because Early Childhood Education teachers need to acquire knowledge that predicts reading and writing acquisition, providing children with a “literacy-enriched” environment so they can take an active role in the teaching-learning process.

Keywords: Phonological awareness. Early Childhood Education. Literacy.

Educação Infantil no contexto da Educação Básica: direitos de aprendizagem e desenvolvimento

Vivemos mergulhados num mar de palavras e nos acostumamos, desde pequeninos, a olhar através delas para enxergar o mundo dos significados, da mesma forma que olhamos através da janela para olhar a paisagem (Cláudio Moreno).

A Educação Infantil (doravante, EI) no Brasil, como vislumbramos atualmente, é resultado de lutas e busca pelos direitos das crianças. Ao olharmos para a trajetória educacional, somente com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), a EI passou a ser definida como a primeira etapa da Educação Básica, sendo garantida, também, sua gratuidade.

A criação de uma base comum curricular nacional é prevista pela CF/1988 do Brasil, pela LDB de 1996 e pelo PNE/2014, no intuito de aprimorar a qualidade da Educação Básica. Então, o Ministério da Educação, em parceria com diversos segmentos representativos na área educacional, elaborou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), finalizada em 2018 e aprovada para entrar em vigência no começo do ano de 2020. A BNCC (2018) é

um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de

modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento (Brasil, 2018, p. 7).

Vale destacar que as competências previstas na BNCC (Brasil, 2018) se interrelacionam e se desdobram no percurso das três etapas da Educação Básica: Educação Infantil³, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Dessa forma, tem-se uma articulação que contribui para a construção de conhecimentos e para o desenvolvimento de variadas habilidades.

Como vimos, a EI pertence à primeira etapa da Educação Básica, de modo que a partir dos eixos estruturantes da EI (interações e brincadeiras), sejam assegurados os seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Ao considerarmos que “[...] a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional” (Brasil, 2018, p. 36), vislumbramos que nessa etapa se inicia o contato da criança com o ambiente escolar e com o ensino formal, que deve acontecer a partir das experiências e dos conhecimentos já construídos pelas crianças no ambiente familiar e social em que estão inseridas.

A BNCC (2018) estabelece cinco campos de experiências que englobam os direitos de aprendizagem e desenvolvimento previstos para esta etapa escolar, sendo o O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações; Escuta, fala, pensamento e imaginação. Tendo em vista a temática do nosso estudo e o objetivo estabelecido, citamos o eixo Escuta, fala, pensamento e imaginação. Sobre ele, o documento destaca que desde que nascem as crianças vivenciam diariamente situações comunicativas e de interação. Progressivamente vão ampliando seu vocabulário e se apropriando de diferentes recursos de expressão presentes na língua materna.

³ Utilizamos o termo pré-escola no título do trabalho para especificar o público-alvo das nossas discussões, posto que a BNCC (2018, p. 44) divide a Educação Infantil entre creche (crianças bem pequenas até 3 anos e 11 meses) e pré-escola (crianças pequenas até 5 anos e 11 meses).

Para tanto, é crucial promover experiências que potencializam a participação da criança na cultura oral. Ainda, além da oralidade, as crianças demonstram curiosidade acerca da modalidade escrita da língua. Segundo a BNCC (2018)

[...] ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. [...] Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita [...] indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua (Brasil, 2018, p. 42).

O documento norteador contempla habilidades e experiências essenciais preditoras à alfabetização formal, através da reflexão sobre a necessidade de selecionar e trabalhar com textos lúdicos que explorem os princípios da consciência fonológica na EI para o desenvolvimento linguístico e integral das crianças.

Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: consciência fonológica e alfabetização

A transição da EI para o Ensino Fundamental exige muita atenção para assegurar a integração e a continuidade dos processos de aprendizagem das crianças. A partir do exposto sobre a etapa da EI, a qual antecede o ciclo de alfabetização (1º e 2º ano do Ensino Fundamental), notamos a necessidade de uma progressiva sistematização dos saberes, pois nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve focar na alfabetização, proporcionando amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética.

Sendo assim, ao promover, no período pré-alfabetização, experiências para o desenvolvimento da oralidade, bem como propostas que levem às crianças a fazerem reflexões metalinguísticas, por meio de processos de percepção, análise e

compreensão da representação da Língua Portuguesa, desenvolvem-se elementos importantes para preparação ao processo de alfabetização, proporcionando-lhes as bases necessárias para adquirir habilidades de leitura e escrita de forma sólida e eficiente. E, nesse sentido, enfatizamos a relevância de abordagens pedagógicas, ainda na EI, que desenvolvam nas crianças habilidades de CF.

Morais (2023) compreende a CF como a capacidade de compreender que as palavras são constituídas por diversos sons e que elas podem ser segmentadas em unidades menores, como sílabas e fonemas. Abrange um conjunto de habilidades conscientes de identificação, manipulação e comparação entre os sons da língua. Alves (2012, p. 32), complementarmente, afirma que “reflexão e manipulação são duas palavras-chave na definição de consciência fonológica”. Sob essa denominação, estão envolvidos os vários níveis/habilidades que compreendem a CF, organizados em um *continuum* de complexidade, como descrevem Cunha e Capellini (2011)

A consciência fonológica é uma parte integrante da consciência metalinguística e está relacionada à habilidade de refletir e manipular os segmentos da fala, abrangendo, além da capacidade de reflexão (consultar e comparar), a capacidade de operar com rimas, aliteração, sílabas e fonemas (contar, segmentar, adicionar, suprimir e substituir) (Cunha; Capellini, 2011, p. 87).

A CF engloba um conjunto de habilidades ou níveis, sendo o nível inicial referente à consciência da palavra (capacidade de segmentar uma frase em palavras); em seguida, a consciência silábica (dividir as palavras em sílabas); rimas e aliterações (nível intrassilábico relacionado à identificação e produção de rimas e aliterações, componentes da sílaba); e, por fim, a consciência fonêmica (habilidade de reconhecer e manipular as menores unidades de som com valor distintivo na língua). Este último nível é o mais complexo, abrangendo as habilidades de identificação e manipulação de fonemas, decompondo e recompondo palavras (Cunha; Capellini, 2011).

Ao olharmos para a relevância de despertar, já na EI, a CF, referimo-nos ao trabalho docente a partir ludicidade que proporciona a identificação da relação fonema/grafema e estimula a sensibilidade fonológica, contribuindo para a alfabetização formal, no Ensino Fundamental.

Proposições pedagógicas para um despertar da consciência fonológica

Autores como Alves (2012), Adams (2006) e Moraes (2023) afirmam que a CF se manifesta desde cedo nas crianças, através do contato com a linguagem oral, por isso, acreditamos na relevância de intervenções pedagógicas por meio de atividades lúdicas, como um preparatório para a alfabetização, além de outras habilidades cognitivas e motoras.

Conforme Buzzetti e Capellini (2020, p. 55), no que se refere ao desenvolvimento da fala, “desde os primeiros anos, as crianças adquirem amplo conhecimento de diversos aspectos da linguagem falada com os sons das palavras, as regras de combinação entre as palavras, o significado das palavras e seu uso social”. Porém, aprender a ler e a escrever não é um processo natural, pois a modalidade escrita exige que a criança tenha consciência dos diferentes signos e suas possíveis combinações que compõem o sistema de escrita alfabética. Portanto, é evidente a importância da consciência da fala para o desenvolvimento do conhecimento leitor e escritor.

O desafio docente é munir-se de fundamentos teóricos norteadores da prática pedagógica e então encontrar formas de fazer com que as crianças notem os fonemas, identifiquem semelhanças e diferenças e as possíveis organizações. A partir das contribuições de vários autores e, em especial as de Adams,

Foorman, Lundberg e Beeler (2006)⁴, apresentamos, a seguir, algumas atividades e jogos de linguagem que têm se mostrado eficientes para atingir ao propósito mencionado.

Inicialmente, citamos os “Jogos de escuta”, extremamente importantes, pois “introduzem as crianças na arte de ouvir atenta, atenta e analiticamente” (Adams *et al.*, 2006, p. 37). Pode-se propiciar a escuta e identificação de sons do cotidiano (buzina de carro, som de pássaros, pingos da chuva, zumbido de moscas etc.), ainda, contar histórias já conhecidas e no decorrer da contação substituir as palavras por outras, que nessa situação não têm sentido, como na história dos três porquinhos, introduzir o boi como personagem. A ação de detectar as alterações fazem com que as crianças processem o que realmente ouvem e não o que esperam escutar. Além da identificação dos sons, é possível explorar a sequência sonora, visando ao desenvolvimento da memória e o despertar da atenção sobre a sequência de sons. A brincadeira “Gato mia”, em que uma criança tem os olhos vendados e a outra realiza o “miar” para que apontem a direção, é uma ótima opção para a percepção da fonte e da localização do som.

Os “Jogos com rimas” são uma excelente iniciação à CF, pois através da sensibilidade à rima, desenvolve-se a atenção sobre os sons da fala. O professor pode utilizar poemas, parlendas, canções e quadrinhas cuja estrutura tem a presença de rimas. Ao realizar a leitura, pode-se ler baixinho e aumentar a entonação nas rimas, visando destacá-las. A partir de variadas histórias infantis, é possível propor jogos com imagens, para que correlacionem as que possuem final igual, ou seja, rimam. Citamos a obra de Eva Furnari, intitulada “O que tem nesta venda”, em que toda a obra é construída com pares de rimas: “Fui à venda comprar rabanete. Como não tinha, comprei sabonete”.

⁴ Conferir na obra de Adams et al. (2006) as diversas sugestões de atividades apresentadas para o desenvolvimento da consciência fonológica na Educação Infantil.

Na EI, de forma lúdica, é possível introduzir a noção de palavra e de constituição de frases. Mencionamos a atividade de contar as palavras, em que a professora organiza uma frase curta a partir de palavras recortadas e, ao realizar a leitura, vai apontando para a respectiva palavra e após, realiza a contagem delas. Na sequência, lê as frases apontando as palavras e as crianças identificarão a quantidade. Além disso, é interessante marcar os espaços entre as palavras com papel colorido, para que observem a organização e as fronteiras existentes.

Quando as crianças compreenderem a noção de palavra, pode-se explicar que elas são formadas por pedaços: as sílabas. É possível realizar a brincadeira “Pegue um objeto da caixa”. Ao retirá-lo, a criança irá nomeá-lo e a professora conduz a reflexão sobre as sílabas, contando-as com o auxílio de material concreto⁵ (como pedrinhas, grãos etc.). Sugerimos o jogo “palavra-ação”, onde a professora dará um comando e as crianças deverão realizar a ação. Deve-se falar a referida palavra conforme sua separação silábica, exemplo: na-dan-do. O foco desta atividade é desenvolver nas crianças a capacidade de sintetizar palavras a partir de sílabas separadas.

Os jogos de introdução de fonemas, especialmente os em posição inicial, facilitam a identificação da criança e a consciência da existência dos fonemas. A atividade “Palavras diferentes, mesmo som inicial”, explora, além dos fonemas, o fato de que eles aparecem em variadas palavras. Iniciar explorando o nome das crianças, organizando-as em grupos conforme a letra inicial do nome. É interessante organizar círculos e no centro escrever a referida letra, para que visualmente iniciem o processo de assimilação entre a letra e o som⁶. Além disso, pode-se propor

⁵ Estudos têm demonstrado que o uso de materiais concretos para representação das sílabas é uma estratégia válida, pois facilita a associação da quantidade.

⁶ Aproveitar a oportunidade e explorar com as crianças o ponto e o modo de articulação dos sons, por exemplo, como sugerem os autores Adams et al. (2006, p. 50): “O que você está fazendo com seus lábios, sua língua, sua boca [...] ao produzir o som de [m], [b], [v], e assim por diante”.

atividades de agrupamento de figuras e objetos tendo como critério o fonema inicial.

Ao solicitar às crianças que identifiquem os sons iniciais de palavras variadas, além da comparação e da diferenciação, estamos desenvolvendo, nelas, a consciência fonêmica, a qual será aprimorada e explorada em níveis mais complexos no decorrer da escolarização. O mesmo ocorre com as demais habilidades de CF propostas anteriormente.

Considerações Finais

Com o desenvolvimento desta pesquisa, podemos constatar que desde a EI, as crianças podem refletir sobre as partes sonoras das palavras por meio de jogos e brincadeiras, desenvolvendo, de forma gradativa, as habilidades de CF, as quais, posteriormente, facilitarão a aquisição da leitura e da escrita.

Os resultados deste estudo apontam a necessidade de práticas pedagógicas que despertem, nas crianças da EI, habilidades metafonológicas, através da relação entre o brincar e o aprender, em que histórias infantis, brincadeiras e músicas proporcionam uma ampliação de conhecimentos e a reflexão linguística, considerando o previsto nos documentos norteadores para esta etapa escolar.

Reiteramos o estímulo da CF na EI haja vista ser a etapa que antecede o ciclo de alfabetização e antes de se apropriarem do princípio alfabético, precisam desenvolver habilidades que subsidiarão e facilitarão o processo de aquisição da escrita. Ressaltamos que o despertar da CF deve ocorrer em um processo harmonioso e fluido, com um olhar docente atento e sensível à realidade, às potencialidades e ao desenvolvimento das crianças.

Referências

ADAMS, M. *et al.* **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

- ALVES, U. K. O que é consciência fonológica. *In*: LAMPRECHT, R. R. *et al.* **Consciência dos sons da língua**: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 31-46.
- BUZZETTI, M. C.; CAPELLINI, S. A. **Habilidades preditoras para a alfabetização: contribuições para a sala de aula**. Ribeirão Preto: Book Toy, 2020.
- BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CUNHA, V. L. O.; CAPELLINI, S. A. Habilidades metalinguísticas no processo de alfabetização de escolares com transtornos de aprendizagem. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 28, n. 85, p. 85-96, 2011.
- MORAIS, A. G. de. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. 1. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA NO GÊNERO CHARGE SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: LÍNGUA, IDEOLOGIA E INCOSCIENTE

ANALYSIS OF MATERIALIST DISCOURSE IN THE CHARGE GENRE ABOUT VIOLENCE AGAINST WOMEN: LANGUAGE, IDEOLOGY AND INCOSCIENT

Cassiê Kaczuk Refosco Menegas¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo promover a reflexão sobre língua, ideologia e inconsciente por meio da análise do discurso materialista em uma charge (Tribuna do Norte, 2020) alusiva a violência contra a mulher. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, sustentada por autoras como Saffioti (1987), bem como análise e interpretação da charge contextualizada. A charge em questão retrata o período vivenciado durante o isolamento social da pandemia da covid-19. Discorrer sobre a violência ganhou um outro, e novo, significado durante e após a pandemia da covid-19, principalmente para as mulheres. A violência contra as mulheres é histórica e revela uma sociedade machista e patriarcal, que permanece até os dias de hoje, sendo que a desigualdade entre homens e mulheres, por vezes, é manifestada por meio da violência contra as mulheres. Por mais que não se possa expressar em termos palpáveis sua origem, sabe-se, por muitos anos, grande parte dessas violências foram assentidas, suportadas e moralmente legitimadas. A pandemia da covid-19 além da contaminação pelo vírus que assolou o mundo todo trouxe consigo dados alarmantes e crescentes de mulheres vítimas de violência doméstica. Diante deste cenário destacamos o período do isolamento social como universo de análise. Acrescentamos a discussão a atribuição de significados que os vocábulos homem e mulher assumem na prática social e discursiva. Acredita-se que o discurso como prática social contribui para a construção da realidade e por meio dele manifestações de língua, ideologia e inconsciente se materializam. Dentre os resultados, destacamos a importância da análise do

¹ Doutoranda em Letras pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6694197080008714>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3318-8631>. E-mail: kaczukc@gmail.com.

discurso propriamente dita como forma de reflexão e conscientização a respeito da luta das mulheres contra as violências sofridas e a garantia de seus direitos.

Palavras-chave: Análise do discurso. Violência contra a mulher. Linguagem.

Abstract: This article aims to promote reflection on language, ideology, and the unconscious through the analysis of the materialist discourse in a cartoon (Tribuna do Norte, 2020) alluding to violence against women. The methodology used was a bibliographic review, supported by authors such as Saffioti (1987), as well as analysis and interpretation of the contextualized cartoon. The cartoon in question portrays the period experienced during the social isolation of the covid-19 pandemic. Discussing violence gained another, and new, meaning during and after the covid-19 pandemic, especially for women. Violence against women is historical and reveals a sexist and patriarchal society, which remains to this day, and inequality between men and women is sometimes manifested through violence against women. Although its origin cannot be expressed in tangible terms, it is known that for many years, much of this violence was accepted, supported, and morally legitimized. The covid-19 pandemic, in addition to the contamination by the virus that has ravaged the entire world, has brought with it alarming and growing data on women who are victims of domestic violence. Given this scenario, we highlight the period of social isolation as a universe of analysis. We add to the discussion the attribution of meanings that the words man and woman assume in social and discursive practice. It is believed that discourse as a social practice contributes to the construction of reality and through it, manifestations of language, ideology and the unconscious are materialized. Among the results, we highlight the importance of discourse analysis itself as a way of reflecting and raising awareness about women's struggle against the violence they suffer and guaranteeing their rights.

Keywords/palavras clave: Discourse analysis. Violence against women. Language.

Introdução

A violência sempre fez parte do cotidiano dos brasileiros. Há alguns anos atrás, violência se remetia aos grandes centros. Hoje, esse termo atinge praticamente todas as cidades e municípios, independente do seu tamanho em extensão, bem como o número de habitantes.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.

Discorrer sobre violência ganhou um outro, e novo, significado durante e após a pandemia da covid-19, principalmente para as mulheres. Os números de casos de violência contra a mulher cresceram vertiginosamente na pandemia, como comprovam os dados informados e divulgados final de novembro de 2021, pelo jornalista Everton Lima, da Fundação Oswaldo Cruz:

Com a pandemia, muitas mulheres vêm sofrendo mais agravos à saúde. De acordo com o levantamento do Datafolha, encomendado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, "Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil", de 2021, 4,3 milhões de mulheres brasileiras de 16 anos ou mais (6,3%) foram agredidas fisicamente com tapas, socos ou chutes. Isso significa dizer que a cada minuto, 8 mulheres apanharam no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus.

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo estudar e compreender a materialidade do discurso no seu viés de língua, ideologia e inconsciente a partir da análise de uma charge alusiva a violência contra a mulher no contexto do isolamento domiciliar decorrente da covid-19.

Língua, ideologia e análise do discurso

Declara-se frequentemente que a linguagem verbal estabelece fenômeno social. Em seu curso de *Linguística Geral* (2012), Ferdinand Saussure (1857-1913), linguista suíço, declara diversas vezes tal afirmação. Nessa perspectiva analisamos a atribuição de significados dos substantivos homem e mulher.

Quando pesquisamos, no dicionário Dicio, o vocábulo “homem”, em relação ao significado de “ser humano do sexo masculino”, normalmente está invocado como traços enaltecidos – corajoso, determinado, robusto, viril, com considerável força física e moral, etc. Tais termos estão distantes de se relacionarem com a ligação do homem com a mulher. Para essa relação, a língua apossa-se de outro signo: “marido”.

Dando continuidade nessa perspectiva, ao pesquisar sobre o vocábulo “mulher” a polissemia que o compreende é notável. O termo é utilizado tanto para se referir a mulher como ser humano biológico – ao qual se acentuam as características relacionadas a reprodução da espécie – quanto à parceira conjugal ou amásia do homem, atribuindo-se sua significação na conjuntura de relação/dependência ao seu vocábulo oposto – o homem.

De acordo com Carboni e Maestri (2012) acontece com frequência e muito alicerçado ao senso comum, relacionar de forma conotativa o vocábulo “mulher” e associa-lo principalmente com beleza física, fragilidade, fraqueza e sensibilidade. Nesse aspecto, a língua oculta a realidade de que a mulher foi sujeitada socialmente pelo homem devido a sua capacidade produtiva e reprodutiva, e não somente a uma suposta inferioridade natural.

Sendo assim, analisando língua e ideologia, leva-se em consideração que o sujeito faz sua história tendo consciência, quando a têm, apenas de maneira fragmentada de como e por que a faz. Nesse aspecto, a linguagem é produzida com um nível de consciência muito pequeno em relação a sua construção e os sentidos de seus conteúdos. Nos acontecimentos, se o âmago e a

forma dos fenômenos sociais concordassem, as ciências sociais seriam dispensáveis. Nesse aspecto, Carboni e Maestri (2012, p. 67) afirmam que “apenas pela crítica racional e científica pode-se desvelar, mais e mais, os significados e os conteúdos profundos do passado e do presente”.

Diante do exposto, podemos declarar que modificar um discurso é uma forma de alterar o mundo na sua perspectiva social. Quando compreendemos o discurso como uma prática social, como um modificador do mundo ao invés de apenas um refletor, a análise do discurso proporciona a evolução de uma prática política, investigando o modo como os desenvolvimentos sociais contribuem na manutenção dos alicerces sociais.

Por fim, a análise crítica do discurso busca indicar as conexões entre linguagem, ideologia e poder, tal como pormenorizar a forma como o poder e a dominação são gerados e reproduzidos na prática social por meio das organizações discursivas de interação.

Violência contra a mulher e a pandemia covid-19

Quando remetemos a reflexão sobre a sociedade patriarcal, é válido destacar que, inerente à essa sociedade, a língua assume um caráter e conteúdo patriarcal. Friedrich Engels (1820-1895) em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1981), retrata que, antes da formação da sociedade de classes, a primeira manifestação de opressão vista na terra foi a do homem sobre a mulher.

A desigualdade entre homens e mulheres, por vezes, é manifestada por meio da violência contra as mulheres. Por mais que não se possa expressar em termos palpáveis sua origem, sabe-se que, por muitos anos, grande parte dessas violências foram assentidas, suportadas e moralmente legitimadas.

É válido rememorar que no século XIX, a Lei Romana defendia os atentados e brutalidades contra esposas e companheiras, punindo-as até com a morte. Existia legalidade ao homem castigar sua mulher, o que revela que a trajetória da violência contra as

mulheres é histórica e mostra o quão machista e patriarcal a sociedade é, até os dias de hoje.

Dando continuidade a esse raciocínio, Saffioti (2015, p. 48) afirma que:

De fato, como os demais fenômenos sociais, também o *patriarcado* está em permanente transformação. Se, na Roma antiga, o patriarca detinha poder de vida e morte sobre sua esposa e seus filhos, hoje tal poder não existe mais, no plano *de jure*. Entretanto, homens continuam matando suas parceiras, às vezes, com requintes de crueldade, espartilhando-as, ateando-lhes fogo, nelas atirando e as deixando tetraplégicas etc. O julgamento destes criminosos sofre, é óbvio, a influência do sexismo reinante na sociedade, que determina o levantamento de falsas acusações – devassa é a mais comum – contra a assassinada. A vítima é transformada rapidamente em réu, procedimento este que consegue, muitas vezes, absorver o verdadeiro réu.

Concordando com Guimarães e Pedroza (2015, p. 4) “entendemos a violência como um fenômeno complexo e múltiplo. Pode ser compreendido a partir de fatores sociais, históricos, culturais e subjetivos, mas não deve ser limitado a nenhum deles”. É inegável que a violência contra as mulheres está profundamente associada a condições que influenciam diretamente na vida social de todos – do ofensor (agressor), da ofendida (agredida) e todos do entorno – sendo que, de uma forma ou de outra, são sujeitos a manifestar seu posicionamento.

É notório que por diversos motivos – vergonha, medo, dependência emocional e/ou financeira – a violência em si é mascarada pela própria vítima, que é impelida a acreditar que foi responsável por aquele comportamento do seu companheiro em relação a ela. Dessa forma, os atos de violência contra a mulher permanecem. E, apesar de darmos enfoque a investida do marido contra a esposa, é preciso ressaltar que essas atitudes também ocorrem de filhos em embates com a mãe, irmãos contra irmãs, homens em geral em luta com mulheres.

Março de 2020 foi o marco de um período que assolou a humanidade, com o aparecimento de um vírus desconhecido até

então, que fez com que todos encarassem uma pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, posteriormente chamado de covid-19. O isolamento social, maneira mais indicada para evitar a disseminação do vírus, acabou sendo também um indicador de um número alarmante de casos de violência contra a mulher.

Com a determinação do isolamento social vários problemas que envolvem a estrutura familiar, até então silenciados, começaram a aparecer. Vítima e agressor passaram a ter um convívio maior, o que acarretou em uma vulnerabilidade mais exposta para as mulheres.

Com a alternativa de trabalho remoto como opção de poder continuar trabalhando, muitas mulheres ficaram por longos períodos isoladas, literalmente, em casa, tendo como companhia muitas vezes somente o seu companheiro e agressor. O fato de estar constantemente em casa com agressor, por vezes, impossibilitava o acesso às denúncias formais ou aviso aos demais familiares, o que acabava tornando a vítima submetida a cárcere privado e tortura – física, psicológica e mental.

Diante desse cenário, a charge abaixo tem como intenção retratar o que foi dito até então:

Figura 1 – Imagem de uma mulher sofrendo violência física.



Fonte: Tribuna do Norte, charge de Brum (2020). Publicada em 24/05/2020.

A charge contempla linguagem verbal e não verbal, onde constam duas figuras com imagens idênticas, mas falas diferentes. A imagem pertence ao desenho de uma mulher, com o olho ferido e a camiseta suja de sangue. Em direção ao seu rosto, tem-se o

braço forte, másculo, identificando pertencer a um homem, com o punho cerrado. Simbolizando movimento tem-se traços ondulados em direção ao rosto da mulher agredida.

A charge ilustra a violência doméstica e física. Nessa perspectiva, Saffioti (1987) faz um paralelo entre a violência doméstica e uma prisão, marcada pela alegação do gênero, no qual estabelece que ao homem é admitido agredir e a mulher cabe o papel de suportar.

Fica a cargo da linguagem verbal, de maneira clara, a justificativa do agressor para seu feito e a colaboração da vítima para tal fato. De igual forma, percebe-se no emprego dos advérbios de tempo “ontem” e “hoje” a demarcação de um ato que acontece sempre. A mulher que ilustra a charge apanhava e apanha do seu “marido/companheiro/cônjuge”, o que a deixa visível e extremamente machucada. O emprego de tais advérbios demonstra a sequência temporal do passado e presente, e deixam implícito o emprego do advérbio “amanhã”, o que faz o leitor subentender que essa violência ocorre constantemente.

O emprego do “ontem” é referente ao “a culpa é sua”, trazendo à tona o discurso machista de que o agressor sempre tem um (a) culpado para seu ato de violência. A charge retrata a vida real, onde a grande maioria dos casos de violência doméstica a vítima é considerada culpada pela agressão que sofreu, pois de alguma forma provocou, retrucou e mereceu.

O chargista por meio dessa linguagem mista retrata que o homem/agressor, na maioria das vezes, não se julga culpado por agredir sua “mulher” e ainda faz com que a vítima se sinta compelida e constrangida, o que a impede de denunciar a violência sofrida.

O advérbio “hoje” relaciona a “culpa é do isolamento social”, pois, a conjuntura do isolamento social ocasionado pela covid-19, como dito anteriormente, demonstra o número significativo e assustador do aumento dos casos de violência contra a mulher.

Se “ontem” a culpa era da mulher, “hoje” a culpa recai ao isolamento social, demonstrando assim que o discurso do

agressor sempre está atrelado a fatores externos e além dele, mas nunca para ele.

O peso das imagens desta charge vai além do acontecido durante o isolamento social. As cenas manifestadas em desenho são a realidade de inúmeras mulheres no mundo todo que são vítimas de violência física, mental, verbal, sexual e psicológica, na maioria das vezes dentro de casa.

Considerações Finais

Diante do exposto, é necessário que possamos refletir sobre toda a conjuntura que a violência contra as mulheres apresenta.

A linguagem em suas variadas formas tem o poder de manifestar a prática social. E a prática social, por sua vez, demonstra as ações manifestas em nosso

cotidiano. Sendo assim, é preciso que sejam acionados os conhecimentos de mundo para que uma interpretação mais cuidadosa possa ser feita a partir da leitura da charge.

A crítica exposta vai além do que foi dito. Por trás da linguagem verbal e não verbal, os significados e conceitos atrelados pertencem a manifestações da língua, ideologia e inconsciente. Na língua fica claro a materialização do discurso machista. A ideologia presente pertence ao patriarcado. E ao inconsciente cabe o domínio/poder do homem sobre a mulher.

Sendo assim, somente a partir de uma leitura crítica, de uma análise do discurso propriamente dita, é que será possível promover a conscientização e reflexão sobre a luta que as mulheres enfrentam em prol da garantia dos seus direitos.

Referências

Brum. **Imagem de uma mulher sofrendo violência física.** *In* Tribuna do Norte. Publicada em 25 mai. 2020. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/brasil/aumento-da-violencia-domestica-e-tema-da-charge-de-brum/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. **A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

GUIMARÃES, Maisa Campos; PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. **Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas**. *Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 2, p. 256-266, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n2/1807-0310-psoc-27-02-00256.pdf>. Acesso em: 12 ago de 2022.

HOMEM. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/risco/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

LIMA, Everton. **Violência contra as mulheres no contexto da Covid-19**. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 25 de nov. de 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contra-mulheres-no-contexto-da-covid-19>. Acesso em: 18 set. de 2022.

MULHER. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/risco/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

Organização Mundial de Saúde - OMS. **Relatório Mundial de Violência e Saúde**. Genebra, 2002. ONU - Organização das Nações Unidas.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular. 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

A MOBILIZAÇÃO DO PATHOS EM UM CARTAZ DE CAMPANHA NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO EXTERNA DA PROVA ACERTA BRASIL

LA MOVILIZACIÓN DEL PATHOS EN UN CARTEL DE CAMPAÑA EN EL CONTEXTO DE LA EVALUACIÓN EXTERNA DE LA PRUEBA ACERTA BRASIL

Alex Meneghete Vaz¹

Claudia Candido da Silva²

Resumo: A construção do *pathos* nos discursos, para além das “técnicas persuasivas”, como ele é tratado pela retórica clássica, de Aristóteles, busca produzir meios de suscitar emoções no auditório com o intuito não somente de tentar persuadi-lo – quando o auditório adere a uma tese –, mas também causar efeitos, como a modificação ou a reorientação de uma visão de mundo. Nessa perspectiva, temos a multimodalidade nos textos como processo de referenciação, em vista das relações discursivas produzidas pelos elementos multissemióticos nos gêneros textuais, sendo tais artifícios instigados estrategicamente para a mobilização do *pathos*, já que a referenciação é um processo com base nas relações “entre linguagem, realidade, cultura, pensamento e discurso” (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 192). No campo dos estudos da linguagem, este estudo tem como objetivo analisar como os elementos multimodais suscitam efeitos patêmicos em peças publicitárias por meio da referenciação em cartazes de campanha do material Acerta Brasil. A pesquisa é de natureza qualitativa, tendo como *corpus* uma peça publicitária disponível na Avaliação 2 do referido material, destinado a alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais. As análises foram realizadas à luz da Linguística Textual com base nos estudos da referenciação na e para a construção de sentidos, de Koch e Elias (2018), Cavalcante (2022) e

¹ Doutorando pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6471516412166365>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1348-9701>. E-mail: prof.alexmeneghete@gmail.com.

² Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2214798434032807>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2201-8490>. E-mail: claudiacandidoo@gmail.com.

Marcuschi (2008), em diálogo com a Teoria da Argumentação no Discurso (Amossy, 2020), a qual estabelece que todo texto possui viés argumentativo, tratando a argumentação nos gêneros textuais nos âmbitos comunicacional, social e histórico. Além disso, apoiamos-nos na multimodalidade, de Hemais (2010), e nas pesquisas sobre os efeitos da estratégia retórica *pathos*, de Bini e Sella (2023) e Mateus (2018). As análises apontam que os elementos multissemióticos das peças publicitárias podem suscitar emoções no auditório e que se faz necessário o trabalho com elementos referenciais no âmbito da multimodalidade justamente pelas contribuições contextuais e interpretativas que tais recursos trazem para as peças publicitárias, podendo revelar as emoções que o gênero textual pretende suscitar no auditório.

Palavras-chave: Cartaz de campanha. Pathos. Avaliação externa.

Resumen: La construcción del pathos en los discursos, más allá de las “técnicas persuasivas” tal como es abordado por la retórica clásica de Aristóteles, busca producir medios para suscitar emociones en la audiencia, con el propósito no solo de intentar persuadirla – cuando la audiencia adopta una tesis –, sino también de causar efectos, como la modificación o reorientación de una visión del mundo. En esta perspectiva, encontramos la multimodalidad en los textos como un proceso de referenciación, considerando las relaciones discursivas producidas por los elementos multissemióticos en los géneros textuales. Tales recursos se emplean estratégicamente para movilizar el pathos, dado que la referenciación es un proceso basado en las relaciones “entre lenguaje, realidad, cultura, pensamiento y discurso” (Cavalcante et al., 2020, p. 192). En el campo de los estudios del lenguaje, este estudio tiene como objetivo analizar cómo los elementos multimodales suscitan efectos patémicos en piezas publicitarias a través de la referenciación en carteles de campaña del material *Acerta Brasil*. La investigación es de naturaleza cualitativa, y tiene como corpus una pieza publicitaria disponible en la Evaluación 2 del mencionado material, destinado a alumnos de 6º Año de la Enseñanza Fundamental (años finales). Los análisis se realizaron a la luz de la Lingüística Textual, con base en los estudios sobre la referenciación en y para la construcción de sentidos, de Koch y Elias (2018), Cavalcante (2022) y Marcuschi (2008), en diálogo con la Teoría de la Argumentación en el Discurso (Amossy, 2020), la cual establece que

todo texto posee un sesgo argumentativo, abordando la argumentación en los géneros textuales en los ámbitos comunicacional, social e histórico. Además, nos apoyamos en la multimodalidad, de Hemais (2010), y en las investigaciones sobre los efectos de la estrategia retórica del pathos, de Bini y Sella (2023) y Mateus (2018). Los análisis indican que los elementos multisemióticos de las piezas publicitarias pueden suscitar emociones en la audiencia y que se hace necesario trabajar con elementos referenciales en el ámbito de la multimodalidad precisamente por las contribuciones contextuales e interpretativas que tales recursos aportan a las piezas publicitarias, permitiendo revelar las emociones que el género textual pretende suscitar en la audiencia.

Palabras clave: Cartel de campaña. Pathos. Evaluación externa.

Introdução

Nesta pesquisa, nossas discussões estão centradas em como a estratégia argumentativa gerada pelo *pathos* se constrói em uma peça publicitária da Avaliação 2 do material Acerta Brasil, destinado para turmas de 6º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais.

Como tais avaliações fazem parte do cotidiano das salas de aula, percebemos a necessidade de um trabalho dedicado à análise do *pathos* e como esta estratégia retórica suscita as emoções no auditório. A escolha do gênero cartaz de campanha se deve ao gênero ser o mais usual nas três primeiras avaliações diagnósticas do Acerta Brasil, além, é claro, de ser um gênero textual composto pela linguagem verbal escrita e pela multimodalidade.

Objetivamos, por meio desta pesquisa, produzir uma análise de elementos multimodais, os quais suscitam efeitos patêmicos em peças publicitárias por meio da referenciação em cartazes de campanha do material Acerta Brasil.

Nessa perspectiva, utilizamos como aporte teórico-metodológico a Linguística Textual (LT) com base nos estudos da referenciação nos discursos, abordando a multimodalidade em um cartaz de campanha para analisar como ela suscita a mobilização

do *pathos* no auditório, isto é, como os elementos multissemióticos produzem efeitos de emoção no leitor dessa peça publicitária.

Sendo assim, é fulcral que os discentes compreendam que a referenciação é fundamental para o sentido do texto, e os elementos multimodais são essenciais para estabelecer a coerência das informações propostas nas peças publicitárias.

O *pathos* na construção de peças publicitárias

Todo discurso tem viés argumentativo! É com essa afirmação que iniciamos nossas contribuições sobre a Retórica nesta pesquisa, em virtude de compreendermos como se dá a mobilização do *pathos*³ em um cartaz de campanha e as emoções que a multimodalidade suscita no auditório.

Os estudos retóricos ganharam notoriedade com os estudos e abordagens de Aristóteles (384-322 a.C.). O que era conhecida por Retórica tradicional, ou Retórica aristotélica, defendia a eloquência do enunciador como a arte de persuadir. Hoje, com base nos estudos da Nova retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), além da capacidade de se expressar com desenvoltura, os autores belgas propõem uma “reabilitação da retórica”, considerando-a como a arte de analisar, identificar, estruturar/elaborar argumentos. Nos estudos empreendidos pelos autores, eles afirmam: “O que conservamos da retórica tradicional é a idéia mesma de *auditório*, que é imediatamente evocada assim que se pensa num discurso. Todo discurso se dirige a um auditório [...]” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 7).

Com isso, é necessário que deixemos claro que o cartaz de campanha, o qual é nosso *corpus* de análise, possui viés argumentativo advindo tanto da parte verbal escrita quanto da

³ Temos a ciência de que os movimentos retóricos *ethos*, *pathos* e *logos* são imbricados, equilibrando-se nos discursos, contudo nosso foco está na constituição das emoções que são suscitadas por meio dos elementos multimodais de cartazes de campanha, portanto o *pathos* é nosso foco.

parte não verbal, ou seja, multimodal. Para reforçar essa ideia, Bini e Sella (2023) consideram essencial a demonstração para os alunos de que há uma adequação da argumentação por meio das escolhas linguísticas.

Tendo em vista que um cartaz é um gênero textual cujo objetivo, na maioria das vezes, é informar ou apelar para um auditório específico, visto a especificidade dos tipos de peças publicitárias que podem ser elaboradas, como cartazes de cunhos político, cultural, social ou educativo, compreendemos que o conjunto de linguagens utilizadas em cartazes de campanha possuem objetivos de convencimento e/ou persuasivos – a adesão do público-alvo.

Nesse contexto, podemos distinguir essas duas ações: convencer e persuadir. A primeira é considerada uma técnica argumentativa que faz referência ao racional, à dedução e à razão; já a segunda atrela-se à subjetividade, ao emocional. Dito de outra forma, com base em Bini e Sella (2023) e Abreu (2009), convencer está mais para a *episteme*, pois, como esta volta-se para os princípios da cientificidade e para o empirismo, tenta surtir efeitos por meio da razão e do rigor metodológico de dados empíricos; persuadir tem sua forma de influenciar por meio da *doxa*, uma vez que aborda crenças geralmente aceitas, parte de suposições e valores compartilhados com o auditório. Nesse viés, Mateus (2018, p. 109-110) nos diz que “Um orador competente mobiliza as crenças, sentimento, percepções e simpatias do auditório para, desse modo, interferir no processo de persuasão”.

A argumentação orientada pelo *pathos*, na perspectiva de Mateus (2018), refere-se ao apelo emocional e afetivo, utilizando-se de efeitos psicológicos com o objetivo de persuadir o auditório. A comoção e o estímulo às emoções são centrais. Estes estímulos, na construção do discurso, fazem surtir, e ao mesmo tempo surgir, efeitos de sentido. Textos com essas estratégias persuasivas surgem em um meio cultural para fins específicos mediante recursos linguísticos, e como tais recursos também abarcam a

multimodalidade, tem-se os elementos multissemióticos como parte da ancoragem dos sentidos.

Para ilustrarmos esses sentidos, vejamos, logo abaixo, as análises que fizemos do nosso *corpus* com o intuito de identificar como os recursos multimodais atuam sobre a mobilização do *pathos* no processo de referenciação textual.

A construção do *pathos* em um cartaz de campanha no contexto da Prova Acerta Brasil

O material intitulado “Acerta Brasil”, elaborado, impresso e distribuído pela Editora Ática, é um dos recursos utilizados nas salas de aula pelos professores de Língua Portuguesa, LP de aqui em diante, do Estado do Paraná como forma de aprofundar conteúdos e desenvolver as habilidades dos alunos com relação à interpretação e à análise verbal e multissemiótica de diversos gêneros, como tirinha, notícia, cartaz de campanha, carta do leitor, artigo de opinião entre outros. A coleção de LP para o 6º Ano é composta por um livro didático, cujo objetivo é trabalhar com os alunos conteúdos que desenvolvam habilidades linguístico-textuais, discursivas e contextuais dos textos empregados nas atividades, e quatro cadernos de avaliação⁴.

E é a partir desse contexto de avaliações externas e diagnósticas de aprendizagem, visto a necessidade de um efetivo trabalho em sala de aula com os mais diversos gêneros textuais, envolvendo as capacidades interpretativas de textos, sejam eles oralizados, escritos ou multissemióticos, que analisaremos como a multimodalidade semiótica (imagens, figuras, ilustrações, cores etc.) do exemplar escolhido de um cartaz de campanha de uma avaliação do material “Acerta Brasil” atua sobre o auditório na

⁴ É preciso mencionar que, como critérios metodológicos para as análises com relação aos nossos objetivos desta pesquisa, escolhemos apenas um cartaz de campanha, da Avaliação 2, dado o limite de espaço para este capítulo.

categoria do *pathos* com vistas ao *objeto-de-discurso* com base na referenciação (Marcuschi, 2008; Koch, 2009).

Seguindo para o nosso *corpus*, analisaremos uma campanha publicitária da Prefeitura Municipal de Florianópolis-SC, publicada em 2012, e proposta para os alunos do 6º Ano na Avaliação 2.

Figura 1 – Campanha social da Prefeitura de Florianópolis (Santa Catarina)



Fonte: Avaliação 2 Acerta Brasil, 2022.

A figura 1 é uma campanha de conscientização social. Em uma lista branca na parte inferior do cartaz, percebe-se que há o brasão do município de Florianópolis-SC e demais apoiadores da causa animal, como a Secretaria Municipal de Saúde – Diretoria do bem-estar animal –, o logo da organização não governamental Oba! Organização bem animal, cujo destaque é a pata de um cão em preto envolto em um círculo amarelo formando o logotipo “Oba!”, também na cor amarela, e, ao lado, a logo da organização não governamental Cão terapia.

O cartaz dessa campanha social tem como *slogan* “Procuro um dono de raça porque um dono vira-lata eu já tive...”. Neste *slogan*, existem dois pontos linguístico-discursivos essenciais: são eles o termo “raça” e a adjetivação da palavra “dono” com a expressão “vira-lata”. “Raça” está associada ao *pedigree* do animal, neste caso, à raça de cães, visto que os vira-latas são considerados cães sem raça definida, também conhecidos como SRD (Sem Raça Definida), pois “o vira-lata faz parte do grupo de cães que não têm origem delimitada, com misturas de duas ou mais raças em sua linhagem⁵”. Já o uso de “dono vira-lata”, no *slogan*, é uma forma de mostrar o quão algumas pessoas têm preconceitos com esses animais, formando um termo pejorativo em alusão à forma como algumas pessoas tratam esses cães, de maneira indiferente e com descaso.

Partindo para a multimodalidade do cartaz, com a imagem disposta na campanha, percebemos que o plano de fundo na cor azul traz um ar triste e melancólico. O que é confirmado pela feição do animal, cujas características físicas denotam essa tristeza, além, é claro, maus-tratos. Tais afirmações se ancoram no que é visualmente nítido na cena. Os olhos do animal estão avermelhados, o pelo com várias falhas, provavelmente causadas por desnutrição ou doença, a magreza excessiva, as orelhas estão baixas e a cauda entre as pernas, denotando medo, submissão e desconforto com o atual estado de saúde.

A mobilização do *pathos* neste cartaz de campanha faz surgir no auditório uma série de sentimentos, como dor, revolta, tristeza e angústia pela situação na qual o animal se encontra, ainda mais por ser o próprio cão quem procura um dono que não seja “vira-lata”, já que este termo pode ser utilizado de forma pejorativa para desmerecer alguém com relação ao seu caráter, definindo-o como sem qualidades ou princípios.

⁵ Disponível em: <https://www.petz.com.br/cachorro/racas/vira-lata/>. Acesso em 07 out. 2024.

Considerações finais

Neste capítulo, o objetivo principal foi analisar como os processos de referenciação em peças publicitárias, mais especificamente em um cartaz de campanha de uma avaliação externa do material *Acerta Brasil*, destinada a turmas de 6º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais, trabalha com a multimodalidade para suscitar no auditório o teor patêmico, visto o uso de figuras, imagens, cores entre outros elementos que surtem o efeito de apelar para as emoções para fazer referência aos objetos-de-discurso.

Segundo este estudo, os elementos multissemióticos fazem com que o auditório suscite emoções, cada qual relacionado ao tema proposto pelo cartaz. Nesse sentido, o trabalho com os elementos referenciais na multimodalidade é necessário, justamente pelas contribuições contextuais e interpretativas do gênero cartaz, o que auxilia no momento de revelar as emoções que os textos pretendem suscitar no auditório.

Diante desses resultados, esperamos contribuir para que os professores percebam a necessidade de se trabalhar com a multimodalidade na perspectiva de referenciação do *pathos* em peças publicitárias, afinal todo gênero constituído por múltiplos elementos linguísticos deve ser analisado em sua totalidade com o intuito de fazer com que os discentes consigam explorar os elementos argumentativos trazidos pelo imagético.

Referências

- ABREU, A. S. **A Arte de Argumentar**. 13 ed. Ateliê Editorial, 2009.
- ACERTA BRASIL: Língua Portuguesa 6º Ano. 3. ed. São Paulo: Ática, 2022.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Tradução Angela M. S. Corrêa *et. al.* São Paulo: Contexto, 2020.
- BINI, P. R.; SELLA, A. F. **Retórica e ensino: estratégias de transposição teórica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.
- CAVALCANTE, M. M. *et. al.* **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, M. M. *et. al.* Uma análise textual do pathos. *In:* CAVALCANTE, M. M. *et. al.* **Linguística textual e argumentação**. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 81-100.

HEMAIS, Barbara. Multimodalidade: enfoque para o professor de ensino médio. **Janela de Ideias**, 2010. Disponível em: http://www.letras.pucrio.br/unidades&nucleos/JaneladeIdeias/biblioteca/B_Multimodalidade.pdf. Acesso em: 14 out. 2024.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**: Trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATEUS, S. **Introdução à Retórica no Séc. XXI**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2018.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. Tratado da argumentação: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida P. Galvão. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE A PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO SUPERIOR

INTEGRATIVE REVIEW ON PEOPLE WITH INTELLECTUAL DISABILITIES IN HIGHER EDUCATION

Jaqueline Angelo dos Santos Denardin¹

Alexandre Sebastião Ferrari Soares²

Resumo: Este trabalho, abordará a prática docente voltada para a Pessoa com Deficiência Intelectual no contexto do ensino superior. O objetivo principal é levar conhecimento sobre a temática, bem como, propor práticas docentes efetivas possíveis para os profissionais que atuam no terceiro grau. A metodologia escolhida para desenvolver essa proposta de trabalho é a revisão integrativa, elaborando uma pergunta norteadora, por meio da qual, foi feita uma busca na literatura existente, também a coleta de dados, os quais passaram por uma análise crítica e discussão, no intuito de incorporar a aplicabilidade de resultados e estudos significativos na prática docente pensada para pessoas com Deficiência Intelectual na educação superior. O arcabouço teórico que recorreremos para embasar esse estudo tem como principais estudiosos: Vigotski (1997); Iacono (2004 e 2014). Este trabalho traz luz á várias questões inerentes as práticas educativas realizadas pelos docentes que atendem e/ou ensinam estudantes com Deficiência Intelectual no ensino terciário, tais como: a terminalidade, as adaptações que se fazem necessárias no cotidiano de ensino formal da pessoa com Deficiência Intelectual, a diferença entre Deficiência Intelectual e Deficiência Mental. É importante salientar, que este trabalho não pretende dar conta de suprir todas as lacunas que permeiam as discussões sobre pessoas com Deficiência Intelectual na graduação, mas contribuir na proposição de práticas docentes adaptadas e mais inclusivas, de modo que a pessoa com Deficiência Intelectual seja incluída efetivamente no contexto de ensino e aprendizagem no âmbito universitário. Sendo assim, a nossa

¹ Pós-doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4355836698232493>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2982-6573>. E-mail: jaquelineasdenardin@gmail.com.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2323106437650213>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0922-2905>. E-mail: asferraris1901@gmail.com.

pergunta norteadora é: Como garantir a terminalidade no ensino superior para pessoas com Deficiência Intelectual?

Palavras-chave: Deficiência Intelectual. Ensino Superior. Revisão Integrativa.

Abstract: This work will address the teaching practice aimed at People with Intellectual Disabilities in the context of higher education. The main objective is to bring knowledge about the subject, as well as to propose possible effective teaching practices for professionals working in higher education. The methodology chosen to develop this work proposal is the integrative review, elaborating a guiding question, through which a search was made in the existing literature, also the collection of data, which underwent a critical analysis and discussion, in order to incorporate the applicability of results and significant studies in the teaching practice designed for people with Intellectual Disabilities in higher education. The theoretical framework that we used to support this study has as main scholars: Vygotsky (1997); Iacono (2004 and 2014). This work sheds light on several issues inherent to the educational practices carried out by teachers who serve and/or teach students with Intellectual Disabilities in tertiary education, such as: terminality, the adaptations that are necessary in the daily formal education of people with Intellectual Disabilities, and the difference between Intellectual Disabilities and Mental Disabilities. It is important to emphasize that this work does not intend to fill all the gaps that permeate discussions about people with Intellectual Disabilities in undergraduate courses, but to contribute to the proposal of adapted and more inclusive teaching practices, so that people with Intellectual Disabilities are effectively included in the context of teaching and learning in the university environment. Therefore, our guiding question is: How can we guarantee terminality in higher education for people with Intellectual Disabilities?

Keywords: Intellectual Disabilities. Higher Education. Integrative Review.

Introdução

Neste trabalho, será abordada a prática docente voltada para a Pessoa com Deficiência Intelectual no contexto do ensino superior, tendo como objetivo principal de levar conhecimento sobre a temática, bem como, propor práticas docentes efetivas possíveis para os profissionais que atuam no terceiro grau.

Para cumprir com nosso objetivo a metodologia escolhida para desenvolver essa proposta de trabalho é a revisão integrativa, na qual elaboramos uma pergunta norteadora, por meio da qual, foi feita uma busca na literatura existente, também a coleta de dados nesse material selecionado, os quais passaram por uma análise crítica e discussão, no intuito de incorporar a aplicabilidade de resultados e estudos significativos na prática docente pensada para pessoas com Deficiência Intelectual na educação superior.

Para embasar teroicamente recorreremos à alguns estudiosos como Vigotski (1997); Iacono (2004 e 2014). Este trabalho traz luz á várias questões inerentes as práticas educativas realizadas pelos docentes que atendem e/ou ensinam estudantes com Deficiência Intelectual no ensino terciário, tais como: a terminalidade, as adaptações que se fazem necessárias no cotidiano de ensino formal da pessoa com Deficiência Intelectual, a diferença entre Deficiência Intelectual e Deficiência Mental.

É importante salientar, que este trabalho não pretende dar conta de suprir todas as lacunas que permeiam as discussões sobre pessoas com Deficiência Intelectual na graduação, mas contribuir na proposição de práticas docentes adaptadas e mais inclusivas, de modo que a pessoa com Deficiência Intelectual seja incluída efetivamente no contexto de ensino e aprendizagem no âmbito universitário.

Sendo assim, a nossa pergunta norteadora é: Como garantir a terminalidade no ensino superior para pessoas com Deficiência Intelectual?

Deficiência Intelectual no ensino superior

Pensar a inserção de alunos com deficiência intelectual no ensino superior, há poucos anos atrás era algo complexo, uma vez que a maioria das pessoas laudadas com Deficiência Intelectual (doravante, DI), não conseguiam concluir se quer o ensino fundamental. Quando não eram remetidas exclusivamente à escolas de educação especial, como as APAES.

Atualmente, nós temos estudantes adentrando as portas da universidade por meio de seus processos seletivos. Advindos de excelente trabalho realizado na educação básica, vários estudantes com laudo de DI tem chegado à universidade, há universidades como a UNIOESTE, com cotas em todos os seus cursos e graduação para pessoas PcD (Pessoas com Deficiência), inclusive há uma banca especial em todos os seus processos de seleção.

Diante do exposto, pensar essa terminalidade agora também é função dos professores que atuam no terceiro grau de formação desses sujeito. O conceito de DI é bastante complexo e poroso, este vem sendo ressignificado com o passar nos anos e avanços no campo da medicina e da educação, por aqueles que estudam essa área.

Aqui recorremos a Pessotti (1984), com a sua obra *Deficiência Mental: da superstição à ciência*, para contextualizar como esse conceito, DI, foi e vem sendo ressignificado na sociedade;

A história da idéia de deficiência mental acompanha de perto a evolução da conquista e formulação dos 'direitos humanos' que se insere, por sua vez, na trajetória da filosofia humanística. De seu lado, a filosofia do homem reflete o entrelaçamento de eventos e idéias de diferentes campos do saber e da vida social. Não se pode explicar a evolução daquela idéia sem referir seus momentos marcantes às determinações de origem teológica ou econômica, política, jurídica ou outras (Pessotti, 1984, s/p).

É sabido que historicamente, aos sujeitos que nasciam com alguma má formação física, e, quando constatada cognitiva ou de ordem mental, esses eram condenados ao cárcere de seus próprios lares, também considerados como sujeitos improdutivos.

Com o advento do capitalismo os sujeitos com DI também têm sido cada vez mais aliciados para uma necessidade de serem sujeitos que produzem lucro, mas esse é assunto para outro artigo, pois nesse nos deteremos à esfera educacional.

Assim, é importante poderar a diferença entre deficiência mental e deficiência intelectual que por vezes são embasadas pelo CID F70-F79 Retardo mental,

Parada do desenvolvimento ou desenvolvimento incompleto do funcionamento intelectual, caracterizados essencialmente por um comprometimento, durante o período de desenvolvimento, das faculdades que determinam o nível global de inteligência, isto é, das funções cognitivas, de linguagem, da motricidade e do comportamento social. O retardo mental pode acompanhar um outro transtorno mental ou físico, ou ocorrer de modo independentemente.

E, para auxiliar esse diagnóstico, há outras subdivisões dentro desse mesmo CID, as quais o médico precisa observar e avaliar o paciente para indentificar em qual tipo de 'retardo' o paciente se encaixa, as possibilidades são: F70.- Retardo mental leve; F71.- Retardo mental moderado; F72.- Retardo mental grave; F73.- Retardo mental profundo; F78.- Outro retardo mental; F79.- Retardo mental não especificado.

Nesse sentido, a DI pode ter relação genética ou com o ambiente ao que o sujeito está exposto, também trata-se de uma formação psíquica já dada no nascimento, que será potencializada ou não, mas não prejudica o convívio do sujeito em sociedade, pois é uma alteração que está ligada apenas ao funcionamento do processo de aquisição de conhecimento e algumas funções de motricidade, enquanto a Deficiência Mental está relacionada com os prejuízos sociais que a pessoa pode vir a ter, ou seja, apesar de também estar relacionada com a questão genética e ao ambiente em que o sujeito está exposto, essa enfermidade - pois é assim que podemos considerar - afeta a sociabilidade desse sujeito.

Corroborando com a nossa discussão, sobre essa criança que nascia com 'defeitos', destaca-se a ressignificação que essa palavra

passou até os dias atuais, uma vez que os estudos de Vigotsky, contribuíram significativamente para as práticas docentes voltadas para a educação especial e inclusiva.

A educação da criança com diferentes defeitos deve basear-se no fato de que, simultaneamente com o defeito, estão dadas também as tendências psicológicas de uma orientação oposta; estão dadas as possibilidades de compensação para superar o defeito e de que precisamente essas possibilidades se apresentam em primeiro plano no desenvolvimento da criança e devem ser incluídas no processo educacional como sua força motriz. Estruturar todo o processo educativo seguindo a linha das tendências naturais à supercompensação significa não atenuar as dificuldades que surgem do defeito, mas tencionar todas as forças para sua compensação, apresentar somente tarefas e em ordem que respondam ao caráter gradual do processo de formação de toda a personalidade sob um novo ponto de vista (VIGOTSKI, 1997, p. 32-33).

Diante do exposto, é evidente que compreender o contexto social de inserção desse sujeito [sujeito com DI] é de suma importância para pensar práticas que se efetivem no processo educacional desse sujeito.

Depois de conhecer as especificidades que condicionam de algum modo as experiências vivenciadas pelo sujeito com DI é importante não pensar nas especificidades que comprometem o processo de aprendizagem daquele estudante com DI, mas proporcionar práticas que 'compensem' essas limitações, de modo que as atividades que esse estudante [com DI] consegue realizar, sejam adaptadas de tal modo que ele adquira o conteúdo previsto em seu currículo de formação, por meio dessas adaptações.

Nesse sentido, na próxima seção fazemos alguns apontamentos sobre as possibilidades de trabalho com alunos laudados com DI.

Adaptações e possibilidades

Diante do que já foi exposto nesse trabalho, partimos para uma proposição sobre o que é possível ser realizado com os estudantes

que possuem laudo de DI e estão cursando algum curso de nível superior.

A discussão maior dessa parte do trabalho é sobre as alternativas possíveis de serem abertas para o aluno com deficiência mental que tenha conseguido obter terminalidade específica para a conclusão do Ensino Fundamental, no sentido do que significa essa terminalidade na realidade concreta, tanto para o acesso ao mundo do trabalho, como para prosseguir em seu processo de escolarização, tendo em vista as discussões já efetuadas nos capítulos anteriores sobre a crueldade da realidade na sociedade capitalista, que seleciona e segrega. Enfim, discute-se se a terminalidade significa autonomia para a pessoa com deficiência mental, ou seria apenas mais uma forma de exclusão. (Iacono, 2004, p. 21-22)

Como dito, anteriormente, neste trabalho, muito do que se tem de estudos sobre estudantes com DI, se deu no contexto da educação básica, por conta da terminalidade que não acontecia por um longo período da história educativa de pessoas com DI.

Como bem exposto, por Iacono (2004), proporcionar que o estudante com laudo de DI conquiste a terminalidade de seus estudos de nível superior, vai além de garantir o seu processo de cidadania e direitos, é possibilitar que este sujeito tenha autonomia em uma sociedade que por todo o seu contexto histórico segregou e colocou esse sujeito à margem.

Repensar as práticas docentes em cursos de graduação é algo que urge, uma vez que esses estudantes com laudos de DI estão chegando à universidade e mais do que um direito fundamental, previsto em lei, necessitam de adaptações para concluir o seu processo de aprendizagem em um curso de nível superior, seja o curso, qual for.

Na verdade, são necessários estudos acerca da viabilidade dos programas de EJA para alunos da área da deficiência mental, especialmente aquelas mais acentuadas, dadas as características de condensação de disciplinas e de conteúdos que são trabalhados em menor tempo, nesta modalidade educacional. Tais características estão em total contradição com as necessidades educacionais específicas desse alunado, que necessita, na maioria das vezes, de conteúdos adicionais (ou conteúdos desdobrados em

outros) e articulados permanentemente ao contexto de vida do aluno e a outras áreas do conhecimento, para que sejam apropriados. Outra necessidade fundamental desse alunado é o “tempo maior” que se faz necessário para que o aluno aprenda, o que contradiz a principal característica da Educação de Jovens e Adultos, que é trabalhar os conteúdos curriculares em “tempo menor”, para acelerar o processo de escolarização do aluno e fazê-lo avançar. (Iacono, 2004, p. 207)

Portanto, a necessidade de pesquisas com estudantes com DI ainda se fazem necessárias, de modo que possam contribuir para as práticas docentes no ensino superior. É importante salientar, que, não há a intenção de se reduzir conteúdo para este aluno, mas sim distribuir determinado conteúdo em blocos de conteúdos, separadamente para que o aluno possa de fato assimilar. Além disso, o fator tempo é algo que contribui muito e precisa ser levado em conta no processo de aprendizagem do estudante com DI, pois este necessita de tempo maior para a realização de atividades, e, conseqüentemente, para seus estudos.

Questões essas que já são previstas legalmente pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência.

Art. 30. Nos processos seletivos para ingresso e permanência nos cursos oferecidos pelas instituições de ensino superior e de educação profissional e tecnológica, públicas e privadas, devem ser adotadas as seguintes medidas:
I - atendimento preferencial à pessoa com deficiência nas dependências das Instituições de Ensino Superior (IES) e nos serviços;

II - disponibilização de formulário de inscrição de exames com campos específicos para que o candidato com deficiência informe os recursos de acessibilidade e de tecnologia assistiva necessários para sua participação;

III - disponibilização de provas em formatos acessíveis para atendimento às necessidades específicas do candidato com deficiência;

IV - disponibilização de recursos de acessibilidade e de tecnologia assistiva adequados, previamente solicitados e escolhidos pelo candidato com deficiência;

V - dilação de tempo, conforme demanda apresentada pelo candidato com deficiência, tanto na realização de exame para seleção quanto nas atividades acadêmicas, mediante prévia solicitação e comprovação da necessidade;

VI - adoção de critérios de avaliação das provas escritas, discursivas ou de redação que considerem a singularidade linguística da pessoa com deficiência, no domínio da modalidade escrita da língua portuguesa;

VII - tradução completa do edital e de suas retificações em Libras. (LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015)

Diante do exposto, o que precisamos fazer ainda é que este lei se cumpra em sua integridade e fazer formações com os professores para que estes ressignifiquem sua práticas para que elas sejam cada vez mais inclusivas.

Considerações finais

Portanto, algo a se destacar é que não houve na formação de professores, até 2024 quando houve a curricularização da extensão e uma reestruturação no currículo das licenciaturas, uma disciplina obrigatória que de fato ensinasse sobre as pessoas com deficiência.

Em contrapartida, a luta articulada de movimentos sociais organizados de PcDs e simpatizantes, possibilitou muitos avanços na sociedade atual. A própria LBI citada neste trabalho é uma marco para inclusão de PcDs na sociedade brasileira.

De fato, ainda há muita luta e muito o que se estudar e fazer se concretizar quando o assunto é pessoas com deficiência, mais ainda, quando se fala em DI. No entanto, o processo de inclusão de estudantes com DI no ambiente universitário, “é um trem que já partiu”, então, nós professores, precisamos seguir com os estudos e trocas de experiências, para que esse processo seja cada vez mais inclusivo, e, assim garantiremos a termialidade dos estudos no ensino superior para estudantes com DI.

Referências

BRASIL, 2015, **Lei n. 13.146**, de . Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm; acesso em: 09/nov/2024.

IACONO, Jane Peruzo. **Deficiência Mental e Terminalidade Específica: Novas Possibilidades de Inclusão ou Exclusão Velada?** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Aprendizagem e Ação Docente - UEM. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nerli Nonato Ribeiro Mori. Cascavel – Pr. 2004.

PESSOTTI, I. **Deficiência mental:** da superstição à ciência. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

VIGOTSKI, L. S. Fundamentos de defectologia. In: **Obras completas.** Tomo cinco. Havana: Editorial Pueblo y Educación. 1997.

ESTRATÉGIAS RETÓRICAS NA CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* EM LÉLIA GONZALEZ: USO DA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR (PPS) E PLURAL (PPP)

RHETORICAL STRATEGIES IN THE CONSTRUCTION OF *ETHOS* IN LELIA GONZALEZ: THE USE OF FIRST-PERSON SINGULAR (FPS) AND PLURAL (FPP)

Lohana Larissa Mariano Civiero¹
Aparecida Feola Sella²

Resumo: A pesquisa em andamento investiga as funções retóricas associadas ao uso da primeira pessoa do singular (PPS) e do plural (PPP) nos textos de Lélia Gonzalez, especificamente na obra “Lugar de Negro” (1982), com ênfase na construção do *ethos*. O estudo parte da constatação de que a autora, referência no Feminismo Negro e no Movimento Negro no Brasil, adota uma escrita heterogênea em textos da esfera científica. Esse estilo reflete a singularidade de Gonzalez e a quebra de expectativas formais esperadas no âmbito acadêmico. Os objetivos específicos do estudo são identificar e analisar as ocorrências de PPS e PPP em textos de Gonzalez, explorar os possíveis propósitos retóricos que direcionam a articulação do *ethos* da autora e refletir sobre o padrão de uso da PPS e da PPP, para identificação de qual prevalece na escrita de Gonzalez. Para a construção da fundamentação teórica, recorre-se a autores como Amossy (2008), Mosca (2011), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), Dittrich (2014), Benveniste (1991), Fiorin (1996) entre outros. Esta pesquisa é de base interpretativista, e ampara-se em estudos reflexivos de teóricos da Retórica. Por meio dos recortes já analisados, é possível perceber que o *ethos* de Lélia Gonzalez construído mediante a PPS e a PPP, por exemplo, pode desempenhar diversas funções que se complementam. Isso

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8395123249401269>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0624-8627>. E-mail: lohanalarissa483@gmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Doutora em Letras pela Unesp e docente da Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3297322988541357>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0563-7815>. E-mail: afsella1@yahoo.com.br.

evidencia a versatilidade de Gonzalez no uso da PPS e PPP, além de revelar a construção cuidadosa do *ethos* na argumentação. A pesquisa em andamento busca contribuir para o campo acadêmico nos estudos sobre Retórica, Argumentação, PPS e PPP. Além disso, pretende-se fomentar os estudos relacionados à Lélia Gonzalez, de forma a divulgar e a reconhecer amplamente o legado da autora, bem como ressaltar a singularidade de sua escrita.

Palavras-chave: Lélia Gonzalez. *Ethos*. Primeira Pessoa.

Abstract: The ongoing research investigates the rhetorical functions associated with the use of the first person singular (FPS) and plural (FPP) in the texts of Lélia Gonzalez, specifically in her work “Lugar de Negro” (1982), with an emphasis on *ethos* construction. The study is based on the observation that Gonzalez, a prominent figure in Black Feminism and the Black Movement in Brazil, employs a heterogeneous writing style even within scientific texts. This style reflects Gonzalez’s distinctiveness and challenges the formal expectations typical in academic contexts. The specific objectives of the study are to identify and analyze occurrences of FPS and FPP in Gonzalez’s texts, explore the potential rhetorical purposes that shape the articulation of her *ethos*, and examine the patterns of FPS and FPP usage to determine which is more prevalent in Gonzalez’s writing. To build the theoretical framework, the study draws on authors such as Amossy (2008), Mosca (2011), Perelman and Olbrechts-Tyteca (2014), Dittrich (2014), Benveniste (1991), Fiorin (1996) among others. This interpretative study is supported by reflective analyses of rhetorical theory scholars. The sections analyzed thus far indicate that Gonzalez’s *ethos*, constructed through FPS and FPP usage, may perform multiple complementary functions. This highlights Gonzalez’s versatility in employing FPS and FPP and reveals her careful construction of *ethos* within argumentation. The ongoing research aims to contribute to academic studies on Rhetoric, Argumentation, FPS, and FPP. Additionally, it seeks to promote studies on Lélia Gonzalez, thereby broadening recognition of her legacy and underscoring the uniqueness of her writing style.

Keywords: Lélia Gonzalez. *Ethos*. First Person.

Introdução

Apresenta-se, aqui, recorte de alguns desdobramentos da pesquisa de doutorado, ainda em andamento, em que se investigam estratégias retóricas da autora Lélia Gonzalez, especialmente no nível linguístico em produções escritas, considerando a construção do *ethos* por meio do uso de pronomes de primeira pessoa do singular (PPS) e do plural (PPP) – considera-se *nós* e *a gente*.

A análise retórica dos textos de Lélia Gonzalez é motivada pela necessidade de compreender como a autora constrói sua imagem autoral por meio da escrita. O estudo concentra-se no conceito de *ethos* para, além de reconhecer a experiência de Gonzalez e sua autoridade enquanto intelectual negra e feminista, sublinhar a importância de sua conexão emocional e cultural com o público. Tal abordagem é relevante, pois acrescenta mais ecos à voz de Gonzalez, autora que valoriza perspectivas muitas vezes marginalizadas. Assim, busca-se lançar luz sobre as estratégias que Gonzalez emprega para estabelecer sua credibilidade e autoridade enquanto intelectual em seus escritos, especificamente com o uso da primeira pessoa.

O objetivo geral da pesquisa é investigar as funções retóricas associadas à PPS e PPP, com ênfase na construção do *ethos*. Derivam-se, então, os seguintes objetivos específicos: 1) identificar as ocorrências de PPS e PPP nos textos de Gonzalez; 2) explorar os propósitos retóricos que guiam a autora na construção de suas imagens; 3) analisar os modalizadores que podem estar relacionados a esses propósitos; e 4) investigar o padrão de uso entre PPS e PPP, identificando qual prevalece na escrita de Gonzalez.

Estão em processo de análise os cinco capítulos iniciais da obra “Lugar de Negro” (1982), que possui um caráter científico, de autoria de Lélia Gonzalez em parceria com o sociólogo argentino Carlos Hasenbalg e que tem como tema central o racismo no Brasil. Embora uma segunda edição revisada tenha sido lançada em 2022,

opta-se para a análise da versão original, a qual Gonzalez teve contato direto.

Reflexões sobre retórica: *ethos*

Na obra “Tratado da Argumentação: A Nova Retórica” (2014), Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca elaboraram um estudo detalhado, baseado nos princípios aristotélicos, que denominaram de “Nova Retórica”. Nesse modelo, a argumentação é concebida a partir da relação com o auditório, ou seja, o foco reside na estrutura do argumento mais do que apenas na forma como a comunicação é estabelecida com o público. Os autores expandem a análise da retórica, tradicionalmente associada ao discurso oral, para considerar também as dinâmicas argumentativas em textos impressos.

Segundo Mosca (2001), o conceito de retórica se divide em dois grupos: o primeiro, o estudo da produção literária, voltado para a ruptura e inovação, que explora a oposição entre norma e desvio, incentivando a diferença; e, o segundo, o estudo da produção persuasiva, focado na eficácia expressiva e fundamentado em valores compartilhados e na cooperação entre os participantes da comunicação, o que promove o senso comum e expectativas coletivas (Mosca, 2001).

Dessa forma, considerando especificamente o segundo grupo apresentado por Mosca (2001), recorre-se aos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) que discorrem que, para que uma argumentação se desenvolva, é fundamental que o público-alvo lhe dedique atenção. Para captar essa atenção, o orador precisa possuir alguma relevância para o seu auditório. Neste estudo, destaca-se a importância de Lélia Gonzalez, reconhecida tanto no Movimento Feminista Negro quanto no Movimento Negro em geral.

Segundo Amossy (2008), a argumentação é composta por um conjunto de recursos verbais que o orador utiliza para estimular ou reforçar a aceitação das teses por parte da audiência. Gonzalez, além da oralidade, utiliza a argumentação também em seus

escritos, por exemplo, na obra “Lugar de Negro” (1982), em que transita pela língua alterando os padrões e mudando os sentidos, para a efetivação de sua argumentação.

De modo específico sobre *ethos*, há diferentes concepções sobre a categoria a depender do enfoque teórico adotado. Segundo Amossy (2008), na Retórica antiga, especialmente nos estudos de Aristóteles, *ethos* refere-se à construção da imagem de si mesmo, visando garantir o sucesso na comunicação verbal.

Maingueneau (2008) propõe, nesse contexto, as categorias de *ethos* escritural e *ethos* oral. O primeiro está associado à Nova Retórica, proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca, enquanto o segundo se relaciona com a retórica aristotélica. De acordo com o autor, “Trata-se de dois regimes muito diferentes, uma vez que o segundo impõe a fala imediata de um locutor encarnado, enquanto o primeiro [*ethos* escritural] exige do leitor um trabalho de elaboração imaginária a partir de indícios textuais diversificados” (Maingueneau, 2008, p. 74).

Dittrich (2012), com base nos escritos de Plantin (2005), estabelece as noções de *ethos* prévio, *ethos* discursivo e *ethos* que o orador diz de si mesmo. A exemplo: antes mesmo de ler Lélia Gonzalez, os leitores já podem confirmar ou reforçar uma imagem anterior da autora — o chamado *ethos* prévio. Em relação ao *ethos* discursivo, ele é construído pela própria escrita de Gonzalez. A última categoria, *ethos* que o orador diz de si mesmo, manifesta-se quando o articulista refere-se a si próprio, um recurso que Lélia Gonzalez também utiliza em seus textos.

Reflexões sobre a primeira pessoa do singular (PPS) e a primeira pessoa do plural (PPP): algumas análises da ocorrência da PPP

De acordo com Fiorin (1996), existem três grupos de morfemas utilizados para referir-se às pessoas: “os pronomes pessoais retos e oblíquos; os pronomes possessivos e as desinências número-pessoais dos verbos” (Fiorin, 1996, p. 61). Os pronomes pessoais retos indicam a função de sujeito, enquanto os oblíquos revelam a

função de complemento. Assim, os pronomes retos usualmente desempenham o papel de sujeito, enquanto os pronomes oblíquos são empregados para representar a função de objeto na frase.

Lucchesi e Ribeiro (2009) argumentam que a história do português brasileiro passou por modificações, incluindo a substituição dos pronomes pessoais *tu/vós* por *você(s)* e *nós* por *a gente*. Segundo os autores, essa mudança representa “uma alteração de hábitos linguísticos correlacionada a mudanças comportamentais no âmbito da cultura, ideologia e relações sociais” (Lucchesi; Ribeiro, 2009, p. 142). Portanto, trata-se de uma transformação que vai além da gramática. Além disso, observa-se uma simplificação nas flexões verbais.

Segundo Benveniste (1991), pela variedade dos pronomes, eles devem ser considerados como “pessoas verbais”. Ele explica que “*eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o ‘eu’: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim” (Benveniste, 1991, p. 250). Assim, o *eu*, como PPS é marcado pela identificação da pessoa que fala. Já em relação à PPP, a pluralização não se aplica simplesmente; é necessário o uso de uma forma verbal distinta, conforme Benveniste observa em seu estudo sobre várias línguas. Para o autor, o *nós* é uma expansão do *eu*, abrangendo mais que a pessoa que fala e carregando um tom de imprecisão.

Fiorin (1996) também contribui com reflexões sobre os significados das pessoas no sistema pronominal. Segundo ele, “*eu*: quem fala, *eu* é quem diz *eu*; [...] *nós*: não é a multiplicação de objetos idênticos, mas a junção do *eu* com um não-*eu*” (Fiorin, 1996, p. 60). Assim, o *eu* representa o sujeito falante, o centro da consciência e da subjetividade na comunicação. O *nós*, por outro lado, não é apenas a repetição de indivíduos, mas uma união entre o *eu* e uma diversidade de perspectivas que se somam ao sujeito falante. Com isso, ao empregar o *nós*, o falante reconhece uma pluralidade de visões, identidades ou experiências, que formam o coletivo com o qual ele se identifica ou se conecta. Essa pluralidade transcende o *eu* individual, e oferece uma perspectiva mais ampla

que pode envolver outras pessoas, grupos, comunidades ou até mesmo conceitos abstratos.

O primeiro capítulo da obra “Lugar de Negro” (1982) é intitulado “O golpe de 1964, o novo modelo econômico e a população negra”. Lélia Gonzalez inicia o capítulo abordando o contexto de instauração desse evento no Brasil em 1964, conforme trecho abaixo:

O golpe militar de 1964 procurou estabelecer uma “nova ordem” na sociedade brasileira já que, de acordo com aqueles que o desencadearam, “o caos, a corrupção e o comunismo” ameaçavam o país. Tratou-se, então, do estabelecimento de mudanças na economia mediante a criação do que foi chamado de um novo modelo econômico em substituição ao anterior. Mas para que isso se desse, os militares determinaram que seria necessário impor a “pacificação” da sociedade civil. E a gente sabe o que significa esse termo, pacificação, sobretudo na história de povos como o **nosso**: o silenciamento, a ferro e fogo, dos setores populares e de sua representação política. Ou seja, quando se lê “pacificação”, entenda-se repressão (Gonzalez; Hasenbalg, 1982, p. 11, grifos nossos).

Neste recorte, encontra-se o primeiro uso da PPP no *corpus* analisado. O “a gente” seguido pelo pronome possessivo “nosso”, fortalece o *ethos* de Lélia Gonzalez como liderança intelectual negra, atuando como guia para seus leitores. Esse uso de “a gente” reforça também seu papel de professora, aquela que ensina. A seguir, Gonzalez emprega uma linguagem figurativa — “a ferro e fogo” —, o que indica uma estratégia didática cuidadosa e atenuada em relação ao público. Em termos gerais, a expressão “a ferro e fogo” refere-se a algo imposto à força ou de modo violento.

Os usos se relacionam diretamente ao pronome pessoal, assim, pode-se interpretar “a gente” como Gonzalez e seus leitores negros. Essa inclusão é marcada pelo uso do pronome possessivo “nosso”, que enfatiza também o grupo ao qual a autora pertence enquanto mulher negra.

Com isso, a PPP se relaciona com o conceito de auditório elaborado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014): o interlocutor — leitores negros — e o próprio sujeito, neste caso, a autora. O uso

promove nesses leitores específicos o sentimento de pertencimento a um grupo e estabelece identificação e proximidade com a autora Lélia Gonzalez. De modo específico, nesse primeiro recorte, Gonzalez, por meio da PPP, constrói o *ethos* de mulher negra e intelectual juntamente com a sua audiência.

Lélia Gonzalez, de maneira didática, continua a explorar os acontecimentos históricos de 1964. A autora aborda os Atos Institucionais (AI-5) e destaca que, a partir desse ponto, ocorreu a consolidação do chamado “milagre econômico”. Na sequência, um recorte para posterior análise:

E o que foi que caracterizou esse tal “milagre”? De acordo com analistas econômicos e políticos, sua caracterização se constituiu naquilo que eles chamaram de “Tríplice Aliança”, ou seja, no “casamento entre estado militar, as multinacionais e o grande empresariado nacional”. E foi graças a essas “núpcias” que se deu o processo de crescimento desse “barato” que **a gente** tanto discute nos dias de hoje, mas que está saindo muito caro para o trabalhador brasileiro: a dívida externa (Gonzalez; Hasenbalg, 1982, p. 12, grifos nossos).

Neste trecho, nota-se novamente o uso de linguagem figurativa, agora colocada entre aspas. Gonzalez usa o termo “casamento” para descrever a Tríplice Aliança e, em seguida, a palavra “núpcias” para se referir a essa união. Aqui, recorre-se à autora Authier-Revuz (1990) que discute um papel para o uso das aspas: “uma [...] modalidade de consideração de sentido” (Authier-Revuz, 1990, p. 30).

O termo “barato”, típico da linguagem oral de Gonzalez, é incorporado ao texto, refletindo o que Authier-Revuz (1990, p. 30) descreve como “um outro registro discursivo” e demonstra o uso de uma linguagem dinâmica e informal, aspecto raro em obras científicas. Além disso, é interessante observar que esse tipo de linguagem figurada é mais comum em textos literários. Lélia Gonzalez rompe com o convencional ao incorporar essa escolha lexical ao seu texto. A autora cria assim uma atmosfera única de raciocínio lógico que contribui para um argumento coeso.

Há novamente o uso da PPP, “a gente”, e, neste recorte, Gonzalez assume seu *ethos* de intelectual. Ela discute questões econômicas, se posicionando como uma estudiosa do tema e envolvendo em sua escrita especialmente leitores que compartilham interesse por essas questões econômicas. Além disso, a autora aborda realidades que impactam o trabalhador brasileiro, o que demonstra a sua empatia por esse grupo específico.

Considerações finais

A partir dos dois recortes brevemente analisados, observa-se que o *ethos* construído por meio da PPP no texto de Lélia Gonzalez assume funções variadas: a primeira, para incluir os leitores negros, um grupo específico de pessoas, e, ao mesmo tempo, um grupo ao qual a autora faz parte, ou seja, Gonzalez coloca-se como uma autora intelectual negra. E, a segunda, para incluir um grupo específico de pessoas de modo geral, os estudiosos de economia como ela, mas sem trazer o aspecto racial. Isso evidencia a versatilidade de Gonzalez no uso da PPP e a construção cuidadosa de sua própria imagem, o *ethos*, ao longo de sua argumentação.

Por meio desta pesquisa, busca-se contribuir para o campo acadêmico, especialmente nos estudos de Retórica, Argumentação, PPS e PPP. Com este objeto de análise, composto por um *corpus* significativo, a obra de Lélia Gonzalez, pretende-se também enriquecer os estudos sobre a autora, que é uma figura de grande importância para a população negra. Almeja-se, ainda, que esta pesquisa ajude a divulgar e consolidar o legado de Lélia Gonzalez, bem como valorizar a singularidade de sua escrita.

Referências

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-28.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 25-42, 1990.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3 ed. Campinas-SP: 1991.

DITTRICH, Ivo José. O *Ethos* na entrevista jornalística: refazer e desfazer uma imagem. **Caderno de letras da UFF**. Dossiê: Palavra e imagem n. 44, p. 277-293, 2012.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

LUCCHESI, Dante; RIBEIRO, Ilza. Teorias da estrutura e da mudança linguísticas e o contato entre línguas. *In*: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 125-154.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia, incorporação. *In*: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008. p. 69-92.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. **Velhas e novas retóricas**: convergências e desdobramentos. *In*: MOSCA, Lineide do Lago Salvador. **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 2001.

PERELMAN, Chaim. OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de Argumentação**: A nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DESAFIOS E PROPOSTAS NA LEXICOGRAFIA DE LÍNGUAS DE SINAIS: MODELAGEM DE CORPUS PARA A LIBRAS

CHALLENGES AND PROPOSALS IN SIGN LANGUAGE LEXICOGRAPHY: CORPUS MODELING FOR LIBRAS

Thiago Rafael Mazzarollo¹

Tania Aparecida Martins²

Resumo: O lexicógrafo, ao se debruçar e lançar mão de uma proposta de criação de um dicionário, necessita definir critérios específicos para tal obra. Entre esses critérios estão a organização, a definição da macroestrutura (organização geral) e microestrutura (detalhamento das entradas) do dicionário (Martins, 2020), além da definição do público-alvo. A utilização de corpus transforma a maneira como se compila e analisa os dados linguísticos, especialmente em línguas faladas, que contam com diversas ferramentas computacionais para automatizar o trabalho do lexicógrafo. Ferramentas como WordSmith Tools (Scott, 1996) e AntConc (Sardinha, 2004) são amplamente utilizadas para analisar grandes quantidades de texto e extrair informações úteis para a elaboração de dicionários. No entanto, nas línguas de sinais, os recursos ainda são limitados, principalmente quando consideramos a especificidade da modalidade que é gestual-visual. A ausência de ferramentas especializadas que atendam essa realidade representa um desafio significativo para a lexicografia de línguas de sinais. Para investigações e estudos das línguas de sinais, muitos grupos que se dedicam a estudar essas línguas e organizar material lexicográfico utilizam o ELAN (Eudico Linguistic Annotator) para alimentar manualmente as informações no sistema. Esse processo é demorado e

¹ Doutorando pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3653934115322580>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8542-8553>. E-mail: thiago.mazzarollo@ufpr.br.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9163959056977778>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3803-982X>. E-mail: martitania.tm@gmail.com.

exige um trabalho minucioso, tornando a tarefa bastante cansativa. Baker (2006) destaca que as tecnologias aplicadas aos estudos de corpus, possibilita uma abordagem empírica e baseada em dados, que contribuem para uma compreensão mais aprofundada da língua. Para este trabalho, foram realizadas análises comparativas de corpora existentes em línguas de sinais de outros países que possuam corpora disponíveis de acesso público, o que permitiu identificar semelhanças na organização dos corpora e diferenças nos itens para a composição e estruturação do corpus.

Palavras-chave: Corpus Linguístico. Estudos Lexicográficos. Língua de Sinais.

Abstract: The lexicographer, when undertaking the creation of a dictionary, must define specific criteria for the work. These include the organization, the definition of the macrostructure (general organization) and microstructure (entry details) of the dictionary (Martins, 2020), as well as identifying the target audience. The use of corpora has transformed how linguistic data is compiled and analyzed, especially in spoken languages, which benefit from various computational tools to automate lexicographic work. Tools like WordSmith Tools (Scott, 1996) and AntConc (Sardinha, 2004) are widely used to analyze large volumes of text and extract useful information for dictionary creation. However, in sign languages, resources remain limited, particularly given the specificity of the gestural-visual modality. The lack of specialized tools tailored to this reality presents a significant challenge for sign language lexicography. For research and studies on sign languages, many groups dedicated to this field rely on ELAN (Eudico Linguistic Annotator) to manually input information into the system. This process is time-consuming and requires meticulous work, making it quite laborious. Baker (2006) highlights that technologies applied to corpus studies enable an empirical and data-driven approach, contributing to a deeper understanding of language. In this study, comparative analyses were conducted on existing corpora of sign languages from other countries with publicly accessible corpora. These analyses allowed the identification of similarities in the organization of corpora and differences in the elements for the composition and structuring of the corpus.

Keywords: Linguistic Corpus. Lexicographic Studies. Sign Language.

Introdução

A Lexicologia e a Lexicografia, embora frequentemente confundidas, possuem distinções claras: a primeira é teórica e foca no estudo do léxico, enquanto a segunda é prática, voltada para a elaboração de dicionários e glossários com metodologias específicas (Rodrigues-Pereira e Zavaglia, 2023). A construção de uma obra lexicográfica requer critérios como definição do público-alvo, estrutura do material e seleção lexical, com destaque para o uso de corpora, que se mostra essencial e eficiente nesse processo (Assunção e Araújo, 2019).

Desde o projeto pioneiro Brown Corpus (Francis e Kucera, 1967), recursos computacionais evoluíram para ferramentas robustas que otimizam a organização de corpora, embora o acesso a muitos desses softwares ainda tenha custos elevados. Contudo, nas línguas de sinais, que carecem de formas consolidadas de escrita e possuem uma modalidade gestual-visual, os desafios incluem a coleta de dados linguísticos e a padronização de critérios e programas. Revisões de trabalhos acadêmicos e análises de corpora internacionais buscam identificar ferramentas e fragilidades no processo de organização.

Este estudo preliminar integra uma pesquisa de doutorado que vem sendo construída junto ao Grupo PORLIBRAS, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste, e visa contribuir para as investigações do grupo e para os estudos sobre linguística e lexicografia de línguas de sinais.

O Papel dos Corpora na Lexicografia e as particularidades do Corpus das Línguas de Sinais

De acordo com McEnery e Hardie (2012), os corpora oferecem uma base de dados linguísticos que refletem a língua em seu uso cotidiano. Esses dados desempenham um papel de destaque na lexicografia, fornecendo suporte empírico para análises e descrições lexicais. Assim, por meio dos corpora, glossários e dicionários podem

ser produzidos de forma mais alinhada às realidades dos usuários, considerando as mudanças e evoluções naturais das línguas. Welker (2004) também ressalta que o uso de corpora permite observações mais precisas sobre o uso real da língua, o que é crucial para o trabalho do lexicógrafo, especialmente no que diz respeito à produção e estruturação de obras lexicográficas.

Estudos sobre corpora específicos ganham destaque nesse contexto. Malaquias (2021), em sua dissertação, propõe a sistematização de um corpus paralelo entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa, estabelecendo critérios rigorosos para garantir equivalência linguística entre as modalidades oral e gestual-visual. Seu trabalho, pioneiro na área, demonstra como corpora podem beneficiar a lexicografia tradicional e o desenvolvimento de recursos em contextos bilíngues e multimodais.

As línguas de sinais possuem características únicas, especialmente por serem gestual-visuais, com comunicação mediada por sinais, expressões faciais e uso do espaço, envolvendo visão, corpo e mãos. Segundo Quadros e Karnopp (2004), a Libras apresenta uma gramática própria, com regras específicas que diferem das línguas orais, evidenciando sua complexidade estrutural.

Baker (2006) destaca que as tecnologias aplicadas aos estudos de corpus, possibilita uma abordagem empírica e baseada em dados, que contribuem para uma compreensão mais aprofundada da língua. Para a constituição de um corpus das línguas orais é selecionado um conjunto de textos e/ou materiais escritos na própria língua para a produção de um corpus. Nos casos das línguas orais, é possível identificar diversos softwares com ferramentas que podem ser de acesso gratuito ou pago, viabilizando diversas possibilidades de uso e acesso e, estes otimizam e facilitam o trabalho dos pesquisadores.

Para as línguas orais temos: WordSmith Tools³ (Scott, 1996), AntConc⁴(Laurence Anthony, 2002), Sketc Engine (Adam Kilgarriff,

³ Software com chave a ser adquirida com recursos financeiros.

⁴ Software gratuito com download para diferentes sistemas operacionais.

2003), LancsBox (Universidade de Lancaster, 2015) e entre outros programas, destes destacamos o AntConc. E em praticamente todos os programas há três funcionalidades básicas: Concord⁵, WordList⁶ e KeyWords⁷. Por ser de natureza onde não há uma padronização de registro da língua de sinais no formato gráfico, as línguas de sinais requerem um formato que contemple a sua maneira natural de reprodução.

As ferramentas habituais conhecidas para a constituição de corpus e corpora das línguas orais, em sua maioria não são preparadas, ou adaptadas para receber vídeos, o que seria de extrema relevância na produção de corpus em línguas de sinais. Esse é o principal desafio que atualmente encontramos quando falamos de linguística de corpus das línguas de sinais. Na totalidade, o processo de construção de um corpus para as línguas de sinais são basicamente manuais e demandam muito tempo para a constituição (Jhonston, 2010) levando atrasos no que tange as pesquisas linguísticas.

No caso das línguas de sinais, o programa mais utilizado para a anotação de corpus é conhecido como ELAN (EUDICO Linguistic Annotator), ferramenta desenvolvida pelo Instituto Max Planck de psicolinguística em 2002 nos países baixos. Foi produzido e adaptado para oferecer aos usuários uma possibilidade de anotação e análises de dados multimodais.

No caso das línguas de sinais, a ferramenta ELAN permite a inserção de vídeos e a criação manual de trilhas para incluir informações identificadas nos vídeos. Essa ferramenta representa um passo significativo para a coleta de dados e metadados para posterior análise, além de permitir a inserção de mais de dois vídeos, também permite a anotação manual em diferentes trilhas.

⁵ Lista de palavras em seus contextos.

⁶ Lista de frequência de palavras.

⁷ Análise de palavras-chave, comparando a frequência de termos em dois corpora diferentes para identificar palavras que são significativamente mais frequentes em um conjunto de textos.

Levantamento de Corpora de Línguas de Sinais e suas especificidades na constituição de corpus

Por ser de modalidade gestual-visual, a constituição de corpora das línguas de sinais enfrentam alguns desafios e dificuldades a saber: (i) padronização dos dados a serem coletados; (ii) o tempo gasto para os registros manuais; (iii) automatização dos dados e das informações; entre outros. Esse cenário justifica a necessidade de esforços significativos para compreender como os dados das línguas de sinais podem ser coletados, registrados e organizados de maneira eficaz e eficiente, respeitando a especificidade da língua.

Johnston (2010) destaca que, para analisar corpora de línguas de sinais, é essencial o uso de registros em vídeo para capturar a produção dos sinais, possibilitando transcrições ou análises detalhadas de elementos linguísticos.

Com o objetivo de identificar critérios para estruturar diferentes corpora, analisamos SignBanks (bancos de sinais) de sete línguas de sinais, incluindo o SignBank Libras, ainda em construção. Esses bancos organizam e armazenam sinais coletados, analisados isoladamente, com identificação de elementos linguísticos específicos. Além de serem espaços de registro, os SignBanks são amplamente utilizados em pesquisas linguísticas.

De acordo com Johnston e Schembri (2007), esses bancos de dados desempenham um papel essencial na documentação e preservação das línguas de sinais. Os SignBanks analisados foram: SignBank da Língua Brasileira de Sinais (LSB)⁸, Língua de Sinais Americana (ASL)⁹, Língua de Sinais Britânica (BSL)¹⁰, Língua de

⁸ <https://signbank.libras.ufsc.br/pt>

⁹ <https://aslsignbank.haskins.yale.edu/>

¹⁰ <https://bslsignbank.ucl.ac.uk/>

Sinais Australiana (Auslan)¹¹, Língua de Sinais Francesa (LSF)¹² e a Língua de Sinais Espanhola (LSE)¹³.

No quadro 01, apresentamos os principais recursos identificados no corpora das línguas de sinais analisados para este trabalho. Os critérios para análise de corpora e Signbanks de línguas de sinais incluem aspectos técnicos, organizacionais e de acessibilidade.

Quadro 01 - Análise de Corpora das Línguas de Sinais

Recurso que compõem os SignBanks	LSB	ASL	Auslan	BSL	LSE	LSF
Site de hospedagem	X	X	X	X	X	X
Acesso público gratuito	X	X	X	X	X	X
Informações em uma ou mais língua oral escrita	X	X	X	X	X	X
Pesquisa por palavra na língua oral escrita	X	X	X	X	X	X
Encontrar sinais por CM	X	-	-	X	X	-
Encontrar sinais por parâmetros	X	-	-	X	X	-
Apenas o sinal	-	X	-	-	X	-
Busca do sinal por ordem alfabética de A a Z	X	X	X	X	X	X
SignBank é colaborativo (S ou N)	N	N	N	N	N	N
Quantidade de participantes	NI	NI	NI	249	NI	NI
Horas de gravação nativos na língua	?	3.702	NI	125	NI	NI
Quantidade de sinais	?	NI	NI	70.000	2.400	NI
Amostragem por sexagem (S), idade (I) e região (R)	NI	NI	NI	I	NI	NI
Ferramenta de notação e extração de dados pelo ELAN	X	X	X	X	X	NI
Outras ferramentas de extração de dados e notação	-	-	-	-	-	-

Elaborado: Mazzarollo e Martins, 2023.

¹¹ <https://auslan.org.au/>

¹² <http://dicto.lsfb.be/>

¹³ <http://nasgrades.uvigo.es/LSE-web/lexico/lex.php>

Os dados analisados revelam pontos comuns nos SignBanks hospedados em sites de acesso aberto, evidenciando a democratização do acesso aos dados. Todos apresentam informações no front-end na língua oral de cada país, permitindo buscas por letras ou palavras. Nenhum dos SignBanks analisados é colaborativo, ou seja, não permite a inclusão livre de dados.

Na LSB, BSL e LSE, é possível realizar buscas por categorias fonológicas, como Configuração de Mão (CM). Já na LSE e ASL, as buscas utilizam a escrita da língua oral como base estrutural. Diferentemente das ferramentas para línguas orais, os SignBanks oferecem diversidade de informações, mas, como aponta Johnston (2010), a ausência de critérios padronizados e ferramentas integradas dificulta a organização uniforme e acessível desses corpora.

Na BSL, encontram-se mais informações a respeito dos metadados para a constituição do corpus, como, por exemplo, a quantidade de participantes, horas de gravação e quantidade de sinais. Essas informações são de extrema importância para garantir a representatividade e qualidade dos dados coletados. É importante ressaltar que o Signbank da BSL se sobressai em diversos aspectos, como a quantidade de participantes (249), 70.000 sinais documentados e a amostragem por faixa etária, evidenciando um esforço para assegurar representatividade e precisão.

Na ASL sobressai pelo número de horas de gravação (3.702), ao passo que outros bancos de sinais, como o LSE, exibem uma abrangência quantitativa menor, com 2.400 sinais documentados.

Sistemas de notação específicos, como o SignWriting (Suton, 1974) e o HamNoSys (Hamburg Notation System, 1984), são comumente empregados para transcrição e análise, com a predominância do ELAN na extração de dados. Contudo, a falta de ferramentas colaborativas, a ausência de amostras completas por idade, gênero e região na maioria dos signbanks, e a dependência de tecnologias de alimentação manuais indicam um amplo espaço para aprimoramentos. Essas falhas apontam para a necessidade de

incorporar ferramentas mais automatizadas e critérios mais uniformes na organização desses dados.

Um aspecto relevante nas análises é o uso do ELAN como ferramenta de notação e registro de informações linguísticas. Essa ferramenta permite criar trilhas com dados inseridos manualmente pelos responsáveis, como no caso da LSB.

As iniciativas de registro de línguas de sinais por meio de corpora representam um avanço para as pesquisas. No entanto, para que os signbanks ofereçam dados mais consistentes, é essencial desenvolver ferramentas e programas que padronizem as informações, permitindo análises comparativas e mais precisas das línguas de sinais, especialmente da Libras.

Conclusão

O estudo ressalta o papel crucial dos corpora para a lexicografia, especialmente no âmbito das línguas de sinais. Embora ferramentas consagradas para idiomas orais, como WordSmith Tools e AntConc, aprimorem a análise de dados, as línguas de sinais enfrentam obstáculos importantes devido à sua natureza gestual-visual. Embora os SignBanks examinados representem um progresso na documentação e análise dessas línguas, ainda faltam ferramentas automatizadas e colaborativas que satisfaçam as particularidades dessas línguas. Em relação às línguas de sinais, ações como a implementação do ELAN parecem promissoras, porém ainda dependem de procedimentos manuais que demandam tempo e restritivos.

Portanto, este estudo enfatiza a necessidade urgente de investir em avanços tecnológicos e metodológicos para a criação de corpos de trabalho apropriados para as línguas de sinais. Ao cobrir essas falhas, conseguiremos não só progredir na criação de dicionários e glossários mais representativos, mas também auxiliar na manutenção e apreciação das línguas de sinais no âmbito acadêmico e cultural, fomentando a inclusão linguística e social das comunidades surdas.

Referências

- ASSUNÇÃO, C.; ARAÚJO, C. Linguística de corpus: teoria, perspectivas metodológicas e ensino das línguas. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 21, n. 2, p. 271-288, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v21i2p271-288>. Acesso em: 12 ago.. 2024.
- BAKER, M. Corpora in Translation Studies: An Overview and Some Suggestions for Future Research. **Target**, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.
- FRANCIS, W. N.; KUCERA, E. **Computational Analysis of Present-Day American English**. Providence: Brown University Press, 1967.
- JOHNSTON, T. Corpus linguistics and signed languages: No lemmata, no corpus. **Language Resources and Evaluation**, v. 44, n. 1-2, p. 33-68, 2010.
- JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language (Auslan): An Introduction to Sign Language Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- MALAQUIAS, K. P. **Diretrizes para a construção de Corpora Paralelos Libras-Português: uma proposta**. 2021. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021.
- MARTINS, T. A. **Estudos para especificação e modelagem de estruturas e organização de um dicionário monolíngue de Libras**. 2020. 310 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.
- MCENERY, A.; HARDIE, A. **Corpus Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- RODRIGUES-PEREIRA, R.; ZAVAGLIA, C. Lexicografia: uma ciência interdisciplinar. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 8, p. e0818, 2023. DOI: 10.14393/Lex-v8a2022/23-18. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/71976>. Acesso em: 1 nov. 2024.
- WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

LITERATURA E TRADUÇÃO: TENSIONAMENTOS DE SENTIDOS

LITERATURE AND TRANSLATION: MEANING IN TENSION

Jessica Tomimitsu Rodrigues¹

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar uma discussão a respeito da epistemologia da tradução sob um viés ideológico, etnográfico e temporal. A partir de um breve resgate histórico, prima-se por uma reflexão crítica, tendo em vista que não há história sem tradução: dos vários lugares-de-fala que se transmutam em objetos simbólicos concretos forma-se um mosaico de entrecruzamentos e tensões, a partir do embate entre palavras. No campo da Literatura e da Tradução, a pesquisa busca elaborar uma ampliação das dimensões linguísticas e culturais dos pontos de vista que convivem. Partindo-se de questionamentos pós-modernos, a versão única e linear do passado dissolve-se no campo em que livros, homens, saberes e culturas abrem espaço para narrativas que permitem questionar posições historicamente construídas. Compreender, portanto, a tradução dentro de um âmbito político, antropológico, filosófico, epistemológico e social é estabelecer relações que extrapolam o uso de ferramentas digitais e/ou inteligência artificial, para uma complexidade à nível humano que prima pela alteridade. Os tensionamentos de sentidos que se estabelecem na Literatura partem, assim, do princípio de que toda tradução se sustenta, a um só tempo, como uma continuidade e descontinuidade do outro. Esse duplo retorno na diferença enriquece o olhar analítico de quem lê e de quem traduz, na proposta de ressignificar esse campo de conhecimento com uma epistemologia que respeita os vários fios periféricos que perpassam construções de sentido, há muito viesados por um discurso unilateral e de prestígio. O consequente artigo busca, assim, evidenciar alguns aspectos dos Estudos da Tradução em suas várias nuances e volume (Eco, 2011; Britto, 2012).

¹ Doutora pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4304550916104374>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8237-5003>. E-mail: je.tomimitsu@gmail.com.

Palavras-chave: Estudos da tradução. Epistemologia da Tradução. Estudos Literários.

Abstract: The present paper aims at presenting a discussion about the translation epistemology, under the ideological, ethnographical and timely view. From this brief historical review, we prioritize a critical reflection, bearing in mind that there is no history without translation: from the many places of speaking in which symbolic concrete objects become art, formed at a spot of tensions and intersections through the confrontation of words. On the field of Literature and Translation, this research aims at drawing up a linguistic and cultural dimension broadly, from the perspectives they were built in. Taking from postmodern questioning, in which the unique and linear version of the past is dissolved on the place where books, men, knowledge and culture open space for narratives that allow confrontation with the historically built positions. Therefore, we understand that translation happens on a political, philosophical, epistemological and social instance, which goes beyond any digital tool and/or artificial intelligence use, for a complexity that is part of alterity for human beings. These meaning in tensions grounded on Literature flourishes, then, from the principle that all translation supports altogether and at the same time as a continuity and discontinuity of the other. This two-way return in difference enriches the analytical view of whom reads and of whom translates, in the purpose of resignify this knowledge field with an epistemology that respects several peripheral threads that intertwines meaning under constructions, long biased with a unilateral and prestigious speech. This way, following discussion aims at evidencing the aspects of Translation Studies on its several ways and volumes (Eco, 2011; Britto, 2012).

Keywords: Translation Studies. Translation Epistemology. Literary Studies.

Introdução

Como um elemento ideológico, a tradução no Brasil era, para o Império Português, uma ferramenta de desenvolvimento, construída a partir de uma visão pautada na França e na Inglaterra

como gestoras de ciência no mundo. Conquanto a ciência se desenvolvia de forma acelerada, a tradução era um processo lento, porém, recebia muitos auxílios financeiros, com tradutores ocupando cargos públicos do Estado em várias posições, fruto de boas relações com a Monarquia portuguesa e com os círculos intelectuais. A tradução era tida como o único caminho para acompanhar os desenvolvimentos científicos da Europa, por isso, Dom João recebeu, no Brasil, a posição de patrono do desenvolvimento, devido ao seu interesse pela divulgação do conhecimento científico.

Para provar a capacidade intelectual dos tradutores, com nomes sempre demarcados e visíveis nas traduções de 1700, a carga de informatividade acerca da filiação dos tradutores era privilegiada, resultado de uma condição de prestação de serviço público, tornando acessível o conhecimento para o progresso da pátria. Tal visão contrasta a invisibilidade do tradutor a partir do século XX, aderindo aos estudos da tradução um convite para problematizar o processo conquanto uma operação de jogos de intermediários e diferenças, dotados de fatores sócio- histórico e culturais.

A tradução trata, assim, de um conceito que não se deixa definir ou apreender a um processo simples de substituição e/ou equivalente. Partindo-se de uma visão etnográfica, pressupõe-se, aqui, antes de um deslocamento de olhares: “A questão da tradução surge como interrogação sobre o papel específico da língua como objeto de estudo e sobre seu próprio discurso/linguagem enquanto veículo de saber/conhecimento.” (Ferreira, 2015, p. 44). A alteridade humana pressupõe, nos estudos tradutórios, uma metaproblematização que perpassa questões antropológicas e epistemológicas nos entre-espacos das palavras de uma língua e cultura a outra. O “como dizer” entre diferentes idiomas supera a questão do método abrindo um espaço em que inteligência artificial alguma, ou ferramentas digitais de tradução, podem ocupar sem a análise humana.

Por uma epistemologia brasileira na tradução

No contexto brasileiro de tradução, “até o século XIX, no Brasil houve a predominância de uma concepção da tradução como emulação, pode-se dizer que o século XX foi o século da tradução como forma.” (Faleiros, 2015, p. 193). Há, então, uma tendência a se buscar relações existentes entre as formas, colocando-as em paralelo para reconstruí-las enquanto sistemas sua singularidade. Ora, tradução é um modo de relação que pode implicar a transformação nossa e do outro.

É assim que, nos Estudos Comparativistas, Tania Franco Carvalhal (2006) propõe identificar elementos comuns nos textos literários, sem que isso os uniformize, uma teia de interreferenciação dentro de uma impessoalidade estética. A noção de *Weltliteratur*, de Goethe, é revisitada sem as marcas de subalternização, na proposição de uma literatura universal que ampare “a existência de nações com identidade própria e com comunicação no plano literário.” (Carvalhal, 2006, p. 126). Há um reconhecimento comum a todas as expressões literárias, irreduzíveis, uma experimentação comunitária que se constrói em rede por fios de diferenças.

Como um sistema literário próprio, consideramos o embate entre centro-e-periferia para que se consolide deslocamentos de alteridade neste possível entre-lugar. Para tanto, é necessário delinear brevemente a história e a memória da tradução no contexto brasileiro, investigando suas possíveis relações entre literaturas nacionais e traduzidas. As primeiras mudanças significativas no mercado editorial brasileiro acontecem nas décadas de 1930 e 1940, durante o “Estado Novo” de Getúlio Vargas, com o bloqueio de obras que apresentasse conteúdo contrário ao seu governo, aumentando a demanda por crítica literária e resenhas.

Após 1929, como efeito da crise financeira e a incipiente Segunda Guerra, o aumento no preço da importação de livros impedia que produtos estrangeiros chegassem ao Brasil. Dessa

forma, o nicho de tradução aumentou significativamente, diante da impossibilidade de se conseguir livros importados. Por significar um risco à censura da ditadura, editoras como Globo e José Olympio, contratavam escritores de visibilidade no cenário literário do país para traduzirem e assinarem as traduções.

Raquel de Queiroz, neste contexto, com mais de 50 títulos traduzidos, afirma que: “Eu lembro que na época em que eu traduzia, eu me sentia como se estivesse desmanchando a costura, desmanchando o crochê de certos escritores, descobrindo os pontos, os truques prediletos deles. (Queiroz, 1997, p. 25). Diante do envolvimento com as obras traduzidas, é possível que existam ecos de expressão criativas de outros autores em suas próprias obras.

A tradução é uma reescritura, contudo, ela pode ocupar uma posição primária em um sistema literário, segundo Itamar Even-Zohar (1976), isso se dá quando uma cultura se beneficia de experiências literárias distintas, seja por uma inflexão no sistema pela ausência de produções coerentes com as exigências de uma nova geração de leitores ou por uma insuficiência de produções para uma determinada língua ou cultura. Entre 1930 e 1940, a tradução ocupou um espaço de destaque no polissistema brasileiro, uma vez que leitores brasileiros passaram a ter contato com obras de prestígio da literatura mundial por meio do trabalho de autores-tradutores nacionais, como o caso de Raquel de Queiroz.

Aqui, vale ressaltar, que a tradução literária exigia muito mais do que o conhecimento de ambos os idiomas, antes, uma apropriação da obra a ser traduzida, quase como um material de sua própria autoria, dado o destaque no mercado editorial e para o público na aquisição dessas obras traduzidas. Não se pressupunha somente técnica com o selo de tradução desses escritores- tradutores, há uma expressão de sensibilidade literária com um refinamento estético compreendendo ritmo, poesia, musicalidade, o sentido exato do texto e o espírito do que o autor de origem quis dizer.

A confluência entre os sistemas literários produtor de obras literárias e receptor de traduções significou um marco na história da tradução brasileira, com grandes autores nacionais, como Mário

Quintana, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo e Raquel de Queiroz, consagrando obras estrangeiras por meio do prestígio que tinham como escritores.

Haroldo de Campos e Augusto de Campos, ambos advogados, foram tradutores profícuos e publicaram algumas obras a respeito do processo tradutório. A visibilidade da tradução no cenário literário brasileiro é fruto do respeito que os dois estudiosos trouxeram à atividade, aderindo prestígio acadêmico ao campo.

O termo “transcrição”, cunhado por Haroldo de Campos, problematiza a operação que recusa simplificar o processo tradutório a uma dicotomia de forma e conteúdo. A recriação de um texto complexo seria então, para este estudioso, uma criação paralela, em oposição a uma tradução literal. Não se trata, no entanto, de abandonar a fidelidade ao original, mas reconfigurar elementos que apontem para o original, valendo-se de uso de elementos que podem ser “abrasileirados”.

O movimento inicial por uma epistemologia da tradução brasileira, pensando e repensando o processo tradutório a partir de intelectuais nacionais, tem sua datação recente em meados de 1970, contando com publicações em jornais como Folha de São Paulo e Folhetim (1977 – 1989), com versões iniciais dos textos de Haroldo e Augusto de Campos. A iniciativa fora da academia somente ganhou espaço no meio acadêmico a partir de 1980, com a vertente de tradução deconstrutivista na Unicamp, principalmente pela atuação da professora Rosemary Arrojo. Nos anos de 1990, vários programas de pós-graduação possuíam pesquisas em andamento na área dos Estudos da Tradução.

O impasse no campo da tradução como ciência brasileira é pontuada pelo John Milton, inglês de cidadania brasileira, atualmente professor na USP: “E nós ainda temos remanescentes de um déficit cultural colonial? Aquele que apesar de grandes avanços na economia brasileira, o enorme interesse mundial contemporâneo no Brasil, a ideia de que o Brasil oferece pouco

interesse aos centros culturais e intelectuais.²” (Milton, 2015, p. 105). Como um campo recente nos estudos acadêmicos brasileiros, há ainda a resistência no cenário mundial para galgar seu espaço científico, nacionalmente demarcado. Em um país que ainda ressignifica em seu idioma materno um passado colonial e começa a repensar espaços de produções de uma nação periférica, faz-se necessário uma tomada de consciência tanto dos processos tradutórios, editoriais quanto das apropriações de bens simbólicos brasileiros.

Repensar, portanto, o espaço da tradução como um entre-lugar crítico, um exercício de cotejo, um trabalho por relação, é central para a sociedade e a Literatura. Valendo-se de um continuum social, estético e ideológico, tensionamos esse campo de saber não para a paródia, a adaptação ou o pastiche. Assumimos que toda tradução é uma forma de dizer o outro, uma determinada forma de ler o original, com o tradutor aderindo a uma determinada visão, tanto no que tange aos fatores sócio-históricos culturais quanto a compreensão do que é Literatura.

Tradução Literária: um entre lugar de possíveis deslocamentos

A tradução – apesar de configurar-se como uma atividade quase tão antiga quanto a humanidade, anterior ao advento da escrita, na comunicação mediada por um/uma intérprete entre povos de línguas diferentes – ainda recebe pouca visibilidade. De modo geral, leitores de romances de grandes tiragens no mercado editorial atual, como dos autores contemporâneos Colleen Hoover, Stephen King, Neil Gaiman, Margareth Atwood, entre outros, de

² And do we have remnants of a colonial cultural déficit? That, despite the great improvement in Brazilian economy, the enormous contemporary worldwide interest in Brazil, the idea that Brazil offers little of interest to the intellectual and cultural centres, that our ideas are always inferior, that there is a lack of tradition, research, intellectual rigour, history; that Brazil is still the country of football and samba, and little else... That the top journals, such as Target and The Translator, will not be interested in what Brazil produces. (MILTON, 2015, p. 105). [Tradução nossa].

produções de língua inglesa para o público brasileiro, não se atentam à natureza da obra traduzida. Mesmo leitores regulares, tendem a pensar que traduzir é uma tarefa relativamente fácil, que o principal problema do tradutor é saber as equivalências de palavras entre os idiomas, problema resolvido com um suporte de dicionários bilíngues e com avanços da informática, a tradução será atividade inteiramente automatizada, sem intervenção humana.

Uma das mais complexas atividades que a mente humana é capaz de realizar (Steiner, 1975), o espectro de tradução vai desde mapas e instruções até a a tradução de poesia. Mesmo com informações veiculadas de forma assertiva e direta entre um idioma e outro, o mais simples manual necessita de intervenção de revisores e tradutores, apesar de grande parte de seu processo ser automatizado atualmente. Quanto a textos de grande complexidade poética, estética e literária, a maior dificuldade, como destacamos ao longo de toda esta tese, não reside em buscar equivalências lexicais, mas em delimitação de conceitos próximos, dentro de um mesmo campo semântico. Como retoma o pesquisador Paulo Henriques Britto, em *A Tradução Literária* (2016):

Quadro 1 – Culturas e Tradução

Léxico	Cultura Anglófonas	Culturas Latinas
Lunch (trad. almoço)	Refeição mais leve	Refeição mais completa do dia
Dinner (trad. jantar)	Refeição mais pesada no final da tarde ou início da noite	Refeição mais leve

Fonte: Autoria própria, com base em BRITTO (2016).

O exemplo acima ilustra um impasse ao tradutor quando uma refeição com vários pratos é servida às duas da tarde, que em inglês apontaria para dinner, mas em uma tradução para língua portuguesa, especialmente para um tradutor brasileiro, se configuraria como almoço. Questões linguísticas estão intrinsecamente ligadas a questões culturais, um caro fator para

que ferramentas de tradução automatizadas não substituam o papel do tradutor.

Considerações finais

Expressões, provérbios, metáforas, símiles e dizeres populares são utilizados por falantes de todas as esferas da língua e repercutem, obviamente, nas literaturas de cada cultura. Utilizadas para explicar questões intrínsecas à cultura, em tom hiperbólico, jocoso ou, ainda, moralizante e opinativo, carregam um expressivo traço cultural que perpassa história e memória. Há muitos dizeres que se originaram na raiz das línguas, outras em parábolas bíblicas ou fábulas populares, e, uma vez mais, na atividade de tradução de dois idiomas, independente da cultura de partida e da cultura de chegada, torna-se um percurso laborioso e desafiador para a prática tradutória.

Cada expressão possui sua própria história e explicação, apontando para uma diversidade cultural que ecoa nos fatores que constituem a língua, e, em última instância, os seres humanos. Os registros literários de cada cultura são objetos estéticos imprescindíveis para valorização e memória cultural, e, nesse sentido, deve ser mediado com respeito, assegurando um eco cultural para o leitor estrangeiro. O máximo que um dicionário bilingue pode, nesse sentido, apontar para o tradutor é apresentar um recurso com algumas sugestões e apontar para possíveis soluções. O caráter nada trivial de qualquer tradução elucida a verdadeira natureza da atividade tradutória, enfatizando as dificuldades que abrangem uma profissão recreativa.

Contudo, se por um lado, há várias nuances que quase resistem a tradução quando partem da cultura brasileira para língua anglófona, por outro, destaco uma cara e constante aspiração para encontrar em estantes estrangeiras, exímios títulos contemporâneos de escritores brasileiros que despontam no cenário nacional e que devem ganhar espaço no mercado editorial estrangeiro por intermédio de traduções que respeitem a

diversidade lexical, linguística e cultural de tais obras. Há, novamente, uma esperança para que fluentes tradutores brasileiros consigam mediar uma operação que lida com textos e correspondências ao invés de sentenças e estruturas linguísticas por equivalência. No repaldo, principalmente, de que, quando nesta segunda vertente de processo simplista, há inúmeros apagamentos, omissões e supressões das obras brasileiras visando uma simplificação de leitura ao público estrangeiro.

Referências

- BRITTO, Paulo Henrique. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Estudos comparativistas**. São Paulo: Ática, 2006.
- ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2011.
- FALEIROS, Álvaro. As versões brasileiras de “Brise Marine” de Mallarmé. In: **História da Tradução**: Ensaios de teoria, crítica e tradução literal. ORG: SOUSA, Germana Henriques Pereira de. São Paulo: Editores, 2015 – p. 177 - 195.
- QUEIROZ, Raquel. **Tantos anos**. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 1997.
- MILTON, John. **O poder da tradução**. São Paulo: Editora Aers poética, 2015.

PELAS VEREDAS DO JARDIM INTERIOR: A LÍRICA DE ANA MARTINS MARQUES E FERNANDA GARCÍA LAO

POR LOS SENDEROS DEL JARDÍN INTERIOR: LA LÍRICA DE ANA MARTINS MARQUES Y FERNANDA GARCÍA LAO

Elis Regina Basso¹
Antonio Donizeti da Cruz²

Resumo: Ao longo da história da humanidade, as mulheres foram subjugadas, sua liberdade foi cerceada e seu acesso à educação formal, negado. Seu ingresso no mundo da leitura é recente e a prática da escrita só foi possível no século XV e de modo extremamente restrito; o estudo de suas obras literárias começou a adquirir relevância apenas no final do século XX. Assim, diante deste esquecimento e apagamento da literatura de autoria feminina, é urgente fomentar pesquisas nesta área. Neste artigo, analisamos comparativamente a lírica de duas poetisas latino-americanas contemporâneas: a brasileira Ana Martins Marques em *Jardim japonês* (2019) e a argentina Fernanda García Lao em *Autorretrato* (2016). No que concerne à Crítica Feminista, Hélène Cixous (1995), Erika Apfelbaum (2009), María Luisa Femenías (2007), Michelle Perrot (2005) e Virginia Woolf (2022) são basilares. No que versa sobre a criação poética nos fundamentamos em Octavio Paz (2002) e, para a análise dos símbolos, em Chevalier e Gheerbrant (1990). Na busca de compreender de que modo as semelhanças e as diferenças encontradas nos poemas estudados contribuem para a criação de um espaço imagético comum, observamos que, simbolicamente, o jardim representa o espaço interior do eu-lírico, por meio de elementos da natureza vivificados pela arte da palavra, um retrato de si se desvela, seja esperançoso, seja desolador. Esta investigação se justifica pela necessidade de ampliar estudos que analisem a produção

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1957741297283894>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5385-9896>. E-mail: elisregina.letras@gmail.com.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9408709557013563>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4672-7542>. E-mail: adonicruz@gmail.com.

literária feminina latino-americana contemporânea, pela ausência de estudos que abarcam as poéticas em questão e pela relevância da divulgação de obras de autoria feminina.

Palavras-chave: Autoria feminina. América Latina. Lírica.

Resumen: A lo largo de la historia de la humanidad, las mujeres fueron subyugadas, su libertad fue escatimada y su acceso a la educación formal, negado. Su ingreso en el mundo de la lectura es reciente y la práctica de la escrita solo fue posible en el siglo XV y de modo extremadamente restringido; el estudio de sus obras literarias comenzó a adquirir relevancia solo en el final del siglo XX. Así delante de este olvido y de la invisibilidad de la literatura de autoría femenina, es urgente impulsar investigaciones en esta área. En este artículo, analizamos comparativamente la lírica de dos poetisas latinoamericanas contemporáneas: la brasileña Ana Martins Marques en *Jardim japonês* (2019) y la argentina Fernanda García Lao en *Autorretrato* (2016). En lo que se refiere a la Crítica Feminista, Hélène Cixous (1995), Erika Apfelbaum (2009), María Luisa Femenías (2007), Michelle Perrot (2005) y Virginia Woolf (2022) son basilares. En respecto a la creación poética nos fundamentamos en Octavio Paz (2002) y, para el análisis de los símbolos, en Chevalier y Gheerbrant (1990). En la búsqueda de comprender de que forma las similitudes y diferencias descubiertas en los poemas estudiados contribuyen para la creación de un espacio imagético común, observamos que, simbólicamente, el jardín representa el espacio interior del yo lírico, a través de elementos de la naturaleza vivificados por el arte de la palabra, un retrato de sí se desvela, sea esperanzoso, sea desolador. Esta investigación se justifica por la necesidad de ampliar estudios que analicen la producción literaria femenina latinoamericana contemporánea, por la ausencia de estudios que abarcan las poéticas en cuestión y por la relevancia de divulgación de obras de autoría femenina.

Palabras-clave: Autoria femenina. América Latina. Lírico.

Introdução

Desde os primórdios, a humanidade é dividida entre os sexos, construção social centrada no patriarcado, relegada às figuras

femininas a função de serem objetos sexuais, de cuidado materno e do lar, cuja vivência se restringia à esfera privada. Cujo papel, historicamente, está relacionado à subserviência, à subalternidade.

Michelle Perrot (2005, p. 9) afirma que, “O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém a sua posição secundária e subordinada”, assim, sob a postura da “fêmea submissa”, durante séculos, as mulheres não se viam, se fecharam para si e em si mesmas. “[...] la han mantenido a distancia de sí misma, le han dejado ver (o no ver) a la mujer a partir de lo que el hombre quiere ver de ella, es decir casi nada” (Cixous, 1995, p. 20). Porém, as mulheres não se calaram, bradaram com vozes altivas requerendo seus direitos, primeiro para estar nos espaços públicos, depois ler e escrever; podendo, assim, escrever suas próprias histórias e estórias.

Conforme María Luisa Femenías (2007, p. 22), “El lenguaje significa libertad. Porque, en un mundo donde el lenguaje y el nombrar son poder, el silencio es opresión y violencia”, assim, durante séculos a mulher foi oprimida, porém sempre carregou consigo suas palavras, palavras pensadas, palavras no silêncio que agora refletem e refratam sua existência.

Para Erika Apfelbaum (2009, p. 79), “falar e encontrar as palavras para falar representa, para os oprimidos, uma das modalidades de resistência e de luta contra a dominação”, porém, “a impossibilidade de falar de si mesma [a mulher] acaba por abolir o seu próprio ser, ou ao menos, o que se pode saber dele” (Perrot, 2005, p. 10). Deste modo, falar e escrever, ações que foram negadas às mulheres durante séculos, requerem um intenso processo de (auto)descoberta, de busca pela identidade ou identidades. Por isso, escolhemos dar vozes a duas escritoras latino-americanas cujos poemas analisados são perpassados pela descrição de um eu interior.

O jardim interior na lírica feminina

Diversas são as temáticas que interessam às mulheres, neste estudo buscamos compreender como a simbologia do “jardim” se efetiva nas líricas que constituem nosso *corpus* de análise. Segundo

Chevalier e Gheerbrant (1990, p. 512), o jardim simboliza “[...] a natureza restituída ao seu estado original, convite à restauração da natureza original do ser”. Assim, observamos como as poetas possibilitam que seus eu-líricos se expressem e retratem sua interioridade, seu âmago, sua essência, seus sentires e pesares. Abaixo transcrevemos o poema da escritora brasileira:

Jardim japonês

Arqueio-me como uma ponte de madeira
sobre um lago aceso por carpas vermelhas
sou dura e seca e quase sem enfeites
como um jardim de areia
(mas há pedras que florem
como flores)
silenciosa como um papel de arroz
em que ainda
nada
foi escrito
(Marques, 2019 *apud* Barreto, 2019, *on line*)

No título percebemos a definição de um tipo de jardim, o de origem japonesa, algumas características desta cultura e da escrita de Marques se assemelham, como a simplicidade e a contemplação. O eu-lírico metaforicamente se percebe e se descreve como um jardim e por meio dele reflete sobre seu modo de ser, assim também o leitor admira esse lugar metafísico por meio da voz lírica.

Conforme Chevalier e Gheerbrant (1990, p. 512), “[...] em nossos dias, os célebres jardins japoneses [...] [são] imagens e resumos do mundo”. O poema sugere, portanto, uma espécie de transcendência, os elementos da natureza refletem o ser e o estar de quem a ele se compara, como um espelho. No Japão o jardim possui um significado cósmico (Chevalier; Gheerbrant, 1990), por meio da lírica se realiza uma viagem do macrocosmo ao microcosmo, do mundo interior para o mundo exterior.

Para o monge japonês e designer de jardins Shunmyō Masuno (2017, *on line*), “[...] Todos os componentes de um jardim japonês – sejam pedras, árvores ou arbustos – são escolhidos para

complementar um ao outro e a cada um é assinalada uma posição que irá destacar suas melhores características, próprias e dos outros componentes”. Logo observamos como os elementos da natureza presentes no poema ora estudado adquirem significação própria.

O eu-lírico se curva como uma ponte de madeira, essa ação comparativa pode significar o ato de olhar para si mesmo, consoante Chevalier e Gheerbrant, 1990, p. 579), a madeira “[...] contém uma sabedoria e uma ciência sobre-humanas”, é como se o elemento natural lhe permitisse adquirir mais consciência sobre sua existência.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (1990, p. 15), “As significações da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência”. Percebemos a vida a partir da presença do sujeito lírico que, por meio de “um lago aceso por carpas vermelhas”, busca se purificar e se reanimar.

Nishikigoi (carpa brocada) é como os japoneses denominam as carpas coloridas, *Ggoi* ou *koi* significa carpa e *nishiki* é um tecido de seda trançado com ouro, também significa coisas bonitas e elegantes; então *Nishikigoi* significa “joia viva” ou “joia da natação” (Damaschin, 2021, *on line*, tradução nossa), assim, suas cores vibrantes e beleza ímpar são utilizadas para ornamentar jardins ao redor do mundo.

Para Damaschin (2021, *on line*, tradução nossa), as carpas são um dos símbolos icônicos do Japão e representam sorte e prosperidade, além de não-conformismo, pois “[...] Devido à sua habilidade de nadar habilmente contra a corrente e até mesmo em cachoeiras, as carpas *koi* são frequentemente associadas à bravura, sucesso, força e individualidade”. Assim, o eu-lírico busca mudar sua personalidade, é como se as carpas vermelhas (*higo* em japonês) iluminassem o caminho em busca de si mesmo.

Por meio do verso “sou dura e seca e quase sem enfeites” compreendemos a singeleza do eu poético, não apresenta adornos, os adjetivos “dura” e “seca” remetem à ausência de sentimentalismo, mas há um adendo, os parênteses ressaltam,

demarcam a importância deste verso, há pedras, o que pode significar uma personalidade mais séria, rígida, mas aberta ao novo, há espaço para a delicadeza.

Inclusive a redundância “floreem como flores” reforça essa possibilidade, não é qualquer florescer. O verbo “florir” no presente do subjuntivo segundo a norma padrão se conjugaria como “floram”. No poema esta licença poética parece trazer um tom mais cotidiano. Florescer significa, portanto, abrir-se ao novo, ao inesperado.

O papel de arroz, no Brasil, é utilizado na confecção de bolos, nele são inscritas palavras ou imagens com o objetivo de homenagear quem está de parabéns. Portanto, um papel em branco nada diz, é silencioso, está livre para ser utilizado, qualquer representação gráfica pode ser impressa. As possibilidades são infinitas. O eu-lírico se abre para o desconhecido, para o novo, permite que sua personalidade se altere.

O vocabulário presente no poema é simples, são palavras do cotidiano que sugerem imagens também do dia-a-dia, mas que ao se encontrarem formam uma lírica centrada na contemplação, na possibilidade de um novo, uma abertura ao diferente. Caracteriza-se, portanto, por imagens que “floreem”, um “eu” que “flore”.

Neste momento analisamos o poema da escritora argentina, identificamos logo pelo título, a escolha de um vocabulário enfático e declarativo, observamos abaixo:

autorretrato

*me habito y deshabito
como quien se pone una media
corro mucho y llego a mí
transpirada por el intento
estoy en el jardín salvaje
de mi alma
alzada contra árboles irreales
que rodean este encierro
aves sin dientes se asoman
locuaces pitidos agudos
como estrellas sucias*

*a veces, soy otra
una mueca de dolor atraviesa la felicidad
escupo palabras
como alfileres de gancho
un golpe de precisión
me hiere la espalda*
(García Lao, 2016, p. 45)

O título sintetiza o tema do poema: um autorretrato, o retrato de um indivíduo feito por ele mesmo. O primeiro verso é construído por um oxímoro, habitar e desabitado, há a impossibilidade das duas ações, o que denota a dubiedade sentida pelo eu-lírico, um conflito interno. Essa sensação é comparada ao ato de vestir e desvestir uma meia, ação corriqueira, assim também se sente no cotidiano, morador de si mesmo ao mesmo tempo em que não se percebe como pertencente a este espaço metafórico.

O eu-lírico tenta buscar a si mesmo, encontra-se fatigado ao ponto de até suar. Quando chega em seu interior, encontra um jardim com imagens enigmáticas. O adjetiva como “salvaje”, possivelmente por ser desconhecido, ermo, hermético, aparentemente inacessível.

Conforme Chevalier e Gheerbrant (1990, p. 84), “A árvore põe igualmente em comunicação os três níveis do cosmo: o subterrâneo, através de suas raízes [...]; a superfície da Terra, através de seu tronco [...]; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo”. Essa simbologia se efetiva na obra lírica, visto que o eu poético tem sua alma construída “*contra árboles irreales*”.

O subterrâneo se torna perceptível quando o sujeito do poema desenraiza suas entranhas, expõe sua paisagem interior, as figuras que habitam seu inconsciente; o corpo físico é seu modo de habitar o mundo, sua face terrenal; os galhos simbolizam os espaços onde ele deseja estar, quer alcançar o topo de si mesmo, sua alma, seu próprio céu. As árvores que lhe habitam são fantásticas porque vivem em seu inconsciente, na ânsia do vir a ser, de um futuro que parece distante de ser real.

O eu lírico se sente recluso, recolhido, talvez solitário. Surgem aves sem dentes, o que é irreal, ou melhor, surreal, racionalmente impossível, mas existente na imaginação criadora daquele que a vivencia. Ruídos estridentes surgem, porém não é possível identificar a que espécie de animal esses sons aludem, se faz referência a aves citadas no verso anterior ou a outro bicho.

Há a presença de um símbolo celestial, a estrela, cuja função principal é iluminar o céu noturno, entretanto, a que se encontra no poema está suja, opaca, oculta. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1990, p. 404) este astro simboliza o espírito, “[...] o conflito entre as forças espirituais (ou de luz) e as forças materiais (ou das trevas). As estrelas perpassam a obscuridade”. Entretanto, no poema em estudo, elas impedem a visibilidade, o espírito do eu-lírico vagueia na escuridão de si mesmo.

O verso: *“a veces, soy otra”* divide o poema, as imagens que aparecem antes caracterizam uma maneira de ser do eu poético, as que seguem indicam outro estar no mundo. Uma fagulha de dor perpassa a felicidade e, assim, como um artífice, o eu-lírico esculpe palavras, burila-as. Compara seu trabalho com um alfinete de gancho, objeto minúsculo que precisa ser manuseado com cuidado, pois pode ferir devido à ponta fina, mas também possibilita a segurança, pois permite ser fechado.

Ao elaborar sua escrita o eu lírico sente uma pancada, o alfinete fere a suas costas, ou melhor, metaforicamente o seu ofício, a sua poética, o machucam, causam-lhe incômodo, dor. Assim, escrever é dolorido, as palavras que tece podem lhe fazer mal, caso não sejam trabalhadas adequadamente, minuciosamente.

O sujeito poético percorre um caminho, inicialmente está à procura de si, das palavras que lhe habitam, o que requer muito esforço, ao chegar se percebe perdido, desconhece quem se é, as imagens que vê parecem oníricas, são estranhas, indecifráveis. Depois descreve outra face sua, a que escreve, a que ao retratar a si mesmo, machuca-se, suas palavras lhe doem. Escrever sobre si doi. Constatar que é um desconhecido para si mesmo, dilacera-o.

Consoante Chevalier e Gheerbrant (1990, p. 513), “[...] o jardim é um símbolo de cultura por oposição à natureza selvagem, de reflexão por oposição à espontaneidade, da ordem por oposição à desordem, da consciência por oposição ao inconsciente”. Ao compararmos as líricas de Martins e de García Lao, identificamos que elas contrastam de acordo com esse jogo de opostos. Deste modo, o poema da brasileira mostra uma reflexão interior, um ser ordenado que tem consciência de si e que está aberto a mudanças. A obra da argentina exhibe metaforicamente um “eu” ainda em estado primitivo, desordenado, repleto de figuras inconscientes, perdido em si mesmo.

Para Octavio Paz (2002), a criação poética é transmutação da palavra, a palavra posta em liberdade para exprimir seu sentido original. Por isso, ser poeta é transcender os limites da linguagem, é criar imagens por meio das palavras, pois, “La palabra es el hombre [la mujer] mismo[a]. Estamos hecho[a]s de palabras [...] Nosotros[a]s somos su mundo y ellas el nuestro” (PAZ, 2002, p. 30-31). Assim, ao realizar a criação poética o escritor e a escritora (re)criam o mundo que veem, o mundo como o percebem.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1990, p. 513), “um artista especializado cria jardins em miniatura”, metaforicamente as poetas que estudamos, artistas das palavras, (re)criam em seus poemas-jardins as faces do eu-lírico que refletem em si mesmas, ou melhor, espelham as imagens que na feitura de seu tecer lhe tocam a alma.

Considerações Finais

Apesar do estilo escritural distinto, é possível identificar algumas similitudes. Ambas as autoras buscam retratar seu “eu interior” por meio da imagem de um espaço onde se mora, se habita, que é o jardim, esse local frequentemente é associado a imagens positivas, traz bons sentimentos, é considerado um local de descanso, de lazer ou ainda de beleza, de observação, de contemplação. Cada sujeito é único, então o modo como cada um olha para o seu jardim interior também é diverso.

A escritora brasileira retrata um eu-lírico cujo espaço interior é caracterizado pela simplicidade, é um lugar que ele conhece bem, sabe quem é e se abre para o novo, quer ser diferente, domina sua personalidade. O retrato de si é esperançoso. Já a poeta argentina retrata um eu-lírico hermético, misterioso, perdido, confuso, que se desconhece; que tenta escrever para se compreender, mas falha, só consegue se machucar ainda mais. O retrato de si mesmo é desolador.

Por fim, reiteramos que este estudo só foi possível, “[...] graças a labuta daquelas mulheres obscuras do passado” (Woolf, 2022, l. 2197), graças as nossas ancestrais que bravamente lutaram para ter direito de existir, de poder trabalhar, de ler, de estudar, de escrever, de ser MULHER.

Referências

- APFELBAUM, Erika. Dominação. *In*: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle. (Orgs.) **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009. p. 76-80.
- BARRETO, Matheus Guménin. *In*: Ruído Manifesto. **Sete Poemas de Ana Martins Marques**. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/sete-poemas-de-ana-martins-marques/>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- CIXOUS, Hélène. **La risa de la medusa**. Ensayos sobre la escritura. Traducción Ana María Moix. Barcelona: Anthropos; Madrid: Comunidad de Madrid: Consejería de Educación. Dirección general de la mujer, São Juan: Universidad de Puerto Rico, 1995.
- DAMASCHIN, Ana. **Nishikigoi (Koi): the shining jewels of Japan**. 2021. *In*: Japan Creative Enterprise. Disponível em: <https://jbr.japancreativeenterprise.jp/2021/01/28/nishikigoi-koi-the-shining-jewels-of-japan/> Acesso em: 22 out. 2024.
- FEMENÍAS, María Luisa. Esbozo de um feminismo latinoamericano. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, abr. 2007.
- GARCÍA LAO, Fernanda. **Carnívora**. Buenos Aires: Editorial de la Universidad de La Plata, Edulp, 2016.
- MASUNO, Shunmyo. **A essência do design do Jardim Japonês**. *In*: Cultura japonesa.com.br. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.cultura-japonesa.com.br>

culturajaponesa.com.br/index.php/diversos/jardim-japones/. Acesso em: 22 out. 2024.

PAZ, Octavio. **El arco y la lira**. El poema, la revelación poética, poesía e historia. 3.ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1972. (Colección Lengua y Estudios Literarios).

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005. (Coleção História).

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Vanessa Barbara. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022. *E-book*.

O CORONIÔNIMO NOVA ÁGUIA E A CONSTRUÇÃO DE *ETHOS*: UMA ANÁLISE ONOMÁSTICA E RETÓRICA

THE CORONIYM NOVA ÁGUIA AND THE CONSTRUCTION OF *ETHOS*: AN ONOMASTIC AND RHETORICAL ANALYSIS

Amanda Kristensen de Camargo¹
Renan Paulo Bini²

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar, a partir do diálogo entre a Onomástica (o estudo dos nomes próprios) e a Retórica, o coroniônimo (nome comercial motivado pela homenagem) *Nova Águia*, explorando como a escolha de tal nome comercial contribui para a construção de credibilidade (*ethos*) da revista contemporânea portuguesa *Nova Águia*, em sua homenagem lexicalmente demarcada à revista cultural também portuguesa do século XX: *A Águia*. *A Nova Águia*: Revista de Cultura para o Século XXI, publicada semestralmente pela editora Zéfiro, foi desenvolvida para homenagear a revista *A Águia* (1910-1932), que desempenhou um papel central no cenário cultural e intelectual português, com colaborações de figuras como Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoas. *A Nova Águia*, desde sua criação em 2008, busca revitalizar os ideais de nacionalismo cultural e reflexão lusófona, dialogando com as tradições culturais e filosóficas do passado. A análise onomástica é aqui utilizada para investigar as implicações do coroniônimo *Nova Águia* como elemento de continuidade e transformação cultural. Será realizada uma abordagem retórica focada no *ethos*, considerando como o nome da revista agrega valor de credibilidade ao projeto contemporâneo, conectando-o simbolicamente com os ideais elevados da águia como símbolo de elevação espiritual, nacionalismo e renascimento cultural. A escolha do

¹ Doutora pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3835756948304173> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7569-1091> E-mail: amanda.camargo@unioeste.br.

² Doutor pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6826894139264752>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9076-6864>. E-mail: renanpaulobini@hotmail.com.

nome *Nova Águia* não é aleatória; ela carrega consigo o peso da tradição e da história portuguesa, remetendo a um *ethos* pré-construído que reforça a autoridade e a legitimidade do projeto editorial. A investigação desse fenômeno é fundamental para compreender a relevância de elementos onomásticos na construção de *ethos* em projetos culturais contemporâneos. A análise sugere que o coroniômo *Nova Águia* atua como um mecanismo de agregação de credibilidade ao projeto editorial, ao mesmo tempo que propõe uma nova perspectiva de continuação dos ideais culturais lusófonos. A revista não apenas homenageia sua antecessora, mas posiciona-se como um canal contemporâneo para a reflexão e difusão cultural no contexto da lusofonia, utilizando o *ethos* herdado para legitimar suas propostas culturais e filosóficas.

Palavras-chave: Coroniônimo. *Ethos*. *Nova Águia*.

Abstract: This study aims to analyze, through the dialogue between Onomastics (the study of proper names) and Rhetoric, the coronim (commercial name motivated by homage) *Nova Águia*, exploring how the choice of this commercial name contributes to the construction of credibility (*ethos*) of the contemporary Portuguese magazine *Nova Águia*, lexically demarcated in homage to the Portuguese cultural magazine of the 20th century, *A Águia*. *Nova Águia: Revista de Cultura para o Século XXI* (Culture Magazine for the 21st Century), published biannually by Zéfiro Publishing, was developed to honor *A Águia* (1910–1932), which played a central role in the Portuguese cultural and intellectual scene, with contributions from figures such as Fernando Pessoa and Teixeira de Pascoaes. Since its inception in 2008, *Nova Águia* has sought to revitalize the ideals of cultural nationalism and Lusophone reflection, engaging with the cultural and philosophical traditions of the past. Onomastic analysis is employed here to investigate the implications of the coronim *Nova Águia* as an element of cultural continuity and transformation. A rhetorical approach focusing on *ethos* will be conducted, considering how the magazine's name adds credibility to the contemporary project, symbolically linking it to the elevated ideals of the eagle as a symbol of spiritual elevation, nationalism, and cultural rebirth. The choice of the name *Nova Águia* is not random; it carries the weight of Portuguese tradition and history, invoking a pre-constructed *ethos* that reinforces the authority and legitimacy of the editorial project. Investigating this

phenomenon is essential to understanding the relevance of onomastic elements in the construction of *ethos* in contemporary cultural projects. The analysis suggests that the coronim *Nova Águia* functions as a mechanism for adding credibility to the editorial project, while proposing a new perspective on the continuation of Lusophone cultural ideals. The magazine not only honors its predecessor but also positions itself as a contemporary channel for cultural reflection and dissemination within the Lusophone context, using inherited *ethos* to legitimize its cultural and philosophical propositions.

Keywords: Coronim. *Ethos*. *Nova Águia*.

Considerações Iniciais

A retórica, desde a antiguidade clássica, é compreendida como a arte de persuadir por meio do discurso, estruturando argumentos que promovem a credibilidade e convencem o público. Dentro dessa tradição, o *ethos* representa a construção de uma imagem de confiabilidade, integridade e autoridade do orador ou da entidade que se projeta, sendo um elemento essencial para garantir a eficácia do discurso. O *ethos* não é apenas uma construção imagética de atributos pessoais, mas uma representação estratégica que considera o contexto e as expectativas da audiência, atribuindo ao discurso uma qualidade persuasiva intrínseca. Nesse contexto, um coroniônimo – nome criado para uma marca ou projeto com referência a um termo familiar e carregado de significado – atua como uma estratégia de construção de *ethos*. Ao evocar valores, tradições e referências culturais por meio de um nome, o coroniônimo estabelece um elo simbólico que agrega credibilidade ao projeto, fundamentando-se em uma herança cultural ou histórica reconhecida pelo público.

Este artigo propõe uma análise onomástica e retórica do coroniônimo *Nova Águia* e sua função na construção de *ethos* para a revista contemporânea portuguesa. A partir do diálogo entre os estudos da Onomástica – ciência que investiga os nomes próprios – e a Retórica, buscamos explorar como a escolha desse nome, que homenageia a revista cultural do século XX *A Águia*, contribui para a

credibilidade e continuidade do legado cultural português. O objetivo deste estudo é examinar como o coroniônimo *Nova Águia* não só remete à tradição cultural lusófona, mas também reforça a autoridade e legitimidade da revista contemporânea no contexto da lusofonia. Ao explorar a relação entre o nome e o *ethos* projetado, pretende-se desvendar os elementos linguísticos e simbólicos que sustentam essa construção identitária.

A revista *A Águia* publicada no século XX, desempenhou um papel central na promoção de uma identidade cultural e filosófica portuguesa, servindo como um símbolo de renascimento nacional e expressão do pensamento lusófono (Amaro, 2018). Já a *Nova Águia*, criada no século XXI, revive e homenageia essa tradição, utilizando o *ethos* herdado de *A Águia* para se posicionar como veículo contemporâneo de reflexão cultural (Zéfiro, 2020). Essa ligação onomástica evidencia a tentativa de continuidade e inovação cultural, projetando valores e ideais do passado para o presente e o futuro.

A escolha de um coroniônimo que faz referência a um passado cultural carregado de simbolismo revela a intenção da *Nova Águia* de se apropriar do *ethos* da revista predecessora para fortalecer sua própria identidade. Assim, o estudo contribui para a compreensão de como o uso estratégico de nomes no campo editorial lusófono pode influenciar a recepção e a legitimidade cultural de uma publicação. Para desenvolver esta análise, utilizamos uma abordagem teórica que entrelaça conceitos de Onomástica e Retórica.

Coroniônimo: uma estratégia de construção de *ethos*

Na tradição retórica, o *ethos* constitui uma das principais dimensões para a construção da credibilidade discursiva. De acordo com Amossy (2016), o *ethos* não é apenas uma manifestação do caráter do orador, mas um "processo de construção de uma imagem de si com o intuito de garantir sucesso retórico" (Amossy, 2016, p. 9). Essa perspectiva enxerga o *ethos* como uma estratégia discursiva em que o produtor, ao se apresentar e posicionar no discurso, constrói

uma imagem de confiabilidade e competência que influencia a recepção de sua mensagem. A partir dessa visão, o *ethos* se torna um recurso ativo na comunicação, destinado a alinhar a percepção do público com os valores e propósitos do enunciador. Michel Maingueneau (2016) complementa essa noção ao destacar que o *ethos* está intrinsecamente ligado à enunciação, não se referindo a um ser “extradiscursivo sobre o enunciador,” mas sim ao caráter projetado no discurso (Maingueneau, 2016, p. 70). Esse conceito de *ethos* discursivo é essencial para entender como uma publicação, como a revista *Nova Águia*, pode se valer de sua própria designação, ou coroniônimo, para criar uma presença e uma identidade que dialoguem com seu público de maneira persuasiva.

O coroniônimo, uma nomenclatura que faz referência a outro nome de caráter simbólico ou histórico, agrega camadas de significado ao projeto que o adota, funcionando como uma ferramenta retórica de *ethos*. Segundo Guérios (1973) e Seide (2021), a Onomástica, enquanto disciplina que estuda os nomes próprios, abarca uma variedade de designações, desde os nomes de pessoas (antroponímia) e lugares (toponímia) até os nomes de marcas e projetos, como é o caso de onônimos e coroniônimos. Dick (1990) amplia essa discussão ao sugerir que a designação de nomes inspirados em outros contextos – os chamados corotopônimos – carrega um caráter nostálgico, frequentemente iniciado pela lexia “novo” ou “nova”, que evoca uma continuidade ou reinterpretação de valores e símbolos. Ao utilizar a expressão *Nova Águia* para o título da revista, é mobilizada a memória da revista do século XX *A Águia*, reforçando uma continuidade histórica e uma conexão afetiva com o pensamento cultural e filosófico da época. Essa escolha, portanto, não só celebra o legado de *A Águia*, mas também posiciona a *Nova Águia* como herdeira dessa tradição, articulando um *ethos* de autoridade e tradição cultural.

A utilização de coroniônimos pode ser compreendida como uma estratégia eficaz de construção de *ethos*, na medida em que o nome incorpora e projeta os atributos e valores de uma referência anterior para o presente. Em seu trabalho sobre o *ethos*, Mosca

(2001) observa que ele “envolve a disposição que os ouvintes conferem aos que falam,” ou seja, o *ethos* é, em grande parte, uma construção relacional que depende da percepção do público (Mosca, 2001, p. 22). Ao optar por um nome que dialoga diretamente com uma tradição cultural, a *Nova Águia* se apoia no *ethos* já consolidado pela revista *A Águia*, buscando transferir para si uma credibilidade que ressoa com os valores e ideais culturais do passado português. O nome, assim, torna-se um recurso retórico que comunica uma identidade e constrói uma ponte entre o *ethos* da antiga revista e a proposta da publicação contemporânea, reforçando uma ideia de continuidade e pertencimento cultural.

Essa construção de *ethos* por meio do coroniônimo se apoia, ainda, na capacidade da linguagem de conferir identidade e promover a afiliação simbólica. Para Laskowski (2010), nomear “é um ato comunicativo que serve a uma função de identidade” (Laskowski, 2010, p. 84), sugerindo que o coroniônimo, ao estabelecer essa função identitária, permite que a *Nova Águia* se posicione como parte de um movimento mais amplo de valorização cultural. Essa articulação entre o *ethos* e o coroniônimo transforma o nome da revista em uma ferramenta, que funciona tanto para agregar credibilidade ao projeto editorial quanto para reforçar sua legitimidade como continuadora dos ideais lusófonos. Dessa forma, o estudo dos coroniônimos, enquanto parte da Onomástica, permite compreender como a escolha do nome da *Nova Águia* opera como um mecanismo de renovação simbólica e posicionamento identitário, enraizando a revista contemporânea em um *ethos* pré-estabelecido que contribui para sua recepção e aceitação pelo público.

Análises e discussões

O coroniônimo *Nova Águia* age não só como um símbolo de continuidade cultural, mas como um mecanismo retórico para agregar credibilidade e alinhamento com ideais lusófonos, aproveitando a herança da revista *A Águia*, que floresceu no início do século XX. A escolha desse nome carrega consigo uma

homenagem ao passado, e uma estratégia para ancorar o *ethos* da nova publicação em uma tradição cultural rica e intelectualmente respeitada, buscando atrair leitores que valorizem a identidade portuguesa e lusófona. Essa estratégia se reflete especialmente no manifesto publicado na primeira edição de *Nova Águia*, em que os editores se comprometem com objetivos que ressoam com as aspirações nacionalistas e culturais da revista predecessora:

- Recriar uma revista e um movimento de transformação das mentalidades e das vidas; - A profunda crise de Portugal e a aspiração a algo de novo; - Morte e refundação de Portugal; - O sentido de Portugal como busca de uma fraterna comunidade humana e vital, alternativa ao esgotamento da civilização dominante; - As virtualidades e o universalismo da comunidade lusófona; - Promover as ideias e valores da cultura portuguesa e lusófona como contributo para um outro paradigma e uma outra globalização; - Uma pátria alternativa mundial; - Libertação de complexos de superioridade e inferioridade; - MIL: Movimento Internacional Lusófono: um movimento cultural cívico e pedagógico na linha da 'Renascença Portuguesa'; - Unir céu e terra: É a Hora! (NOVA ÁGUIA, 1, 1º semestre, 2008, p. 7-13).

No manifesto, observamos uma série de afirmações que revelam a intenção da revista em se posicionar como um movimento de transformação das mentalidades e das vidas. Esse objetivo demonstra uma tentativa de estabelecer um *ethos* que transcende a esfera do entretenimento ou do mero consumo cultural, buscando se firmar como um projeto editorial comprometido com a "refundação de Portugal" e a promoção de uma "fraterna comunidade humana e vital". Tais declarações apontam para um discurso que visa a construir uma imagem de autoridade e responsabilidade, qualidades associadas a um *ethos* elevado e, frequentemente, idealizado. Ao utilizar expressões como "refundação" e "transformação das mentalidades," a revista adota um tom que evoca um projeto quase messiânico, buscando legitimar-se como continuadora de uma missão cultural significativa e alinhada aos ideais de renovação e resistência lusófona.

Essa construção retórica do *ethos* é complexa e calculada, uma vez que mobiliza valores da tradição cultural portuguesa, ao

mesmo tempo em que propõe uma “pátria alternativa mundial” e uma “libertação de complexos de superioridade e inferioridade”. Esses pontos indicam um duplo movimento: por um lado, há um apego à identidade cultural lusófona, e, por outro, uma crítica implícita ao esgotamento das civilizações dominantes e à necessidade de um novo paradigma. Esse posicionamento, que aponta para a resistência cultural, se ancora em um *ethos* herdado, que legitima a revista como herdeira de um pensamento crítico e independente. Assim, o manifesto se estrutura como um discurso de *ethos* coletivo, convocando o leitor a se identificar com um projeto cultural de resistência, em uma época em que os valores da globalização são questionados. Essa retórica promove um *ethos* enraizado em ideais de nacionalismo cultural, mas que se alinha também com um discurso cosmopolita e humanista, ampliando o alcance e o impacto da revista.

Por outro lado, a análise crítica do uso desse coroniônimo como recurso de construção de *ethos* levanta questionamentos quanto à sua efetividade e autenticidade. Ao se apresentar como uma continuidade da tradição de *A Águia, Nova Águia* assume um *ethos* pré-construído que pode, ao mesmo tempo, fortalecer e limitar sua identidade. A revista busca agregar credibilidade ao associar-se à tradição, mas corre o risco de aprisionar-se em um *ethos* idealizado, que talvez não corresponda aos desafios contemporâneos enfrentados pela cultura lusófona.

Considerações Finais

O coroniônimo *Nova Águia* configura-se como uma estratégia eficaz de construção de *ethos*, ao evocar a tradição cultural da revista *A Águia* e, assim, legitimar a continuidade de valores e ideais lusófonos na contemporaneidade. Esse recurso onomástico permite à *Nova Águia* projetar uma identidade enraizada em um *ethos* de credibilidade e elevação cultural, reforçando sua autoridade e legitimidade no cenário editorial português. Contudo, o vínculo com uma tradição tão marcada apresenta o desafio de

adaptar-se aos contextos e às demandas do público atual, em um cenário globalizado e dinâmico. A efetividade dessa construção de *ethos* depende, portanto, da capacidade da revista em atualizar seu discurso, mantendo-se fiel aos valores que o coroniônimo busca perpetuar e ao mesmo tempo dialogando de forma autêntica com as transformações culturais do século XXI.

Referências

- AMARO, L. E. R. A formação do *ethos* português nos periódicos O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro (1878-1915) e A Águia: Órgão da Renascença Portuguesa (1910-1932). 371f. Tese (Doutorado em Letras) Iniversidade Estadual Paulista (UNESP). 2018.
- AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R.(org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2.ed. São Paulo:Contexto, 2016.
- BINI, Renan Paulo Bini. Eu (e nós) proteano: funções retóricas da primeira pessoa do discurso e a construção de *ethos* em dossiês das revistas *Cult* e *Nova Águia*. 360f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2023.
- CAMARGO, Amanda Kristensen de. Entremeios do poder: da autonegação ao nome de urna do pleito municipal de Cascavel e Ponta Grossa (Paraná – BR, 2020). 2022. 350 f. Tese(Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel .
- DASCAL, M. O *ethos* na argumentação: uma abordagem pragma-retórica. AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e antroponímia do Brasil. *Coletânea de Estudos*. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1990b. 224 p.
- LASKOWSKI, K. A. Women's Post-Marital Name Retention and the Communication of Identity. *A Journal of Onomastics*, v. 58, 2010.
- MOSCA, L. L. S. Velhas e Novas Retóricas: Convergências e desdobramentos. In: MOSCA, L. L. S. (org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. 2 ed. Humanitas: São Paulo, 2001. p. 17-54.
- ZÉFIRO. *Revista Nova Águia*. 2020. Disponível em: <https://zefiro.pt/as-nossascolecoes-zefiro-revista-nova-aguia>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NEGACIONISMO E DISCURSO DE PODER: A 'GRIPEZINHA' DE BOLSONARO NA CRISE DE COVID- 19

NEGATIONISM AND POWER DISCOURSE: BOLSONARO'S 'LITTLE FLU' IN THE COVID-19 CRISIS

Alcemar Dionet de Araújo¹
Alexandre Sebastião Ferrari Soares²

Resumo: O presente estudo analisa o pronunciamento oficial do presidente da República, Jair Bolsonaro, transmitido em cadeia nacional de rádio e televisão em 24 de março de 2020, no contexto da pandemia de Covid-19, à luz da Análise do Discurso de orientação francesa (doravante, AD). O trabalho se concentra em compreender como o discurso negacionista se inscreve nas formações discursivas, articulando processos de produção de sentido e relações de poder. Busca-se identificar regularidades discursivas, marcas da memória discursiva e contradições emergentes, considerando a posição-sujeito ocupada por Bolsonaro, interpelada pela ideologia e atravessada pelas condições de produção que afetam seu discurso. Esta pesquisa aborda o discurso político contemporâneo como um espaço privilegiado para observar as contradições inerentes ao funcionamento da linguagem no campo ideológico. A análise fundamenta-se em autores como Pêcheux (1988), Orlandi (1990) e Adorno (2019), enfatizando que o discurso, ao inscrever-se na história e na ideologia, nunca é homogêneo ou transparente. Assim, são examinados os efeitos de sentido gerados pelo discurso presidencial, os quais, neste contexto, operam tanto na construção de uma imagem de autoridade quanto na tentativa de minimizar a gravidade da crise, evidenciando as “falhas” que afetam os rituais discursivos, conforme destacado por Pêcheux (1988). Além de explorar como o negacionismo

¹ Doutorando pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6493019995237368>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9257-4401>. E-mail: alcemar.araujo@unioeste.br.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2323106437650213>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0922-2905>. E-mail: asferraris1901@gmail.com.

reflete dinâmicas de poder e organizar sentidos em tempos de crise, este trabalho investiga como o discurso de Bolsonaro se torna um espaço de articulação de estratégias discursivas. A partir dessa perspectiva, o estudo contribui para a análise do discurso político, destacando efeitos de sentido das narrativas mobilizadas durante uma pandemia. Ao tensionar a relação entre linguagem, poder e ideologia, este trabalho se propõe como uma ferramenta para reflexão sobre os mecanismos de organização e disputa de sentidos no cenário político contemporâneo.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Discurso Político. Efeitos de sentido.

Abstract: This study analyzes the official statement by the President of the Republic, Jair Bolsonaro, broadcast nationwide on radio and television on March 24, 2020, in the context of the Covid-19 pandemic, through the lens of French Discourse Analysis (hereafter, DA). The research focuses on understanding how denialist discourse is inscribed in discursive formations, articulating processes of meaning production and power relations. It seeks to identify discursive regularities, markers of discursive memory, and emerging contradictions, considering the subject-position occupied by Bolsonaro, interpellated by ideology and shaped by the conditions of production that affect his discourse. This research approaches contemporary political discourse as a privileged space for observing the contradictions inherent in the functioning of language within the ideological field. The analysis draws on scholars such as Pêcheux (1988), Orlandi (1990), and Adorno (2019), emphasizing that discourse, as it is inscribed in history and ideology, is never homogeneous or transparent. Accordingly, the study examines the effects of meaning generated by the presidential discourse, which, in this context, operate both in constructing an image of authority and in attempting to downplay the severity of the crisis, highlighting the “failures” that permeate discursive rituals, as noted by Pêcheux (1988). In addition to exploring how denialism reflects power dynamics and organizes meanings in times of crisis, this work investigates how Bolsonaro’s discourse becomes a space for articulating discursive strategies. From this perspective, the study contributes to the analysis of political discourse, highlighting the effects of meaning generated by narratives mobilized during a pandemic. By addressing the relationship between language, power, and ideology, this work positions itself as a tool

for reflecting on the mechanisms of organizing and disputing meanings in the contemporary political landscape.

Keywords: Discourse Analysis. Political Discourse. Meaning Effects.

Produzindo um efeito-início

Sexta-feira, dia 6 de março de 2020. O relógio marcava vinte horas e trinta minutos. Todas as emissoras de rádio e televisão do Brasil ecoavam a mesma voz: o mundo enfrentaria um grande desafio. Surgia um vírus novo contra o qual não havia recursos e conhecimento suficientes. Os casos iniciaram na China, mas o vírus já estava presente em todos os continentes [...]. No Brasil, esse foi o tom do primeiro pronunciamento oficial do então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, sobre o novo Coronavírus (Covid-19). Na ocasião, contabilizavam-se 13 casos confirmados, sendo 10 no estado de São Paulo e os demais nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, além de 768 ocorrências suspeitas da doença.

Em suas primeiras declarações, o chefe de Estado brasileiro enfatizou que a “melhor maneira de evitar o problema é não entrar em pânico e seguir as orientações dos órgãos de saúde”. Durante os meses de pandemia na gestão do presidente Jair Bolsonaro, o Brasil se deparou com ações que, por diversas vezes, não eram recomendadas por epidemiologistas, virologistas, infectologistas, entre outros, negando a gravidade do vírus.

Nos debruçamos a analisar o pronunciamento oficial proferido pelo presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, no dia 24 de abril de 2020. A abordagem adotada fundamenta-se nos princípios da Análise de Discurso de orientação francesa (doravante, AD). O objetivo é compreender as regularidades discursivas que se fazem presentes nos pronunciamentos do presidente. Este enfoque será especialmente direcionado ao contexto da pandemia do novo Coronavírus, considerando as transmissões nacionais de rádio e televisão como o cenário “privilegiado” para a disseminação desses dizeres.

De acordo com a teoria à qual nos filiamos, o político é a divisão do sentido, uma divisão que considera a posição que o sujeito sustenta em seu discurso, uma posição histórica, ideológica e social. Entende-se que este trabalho poderá ser um espaço de discussão, reflexão e ressignificação de conceitos a respeito do discurso político oriundo de um sujeito que se encontra na gênese do dizer que, em algum momento falha, construindo novos efeitos de sentido, pois “não há ritual sem falhas” (Pêcheux, 1988).

Trabalharemos com o conceito de formação discursiva (de agora em diante, FD). Para Pêcheux (1988), a FD é o espaço onde os sentidos se organizam e se estabilizam temporariamente, orientados por posições ideológicas. Assim, o sujeito – no caso, o presidente Jair Bolsonaro – não fala a partir de uma posição neutra, mas dentro de uma formação discursiva que mobiliza determinados sentidos ideológicos, ao mesmo tempo em que oculta outros. Essa construção teórica permitirá analisar como, nos pronunciamentos oficiais, o sujeito político organiza as relações de poder e de resistência, negociando sentidos que são repletos de contradições.

O artigo também explora o conceito de contradição, que, segundo Pêcheux (1988), não é apenas um conflito superficial entre dois elementos, mas uma tensão estrutural que constitui todo o discurso. A contradição é constitutiva da própria produção de sentidos e determina as disputas ideológicas que estão sempre em jogo. Nesse sentido, o discurso político contemporâneo, especialmente, em momentos de crise, como a pandemia de Covid-19, torna-se uma arena privilegiada para observar essas contradições em ação, conforme reforça Adorno (2019), ao argumentar que a contradição é irreduzível e um motor da história, sendo constantemente reconfigurada pelas condições materiais e históricas.

Por fim, o estudo aborda os efeitos de sentido, conceito trabalhado por Orlandi (1990), que explora como os enunciados produzem efeitos diversos conforme as condições de produção e recepção. No contexto dos pronunciamentos oficiais, os efeitos de sentido são construídos de maneira a gerar confiança, autoridade ou, em outros casos, minimizar a gravidade da crise. Esses efeitos não

são aleatórios, mas estão profundamente conectados às formações discursivas e à posição de poder ocupada pelo sujeito enunciador.

“O que tínhamos que conter era o pânico, a histeria”

No terceiro pronunciamento oficial, realizado em 24 de março de 2020, o presidente Jair Bolsonaro disse que:

SD1: Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, em uma operação coordenada pelos ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, surgiu para nós um **sinal amarelo**. Começamos a nos preparar para enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. O doutor Henrique **Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS** para atendimento de possíveis vítimas. Mas, o que tínhamos que **conter naquele momento era o pânico, a histeria**. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e **evitar o desemprego em massa**. Assim fizemos, contra tudo e contra todos [...]. (Pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro, proferido no dia 24 de março de 2020 – negritos nossos).

Embora haja um elogio evidente ao Ministro da Saúde, a SD1 enuncia o ponto central de desacordo entre o presidente e o ministro nos dias subsequentes: as estratégias potenciais para “evitar o desemprego em massa”.

Os efeitos de sentido presentes na discursividade que enfatiza a necessidade de “evitar o desemprego em massa” materializa a priorização da economia, mesmo contrariando as diretrizes da OMS para conter a pandemia. Esses discursos operam destacando a urgência na preservação das atividades econômicas, em detrimento da saúde pública. Embora o discurso de evitar causar pânico na população seja mobilizado, os sentidos presentes nos discursos de Bolsonaro indicam uma preocupação desproporcional com os impactos econômicos da pandemia sobre o país.

A SD1 se concentra, de fato, na manutenção dos empregos. Bolsonaro diz que a) “os empregos devem ser mantidos”; b) que é necessário “preservar o sustento das famílias”; e, c) insta as autoridades estaduais e municipais a abandonarem a ideia de

“fechamento do comércio”. Assim, a principal preocupação de Bolsonaro com a economia o leva a contestar a prática do isolamento social, amplamente reconhecida internacionalmente como a principal medida profilática de combate à Covid-19.

Na SD1 vemos que, ao tratar o medo generalizado como histeria, o sujeito-presidente desvia a atenção dos efeitos reais da Covid-19, o que Maliska (2017) identifica como uma característica do ato perverso: a negação do sintoma. Em vez de abordar o problema de saúde pública com seriedade, ele provoca angústia ao descrever um enfrentamento que se dá “contra tudo e contra todos”, o que sugere uma guerra subjetiva contra inimigos invisíveis (a imprensa, o pânico, a histeria), mas não contra o vírus em si. Essa inversão gera insegurança e desconforto em quem o ouve, pois nega o fato concreto e transforma a resposta à crise em um embate político e moral.

Na SD1, é possível identificar a FD econômica, que expressa a preocupação do governo com a preservação do emprego e a estabilidade econômica. A menção à “estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa” articula a necessidade de balancear as ações de saúde pública com a urgência de evitar um colapso econômico. Essa FD destaca a abordagem do governo como equilibrada, buscando proteger tanto a saúde pública quanto a economia, justificando assim suas ações como sendo de bom senso e responsabilidade.

Na SD1, constatamos que o uso de termos como “resgatou nossos irmãos em Wuhan, China” e “luz amarela” sugerem certo nível de bravata e militarismo na abordagem da pandemia. O uso da denominação “pavor” para descrever o papel da mídia na disseminação do pânico e da histeria fortalece a dicotomia do bem contra o mal e enquadra a mídia como uma fonte de negatividade e perigo. Além disso, o uso da denominação “parabéns” para descrever a mudança no editorial da imprensa sustenta ainda mais a noção de uma mídia tendenciosa e politicamente motivada, ao mesmo tempo em que implica que o próprio Bolsonaro é uma força positiva e unificadora. Essas denominações destacam as maneiras

pelas quais o discurso de Bolsonaro está construindo a realidade da situação de maneira a priorizar sua própria agenda e perspectiva.

Vejamos, a seguir, a próxima SD:

SD2: No meu caso particular, pelo meu **histórico de atleta**, caso fosse contaminado com o vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma **gripezinha ou resfriadinho**, como disse aquele famoso médico daquela famosa televisão (Fragmento do pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro proferido em 24 de março de 2020 – negritos nossos).

Ao iniciar com “no meu caso particular, pelo meu histórico de atleta”, Bolsonaro posiciona-se discursivamente como um sujeito que se destaca do restante da população, legitimando sua fala com base em uma experiência pessoal e singular. Essa escolha provoca um efeito de sentido que reduz a gravidade da pandemia ao nivelar a Covid-19 a uma doença leve, como uma “gripezinha” ou “resfriadinho”. Essa minimização do impacto da doença opera ideologicamente no discurso, na medida em que constrói uma imagem de invulnerabilidade. O presidente, ao se apresentar como fisicamente superior, desloca a percepção do risco da pandemia e seus impactos para um campo individualista, onde a força física torna-se uma medida de resistência ao vírus. Assim, o efeito de sentido reforça a ideia de que o cuidado com a saúde seria uma questão meramente pessoal, desvinculando-se de um contexto coletivo e pandêmico.

O recorte exemplifica o conceito de gozo perverso descrito por Dunker (2020). Ao minimizar a gravidade do vírus para si próprio, utilizando seu “histórico de atleta” como justificativa, Bolsonaro retira a centralidade da dor e da vulnerabilidade do outro, desqualificando o sofrimento potencial de milhões de pessoas. A perversão não se manifesta apenas no conteúdo do discurso, mas também na forma como Bolsonaro exibe e desfruta de sua suposta invulnerabilidade, contrastando-a de maneira insensível com o sofrimento coletivo.

Ele retira prazer discursivo da angústia que provoca no outro, ao sugerir que, para ele, o vírus não é uma ameaça séria. Esse gozo ocorre, conforme Maliska (2017), quando a angústia do outro é

exposta e exacerbada pela negação do perigo real, fazendo com que a fala funcione como uma perversão do sintoma coletivo: enquanto o mundo luta contra a pandemia, ele se coloca como exceção, o que gera desorientação e medo.

Entretanto, ao fazer tal afirmação, Bolsonaro também ativa uma memória discursiva que remete a discursos já presentes na esfera pública, especialmente, aqueles veiculados em meios de comunicação que minimizaram a gravidade da pandemia. Ao mencionar “aquele famoso médico daquela famosa televisão”, o presidente recupera e reinsere no discurso uma voz de autoridade já familiar à sociedade. Essa citação, aparentemente desprezível, é carregada de sentido no campo discursivo, pois convoca uma memória que já circulava nos debates públicos sobre a Covid-19, principalmente, no que se refere à contestação das medidas de precaução. A memória discursiva se articula como uma forma de legitimação de sua própria postura política em relação à pandemia, ancorando-se em discursos de descrédito à ciência que já haviam sido popularizados por figuras da mídia. Essa memória, por sua vez, conecta-se com as práticas de negacionismo científico que vinham sendo amplamente criticadas à época.

Na SD2, é possível observar que o sujeito-presidente se filia a FD negacionista em relação à gravidade da pandemia de Covid-19. Essa FD se articula através da minimização dos riscos da doença, ao comparar a Covid-19 a uma “gripezinha” ou “resfriadinho”. Ao associar a própria saúde e resistência física como fator de proteção suficiente contra a doença, Bolsonaro mobiliza uma FD que valoriza a autonomia individual e a força física pessoal, em detrimento das recomendações científicas e coletivas sobre a gravidade da pandemia e a necessidade de medidas de precaução.

Faz-se necessário ressaltar que os termos “gripezinha” e “resfriadinho”, embora possuam bases semânticas distintas, são tratados metaforicamente como sinônimos no discurso do presidente, devido ao “efeito da determinação do interdiscurso” (Orlandi, 1990, p. 46). Essa determinação age como um

condicionante argumentativo para uma FD reacionária e neoliberal, identificada aqui como bolsonarista-negacionista.

Por contraste, tem-se uma FD que parece adquirir mais relevância na produção de sentidos relacionados à pandemia, centrada na noção de “genocídio”. Essa FD pode ser caracterizada como oposicionista/anti-Bolsonaro.

O lugar discursivo ocupado por cada enunciado estabelece as relações de sentidos que ele produz. As duas FDs identificadas estão sendo construídas nesse contexto sócio-histórico, sob as condições de produção simultâneas ao período de altas taxas de contágio e mortes no Brasil. O cenário político de instabilidade democrática, com repetidas ameaças golpistas de Bolsonaro, constitui elementos fundamentais para uma análise materialista dos enunciados. Desta forma, este artigo busca compreender como as noções de “gripezinha” ou “resfriadinho” sofrem movimentos de significação, inicialmente deslizando no plano discursivo e, posteriormente, sofrendo inversões de sentido.

Efeitos de conclusão

Ao concluir este artigo, faz-se necessário destacar que entre as regularidades identificadas, destaca-se a insistência de Bolsonaro em contrapor a economia à saúde, apresentando o debate sobre a pandemia como uma escolha entre a proteção da vida e a preservação do crescimento econômico. Essa estratégia retórica, reiterada em vários pronunciamentos, imprime uma priorização da economia, mesmo quando o discurso se reveste de uma preocupação aparente com a saúde pública. O apelo constante à “normalidade” e ao retorno ao trabalho, mesmo diante de altos índices de contágio e morte, constitui uma formação discursiva que privilegia o produtivismo capitalista em detrimento da preservação da vida.

A análise permitiu identificar as contradições presentes no discurso bolsonarista. Em diversos momentos, o presidente oscilou entre a minimização da gravidade do vírus, referindo-se à

pandemia como uma “gripezinha”, e o reconhecimento de que o Brasil enfrentava “o maior desafio de nossa geração”. Essa alternância indica uma tentativa de adaptar seu discurso às pressões internas e externas, sem, no entanto, articular uma resposta coerente à crise. A contradição é ainda mais evidente na justaposição entre a necessidade de proteger vidas e a insistência de que as medidas de isolamento social eram economicamente desastrosas, apontando para um conflito fundamental entre os objetivos sanitários e econômicos do governo.

O negacionismo permeou as estratégias do presidente no enfrentamento da Covid-19. A minimização do vírus, com a famosa declaração de que a pandemia não passava de uma “gripezinha”, aliada ao ceticismo em relação à eficácia das vacinas, evidenciou um padrão de descompromisso com a saúde pública. Bolsonaro atrasou a compra de vacinas, subestimou a gravidade do vírus e questionou a ciência em um momento em que o mundo buscava soluções urgentes para conter a pandemia. Esse comportamento não só retardou a resposta brasileira à crise, mas também fortaleceu movimentos antivacina, que continuam a representar uma ameaça à saúde coletiva.

Referências

- ADORNO, G. Contradição. In: MARIANI, Bethania (org.). **Enciclopédia Virtual de Análise do Discurso e áreas afins (Encidis)**. Niterói: UFF, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OZ_HBfrQiSY. Acesso em: 10 abr. 2024.
- DUNKER, C. I. L. **Prefácio à edição brasileira**. In: ZIZEK, S. Covid-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Boitempo, 2020. Versão Online: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em 14 set. 2024.
- MALISKA, M. E. *Gozo(s): Do sintoma ao sinthome*. Campinas, Pontes, 2017.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, [1975]1988.

FILÓSOFAS: DISCURSO SOBRE MULHERES

PHILOSOPHERS: DISCOURSE ABOUT WOMEN

Anna Deyse Rafaela Peinhopf¹

Dantielli Assumpção Garcia²

Resumo: Este texto é um recorte do trabalho desenvolvido no doutorado. Para explicar a escolha da temática e identificar a tese que entrelaça nossa pesquisa, a saber, como as filósofas falam sobre as mulheres e sobre si, elaboramos o panorama geral de dizeres sobre estas a partir da noção de *presença-ausência* delas na História da Filosofia, de modo que vejamos a idealização destas enquanto objeto conforme foram discursivizadas. Na História que nos foi contada hegemonicamente, há uma ausência das posições outras que as mulheres poderiam ocupar que não a de mãe, esposa, filha, irmã, por exemplo, atrelada a presença do que se acreditava, e se discursivizava, ser a “mulher”. Em outras palavras, representou-se discursivamente na História as mulheres, para tentar controlar o sentido de existência que estas teriam, delimitando o lugar e as posições que poderiam e deveriam ocupar, pressentindo no duplo batimento de ausente-presente o efeito de sentido que é ser mulher. Descrevendo nosso percurso analítico, nossa problematização é voltada para uma formação imaginária de mulheres a partir da escrita de filósofas sobre si e sobre outras, isto é, para o discurso de filósofas que ao escreverem sobre mulheres também falam de si. Como objetivo geral, queremos analisar o objeto discursivo que expõe dizeres sobre mulheres na escrita de filósofas, considerando determinados efeitos de sentidos produzidos. Para isso, propomos, como objetivos específicos, *recobrar* os efeitos da institucionalização do silenciamento das filósofas na história da Filosofia e *retomar, visitar*, uma formação imaginária de mulheres materializada nos dizeres de filósofos idealistas; *analisar* a formação imaginária a respeito de mulheres a partir do objeto discursivo advindo de recortes de

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2810673959911951>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8830-0416>. E-mail: annapenhopf@hotmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4595437339696603>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8834-2253>. E-mail: dantielligarcia@gmail.com.

textos de filósofas e seus possíveis efeitos de sentidos; e *contemplar* o contexto de produção histórico-filosófico de tais materialidades discursivas. Assim, no decurso deste trabalho, inicialmente *tateamos* pelas definições de conceitos da Análise de Discurso pecheuxiana fundamentais para nossa análise. Depois, *recobramos* a posição discursiva de filósofos, retomando a discussão sobre uma formação imaginária de mulheres materializada nos dizeres de pensadores ao longo do desenvolvimento da Filosofia Idealista, que compõe uma memória, dizeres sobre o que seria a *mulher*. Nesse ponto, consideramos uma formação discursiva hegemônica da filosofia, isto é, os já-ditos dominantes institucionalizados na História da Filosofia, memórias que já-contam sobre as mulheres, por meio de materialidades discursivas que constituem um imaginário sobre estas, em textos via de regra produzidos por homens. Na sequência, analisamos, observamos e investigamos possíveis efeitos de sentido de uma formação imaginária de mulheres discursivizada a partir dos textos das filósofas que compõem nosso *corpus*. Se considerarmos que as palavras mudam de sentido conforme as posições ocupadas por aqueles que dizem então temos que as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva a outra. Vejamos, assim, se, quando filósofas escrevem sobre mulheres e falam de si, o significante *mulher(es)* muda de sentido, isto é, se quando esta(s) é(são) falada(s) por filósofas, em detrimento de quando é(são) falada(s) por filósofos, há circulação de novas formações imaginárias e efeitos de sentidos outros.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Filósofas. História da Filosofia.

Abstract: This text is an excerpt from the work developed in the doctorate. To explain the choice of theme and identify the thesis that intertwines our research, that is, how philosophers talk about women and themselves, we elaborate the general panorama of sayings about them based on the notion of their presence-absence in the History of Philosophy, so that we see the idealization of these as objects as they were discursivized. In the History that was told to us hegemonically, there is an absence of other positions that women could occupy than that of mother, wife, daughter, sister, for example, linked to the presence of what was believed, and was discursivized, to be the “woman”. In other words, women were discursively represented in History, to try to control the meaning of

existence they would have, delimiting the place and positions they could and should occupy, sensing in the double beat of absent-present the effect of meaning that is to be a woman. Describing our analytical path, our problematization is focused on an imaginary formation of women based on the writing of philosophers about themselves and others, that is, to the discourse of philosophers who, when writing about women, also talk about themselves. As a general objective, we want to analyze the discursive object that exposes sayings about women in the writing of philosophers, considering certain effects of meanings produced. To this end, we propose, as specific objectives, to recover the effects of the institutionalization of the silencing of female philosophers in the history of Philosophy and to resume, revisit, an imaginary formation of women materialized in the words of idealist philosophers; analyze the imaginary formation regarding women based on the discursive object arising from excerpts from texts by philosophers and their possible effects of meaning; and contemplate the historical-philosophical production context of such discursive materialities. Thus, in the course of this work, we initially fumbled for the definitions of concepts from Pecheuxian Discourse Analysis that are fundamental to our analysis. Afterwards, we recover the discursive position of philosophers, resuming the discussion about an imaginary formation of women materialized in the words of thinkers throughout the development of Idealist Philosophy, which makes up a memory, sayings about what a woman would be. At this point, we consider a hegemonic discursive formation of philosophy, that is, the dominant already-said institutionalized in the History of Philosophy, memories that already-tell about women, through discursive materialities that constitute an imaginary about them, in texts via rule produced by men. Next, we analyze, observe and investigate possible effects of meaning of an imaginary formation of women discursivized based on the texts of the philosophers that make up our corpus. If we consider that words change meaning according to the positions occupied by those who say them, then we have that words “change meaning” when passing from one discursive formation to another. Let us see, therefore, if, when philosophers write about women and talk about themselves, the signifier woman(women) changes its meaning, that is, if when they are spoken about by philosophers, to the detriment of when is(are) spoken by philosophers, there is a circulation of new imaginary formations and effects of other meanings.

Keywords/palavras clave: Discourse Analysis. Women Philosophers. History of Philosophy.

Introdução

Mas, na verdade, quais são os limites da filosofia? E de que serve esse discurso, especializado em nada e que se ocupa de tudo, senão justamente para questionar de novo as verdades aceitas e analisar todos os sistemas de pensamento? (Badinter, 1985, p.10).

Ser mulher é estar na linguagem; existir, mas a partir de uma posição, tornando-se, para aquelas/aqueles que delas dizem, um efeito que não é uno e sim múltiplo. Ou, como afirmam Haroche, Pêcheux e Henry ([1971] 2020, p. 34), “[...] as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que a empregam”. Para ilustrar nosso percurso teórico, compreendemos que a justificativa em realizarmos essa pesquisa surge da necessidade de considerar e analisar os dizeres das filósofas na História da Filosofia, o que estas pensaram sobre os já-ditos que constituíram desde-sempre sentidos acerca das *mulheres* e em quais espaços suas ponderações produziram efeitos de sentidos.

Dito de outra forma, propomos analisar uma discursivização filosófica elaborada por mulheres sobre mulheres e sobre si, isto é, observar o discurso de mulheres sobre mulheres, que ao dizerem sobre estas dizem de si como mulheres, produção que foi predominantemente apagada na História “oficial”.

Assim como os homens, as mulheres são e sempre foram sujeitos e agentes da história. Uma vez que as mulheres são metade e às vezes mais da metade da humanidade, elas sempre compartilharam o mundo e o trabalho tal qual os homens. As mulheres são e foram peças centrais, e não marginais, para a criação da sociedade e a construção da civilização. Também dividiram com os homens a preservação da memória coletiva, que dá forma ao passado, tornando-o tradição cultural, fornece o elo entre gerações e conecta passado e futuro (Lerner, 2019, p. 24).

Afirmamos que as filósofas foram apagadas da História da Filosofia a partir da análise discursiva desenvolvida em nossas pesquisas anteriores. De acordo com o objetivo elaborado em nossa dissertação (Peinhopf, 2020), numa investigação sobre a presença de textos de filósofas em cursos de Graduação em Filosofia, dentre as 90 disciplinas das 15 Universidades Federais verificadas, a saber, disciplinas referentes à História da Filosofia Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, o total de 1.689 textos foram citados como bibliografia básica e complementar, em que 65 são de autoras e 1.624 de autores.

Tais fatos demonstram como, em nosso atual contexto de produção, mas também durante a História do desenvolvimento da civilização humana atravessada pela Filosofia, as mulheres foram desconsideradas, apagadas, silenciadas enquanto produtoras de conhecimento científico-filosófico. E, sobretudo, apontam para um silenciamento epistemológico das materialidades discursivas produzidas pelas filósofas, ou seja, o que estas têm a elaborar sobre as posições, os já-ditos, as memórias e o imaginário que recai sobre os dizeres acerca das mulheres.

Estruturamos nossa tese, assim, buscando analisar o objeto discursivo produzido por filósofas, na medida em que elas analisaram as mulheres e elaboraram dizeres de uma formação imaginária sobre estas, dizendo também de si no percurso. Em outras palavras, investigaremos como as mulheres foram discursivizadas na filosofia, a partir das ponderações de filósofas em seus tratados filosóficos, ao passo que isso cria uma imagem do que seriam as mulheres pela perspectiva de outras mulheres. Assim, a temática desta tese é a contemplação filosófica sobre mulheres, a partir de um objeto discursivo produzido por filósofas, circulando outras formações imaginárias sobre mulheres ao passo que estas falam de outras e de si.

Para tanto, propomos constituir nosso *corpus* a partir de um recorte da história, delimitando nossa busca por pensadoras entre os séculos XII ao XX. Percorremos esse momento histórico por compreender que foi um período de transição entre o “Velho

Mundo” e a “Era Moderna”, de mudança de pensamento e de quebra de determinados paradigmas. Além disso, consideramos que, apesar da passagem dos séculos, há uma repetição no pensamento do que seriam as mulheres e dos lugares que estas deveriam ocupar.

Observamos, então, a análise de recortes do texto de três filósofas, sendo elas Hildegard de Bingen ([1151] 2015), com *Scivias*³, Olympe de Gouges ([1791] 2021), com *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*⁴, e Lou Andreas-Salomé ([1889] 1991; [1910] 2022b), com *A humanidade da mulher, esboço de um problema e O erotismo*⁵. Como nos filiamos a uma postura epistemológica que prioriza os saberes produzidos por mulheres, outras obras de pensadoras também serão usadas na teorização e nas análises.

Consideramos que nossa pesquisa poderá contribuir com o tema, já que, utilizando-nos do aporte teórico-metodológico-analítico da Análise de Discurso pecheuxtiana, investigamos o pensamento de filósofas sobre a condição das mulheres no período histórico selecionado. Como hipótese, observamos que o trabalho das pensadoras para falar sobre si e sobre mulheres podem gerar efeitos de sentidos outros, que produzem ressonâncias históricas e contribuem para mudanças na forma como as mulheres eram e são vistas, isto é, põem em circulação outras formações imaginárias e outros efeitos de sentidos sobre as mulheres. Analisamos essa temática por meio dos discursos, dos ditos e não-ditos, das condições de produção históricas, de uma memória sobre as mulheres, e dos possíveis efeitos de sentidos que surgiram a partir do pensamento das filósofas, em contraponto com dizeres de filósofos para ilustrar a passagem de uma formação discursiva para outra, de uma formação imaginária para outra, de um efeito de sentidos para outro(s).

3 Scivias foi originalmente escrito no século XII, entre os anos de 1141 a 1151.

4 Declaração publicada no século XVIII, em 1791.

5 Em seu original, do século XIX, *A humanidade da mulher, esboço de um problema* foi publicado em 1899 e, no século XX, *O Erotismo*, foi publicado em 1910.

Descrevendo nosso percurso analítico, nossa problematização é voltada para uma formação imaginária de mulheres a partir da escrita de filósofas sobre si e sobre outras, isto é, para o discurso de filósofas que ao escreverem sobre mulheres também falam de si. Como objetivo geral, queremos analisar o objeto discursivo que expõe dizeres sobre mulheres na escrita de filósofas, considerando determinados efeitos de sentidos produzidos. Para isso, propomos, como objetivos específicos, *recobrar* os efeitos da institucionalização do silenciamento das filósofas na história da Filosofia e *retomar, revisar*, uma formação imaginária de mulheres materializada nos dizeres de filósofos idealistas; *analisar* a formação imaginária a respeito de mulheres a partir do objeto discursivo advindo de recortes de textos de filósofas e seus possíveis efeitos de sentidos; *contemplar* o contexto de produção histórico-filosófico de tais materialidades discursivas; e *investigar* em quais espaços esses dizeres produziram ponderações.

Em outras palavras, queremos analisar, a partir dos textos das filósofas que constituem nosso *corpus*, *quem* foram as mulheres que escreveram e em que lugar sócio-histórico seus escritos encontraram espaço para significação; *como* a teoria filosófica em textos produzidos por mulheres materializa dizeres sobre mulheres; em *qual* contexto de produção tais ponderações aconteceram; *quais* são os possíveis efeitos de sentidos dessas elaborações das filósofas sobre as mulheres; e *se* os ensaios filosóficos destas apontam para uma tentativa de delimitar o que seriam as mulheres ou *se*, ao falarem sobre estas, dedicaram-se a ponderar sobre suas condições de existência, isto é, sobre as posições e os espaços que as mulheres poderiam/deveriam ocupar, bem como a falta de direitos destas na sociedade, nas esferas privada e pública.

Assim, no decurso deste trabalho, e considerando nossos objetivos específicos, inicialmente *tateamos* pelas definições de conceitos da Análise de Discurso pecheuxtiana fundamentais para nossa análise. Depois, *recobramos* a posição discursiva de filósofos, retomando a discussão sobre uma formação imaginária de

mulheres materializada nos dizeres de pensadores ao longo do desenvolvimento da Filosofia Idealista, que compõe uma memória, dizeres sobre o que seria a *mulher*. Nesse ponto, consideramos uma formação discursiva hegemônica da filosofia, isto é, os já-ditos dominantes institucionalizados na História da Filosofia, memórias que já-contam sobre as mulheres, por meio de materialidades discursivas que constituem um imaginário sobre estas, em textos via de regra produzidos por homens. Na sequência, analisamos, observamos e investigamos possíveis efeitos de sentido de uma formação imaginária de mulheres discursivizada a partir dos textos das filósofas que compõem nosso *corpus*.

Por isso, no segundo capítulo, apresentamos, dando a *(Re)conhecer*, nossa base teórico-metodológica-analítica, que é fundamentada na Análise de Discurso pecheuxtiana, com determinados conceitos principais para desenvolver esta tese, tais como sujeito, memória, já-dito, formação discursiva, formação ideológica, formação imaginária, entre outros. Porém, revisitaremos ou (re)apresentaremos estes e outros conceitos ao longo do nosso percurso de pesquisa, considerando que essa proposta teórico-metodológica se constrói no batimento teoria-*corpus*.

Em *Recobrar*, terceiro capítulo, retomaremos determinados efeitos de sentidos da institucionalização do silenciamento das filósofas na História da Filosofia. Para isso, apresentaremos trechos de textos de filósofos, reavendo uma formação imaginária de mulheres materializadas nos dizeres de pensadores Idealistas, *recobrando* destes a formação discursiva a que sujeitos na posição-filósofos idealistas se filiam.

Para trabalhar nos objetivos de *observar* a(s) formação(ões) imaginária(s) sobre as mulheres a partir do objeto discursivo advindo de recortes de textos de filósofas; de *ponderar* sobre possíveis efeitos de sentido dos textos dos dizeres das filósofas sobre mulheres e sobre si; de *considerar* o contexto de produção histórico-filosófico de tais efeitos de sentido; de *analisar* o objeto discursivo acerca dos direitos e dos deveres das mulheres a partir da escrita de filósofas; e de *observar* em quais espaços esses dizeres

ressoaram e produziram reflexões, distribuiremos nossa análise em capítulos a partir da produção teórica de filósofas.

Assim, dividimos a análise de nosso *corpus* em três seções. Em *Aproximar*, quarto capítulo, observamos recortes da obra *Scivias*, de Hildegarda de Bingen ([1151] 2015), na qual a filósofa materializa dizeres sobre as mulheres a partir de um texto produzido dentro do Aparelho Ideológico Religioso. Em *Resistir*, quinto capítulo, ponderamos sobre a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, contemplação de Olympe de Gouges ([1791] 2021) sobre a falta de igualdade social e jurídica entre mulheres e homens. E em *Entrelaçar*, sexto capítulo, analisamos como as investigações de Andreas-Salomé ([1889] 1991; [1910] 2022b), considerando recortes de *A humanidade da mulher, esboço de um problema* e *O erotismo*, contribuem para pensar sobre gênero, acerca dos lugares sociais e das posições que mulheres e homens assumiram historicamente.

Por fim, em *Persistir*, sétimo capítulo, elaboramos conclusões aos propósitos iniciais da investigação que desenvolvemos, persistindo na tese de que há furo nos dizeres, falhas no ritual da linguagem, em uma formação discursiva da filosofia e em formações imaginárias sobre as mulheres, uma vez observamos que esse significante tem outros efeitos de sentido quando dito por filósofas ao invés de filósofos. Retomamos a problemática inicial de nossa pesquisa, e a hipótese de que no objeto discursivo dos dizeres das filósofas sobre as mulheres surgem efeitos de sentidos outros.

Buscamos, enfim, apresentar o desenvolvimento de nossos objetivos a fim de trabalhar com a ideia de que pensar sobre as filósofas é, também, considerar as mulheres como sujeitos na História, pois ao assumir a posição sujeito-filósofa, mulheres escrevem, pensam, ponderam e ocupam lugar na filosofia, na ciência e na produção de conhecimento. Queremos, assim, bordear pela tecitura de uma presença-ausência de mulheres na Filosofia.

Referências

- ANDREAS-SALOMÉ, Lou [1899]. A humanidade da mulher, esboço de um problema. *In*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente: O Século XIX**. Porto: Afrontamento, 1991. Vol. 4. p. 610-612.
- ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **Sobre o tipo feminino e outros textos**. São Paulo: Blucher, 2022a.
- ANDREAS-SALOMÉ, Lou [1910]. O Erotismo. *In*: ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **Sobre o tipo feminino e outros textos**. São Paulo: Blucher, 2022b. p. 59-130.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BINGEN, Hildegarda de [1151]. *Scivias: conhece os caminhos do senhor*. São Paulo: Paulus, 2015.
- GOUGES, Olympe de [1791]. **Declaração dos direitos da Mulher e da Cidadã**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2021. Disponível em: https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/40672/declaracao_direitos_gouges.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 mai. 2024.
- HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul [1971]. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. *In*: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João, 2020. p. 17-39.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- PEINHOPF, Anna Deyse Rafaela. **Mulheres Filósofas: um silêncio institucionalizado**. 2020. 216 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4706>. Acesso em: 25 nov. 2020.

**ABORDAGEM COMUNICATIVA, LETRAMENTO
CRÍTICO, SOMEWHERE IN BETWEEN: PERCEPÇÕES
SOBRE O PROCESSO DE REFLEXIVIDADE DE
PROFESSORES DE INGLÊS EM FORMAÇÃO
CONTINUADA**

**COMMUNICATIVE APPROACH, CRITICAL LITERACY,
SOMEWHERE IN BETWEEN: PERCEPTIONS ABOUT THE
REFLEXIVITY PROCESS OF ENGLISH TEACHERS IN
CONTINUING EDUCATION**

Lediane Manfê de Souza¹
Carmen Teresinha Baumgärtner²

Resumo: A presente discussão é um recorte de uma pesquisa de doutoramento qualitativa, de perspectiva etnográfica, intitulada “Mas daí você trabalha também o ‘I like’, o ‘I don’t like?’: ensino crítico de inglês e ressignificação de conhecimentos locais em um curso de formação continuada” (Manfê de Souza, 2021) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste, Campus Cascavel. À luz das teorias culturais, foram investigadas reações de professoras e professores de língua inglesa da Educação Básica às problematizações de um curso de extensão orientado pelo letramento crítico, ofertado por uma instituição de ensino técnico e tecnológico da região centro-sul do Paraná. Nesse cenário de reflexividade aconteceram ressignificações de conhecimentos locais (Canagarajah, 2004) frente ao conhecimento global retratado pela presença da academia nas discussões teóricas, bem como pelos papéis desempenhados pela pesquisadora e formadora. O diálogo problematizador (Freire, 2011), postura assumida nas interações do curso, permitiu a interpretação dos acontecimentos a partir da experiência

¹ Doutora pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0991579070520440>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8336-4883>. E-mail: lediane.souza@ifpr.edu.br.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4125351448244478>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2608-2636>. E-mail: carmen.baumgartner@yahoo.com.br.

vivida em momentos de negociação de sentidos relativos ao ensino de inglês sob a ótica pós-colonial, em que a língua é considerada uma construção social, uma invenção que resulta de movimentos políticos, culturais e sociais (Makoni; Pennycook, 2007). Neste recorte, serão discutidos sentidos que emergiram em diferentes momentos do curso em meio às problematizações sobre o ensino crítico de inglês e trouxeram à tona conhecimentos locais permeados por diversas teorias e abordagens, como a Comunicativa, tornando possível o dissenso e a resignificação, interpretados como deslocamentos no processo de reflexividade para um lugar intermediário entre os conhecimentos locais e globais.

Palavras-chave: Formação continuada e reflexividade. Letramento crítico. Conhecimento local.

Abstract: The present discussion is an excerpt from a qualitative doctoral research, from an ethnographic perspective, entitled "But then do you also teach the 'I like', 'I don't like?': critical teaching of English and resignification of local knowledge in a continuing education course" (Manfé de Souza, 2021) presented to the Postgraduation Program in Languages at Unioeste, Cascavel Campus. In the light of cultural theories, the reactions of Elementary Education English language teachers to the problematizations of an extension course guided by critical literacy, offered by a technical and technological education institution located in the south-central region of Paraná, were investigated. In this scenario of reflexivity, there were resignifications of local knowledge (Canagarajah, 2004) in the face of global knowledge portrayed by the presence of academia in theoretical discussions, as well as by the roles played by the researcher and teacher trainer. The problematizing dialogue (Freire, 2011), a posture assumed in the course interactions, allowed the events interpretation based on the experience lived in moments of negotiation of meanings related to the teaching of English from a post-colonial perspective, in which the language is considered a social construction, an invention that results from political, cultural and social movements (Makoni; Pennycook, 2007). In this excerpt, meanings that emerged at different moments of the course during the problematizations about the critical teaching of English and brought to light local knowledge permeated by various theories and approaches, such as Communicative, making dissent and resignification possible, interpreted as displacements

in the process of reflexivity to an intermediate place between local and global knowledge.

Keywords: Continuing education and reflexivity. Critical literacy. Local knowledge.

Palavras iniciais

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de doutoramento qualitativa, na área da Linguística Aplicada, intitulada “Mas daí você trabalha também o ‘I like’, o ‘I don’t like?’: ensino crítico de inglês e ressignificação de conhecimentos locais em um curso de formação continuada” (Manfé de Souza, 2021). No referido estudo, foram investigadas, por meio de lentes etnográficas, reações de professoras e professores de língua inglesa à problematizações em um curso de formação continuada ancorado no letramento crítico como uma pedagogia crítica de viés pós-estruturalista (Jordão, 2017), um espaço para ressignificações do conhecimento local (Canagarajah, 2004).

Diante de tal complexidade, a etnografia foi utilizada como uma teoria cultural, com o cuidado de não reduzi-la ou limitá-la a procedimentos metodológicos, ampliando-a para a interpretação dos acontecimentos como a própria teoria nascida dos dados, do trabalho intelectual do pesquisador e, portanto, interpretativista, “uma representação subjetiva dos fatos e eventos”³⁴(Blommaert; Dong, 2010, p. 64).

O contexto anunciado foi o curso de formação continuada para professores de inglês denominado “Educação linguística, letramento crítico e interculturalidade: expanding horizons in English classes”, ofertado por uma instituição federal de ensino técnico e tecnológico, no segundo semestre de 2018, no qual a pesquisadora e formadora é docente de língua portuguesa e língua

³ Texto original: “Ethnography is an inductive science, that is: it works from empirical evidence towards theory, not the other way around.”

⁴ Todas as traduções do texto são das autoras.

inglesa. Nove professoras e dois professores de inglês da Educação Básica, provenientes de escolas municipais e estaduais localizadas em duas cidades do centro-sul e duas cidades do sudoeste do estado do Paraná, participaram do curso em onze encontros, perfazendo 44 horas.

Buscando promover o diálogo problematizador sob a ótica freireana e, ao mesmo tempo, acessar o conhecimento local (Canagarajah, 2004), os encontros tiveram como ponto de partida leituras prévias sobre temáticas contemporâneas no ensino de língua inglesa. A partir do nono encontro, as professoras e professores iniciaram o planejamento coletivo de aulas com foco no letramento crítico, cada grupo escolheu um tema que julgou pertinente, explorando materiais diversificados, tais quais livros didáticos, pesquisas na internet, materiais de acervo pessoal.

O referido curso de formação continuada pretendeu possibilitar aos professores momentos de aproximação e de distanciamento da realidade de suas práticas pedagógicas em um exercício constante de reflexividade e ressignificação, remetendo aos preceitos de Freire (2011), para quem

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu 'distanciamento' epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela 'aproximá-lo' ao máximo. (Freire, 2011, p. 40, grifos do autor).

Em outras palavras, Rajagopalan (2014, p.164) enfatiza que quando as teorias globais não se preocupam com as especificidades locais, “pouco ou nada contribuem para solucionar problemas encontrados na vida real”, lembrando-nos da necessidade de compreensão desse aspecto no contexto da pesquisa, um curso cuja relação dialógica se deu pelo princípio de horizontalidade (Freire, 1991) em que professores puderam pensar alternativas para suas realidades contingenciais. Assim, voltaremos nosso olhar para as reações de duas professoras diante daquilo que o curso, a priori, se propôs a apresentar: a epistemologia do letramento crítico.

“Essa teoria nova”: o ensino crítico de inglês - código x discurso

No segundo encontro, o debate sobre o texto “O professor de inglês entre a alienação e a emancipação”, de Cox e Assis-Peterson (2001) gerou dissenso sobre o lugar do código linguístico no ensino crítico. Esse conflito, que também diz respeito às concepções de língua das/dos participantes, se fez presente em outros momentos, permitindo desconstruções e ressignificações no processo de reflexividade até o final do curso, reverberando também na composição do título da tese, mencionado no início deste texto.

Faz-se necessário observar as manifestações dos aspectos globais e locais no curso de formação continuada, sendo que a voz da professora formadora era representativa dos aspectos globais, carregada de teorias que sustentavam as discussões propostas, enquanto que a voz das/dos participantes ressoava o conhecimento local em processo de reflexividade. Ao reagirem às provocações iniciais do curso, foi possível acessar conhecimentos locais constitutivos da prática docente, cujas reflexões evidenciam a busca pelo entendimento do trabalho com o código e o discurso em se tratando do letramento crítico.

Logo no início das discussões, a professora Helena⁵ reagiu com preocupação à ideia do ensino crítico de inglês, sendo que o grupo de professores concordou com suas colocações e a professora Lolitta acrescentou argumentos à sua fala. Inicialmente, Helena havia manifestado insegurança em trabalhar com a criticidade em suas aulas porque não se considerava crítica o suficiente, o que desencadeou reflexões sobre o dilema entre o ensino do código linguístico e o lugar da criticidade no ensino de inglês.

Helena: [...] **eu não consigo acreditar muito**, porque eu ainda tenho na minha cabeça que a gente tem que... Para trabalhar nesse sentido de análise do discurso, de formação integral do cidadão, de criticidade, tem que haver o domínio da língua [...]. **Se o aluno dominasse o código da língua, aí sim**,

⁵ Os nomes das professoras são fictícios e foram escolhidos por elas para utilização nesta pesquisa.

você consegue trabalhar melhor essas coisas [...] Antes disso, você entrar em um texto e dizer: agora vamos analisar criticamente? Mas se ele não consegue, **não tem domínio da língua** para entender, para depois criticar? (Excerto de Vinheta Narrativa⁶, E2⁷).

Ainda sobre a importância da decodificação, ao interagir com Helena, a professora Lolitta expõe questionamentos que surgiram durante a leitura prévia do texto de Cox; Assis-Peterson (2001):

Lolitta: Ah, verdade... primeiro tem que decodificar, essa é uma coisa que enquanto eu estava lendo ontem eu fiquei pensando: **“Tá! Como eles vão ter essa criticidade, vão poder fazer inferências, se eles não conseguem entender o que está escrito?”**

Helena: Essa é minha dúvida...

Lolitta: **A decodificação, primeiro, né?** (Excerto de Vinheta Narrativa, E2).

Momentos de negociação de significados são percebidos na experiência vivida no curso de formação continuada, (des)encontros que podem levar à ressignificação de práticas e conhecimentos locais. Dessa forma, ao justificar seus questionamentos sobre o letramento crítico, as falas das professoras são representativas de suas vivências como aprendizes e professoras de língua inglesa.

Helena: Por isso que **eu sempre tive esse pé muito atrás com essa teoria nova porque eu pensava, a teoria comunicativa não é boa, por um lado, mas por outro é boa porque você aprende a decodificar, você aprende aspectos da língua, você estuda a língua como objeto, né?** O objeto de estudo é a língua, na teoria comunicativa, e nessa outra, não... (NC⁸, E2).

⁶ A vinheta narrativa é um texto escrito a partir das impressões do vivido/observado no trabalho de campo, registradas, inicialmente, por meio de notas de campo, que podem ser expandidas retomando impressões rememoradas pelo pesquisador.

⁷ No texto, a palavra “encontro” será representada pela letra “E” seguida pelo seu respectivo número.

⁸ A sigla NC significa “Nota de Campo”.

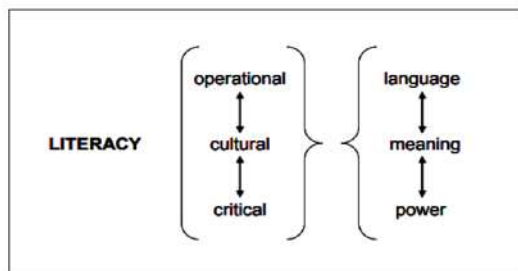
Os questionamentos das professoras, conduzem, para além da percepção da língua enquanto código, à tentativa de compreender que outros conhecimentos locais estavam presentes em suas falas. Ao mesmo tempo em que negociavam sentidos sobre o que viria antes no processo de aprendizado da língua, também entendiam que a decodificação deveria estar em primeiro plano na ordem dos acontecimentos, e, só depois, o desenvolvimento da criticidade. Esse conhecimento local parece estar relacionado ao princípio da linearidade, perceptível nos pressupostos da Abordagem Comunicativa segundo o Modelo de Canale e Swain (1980)⁹, que sugere a provável existência de uma ordem a ser seguida no processo de aprendizado.

Os argumentos sobre a necessidade de se aprender o código linguístico demonstram o processo de reflexividade e criação de sentidos para essa “essa teoria nova”, como Helena se refere às teorias críticas no ensino de línguas. Considerando que estávamos ainda no segundo encontro, introduzindo as problematizações sobre letramento crítico, também é possível relacionar a referência “essa teoria nova” com a proposta do curso de formação continuada.

As indagações da professora Helena quanto ao aprendizado do código preceder o desenvolvimento da criticidade também podem ser interpretadas a partir dos estudos de Lankshear, Snyder e Green (2000) e Green (2002). Esses autores discutem a pedagogia dos letramentos no ensino de línguas com base em diferentes dimensões — o Letramento Tridimensional, que pressupõe que todas as dimensões podem funcionar conjuntamente, interligadas por questões socioculturais: a dimensão operacional (sistema/código), a cultural (significado) e a crítica (poder).

⁹ O “Modelo de competência comunicativa de Canale e Swain” (1980) é composto por quatro componentes principais que representam as habilidades necessárias para a comunicação: 1. Competência Gramatical; 2. Competência Sociolinguística; 3. Competência Discursiva; 4. Competência Estratégica.

Figura 1 – Modelo “3D” de letramento



Fonte: Green (2002, p.30)

Green (2002) reconhece que a representação do modelo pode conduzir à leitura de cima para baixo, mas que o modelo não pretende focar na hierarquia ou gradação, ao contrário, busca mostrar diferentes possibilidades de abordagem em práticas de letramento. O autor também assume ter resistido a começar pela dimensão crítica por razões pedagógicas, de certa forma concordando com os argumentos das professoras Helena e Lolitta:

Eu quis resistir a começar necessariamente pela dimensão crítica, conseqüentemente — em partes por razões pedagógicas. Ao mesmo tempo eu penso que é bastante produtivo começar (de forma programada e, por assim dizer, ‘naturalmente’) pelo que eu chamo de dimensão operacional: o sistema ‘língua’, como tal.¹⁰ (Green, 2002, p. 7).

Mesmo assim, Green (2002, p. 7) afirma que é possível começar de qualquer lugar desde que se levem em conta as três dimensões. Assim, não haveria problema em começar pela dimensão operacional, mas também não há garantias de que ensinando-se primeiro o código (operacional), o aprendizado das outras dimensões (cultural e crítica) aconteceria.

¹⁰ Texto original: “I’ve wanted to resist necessarily starting from the critical dimension, accordingly—partly for practical pedagogic reasons. At the same time I think it’s quite counter-productive to start (programmatically and, as it were, ‘naturally’) from what I call the operational dimension: the ‘language’ system, as such.”

Em vista dessa percepção, no questionamento de Lolitta “como eles vão ter essa criticidade, vão poder fazer inferências, se eles não conseguem entender o que está escrito?” é possível ouvir a voz da professora em seu contexto e perceber aspectos da linearidade do conhecimento, com a qual professores lidam cotidianamente nas escolas incluindo a formação docente, o currículo, as propostas do livro didático.

Considerações finais: *Somewhere in between*

As problematizações do curso possibilitaram múltiplas ressignificações, dentre elas, evidenciamos neste texto, o conflito entre código e discurso, parte do processo de reconceitualização de língua e de conhecimento que a própria pedagogia dos letramentos propõe, o que leva à compreensão da formação continuada como um espaço no qual o processo de reflexividade está em primeiro plano em detrimento do desejo por um produto final e acabado. Em tal concepção, a formação continuada de professores é um processo subjetivo que pode levar à construção de diferentes sentidos e significados. Sob essa ótica, Agar (2019) argumenta que, em um mundo cada vez mais múltiplo e híbrido, todos nós compartilhamos experiências, nos constituindo em [...] “uma mistura e combinação – talvez incompatibilidade – de muitos tipos diferentes de influências sociais, algumas **locais**, algumas **globais**, algumas de algum **lugar intermediário**.”¹¹ (Agar, 2019, p. 85, grifo nosso).

Assim, as percepções da experiência vivida nesta pesquisa mostraram professoras e professores como sujeitos participantes de coletividades sócio-históricas, “histórias corporificadas de ensino e aprendizagem”¹² (Pennycook, 2004, p. 333) que não

¹¹ Texto original: “[...] a mix and match – maybe mismatch – of many different kinds of social influences, some local, some global, some from somewhere in between.”

¹² Texto original: “[...] embodied histories of learning and teaching [...]”.

podem ser apagadas, mas podem ser ressignificadas em seus contextos de atuação.

Referências

- AGAR. Michael. H. **Culture: How to Make It Work in a World of Hybrids**. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2019.
- BLOMMAERT, Jan.; DONG, Jie. **Ethnographic fieldwork: a beginner's guide**. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2010.
- CANAGARAJAH, Suresh. **Reconstructing local knowledge, reconfiguring language studies**. In: CANAGARAJAH, Suresh (Ed.). *Reclaiming the local in language policy and practice*. Mahwah: Erlbaum, 2004. p. 04-12.
- CANALE, M., SWAIN, M. **Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing**. *Applied Linguistics*. Vol. 1, 1: 1-47. 1980.
- COX, Maria Inês P.; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. O professor de inglês: entre a alienação e a emancipação. **Linguagem & Ensino**. Revista do Curso de Mestrado em Letras. Universidade Católica de Pelotas, v. 4, n. 1, p. 11-36, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- GREEN, B. A literacy project of our own? In: **English in Australia**, n. 134, p. 25-32, 2002.
- JORDÃO, Clarissa M. [Entrevista cedida a] Francisco Carlos Fogaça, Denise Hibarino e Denise Kluge. **Revista X**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 187-194, 2017.
- MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. (Eds.) **Desinventing and reconstituting languages**. Clevedon: Multilingual Matters, 2007, p. 1-37.
- MANFÉ DE SOUZA, Lediane. **“Mas daí você trabalha também o ‘I like’, o ‘I don’t like?’ ”: ensino crítico de inglês e ressignificação de conhecimentos locais em um curso de formação continuada**. 2021. 166p. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021. Disponível em: Lediane_Manfé de Souza2021.pdf. Acesso em: 09 de nov. 2024.

PENNYCOOK, A. Critical moments in a TESOL praxicum. In: NORTON, B.; TOOHEY, K. (Eds.). **Critical pedagogies and language learning**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004. p. 327-346.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O professor de Línguas e a suma importância do seu entrosamento na política linguística do seu país. In: CORREA, D. A. (Org.). **Política Linguística e ensino de língua**. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 73-83.

ENTRE AS CONFIDÊNCIAS E AS CONFISSÕES: AMORES HOMOSSEXUAIS EM CARTAS OITOCENTISTAS

BETWEEN CONFIDENCES AND CONFESSIONS: HOMOSEXUAL LOVE IN 19TH-CENTURY LETTERS

Alexandre da Silva Zanella¹

Alexandre Sebastião Ferrari Soares²

Resumo: Neste estudo, temos como objetivo principal analisar cartas escritas no século XIX por escritores e escritoras, nas quais sentidos sobre as homossexualidades são produzidos. Tomando por base teórico-metodológica a Análise de Discurso de orientação franco-brasileira, conforme desenvolvida por Pêcheux ([1975] 2009, [1982] 2010), na França, e Orlandi (2010, 2012), no Brasil, investigaremos de que modos os sentidos epistolares revelam – ao se tornarem públicos – posições de sujeito que escapam às normas dos campos jurídico, médico e religioso da época, os quais condenavam a homossexualidade. Para a análise de discurso de base materialista, dizer implica estar sujeito à ideologia que atravessa o sujeito; desse modo, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, afetados, sempre, pelas condições de produção que se inscrevem no movimento da história. Nosso gesto de análise, portanto, busca nos sentidos que as cartas nos dão a ler as formas de constituição do sujeito homoafetivo, numa tentativa de capturar saberes outros a respeito desses sujeitos pelas formas de dizer que as cartas materializam. Na esteira de Souza (1997), no que tange ao jogo entre público e privado nas cartas – funcionando estas como escrituras do próprio sujeito –, discutiremos como, em uma esfera pública, sentidos de homoafetividade eram censurados ou inviabilizados, enquanto no espaço privado das cartas outros sentidos podiam ser produzidos. Deste modo, buscamos, por meio

¹ Pós-doutorando pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9207684618730302>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0626-8695>. E-mail: aleszanella@gmail.com.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2323106437650213>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0922-2905>. E-mail: asferraris1901@gmail.com.

da análise discursiva, também uma identificação de regularidades nesses discursos e na representação das (homo)sexualidades, especialmente considerando que o sujeito homossexual surge como categoria – ao lado da heterossexualidade – justamente na segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Análise de discurso. Homossexualidades. Cartas oitocentistas.

Abstract: In this study, our primary objective is to analyze 19th-century letters in which discourses on homosexualities are produced. Based on the theoretical-methodological framework of French-Brazilian Discourse Analysis, as developed by Pêcheux ([1975] 2009, [1982] 2010) in France and Orlandi (2010, 2012) in Brazil, we will investigate how epistolary meanings, when made public, reveal subject positions that escape the norms of the legal, medical, and religious fields of the time, which condemned homosexuality. For materialist-based discourse analysis, saying implies being subject to the ideology that permeates the subject; thus, subject and meaning are constituted simultaneously, always influenced by the production conditions inscribed in the movement of history. Our analytical approach, therefore, seeks to uncover, in the meanings that the letters offer, the forms of constitution of the homoaffective subject, attempting to capture alternative understandings of these subjects through the modes of expression materialized in the letters. Following Souza (1997), regarding the interplay between the public and private spheres in letters—functioning as writings of the self—we will discuss how, in a public domain, meanings of homoaffectivity were censored or rendered unfeasible, while in the private space of the letters, other meanings could be produced. In this way, through discourse analysis, we also aim to identify regularities in these discourses and in the representation of (homo)sexualities, especially considering that the homosexual subject emerges as a category—alongside heterosexuality—precisely in the second half of the 19th century.

Keywords: Discourse Analysis. Homosexualities. 19th-century letters.

Para a análise de discurso, dizer significa estar sujeito à história. Desta perspectiva teórica, de base materialista (Pêcheux, Orlandi), a língua é entendida como discurso porque é afetada pelas condições históricas de produção do dizer. Por isso, os sentidos das palavras são sempre determinados por essas condições. Daí que certos sentidos – e não outros – se materializem, configurando pontos de amarração dos significantes com o que eles podem significar de acordo com as condições ideológicas. Ainda que a possibilidade de o sentido vir a ser outro esteja sempre no horizonte.

Nessa compreensão, considera-se, portanto, que há na língua uma espessura histórica que produz sentido e sujeito ao mesmo tempo (Pêcheux, [1975] 2009). Dito de outro modo, o sujeito constitui-se justamente pelo modo como a história, materializada na língua, lhe atravessa e atravessa seu dizer. Disto resulta que o dizer produz efeitos de sentido determinados pelas condições de produção que o possibilitam.

Neste trabalho, investigamos as formas do dizer em cartas privadas – posteriormente tornadas públicas – do século XIX, nas quais se produzem sentidos de homoafetividade. Estamos considerando que, pela história que determina materialmente os efeitos de sentidos, constitui-se também, ao mesmo tempo, o sujeito, já que, de acordo com Orlandi (2010), sujeito, língua e história se constroem mutuamente. Nosso interesse, portanto, está em capturar saberes a respeito das homossexualidades no século XIX por meio do discurso.

As cartas apresentam-se como lugares de escritura do sujeito os quais, consoante Souza (1997), podem ser, no âmbito privado, lugares de confiança e, no âmbito público, lugares de confissão. Esses planos de enunciação do sujeito afluem na própria possibilidade de constituição do sujeito. No que concerne à homoafetividade, esses lugares enunciativos possibilitam dizer de si, de modo que escrever torna-se *escrever-se* e *inscrever-se* como sujeito.

O século XIX é importante do ponto de vista da enunciação a respeito da homossexualidade tendo em vista que é nesse século que a categoria de sujeito homossexual surge. A fundação da denominação “homossexualidade” é atribuída a Westphal, em 1870, como “uma **certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino.**” (*apud* Foucault, [1976] 2015, p. 48, negritos nossos).

Foucault (*ibid.*) afirma que, no século XVIII, irromperam discursos sobre o sexo, movidos pela própria necessidade de regular e controlar as práticas sexuais. Ora, considerando-se que era preciso determinar o que era “adequado”, “normal” em relação ao sexo, era preciso falar dele. Nessa tentativa de controlar o que era dito acerca do sexo, a medicina, a demografia e a moral passaram, então, a funcionar como instituições reguladoras. Nos séculos XIX e XX, por sua vez, Foucault afirma que a regulação se intensificou após a criação de categorias tal como a da homossexualidade. A partir daí, esta passou a ser vista como uma “perversão” fora da norma sexual burguesa; as práticas sexuais passaram a ser classificadas por disciplinas, como a psiquiatria e a justiça penal, com novos mecanismos de controle. Em vista disso, pode-se vislumbrar que é precisamente no século XIX que o homossexual é (re)significado como um sujeito outro, à parte. Ainda com Foucault ([1976] 2015, p. 47-48, negritos nossos):

O homossexual [...] torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. **Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade.**

No entanto, consideramos que há algo que escape: para além dos discursos sobre o/a homossexual, há o que esses sujeitos têm a dizer de si. Sobre esse ponto, as cartas oitocentistas são reveladoras. Pêcheux ([1982] 2010) estabelece que a língua tem uma materialidade histórica; logo, isso faz com que se observe a discursividade no próprio gesto de leitura do arquivo. Desse modo,

analisar cartas do século XIX configura um trabalho que pensa esse arquivo de língua nas formas como ele diz do sujeito, com sua historicidade.

É imperioso destacar que os sujeitos homossexuais comparecem, ao longo dos séculos, como alguém de quem *se falava*. Ou seja, o sujeito homossexual era, via de regra, dito, antes de dizer. Entretanto, ainda que historicamente tenha se sobressaído a condenação e/ou o silêncio no que concerne às homossexualidades, outras fontes de arquivo – tais como a das cartas – lançam luz acerca de outros dizeres. Lejeune diz que, no século XIX, “se o amor é homossexual não se falará nunca dele. **Isso não quer dizer que a homossexualidade não tenha tido sua literatura pessoal, diários íntimos, correspondências.** (apud Souza, 1997, p. 61, negritos nossos).

No material recolhido para análise, destacamos trocas de correspondências oitocentistas cujos efeitos de sentidos de homoafetividade se manifestam.

Antes ainda de passarmos às análises, é importante destacar que, de acordo com Souza (1997), as cartas colocam em cena duas noções: a de privado, como algo da ordem do *confidencial*, e a de público, como algo da ordem do *confessional*. Essas noções operam como planos de enunciação, como modos de “produção de enunciados que tornam possível o ato de referência de si” (*ibid.*, p. 11). Assim podemos compreender a ‘carta’ também como ‘*lettre*’, *i.e.*, como letra (escritura) de si.

Avancemos, portanto, à análise de algumas sequências discursivas (SD). A primeira é retirada de uma carta de Álvares de Azevedo a Luís Antônio da Silva Nunes³, datada de 1º de março de 1850:

SD1: não iras pois a S. Paulo comigo. [...] **era-me o consolo, esperança [...] viver lá contigo.**

Luís, há ahi não sei quê no meu coração que me diz que talvez tudo esteja findo entre nós. Será mentira [...] ou um pressentimento [...] verdadeiro [...]

³ Álvares de Azevedo e Luís Antônio da Silva Nunes conheceram-se no Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro e, anos depois, residiram em São Paulo.

[...] Adeus, **meu Luís**. A beleza do espiritualismo é o amor das almas, essa afinção que as palpita unisonas par a par ainda na separação, ainda quando os sentidos que nos ligam à matéria não taceiam mais o objecto que se ama. Adeus. **Assim como eu te amo, ama-me.** [...]
O teu amigo: Azevedo (AZEVEDO, 1976, p. 146, negritos nossos).

Em SD1, as palavras de Álvares de Azevedo endereçadas a Luís Antônio produzem sentidos de descontentamento. Azevedo se revela aborrecido pela ausência de Luís em sua ida a São Paulo, fato que sugere o fim da relação dos dois.

A confiança amorosa, privada, ocorre de maneira aberta: além do já apontado, sentidos melancólicos pela separação do ser amado se produzem, bem como se nota, no uso dos pronomes possessivos – “meu Luís”, “O teu amigo” –, que Azevedo e Luís estavam envolvidos intimamente. É importante destacar que o uso do termo “amigo” produz efeitos de sentidos para além do significado mais estabilizado contemporaneamente. Compreendemos a presença do termo “amigo” em sua equivocidade: se, por um lado, a moral vigente à época operava pelo silenciamento em relação às relações homossexuais, por outro, “amigo” podia produzir, ainda, o sentido de “amante”, isto é, alguém com quem se tinha uma relação amorosa, sem necessariamente infringir quaisquer normas sociais, caso a carta circulasse indevidamente. De todo modo, pelos efeitos de sentidos globais da SD1, compreendemos tratar-se de uma relação que excede os limites da mera amizade.

Abaixo, lemos SDs de carta trocada entre Walt Whitman e Peter Doyle⁴:

SD2: Brooklyn, NY, sábado à tarde, 21 de agosto de 1869
Querido Pete,

⁴ Peter Doyle era um irlandês naturalizado americano que trabalhava como condutor de bondes (Murray, s/d). Disponível em: <http://www.whitmanarchive.org>. Acesso em: 31 out. 2024.

Tenho estado muito doente nos últimos três dias [...] deixa-me prostrado e demasiadamente fraco [...]. **Tenho pensado em você, meu querido rapaz, a maior parte do tempo.** (Whitman, 1869, tradução nossa, negritos nossos).

SD3: **Querido companheiro, penso em você com muita frequência. Meu amor por você é indestrutível e, desde aquela noite e manhã, voltou mais forte do que antes.** (Whitman, 1869, tradução nossa, negritos nossos).

Nas SDs 2 e 3, Whitman faz declarações amorosas para Peter Doyle. O escritor repete que pensa com frequência em Peter, produzindo um sentido de que, de fato, o rapaz era estimado por Whitman. Esses sentidos que circulam tecem um lugar de confiança, de poder dizer, no espaço íntimo, o quanto se ama e se deseja o outro. Na despedida de Whitman, na mesma carta, lemos, ainda:

SD4: Escreverei de novo em breve... dê lembranças a Johnny Lee, meu querido rapaz. Eu o adoro verdadeiramente – **(deixe-o ler estas três últimas linhas)** – Querido Pete, *lembre-se...*
Walt. (Whitman, 1869, tradução nossa)

Na SD4, o pedido entre parênteses – o de que Peter deixe Johnny Lee ler as “três últimas linhas” – produz o sentido de que, do que Whitman havia escrito anteriormente na correspondência a Peter, tratava-se de algo da ordem da confiança, isto é, do que não deveria extrapolar o seu destinatário. Nessa direção, observamos novamente que o espaço privado das cartas abria um campo de dizer de si mais livre e com caráter de afirmação, no qual sentidos de afeto e amor podiam se colocar. Contudo, pelo que se observa na mesma SD4, não deviam ultrapassar esse lugar.

Em seguida, apresentamos um último grupo de SDs, retirado de carta enviada pela poetisa Emily Dickinson a Susan Gilbert⁵:

SD5: 11 de junho, 1852 - Sexta-feira à tarde:
Só tenho um pensamento, Susie, [...] e é em você, [...] quando olho em volta e me encontro sozinha, suspiro de novo por você [...].

⁵ Susan Gilbert era casada com Austin Dickinson, irmão mais velho de Emily Dickinson.

Preciso de você mais e mais, e o mundo grande se torna mais vasto, e as pessoas queridas cada vez menos, a cada dia em que você está longe... **sinto falta do meu coração maior; o meu vaga por aí, e chama por Susie...** (Dickinson, 1852, tradução nossa, negritos nossos).

Os sentidos produzidos movem-se em torno da ausência da pessoa amada. Dickinson usa figuras poéticas que evidenciam o sentimentalismo romântico: os suspiros, o coração errante atrás da amada... No jogo imaginário, é como se Emily pudesse estar 'completa' somente com a presença de Susie. Tal como vimos na carta de Azevedo a Luís (SD1), esse movimento de presença/ausência do ser amado caracteriza a exaltação do amor romântico. Vemos isso também na próxima SD:

SD6: [...] meu coração está repleto de você, [...] **mas quando eu procuro dizer a você algo que não é para o mundo, as palavras me falham. Se você estivesse aqui... e Ah se você estivesse, minha Susie, não precisaríamos falar nada, nossos olhos sussurrariam por nós, e sua mão presa na minha, não pediríamos linguagem alguma...** eu tento te trazer para mais perto, percorro as semanas que faltam até que elas tenham passado completamente, [...] **e meu coração dispara tanto que dá muito trabalho fazê-lo voltar ao normal e aprender a ser paciente, até que a querida Susie venha. Três semanas...** (Dickinson, 1852, tradução nossa, negritos nossos).

Em SD6, o sentimento romântico eleva-se ainda mais: Susie representa, para Emily, a própria representação do amor, como se a pessoa amada pudesse de fato tamponar a falta sentida. Por ser cunhada de Emily, poderíamos considerar que os sentidos produzidos manifestassem um tipo de amor fraternal. Porém, há uma confidência; há algo a ser dito para Susie que "não é para o mundo". E é precisamente nesse ponto que "as palavras falham". Compreendemos haver aí que o silenciamento do (não) dizer *para o mundo* expõe na carta algo exterior que funciona discursivamente no interior da carta. Nas *palavras que falham* há algo da ordem do impossível de ser dito naquelas condições de produção, porque remetem a uma formação discursiva outra, na qual a homoafetividade é condenada. Portanto, a própria

(im)possibilidade do dizer interliga, no que é dito, algo que diz de uma subjetividade. As palavras fal(h)am! Neste ponto, podemos vislumbrar a formulação de Orlandi (2010) de que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo.

Todavia, ainda que haja interdição do dizer, as palavras de Emily resistem: *os olhos sussurram sem pedir linguagem nenhuma*. Ao fim da carta, Emily conclui:

SD7: Agora, adeus, Susie, [...] e eu adiciono um beijo, timidamente, com receio de que haja alguém aí! Não deixe eles verem, está bem, Susie? (Dickinson, 1852, tradução nossa, negritos nossos).

Orlandi (2012, p. 213) diz que “nos processos discursivos há sempre ‘furos’, falhas, incompletudes, apagamentos e isto nos serve de indícios/vestígios para compreender os pontos de resistência”. Nesse sentido, compreendemos que o ‘beijo tímido’ incluído ao fim da correspondência indica uma nova marca de resistência do sujeito: há o receio de que alguém veja, mas, ainda assim, o desejo comparece. Para além disso, o pedido final para que não se deixe ver a carta é esfacelado quando o texto se torna público, fazendo-se mais uma vez resistência: é importante que não vejam a correspondência porque é preciso proteger-se da reprovação pública; mas, tornado público, o dizer torna-se confissão do afeto.

Para concluir, realçamos que o sujeito desejante encontra brechas para dizer de si, ainda que as condições de produção impossibilitem algumas formulações. O que lemos nas cartas é que há um espaço privado que possibilita afirmar a homoafetividade longe das injunções médico-jurídico-religiosas. Pelo que as análises demonstram, as confidências de dentro das cartas estavam em lugar seguro, imune à reprovação pública; logo, os sentidos produzidos a respeito dos amores homossexuais são de uma ordem diferente da formação discursiva médico-jurídica que embasava os discursos sobre os sujeitos homossexuais. Mas isso só é dado a saber a partir do momento em que as cartas são tornadas públicas.

Desse modo, entendemos, com Souza (1997), como nelas se estabelecia um “pacto confidencial”.

De acordo com Souza (*ibid.*, p. 110), “Pela confidência constitui-se e mantém-se, pela confissão revela-se o segredo”. Como as cartas se tornaram públicas apenas num momento posterior, após a morte dos remetentes, as confidências nelas contidas tornam-se, então, confissões póstumas. No material que coletamos para análise, observamos que as confidências permitem ao sujeito *ser*, isto é, afirmar-se quanto ao seu desejo, enquanto sujeito homossexual. As confissões posteriores, por outro lado, produzem novas perspectivas a respeito dos saberes sobre os sujeitos homossexuais no século XIX.

Referências

- AZEVEDO, Manuel A. Álvares de. Rio, 1 de março de 1850. **Cartas de Álvares de Azevedo**. São Paulo: Academia Paulista de letras, 1976. p. 146.
- DICKINSON, Emily. (1852). Correspondence with Susan Dickinson. **Dickinson Electronic Archives**. Disponível em: <https://archive.emilydickinson.org/working/hl2.htm>. Acesso em: 30 out. 2024.
- NORTON, Rictor. **My dear boy**: gay love letters through the centuries. São Francisco: Leyland, 1998.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 9. ed. Campinas: Pontes, 2010.
- ORLANDI, Eni. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. (1975). **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. (1982). Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010.
- SOUZA, Pedro de. **Confidências da carne**: o público e o privado na enunciação da sexualidade. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- WHITMAN, Walt. (1869). **Dear Pete...** Disponível em: <https://poets.org/text/love-letter-peter-doyle-walt-whitman>. Acesso em: 30 out. 2024.

ENSINO DA PRODUÇÃO TEXTUAL DIALÓGICA NA ERA TECNOLÓGICA: PROBLEMATIZAÇÕES EM FORMAÇÃO CONTINUADA COLABORATIVA

LA ENSEÑANZA DE LA PRODUCCIÓN DE TEXTOS DIALÓGICOS EN LA ERA TECNOLÓGICA: PROBLEMATIZACIONES EN LA FORMACIÓN CONTINUA COLABORATIVA

João Carlos Rossi¹
Greice Castela Torrentes²

Resumo: Esta pesquisa visa problematizar as práticas de ensino relacionadas à produção e reescrita de textos, na perspectiva dos multiletramentos, desenvolvidas em uma formação continuada colaborativa, com 34 professores, de uma escola pública municipal no Oeste do Paraná. O projeto de extensão chamado “Práticas de produção e reescrita multiletradas nos anos iniciais” foi realizado entre julho e dezembro de 2023, com uma carga horária total de 50 horas. As atividades foram parte da geração de dados para a tese de doutoramento sobre o ensino da produção e reescrita sob a ótica dos multiletramentos nos anos iniciais. Antes da atividade formativa, foi conduzida uma entrevista semiestruturada com 10 perguntas, direcionada a professores de 4º e 5º anos do campo de pesquisa, com o objetivo de identificar as demandas relacionadas ao ensino da escrita na era digital. Essa entrevista possibilitou a organização das atividades de formação continuada com base nas necessidades dos docentes. Para esta pesquisa, selecionamos um recorte da entrevista inicial, buscando refletir sobre 3 questões que visavam reconhecer se as tecnologias auxiliavam os docentes nas ações de ensino da produção textual e reescrita, se faziam uso de aplicativos ou

¹ Doutorando pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6479946450414296>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1778-1785>. E-mail: joacarlosrossii@hotmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8222797033532931>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9174-689X>. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br.

sites para produção textual e que gêneros discursivos do campo virtual ensinavam aos alunos dos anos iniciais. Metodologicamente, esta pesquisa se insere no campo da Linguística Aplicada, utilizando uma abordagem qualitativa-interpretativista para a análise dos dados. As reflexões estão fundamentadas no arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin (Bakhtin/Volochínov, 2014[1929]; Bakhtin, 1997[1979]) e nos conceitos de Multiletramentos, (Rojo, 2009; 2012, 2013). A análise dos dados indica que o uso das tecnologias tem apoiado os professores no processo de letramento digital dos alunos nos anos iniciais. No entanto, os docentes relatam que não realizam atividades de produção textual com recursos tecnológicos, o que indica que a combinação entre produção textual e uso das tecnologias ainda é um grande desafio nessa etapa de ensino.

Palavras-chave: Produção textual. Multiletramentos. Tecnologia e ensino.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo problematizar las prácticas docentes relacionadas con la producción y reescritura de textos, desde la perspectiva de los multiletramientos, desarrolladas en una educación continua colaborativa, con 34 docentes, de una escuela pública municipal del Oeste de Paraná. El proyecto de extensión denominado “Prácticas de producción y reescritura multiletradas en los años iniciales” se realizó entre julio y diciembre de 2023, con una carga horaria total de 50 horas. Las actividades formaron parte de la generación de datos para la tesis doctoral sobre producción y reescritura docente desde la perspectiva de los multiletramientos en los años iniciales. Previo a la actividad formativa, se realizó una entrevista semiestructurada con 10 preguntas, dirigida a docentes de 4º y 5º año del ámbito investigativo, con el objetivo de identificar las demandas relacionadas con la enseñanza de la escritura en la era digital. Esta entrevista permitió organizar actividades de educación continua en función de las necesidades de los docentes. Para esta investigación, seleccionamos un extracto de la entrevista inicial, buscando reflexionar sobre 3 preguntas que tuvieron como objetivo reconocer si las tecnologías ayudaron a los docentes en la enseñanza de la producción y reescritura textual, si utilizaron aplicaciones o sitios web para la producción textual y qué géneros discursivos del campo virtual enseñado a los estudiantes en los primeros años. Metodológicamente, esta investigación se encuadra en el campo de la Lingüística Aplicada, utilizando un enfoque cualitativo-interpretivista para el análisis de datos.

Las reflexiones se basan en el marco teórico del Círculo de Bakhtin (Bakhtin/Volochínov, 2014[1929]; Bakhtin, 1997[1979]) y los conceptos de Multiletramientos (Rojo, 2009; 2012, 2013; Rojo e Moura, 2019). El análisis de los datos indica que el uso de las tecnologías ha apoyado a los docentes en el proceso de alfabetización digital de los estudiantes en los primeros años. Sin embargo, los docentes reportan que no realizan actividades de producción textual con recursos tecnológicos, lo que indica que la combinación entre la producción textual y el uso de la tecnología sigue siendo un gran desafío en esta etapa de la enseñanza.

Palabras clave: Producción textual. Multiletramientos. Tecnología y enseñanza.

Reflexões iniciais

Apresentamos, nesta pesquisa, um recorte dos dados gerados no projeto de extensão intitulado “Práticas de produção e reescrita multiletradas nos anos iniciais”³. O projeto de formação continuada, oferecido a 34 professores, de uma escola pública, municipal, do Oeste do Paraná, e com carga horária de 50 horas, buscou problematizar as demandas dos docentes em relação à temática de produção e reescrita textual, nos anos iniciais, na perspectiva dos multiletramentos.

Neste trabalho refletimos sobre um recorte da entrevista inicial, semiestruturada, organizada com um grupo focal de 4 professores, dos 4º e 5º anos, que continha 10 questões norteadoras das discussões e que foram base para a elaboração da proposta formativa que posteriormente desenvolvemos. Dessa forma, as problematizações que aqui aquecemos partem de 3 questionamentos, sendo: 1. As novas tecnologias auxiliam na produção textual e/ou reescrita em suas aulas? Se sim, de que maneira? Se não, por quê? 2. Você utiliza algum aplicativo, site ou plataforma para escrita e/ou reescrita de textos pelos alunos? Se

³ Projeto submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa, via Plataforma Brasil, com parecer nº 6.082.404, no ano de 2023.

sim, quais? E 3. Que gêneros do campo virtual você trabalha com os alunos? Como encaminha essa produção?

À vista das indagações, objetivamos, problematizar as práticas de ensino relacionadas à produção e reescrita de textos, na perspectiva dos multiletramentos, desenvolvidas em uma formação continuada crítico-colaborativa com os docentes do campo de pesquisa. As reflexões que aqui fomentamos são respaldadas nos estudos do Círculo de Bakhtin (Bakhtin/Volochínov, 2014[1929]; Bakhtin, 1997[1979]) e nos conceitos de Multiletramentos (Rojo, 2009; 2012, 2013; Rojo e Moura, 2019).

A metodologia adotada na investigação, adota como organização didático formal os 4 momentos apresentados por Magalhães (2004) e Liberali (2004), sendo eles, *descrever, informar, confrontar e reconstruir*. Trata-se de uma pesquisa na área da Linguística Aplicada, ancorada no método de Pesquisa-ação-crítico-colaborativa (PACC), tendo como um olhar qualitativo-interpretativista frente aos dados.

Em sequência, apresentamos o aporte teórico que sustenta as reflexões, seguido dos resultados e discussão, considerações finais e referências.

A escrita dialógica na era digital

Ao compreendermos que a língua vive e evolui historicamente, estamos em consonância ao que defendiam Bakhtin/Volochínov (2014[1929]). Para os autores o texto é o lugar da interação humana e é por meio de enunciados que organizamos nossas intenções comunicativas. É pelo texto, carregado de valorações, que estabelecemos trocas entre o sujeito-enunciador e seus interlocutores, podendo concordarmos, refutarmos e/ou oferecermos uma contra palavra.

A língua, nesse sentido, está à serviço de seus usuários, concretizando vínculos com o mundo, em tempos e espaços múltiplos. Geraldi (1997[1984]), ancorado nas reflexões do Círculo

de Bakhtin, ressalta a importância de o ensino da escrita levar em consideração situações reais de utilização, não a estudando de forma abstrata, já que é necessário que o aluno ao produzir seu texto tenha o que dizer, razões para dizer, a quem dizer e encontre estratégias para isso. Dessa forma, valorizando a interação no processo de escrita, é que o aluno deixa de produzir textos *para* a escola e passa a produzir textos *na* escola.

No cenário atual, percebemos nos documentos oficiais uma grande demanda em relação ao trabalho de ensino da escrita atrelado às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDIC (Brasil, 2017) (Rojo, 2009; 2012, 2013; Rojo e Moura, 2019). À vista disso, faz-se necessário desenvolvermos no aluno o domínio de habilidades diversas, inserindo-o em práticas de uso da escrita variadas, convencionais e digitais.

Rojo e Moura (2019) alertam que nesse novo cenário, cada vez mais tecnológico, os textos apresentam múltiplas linguagens, caracterizando-se como multimodais e multissemióticos. Essa nova maneira com que os textos são produzidos requer a ampliação do ato de letrar, passando a promover acesso aos multiletramentos em sala de aula.

Nesse sentido, a Pedagogia dos Multiletramentos surge em 1990, com as problematizações do *New London Group* – GNL, grupo de pesquisadores americanos e australianos que buscaram discutir problemáticas sociais decorrentes do processo de mudança da sociedade, implicando a maneira com que os textos passam a ser produzidos e circulam. As discussões apontam para a urgência de uma educação mais atenta às demandas atuais, especialmente, no campo da educação e linguagem, o que acarreta a necessidade de oferecer ao aluno o engajamento em práticas sociais de escritas múltiplas, potencializando acesso aos multiletramentos.

Resultados e discussões

A entrevista semiestruturada foi realizada com 4 docentes⁴, dos 4º e 5º anos, os quais foram apresentados como grupo focal de nossa investigação recebendo nomes fictícios de Julia, Tere, Andréia e João.

Justificamos a escolha dessa fase de ensino, tendo em vista a temática da pesquisa se voltar à produção e reescrita textual na perspectiva dos multiletramentos, fase em que pressupomos que os alunos já estejam alfabetizados e imersos no universo da escrita, exigindo, portanto, um olhar mais atento de nós, docentes, na condução das atividades de ensino da escrita em um cenário cada vez mais tecnológico.

Das 10 questões que orientaram nossa entrevista, analisamos, neste trabalho, 3 delas. Em relação às perguntas 1 e 2, 1 - *As novas tecnologias auxiliam na produção textual e/ou reescrita em suas aulas? Se sim, de que maneira? Se não, por quê?* E 2 - *Você utiliza algum aplicativo, site ou plataforma para escrita e/ou reescrita de textos pelos alunos? Se sim, quais?* Tere pontua que as novas tecnologias:

Auxiliam porque nós temos a TV, nós temos acesso aos vídeos, temos acesso ao conteúdo que podemos explorar com eles. E eles têm aula de informática, uma vez por semana, então, geralmente, converso com o professor, só falo para ele o que a gente está trabalhando, se dá para ele trabalhar nem que seja um pouco; e ele tem uma lista de conteúdos que é diferente agora (Tere, docente do 5º ano, destaques nossos).

A docente menciona utilizar de recursos múltiplos, disponíveis na web, para o trabalho com a produção textual partindo dos gêneros textuais. Já os docentes Andreia, Julia e João destacam que os alunos têm uma aula por semana no laboratório de informática, no entanto, o professor da disciplina tem seus próprios conteúdos, o que inviabiliza, na maioria das vezes, que

⁴ Por questões éticas de pesquisa, conforme Termo de Consentimento Livre Esclarecido, trataremos os 4 docentes com nomes fictícios.

práticas de produção textual no universo digital, com gêneros específicos, ocorra. Esse fato permite-nos entrever que a condução de práticas de escrita que envolvam o universo digital ainda se mostram como um desafio no contexto da pesquisa, distanciando-se a promoção de uma Pedagogia dos Multiletramentos em sala de aula, conforme destacado pelo GNL.

João sobre a utilização de recursos tecnológicos nas atividades de produção textual, menciona que:

Eu faço um trabalho com eles fazendo a digitação; eu fiz uma aula de uma em parceria com o professor da informática para que ele ensinasse a utilização do teclado, ensinasse a utilização ... Como é que eu vou explicar? **Para que ele ensinasse o Word**, como que funciona o aplicativo para eles e as funções do teclado. E até ele faz um trabalho já com todas as turmas nesse sentido, mas **o objetivo para que eu pedisse para ele foi solicitar que a gente consiga fazer um material já escrito no computador, para que eles consigam reconhecer a letra de imprensa, que eles consigam reconhecer o tamanho de um parágrafo trabalho** ... (João, docente do 5º ano, destaques nossos).

O docente menciona a preocupação em desenvolver as habilidades dos alunos para explorar os recursos do universo digital, desde descobrir as funções de um teclado, até aprender a utilizar o *Microsoft Word*, que são etapas essenciais para a fase de ensino em que se encontram. João aponta que as práticas de escrita explorando gêneros discursivos digitais, ainda não ocorrem, visto que os alunos não possuem letramento múltiplos para isso. No entanto, quando essas habilidades já estiverem garantidas, o docente menciona que elas devem ocorrer “para que eles consigam reconhecer a letra de imprensa, que eles consigam reconhecer o tamanho de um parágrafo trabalho” (João, docente do 5º ano), focalizando apenas em aspectos estruturais do texto e não voltando o olhar para a finalidade e interação do enunciado. Essa prática tradicional, não permite que o aluno veja um propósito comunicativo por meio da escrita, tornando-se uma atividade que se esvazia em si mesma, já que escreve para o professor (1997[1984]).

Cabe destacar, que alinhado a BNCC (Brasil, 2017), o Currículo para a Rede Pública Municipal de Cascavel: Volume II, Anos Iniciais (Cascavel, 2020) prevê como objetos de conhecimento/conteúdos para os 4º e 5º anos a “Utilização de tecnologia digital. Edição e publicação de textos em suportes digitais” (Cascavel, 2020, p. 417). Destacando como objetivo de aprendizagem “ (EF15LP08) Utilizar, com a mediação do professor, *software*, inclusive programas de edição de texto, para editar e publicar os textos produzidos, explorando os recursos multissemióticos disponíveis, a fim de apropriar-se progressivamente desses recursos” (Cascavel, 2020, p. 417). No entanto, percebemos que para a garantia dessa prática, faz-se necessário dar condições formativas e estruturais aos docentes e alunos, objetivando que o estudante consiga se engajar em práticas de escrita digitais de forma crítica.

Em sequência a entrevista, indagamos os docentes do grupo focal a respeito da pergunta 3 - *Que gêneros do campo virtual você trabalha com os alunos? Como encaminha essa produção?* Tere menciona que “[...] nós temos os conteúdos, eles são divididos por trimestres, nesse trimestre, só caiu o meme que é virtual” (Tere, docente do 5º ano). Julia menciona, “mas eu sei que tem um que é e-mail ... Cartoon ...” (Julia, docente do 4º ano). Tere menciona que “tem alguns que a gente não tem como produzir, tem alguns que a gente só explora, mostra que existe, qual é a finalidade e trabalha vídeos e alguns não tem como a gente produzir” (Tere, docente do 5º ano).

Nesse sentido, percebemos que os docentes têm incluído em seu planejamento gêneros discursivos do campo virtual, no entanto, nem todos são possíveis de garantir a produção, já que os docentes podem apresentar carência formativa para esse trabalho, bem como se depararem com dificuldades estruturais que impedem a execução de atividades de produção textual no universo digital.

Considerações finais

Neste trabalho propomos problematizar as práticas de escrita, na perspectiva dos multiletramentos, nos anos iniciais, por meio de uma Formação Continuada Crítico-Colaborativa (FCC). Para isso, refletimos acerca de 3 questões realizadas em uma entrevista, com 4 docentes. A entrevista foi base para o planejamento das ações da FCC levando em consideração as demandas dos professores.

A análise dos dados apontou que o uso das tecnologias tem auxiliado os professores no processo de ensino da escrita e reescrita dos alunos dos anos iniciais. No entanto, os docentes relatam que não aplicam atividades de produção textual com recursos tecnológicos, o que indica que a combinação entre produção textual e uso das tecnologias ainda é um desafio nessa etapa de ensino por diversos fatores.

Esses desafios apresentados pelos docentes nos permitem entrever várias implicações no processo de ensino da escrita atrelado às TDIC, como carência formativa sobre questões que envolvem o ensino da escrita por meio de recursos educacionais digitais, bem como a falta de infraestrutura adequada para que essas práticas ocorram. Nesse sentido, defendemos a necessidade de ações de FCC que busquem potencializar e fortalecer a atividade docente, a fim de que o ensino da escrita dialógica, com vista aos multiletramentos, seja garantido desde os anos iniciais.

Referências

- BAKHTIN, M. (1979). Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria E. Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Traduzido por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC. 2017.

- CASCAVEL. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo para rede Pública Municipal de ensino de Cascavel: Volume II, Anos Iniciais.** Cascavel, 2020.
- GERALDI, J. W.. **Portos de passagem.** 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LIBERALI, F. C.. As linguagens das reflexões. In: MAGALHÃES, M. C. C. (Org). **A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão.** Campinas, Mercado das Letras, 2004. p. 87-117.
- MAGALHÃES, M. C. C. A linguagem na formação de professores reflexivos e críticos. In: MAGALHÃES, M. C. C (Org). **A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão.** Campinas, Mercado das Letras, 2004. p. 59-117.
- ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs). **Letramentos, mídias e linguagens.** São Paulo: Parábola, 2019.
- ROJO, R. **Escol@ Conect@d@: os multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola, 2013.
- ROJO, R.; ALMEIDA, E. de M. (Orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROJO, R. **Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social.** São Paulo: Parábola, 2009.

ANÁLISE DO DISCURSO MOBILIZADO EM COMENTÁRIOS DE UMA REDE SOCIAL SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

ANÁLISIS DEL DISCURSO MOVILIZADO EN COMENTARIOS DE UNA RED SOCIAL SOBRE VIOLENCIA CONTRA LA MUJER

Jocielly Marques de Oliveira Citon Rozzini¹
João Carlos Cattelan²

Resumo: Este artigo discorre sobre o projeto de pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras pela UNIOESTE, *campus* de Cascavel/PR. O objetivo é analisar as formações discursivas que constituem o discurso presente em comentários na rede *Facebook* acerca de uma notícia à luz da Análise do Discurso de linha francesa. Considerando que as tecnologias da informação desencadearam o aparecimento de outras modalidades comunicativas, as redes sociais tornaram-se espaço de interação, bem como de posicionamento diante dos mais diversos tipos de assunto. Neste cenário, o mundo digital torna-se fonte de materialidade discursiva para o analista do discurso. Partindo, portanto, do entendimento de que o discurso é efeito de sentido entre locutores (Pêcheux, 1988) e de que não há unidade linguística, tendo em vista que, “no interior de uma mesma língua, existiriam clivagens devidas ao fato de que certos textos não têm os mesmos referentes, as mesmas relações, as mesmas ancoragens que outros textos [...]” (Pêcheux, p. 121), este estudo visa analisar o discurso de comentários de *Facebook* por meio dos lugares e posições que ocupam determinados sujeitos. Os comentários a serem analisados foram tecidos a partir da notícia do retorno de uma dupla sertaneja após um caso de violência contra a esposa recair sobre um de seus integrantes. O presente

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2345288949869870>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3600-245X>. E-mail: jocy_citon@hotmail.com.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9256916603102594>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7838-5284>. E-mail: jcc.cattelan@gmail.com.

estudo se justifica por buscar colocar em pauta os discursos que se apresentam, mobilizando conceitos como 'lugar', 'posição', bem como de 'discurso', 'sujeito' e 'condições de produção'. A pesquisa a ser realizada é de caráter qualitativo e documental e tem como base os estudos da AD francesa pautada em Pêcheux (1997; 2011; 2014), Orlandi (2015) e Cattelan (2018). A partir da realização do estudo, espera-se entender qual o fio ideológico que sustenta os discursos proferidos, bem como verificar quais as regularidades ocorrem no *corpus* selecionado, observando se há, na materialidade discursiva, alguma forma de regularidade de não-envolvimento e não-posicionamento no caso de violência doméstica.

Palavras-chave: Discurso. Rede social. Ideologia. Violência. Mulher.

Resumen: Este artículo analiza el proyecto de investigación que está desarrollándose en el ámbito del Programa de Posgrado en Letras de la UNIOESTE, *campus* Cascavel/PR. El objetivo es analizar las formaciones discursivas que constituyen el discurso presente en los comentarios en la red *Facebook* sobre una noticia a la luz del Análisis del Discurso francés. Considerando que las tecnologías de la información desencadenaron el surgimiento de otras modalidades comunicativas, las redes sociales se han convertido en un espacio de interacción, así como de posicionamiento sobre los más diversos tipos de temas. En este escenario, el mundo digital se convierte en una fuente de materialidad discursiva para el analista del discurso. Partiendo, por tanto, de entender que el discurso es un efecto de sentido entre hablantes (Pêcheux, 1988) y que no existe unidad lingüística, considerando que, "dentro de una misma lengua, habría clivajes debido a que ciertos textos no tienen los mismos referentes, las mismas relaciones, las mismas anclas que otros textos [...]" (Pêcheux, p. 121), este estudio tiene como objetivo analizar el discurso de los comentarios de *Facebook* a través de los lugares y posiciones que están ocupando específicamente los sujetos. Los comentarios que serán analizados fueron tejidos a partir de la noticia del regreso de un dúo musical luego de que un caso de violencia contra su esposa recayera sobre uno de sus integrantes. El presente estudio se justifica buscando poner evidencia los discursos que se presentan, movilizando conceptos como 'lugar', 'posición', así como 'discurso', 'sujeto' y 'condiciones de producción'. La investigación a ser realizada es de carácter cualitativo y documental y se basa en estudios franceses de la AD basados en Pêcheux (1997; 2011; 2014), Orlandi (2015)

y Cattelan (2018). Con la realización del estudio se espera comprender el hilo ideológico que sustenta los discursos pronunciados, así como verificar qué regularidades se dan en el corpus seleccionado, observando si existe, en la materialidad discursiva, alguna forma de regularidad de no-implicación y no-posicionamiento en el caso de violencia doméstica.

Palabras clave: Discurso. Red social. Ideología. Violencia. Mujer.

A minha alma está armada e apontada para a cara do sossego. Pois paz sem voz não é paz, é medo. (O Rappa)

Introdução

O presente artigo discorre acerca do projeto de pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras pela UNIOESTE, *campus* de Cascavel/PR. O objetivo é analisar as formações discursivas que constituem os discursos presentes em comentários na rede social *Facebook* sobre uma determinada notícia à luz da Análise do Discurso de linha francesa.

Com a evolução das tecnologias de informação e, concomitantemente, a expansão das redes sociais, a cada dia cresce o número de usuários de plataformas on-line no mundo todo. Esta tendência se reflete no comportamento da população, que tem priorizado as redes sociais para acompanhar notícias, buscar conteúdos diversos, enfim, manter-se conectada. A partir disso, este ambiente digital se converte para os estudos discursivos em espaço em que a materialidade ideológica se revela.

Com frequência, as pessoas usam as redes sociais para se conectar com amigos e familiares, ler, curtir (ou não), comentar publicações, compartilhar informações e experiências, bem como fazer parte das mais diversas comunidades. No Brasil, de acordo com o *site* Techtudo³, o *Facebook* está entre as quatro redes mais

³ Disponível em <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/07/qual-a-rede-social-mais-usada-em-2023-a-resposta-vai-te-surpreender-edapps.ghtml>. Acesso em: 14 out. 2023.

utilizadas, ficando atrás do *WhatsApp*, *Youtube* e *Instagram*. Segundo a própria plataforma do *Facebook*, na seção “Padrões da Comunidade”, um de seus principais objetivos “é criar um lugar em que as pessoas possam se expressar e tenham voz”⁴.

Sendo assim, esta rede social tornou-se um espaço em que diversos discursos circulam. Dentre eles, esteve em evidência em 2023, o retorno de uma dupla sertaneja aos palcos, após ter parado sua carreira durante anos, em decorrência do fato de um dos integrantes ter cometido um ato de violência contra a esposa grávida.

A partir de uma reportagem sobre este tema, a qual servirá como ponto de partida para os comentários que analisaremos, observamos na própria manchete que o retorno aos palcos “divide opiniões”⁵. Diante disso, percebemos uma participação significativa dos usuários do *Facebook* por meio de comentários, que correspondem à materialidade discursiva do estudo que aqui apresentamos, o qual será norteado pela seguinte questão: Qual o funcionamento discursivo presente em grande parte dos comentários acerca do retorno da dupla aos palcos?

Buscando, portanto, perceber a qual ideologia estes comentários se filiam, bem como se há neles certa regularidade, é que este estudo será desenvolvido, tendo como fundamentação teórica a Análise de Discurso de Linha Francesa. A escolha por esta teoria se justifica, dentre outros fatores, por “problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o ouvem nas diferentes manifestações da linguagem” (Orlandi, 1997, p. 9), o que nos leva a produzir novas práticas de leitura, buscando compreender “como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto

⁴Disponível em: <https://transparency.fb.com/pt-br/policies/community-standards/?source=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2Fcommunitystandards%2F>. Acesso em: 14 out. 2023.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/recordtvoficial/videos/3663574847208852>. Acesso em: 14 out. 2023.

organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido” (Orlandi, 2009, p. 26-27).

Buscaremos, com o estudo, colocar em pauta qual ideologia conduz os discursos ali apresentados, trazendo à tona conceitos como ‘lugar’, ‘posição’, bem como ‘discurso’, ‘sujeito’ e ‘condições de produção’.

Refletindo acerca da teoria

A evolução das tecnologias da informação desencadeou o surgimento de novas modalidades comunicativas. As redes sociais tornaram-se espaço de interação, bem como de posicionamentos diante dos mais diversos tipos de assunto. Neste cenário, o mundo digital torna-se fonte de materialidade discursiva para o analista do discurso.

Partindo, portanto, do entendimento de que o discurso é efeito de sentido entre locutores (Pêcheux, 1988) e de que não há unidade linguística, tendo em vista que, “no interior de uma mesma língua, existiriam clivagens devidas ao fato de que certos textos não têm os mesmos referentes, as mesmas relações, as mesmas ancoragens que outros textos [...]” (Pêcheux, p.121), este estudo visa analisar o discurso de comentários de *Facebook* por meio dos lugares e posições que ocupam determinados sujeitos.

Além disso, o termo discurso aqui designado, refere-se a

uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior à frase, referida às condições de produção dessa sequência em relação a outros discursos, sendo essas condições propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele que o discurso visa, isto é, àquele a quem se dirige formal ou informalmente, e ao que é visado através do discurso (Pêcheux, 1969, p. 214).

Buscando compreender qual é a formação ideológica dos sujeitos usuários das redes sociais, é necessário pensar nas condições de produção que os atravessa e que tratam “das propriedades relativas ao destinador, ao destinatário e ao referente, sob condição de dar imediatamente certo número de precisões”

(Pêcheux, 2014, p. 214). A partir daí, é possível compreender o funcionamento discursivo que se apresenta nos comentários, bem como a qual ideologia se filiam. Além disso, Pêcheux (1997) traz a questão das formações imaginárias na construção do discurso, considerando que elas “designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 1997, p. 82), lembrando que um mesmo sujeito pode transitar em diferentes lugares, a depender das condições de produção.

Perceber o caráter de coação que pesa sobre o sujeito é algo necessário, pois é o funcionamento da Ideologia como interpelação dos indivíduos em sujeitos que se realiza por meio do complexo das formações ideológicas que o dominam, bem como do interdiscurso, fornecendo a cada sujeito sua realidade (Pêcheux, 2014, p. 149). Contudo, esse “movimento” se dá de forma não consciente, pelo esquecimento daquilo que determina o sujeito, o que dissimula o assujeitamento, causando a impressão de uma autonomia que é ilusória. De acordo com Pêcheux (2014, p. 158), a “‘forma-sujeito’, fornece-impõe a ‘realidade’ ao sujeito sob a forma geral do desconhecimento”, o que gera um reconhecimento mútuo entre os sujeitos, os quais se esquecem das determinações que os colocaram no lugar que ocupam.

Outro conceito pertinente é o de ‘paráfrase’, pois Pêcheux (2014, p. 161) define a formação discursiva como “espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária de uma ‘intersubjetividade falante’ pela qual cada um sabe de antemão o que o ‘outro’ vai pensar e dizer”, porque o discurso reproduz o que já foi dito e contribui para o pertencimento/reconhecimento almejado.

Consideremos um comentário a partir da notícia do retorno:

Figura 1: Não misturemos as coisas



Marcio Voze Teclados

Minha posição que. Relacionamento e uma coisa voz e talento e outro ninguém tem a ver com problemas pessoais de ninguém afinal ninguém vive junto pra saber como e vida deles.

16 sem Curtir Responder

Fonte: https://fb.watch/vPDTPFqRV_/. Acesso em: 28 out. 2024.

Assim como este discurso, outros partem da tese de que não devemos misturar as coisas, como vida pessoal e profissional, por exemplo. Ocorre que este tipo de colocação se faz possível em nossa sociedade, tendo em vista que há uma cultura de não-envolvimento com problemas relacionados a casais. O velho ditado “em briga de marido e mulher não se mete a colher” se faz presente no inconsciente coletivo, alertando as pessoas a não tomar partido em questões dessa natureza. No entanto, isso contribui para que os sujeitos permaneçam apáticos diante de problemas presentes em nossa sociedade, como é o caso da violência doméstica.

Ao analisar uma pesquisa do IPEA sobre violência doméstica de 2014, Cattelan (2018) versa sobre o fato de que os entrevistados deveriam concordar ou não com a seguinte afirmativa: “mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar”. Segundo o autor, 26% dos inquiridos responderam positivamente, pondo sobre a vítima a responsabilidade da violência que sofre. Essa percepção reverbera em outros discursos como o que segue:

Figura 2: A culpa é da mulher



João Batista

O cara só agrediu, ele podem voltar sim , vai saber o que a vadia não fez pra ele perder a cabeça, sei que não e o certo, tem mulher que e o 🤡🤡

16 sem Curtir Responder

Fonte: https://fb.watch/vPDTPFqRV_/. Acesso em 28 out. 2024.

Como este comentário minimiza a violência afirmando que o cantor “só” agrediu, há outros tantos que seguem o mesmo fio discursivo, postulando que seja provável que a mulher tenha feito algo que justificasse a violência sofrida, já que os homens não conseguem se controlar diante de situações provocadas por outros e acabam “perdendo a cabeça”, afinal, como o próprio usuário do *Facebook* defende a partir dos ícones usados, há mulher que é o próprio “diabo” e merece apanhar.

Atendendo à mesma regularidade discursiva de justificar a violência sofrida, há diversos comentários, mas os que também chamam a atenção são aqueles que sequer tocam no assunto da violência sofrida, como é o caso do comentário abaixo:

Figura 3: Silêncio



Fonte: https://fb.watch/vPDTPFqRV_/. Acesso em 28 out. 2024.

Coadunando com o silêncio manifestado no comentário acima, há um número considerável de posicionamentos que seguem a regularidade de não falar sobre o ocorrido. De acordo com Orlandi, (2015, p. 83), “o que não é dito, o que é silenciado constitui igualmente o sentido do que é dito”, ou seja, o não dito significa, por exemplo, que o usuário da rede social em questão está “lavando suas mãos” diante do ocorrido, o que Catellan (2018) chama de “complexo de Pilatos”, posicionamento recorrente em nossa sociedade, que seria o de não se posicionar diante do problema em questão, como se nada pudesse fazer, seja por comodismo, por medo de ser julgado ou por qualquer outro motivo que leve o sujeito a agir dessa forma.

De acordo com Pêcheux (1975) sobre a relação língua-discurso-ideologia,

não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos (Pêcheux, 1975 apud Orlandi, 1997, p. 17).

É com base nos conceitos apresentados nesta seção que este estudo é realizado e busca analisar o *corpus* selecionado. Em termos de metodologia, a investigação aqui descrita está inserida na pesquisa qualitativa e documental. A escolha se justifica, porque, segundo a perspectiva qualitativa, “um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada” (Godoy, 1995, p. 21). Para tanto, o pesquisador busca perceber o que o estudo revela a partir de várias questões que se apresentam no decorrer da pesquisa. Por outro lado, a designação ‘documental’ deve ser entendida de forma ampla, incluindo “os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios)” (Godoy, 1995, p. 21-22), inclusive os comentários retirados de redes sociais como aqui.

Considerações finais

Estando atentos ao comportamento humano diante das mazelas sociais, é que a intenção do estudo aqui apresentado surgiu. Pensar como o ser humano reage discursivamente diante de casos de violência doméstica, por exemplo, ajuda-nos a entender o funcionamento ideológico de uma sociedade.

Ao ocupar “despretensiosamente” o lugar de fala de “usuário de redes sociais”, um sujeito pode abrir mão de sua posição habitual para falar mais espontaneamente, sem filtro social mais coercitivo, e é aí que a falha se constitui e uma ideologia que já poderia ter sido superada, vem à tona, como é o caso da culpabilização de uma vítima diante de um caso de violência doméstica.

Para uma reflexão final, utilizo as palavras de Cattelan (2018):

Parece que sempre retornamos ao que já foi dito sobre o mundo, como se a memória nos conduzisse inexoravelmente para a mesma resposta, seja por meio de um entorpecimento reflexivo ou de uma necessidade inconsciente de se manter numa zona de conforto, ou como se as respostas que tinham que ser dadas já tivessem sido construídas, nada mais sendo possível, que não se deitar em seu regaço e se deixar levar candidamente por seus (a)braços. (Cattelan, 2018, p. 3446).

Motivos como estes que podem ser causadores de certa apatia diante de questões sociais que são problemas ainda não superados em nossa sociedade, levam-nos a colocar nosso objeto de estudo a fim de entender o comportamento discursivo que se apresenta nos comentários selecionados.

Referências

CATTELAN, João C. **Ih!!! Como Pilatos: um fantasma moderno**. Fórum linguístico/ Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. v. 15, Número 4 (2018) Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-graduação em Linguística, 2018, 3445-3456. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/19848412.2018v15n4p3445/38430> . Acesso em: 02 set.2021.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v.35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

PÊCHEUX, Michel. A aplicação dos conceitos da linguística para a melhoria das técnicas de análise de conteúdo. *In: Análise de discurso: Michel Pêcheux*. ORLANDI, Eni (Org.). Campinas, SP: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (aad-69). *In: Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux / organizadores 3.ed. Françoise Gadet; Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.] - 3. ed. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 61 – p. 97.*

PÊCHEUX, Michel. A forma-sujeito do discurso. *In: Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio / Michel Pêcheux: tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. - 5.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 145-168.*

A POÉTICA DO TRANSMODERNISMO NAS METAFICÇÕES HISTORIOGRÁFICAS LATINO- AMERICANAS

THE POETICS OF TRANSMODERNISM IN THE LATIN AMERICAN HISTORIOGRAPHIC METAFICTIONS

Jorge Antonio Berndt¹
Gilmei Francisco Fleck²

Resumo: A metaficcionalidade é um dispositivo artístico empregado em diferentes artes que repercute, por meio da ficção, a sua própria condição supostamente imaginária e de papel, afetando tanto o âmbito do texto quanto da leitura. Dentre as manifestações existentes da metaficcionalidade encontra-se, na esfera do romance histórico, a metaficção historiográfica—uma modalidade disruptiva, cuja nomenclatura e teorização foi, significativamente, problematizada pela teórica canadense Linda Hutcheon (1988). Neste artigo, traz-se à baila determinadas metaficções historiográficas produzidas no âmbito latino-americano, com o objetivo de apreciar os recursos metaficcionais utilizados em tais escrituras, por meio de deslindamento do tecido narrativo. Os romances históricos de tal modalidade integrados ao estudo são *Una Lanza por Aguirre* (1984), de Jorge Ernesto Funes, *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos, *Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz* (1997), de Heloisa Maranhão, e outros. Para conduzir esta investigação de caráter bibliográfico, pautada metodologicamente na Literatura Comparada, fundamenta-se nos achados de Hutcheon (1988). Também são integrados os conceitos aventados tanto pela narratologia estruturalista quanto contemporânea, com Genette (1972), Fludernik (2009) e Nünning (2004). Observa-se em tal manifestação artístico-estética

¹ Doutorando pelo PPGL/Unioeste e UVigo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4259959718176090>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6691-1777>. E-mail: jorgeantonio.berndt@uvigo.gal.

² Professor doutor do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1060297750923928>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4228-2566>. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br.

uma série de elementos, dentre os quais a montagem de uma narrativa que aplica uma estratégia geral da desconstrução, no nível artístico, e a configuração de um novo leitor (metaficcional), no nível estético. Destaca-se, igualmente, um possível agenciamento ao que denominamos de a poética do transmodernismo — obras que conduzem a uma problematização dos paradigmas euro-centrados, a partir de um entrecruzamento de fronteiras culturais e históricas, bem como a promoção de múltiplas perspectivas.

Palavras-chave: Romance histórico. Desconstrução. Literatura Comparada.

Abstract/resumen: Metafictionality is an artistic device employed across various arts that reflects, through fiction, its own supposedly imaginary or constructed nature, influencing both the text and the act of reading. Among its manifestations in the realm of historical novels is historiographic metafiction—a disruptive form whose terminology and theorization were notably addressed by the Canadian theorist Linda Hutcheon (1988). This article examines selected examples of historiographic metafiction produced in Latin America, aiming to analyze the metafictional strategies employed in such works by unraveling their narrative fabric. The historical novels included in this study are *Una Lanza por Aguirre* (1984) by Jorge Ernesto Funes, *Vigilia del Almirante* (1992) by Augusto Roa Bastos, *Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz* (1997) by Heloisa Maranhão, among others. This bibliographic investigation, methodologically grounded in Comparative Literature, draws upon the works of Hutcheon (1988), as well as concepts from both structuralist and contemporary narratology, including Genette (1972), Fludernik (2009), and Nünning (2004). This artistic-aesthetic phenomenon reveals several elements, including the construction of narratives employing deconstruction strategies on the artistic level and the configuration of a new (metafictional) reader on the aesthetic level. The study also highlights a possible connection to what we term the poetics of transmodernism—works that challenge Eurocentric paradigms by intersecting cultural and historical boundaries and promoting multiple perspectives.

Keywords/palavras clave: Historical novel. Deconstruction. Comparative Literature.

Modernidade, Pós-modernidade, Transmodernidade: Conceitos em Rotação

A teórica e professora da Universidad Nacional de Salta Zulma Palermo aborda em seu artigo “Lugarizando saberes” (2018) um desejo em refletir sobre a capacidade e propensão das perspectivas críticas na América Latina. Ela indica que tal ruptura pode fazer-se possível, em um contexto de solapamento da ética ocidental, graças à crítica/interpretação que tem sido feita de lugares outros sobre a episteme euro-centrada, a partir de uma ótica decolonial. Recorrendo ao filósofo argentino Enrique Dussel, trata-se da possibilidade de, após o entedimento da insuficiência da lógica europeia para a construção do saber em nossa América, conceber um pensamento novo, que seja híbrido, plural e “lugarizado”.

Neste texto, buscamos concretizar um passo adicional para a construção de tais epistemologias outras. De modo mais específico, com base em uma sorte de paródia do trabalho da pensadora canadense Linda Hutcheon, em *Poetics of Postmodernism* (1988), buscamos traçar alguns dos movimentos constituintes de uma poética do transmodernismo. Levando em conta a dimensão deste texto, o recorte realizado procura lançar uma luz sobre o campo das metaficcões historiográficas, embora exista um âmbito para investigação em pesquisas futuras.

A fim de conduzir um tal aprofundamento da potencialidade da metaficção historiográfica latino-americana no interior de um transmodernismo, é evidentemente necessário delinear a última etiqueta em questão. Para traçar a sua definição e fronteira com as outras ideias no sentido específico deste trabalho, surge como primordial uma problematização acerca dos conceitos levantados pelo teórico estadunidense Frederic Jameson. Em sua obra *Postmodernism; Or the Cultural Logic of Late Capitalism* (1989), o autor examina fenômenos como a globalização, a predominância do setor financeiro e o consumismo, ao mesmo tempo em que se desdobra sobre as produções artísticas de tal período pós-1945. Contemplando o quadro geral econômico e cultural mundial, mas

sobretudo a partir de um olhar ocidental, o pensador traçou uma correlação entre os sistemas-mundo e as lógicas culturais. Dessa maneira, tornou possível um agenciamento entre o capitalismo imperial e o realismo; o capitalismo de mercado e o modernismo; e finalmente o capitalismo tardio e o pós-modernismo.

A despeito do fato de tal contribuição ser notável para a compreensão sociológica e cultura, por um outro lado, pensadores como Walter Dignolo, Enrique Dussel e Aníbal Quijano têm proporcionado perspectivas divergentes, ao incluírem as experiências coloniais ao redor do globo no interior da discussão. Ainda que tais autores latino-americanos não tenham escrito pensando diretamente em uma crítica sobre o trabalho de Jameson (1989), podemos pensar em uma sorte de complementação ao trabalho do norte-americano, na medida em que seu sistema analógico de correlações se expande para incluir as histórias outras. Trata-se aqui de pensar como, a título de exemplo, o capitalismo imperial experienciado nas metrópoles não se configura como ele nas colônias, que acabam como que por lidar com o lado mais escuro da realidade.

Assomando-se a esse contexto de tridimensionalidade do sistema teórico de James (1989), que acaba por incorporar diferentes perspectivas e experiências, é que entra a noção de transmodernismo, na visada aqui aventada. Em linhas gerais, a transmodernidade é o projeto supostamente utópico que o filósofo da libertação Enrique Dussel propõe para, justamente, *transcender* a versão eurocêntrica da Modernidade, que teria iniciado com o “descobrimento da América”. Ramón Grosfoguel, professor da Universidade da Califórnia (Berkeley) e integrante do grupo de pesquisa M/C, condensa tal ideia no fragmento a seguir:

Ao contrário do projecto de Habermas, em que o objectivo é concretizar o incompleto e inacabado projecto da modernidade, a transmodernidade de Dussel visa concretizar o inacabado e incompleto projecto novecentista da descolonização. Em vez de uma única modernidade, centrada na Europa e imposta ao resto do mundo como um desenho global, Dussel propõe que se enfrente a modernidade eurocentrada através de uma multiplicidade de

respostas críticas descoloniais que partam das culturas e lugares epistêmicos subalternos de povos colonizados de todo o mundo (Grosfoguel, 2008, 139).

A transmodernidade configura-se como esse intento de levar a cabo os projetos independentistas que, durante o século XIX, não deram conta de produzir uma descolonização de outros âmbitos além do político. Tratar-se-ia, ao invés de uma era em que haveria uma resposta única ao sistema colonial-moderno, de respostas variadas conduzidas ao redor do mundo, com o intuito de materializar tanto no espaço geral quanto artístico-cultural uma estrutura caleidoscópica e pluriversal.

Seguindo a primeira linha de pensamento concebida por Dussel (2001), a transmodernidade seria a consagração daquele processo des/decolonial das guerras de independência dos séculos XVIII e XIX, como um passo seguinte no quadro de Jameson (1989). Não obstante, argumentamos que, utilizando os próprios estudos decoloniais, seria viável pensar no transmodernismo como um dualismo: de um lado, a utopia e, de outro, o projeto. Emerge, assim, uma sorte de utopia em construção. Em outras palavras,

Entendendo o conceito dessa maneira, o transmodernismo busca expressar uma novidade radical, uma irrupção de alternativas que emergem de uma exterioridade epistêmica, configurada a partir do “outro lugar” – isto é, da posição de culturas e saberes que se desenvolveram de forma distinta das trajetórias euro-norte-americanas. Essa exterioridade permite que essas culturas e tradições enfrentem os desafios impostos pela modernidade e até pela pós-modernidade, mas com respostas fundamentadas em suas próprias experiências históricas e culturais. Não se trata de uma resistência passiva, mas de uma posição ativa, capaz de oferecer soluções que seriam impossíveis de serem formuladas pelas lógicas modernas e pós-modernas do Ocidente.

Inspirada pelo pensamento decolonial, uma poética desse transmodernismo que coloca em construção não visa universalizar as respostas, mas respeitar a pluralidade de mundos, promovendo o que se poderia chamar de *pluriversalidade* – um mundo onde

diferentes horizontes de experiência e significação coexistem e dialogam em pé de igualdade, sem hierarquias preestabelecidas. Na medida em que as formas que tanto a *poiesis* quanto a *aesthesis* de tal manifestação podem assumir são variáveis, na sequência, exploramos alguns de seus desdobramentos na metaficção historiográfica latino-americana. Formulamos tais passos iniciais a partir de um recorte determinado dos relatos.

A Metalepse e o Desconstrucionismo em *Una Lanza por Aguirre* (1984) e *Vigilia del Almirante* (1992)

A primeira metaficção historiográfica que trazemos à baila é *Una Lanza por Aguirre* (1984), que foi escrita por Jorge Funes, tendo uma recepção pouco difundida, na Argentina, considerando sua tiragem inicial de apenas 1000 unidades. Em linhas gerais, a diegese retrata a trajetória da figura histórica de Lope de Aguirre (1511-1561), que foi soldado/líder nas guerras civis dos conquistadores do Perú e, mais tarde, rebelde e assassino insano na expedição de Omagua e El Dorado, liderada por Pedro de Ursúa. A diegese « inova » no que se refere ao *topos* de figuração de Lope de Aguirre, ao trazer o próprio (espírito do) protagonista para discutir com o escritor/cronista. Por meio de seus diálogos, autorreferenciais, é que brota, progressivamente, a história do “conquistador”.

A passagem do nível intradieético para o extra/diéético é o que configura nessa diegese a metalepse, que é definida por Genette (2004) como a travessia da barreira móvel, mas sagrada, entre dois mundos: aquele em que se conta, aquele que se conta. Trata-se do paradigma fundamental da metaficção historiográfica que é explorado nessa diegese, com a ajuda de analepses e prolepses exacerbadas.

O livro de Augusto Roa Bastos foi publicado em 1992, no quarto centenário do assim denominado “descobrimento da América”. A diegese de *Vigilia del Almirante* (Roa Bastos, 1992) volta-se para Cristóvão Colombo e as suas quatro viagens para a

América. No entanto, ao contrário das narrativas que o exaltam ou o criticam a partir dos paradigmas tradicionais do romance, há uma experimentação desconstrucionista. Além das múltiplas vozes enunciativas que constituem os fios da diegese, criticando-se ao longo do texto, salienta-se a utilização de prolepses e analepses exacerbadas, bem como anacronias, que, frequentemente, servem para ressignificar a imagem do « descobridor » da América. Há um privilégio dado à pluralidade de vozes e olhares por meio de estratégias como a polifonia, a dialogia, a intertextualidade, entre outros, que desmistificam os discursos consagrados dos colonizadores que escrevem nossa história. Abaixo aparece o funcionamento de uma das estratégias na desconstrução de Cristóvão Colombo:

Vivia, pois, nosso homem em meio a uma babel de livros. Não lhe valia ser antepassado e êmulo do futuro Cavaleiro da Triste Figura. Nada de lança em bandoleira nem adarga antiga Mais do que fidalgo, súdito estrangeiro em qualquer parte; antes adventício, com a muita lábia e a pouca picardia, que filho segundo, sempre vestido de luto pobre, cheio de remendos e cerzidos, entre fúnebre e alumbrado como um castiçal de enterro (Roa Bastos, 2003, p. 134).

Ao invés de uma apresentação idealizada do marinheiro, figura-se a desconstrução do arquétipo heroico europeu, como o cavaleiro andante, em contraste com a posição de "rebaixamento" do marinheiro.

Reconstrução de Personalidades Históricas em *Santa Evita* (1995)

A obra *Santa Evita* foi publicada por Tomás Eloy Martínez, em 1995, na Argentina. A característica que nos interessa para esta apresentação refere-se ao multiperspectivismo que se constrói nessa obra. Se na primeira parte narra-se a morte e vida de Eva, o segundo retrata a viagem de seu corpo até o embalsamamento. A última parte é, por fim, aquela do alter ego do autor que emerge como protagonista, para justamente refletir sobre a tessitura desse

texto. Podemos lê-la como uma metaficcionalidade diegética implícita e discursiva explícita.

Há nesse romance uma (re)construção mítica. *Santa Evita* (1996) parte de fatos relacionados à Evita indivíduo para explicar os fatos que rodearam sua vida. A complexidade do período histórico pelo qual passava a Argentina é exposta, partindo da posição em que a protagonista teve influência decisiva no processo. Tal período determinou a importância histórica que a mesma assumiu. Esses pontos, entrelaçados a uma história sustentada por um cadáver que fascina aos demais, reforça o mito de uma mulher que conseguiu reunir em torno de si uma legião de adoradores e de inimigos.

Existe ainda um exímio trabalho com os testemunhos e a história, não para conferir o caráter de veracidade, mas para desconstruí-lo, lançando luz sobre as porosidades da história e da ficção, como na seguinte citação: “todo relato é, por definição, infiel. A realidade, como já disse, não pode ser contada nem repetida. A única coisa que se pode fazer com a realidade é inventá-la de novo” (Martínez, 1996, p. 84). Na citação, verificamos que, de dentro do próprio texto, as personagens e o narrador problematizam a escritura, não para favorecer a ficção frente a história, mas salientar essa lacuna que existe entre o relato e a experiência.

A Ascensão de Vozes Silenciadas em *Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz* (1997)

Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz: A Incrível História de uma Escrava, Prostituta e Santa foi publicada em 1997, por Heloisa Maranhão. O romance histórico relata a história de Xirico, uma princesa escravizada e levada à colônia portuguesa na América, que foi a autora do primeiro livro redigido por uma mulher negra no Brasil.

Além do emprego das estratégias metafissionais, revela-se em seu discurso narrativo uma outra faceta da poética do transmodernismo na metaficção historiográfica: a incorporação

dessas microhistórias, geralmente esquecidas ou emudecidas pela história política, que se preocupou pelos grandes eventos e personagens. Aqui é essa figura que, embora ligeiramente mennochioniana, lança mão da palavra (junto da autora), para significar sobre esse passado repleto de memórias e esquecimentos.

Não suporto essa palavra escravo. Sei que em todas as casas-grandes há um quarto onde se guardam instrumentos de tortura. Máscaras de ferro para a cara, gargalheiras, colar de pescoço triturando a carne. Grilhões que se amarram nos tornozelos. Anjinhos, esse anel de pressão que envolve os polegares dos pés e das mãos e se apertam gradualmente. Vira-mundo, os ferros, onde se metem mãos e pés. Peias. Óleo para besuntar escravos e oferecê-los aos insetos, especialmente abelhas, marimbondos e formigas. Estas coisas são para mim um soco no estômago (Maranhão, 1997, p. 223).

A protagonista destaca a oposição entre a casa-grande e a senzala. Com base nessa tensão, ela arrola as ferramentas de tortura empregadas pelos escravizadores. Como a personagem torna-se livre ao final da diegese, a sua enunciação surge como uma esperança para aquelas que a ouvem, além de converter a história em discurso.

Considerações Finais

Neste manuscrito, correlacionamos a poética do transmodernismo à metaficção historiográfica latino-americana. Embora o vínculo possa e deva ser problematizado/aprimorado, ele deixa transparecer um conjunto de características significativas para a construção do discurso literária em nosso continente.

Realçamos a presença de um constante diálogo entre as vozes enunciativas do discurso e o narratário/leitor, a fim de revelar a este os mecanismos que estruturam a composição escritural como um construto de linguagem carregado de ideologia. Igualmente, a desconstrução de personalidades históricas celebradas pela historiografia, por meio da aplicação de estratégias escriturais como a paródia, a intertextualidade, o experimentalismo

exacerbado e o multiperspectivismo. Finalmente, manifestações de personagens e vozes ex-cêntricas, com exposições de ângulos do passado que privilegiam a história vista de baixo e a microhistória (Guinzburg, [1976] 2006), bem como a consagração de personalidades.

O agenciamento entre os polos transmoderno e metaficcional implica menos uma subtração de ideias supostamente concorrentes, como as de Hutcheon, do que a adição de perspectivas críticas. Trata-se de incluir no mapa comparatista a diferença colonial e os discursos em circulação, para fazer-se revelar essa vasta gama de obras que tem figurado de maneira autoconsciente/autorreferente o passado registrado pela história dos colonizadores.

Referências

- FUNES, Jorge Ernesto. **Una Lanza por Aguirre**. Buenos Aires: Platero, 1984.
- GENETTE, Gérard. **Métalepse: de la figure à la fiction**. Paris: Éditions du Seuil, 2004.
- GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GROSFUGUEL, Ramón. Descolonizando os saberes e os poderes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 115-147, jun., 2008.
- HUTCHEON, Linda. **A Poetics of Postmodernism**. New York: Routledge, 1988.
- JAMESON, Frederic. **Postmodernism**. Durham: Duke University Press, 1989.
- MARANHÃO, Heloisa. **Rosa Maria Egipciaca da Vera Cruz: A Incrível História de uma Escrava, Prostituta e Santa**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **Santa Evita**. Barcelona: Seix Barral, 1995.
- PALERMO, Zulma. Lugarizando saberes. **Caderno de estudos culturais**, Campo Grande, v. 2, n. 1, p. 149-160, dez., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7774/5593>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- ROA BASTOS, Augusto. **Vigília do almirante**. Primeiro de Maio: Memorabilia, 2003.

PARÂMETROS MORFOFONOLÓGICOS DO VERBO PEGAR EM SENTENÇAS DA LIBRAS

MORPHOPHONOLOGICAL PARAMETERS OF THE VERB PEGAR IN SENTENCES OF THE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Sandra Mara da Silva Marques Mendes¹

Tânia Aparecida Martins²

Resumo: Considerando ser o verbo um elemento linguístico importante na organização de sentenças, as classes de verbos das línguas de sinais podem ser diferenciadas dependendo dos argumentos que elas codificam. O objetivo desta pesquisa é analisar a influência dos parâmetros formadores dos verbos na ordenação de sintagmas nas sentenças em Libras para verificarmos se eles trazem em suas constituições informações capazes de nos fornecer pistas linguísticas sobre seu papel e sua importância nesse processo de organização sentencial. Para tal, tomamos como ponto de partida a taxionomia de Greenberg (1963) referente às línguas orais, as quais podem assumir seis formas diferentes de organização: SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), SOV (Sujeito-Objeto-Verbo), VSO (Verbo-Sujeito-Objeto), VOS (Verbo-Objeto-Sujeito), OSV (Objeto-Sujeito-Verbo) e OVS (Objeto-Verbo-Sujeito), das quais, os padrões VOS, OSV e OVS seriam, segundo ele, ocorrências raras, e também recorreremos aos estudos de Fischer (1975) e aos de Friedman (1976), que atestam estarem presentes na ASL (Língua de sinais americana) diferentes padrões de organização, cujos usos, dependendo da situação, são obrigatórios ou estilísticos, e aos estudos realizados por Brito (1983), Quadros (1999) e Quadros e Karnopp (2004) sobre a Libras, os quais dão conta de que a organização SVO é a forma predominante. Nossos dados de análise são compostos por sentenças produzidas com o verbo PEGAR, por três surdos utentes de Libras, as quais

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0361924575446057>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4602-5452>. E-mail: profesandramendes@gmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9163959056977778>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3803-982X>. E-mail: martitania.tm@gmail.com.

foram elaboradas a partir de cenários (figuras) não legendados a eles apresentados, gravadas em vídeo e transcritas em glosas anotadas. Considerando os parâmetros que constituem o verbo PEGAR, observamos que há diferença na realização do sinal desse verbo, dependendo do seu complemento, já que se trata de um verbo classificador.

Palavras-chave: Libras. Parâmetros. Ordem dos constituintes.

Abstract: Considering that the verb is an important linguistic element in the organization of sentences, the classes of verbs in sign language can be differentiated depending on the arguments they encode. The aim of this research is to analyze the influence of verb-forming parameters on the ordering of phrases in sentences in Libras to verify whether they contain information in their constitutions capable of providing us with linguistic clues about their role and importance in this process of sentential organization. To this end, we take Greenberg's taxonomy (1963) as a starting point regarding oral languages, which can assume six different forms of organization: SVO (Subject-Verb-Object), SOV (Subject-Object-Verb), VSO (Verb-Subject-Object), VOS (Verb-Object-Subject), OSV (Object-Subject-Verb) and OVS (Object-Verb-Subject), of which the VOS, OSV and OVS patterns would be, according to him, rare occurrences. We also draw on the studies of Fischer (1975) and Friedman (1976), which attest that there are different patterns of organization present in ASL (American Sign Language), whose uses, depending on the situation, are obligatory or stylistic; finally, we rely on the studies carried out by Brito (1983), Quadros (1999) and Quadros and Karnopp (2004) on Libras, which state that the SVO organization is the predominant form. Our analysis data is composed of sentences produced with the verb TO CATCH (pegar, in Portuguese), by three deaf users of Libras, which were created based on non-subtitled scenarios (figures) presented to them, recorded on video and transcribed into annotated glosses. Considering the parameters that constitute the verb TO CATCH, we could understand that there is a difference in the realization of the sign of this verb, depending on its complement, since it is a classifying one.

Keywords: Libras. Parameters. Constituent order.

Introdução

Uma questão intrigante nas línguas diz respeito à organização e estruturação de suas sentenças. Tomando como ponto de partida a taxionomia de Greenberg (1963) referente às línguas orais, a nossa intenção aqui é discutir e descrever como os enunciados em Libras podem se organizar sintaticamente. De acordo com o autor, as línguas podem assumir seis formas diferentes de organização: SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), SOV (Sujeito-Objeto-Verbo), VSO (Verbo-Sujeito-Objeto), VOS (Verbo-Objeto-Sujeito), OSV (Objeto-Sujeito-Verbo) e OVS (Objeto-Verbo-Sujeito), das quais, os padrões VOS, OSV e OVS seriam, segundo ele, ocorrências raras.

Recorrendo aos estudos de Fischer (1975) e de Friedman (1976), que atestam estarem presentes na ASL (Língua de sinais americana) diferentes padrões de organização, cujos usos, dependendo da situação, são obrigatórios ou estilísticos, e aos estudos realizados por Brito (1983), Quadros (1999) e Quadros e Karnopp (2004) sobre a Libras, dão conta de que a organização SVO é a forma predominante, embora também podendo se manifestar os padrões SOV e OSV, é nosso objetivo com essa pesquisa analisar a influência dos verbos na ordenação de sintagmas nas sentenças formadas por sinalizantes de Libras. Partindo desse ponto, dentre os componentes linguísticos, escolhemos os parâmetros formadores dos verbos (STOKOE, 1960; BATTISON, 1974, 1978) para verificarmos se eles trazem em suas constituições informações capazes de nos fornecer pistas linguísticas sobre o papel e a importância nesse processo de organização sentencial.

Para este artigo, selecionamos sentenças em cuja estrutura ocorre o verbo PEGAR. Nossos dados de análise são compostos por sentenças produzidas por três surdos utentes de Libras, as quais foram elaboradas a partir de cenários (figuras) não legendados a eles apresentados, gravadas em vídeo e transcritas em glosas anotadas.

A modalidade gestual-espacial da Libras e a ordenação das sentenças

Fisher (2014)³, ressalta que as línguas de sinais surgem espontaneamente em comunidades de surdos e são comunicadas visualmente, o que influencia sua estrutura gramatical, podendo apresentar mudança na ordem dos constituintes nas línguas de sinais por influência das línguas faladas. Além disso, as línguas de sinais podem incorporar gestos e sinais de outras línguas, resultando em variações e mudanças morfológicas. A pesquisa sobre mudanças sintáticas em outras famílias de línguas de sinais é limitada, segundo o autor, mas evidencia a evolução dessas línguas ao longo do tempo.

Ao analisar o modo de funcionamento da língua de sinais americana (ASL), Fischer (2014) destaca que a ordem dos constituintes que dão corpo aos enunciados que nelas são produzidos, apesar de, em certos aspectos, se assemelharem às línguas orais, seguem um percurso próprio e muito bem delimitado. Os recursos linguísticos de que as línguas de sinais dispõem, dentre eles podendo-se citar regras de concordância, anáfora zero, topicalização, incorporação nos processos de formação de sinais, e a presença dos classificadores, por exemplo, confirmam estarmos diante de línguas bem estruturadas e funcionais. Como afirma Padden (1990), “Uma das abordagens mais tradicionais para a análise das línguas de sinais tem sido examinar

as formas pelas quais a modalidade interage com a estrutura da língua” (tradução livre), principalmente discutir sua capacidade de explorar a dimensão visual espacial.

Se as línguas orais usam os fonemas sonoros para formar seus morfemas, que formarão as palavras e sucessivamente frases, parágrafos e textos, a Libras, enquanto língua natural, usa a modalidade visual-espacial, pois a informação linguística é

³ Em seu artigo "Sign languages in their historical context", aborda a origem e o desenvolvimento das línguas de sinais, com foco principalmente na American Sign Language (ASL) e nas línguas de sinais japonesas (JSL).

recebida pelos olhos e produzida pelas mãos, considerando normas específicas como os pontos de articulação, configuração da mão, movimento, orientação da mão e expressões não manuais (Macedo; Nunes; Benevides, 2019), conhecidos como os cinco parâmetros que constituem os sinais.

As partes que compõem a palavra podem ser segmentadas em sua maioria (sem considerar os aspectos suprasegmentais de entoação, tonicidade, entre outros), considerando a manifestação linear de cada parte, já a composição dos sinais se dá pela simultaneidade de parâmetros. Esses parâmetros fonológicos, que, de acordo com Felipe (2006, p. 200), “também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais: concordância para gênero, para pessoa do discurso e para locativo, ou são afixos que se justapõem à raiz verbal ou nominal”.

Tal complexidade envolvida na organização de conjuntos de características formacionais/articulatórias está presente na simultaneidade e na sequencialidade de um único sinal. Assim, de acordo com Johnston (2012) “o que parecem ser unidades simbólicas mínimas em línguas de sinais, são, na verdade, construções, porque elas também são compostas de unidades simbólicas identificáveis que ligam formas a significados⁴” (tradução livre). Nesse sentido, algumas unidades são parcialmente lexicais e outras são totalmente lexicais.

Em seu estudo sobre a Língua Irlandesa de sinais (ISL), Murtagh (2021) aborda os desafios no desenvolvimento de entradas lexicais capazes de representar as informações lexicais específicas dos verbos da ISL e discute como o significado de um verbo influencia o seu comportamento sintático e como várias classes de verbos são distinguíveis com base em comportamentos sintáticos semelhantes. Isso corrobora a interação entre os níveis fonológicos e morfológicos ressaltada por Belsitzman Sandler (2015) em seu trabalho *Motivated phonological templates in Sign Language*.

⁴ Thus, what appear to be minimal symbolic units in SLs are actually themselves constructions because they, too, are composed of identifiable symbolic units that link forms to meanings (Johnston, 2012).

Considerando ser o verbo um elemento linguístico importante na organização de sentenças Quadros (2004, p. 6), as classes de verbos das línguas de sinais podem ser diferenciadas dependendo dos argumentos que elas codificam. Nem todos os verbos das línguas gestuais utilizam uma mudança fonológica na orientação ou direção do movimento para refletir uma mudança semântica (Murtagh, 2021, p. 70).

A classificação tripartida dos verbos proposta por Padden (1988) é uma referência importante para entender a estrutura gramatical dos verbos nas línguas de sinais. Ela destaca as diferentes propriedades morfológicas e semânticas de três tipos de verbos, a saber:

i) verbos simples: não codificam características gramaticais dos argumentos, não são flexionados e não recebem afixos de concordância.

ii) verbos concordantes: denotam transferência e codificam o papel sintático dos argumentos, as características de pessoa e número dos argumentos por meio da direção do movimento da mão e orientação da palma.

iii) verbos espaciais: denotam movimento e localização no espaço, assim como codificam a origem e o destino dos argumentos locativos com base na direção do movimento das mãos, ressaltando que a forma do movimento representa a trajetória espacial. Para este tipo de verbo, Supalla (1986) apresenta uma subclasse, identificando os verbos de movimento e locação ou verbos classificadores, os quais são uma classe menor do que os espaciais.

A partir dessa classificação, percebe-se que os verbos podem ser sinais morfológicamente complexos, uma vez que a concordância verbal, para Aronoff *at al.* (2003, p. 56), está relacionada tanto a características gerais da morfologia das línguas

de sinais, com os vários elementos morfológicos sendo expressos simultaneamente através de parâmetros como: configuração de mão, movimento e localização, como a capacidade de representar objetos e eventos. Essa simultaneidade reflete a natureza visual-espacial dessas línguas, em que múltiplas informações podem ser codificadas de maneira concomitante no espaço e no tempo, particularmente seu sistema de classificadores.

Além da simultaneidade, Aronoff *at al.* (2003, p. 56) baseados em estudos recentes, afirmam que uma descrição puramente simultânea da linguagem de sinais é inadequada, destacando um grau de sequencialidade nos sinais. Essa visão é integrada em um modelo que compara a morfologia da linguagem de sinais à morfologia não concatenativa encontrada nas línguas semíticas, apresentada por Sandler (1989). O modelo sugere que os sinais seguem um template prosódico LML: um local, um movimento e outro local. Apesar dessa estrutura, os sinais frequentemente parecem simultâneos porque normalmente envolvem uma única configuração básica da mão (CM) e um único local principal de articulação.

Isso evidencia que as duas abordagens, mesmo apresentando questões um pouco diferentes, complementam-se, pois uma análise descritiva com base só na simultaneidade dos elementos linguísticos nem sempre é eficiente para explicar a formação e a função dos sinais de uma dada língua visual-espacial.

A estrutura interna e “icônica” dos sinais em uma língua de sinais apresenta desafios interessantes para a teoria linguística, especialmente em relação à lexicalização (Jonhston e Ferrara, 2012, p. 240), porque podem conter complexidade que deriva de fontes gestuais ou icônicas. Essa complexidade é de tamanho subatômico e envolve a organização de conjuntos de características formacionais/articulatórias (por exemplo, configuração da mão, orientação, localização, sequência temporal e outras características não manuais) tanto simultaneamente quanto sequencialmente em um único sinal. Assim, o que parecem ser unidades simbólicas mínimas nas SLs são, na verdade, construções porque também são

compostas de unidades simbólicas identificáveis que ligam formas a significados⁵.

Este elevado grau de iconicidade significa que os níveis fonológico e morfológico nem sempre podem ser separados de forma clara e discreta, principalmente em se tratando da estrutura interna dos verbos classificadores que dependem da configuração de mão do seu argumento.

Metodologia

Nossos dados de análise são compostos por sentenças produzidas por quatro

surdos adultos, utentes de Libras, as quais foram elaboradas a partir de cenários (figuras) não legendados a eles apresentados. Destacamos que os colaboradores surdos também são pesquisadores e membros do Grupo de Estudos e Pesquisa Porlibras. Foi utilizado o livro-caixinha “Inventando diálogos”, material produzido por Maurício de Sousa e Paulo Tadeu, composto por 40 cartas da Turma da Mônica, organizadas em 10 histórias distribuídas em uma sequência de quatro cartas.

Foram apresentados aos surdos três grupos de cartas para eles colocarem na sequência e sinalizarem cada história, cujas sinalizações foram gravadas em uma das salas da UNIOESTE em vídeos e, posteriormente, transcritas em glosas anotadas.

Análise de Dados ou Discussões

Para iniciar as análises, selecionamos sentenças referentes ao primeiro grupo de cartas, ordenadas a critério de cada surdo, com a presença do verbo PEGAR. Naquele contexto apresentado, é

⁵ Nas palavras de Máximo (2023, p. 37), “o que orquestra as relações entre os níveis gramaticais, possibilitando as interfaces, é tanto o funcionamento simultâneo dos parâmetros fonológicos quanto à iconicidade como princípio que cria, sustenta e perpassa a gramática das línguas de sinais.”

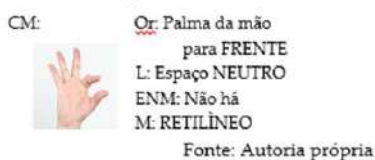
importante mencionar que cada participante lançou mão de formas diferentes para referir-se a pegar algo. Considerando os parâmetros que o constituem (Configuração de Mão – CM; Or – Orientação; Locação - L; Movimento – M; Expressões Não-Manuais – ENM), observamos que há diferença de parâmetros na realização do sinal desse verbo, como apresentado pelas figuras 1 e 2.

Podemos notar que há diferenças na realização da CM usada para o sinal

Figura 1 – Verbo PEGARI



Figura 2 – Verbo PEGAR2



Podemos notar que há diferenças na realização da CM usada para o sinal PEGAR, uma vez que, nesse caso, a CM está associada ao contexto em que é realizado, dependendo do argumento do verbo, como apresentado nas sentenças pelos informantes. Para PEGAR-GOIABA, a CM usada foi a da Figura 1 e para PEGAR-MINHOCA, a CM usada foi a da Figura 2.

Essas sentenças permite-nos perceber os parâmetros configuração de mão e orientação da palma da mão como um morfema gramatical que constitui o objeto do verbo, considerando o tamanho, a espessura do objeto, item lexical que complementa o verbo. Além disso, trazem a possibilidade de discutirmos os verbos classificadores, os quais precisam de um olhar mais criterioso, uma vez que a distinção dos sinais ocorre no plano fonológico, no morfológico e no pragmático, “[...] o que implica, a utilização da língua, enquanto sistema: relações sintagmáticas e correlações paradigmática em todos os níveis: fono-morfo-sitático-semântico-pragmático, que possui um conjunto de morfemas obrigatórios” (Felipe, 2002).

Também observamos que nesse caso, talvez por ser um verbo classificador, a sentença apresenta a ordem SOB, e não a ordem

SVO, uma vez que primeiro aparece o argumento do verbo, formado pelo parâmetro CM, e na sequência o movimento determina gramaticalmente o verbo, por apresentar “um morfema que tem uma função e um significado morfo-sintático-semântico” (Felipe, 2002, p. 13).

Considerações Finais

A partir da análise dos parâmetros que constituem o verbo PEGAR nas sentenças produzidas pelos quatro surdos participantes na coleta dos dados, observamos que há diferença na realização do sinal desse verbo, dependendo do seu complemento, já que se trata de um verbo classificador.

Isso evidencia a influência dos parâmetros formadores dos verbos na ordenação de sintagmas nas sentenças em Libras. Dependendo da tipologia do verbo, os parâmetros devem ser considerados morfofonologicamente, dependendo do contexto em que ocorre.

Referências

- ARONOFF, Mark; MEIR, Irit; PADDEN, Carol; SANDLER, Wendy. **Classifier constructions and morphology in two sign languages**. In Emmorey 2003, 53–84. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/253282139_Classifier_Constructions_and_Morphology_in_Two_Sign_Languages. Acesso em: 20 fev. 2024.
- BELSITZMAN, Gal; SANDLER, Wendy. **Motivated phonological templates in Sign Language**. MMM10 Online Proceedings. 2016, p. 31-44. Disponível em: https://www.academia.edu/98890342/Motivated_phonological_templates_in_Sign_Language. Acesso em: 20 fev. 2024.
- FELIPE, Tanya A. Sistema de Flexão Verbal na LIBRAS: os classificadores enquanto Marcadores de Flexão de Gênero. **Anais do Congresso Surdez e Pós-Modernidade: Novos rumos para a educação brasileira - 1º. Congresso Internacional do INES. 7º. Seminário Nacional do INES**. Rio de Janeiro: INES, Divisão de estudos e Pesquisas. 2002, p.

37-58. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/644709292/Classificadores-em-Libras-Tania-Felipe-pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

FELIPE, Tanya Amara. **Os processos de formação de palavras na LIBRAS**. Campinas: ETD – Educação Temática Digital. v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316000863_Os_processos_de_formacao_de_palavra_na_Libras. Acesso em: 15 set. 2023.

JOHNSTON Trevor; FERRARA, Lindsay. Lexicalization in Signed Languages: When is an Idiom not an Idiom? **Selected Papers from UK-CLA Meetings**. v 1. 2012, p. 229-248. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/260120118_Lexicalization_In_Signed_Languages-When_Is_An_Idiom_Not_An_Idiom. Acesso em: 20 out. 2024.

MURTAGH, Irene. **The Nature of Verbs in Sign Languages: A Role and Reference Grammar account of Irish Sign Language Verbs**. Technological University Dublin. TEANGA, Special Issue 11. 2021, p. 67-99. Disponível em: <https://arrow.tudublin.ie/cgi/viewcontent.cgi?article=1006&context=itbinfoart>. Acesso em: 30 out. 2024.

CONCEPÇÕES E ENSINO DE LEITURA NAS VOZES DE EX-PIBIDIANOS

CONCEPCIONES Y ENSEÑANZA DE LECTURA EN LAS VOCES DE EXPIBIDIANOS

Márcia Souza da Rosa¹
Greice Castela Torrentes²

Resumo: Neste artigo, realizamos um recorte da tese intitulada “Formação inicial docente e leitura: análise do programa PIBID”, defendida em 2019, no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Unioeste. É sabido que a formação inicial das licenciaturas no Brasil vem recebendo nos últimos anos apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES, cujo intuito é a valorização da formação de professores para a Educação Básica a partir do contato dos estudantes-bolsistas com a realidade da sala de aula. Diante desse cenário, a pesquisa envolveu egressos do programa, oriundos de duas IES do estado do Paraná, uma estadual e outra federal e buscou analisar as concepções de leitura e a prática adotada pelos ex-bolsistas em relação ao ensino-aprendizagem dessa habilidade. Na oportunidade, além das respostas dadas ao questionário, foram utilizados outros mecanismos para levantamento de dados, que incluíram análise dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPC) dos cursos e entrevistas semiestruturadas, contudo, trazemos neste trabalho apenas as respostas dadas ao questionário. Para atender aos objetivos assinalados, utilizamos especialmente as bases teóricas da concepção discursiva de linguagem de acordo com Bakhtin (2003) e Bakhtin/Volochínov (2009), concepções de leitura conforme (Leffa, 1999; Colomer e Camps, 2002), bem como o enfoque metodológico desenvolvido a partir de Erickson (2001) e os postulados da Linguística Aplicada, conforme Cavalcanti (1986, 2001) e Moita Lopes (1996, 2006). Os

¹ Pós-doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7274409939717355>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9599-8137>. E-mail: marcia.souza@ifpr.edu.br.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8222797033532931>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9174-689X>. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br.

resultados apontam que houve muitas contribuições do PIBID, não só para formação inicial docente ao aproximar a universidade da escola, mas especialmente quanto ao trabalho com a leitura. Conhecimentos estes presentes no discurso dos ex-pibidianos.

Palavras-chave: Leitura. Formação inicial. PIBID.

Resumen: En este artículo, hicimos un recorte de la tesis titulada “Formación y lectura inicial docente: análisis del programa PIBID”, defendida en 2019, en el Programa de Posgrado en Letras (PPGL), de la Unioeste. Se sabe que la formación inicial de cursos de pregrado en Brasil ha recibido apoyo en los últimos años del Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Docencia (PIBID), financiado por la CAPES, cuyo objetivo es mejorar la formación de profesores de Educación Básica desde el contacto de los becarios con la realidad del aula. Ante este escenario, la investigación involucró a egresados del programa, de dos IES del estado de Paraná, una estatal y otra federal, y buscó analizar las concepciones de lectura y la práctica adoptada por los ex becarios con relación a la enseñanza-aprendizaje de esta habilidad. En esta ocasión, además de las respuestas dadas al cuestionario, se utilizaron otros mecanismos para la recolección de datos, que incluyeron análisis de los Proyectos Políticos Pedagógicos (PPC) de los cursos y entrevistas semiestructuradas, sin embargo, en este trabajo solo traemos las respuestas dadas al cuestionario. Para cumplir con estos objetivos utilizamos especialmente las bases teóricas de la concepción discursiva del lenguaje según Bakhtin (2003) y Bakhtin/Volochínov (2009), concepciones de lectura según concepciones de lectura (Leffa, 1999; Colomer y Camps, 2002), así como el enfoque metodológico desarrollado a partir de Erickson (2001) y los postulados de la Lingüística Aplicada, según Cavalcanti (1986, 2001) y Moita Lopes (1996, 2006). Los resultados indican que hubo muchos aportes del PIBID, no sólo para la formación inicial docente al acercar la universidad a la escuela, sino especialmente en lo que respecta al trabajo con la lectura. Este conocimiento está presente en el discurso de los egresos del programa.

Palabras clave: Lectura. Formación inicial. PIBID.

Introdução

[...] não há ponte entre a teoria e a prática. A práxis exige construção, permanente, sem cristalizações de caminhos. Na práxis, alteram-se sujeitos envolvidos e percepções sobre o próprio objeto. Em se tratando de objeto que se move, se constitui, a própria natureza do objeto destrói pontes enquanto caminhos que se fixam. Então, é preciso eleger o movimento como ponto de partida e como ponto de chegada, que é partida. (GERALDI, 1997, p. 32).

O grande desafio que perpassa a formação inicial de docentes é dimensionar a práxis pedagógica considerando o conhecimento teórico e as demandas educacionais contemporâneas. Esse desafio tem impelido à criação de programas governamentais que buscam a melhoria da educação no Brasil, tais como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), cujo intuito é a valorização da formação de professores para a Educação Básica.

Diante desse cenário, esta pesquisa envolveu alguns egressos do PIBID, oriundos de duas IES do estado do Paraná, uma estadual e outra federal e buscou analisar as concepções e a prática adotada pelos ex-bolsistas em relação ao ensino da leitura.

A justificativa para a escolha deste tema, portanto, se deve a dois fatores: o primeiro deles por defendermos que nossa atenção deve se voltar para a formação inicial, pois acreditamos que é possível durante seu curso de licenciatura, o acadêmico sair preparado para enfrentar os desafios da profissão, assim “A verdadeira reflexão crítica origina-se e dialetiza-se na interioridade da ‘práxis’ constitutiva do mundo humano - é também ‘práxis’”. (FREIRE, 1987, p.8). E segundo, por sermos professoras de línguas e acreditarmos, incondicionalmente, que o ensino-aprendizagem da leitura é a principal fonte da formação cidadã.

Perspectivas de leitura e de pesquisa

Como professores e estudiosos da língua, sabemos que a leitura de um texto exige muito mais que apenas o conhecimento do código linguístico, uma vez que “o leitor é, necessariamente,

levado a mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguística como de ordem cognitiva-discursiva". (KOCH e ELIAS, 2011, p. 7). A leitura, nesse sentido, é tomada neste trabalho como interação e discurso, considerando a tríade autor-texto-leitor, bem como todas as relações discursivas que a compõem, especialmente o seu contexto.

Sabemos que alguns autores, tais como Colomer e Camps (2002) e Leffa (1999) compreendem a leitura como processo, o que contempla algumas etapas, inclusive, levando em conta o conhecimento prévio trazido pelos leitores: "pode-se dizer que há na teoria da leitura um movimento, que vai de uma ênfase inicial no texto, passa depois para uma ênfase no leitor e chega-se finalmente a uma ênfase no contexto social" (LEFFA, 1999, p. 16). Logo, a partir de diferentes perspectivas, etapas do processo de ler e a sistematização de algumas estratégias, podemos visualizar o processo de ensino-aprendizagem da leitura.

Além disso, consideramos que Bakhtin/Volochínov (2009) tomam a palavra como elemento ideológico e impelem à leitura tudo que a circunda, ou seja, a sociedade como um todo: as pessoas, as instituições, os acontecimentos e especialmente às ideologias que elas carregam. É preciso considerar, portanto, que tal perspectiva possui bases dialógicas e considera o contexto social mais amplo, ademais do autor, texto e leitor. Uma vez que signo linguístico passa a ser tomado como produto social, materialização da comunicação, e um "fenômeno ideológico por excelência" (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 36), temos que abandonar qualquer visão correspondente à perspectiva estruturalista de leitura. Essa afirmação evidencia que o signo é impregnado de marcas sociais e, portanto, é carregado de significado. O que, no que se refere a esta pesquisa, apresenta reflexos no processo de ensino-aprendizagem da leitura, pois muitas vezes, somos convidados durante a leitura a extravasar tais significados.

Tendo em vista nossa proposta de pesquisa, os sujeitos envolvidos e o levantamento dos dados, optamos pela aplicação e análise das respostas dadas a um questionário aplicado em 2016,

para quatro egressos do PIBID, dois de um subprograma de língua espanhola realizado em uma IES estadual e outros dois de um subprograma de língua portuguesa realizado em uma IES federal, no estado do Paraná. Para este artigo, analisamos as respostas dadas a três perguntas desse instrumento de geração de dados. Partimos dos pressupostos elencados por Cavalcanti (1986, 2001) e Moita Lopes (1996, 2006) que evidenciam em suas produções a relação teoria e práxis, argumentando sobre a importância de o professor refletir sobre sua atuação, em um movimento ininterrupto de autoanálise.

Logo, diante do objetivo de analisar o trabalho com a leitura desenvolvido na formação inicial de ex-bolsistas egressos do PIBID e ainda, refletir sobre a concepção de leitura e a práxis adotada pelos egressos do PIBID em relação ao ensino-aprendizagem dessa habilidade, a pesquisa de base qualitativa e interpretativista nos foi bastante válida.

As vozes dos egressos do PIBID

Considerando os elementos assinalados na seção anterior, partimos especificamente de Cavalcanti (1986) que considera a atuação docente arraigada a uma práxis, por isso nossa primeira pergunta foi “Sua participação no PIBID contribuiu para sua atuação docente? Justifique.” A partir das respostas levantadas, apresentamos, inicialmente, as respostas dos participantes Gabriel e Jean, ambos participantes do subprojeto de Língua Portuguesa da instituição Federal.

Sim, pois já conhecia a realidade escolar, colaborando para um **trabalho diferenciado**. (GABRIEL, Subprojeto Língua Portuguesa, questionário, 28/06/2016).

Sim, durante toda minha experiência enquanto bolsista, e como no meu caso nas duas áreas de meu curso, **fez com que eu soubesse lidar com as diversas situações que se apresentaram dentro da sala de aula**. Fazendo-me pensar

enquanto docente. (JEAN, Subprojeto Língua Portuguesa, questionário, 28/06/2016).

Como podemos ver nas respostas dadas acima, o participante Gabriel destaca o “trabalho diferenciado” que supostamente desenvolve a partir de sua participação no Subprojeto de Língua Portuguesa, o que também é elencado por Jean, do mesmo subprojeto, demonstrando que foi preparado para lidar com “as diversas situações que se apresentaram dentro da sala de aula”. O participante Jean acrescenta ainda que a participação no PIBID o fez “pensar enquanto docente”. Fator muito importante na formação inicial, não só pela relação teoria e práxis apresentada por Cavalcanti (1986, 2001) e Moita Lopes (1996, 2006) na seção anterior, mas também pela proposta do PIBID, que é fornecer subsídios ainda na formação inicial para a formação docente.

Ainda sobre a autonomia para atuação docente, vemos que alguns egressos do PIBID aprenderam diferenciais, tais como a elaboração de materiais. Observemos as outras respostas dadas pelo restante dos participantes, desta vez ex-bolsistas do subprojeto de Língua Espanhola, da instituição estadual.

Sim, permitiu desenvolver outro olhar; **o uso de textos originais para fazer materiais didáticos, a forma como se planeja a aula com as quatro habilidades em pauta**, etc. (GABRIELA, Subprojeto Língua Espanhola, questionário, 10/06/2016).

Sim, participar do PIBID ao longo da minha graduação me proporcionou **redimensionar minha atuação docente**, uma vez que pude **aprender a buscar ferramentas de trabalho e descobrir novas estratégias de ensino** para poder aplicá-las ao meu fazer pedagógico. (CÍNTIA, Subprojeto Língua Espanhola, questionário, 05/08/2016).

Vemos que ao citar “o uso de textos originais para fazer materiais didáticos”, Gabriela trata de uma prática pouco recorrente no cotidiano escolar, haja vista que muitos professores na sua atuação docente têm dificuldade de preparar o seu próprio material de trabalho. Devido a inúmeros fatores, a tendência é

seguir o material didático indicado, especialmente pela grande quantidade de aulas que muitos professores assumem, a fim de melhorar os salários. Outra questão presente na resposta de Gabriela é que apresenta a preparação de aulas compreendendo “as quatro habilidades” comunicativas: ouvir, falar, ler e escrever. Em se tratando do ensino de línguas, sobretudo, língua estrangeira, essas habilidades comunicativas são bastante enfatizadas, sobretudo a leitura, o que demonstra ter havido contribuição também nessa questão.

Adentrando especificamente em nosso objetivo específico de analisar a formação em leitura dos egressos, passamos a refletir sobre as concepções que estes, agora licenciados, possuem. Para tanto, tomamos por base a concepção interacionista de linguagem e a leitura vista como lugar de interação ou com foco no discurso, indo ao encontro do proposto por Bakhtin/Volochínov (2009) e também Bakhtin (2003), quanto aos gêneros do discurso. No entanto, não dispensamos as outras concepções de linguagem e também de leitura, uma vez que desejamos visualizar quais estão presentes nas respostas dos egressos do PIBID. E ainda, consideramos os estudos de Solé (1998) e Leffa (1999).

Os participantes foram convidados a responderem a pergunta: “O que você entende por leitura?”. Vejamos uma das respostas dadas.

Um processo de compreensão dos textos que **envolve o conhecimento de mundo do aluno, suas crenças, sua cultura, etc.** e a sua possibilidade de **interagir com o texto.** (GABRIELA, Subprojeto Língua Espanhola, questionário, 10/06/2016).

No excerto acima, verificamos a presença da palavra “processo” e “interagir” o que nos remete à concepção interacionista de linguagem e a uma perspectiva de leitura como interação. Sabemos que desde os estudos de Bakhtin/Volochínov (2009), ao tomarem a palavra como elemento ideológico, quando da publicação da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*,

impelem à leitura tudo que nos circunda, ou seja, as pessoas, as instituições, os acontecimentos e especialmente as ideologias carregadas por elas. Diferentemente da leitura como ato, nessa concepção a leitura é vista como processo.

Ainda em relação à resposta de Gabriela, ao dizer que a leitura “envolve o conhecimento de mundo do aluno, suas crenças, sua cultura, etc.”, de certo modo, Gabriela resgata a importância do conhecimento prévio do leitor. Especialmente quando escreve “conhecimento de mundo” remete aos tipos de conhecimentos nos quais o conhecimento prévio é dividido: linguísticos, textuais e de mundo, conforme vimos em Kleiman e Moraes (1999).

A participante do Subprojeto de Língua Espanhola apresenta, nesse sentido, uma concepção de linguagem mais interacionista, inclusive colocando um papel ativo para o leitor, propondo uma leitura crítica, de interação com o texto.

Finalizamos parte de nossa análise, refletindo sobre as rotinas metodológicas empregadas pelos egressos, quando do trabalho com leitura durante suas aulas. Para tanto, as respostas a seguir nasceram da pergunta “Como trabalha com leitura em suas aulas?”.

Partindo do conhecimento de mundo dos alunos e sobre o que já conhecem do texto. (GABRIEL, Subprojeto Língua Portuguesa, questionário, 28/06/2016).

Analisando o exposto por Gabriel, verificamos que há uma preocupação em partir do que os estudantes “já conhecem”, de “assuntos de interesse comum” e do que os alunos “gostem”. Essas afirmações, além de levarem em conta o conhecimento prévio dos alunos, inclusive o primeiro usa o termo “conhecimento de mundo”, rementendo a Leffa (1999), demonstram também que a escolha de assuntos presentes nas leituras precisa ir ao encontro do grupo com o qual se trabalha.

Assim, podemos afirmar que os participantes do Subprojeto de Língua Portuguesa demonstram preocupação com a significação do trabalho com leitura, seja levando em conta o conhecimento de

mundo dos estudantes e partindo de temáticas interessantes, seja cativando-os, inclusive com o uso de ferramentas atrativas.

Considerações Finais

As vozes dos estudantes, agora professores de línguas, egressos do PIBID, demonstram várias intersecções, tanto de concepções quanto de ensino de leitura. É preciso considerar, contudo, que estes resultados fazem parte de uma pesquisa maior, no caso a tese de doutorado intitulada “Formação inicial docente e leitura: análise do programa PIBID”, defendida em 2019, no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Unioeste. Na oportunidade, além das respostas dadas ao questionário, foram utilizados outros mecanismos para levantamento de dados, que incluíram análise dos PPC dos cursos e entrevistas semiestruturadas.

Por isso, vale ressaltar que as acepções trazidas à guisa desta análise podem nascer de outras fontes, provindas de outras disciplinas trabalhadas durante a formação inicial, no curso Letras, das práticas de estágio de docência, atividade obrigatória nos cursos de licenciatura, bem como de outras formações, inclusive formação continuada.

Os resultados apontam que houve muitas contribuições do PIBID, não só para formação inicial docente ao aproximar a universidade da escola, mas especialmente quanto ao trabalho com a leitura. Verificamos que prevalece uma concepção discursiva de leitura, bem como uma prática de ensino pautada em etapas, considerando os sujeitos envolvidos, sobretudo o conhecimento prévio, trazido pelos estudantes. Foi o que podemos verificar nas vozes dos ex-pibidianos.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentín. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Hucitec, 2009.

CAVALCANTI, Marilda. A propósito da linguística aplicada. In.: **Trabalhos em Linguística Aplicada**. nº 7, (p. 5-12), São Paulo: Unicamp, 1986.

CAVALCANTI, Marilda. Considerações sobre cenários sociolinguisticamente complexos no contexto brasileiro: o andamento do Projeto “Vozes na Escola”. **Língua & Letras**. Cascavel/PR, n. 2, v. 2, p. 43-66, 2º semestre/2001.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Ana. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ERICKSON, Frederick. Prefácio. In: COX, M. I. P.; ASSI-PETERSON, A. A. **Cenas de sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 9-17.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro:, 1987.

GERALDI, João. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Angela; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2011.

LEFFA, Vilson. **O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação**. Pelotas: EDUCAT, 1999.

MOITA-LOPES, Luiz. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P.(org.). **Por uma linguística indisciplinar**. São Paulo: Parábola editorial, 2006. p. 85-108.

MOITA-LOPES, Luiz. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1996.

ROSA, Márcia Souza da. **Formación inicial docente y lectura: análisis del programa PIBID**. 2018. (205 p.). - Doctorado en Letras - PPGL - Universidad Estadual del Oeste de Paraná - UNIOESTE, Cascavel.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1998.

A CRIAÇÃO CÊNICA NO CONTEXTO PANDÊMICO E MEDIAÇÕES VIRTUAIS EM CENA

STAGE CREATION IN THE PANDEMIC CONTEXT AND VIRTUAL MEDIATIONS ON STAGE

Izabela Fernandes de Souza¹

Resumo: Este trabalho emerge do diálogo entre teoria e prática, transitando pelos limiares da criação cênica em contexto pandêmico. Para tanto, compartilhamos o processo de montagem da obra *Aquele que diz sim e aquele que diz não*, de Bertolt Brecht ([1931] 2004), fruto da disciplina do PPGL/Unioeste, ministrada pela Profa. Dra. Alai Garcia Diniz, e sua exibição no Sarau Virtual Nós é Pezão (2021). Esta abordagem compartilha aspectos do processo criativo e seu contexto de montagem, com o objetivo de compreender como a intermedialidade e a mediação cultural se apresentam como oportunidades de conectar e ultrapassar limites. Consideramos o percurso da experiência coletiva em sua potência e contradição, com base na noção de mediação cultural, entendida como "ser ponte que atravessa qualquer rio" (Pezão, 2013). O fazer artístico, atrelado à prática de mediação cultural, inscreve aqui possibilidades que são construídas coletivamente: nas ausências, nas fragilidades, na abertura de novos caminhos e, nesse caso, na (re) elaboração de diálogos virtuais, dispostos a enfrentar as contradições que o fundam, a distância, a crise sanitária da COVID-19 e o contexto político que vivenciamos. As reflexões produzidas por Diana Pereira (2018) destacam que a "mediação cultural, pensada como categoria prática e também reflexiva, vinculada aos modos de ação social, atua na proposição de outras formas de sociabilidade, dentro da qual necessariamente precisa ser inclusiva e participativa" (Pereira, 2018, p. 46) Nesta abordagem, a experiência e as reflexões apontam a potência dos diálogos intermediáticos e processos de

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6245374845756167>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9427-1121>. E-mail: izabela.fernandesouza@gmail.com.

criação como um tática de ensino-aprendizagem voltada à manutenção dos afetos e redes de humanização.

Palavras-chave: Dramaturgia. Pandemia. Intermídia.

Abstract: This work emerges from the dialogue between theory and practice, traversing the thresholds of scenic creation in a pandemic context. To this end, we share the mounting process of the work *He said Yes, He said no*, by Bertolt Brecht ([1931] 2004), a result of the PPGL/Unioeste course, taught by Prof. Dr. Alai Garcia Diniz, and its exhibition at the Virtual Sarau *Nóis é Pezão* (2021). This approach shares aspects of the creative process and its assembly context, aiming to understand how intermediality and cultural mediation present themselves as opportunities to connect and transcend limits. We consider the journey of the collective experience in its power and contradiction, based on the notion of cultural mediation, understood as "being a bridge that crosses any river" (Pezão, 2013). Artistic creation, linked to the practice of cultural mediation, inscribes here possibilities that are collectively constructed: in absences, in fragilities, in the opening of new paths and, in this case, in the (re)elaboration of virtual dialogues, willing to face the contradictions that found it, the distance, the COVID-19 health crisis and the political context we are experiencing. The reflections produced by Diana Pereira (2018) highlight that "cultural mediation, thought of as both a practical and reflective category, linked to modes of social action, acts in the proposition of other forms of sociability, within which it necessarily needs to be inclusive and participatory" (Pereira, 2018, p. 46) In this approach, the experience and reflections point to the power of intermedia dialogues and creation processes as a teaching-learning tactic focused on maintaining affections and networks of humanization.

Keywords: Playwriting. Pandemic. Intermedia.

Introdução

Este ensaio explora a experiência criativa como forma de compreender o processo de criação cênica sob a perspectiva da mediação cultural. Para isso, compartilho aqui o processo de criação da peça *Aquele que Diz Sim e Aquele que Diz Não*, de Bertolt

Brecht (2004), escrita entre 1929 e 1930. A montagem foi realizada em formato audiovisual e desenvolvida no âmbito do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Cascavel, na disciplina Tópicos de Literatura e Dramaturgia (2021), ministrada pela professora Dra. Alai Garcia Diniz, durante o contexto da pandemia. A peça foi apresentada no sarau virtual "Nóis é Pezão" e incluiu um processo de interação inspirado nas técnicas do Teatro Fórum.

Esta abordagem compartilha aspectos do processo criativo e seu contexto de montagem, com o objetivo de compreender como a intermedialidade e a mediação cultural se apresentam como oportunidades de conectar e ultrapassar limites. Procuo refletir sobre o processo de montagem como parte de um ensino-aprendizagem que amplia e transborda os muros do fazer universitário. A intervenção artística mediada neste contexto é entendida como um caminho que provoca debates, gera soluções criativas, estabelece conexões e oferece modos de reinventar a vida no contexto da pandemia de COVID-19.

Arquivo de provocação: um fazer poético que desafia o coletivo

Ao adentrarmos o contexto de produção cênica cabe destacar que a experiência da leitura do texto dramático, representa um modo atualizado de acessar seu conteúdo. Enquanto *arquivo* (Taylor, 2013), a referência textual, quando acessada pela potência criativa da cena, é movimentada para deixar de ocupar um lugar hierárquico frente a atuação cênica. Nesta perspectiva, a criação da montagem da obra *Aquele que diz sim e aquele que diz não*, de Bertolt Brecht ([1930] 2003) tratou de dilatar e transbordar as fronteiras de seu contexto, para estabelecer um processo de criação e conexão virtual.

O questionamento impulsiona a mudança e o coletivo, afetado pela contestação do menino, concorda em construir uma nova tradição, assim, retornam para casa. A peça é composta por dois atos, cada um com finais diferentes. Em ambos, o coletivo exerce uma relação direta com a vida do personagem "o Menino". A narrativa,

situada em um contexto de epidemia, expõe o percurso de estudantes, acompanhados por seu professor, em uma caminhada perigosa e longa pelas montanhas em busca de cura, medicamentos e, quem sabe, de uma vacina. O personagem central, o Menino, em ambas as versões da história, não suporta a caminhada e adocece. O grupo sabe que há uma tradição que orienta, nesses casos, o abandono da pessoa ou mesmo o adiantamento de sua morte, jogando-a no precipício montanhoso. O julgamento coletivo determina o abandono e a morte do Menino; porém, na versão em que “diz não”, a morte não é aceita nem apresentada como um elemento de honra, mas sim questionada pelo personagem “o Menino”. Esse questionamento impulsiona a mudança e o coletivo, afetado pela contestação do Menino, concorda em construir uma nova tradição e, assim, retornam para casa.

Em nossa montagem, um modo de estar juntos performando foi adaptado por meio do recurso audiovisual. Nossas referências, nesse sentido, partiram da escolha de planos fechados para as gravações, com destaque para uma imagem minimalista, luz tênue e fundo neutro — uma solução que cria continuidade ao reduzir as informações dos contextos de gravação e dialoga com alternativas contemporâneas que ganham espaço na cena. A própria forma e o recorte das plataformas de videoconferência, como parte do nosso cenário, introduzem a característica dos encontros virtuais e integram-se à peça como um elemento alegórico.

Pensando a mediação cultural por meio de uma perspectiva prático-teórica, recorreremos a esse recurso para abordar aspectos do processo criativo que tangencia: a ação, as soluções criativas, o lidar com as dificuldades do coletivo e, também, o entendimento da teoria como suporte desse procedimento, funcionando como um instrumento que potencializa o engajamento do grupo. Considera-se que esse engajamento ocorre de forma assimétrica e conflituosa e que mediar, promover pontes afetuosas e criativas, é uma alternativa que viabiliza a construção do trabalho.

O lugar de poder do texto escrito é um elemento da mediação, especialmente no que se refere ao processo criativo, em

que a literalidade, como abordagem para a montagem cênica, surgiu como uma alternativa defendida repetidas vezes. Essa recorrência pode evidenciar tanto a falta de experiência do grupo com o fazer cênico quanto a percepção de que essa escolha facilitaria o trabalho. Mas, a reprodução do texto em sua literalidade preserva relações hierárquicas e não oferece uma solução prática para o grupo e o contexto virtual. Trabalhamos com uma dramaturgia construída por personagens que compartilham falas continuamente, como no exemplo:

OS TRÊS ESTUDANTES -- Parece que o menino está cansado por causa da subida. Vamos perguntar ao professor.

O GRANDE CORO -- Sim. Perguntem!

OS TRÊS ESTUDANTES ao professor -- Nós ouvimos que o menino está cansado por causa da subida. O que há com ele? Você está preocupado com ele? (BRECHT, 2004, p. 221).

Nesse sentido, o processo criativo atuou como interventor, situado em diálogo com múltiplas corporalidades e seus repertórios, que tecem um ritual criativo voltado ao campo da tradução. A tradução, como agente criativo, atualiza o sentido e as dimensões da obra. Embebida pelo texto, ela o profana, encarando a potencialidade do fragmento espaço-tempo como uma abertura poética, que viabiliza a composição de algo “nosso”.

A criação artística atuou como uma forma de reconhecer que, além das dificuldades sanitárias geradas pela COVID-19, a população brasileira enfrentava um risco ampliado devido à atuação de um governo federal que se posicionou contra as medidas protetivas de distanciamento social, como na negação da eficácia do uso de máscaras e na ausência de políticas para garantir seguridade social, sanitária e medicinal. Nesse contexto, o governo de Jair Bolsonaro é entendido como parte de um projeto de morte, em que suas práticas operam em favor de uma necropolítica (Mbembe, 2018), evidenciada na recusa de ofertas de vacinas, nas denúncias de possíveis casos de corrupção envolvendo aquisições de medicamentos, testes e vacinas, na negligência na distribuição

de insumos e oxigênio essenciais para o tratamento da doença — com destaque para a falta de oxigênio em Manaus (2020) —, na promoção de tratamento com cloroquina, sem comprovação científica e com casos de agravamento da doença, nas milhares de vidas perdidas e nos milhões de cidadãos afetados pela perda e/ou sequelas que poderiam ter sido evitadas com o emprego de uma política nacional séria e comprometida com a preservação de vidas.

A alternativa alegórica empregada para gerar conexão com a atualidade brasileira foi orquestrada junto da performance do Coro, que conduz a narrativa e que, na nossa montagem, performa elementos do contexto, a exemplo, inserindo em cena a máscara cirúrgica, instrumento que reduz os risco de contaminação e disseminação da COVID-19, tantas vezes questionada, atacada e de uso não orientado e questionado pelo presidente Jair Bolsonaro.

O coro trouxe para suas cenas, em uma composição em mosaico, a máscara mal colocada, que dialoga com o campo simbólico dos "três macacos" — figura icônica marcada pela imagem daquele que não escuta, não fala ou questiona, e não olha para as atrocidades sociais. O recorrente ato de Bolsonaro de xingar a imprensa e utilizar em seus ataques a adjetivação "merda" para se referir a qualquer oposição também foi referenciado por meio da máscara suja, aludindo à presença da "merda" em cena.

Além disso, durante a pandemia, houve um aumento nos casos de violência doméstica. Como referência para a criação e para dialogar com essas problemáticas sociais, as mulheres do coro apareciam em cena com batom manchado, simbolizando sangue e violência. O coro foi formado por duas mulheres e um homem. Quando as mulheres surgem com esses elementos, o homem apenas observa. As interpretações podem variar, mas o elemento alegórico busca trazer à cena um símbolo de ruína, que expande o sentido e dialoga com outros tempos e significados múltiplos, permeados pela presença da violência — neste caso, a violência de gênero.

A perspectiva de alegoria a qual me refiro, neste ensaio, vem da noção desenvolvida por Walter Benjamin (2013), que compreende a alegoria como um elemento dialético. A alegoria é

convenção e expressão, e seu conteúdo dialético possibilita o contato com fragmentos históricos, com significados que vem do reino do luto, dos conflitos culturais e das ruínas, que seguem gerando aparições inquietantes. Benjamin, em sua reflexão sobre alegoria, destaca que o que

[...] se pretende mostrar aqui é que, em relação ao símbolo, a alegoria ocidental é uma figura tardia, derivada de conflitos culturais muito marcados. A máxima alegórica é comparável à faixa de texto. Por outro lado, ela pode ser caracterizada como moldura, como recorte obrigatório no qual a ação, sempre em novas formas, se insere pouco a pouco, para nela se mostrar como tema emblemático (Benjamin, 2013, p. 111).

Via a arte e seu caráter inquietante, trazemos o ruído, o luto, o conflito para cena. Nosso modo de transcender em mirada crítica, é realizado através de um contato social que visa humanizar as relações sociais, colaborar no questionamento das tradições destrutíveis e suas perdas, e atuar na resistência de conexões, virtuais ou não, que viabilizam reflexões sensíveis.

Na condução de promover interações e uma leitura que tratava de estabelecer pontes com o contexto virtual, programamos a divulgação do trabalho junto do *Sarau Nós é Pezão*, adaptado para o contexto virtual, idealizado e organizado pela professora Alai Garcia Diniz, realizado mensalmente, todo dia 13 de cada mês. O evento reúne poetas, uma escuta atenta e o verso livre performado. O Sarau é um espaço que articula um encontro comunitário com a poesia de maneira horizontal e dinâmica. Múltiplas vozes e autorias movimentam as palavras, escritas ou não. *Nós é Pezão* é um movimento de inspiração, realizado pelo contexto pandêmico no formato virtual. É também lugar de troca de memórias, afetos, fazeres e formulações poéticas, um modo comunitário que incorpora o legado e a luta do poeta, jornalista e ativista cultural Marco Pezão (Marcos Antonio Ladocicco), cofundador do movimento da Cooperifa, falecido em 13 de outubro de 2019.

A alternativa encontrada para estabelecer diálogo, especificamente com o público do Sarau, emerge de um conteúdo

formulado para a experiência cênica do contato. A saída empregada em nosso trabalho conversa com técnicas do Teatro Fórum, desenvolvidas por Augusto Boal e seu Teatro do Oprimido. A partir da referência filosófica e metodológica desse modo cênico, buscamos estabelecer diálogo com o público em contexto virtual. A peça, dividida em dois atos, foi construída para ser mediada por um representante do grupo, que primeiramente projetou parte da peça e depois abriu o diálogo perguntando ao público: o que vocês decidem, abandonar a personagem ou tentar salvar sua vida? A pergunta foi lançada e a interação com os presentes provocou um modo de recepção e condução da peça.

A recepção da peça não é elemento central desta análise, que destina maior atenção ao processo criativo, mas cabe destacar que a dinâmica em ambiente virtual, funcionou e gerou o debate que buscamos com o empenho dessa técnica. O espaço de interação foi orientado pela noção de Brecht (1978), quando ensina que a experiência artística precisa nos conduzir ao dialético. Dentro da engrenagem do sistema social, em perspectiva brechtiana, a sociedade absorve, reproduz suas sistemáticas e mantém a ordem estabelecida. Ainda que a engrenagem esteja para a reprodução, Brecht considera a possibilidade da transformação e confere ao fazer artístico um papel importante nesse processo. Por essa perspectiva, o trabalho coletivo pode ser assinalado como um meio de operar com a vida social em sua complexidade, sem amenizar as tensões e as contradições sociais.

Considerações Finais

Desse modo, entendo que o coletivo provocou e mediou saídas. O aporte intermediário possibilitou a intervenção criativa, acolheu a aplicação de diferentes técnicas provocadas pela necessidade de criar e pelas saídas encontradas para minimizar as lacunas do distanciamento social. A apresentação da obra aproveitou a conexão virtual, como espaço de diálogo e transbordamento de fronteiras. Compartilho um processo criativo

que (re)cria uma narrativa, organiza e direciona os planos de gravação e constroi alternativas para agrupar a gravação do coletivo. Este ensaio é um meio de evidenciar as potencialidades do trabalho coletivo, de como ele oportuniza aprendizado, gera sensibilidade e potencializa relações. Tal como destacar o protagonismo e empenho da docente, Dra. Alai Garcia Diniz, em promover essa experiência. Desse modo, destaco a proposição da disciplina como um modo de dilatar as fronteiras das universidades, e mesmo em contexto limitado de interação social, como foi causado pela pandemia da COVID-19, a prática artística tratou de movimentar afetos e pensar seu contexto social.

Inspirados pelo Teatro Fórum, uma vertente dramatúrgica formulada por Augusto Boal, buscamos provocar o debate e o diálogo com o contexto do momento, atentos à abertura dessa reflexão como um modo de estimular um processo de humanização. Vale destacar que o elenco da cena foi composto por Andreia Opazo (A menina), Fabio Conterno (professor), Giancarla Bombonato (Estudante), Izabela Fernandes de Souza (Coro), Kássia Paloma Oliveira (Estudante), Paula Grinko Pezzini (Coro), Ralph Willians de Camargo (Coro), Valdirene Cotta (Mãe) e Vinícius Araújo (Estudante). Dedicaram-se ao apoio da edição e organização do trabalho Izabela Fernandes de Souza, Paula Grinko Pezzini, Valdirene Cotta e Andreia Opazo. A edição foi realizada por Ralph Willians de Camargo e Rodrigo Birck, enquanto que a direção da criação e concepção narrativa, esta foi mediada por quem hoje compartilha este processo.

Por fim, destaco que engajamos a mediação cultural como um aporte que oferece soluções práticas e viabiliza, quando aliada à reflexão, um olhar atento à potência da experiência e suas interseções críticas. Desse modo, mediar pode ser entendido como um procedimento que reconstrói fragmentos de tempo-espço, atuando nas fissuras e lacunas das relações sociais e denunciando as assimetrias dessa existência. Os vestígios deixados pelo rastro coletivo pedem atenção; mediá-los, então, é um jeito de navegar por

delicadas relações humanas, atentando-se ao detalhe como forma de oportunizar e viabilizar a coexistência de olhares múltiplos.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2013.
- BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- BRECHT, Bertolt. Aquele que diz sim e aquele que diz não. In: **Teatro completo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2004.
- CANDA, Cilene Nascimento. Teatro-fórum: propósitos e procedimentos. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 1, n. 18, p. 119-128, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1964.
- CASTRO, Eduardo Viveiros. **Equívocos da identidade**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.
- GONÇALVES, Natália Kneipp Ribeiro. **As peças didáticas de Bertolt Brecht e o processo de alfabetização**. SciELO - Editora UNESP, 2013.
- PEREIRA, Diana Araújo. Escritas de si-sobre alteridades e mediações. **Revista de Literatura, História e Memória**, v. 14, n. 23, p. 43-57, 2018.
- RAJEWSKY, Irina O. Intermidialidade, intertextualidade e “remediação”: uma perspectiva literária sobre a intermidialidade. In: DINIZ, T. F. N. (Org.). **Intermidialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 15-45.

ESCREVIVÊNCIAS E REPERTÓRIOS DE TERREIRO EM PESQUISA

LIFEWritings AND REPERTOIRES OF THE TERREIRO IN RESEARCH

Izabela Fernandes de Souza¹

Alai Garcia Diniz²

Resumo: Este trabalho propõe compartilhar o andamento da pesquisa de doutorado “Ajeun em perspectiva literária”, que trata de realizar uma aproximação escreviente sobre os processos de ensino-aprendizagem de povos de terreiro, de forma específica, do Ilê Alaketu Ijoba Bayo Ase Baru Orobolape - Ilê asé Baru, destacando seus repertórios e processos de mediação cultural. Ao deter atenção ao campo da literatura, tratamos de margear aspectos do cânone e da crítica literária, destacando as construções e as perspectivas de uma tradição hegemônica, como aquela que imprime-se como tal na negação, hierarquização e imposição de seus valores. Defende-se com essa aproximação que o estímulo e a inclusão de perspectivas não letrado-centradas, que congregam o intercultural e as perspectivas relacionais de gênero, classe, relações étnico-raciais e tradição de asé, são modos necessários para o estabelecimento de pontes antirracistas. Direcionamos nosso olhar para as engenhosidades culturais conduzidas via as relações com o alimento, destacando sua importância para as tradições de asé, como mediador de saberes e condutor de permanência ancestral, como um agente de ensino-aprendizagem, memória, repertório ancestral, ethos que conecta, que transborda afetos, que manifesta tradição e gera continuidade. Trata-se então de outros modos de escrita que passam pelo corpo, pelo alimento, pela percepção, pelo cosmológico, atendo-se como Leda Martins (2022) destaca, que

¹ Doutoranda pelo PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6245374845756167>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9427-1121>. E-mail: izabela.fernandesouza@gmail.com.

² Professora doutora do PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1533451239385381>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1085-6657>. E-mail: agadin@gmail.com.

apesar dos hiatos históricos, provocados pela hegemonia eurocêntrica e sua herança racista, esses registros emergem de vias e veredas pelas quais “a voz e a grafia afro-brasileira insistentemente inscrevem a memória desse saber e dessa experiência, estética e ontológica, nos repertórios da cultura e da literatura” (Martins, 2022).

Palavras-chave: Povos de terreiro. Performance. Engenhosidades ancestrais.

Abstract: This paper aims to share the progress of the doctoral research “Ajeum in a literary perspective”, which seeks to establish a writing-based approach to the teaching and learning processes of *terreiro* peoples, in a particular way, from the *Ilê Alaketu Ijoba Bayo Ase Baru Orobolape - Ilê Asé Baru*, highlighting their repertoires and cultural mediation processes. When turning our attention to the field of literature, we aim to marginalize aspects of the literary canon and criticism, highlighting the constructions and perspectives of a hegemonic tradition, such as that which imposes itself through the negation, hierarchization, and imposition of its values. This approach argues that the stimulation and inclusion of non-literate-centered perspectives, which bring together the intercultural and relational perspectives of gender, class, race, and the tradition of *asé*, are necessary ways to establish anti-racist bridges. We focus our attention on the cultural ingenuities conducted through relationships with food, emphasizing its importance for *asé* traditions as a mediator of knowledge and conductor of ancestral permanence, as a teaching and learning agent, memory, ancestral repertoire, and ethos that connects, overflows with affections, manifests tradition, and generates continuity. It is, therefore, a question of other modes of writing that pass through the body, food, perception, and the cosmological, paying attention, as Leda Martins (2022) points out, that despite the historical gaps caused by Eurocentric hegemony and its racist legacy, these records emerge from paths and trails through which “the Afro-Brazilian voice and writing insistently inscribe the memory of this knowledge and this experience, aesthetic and ontological, in the repertoires of culture and literature” (Martins, 2022).

Keywords: Terreiro peoples. Performance. Ancestral ingenuities.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo compartilhar o andamento da pesquisa de doutorado “Ajeun em perspectiva literária”, que realiza uma reflexão crítica sobre o campo da literatura e localiza-se como abordagem que busca atuar como um instrumento de luta e defesa dos direitos de povos de terreiro, na perspectiva que trata de tencionar aprisionamentos coloniais. Desse modo, a pesquisa destina-se a influir em movimentos de abre caminhos, que tem como lugar de convergência as grafias, as memórias e os fazeres da comunidade tradicional de matriz africana, de forma específica, do Ilê Alaketu Ijoba Bayo Ase Baru Orobolape - Ilê asé Baru.

Ao deter atenção ao campo da literatura, tratamos de margear aspectos do cânone e da crítica literária, destacando as construções e as perspectivas de uma tradição hegemônica, como aquela que imprime-se como tal na negação, hierarquização e imposição de seus valores. Direcionamos esta aproximação via um movimento crítico sobre os conceitos de literatura, na tentativa de incluir manifestações e processos de registros que elaboram dobras e modos narrativos não letrado-centrados, ou dito de outra forma, não eurografocêntricos (Freitas, 2016, p. 38), mas que possuem no fazer performático e na memória ancestral, um lugar de fazer e (re)existir complexo, que mantém repertórios, poéticas, arcabouços culturais e literários em movimento.

Defende-se com essa aproximação que o estímulo e a inclusão de perspectivas não letrado-centradas, que congregam o intercultural e as perspectivas relacionais de gênero, classe, relações étnico-raciais e tradição de asé³, são modos necessários para o estabelecimento de pontes antirracistas. Nesta oportunidade, buscamos colaborar com um movimento ancestral rasteiro, de umbigo rizomático, que projeta via poéticas

³ Neste caso a palavra asé, geralmente grafada como ‘axé’, remete-se à cultura de terreiro. A terminologia de enredo polissêmico, é referenciada como energia vital, podendo estar envolta de uma dimensão material e/ou metafísica.

performáticas da encruza um modelo de sociedade que rompe com um não-lugar do corpo (negro) *amefricano* (Gonzalez, 1988) e da oralidade em espaços de hegemonia eurocentrada e que valoriza outras geografias do ser no tempo-espaço e em seu devir ancestral.

Abre caminhos

Ao conduzir esta aproximação por uma caminhada decolonial, estamos considerando o contexto literário, a partir de um processo de intelectualização e criação que toma o corpo e outros suportes iconográficos como modo de incidir-se sobre a realidade social ou inventá-la, na tentação e tentativa de subvertê-la, ou mesmo de aquilombar-se. Desta forma, este caminho de rasura busca redimensionar o lugar que tradições não hegemônicas possuem nesse contexto em reconstrução, orientados pelas engenhosidades culturais de asé. Via as relações com o alimento trataremos de destacar sua importância e dinâmica dentro das tradições de asé, como grafia, referencial que conduz relações sócio-culturais, repertórios ancestrais, narrativas, sabores e afetos comunitários.

Para realizar tal pesquisa estamos fazendo uso e defendendo a prática da escrevivência como uma metodologia de pesquisa, via a qual, incluímos uma noção de corpo, coletividade e procedimentos metodológicos capazes de redimensionar fronteiras coloniais, e incluir cosmologias e aportes culturais historicamente postos como inferiores e marginalizados, enquanto existência cognitiva e de valor social.

Através da escrevivência definida por Conceição Evaristo (2005, p. 2) como uma necessidade de projetar na escrita a história do povo negro, a partir de suas próprias perspectivas, entendendo que essa escrita, como define a autora, “se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva” (Evaristo, 2016). Neste contexto de troca, a escrevivência insurge como possibilidade de trabalho que dedica-se a uma embarcação epistêmica relacional. Não como um lugar limitado, mas um aparato de discussão e abertura de possibilidades. Como oferenda à e da coletividade negra, que sistematicamente a

organiza, mesmo sofrendo com as amarras do racismo e de modo específico com o *epistemicídio* (Carneiro, 2005), ou seja, com os modos operantes do racismo em impedir a manutenção de vidas negras e o acesso a bens vitais, tanto por estruturas econômicas, quanto por ordenamentos táticos de justificação, de legitimidade e consolidação das hierarquias raciais.

Ao aproximarmos-nos sobre o campo da literatura, tratamos de entender como a colonialidade, a partir do racismo e suas interseccionalidades, sendo entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele, existem como uma construção histórico-cultural deliberadamente expresso na conformação do que tomamos como cânone e referencial crítico literário. De modo, consideramos necessário compreender, como Frantz Fanon (2008) afirma, que o problema “da colonização comporta não apenas a intersecção de condições objetivas e históricas, mas também, a atitude do ser diante dessas condições.” (Fanon, 2008, p. 84).

Sobre essa questão Leda Martins (2022, p. 57) destaca que quando pensamos na literatura escrita no Brasil nos deparamos com um espaço predominante fruto “da herança dos arquivos textuais e da tradição retórica europeia”. Esse domínio é destaque nos textos fundadores da literatura nacional brasileira, do século dezenove, por buscar a referência europeia como modo de elaboração de seu discurso, mas também expressa-se no que fora excluído e silenciado durante esse processo, que tratou de deixar à margem, “a textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem e modos de apreender e figurar o real.” (Martins, 2022, p. 57).

É evidente que ao longo da história as letras, a produção escrita, ganha um espaço privilegiado e elitizado, seguindo os princípios colonialistas, a produção literária brasileira e de modo geral de toda a América Latina, ainda que posta como inferior frente ao padrão eurocêntrico, ocupa um lugar de privilégio junto ao arquétipo piramidal dos valores de produção de saberes, sendo conferido a outras expressões literárias não letradas-centradas, um lugar de inferioridade.

Não são poucos os nomes de afrodescentes postos como menores ao longo da genealogia da literatura, se nos restringimos ainda que de forma breve, ao contexto brasileiro, podemos recorrer a nomes como dos poetas João da Cruz e Souza (1862-1898) e Luís Gama (1830-1882), como precursores, como enunciadores de silenciamentos históricos, no sentido de pouco acessados e considerados em sua importância. Mas, podemos direcionar atenção a outros nomes, que evidenciam processos de embranquecimento, como o destinado a Machado de Assis, ou negação e esquecimento elaborada por décadas da historiografia e crítica literária, como conferido a Maria Firmina do Reis (1822-1917), precursora no âmbito de uma escrita feminina negra, marcada pelo romantismo, pela crítica abolicionista e temas atemporais, ou Maria Carolina de Jesus (1914-1977), que ainda sofre com ataques que tendem a questionar o valor de sua escrita e sua importância histórica.

Grafias ancestrais - cosmogonia de terreiro em escrevivência

Nossa escrevivência junto da tradição de terreiro é desenhada como um modo de nutrição, que trata de alimentar esta iniciativa com a potência cultural e pedagógica que emerge dessa matriz africana, num movimento direcionado a romper preconceitos e instaurar diálogos. A partir do fazer intercultural e multimidiático, consideramos a dimensão do corpo e da oralidade como agentes de conhecimento. A experiência literária, num processo de tradução cultural, é mediada como um modo pedagógico que possibilita a inserção e a difusão de temáticas transversais sobre tradições de matriz africana, racialidades, gênero e classe, em espaços sociais historicamente negados.

O direito ao corpo enquanto compositor de conhecimento, passa pelo direito de sua materialidade, das relações e das epistemes que são impelidas de existir no espaço-tempo que ele ocupa em devir. Assim, é importante observar o caminho de linguagem que tecemos ao transitar pelos recursos e modos de

expressões culturais de povos de terreiro, atendo-se aos efeitos da colonialidade, sobre o lugar de marginalização que ocupa, como também, tratando de caminhar para destacar a potência e influência desse modo de construção e de suas relações com as corpo-oralidades (Almeida, 2019).

Desta perspectiva, destacamos as tradições de asé, como aquelas que acionam, em sua performance e sistema, diferentes aportes, mídias e instrumentos para sua manutenção e para a formulação de sua espiral cosmogônica. Sendo o alimento uma delas e parte da corpografia ancestral, consideramos este como um repertório da tradição, composto por sabores e saberes que ativam percepções, valores ancestrais, modos de vida, conexão com o sagrado, e um mapa performático que evidencia processos de comunicação, organização social e poética ancestral. Tais características estão presentes em diferentes ritualísticas, nas quais as tradições de terreiro utilizam o alimento como condutor, oferenda, meio de comunicação, e fonte de nutrição ancestral e espiritual.

Como povos tradicionais, conforme regulamenta o Decreto Federal nº 6.040/2007 e as leis que garantem a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira — a Lei nº 10.639/2003 e a Lei do Estatuto da Igualdade Racial nº 12.288/2010 — o Ilê Axé Baru, assim como outras comunidades de terreiro, apresentam um modo culturalmente diferenciado de ocupar o território e utilizar os recursos naturais. Essas práticas, como asseguram as referidas leis, são consideradas práticas inovadoras e transmitidas pela tradição. Neste contexto, através os processos alimentares vivenciados junto ao Ilê Asé Baru, podemos destacar um modelo de ensino-aprendizagem em que o alimento atua como uma forma de estabelecer continuidade, comunicação e nutrição ancestral, e a expressão tradicional do Ajeun, usada em contextos alimentares de terreiro, demarca esse lugar de diálogo, sendo sobretudo um movimento de abertura que convida o Outro para um processo de reflexão escreviente.

Nosso interesse é destacar os atravessamentos cosmogônicos desse sistema, que podem ser observadas em diferentes práticas,

como um valor civilizatório da matriz africana, que se propõe a preservar e perpetuar uma lógica de mundo onde a natureza é sagrada e onde, como parte dela, buscamos, através de tecnologias ancestrais, manter essa conexão e tradição. Para isso, ativam-se mecanismos corporais multidimensionais que sustentam essas relações de nutrição: a comida, o canto, a dança, o toque do tambor, entre outros.

Considerações finais

Sendo essa aproximação parte de um trajeto em construção e aberto a novas significações, destacamos essa confluência como um fazer que se dedica a pensar a agência de múltiplas grafias, enfatizando a performance que o alimento possui dentro das tradições de asé, sendo ele evidenciado como corporalidade, ritual, narrativa e instrumento de permanência ancestral. O alimento atua como um agente de ensino-aprendizagem, memória, repertório ancestral, ethos que conecta, transborda afetos, manifesta tradição e gera continuidade; uma rede complexa de ensino-aprendizagem, senso de comunidade, que registra a memória e está permeada por imperativos diversos, de forma e energia vital, asé. Em escrevivência, buscamos compartilhar uma relação comunitária, destacando alguns ritos e vivências, na perspectiva de evidenciar a experiência da pesquisadora como parte de um corpo-terreiro que ativa relações essencialmente coletivas e ancestrais.

Defendemos o alimento como uma via de figuração dos conhecimentos disseminados pela diáspora africana, atualizada no contexto de terreiro, tanto no seu sentido concreto quanto nas abstrações transmitidas, que restituem e incorporam modos de conhecimento, continuidade, elos, ontologia e cosmopercepções. Sendo este um modo de evidenciar uma episteme corporificada, manifesta na relação, na repetição e na materialidade — presente no sabor, no conteúdo, na narrativa que invoca e transmite, nas memórias que o habitam, na percepção de sua poética-rito, na grafia/alimento que performa uma dinâmica ancestral.

Buscamos, assim, forjar instrumentos teóricos e críticos que enfrentam os mecanismos que negam a existência de outros sistemas de produção de conhecimento e silenciam as contribuições históricas e socioculturais dos povos de terreiro, atendo-nos a um devir social que perde e enfraquece suas redes potentes de relação ao apagar, demonizar e estigmatizar culturas como a de terreiro.

Concluímos destacando que as tradições de matriz africana de asé, inseridas neste contexto, promovem fluxos, diálogos e valorização de saberes que, historicamente, foram silenciados e apagados de sua importância e presença em espaços de poder, como o da universidade. Seguir atuando e mediando ações, seja por meio de ritos e tradições, ou através de tensões conceituais e aberturas históricas, tem sido uma forma de multiplicar pontes de reconstrução coletiva, contrapondo-se a uma memória e consciência histórica que promovem distanciamento e criam barreiras aos saberes e práticas de matriz africana, especialmente quando associados a modos de permanência ancestral afro-religiosa, como o Candomblé.

Nesse sentido, expandir limites e promover rupturas teóricas frente à crítica e genealogia literária apresenta-se como uma maneira de multiplicar existências e de reconhecer a potência da diferença expressa em outras cosmogonias e grafias, além de deslocar a hegemonia eurocêntrica presente no fazer-pensar literário.

Referências

- ALMEIDA, Pedro. **Corpo-oralidade**. Curitiba: Poncã produções e Arte. 2019.
- CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. In: **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In: **Mulheres no Mundo – etnia, marginalidade e diáspora**. Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs). UFPB- JP, Idéia/Editora Universitária, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FANON, Frantz; tradução Renato da Silveira. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador - EDUFBA, 2008.

FREITAS SANTOS, José Henrique. **O arco e a arkhé: ensaios sobre a literatura e cultura**. Ogum's Toques Negros, 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

MARTINS, Leda. A fina lâmina da palavra. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, [S.l.], v. 15, p. 55-84, dez. 2007. ISSN 2358-9787. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3262. Acesso em: 09 maio 2022.



Diálogos e conexões acadêmicas

Esta obra reúne contribuições de discentes regulares, egressos e seus orientadores e suas orientadoras, promovendo o intercâmbio de ideias e perspectivas no campo da Linguagem e Sociedade. Um registro significativo do compromisso acadêmico e do espírito colaborativo, este volume fortalece as conexões entre a universidade e a comunidade científica.

